



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
DEPARTAMENTO DE TRADUÇÃO
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO - PROSTAD

TRADUZIR A PROSA POÉTICA EM
LE VIN EST TIRÉ, DE ROBERT DESNOS

ODULIA CAPELO BARROSO

ORIENTADOR: ÉCLAIR ANTONIO ALMEIDA FILHO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Brasília, 2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ct CAPELO BARROSO, ODULIA
TRADUZIR A PROSA POÉTICA EM LE VIN EST TIRÉ, DE ROBERT
DESNOS / ODULIA CAPELO BARROSO; orientador ÉCLAIR ANTONIO
ALMEIDA FILHO. -- Brasília, 2020.
353 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução)
Universidade de Brasília, 2020.

1. SURREALISMO. 2. POEMA EM PROSA. 3. ROBERT DESNOS. 4.
TRADUÇÃO. I. ALMEIDA FILHO, ÉCLAIR ANTONIO, orient. II.
Título.

RESUMO

Robert Desnos foi um escritor que viveu na primeira metade do século XX, entre as duas guerras mundiais, época de grandes movimentos culturais. Participou do movimento surrealista em sua fase inicial e destacou-se como *sommelleur de sonhos*. Depois, trabalhou em jornais e na rádio, com programas e musicais. Continua seu ofício de escritor e lança, em 1943, o livro “O Vinho está servido”[Le vin est tiré], um romance sobre o amor e a morte, falando sobre um grupo de jovens dedicados ao consumo de drogas. Este romance será analisado enquanto um texto de poema em prosa e a seguir traduzido para o português, dentro da perspectiva de um texto que considere como um ponto de partida válido o ritmo e as estruturas originais da língua.

SURREALISMO – POEMA EM PROSA – ROBERT DESNOS – TRADUÇÃO

ABSTRACT

Robert Desnos was a writer who lived in the first half of the 20th century. A time of great cultural movements between the two world wars. He participated in the Surrealist movement in its initial phase and stood out as a sommelier of dreams. He proceeded to work in the newspapers and on the radio with programs and musics. He continues his craft as a writer and in 1943 launched a book called "The wine is Drawn" about love and death in a group of young people dedicated to the consumption of drugs. This novel will be analyzed as a prose poem text and then translated into Portuguese, within the perspective of a text that considers the original rhythm and structures of the language as a valid starting point.

SURREALISM - POEM IN PROSE - ROBERT DESNOS – TRANSLATION

*Quando o vinho está servido
Há que bebê-lo
Logo que meu copo está vazio, encho
E quando está cheio, esvazio
Provérbio português*

Dedicatória

Aos filhos – Mariana, Luiz e Antônio e aos que agora chegaram para minha convivência e me deixam feliz. As noras Raquel e Leonarda, o genro Dante e as queridas netas Lia e Nina. O Zé Luiz também merece uma lembrança, minha irmã Fernanda e a Joanita.

Agradecimentos

Entendendo o trabalho científico como sempre colaborativo, e pela excepcional orientação e dedicação do Prof. Dr. Éclair Antonio Almeida Filho agradeço-o por tal trabalho.

Agradeço também à Universidade de Brasília por ser um espaço de livre cátedra e pensamento, assim como ao seu corpo docente envolvido no meu processo de aprendizado.

Sumário

<u>I –INTRODUÇÃO</u>	<u>9</u>
<u>II - O ESCRITOR ROBERT DESNOS</u>	<u>11</u>
<u>III – O SURREALISMO</u>	<u>23</u>
OS MITOS TESTEMUNHAS DO SURREALISMO	30
A REVISTA LA RÉVOLUTION SURREALISTE	31
<u>IV - PARIS, A ESTRELA E A SEREIA</u>	<u>42</u>
<u>V – O VINHO ESTÁ SERVIDO</u>	<u>47</u>
<u>VI – O POEMA EM PROSA</u>	<u>60</u>
<u>VII – METODOLOGIA</u>	<u>70</u>
<u>VIII- ANÁLISE DA TRADUÇÃO</u>	<u>75</u>
<u>CONCLUSÃO</u>	<u>87</u>
<u>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA</u>	<u>90</u>
<u>ANEXO I</u>	<u>93</u>
<u>ANEXO II</u>	<u>220</u>
<u>ANEXO III</u>	<u>348</u>

Lista de Figuras

Figura 1- Retrato de Marcel Duchamp como Rose Sélavy. Foto de Man Ray.....	14
Figura 1- Placa postada na parede do imóvel em que o poeta viveu de 1934 até 1944.....	20
Homenagem da cidade àquele que defendeu a justiça e a liberdade.	20
Figura 3 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i> : Fotografias Banais	35
Figuras 4 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i> : Imagens banais com legendas	35
Figura 5 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i>	36
: Fotografias de imagens pormenorizadas.....	36
Figura 6 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i>	36
: Fotografias de imagens sugeridas.....	36
Figura 7 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i> : Fotografias de corpos femininos.....	37
Figura 8 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i>	37
: Fotografias ao ar livre	37
Figura 9 – Exemplos de fotografias da revista <i>La Révolution Surréaliste</i>	38
: Fotomontagem.....	38
Figura 11 – Instrumentos utilizados para o preparo do ópio.....	76

I –INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos como final para a obtenção da qualificação necessária para o título de mestre pela Universidade de Brasília trata do romance original na língua francesa “Le Vin est tiré”, de Robert Desnos. Traduzido para “O vinho está servido” este texto será examinado em perspectivas complementares que permitam a composição das suas qualidades particulares.

Inicialmente, informamos que este trabalho está relacionado com a apresentação de uma tradução do texto e que é de todo pertinente a pesquisa sobre as questões que colaboram com o maior entendimento do objetivo inicial.

A primeira parte do trabalho falará do autor do texto, o escritor Robert Desnos, inclusive pela limitada penetração de sua obra na nossa cultura. Poucos textos de sua lavra foram traduzidos para o português e, apesar de não desenvolvermos essa questão no âmbito do nosso trabalho, sugerimos aqui que essa questão pode estar vinculada ao fato da mudança do interesse editorial presente no nosso parque industrial, pois consideramos a obra de Robert Desnos digna de atenção o suficiente para nos dedicarmos ao seu estudo.

O poeta Robert Desnos nasceu em Paris, em 1900, e seu trajeto incluiu a participação nos movimentos de vanguarda que então procuravam decifrar os ventos da modernidade em um momento histórico de grandes conflitos sociais e econômicos, de redefinição da conjuntura mundial, que culminou com a eclosão de duas grandes guerras mundiais. Estamos falando do movimento surrealista que, liderado por André Breton, introduziu no ambiente literário técnicas de acesso ao inconsciente baseadas em dois pilares – a palavra e o sonho. Essa pesquisa estava também ocorrendo em uma outra vanguarda, que acontecia em Viena, liderada pelo Dr. Freud e que também lidava com esses pilares em uma perspectiva diversa – o conhecimento da psique humana.

O movimento surrealista será retratado na sua origem, história no período em que o escritor nele permaneceu, assim como os mitos, testemunhas e o veículo utilizado para agregar todos os artistas que dele fizeram parte que foi a revista *La Révolution Surréaliste*.

Ao se desligar do movimento surrealista, paralelamente ao fazer poético, Desnos começou a trabalhar em jornais e na rádio que então começava a se estabelecer como um importante meio de comunicação e, na *Rádio-Cité*, elabora uma série de programas e musicais que contribuem para indicar que essa mídia também era um espaço para os artistas.

A seguir, apresentamos os próprios mitos de Robert Desnos – a sua cidade natal, os locais de moradia, o amor e as destinatárias desse amor, e localizá-los na sua escrita. Consideramos esses assuntos marcas importantes do seu imaginário.

Em um segundo momento do nosso trabalho, falaremos sobre o romance “O vinho está servido” em uma análise que vai expor as questões relativas ao texto que estamos estudando, as indagações sobre o lugar que ele ocupa na obra de Desnos, os seus personagens e as mediações que o texto de Desnos traz com concepções analíticas sobre o espaço da convivência e do uso das cidades na atualidade. Usaremos a proximidade dos escritos de Walter Benjamin sobre a cidade de Paris como amálgama sobre o qual esse texto em análise está posicionado na sua narrativa.

Após as exposições teóricas sobre o poema em prosa, gênero literário que nos permite analisar o romance dentro de uma estrutura de dualismo que caracteriza esses textos assim concebidos. A propósito dessa dualidade, o romance de Robert Desnos será nela inserido.

Passaremos então para as reflexões que nos possibilitaram experimentar o propósito de realizar uma tradução na qual o texto escolhido estabelece a perspectiva de uma reflexão teórica sobre esse fazer. Consideramos a proposta de ética da tradução, e que a linguagem é o lugar essencial da tradução, como explica Meschonnic. Também vamos abordar questões relativas ao ritmo que buscamos entender nas palavras de Octávio Paz; e da alteridade proposta por Laplantine.

Por fim, haverá um capítulo dedicado às escolhas tradutórias e às análises dessas escolhas. Apresentaremos trechos escolhidos para então apresentarmos a nossa tradução, além de identificar no romance pautas de interesse particular inerentes ao próprio texto.

O trabalho tem 9 capítulos, assim divididos em seus objetivos : I -A introdução em tela; 2- O capítulo que trata do escritor Robert Desnos; 3- Sobre o Surrealismo, os seus mitos e a revista do movimento; 4- Os mitos pessoais do escritor Robert Desnos; 5- O capítulo que fala sobre o texto em análise; 6 – Estudo teórico sobre o Poema em Prosa; 7- A metodologia que utilizamos na tradução; 8 – A análise da nossa própria tradução e 9 – as conclusões finais. Além disso, também constam desta dissertação os anexos: Anexo I – texto completo em francês; Anexo II – texto completo da tradução; e o Anexo III – o texto original em francês, e a nossa tradução, de um artigo publicado na *La Révolution Surréaliste* sobre a Histeria. Acompanha esse artigo um estudo fotográfico.

II - O ESCRITOR ROBERT DESNOS

Apresentamos neste capítulo inicial o escritor Robert Desnos no sentido de contextualizar sua vida e oferecer uma pálida visão do seu percurso enquanto poeta no início do século XX. Julgamos ser pertinente a apresentação inicial desse autor, pois ele é um artista que ainda não tem uma grande penetração na nossa cultura. Poucos foram os seus romances e poemas traduzidos para o português.

O poeta viveu em uma época na qual aconteceram significativos movimentos sociais e em que havia uma agitação cultural que acompanhava as mudanças em andamento. Estamos falando do período entre as duas Guerras Mundiais, quando os grandes embates sociais e econômicos ocorriam por toda a Europa e se estenderam por todo o planeta e finalmente culminaram em guerras mundiais. Essa agitação cultural, com a presença de movimentos de vanguarda, oferecia uma resposta dos movimentos culturais a esse mundo em mutação. Nessa conjuntura, a necessidade de escolher caminhos e o fato de que ele foi um homem obrigado a responder por toda a sua vida às exigências de um ciclo histórico importante na história moderna marcaram toda a vida do poeta.

E o seu destino foi o de se conectar aos rumos que apontassem para a vida, quando a destruição e a morte estavam presentes no cotidiano pessoal de milhares de pessoas. Era um caminho sem volta que trouxe inúmeros desafios pessoais e mesmo éticos. Serão abordados alguns tópicos que consideramos importantes para entendermos a narrativa da sua vida: o nascimento; o local onde nasceu, no burburinho da cidade; a precoce disposição para a literatura; sua participação no movimento surrealista; sua trajetória individual como escritor.

Desnos nasceu em Paris em 1900, filho de um comerciante do então mercado de *Les Halles*. Na infância, Desnos morou nos arredores desse grande mercado no centro de Paris, inicialmente na rua Saint-Martin e depois na rua de Rivoli. Sobre essa época, citamos François Sullerot: “podemos imaginar Desnos esperando a saída pontual dos monstros subterrâneos que abrem os caminhos aos quatro pontos cardeais reunidos no seu bairro”.¹

Para esse antigo e popular bairro, barulhento e cheio de mistérios, o longo poema “Quartier Saint-Merri” contém as fontes de onde o autor recolhe parte importante de sua mitologia pessoal: uma menina no meio da rua, as sarjetas sangrentas, três velhos fedorentos, uma farmácia que se incendia, os locais icônicos do seu bairro. No poema, há

¹Nous pouvons imaginer Desnos attendant, avec toute la presse, la sortie ponctuel des monstres souterrains que frayaient les voix aux quatre points cardinaux réunis dans son quartier. (SULLEROT, 1996, pág. 8). Tradução nossa.

uma menina e sua revolta com o mundo adulto – a infância foi sempre um tema recorrente para Robert Desnos.

Abaixo, as duas últimas de um poema de 44 estrofes:

Na esquina das ruas Saint-Martin e Verrerie
Uma pluma flutuou rente à calçada
Com papéis velhos perseguidos pelo vento

A canção de um pássaro elevou-se na Praça dos Inocentes
Outro ressoa na Torre Saint-Jacques.
Houve um grande grito na Rua Saint-Bon

A estranha noite se decompõe sobre Paris.
Quartier Saint-Merri, Fortunes²

Ainda muito jovem, a atenção de Robert Desnos é direcionada para a sua paixão pela literatura e, contra a vontade familiar, abandona a escola após completar o curso elementar, em 1916. Diferente dos companheiros que iria encontrar mais tarde como escritor, Desnos não teve uma formação acadêmica. Ele foi um autodidata.

Esse abandono dos estudos o levou a uma série de empregos irrelevantes até que conseguiu um posto como secretário de Jean de Bonnefon, que tinha uma valiosa biblioteca, ao mesmo tempo em que teve acesso ao acervo da *Bibliothèque nationale*. Estava momentaneamente cercado de boas fontes de leitura, e ele aproveitou.

As imagens modernas disponíveis em sua infância e adolescência são depois por ele relatadas com ardor.

Havia as figuras das lojas grandes e pequenas, cromos distribuídos nas portas ao mesmo tempo em que os balões, sempre mostrando aventuras feéricas, em palácios com arquitetura de ópera, os personagens vestidos de sedas e veludos, figuras com charadas, figuras bônus das mercearias.³

Ele publica seus primeiros poemas na *Tribune des Jeunes*, revista de tendência socialista. Em seguida, Desnos começa então a frequentar os meios literários modernistas e

²Au coin des rues Saint-Martin et de la Verrerie
Une plume flottait à ras du trottoir
Avec des vieux papiers chassés par le vent
Un chant d’oiseau s’éleva square des Innocents
Il y eut au grand cri rue Saint-Bon/Et l’étrange nuit s’effichola sur Paris.
DESNOS, Robert, Fortunes. Tradução nossa.

³Il y avait les images des grands et petites magasins, chromos distribués aux portes en même temps que des ballons, et qui figuraient généralement les aventures féeriques, dans des palais à l’architecture de l’opéra, de personnages vêtus de soieries et de velours, images devinettes, images primes desépiceries....
DESNOS, Robert, Destinée Arbitraire, 1975, pág. 246. Tradução nossa.

devanguarda. Nessa época, descobre o Dadaísmo e relaciona-se com Roger Vitrac e Benjamin Péret.

Mas esse encontro com os dadaístas foi efêmero, mais uma possibilidade, pois logo interrompe a sua vida parisiense e cumpre, por dois anos— 1920 e 1921, o serviço militar. Sobre essa época, Desnos revela:

Parti para o 109º Regimento de Infantaria em Chaumont no começo de 1920. B. Péret devia me deixar a par das aventuras dos ‘Dada’. Ele cumpriu a promessa fielmente, só que com certa imprudência. Ele me enviava imensos envelopes cobertos de inscrições obscenas e antimilitaristas, o que teve como resultado me deixar como um suspeito aos oficiais... Convocaram voluntários para o Marrocos. Eu me apresentei. Fui aceito.

Retornando à vida civil, Desnos se junta aos artistas que, em Paris, estavam engajados no movimento surrealista. Nessa época, o Surrealismo reuniu jovens que viriam a ser conhecidos como os maiores poetas franceses do século XX. Fizeram parte do grupo André Breton, Paul Éluard, René Char e Jacques Prévert, assim como Louis Aragon, Benjamin Péret, Raymond Queneau, Francis Ponge, Michel Leiris. Após, juntaram-se ao grupo Aimé Césaire, Malcolm de Chazal, Radovan Ivsic e Joyce Mansour. Em seu artigo sobre o movimento, Walter Benjamin diz que “no seu início, quando irrompeu sobre os criadores sob a forma de uma vaga inspiradora de sonhos, ele parecia integral, definitivo, absoluto. Tudo o que tocava se integrava nele”.⁴

Em 1924, ocorre o lançamento do primeiro dos 12 números da *La Révolution Surréaliste*, revista que possibilitou a condução do movimento em torno das novas ideias. Entre as inúmeras outras publicações literárias da época, a *La Révolution Surréaliste* teve um papel importante e foi o melhor ambiente para se marcar uma presença real e demonstrar o aspecto experimental e revolucionário da atividade surrealista e, além disso, incitar encontros entre os participantes do movimento. Desnos escreve regularmente nessa revista, entre esses escritos, declarações e cartas abertas surrealistas, como *La Révolution Surréaliste d’abord et toujours* e *Lettre ouverte à M. Paul Claudel*.

Paulatinamente, Desnos vai ganhando reconhecimento como um relevante integrante do grupo. É ele que se destaca nas sessões de sono hipnótico e de escrita automática, sessões essas que foram importantes no percurso das práticas surrealistas como uma forma de acessar e liberar o inconsciente.

O poeta pertence ao período intuitivo e heroico do Surrealismo. O escritor não aceita os limites e os estereótipos da língua de todos os dias e, na escritura agitada do automatismo

⁴BENJAMIN, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política*, 1987, pág. 22

que ele pratica, combina formalismo com imaginação. O papel reconhecido de Desnos como o *sommeilleur* do começo do movimento surrealista foi relevante para preencher a lacuna entre o movimento instintivo automático e o momento totalmente teorizado que emergiu do Primeiro Manifesto do Surrealismo, lançado em 1924. Ele proporciona a André Breton um apoio que lhe permite delinear a noção de Surrealismo. Não é à toa que Breton apresenta Desnos como “o surrealista por excelência”.

A escritura automática expressa um maior radicalismo na proposta de abolir a diferença entre poeta e poesia, uma vez que ela trata todos os atores de forma semelhante – o pensamento, a palavra, o desejo e o ato. Alguns escritos de Desnos fazem parte dessa proposta, dos quais podemos citar os *Portraits automatiques*, retratos de amigos em quartetos resultantes da escritura automática. Um dossiê com esses manuscritos está conservado na Biblioteca Literária Jacques Doucet, que guarda edições raras e documentos que permitem seguir a formação e a elaboração dos textos de escritores franceses desde Baudelaire (manuscritos, provas corrigidas, correspondências etc.).

Figura 1- Retrato de Marcel Duchamp como Rrose Sélavy. Foto de Man Ray.⁵



As sessões de sono hipnótico foram uma prática que atraiu o grupo surrealista, e essa foi uma experiência fundamental do movimento no qual Desnos se destacou. Nas sessões, ele criou os aforismos de Rrose Sélavy⁶, cuja foto de Man Ray está estampada na página anterior, que foram publicados na revista *La Révolution Surréaliste* nº 6 e, em seguida, em *Corps et Biens*, em 1930.

⁶Rrose Sélavy era a identidade feminina de Marcel Duchamp que foi utilizada em certos textos publicados nas revistas do movimento Dada. Além dos aforismos de Desnos, Breton lhe dedica o poema *Clair de terre*. Teve a sua imagem registrada e assim perpetuada pelo fotógrafo Man Ray. Ele era um fotógrafo americano que fazia parte do grupo de artistas surrealistas. Realizou com Robert Desnos o filme *L'Étoile de Mer*.

Sobre o destaque de Desnos nessa atividade, temos os depoimentos de René Crevel:

Apesar da maneira como Desnos e eu passamos a desconfiar um do outro - nossa suspeita se transformou em uma inimizade que, pensei, poderia levar Desnos a arrancar meus olhos, por exemplo, do mesmo modo como empurrei sua cabeça para que ela batesse em uma chaminé - quando encontrei Desnos em outras ocasiões essas sessões constituíam o único objeto de nossa conversa (DESNOS, Œuvres, pág. 78).⁷

André Breton, no seu livro *Nadja*, diz:

Revejo agora Robert Desnos no momento em que aqueles de nós que a conhecemos chamam a hora do sono ... E Desnos continua a ver o que eu não vejo, o que eu vejo apenas na medida em que ele as mostra para mim (DESNOS, Œuvres, pág. 161).⁸

Desde 1925, uma nova fase do movimento surrealista começa a se delinear: não só a revolução da linguagem, uma revolução social também deveria estar entre as propostas do grupo. O envolvimento de Desnos com o movimento logo se mostra secundária e ele desenvolve então sua atividade como jornalista e defende posições mais individuais. Após o alinhamento do grupo surrealista ao Partido Comunista Francês, preconizado no Segundo Manifesto do Surrealismo, proposto por André Breton, e por Desnos ter recebido críticas aos seus trabalhos recentes *The night of loveless nights* e *Siramour*, assim como por exercer a profissão de jornalista, as tensões tornaram-se intransponíveis. Desnos afasta-se do grupo juntamente com Georges Ribemont-Dessaignes, Georges Bataille, Jacques Prévert, Georges Limbour, Roger Vitrac, Antonin Artaud, Philippe Soupault e André Masson.

Pois Desnos, além de desenvolver uma carreira como escritor, tinha a necessidade premente de ganhar o seu próprio sustento. Não provinha de uma família de posses, tampouco ela se dispunha a dar-lhe algum estipêndio mensal e ele foi obrigado a tratar dessa questão por si mesmo. São esses os dias nos quais ele e Youki começam sua vida em comum. Inicialmente, os empregos são esporádicos e sem um bom retorno financeiro. Ele foi trabalhar em uma imobiliária e escrever textos sob encomenda. Sobre essa questão, Youki diz que:

Robert começou a procurar um trabalho. Acredito que foi respondendo um pequeno anúncio que ele conheceu a Agência Literária Internacional, cuja razão social era

⁷ En dépit de la manière dont Desnos et moi en sommes arrivés à nous méfier l'un de l'autre, – notre suspicion se transformant en une inimitié qui, pensais-je, pourrait conduire Desnos à me crever les yeux, par exemple, pour la même raison que je l'avais bousculé de sorte que sa tête avait heurté une cheminée – quand je rencontre Desnos en d'autres occasions, ces séances constituent notre seul sujet de conversation.

DUMAS, Marie Claire, Œuvres, 1999, pág. 78. (Todas as citações referidas a Marie Claire Dumas são de nossa autoria)

⁸ Je revois maintenant Robert Desnos à l'époque que ceux d'entre nous qui l'ont connue appellent l'époque du sommeil... Et Desnos continue à voir ce que je ne vois pas, ce que je ne vois qu'au fur et à mesure qu'il me le montre. DUMAS, Marie Claire, Œuvres, 1999, pág. 161

ALI. Seu diretor se chamava Schwartz. O que Desnos pôde escrever sobre os estragos da phylloxéra, a cultura da batata doce, a sutileza da vara de pescar, as vantagens da culinária norueguesa, a arte de dirigir um barco a vela e sobre trinta e seis outros assuntos dos quais ele não conhecia o rabisco de uma palavra, era incrível. O irritante era se documentar. Ele fazia isso conscienciosamente, pois tudo o que era vivo interessava a ele.⁹

Nesse depoimento de Youki, o que se pode extrair é que Desnos estava de toda maneira envolvido com o mundo como um todo, e tudo estava pronto a ser filtrado pela sua veia poética, a delicadeza e o lirismo, ainda mesmo: O numero treze, o elefante branco, a mão de Fátima, as pedrinhas do Reno, o trevo de quatro folhas, a água-marinha, a corda do enforcado, a sexta feira de Vênus... toda a mitologia popular está no ombro das altas magias naufragadas.¹⁰

A revista *La Vie Parisienne* convidou Desnos e Jeanson para fazerem uma série de reportagens fictícias, pois a revista precisava alavancar a sua tiragem. Então, Francis Caraco – o pseudônimo usado por Desnos – fazia reportagens imaginárias sobre o submundo de Paris, confidências de pederastas, amores masoquistas. Algumas dessas reportagens falsas eram atribuídas como confidências dos acadêmicos franceses, com uma pequena variação na grafia dos seus nomes – uma sílaba a mais ou a menos. Os tais acadêmicos não liam a revista, popular, mas os seus leitores começaram a lhes enviar cartas indignadas. As reportagens logo foram suspensas. Além de tudo, o objetivo inicial de venda da revista havia sido alcançado.

Esses foram os trabalhos de Desnos até que Lise Deharme, amiga desde o tempo dos surrealistas, apresenta Desnos a seu marido Paul Deharme que o convidou para trabalhar na sua rádio.¹¹ É o começo da radiodifusão na França, e com sua estação de rádio “*Radio-cité*”, Deharme reúne um grande número de escritores, poetas, técnicos e estabelece regras básicas de funcionamento calcadas na pergunta: “Como se dirigir ao inconsciente dos ouvintes, homens e mulheres, usando o poder da evocação de um som”. Ele mantinha em seu gabinete

⁹Robert se mit en quête d’un travail. Je crois que c’est un répondant à une petite annonce qu’il fit la connaissance de l’Agence Littéraire Internationale, dont la raison sociale était ALI. Son directeur se nommait Schwartz. Ce que Desnos a pu écrire sur les ravages du phylloxéra, la culture de la patate douce, les finesse de la pêche au lancer, les avantages de la marmite norvégienne, l’art de diriger un bateau à voiles, et sur trente –six autres sujets dont il ne connaissait pas un traître mot, est inouï. L’embêtant était de se documenter. Il le faisait consciencieusement, parce que tout ce que était vivant l’intéressait. YOUKI, Desnos, Les confidences de Youki, pág 228. (Todas as traduções referidas a Youki Desnos são nossas).

¹⁰Le numéro treize, l’éléphant Blanc, la main de Fathma, les cailloux du Rhin, la trèfle à quatre feuilles, l’aigues-marine, la corde du pendu, le vendredi jour de Vénus... toute la mythologie populaire vit sur ces épaules des hautes magies naufragées. DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, 1999, pág. 281.

¹¹Para os filhos de Lise e Paul Deharme Desnos escreveu e ilustrou os livros de poemas «Le parterre d’Hyacinthe» e «La Ménagerie de Tristan». Esses livros foram traduzidos por Lia Araújo Miranda de Lima e Éclair Antônio Almeida Filho e publicados, em 2017, pela Editora Lumme. Seus títulos: O canteiro de Jacinto e A bicharada de Tristão.

de trabalho uma reprodução do quadro de Breughel “Os cegos” e dizia que isso é a rádio, que era necessário ocupar a visão ausente.¹²

Neste novo ambiente de trabalho a sua imaginação, seu humor e sua palavra são acompanhados por um sucesso que iria também se refletir em uma melhor remuneração pelo seu trabalho. Ele começa com um programa de interpretação de sonhos, faz propagandas e, em 1933, inicia uma grande emissão radiofônica para homenagear a reedição do romance em episódios de Marcel Allain e de Pierre Souvestre, que aliás eram os escritores da sua infância. Desnos escreve os episódios de *La complainte des Fantômes*, musicado por Kurt Weil. Antonin Artaud é o ator, e Alejo Carpentier o responsável pela organização musical.

Nos anos 40, Desnos retorna para o fazer poético depois de tanto tempo dedicado ao rádio e ao jornalismo. Ele se impõe um ritmo preciso de elaboração poética fazendo obrigatoriamente um poema por dia. Desses poemas, alguns foram selecionados e foram coletados e apresentados na recolha *Les Portes Battantes*, na publicação de *Fortunes*, em 1943. Então, a sua indagação parece ser sobre em que medida uma forma rigorosa poderia se conciliar com a inspiração surrealista – como a poesia poderia ser “delirante e lúcida”.

Marie-Claire Dumas assim opina sobre essa questão:

«Neste momento, no domínio da pintura, um pintor avança sobre todos os outros: Picasso. Oferece o exemplo de todas as liberdades, todos os arrebatamentos, todos os controles. “Delirante e lúcida” assim seria a pintura de Picasso, à imagem da poesia que Desnos persegue.»¹³

Esses também são tempos de guerra, e Desnos, mesmo tendo saído do movimento surrealista devido ao alinhamento do grupo com o Partido Comunista, participa de movimentos antifascistas, a *Association des écrivains et artistes révolutionnaires*, cujo segundo encontro realizou-se simbolicamente na Espanha republicana, mesmo acontecendo em Paris, em 1937. Sua posição é clara: contra o fascismo, contra o antissemitismo. Com a derrota dos republicanos espanhóis, Desnos é um dos que consideram ser a guerra inevitável e que começam a se preparar materialmente e moralmente para enfrentá-la. Assim, Desnos denuncia o espírito de submissão e de derrota, e começa a falar aos seus leitores e ouvintes da vontade de lutar e vencer. Nessa mesma época, escreve sobre música no jornal comunista *Ce soir*.

¹²DESNOS, Youki, *Les confidences de Youki*, pág 240.

¹³En ce moment, au domaine de la peinture, un peintre s'avance sur tous les autres: Picasso. Il offre l'exemple de toutes les libertés, de tous les déchaînements, comme de toutes les maîtrises. "Délirante et lucide", telle serait la peinture de Picasso, à l'image de la poésie que Desnos poursuit. DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, 2011, pág.302.

Jamais o poeta deixará de se opor às forças mortíferas que dominam a Europa – ele mantém uma energia vital intacta. Nele permanece uma forte confiança no ciclo da vida, na ressurreição que deve suceder ao desastre. Publica poesias que preconizam o futuro redescoberto da liberdade. Entre elas, citamos:

Amanhã

Com cem mil anos, terei ainda a força
De te aguardar, oh amanhã que a esperança pressente
O tempo, velhote sofrendo de muitas doenças,
Pode gemer: A manhã é nova, nova é a noite

Mas há muitos meses vivemos na vigília
Vigiamos, mantemos a luz e o fogo,
Falamos em voz baixa e prestamos atenção
Aos ruídos extintos e perdidos como no jogo

Ora, do fundo da noite, ainda testemunhamos
Do esplendor do dia toda a presença existe
Se não dormimos é para a aurora espreitarmos
Que provará enfim que vivemos no presente,¹⁴

Durante a ocupação alemã de Paris – de 1940 a 1944 – Desnos publicou nas revistas clandestinas da época uma série de poemas de resistência que, por evidente, escondiam a sua autoria. Usou inúmeros pseudônimos –Lucien Galois, Pierre Andier, Valentin Guillois e Cancalle. Sob este ultimo pseudônimo ele publica na revista *Messages* nº 11, publicada em 5 de abril de 1945, Desnos já aprisionado mas ainda vivo, os poemas *À lacaille* cujo título Alain Chévrier analisa desta maneira: *À lacaille* é uma gíria comum: falar *à lacaille*, significa dizer que se está irritado, infeliz, furibundo.¹⁵

Nesses poemas Desnos se utiliza de uma linguagem popular baseada na gíria para tornar esses poemas herméticos, coloca em ação a crítica utilizando o linguajar de parcelas da

¹⁴**Demain** »

Âgé de cent mille ans, j'aurais encore la force
De t'attendre, ô demain pressenti par l'espoir.
Le temps, vieillard souffrant de multiples entorses,
Peut gémir : Le matin est neuf, neuf est le soir.
Mais depuis trop de mois nous vivons à la veille,
Nous veillons, nous gardons la lumière et le feu,
Nous parlons à voix basse et nous tendons l'oreille
À maint bruit vite éteint et perdu comme au jeu.
Or, du fond de la nuit, nous témoignons encore
De la splendeur du jour et de tous ses présents.
Si nous ne dormons pas c'est pour guetter l'aurore
Qui prouvera qu'enfin nous vivons au présent.

¹⁵À la caille fait partie d'expressions courants en argot: l'avoir à la caille, c'est d'être irrité, mécontent, furibond. Avoir quelqu'un à la caille, c'est le détester. CHÉVRIER, Alain, Poèmes en argot, pág. 13. (Todas as traduções referidas a Chévriers são nossas).

população para esconder da polícia, dos agentes da ocupação e dos que com eles colaboravam a mensagem do texto.

Não é o mesmo hermetismo que exercia na época do surrealismo, ele é de outra origem:

O bairro do Halle e seus arredores eram então senão o coração, pelo menos o ventre (e o sexo) de Paris.

Foi lá que ele se impregnou das gírias parisienses, dentre as quais as dos açougueiros e dos jovens delinquentes.

Mas ele só prestou um reconhecimento poético disso tudo muito tarde, bem depois de sua passagem pelo surrealismo e no momento em que uma força estrangeira ocupava o seu país que o levou a retornar à sua língua materna e fraternal¹⁶

Em 1942, ele faz parte de uma rede clandestina de resistência, criada por Michel Holland, relacionada com o Serviço Secreto Inglês. O poeta transmitia informações que conseguia no jornal em que trabalhava, o *Aujourd'hui*. Eram informações militares que ele podia recolher como empregado do jornal e que repassava aos grupos clandestinos para orientar em suas ações. Além disso, Desnos redigia textos e colaborava com revistas e periódicos clandestinos. Um certificado do general Montgomery reconhece os serviços prestados por Desnos por sua participação na rede AGIR.

Em outubro de 1944, Paris já liberada desde agosto, o poema “*Le veilleur du Pont-au-Change*”, de sua autoria, foi aclamado pelos participantes de uma homenagem aos poetas da resistência, com a presença do General De Gaulle. O nome do autor do poema não foi revelado, pois ainda era prisioneiro. Nos anos que seguem, esse lugar de poeta da resistência será ocupado por Desnos, René Char, Paul Éluard, Louis Aragon, Marianne Cohn, René Guy Cadou e Pierre Seghers.

Até a sua prisão, Desnos praticou uma surda resistência com seus escritos neste jornal, onde o seu amigo Henri Jeanson foi rapidamente substituído pelo colaboracionista Georges Suarez¹⁷. Em fevereiro de 1944, prevenido por uma colaboradora, Mme Grunier, do mesmo jornal no qual ele também trabalha, Desnos fica ciente da visita da Gestapo para prendê-lo. Logo tratou de se desfazer dos documentos que poderiam lhe incriminar – livros e carteiras de identidades novas. Alain Brieux, que estava escondido da polícia em sua casa, consegue escapar e Desnos aguarda os militares. Youki Desnos assim se pronuncia sobre essa manhã:

¹⁶Le quartier des Halle et ses alentours étaient alors, sinon le coeur, du moins le ventre (et le sexe) de Paris. C'est là qu'il s'est imprégné de l'argot parisien, dont celui des bouchers et des mauvais garçons.

Mais il n'en a fait son miel poétique que très tard, bien après son passage dans le surréalisme, et au moment où une armée étrangère occupait son pays, et l'on amené à faire retour à sa langue maternelle et fraternelle.

CHÉVRIER, Alain, *Poèmes en argot*, pág. 95.

¹⁷Georges Suarez foi submetido a um tribunal de guerra e, por ter sido colaboracionista, fuzilado no fort Montrouge, em 9 de novembro de 1944.

De toda maneira, Desnos poderia ter se escondido no imóvel, mas ele não quis, do tanto que temia dos alemães me levarem. Parecia-lhe que ao ficar até o último momento me protegeria com toda sua firmeza.”¹⁸

Figura 1- Placa postada na parede do imóvel em que o poeta viveu de 1934 até 1944. Homenagem da cidade àquele que defendeu a justiça e a liberdade.



Alguns dias após sua detenção, Desnos foi enviado para o campo de Royallieu, perto de Compiègne. O testemunho de André Bessière, jovem francês – na época tinha 18 anos - nos diz que: “Pleno de energia e de imaginação “Robert o Endiabrado”, uma das distrações intelectuais do campo é o poeta contando sobre o surrealismo, sua vida e falando com todos os detentos”.¹⁹

No dia 27 de abril de 1944, portanto apenas quatro meses antes da libertação de Paris, ele é enviado em um comboio com 120 pessoas por vagão para o campo de Auschwitz-Birkenau, onde Desnos é o prisioneiro número 185 443. Em maio nova transferência para o campo de Buchenwald e daí para o campo de Flöra. Nos “estábulo da morte” sua ideia, assim como de alguns companheiros, é a de “sobreviver para testemunhar”. Nesses campos de concentração, Desnos fazia a seus companheiros de cárcere consultas sobre os sonhos que eles tiveram. Essas interpretações sempre anunciavam um futuro de felicidade e de liberdade. André Verdet, seu companheiro de deportação em Buchenwald, conta:

Robert Desnos, e não posso esquecer, eu estava perto dele, consultando as linhas de sua mão me disse: A guerra vai muito em breve terminar. Não haverá mais muito tempo de espera. E irreverente, desafiando o destino, decidiu: “Prefiro ainda ver um pouco o país, dar uma voltinha pela Alemanha antes da vitória. Então, depois de um silêncio, subitamente grave: “Sim, eu prefiro não contrariar a minha estrela, mesmo se ela me leva para a morte, amigo.”²⁰

¹⁸De toute façon, Desnos aurait pu se cacher dans l'immeuble, mais Il ne voulait pas, tant Il craignait que les Allemands n'emmenèrent. Il lui semblait qu'en restant jusqu'au dernier moment, il me protégerait de toute sa force » . DESNOS, Youki, Les Confidences de Youki, 1999, pag. 295.

¹⁹Pleind'énergie et d'imagination « Robert le Diable » est de toute les distractions intellectuelles du camp, c'est le poète racontant « le Surréalisme », sa vie et dialoguant avec tous les détenus. Tradução nossa.

²⁰ Robert Desnos, et je ne peux oublier, j'étais auprès de lui, consultant les lignes de sa main me dit: La guerre va très bientôt se terminer. Il n'y aura plus longtemps à attendre. Et, désinvolte comme défiant le destin, Il décida: Je préfère voir encore un peu le pays, faire un petit tour en Allemagne avant la victoire. Puis, après un

Por fim, com o próximo fim da guerra, prisioneiros dos campos de concentração foram colocados em trens que circularam pela Alemanha, que ficaram conhecidos como “os últimos trens da morte”. Desnos chegou em Teresin, na então Tchecoslováquia, no dia 7 de maio, véspera da cessação dos combates. É encaminhado a um hospital russo, onde faltavam os medicamentos para combater o tifo, doença que pegara nessa última viagem alucinada.

Algumas semanas depois, o estudante tcheco Joseph Stuna, consultando a lista dos enfermos reconhece o nome de Robert Desnos como um poeta francês do movimento surrealista. “Procura-o então no meio dos pacientes e encontra o poeta que então tem a chance de se identificar falando: Sim, sim, Robert Desnos, o poeta, sou eu”. Logo depois, no dia 8 de julho, o poeta morre.

As suas cinzas foram levadas a Paris por uma delegação tcheca, onde houve uma cerimônia no dia 15 de outubro, circunstância na qual o poeta Paul Éluard proferiu palavras, das quais destacamos o seguinte trecho:

Havia em Robert Desnos dois homens, tão dignos de admiração tanto um quanto o outro: um homem honesto, consciente, firme em seus direitos e seus deveres, e um pirata doce e louco, fiel como ninguém a seus amores, aos seus amigos e a todos os seres de carne e de sangue dos quais sentia violentamente a alegria e a tristeza, as mínimas misérias e os mínimos prazeres.²¹

A vida de Robert Desnos acompanhou os movimentos do tempo em que viveu mas, no entanto, de uma só perspectiva, de um só interesse – ele desde muito cedo optou em seguir sua vocação literária motivada pelas suas investigações no campo da palavra. Ele sabia que ela constrói mundos.

Participou de movimentos de vanguarda desde quando ainda era muito jovem, assegurou a sua presença na construção desse movimento e, após, circunstâncias o levaram a ampliar o seu talento em espaços que surgiam com a contemporaneidade – sempre havia espaços a serem desbravados.

Gamin de Paris, ele tinha a curiosidade do saber, a alegria avistada nas ruas cheias de histórias, mistérios, poesia. A descontração e a segurança dessa origem lhe foram impactantes. Soube fazer a ligação entre os sinais que ele percebia.

silence, grave soudain: Oui, je préfère ne pas contrarier mon étoile, même si elle doit me mener vers la mort, petit frère. DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1281.

²¹Il y a eu en Robert Desnos deux hommes, aussi dignes d’admiration l’un que l’autre : un homme honnête, conscient, fort de ses droits et de ses devoirs et un pirate tendre et fou, fidèle comme pas un à ses amours, à ses amis, et à tous les êtres de chair et de sang dont il ressent violemment le bonheur et le malheur, les petites misères et les petits plaisirs. DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág.1 289).

No momento em que lhe foi necessário defender o lugar da liberdade, do amor, da justiça a sua coragem em tomar decisões para proteger a sua cidade da morte foi efetiva. A escolha pela vida, e uma vida plena, foi o brilho escolhido.

Em um artigo de jornal referido por Alain Chièvres, publicado durante a ocupação, Desnos fala que não era partidário da regra seguida por muitos de comer ostras acompanhadas pelo vinho branco. Ele diz: “Bebamos corajosamente o vinho tinto comendo ostras, se isso te agrada... e, como diz em outro texto, Ostras de Marennes, de Cancale, d’Ostende, d’Arcachon, todas do mar”.²²

Finalizando, vemos que aqui estão algumas marcas de Desnos – seu prazer exercido consoante a sua vontade; a coragem; o vinho tinto, uma possível alusão à cor vermelha; o mar, com ostras de toda a costa francesa oferecendo um banquete impossível naqueles tempos sombrios, mas ainda estavam lá, Desnos sabia que lá elas estavam e que um dia elas estariam disponíveis.

²²Buvons donc courageusement du vin rouge en mangeant des huîtres si cela te plaît... Huîtres de Marennes, de Cancale, d’Ostende, d’Arcachon, de pleinemer. CHIÈVRES, Alain, Poèmes en Argot, 2010, pág. 14 .

III – O SURREALISMO

Esta seção do nosso trabalho refere-se ao ambiente artístico no qual Robert Desnos desenvolveu as suas pesquisas e escrituras. Estamos falando sobre os movimentos de vanguarda que então ocorriam na França, e na Europa como um todo. O contato de fato foi com o movimento surrealista, onde ele desempenhou um papel de destaque.

O movimento dadaísta também será abordado no sentido de que houve inicialmente uma aproximação entre o surrealismo e este movimento que, no entanto, logo seguiram caminhos diferentes, pelos diversos objetivos de cada um dos grupos.

Outro grupo de vanguarda liderado pelo Dr. Freud também se coloca como importante mencionar, pelos conceitos relativos à psique humana que trazia ao conhecimento e cujos pilares – a palavra e o sonho – também seriam a matéria prima da criação surrealista.

Falaremos também sobre os mitos indiciais do surrealismo – a mulher e a cidade - e sobre a revista *La Révolution Surréaliste*. Essa revista desempenhou uma função importante no movimento, objetivando agrupar os participantes do movimento. Após, agregamos um breve estudo de caso realizado sobre a fotografia nas revistas, para então podermos falar de uma matéria cujo propósito é a histeria e a fotografia.

Os movimentos de vanguarda percorriam a Europa desde quando o modernismo começou a estabelecer novos paradigmas culturais, em desvendar aspectos despercebidos do ouvir, olhar, ler que estavam disponíveis na visão pessoal de cada um dos artistas que participaram dos movimentos.

Com o advento da guerra em 1914, as energias criativas se recolheram para voltar após a guerra com uma força redobrada para aprofundar e trazer para a superfície novas visões do ser humano. O conhecimento da psique humana proposta pelo Dr. Freud expande-se e começa a se incorporar na cultura. Mesmo sem o domínio completo das teorias freudianas, restrita aos participantes dos grupos psicanalíticos, um grupo de vanguarda – os surrealistas - atuante na França reconhece em suas práticas o inconsciente e se propõe a fazer cultura a partir do acesso que poderá ter por meio de técnicas por eles desenvolvidas –a escritura automática e, por determinado tempo, o sono.

O final da Primeira Guerra Mundial deixou na Europa um ambiente carregado de chauvinismo e um rescaldo brutal de uma guerra que devastou boa parte de uma geração em uma carnificina em massa. Começaram a surgir grupos de vanguarda por toda a Europa, alguns com ramificações que cruzavam os oceanos.

Esses novos movimentos de vanguarda após a primeira guerra preservam e continuam os atributos fundamentais do movimento modernista desde o seu início: o fascínio pela heresia e o princípio basilar de um exame contínuo sobre a sua própria produção, gerando “uma nova forma de ver a sociedade e o papel do artista dentro dela, criou uma nova forma de avaliar as obras culturais e seus autores. Em suma, o que chamo de estilo modernista foi um clima de ideias, sentimentos e opiniões”.²³

Eles continuam os movimentos que vinham de antes do conflito mundial que já tinham pesquisas importantes com poemas expressionistas, pinturas abstratas, composições incompreensíveis, romances sem enredo formando uma nova percepção do gosto e do belo.

Para Peter Gay:

“As vanguardas dos anos 20, embora parecendo inovadoras, basicamente colheram o que havia sido semeado nos anos anteriores à guerra quando as inovações estéticas se acumularam uma após a outra. Cada episódio modernista, fosse de 1880 ou de 1920, desafiava, fascinava ou gerava repulsa nos contemporâneos – não importando se experimentado como refinado ou grosseiro, autêntico ou fraudulento, grandioso ou simplesmente incompreensível.”²⁴

As pesquisas e produções do artista anseiam por uma autonomia clássica absoluta, em que a orientação brota exclusivamente do íntimo do artista. Os romancistas começam a investigar insolitamente as ideias e sentimentos de seus personagens; os pintores se afastam do figurativismo.

O principal vilão para todos os modernistas eram os burgueses, alvo de estridentes discursos, mas a atmosfera de combate era proporcional. Peter Gay diz:

O historiador que levar esses açodados gritos de batalha ao pé da letra apenas perpetuará contos de fada ciosamente acalentados, em vez de desmascará-los. Parecia tudo tão claro para os artistas, críticos e público tradicionais: os modernistas surgiam como uma frente unida de transgressores ou dissidentes investindo contra as sólidas verdades da veneranda alta cultura e, geralmente, da fé cristã. Porta-vozes autorizados dessa cultura de monarcas a aristocratas importantes denunciavam esses dissidentes, qualificando-os de imaturos, ou pior, de imorais, loucos e incendiários.²⁵

Mas esse discurso de confronto, que realmente existiu, não considerava o fato de que muitos desses artistas se estabeleceram adequadamente como sólidos cidadãos, em um movimento de absorção de um movimento cultural que os modernistas tanto haviam lutado para subverter. Refletindo sobre os acontecimentos da contemporaneidade, esse parece ser um movimento de absorção que se consolidou, pois os movimentos culturais de massa, mesmo

²³ GAY, Peter, *Modernismo*, 2009, pág. 153.

²⁴ GAY, Peter, *Modernismo*, 2009, pág. 25

²⁵ GAY, Peter, *Modernismo*, 2009, pág. 153.

aqueles que são os mais contestadores e virulentos contra o sistema findam por ser parte glamorosa desse mesmo sistema.

Esses movimentos de vanguarda teriam entre eles, de agora por diante, a companhia de um novo grupo a partir do momento em que, desde 1902, o médico vienense Sigmund Freud começou a reunir, em seu apartamento, simpatizantes dos seus ensinamentos que iriam se transformar na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Mesmo que ainda não esteja totalmente claro o impacto das teorias freudianas na cultura ocidental moderna, pode-se dizer da validade do conhecimento da psique humana – com suas funções e disfunções e, de fato, em toda a história do modernismo:

“o surrealismo foi a única vanguarda que admitiu explicitamente sua imensa dívida para com a psicanálise. Poderia ainda ter sido maior: Breton conhecia apenas superficialmente as ideias freudianas, mas isso não impediu que o nome e algumas ideias de Freud comparecessem em sua lista de autoridades modernas”²⁶

Nos novos movimentos culturais, entre eles, surgiu e distinguiu-se um grupo nascido em Zurique, o dadaísmo, que era totalmente contra a arte, pois considerava ser a arte uma válvula de escape para as pessoas.

Era um grupo “anarquista organizado” que teve como os artistas que se destacaram Tristan Tzara, um poeta romeno poliglota, e Francis Picabia, pintor. O café Voltaire, em Zurique, era o centro “das manifestações dadaístas de humor negro, todas destinadas a desmascarar a presunção, a sordidez, o patetismo de qualquer arte suscetível ao ridículo – como pareciam ser todas as artes.”²⁷

Um dos números especialmente famosos era o *poème simultanée*, quando três ou mais pessoas declamavam ao mesmo tempo um poema. Também declamavam poesias nonsense ou cantavam músicas sem sentido de sua autoria.

Os protagonistas dessa recente corrente das vanguardas europeias, o Dadaísmo, foram até Paris, em janeiro de 1920. Lá, Picabia e Tzara se encontraram com os franceses apoiadores desse movimento, entre eles, André Breton e Philippe Soupault que faziam experiências com a escrita automática e já haviam lançado o livro *Les Champs magnétiques*, em 1919. Junto com Louis Aragon editavam a revista *Littérature*, à qual Paul Valéry engajou-se na sequência.

Esse encontro promoveu uma série de manifestações múltiplas que tinham como tônica maior o escândalo e o niilismo absoluto: a contestação e a negação de todo saber eram o objetivo do movimento. Essa convivência, no entanto, entre os intelectuais franceses e os

²⁶ GAY, Peter, *Modernismo*, 2009, pág. 154

²⁷ GAY, Peter, *Modernismo*, 2009, pág. 153

que rodeavam o líder do Dadaísmo, Tristan Tzara, logo foi interrompida, em 1922, pois os jovens franceses não se contentavam simplesmente com a revolta, eles reivindicavam um projeto “em vez de uma preocupação puramente negativa, o reconhecimento de certos valores e a possibilidade de investigações sem limites”²⁸.

Na revista *Littérature* (1 de abril de 1922), André Breton publica um artigo no qual instiga o rompimento com Tzara que foi finalmente celebrado na conferência realizada em Barcelona onde essa ruptura ocasiona o começo de um novo movimento²⁹ que viria ser conhecido como Surrealismo.³⁰

Olhando para o futuro e rompendo definitivamente com a sociedade da época o movimento organiza aqueles artistas que estão atuando em pesquisas com as palavras e com as artes visuais. Desde seu início esse movimento apresentou o seu posicionamento como um movimento coletivo que têm como ligação o trabalho e as pesquisas de todos, sejam elas poéticas, plásticas ou políticas:

A dimensão quase tribal do grupo se manifesta por intermédio das várias atividades: longas reuniões nos cafés parisienses, jogos, experiências de hipnose coletiva, manifestos, pesquisas, questionários e textos escritos por várias mãos. Inúmeras obras serão registradas por dois ou quatro autores: *Les Champs magnétiques* (Breton e Soupault), *Au défaut du silence* (Éluard e Ernst), *Ralentir travaux* (Breton, Char e Eluard), *Immaculée Conception* (Breton e Eluard), *Les Mains libres* (Éluard e Man Ray).³¹

Mesmo incluindo várias áreas de pesquisa, em uma dinâmica grupal, havia o intento de manter a originalidade dos membros do coletivo e multiplicar os seus métodos de investigação. Assim, várias unidades são assinaladas no movimento: o grupo *Aventure* (Vitrac, Crevel, Desnos, Limbour ...), o *groupe de la rue Blomet* (Leiris, Masson, Artaud, Tual, Bataille, depois Miró), o grupo de *l’Oeuf Dur* (M. Lübeck, Fr. Gérard, Naville), e naturalmente, acima de todos Éluard e Péret.³²

²⁸DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER, Bernard - O Surrealismo. 1976, pág 36.

²⁹André Breton, em *Entretiens*, 1952, não reconhece a tese de que o movimento Dada possa ser precursor do Surrealismo. Nesse contexto, dá-se a imprecisão sobre o próprio momento de nascimento do movimento: seria quando foi lançado o livro *Les Champs Magnétiques* em 1919, ou no lançamento do 1º Manifesto do Surrealismo, em 1924?

³⁰It is no coincidence that the term originated in connection with a “total” work par excellence: Guillaume Apollinaire used that expression sur-réalisme in the program of Parade, a complex performance staged on 17 May at the Théâtre du Châtelet with a scenario by Jean Cocteau, music by Erik Satie, scenes and costumes by Pablo Picasso and choreography by Léonide Massine. (Tradução nossa). GUALDONI, Flaminio, 2008, pág. 7.

³¹La dimension presque tribale du groupe se manifeste à travers des diverses activités : longues réunions dans les cafés parisiens, jeux, essais de hypnose collective, manifestes, enquêtes, ou textes écrits à plusieurs mains. Nombreux seront les ouvrages consignés par deux ou quatre auteurs : *Les Champs magnétiques* (Breton et Soupault), *Au défaut du silence* (Éluard et Ernst), *Ralentir travaux* (Breton, Char et Eluard), *Immaculée Conception* (Breton et Eluard), *Les Mains libres* (Éluard et Man Ray). LEROY-TORQUEN, Mélanie, *Le Surrealisme*, pág 13. (Tradução nossa).

³²DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER, Bernard – O Surrealismo, 1976, pág. 41.

A experiência surrealista lida com a vontade de trazer a “vontade de verdade” para a vida das pessoas e conduzir a imaginação para o campo do conhecimento. Coloca essa questão dentro do possível e legitima práticas que não são totalmente novas mas que agora estão legitimadas por um movimento:

O surrealismo, em seu projeto mais geral pretende mesclar o desejo ao discurso do homem, e o eros à sua vida – e não apenas dizer (descrever) o desejo ou o eros; pretende abolir a noção de incongruência ou de obscenidade, deixar falar a subconsciência e estimular as diferenças patológicas da linguagem; pretende subverter a busca da verossimilhança na arte por uma formidável aposta no imaginário, apresentando como o poder central do espírito humano, de onde procede toda uma vida-em-poesia.³³

O movimento afasta-se do racionalismo para mergulhar no EU, explora em todos os sentidos as capacidades poéticas não apenas no poema, mas na pintura e na existência cotidiana – a ideia de que a vida é mais rica, mais ampla e mais bela do que vive a maioria dos homens. Recusa uma visão de mundo compartimentada e organizada que assegure a tranquilidade intelectual mantida em um lugar onde a consciência não seja perturbada. É um projeto amplo de entendimento:

Mas quem percebeu que as obras desse círculo não lidam com a literatura, e sim com outras coisas – manifestação, palavra, documento, bluff, falsificação, se se quiser, tudo menos literatura -, sabe também que são experiências que estão em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas.³⁴

A influência desse movimento espalhou-se pela intelectualidade europeia e ela se torna uma referência importante para a produção da época:

Mais do que qualquer outro movimento poético, o Surrealismo pode ser considerado sob dois ângulos diferentes. No sentido estrito, não existe surrealismo possível fora da ação de um grupo unido, obediente às regras estritas das quais André Breton foi tanto o inspirador quanto guardião vigilante; em um sentido mais amplo, o surrealismo designa a revolução profunda que esse grupo provocou na escrita poética assim como no imaginário e na sensibilidade. Depois dos anos 30, pelo menos, todos os poetas teriam de se definir em relação a essa questão. Muitos que não fizeram parte do grupo sofreram diretamente a sua influência, se nutriram de alguns de seus valores e estabeleceram com André Breton relações confiantes, fundadas em uma admiração recíproca.³⁵

³³CHÉNIEUX-GENDRON, Jacqueline, O Surrealismo, 1992, pág 2.

³⁴BENJAMIN, Walter, Magia e Técnica, Arte e Política, 1987, pág. 23.

³⁵ Plus que tout autre mouvement poétique, le Surréalisme peut être envisagé sous deux angles différents. Au sens strict, il n'est pas de Surréalisme possibles hors de l'action d'un group fortement soudé, obéissant à des règles strictes dont André Breton fut à la fois l'inspiration et le gardien vigilant ; dans un sens plus large, le surréalisme désigne la La Révolution Surréaliste en profondeur que ce groupe provoqua dans l'écriture poétique aussi bien que dans l'imaginaire et la sensibilité. Depuis les années 1930, au moins, toutes les poètes ont eu a se définir par rapport à lui. Beaucoup que ne firent pas partie du groupe subirent directement son influence, se nourrissent de certaines de ses valeurs s'entretinrent avec André Breton des relations confiantes, fondées souvent sur une admiration réciproque. VADÉ, Yves, Le Poème en Prose, pág 29. (Tradução nossa)

A escritura automática³⁶ foi o primeiro dos grandes meios de exploração do Eu levado a cabo pelos experimentos surrealistas. Ela abriu a primeira via de acesso ao inconsciente e dos excepcionais poderes poéticos liberados por essa prática. Nasce da pesquisa da natureza da inspiração poética e da percepção do poder produtivo das frases que surgem no espírito com a aproximação do sono. Breton verificou que as frases involuntárias pronunciadas em estado de quase vigília exprimiam elementos poéticos significativos. É a experiência fundamental sobre a qual todo o edifício teórico do surrealismo vai construir e comandar toda a prática surrealista. Do mais simples ato surrealista aos jogos mais elaborados, todos eles por fim se reportam a essa prática.

O automatismo foi posto em prática intensamente durante o período inicial do movimento:

É um modo de produção do texto escrito, mas também de fala (no sono hipnótico) ou ainda de grafismo. Escrever, falar desenhar de modo tal que se dissipe o controle da razão e do gosto, e até mesmo que a consciência de si seja posta em surdina em proveito da mão que escreve, que traça sinais gráficos, ou da palavra que se profere; há um questionamento do sujeito por ele mesmo e do sentido de toda palavra, de toda e qualquer comunicação humana. 37

Essa técnica que questiona o sujeito no que diz respeito a sua aptidão para inventar e para comunicar utiliza vias já abertas nos meios médicos e espíritas, mas conferindo a essa técnica uma determinada qualidade artística. Elas também trazem uma ideia de democratização do acesso à função artística; o que antes era visto como um produto da alienação – loucura que se interna – passa a ter outra condição:

Breton e seus amigos acreditavam que era mesmo a linguagem do inconsciente, isto é, que ela se forma dentro dessa zona de atividade psíquica de onde vêm as pulsões instintivas, as imagens primordiais, os sonhos, o que supõe que o inconsciente se manifesta espontaneamente como linguagem, que ele é uma estrutura linguística, linguagem em potencial que se realiza desde que as cercas que os retêm prisioneiros são suprimidas³⁸

Assim, a produção de um texto pelo automatismo modifica as regras estabelecidas da atividade literária que se distingue da linguagem coloquial na medida em que exhibe uma elaboração e um trabalho voluntário e expõe a possibilidade de um poder poético

³⁶Breton também a chamava também de *penséeparlée* (pensamento falado) e *l'écriture de lapensée* (escritura do pensamento)

³⁷CHÉNIEUX-GENDRON, Jacqueline, O Surrealismo, 1992,pág 55

³⁸Bréchon, Robert Le Surréalisme, pag 34. Breton et ses amies ont cru qu'il était le langage même de l'inconscient, c'est à dire qu'il se formait dans cette zone de l'activité psychique d'où viennent les pulsions instinctives, les images primordiales, les rêves, ce qui supposait que l'inconscient se manifeste spontanément comme langage, qu'il est une structure linguistique, un langage potentiel qui se réalise dès que les clôtures qui le retenaient prisonnier sont supprimées.Bréchon, Robert (Tradução nossa)

incomparável: “A linguagem incontrolada manifesta uma capacidade criadora que a consciência atuante na literatura não faz senão mutilar”³⁹

Ela apresenta-se como uma atividade simples – provocar o vazio da mente para que se possa então ocorrer um fluxo incontrolado de palavras, deixando a linguagem falar por si sem nenhum tipo de orientação consciente. Essa necessidade do vazio para dar vez à fluidez mental pressupõe que o menor elemento de filtragem, que comprometa de pronto a técnica, seja eliminado:

A linguagem deve libertar-se do controlo pessoal – hábitos de pensamento, privilégio afetivo concedido a certas palavras, conotações privadas, etc. mas na medida em que esta suspensão das censuras, esta colocação da consciência entre parênteses, não poderia ser espontânea, o seu prolongamento requer que seja reintroduzida simultaneamente uma instância consciente que vigie se o modo de emissão do discurso é realmente livre”.⁴⁰

A partir de 1921, começa a experiência do sono hipnótico que, junto com automatismo, faz parte da fase inicial do movimento. Essas improvisações verbais (sempre oratórias), os desenhos com aspectos simbólicos, e quase sempre de intenção profética abriam ao surrealismo uma infinidade de caminhos. Foram experiências de grande impacto psicológico no grupo “essa epidemia alucinatória entre os seus membros, [que] provocam nos surrealistas a brutal impressão de viver à vontade em estado poético, de ter ultrapassado a antinomia vigília-sonho, de ser a primeira coletividade poética liberta”.⁴¹

Robert Desnos se distingue brilhantemente nesse período “dos sonos”: ele tem a capacidade de dormir à vontade e então inventar aforismos e histórias em estado de hipnose. Com essa experiência ele traz para o surrealismo um novo campo a ser explorado. André Breton, em suas *Entretiens* assim diz: “Ninguém como ele de cabeça baixa terá avançado tanto em todos os caminhos do maravilhoso.”⁴²

No entanto, logo essa experimentação será interrompida por Breton pois começam a aparecer questões de sanidade como perturbações de personalidade, tendências suicidas ou agressivas e desordens alucinatórias. O próprio Breton decidiu parar de escrever e Paul Éluard faz uma viagem considerada misteriosa.

³⁹DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER, Bernard – O Surrealismo, 1976, pág. 122.

⁴⁰DUROZOI Durozoi e LECHERBONNIER, Bernard – O Surrealismo, pág. 123.

⁴¹DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER, Bernard – O Surrealismo, 1976,pág. 43.

⁴²LEROY-TORQUEM, Mélanie, pág. 51.

Os mitos testemunhas do surrealismo

Ao ter o imaginário como função central do sujeito, a partir da qual se reordenam o conhecimento e a ação, os surrealistas elaboraram uma série de mitos internos que direcionavam a busca desse imaginário em ações que acontecem no âmbito do cotidiano. Entre esses mitos podemos falar da mulher e também do da cidade.

O surrealismo propôs uma nova versão do eterno feminino e quis fazer disso um dos elementos essenciais de uma mitologia moderna. A mulher conduz o homem, como uma iniciadora, para o mundo. Ela permite ao homem dividido se encontrar e abre as portas para o surreal. Ela é

A mulher imaginada pelos surrealistas possuía muitas facetas: flor ou objeto de contemplação, mulher fruta ou objeto de consumação. Mulher faminta que ameaça devorar seu amante, mulher criança, mulher vidente, mulher fada e, sobretudo, mulher sonhada. “Tudo nos leva a pensar que o amor seria uma forma de encarnação dos sonhos corroborando a expressão usual que sugere ser a mulher amada um sonho que se transformou em carne.”⁴³

Robert Desnos encontrou essa ideia da mulher sempre misteriosa na imagem da Estrela e da Sereia. Elas estão em sua obra e conduzem a sua imaginação e sua própria vida. Elas são as mulheres eleitas para intermediar a sua imaginação com o mundo real. Para elas escreveu os poemas *A la mystérieuse* e *Le livre secret pour Youki*, entre outras manifestações.

A cidade de Paris – onde viviam os membros do movimento – tem um papel importante na mitologia surrealista: a cidade é o lugar de todos os encontros, todos os mistérios, onde tudo se torna possível:

Também a Paris dos surrealistas é um “pequeno mundo”, ou seja, no grande, no cosmos, as coisas têm o mesmo aspecto. Também ali existem encruzilhadas, nas quais sinais fantasmagóricos cintilam através do tráfico; também ali se inscrevem na ordem do dia a dia inconcebíveis analogias e acontecimentos entrecruzados.⁴⁴

Enquanto que para o romantismo, por exemplo, a imaginação acontece na natureza – rios, campos, montanhas -, é na cidade moderna, onde a população passa a sua vida em suas atividades cotidianas que os surrealistas encontram as impressões e o cenário do maravilhoso que compõem seu universo imaginário. O esforço empreendido sacraliza o espaço da vida cotidiana e pode-se dizer que: “É certo: Nunca mais, depois dos surrealistas, poderemos ver

⁴³La femme fantasmée par les surréaliste possède bien des facettes:femme fleur ou objet de contemplation, femme fruit ou objet de consommation, femme affamée qui menace de dévorer son amant, femme enfant, femme-voyante, femme-fée, et surtout femme rêvée. « Tout nous amène à penser que l’amour ne serait qu’une sorte d’incarnation des rêves corroborant l’expression usuelle qui veut que la femmeaimée soit un rêve qui s’est fait chair », déclare en effet Salvador Dali (cité dans le dictionnaire abrégé du surréalisme, 1938).⁴³LEROY-TORQUEM, Mélanie, O Surrealismo, pág. 81 (Tradução nossa)

⁴⁴BENJAMIN, Walter, Magia e Técnica, Arte e Política .1987, pág. 27.

da mesma maneira os boulevards, as ruas, as ‘passagens’, as vitrines, aos terraços dos cafés, os cinemas, etc.”⁴⁵

Sem dúvida, Paris é umacidade esquadrihada por muitos outros poetas “Tudo o que Villon, Hugo, Nerval, Apollinaire, Desnos, Fargue e muitos outros poetas perceberam da alma de Paris, tudo aquilo com que, também, eles a alimentaram, enriqueceram, tudo isso está enterrado, inacessível, sob os estratos do tempo?

A revista *La Révolution Surréaliste*

A revista *La Révolution Surréaliste* teve o seu primeiro numero publicado no dia 1º de dezembro de 1924 e o último de seus doze números em 15 de dezembro 1929, percurso que Aragon denomina como “um tipo de ano mental”. Nestes cinco anos ela foi o lugar singular no qual se desenvolveram os grandes temas do surrealismo.

Nestes anos, foi lançado um número em 1924, quatro números em 1925, três números em 1926, dois em 1927, um em 1928 e, por fim, o último em 1929. Os números nove e dez saíram em uma só edição. No primeiro número, ela se apresenta como:

O surrealismo não se apresenta como exposição de uma doutrina. Certas ideias que atualmente lhe são atuais pontos de referência não permitem antecipar seu desenvolvimento futuro. Este primeiro número da *La Révolution Surréaliste* não propõe nenhuma revelação definitiva. Os resultados obtidos pela escrita automática, a narração dos sonhos, por exemplo, nela estão representados, mas nenhum resultado de pesquisas, experiências ou de trabalhos estão registrados: devemos tudo esperar do futuro.

A publicação surge ao final do período dos “sonos” e, segundo Marie-Claire Bancquart, ela veio para firmar uma nova fase do movimento, reorganizar e levar o pensamento surrealista para valores positivos:

A *La Révolution Surréaliste* marca uma ressurreição, uma nova orientação da pesquisa. Desde o final do ano de 1923, em *Clair de terre*, mais ainda em outubro de 1924 com o Manifesto Surrealista, André Breton proclama a sua vontade de voltar a escrever. O ponto de interseção entre o concreto e o mistério não mais está no sono provocado, mas na utilização de uma imagem livre da lógica. Suas fontes são o sono não induzido, ou a caminhada como a que Breton, Aragon, Roger Vitrac e Max Morise praticam juntos, no mês de maio de 1924. O material mental dessa maneira encontrado pode se traduzir por palavras: palavras concretas liberadas de toda referência histórica ou cultural. Essa é a proposta da *La Révolution*.⁴⁶

⁴⁵ C’est vrai: Jamais plus, après les surréalistes, on ne pourra regarder de la même manière les boulevards, les rues, les “passages”, les vitrines, les terrasses de cafés, les cinémas, etc. BRÉCHON, Robert, *Le Surréalisme*, 1971, pág. 142. (Tradução nossa)

⁴⁶ *La Révolution Surréaliste* marque une résurrection, et une nouvelle orientation de la recherche. Dès la fin de 1923, dans *Clair de terre*, et plus encore en octobre 1924 dans le « Manifeste du surréalisme », André Breton proclame sa volonté de continuer à écrire. Le point d’intersection entre le concret et le mystère se trouve non

Pierre Naville e Benjamin Péret assumem inicialmente a direção da revista e aí permaneceram nos primeiros quatro números. Depois, Breton assume a direção. O formato da revista foi objeto de muitas discussões mas Naville recusou todos os jogos e as fantasias tipográficas que caracterizavam as revistas de vanguarda do pós-guerra, e a revista surge com uma aparência que tinham as revistas científicas da época: *La Révolution Surréaliste* assume o aspecto de uma revista séria de vulgarização científica, a *Nature*, publicada pela Editora Masson: “Ironia mas igualmente vontade de propor, como as revistas das ciências exatas, as provas: o surrealismo existe.”⁴⁷

A capa da revista é simples e segue o mesmo padrão em todos os seus números: o título da revista em grande formato, um sumário distribuído nas rubricas “Crônicas”, “Notas” e “Ilustrações”; entre o título e o sumário uma pequena ilustração (que poderá ser uma foto ou mesmo uma gravura). O texto era geralmente apresentado em duas colunas e pode-se dizer que a publicação sempre foi, desde o começo, um projeto gráfico sem grandes custos que queria chamar a atenção pelo seu conteúdo. Ademais, todas as despesas eram custeadas pelos integrantes do movimento, jovens e com renda precária.

Os colaboradores da revista ficam cada vez mais numerosos até o fim de 1925: uma constelação de grupos que sucessivas crises vão por fim espalhar. Ao grupo original fundador do movimento juntam-se antigos colaboradores de outras revistas – *l’Oeuf dur*, *Aventure* – e os grupos reunidos em torno do atelier do pintor André Masson – atelier *rue Blomet* -; e de Tanguy – atelier *rue du Château*.

De crise em crise, a revista manifesta o caráter fluido do movimento. A personalidade de Breton – que alimentava e resolvia simultaneamente as tensões – manteve o elo entre os colaboradores: “mas como era difícil reunir homens tão diferentes! No grupo inicial mesmo, o extravagante e secreto Desnos, Aragon que gostava de frequentar as “boates” de Montparnasse, pareciam muito pouco com Breton.”⁴⁸

plus dans le sommeil provoqué, mais dans l’utilisation d’une image déloguée des logiques. Ses sources sont le rêve non provoqué, ou la promenade telle que la pratiquèrent ensemble, au mois de mai 1924, Breton, Aragon, Roger Vitrac et Max Morise. La matière mentale ainsi découverte peut se traduire par les mots : des mots concrets, libérés de toute référence historique ou culturelle. Tel est le propos de *La Révolution Surréaliste*. BANCQUART, Marie Claire, revista *La Révolution Surréaliste*, pág II. (Tradução nossa)

⁴⁷*La Révolution Surréaliste* revêt l’aspect d’une grave revue de vulgarisation scientifique, la *Nature*, publiée les Editions Masson. Ironie, mais également volonté de proposer, comme les revues de sciences exactes, des preuves : le surréalisme existe. BANCQUART, Marie Claire, revista *La Révolution Surréaliste*, pág. X. (Tradução nossa)

⁴⁸Mais comme était difficile de réunir des hommes si différents! Dans le groupe de départ lui-même, le fantasiste et secret Desnos, Aragon, qui aimait fréquenter les « boîtes » de Montparnasse, ressemblaient bien peu à Breton. BANCQUART, Marie Claire, revista *La Révolution Surréaliste*, pág. V) (Tradução nossa)

Como expressão coletiva, os artistas desse movimento concordavam com uma visão de mundo: mais do que designar uma outra realidade, o movimento surrealista tem como objetivo ampliar e introduzir sentidos do maravilhoso nessa realidade. Para explorar essa outra realidade, o campo de ação dessas pessoas é a contestação, isto é, a libertação de todas as limitações, sejam elas literárias, artísticas ou sociais. O projeto surrealista tem dois polos de atração “automatismo abstrato, por um lado; academicismo ilusionista, por outro; esses dois polos correspondem aos dois pilares freudianos da teoria surrealista, ou seja, o automatismo (associação livre) e o sonho”⁴⁹.

Em relação à fotografia, que já iniciava sua ascensão incontornável na definição iconográfica do mundo contemporâneo, vemos que elas são elementos gráficos presentes em todos os números das revistas – nas capas e em fotografias paralelas às narrativas escritas, ou ilustrando esses textos. A presença da fotografia é marcante e “devemos deixar considerar essa suposta defasagem entre fotografia e pensamento ou prática surrealista, já que a fotografia não só estava presente no coração da obra surrealista dos textos de Breton. Era a principal fonte de imagem dos jornais surrealistas. A *Revolução Surrealista*, publicação surrealista, não tinha nenhuma relação, no plano visual, com as extravagâncias tipográficas vanguardistas das publicações dadaístas.”⁵⁰

Assim, a presença constante de fotografias nessas publicações já as coloca como objeto de estudo, pois “para os estudiosos da história social [...] pesquisadores de outros ramos do conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras “ilustrações ao texto”. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações”⁵¹

Vamos analisar as fotos nas edições e, além disso, a narrativa fotográfica como complementar à narrativa textual, na crônica “Cinquentenário da Histeria”, de André Breton e Louis Aragon.

O sumário, presente na capa de todas as revistas, tem a apresentação da “Ilustração”, que, em algumas edições, discrimina como fotógrafo Man Ray, além de mencionar os pintores que iriam participar do número em questão. Aliás, julgamos importante mencionar que, de todas as fotografias presentes nas revistas, somente as de Man Ray estão identificadas

⁴⁹KRAUS, Rosalind, Fotografia e Surrealismo em Lo Fotográfico, por uma política de los desplazamientos, pág. 109.

⁵⁰KRAUS, Rosalind, Fotografia e Surrealismo em LoFotográfico, por uma política de los desplazamientos, pág. 113.

⁵¹KOSSOY, Boris, Fotografia e História, pág. 32.

com uma assinatura. Esse artista, americano em sua origem, participou ativamente dos movimentos vanguardistas europeus e desenvolveu uma técnica na qual não utilizava o equipamento fotográfico para registrar imagens, técnica conhecida como rayograma, que consistia em fotografar objetos sem o uso da câmera, apenas em contato com um material sensível à luz (às vezes inventava objetos, apenas para fotografá-los).

Além das fotografias de Man Ray, e mesmo incluindo-as, é possível afirmar que todas as fotografias estão de acordo com a heterogeneidade do movimento surrealista, isto é, não obedecem a um padrão único de representação. Mas, como ponto unificador, pode-se dizer dessas imagens o mesmo que Benjamim falou sobre o trabalho de Atget, fotógrafo francês que ele considerou como um dos precursores da fotografia surrealista: “Foi o primeiro a desinfetar a atmosfera sufocante difundida pela fotografia convencional, especializada em retratos, durante a época da decadência. Ele saneia essa atmosfera, purifica-a, começa a libertar o objeto de sua aura, nisso consistindo o mérito mais incontestável da moderna escola fotográfica”⁵²

A relação que a fotografia, como signo indicial, mantém com o seu objeto referencial, sempre regido por uma conexão física, nestas revistas é influenciada pelo entendimento de mundo que o movimento surrealista pretende provocar. A fotografia das revistas analisadas, corroborando a própria teoria surrealista, estabelece com o seu referente uma relação que passa pela ampliação das percepções desse real. Por isso, as fotografias utilizadas nessas publicações concentram-se em sublinhar esse maravilhoso. Assim, elas são imagens que muitas vezes não delimitam uma fronteira entre o sonho e o real, além de mostrar enquadramentos pormenorizados dessa realidade, que em si mesma não possui um significado aparente, iluminando-os.

Elas podem ser divididas nos seguintes modelos: imagens perfeitamente banais (foto da girafa, revista nº 8, de 1º de dezembro de 1928, pág. 10; foto de um carro tombado, revista 12, pág. 56); imagens banais, com uma legenda de significação (foto da capa da revista nº 11, de 15 de março de 1928); imagens pormenorizadas (foto da roda de um carro, revista nº 4, de 15 de julho de 1925; fotografia do canto de uma escadaria, revista nº 8, de 1º de dezembro de 1926, pág. 20; foto de mãos em um jogo de sinuca, revista 9, de 1º de outubro de 1927, pág. 23); fotografias de imagens sugeridas (foto da revista nº 2, de 15 de janeiro de 1925, pág. 2; fotografia de Man Ray, “Boulevard Edgard-Quinet, à minuit, revista nº 2, de 15 de janeiro de 1925, pág. 22; fotografia da revista nº 1, de 1º de dezembro de 1924, pág. 3); fotografias de

⁵²BENJAMIN, Walter, *Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura*, Editora Brasiliense, 1987. Pág. 103.

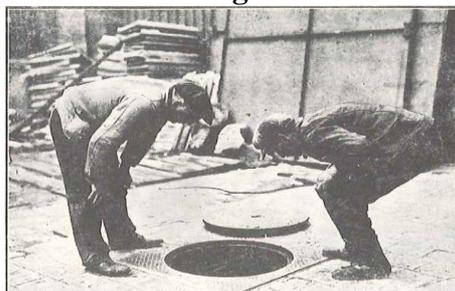
corpos femininos (fotografia do corpo com desenhos, revista nº 1, de 1º de dezembro de 1924, pág. 4; fotomontagem com dois seios, revista nº1, de 1º de dezembro de 1824, pág. 15 ; corpo nu, revista nº 2, de 15 de janeiro de 1925, pág. 26); fotografias ao ar livre (fotografia de uma vitrine, revista nº 7, de 15 de junho de 1926, pág. 6; fotografia de Málaga, revista nº 5, de 15 de outubro de 1925, pág. 11).

Também estão presentes as manipulações de imagens, fotomontagens com a utilização de cópias de negativos e as que recorrem à superposição de vários negativos para obter uma imagem de montagem. Como exemplo, destacamos a capa da revista nº 3, de abril de 1925, que apresenta em sua capa fotografia em fotomontagem. Intitulada de “Fim da era cristã” – nessa fotomontagem, uma imagem de Cristo imolado nos braços de Nossa Senhora, assim como imagens de diferentes santas estão pousadas sobre o que parece ser um prédio em Paris.

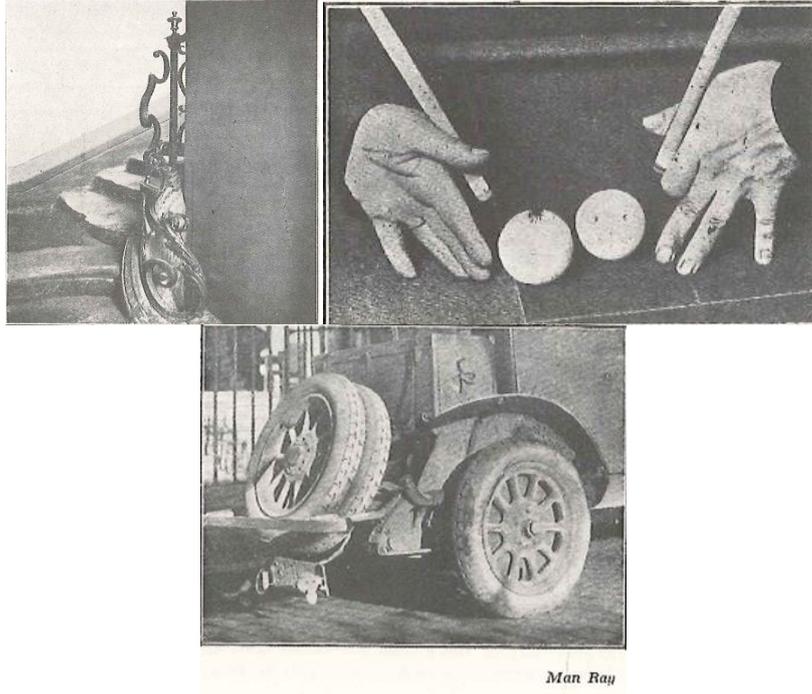
Figura 3 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*: Fotografias Banais



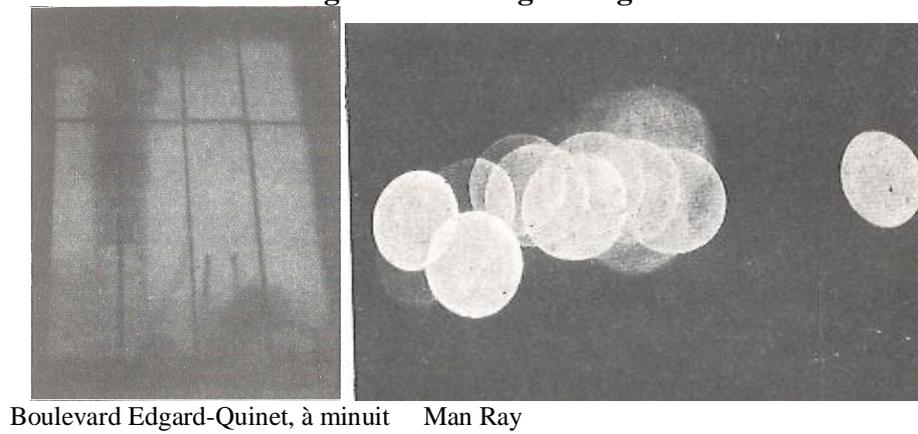
Figuras 4 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*: Imagens banais com legendas



**Figura 5 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*
: Fotografias de imagens pormenorizadas**

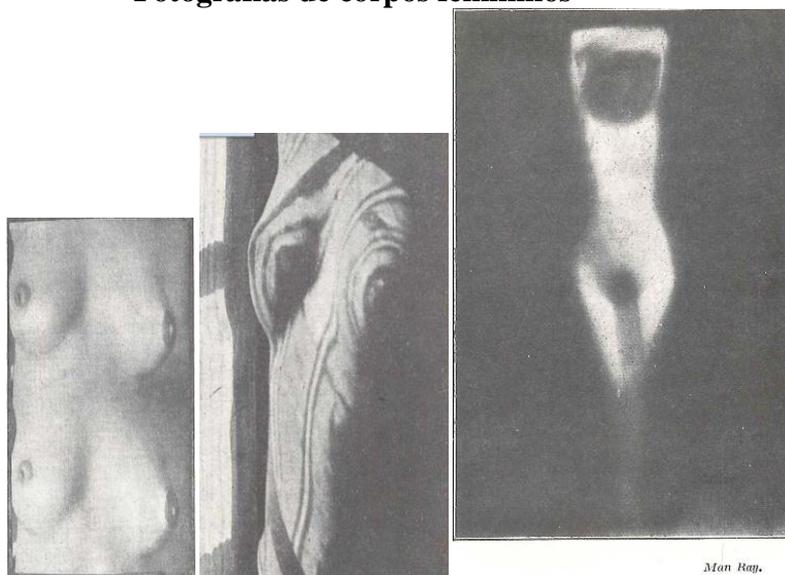


**Figura 6 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*
: Fotografias de imagens sugeridas**

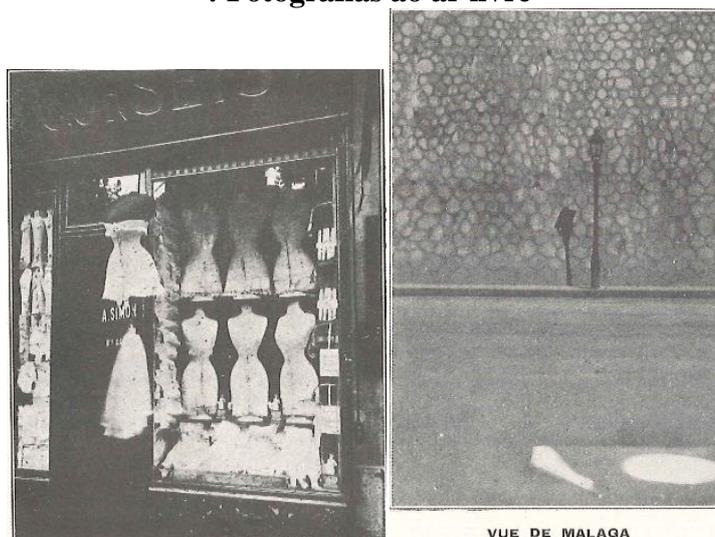


Boulevard Edgard-Quinet, à minuit Man Ray

**Figura 7 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*:
Fotografias de corpos femininos**



**Figura 8 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*
: Fotografias ao ar livre**



**Figura 9 – Exemplos de fotografias da revista *La Révolution Surréaliste*
: Fotomontagem**



O fim da era cristã

Na revista 11, de 15 de março de 1928, na pág. 20, temos o texto “Cinquentenário da Histeria”, de autoria de André Breton e de Louis Aragon (no Anexo 3, estão as fotografias e o texto traduzido). O texto fala dos cinquenta anos da Histeria, sobre o entendimento que a Medicina tem desse mal, médicos que estudaram seus sintomas (cita especificamente Charcot e Freud) e do mal-estar que esse conhecimento ocasiona, pois, enfim, não expressa aquilo que os autores compreendem sobre essa questão. Logo no início do texto dizem o que entendem por histeria “a maior descoberta poética do séc. XIX”. Continuam falando do amor que sentem pelas histéricas, mulheres jovens que são internadas na Salpêtrière (hospital público situado em Paris), especialmente por Augustine, jovem histérica que chegou ao hospital com 15 anos e meio. O caráter sexual do mal é evidenciado de pronto, pois afirmam que as pacientes mantinham relações com os internos: “lembre-se do tempo, pelos testemunhos das sobreviventes, em que os internos na Salpêtrière confundiam o seu dever profissional e seu gosto pelo amor, quando, a noite caindo, as doentes os divertiam lá fora ou os recebiam no seu leito?”

É um texto baseado na ironia, salientando os aspectos que consideram contraditórios no entendimento patológico da doença. Oferecem então o seu próprio diagnóstico: “a histeria é um estado mental mais ou menos irreduzível [...] esse estado mental baseia-se na necessidade de uma sedução recíproca [...] a histeria não é um fenômeno patológico e pode, em todos os aspectos, ser considerada como um meio supremo de expressão”.

A histeria foi um mal estudado por Charcot, médico neurologista francês, que usava a hipnose nos seus tratamentos. Depois Freud começou a pesquisar sobre os seus sintomas e postulou sua teoria de que essa neurose era causada por lembranças reprimidas. A histeria é

uma psicose cujos conflitos emocionais inconscientes surgem na forma de uma severa dissociação mental ou como sintomas físicos (conversão) sem haver qualquer patologia orgânica ou estrutural conhecida, quando a ansiedade subjacente é “convertida” num sintoma físico. Pretendia-se que era uma doença própria das mulheres – histeria vem da palavra grega que designa o útero. Presente nos diagnósticos médicos da época e por eles estudada, hoje, a histeria não é mais tão comum.

Essa narrativa que os autores fazem da histeria para a formação de um sentido “é uma rede arditamente tramada para colher, no real, verdades que não se veem a olho nu, e que, vistas, obrigam a reformular o próprio real”.⁵³ Complementa essa narrativa uma série de seis fotos de uma jovem mulher. Demonstra um possível diálogo entre a literatura e as artes.

Toda fotografia é um testemunho de que algo existiu – é uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. Está na ordem do “isso foi”, segundo Roland Barthes. Tudo aquilo que uma fotografia mostre, e de toda a maneira, está sempre com o seu referente nela aderido. Mas, mesmo contendo em si uma presunção de veracidade “em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos”.⁵⁴

Na sequência de fotografias da jovem mulher histórica, está evidenciada uma das três operações – fazer, suportar, olhar – que Barthes teoriza sobre a fotografia. A jovem está no lugar de suportar o olhar, pois “aquele ou aquela que é fotografado é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *éidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o espetáculo”⁵⁵

São seis fotos em preto e branco, sem menção de autoria, em uma ordem que obedece à construção de uma narrativa. Em todas elas, aparece posando uma jovem mulher, bela, que está sobre uma cama, não necessariamente hospitalar, pois as grades que são mostradas em algumas fotos não ultrapassam o colchão da cama. A primeira fotografia da sequência mostra a jovem composta, sentada na cama, sua roupa está fechada até o pescoço, a cama perfeitamente arrumada, a jovem em uma postura de devaneio, talvez aguardando algo. A iluminação recai sobre o seu rosto e o contraste preto/branco cria uma atmosfera de fantasia; na segunda fotografia, algo aconteceu, agora a jovem já não está mais composta, sua roupa está entreaberta, os braços cruzados sobre o colo, aparece o gradeado da cama e a jovem tem

⁵³PERRONE, Leila, A Criação Literária em *Flores da Escrivainha*, 1990, pág. 107.

⁵⁴SONTAG, Susan, *Sobre Fotografia*, 2015, pág. 17.

⁵⁵BARTHES, Roland, *A Câmara Clara*, 2015, pág. 17.

um semblante de gozo; na terceira foto, a jovem, agora sentada na cama, desalinhada, com as pernas cruzadas descobertas, as mãos voltadas para o alto, parece feliz e grata. Mais uma vez, a iluminação está dirigida ao seu rosto, mostrando uma atmosfera de prazer e satisfação; a quarta e a quinta fotos mostram os trejeitos atribuídos a uma mulher histérica – sentada, com um rosto de boba, cruza os dedinhos, depois, já pousada sobre os travesseiros, mostra a língua; na sexta e última fotografia surge uma pessoa que parece estar senhora de si – olhando diretamente para a câmera, com o olhar transgressor, ombros nus, ela enfrenta o *operator* e, através dele, fala com o *spectator*. Parece dizer: sim, essa sou eu, feliz, inteiramente presente e consciente do que faço.

Robert Desnos publicou na *La Révolution Surréaliste* os seguintes trabalhos:

Textes surréalistes, na Revista nº 1, de 1º de dezembro de 1924; *La Muraille de chêne*, na Revista nº2, de 15 de janeiro de 1925; *Pamphlet contre Jérusalem* e *Description d'une Révolte Prochaine* na Revista nº 3, de 15 de abril de 1925 : *La baie de la faim*, na Revista nº 4, de 15 de julho de 1925; dois *Poème* e *Le Paradis Perdu*, na Revista nº 5, de 15 de outubro de 1925 ; *Confession d'un enfant dusiècle*, na Revista de nº 6, de 1º de março de 1926 ; *Poèmes à la Mystérieuse*, *Lettre à Pierre Mille*, *Fumer? Non: Relente L'Étrange*cas de M. Waldemar, na Revista nº 7, de 15 de junho de 1926 ; *Confession d'un enfant du siècle*, na Revista nº 8, de 1º de dezembro de 1926 ; *Journal d'une apparition*, na Revista 9-10, de 1º de outubro de 1927; e *Langage Cuit*, na Revista 11, de 15 de março de 1928 .

O movimento surrealista arrastou, em sua passagem pela cena cultural francesa, jovens artistas que iriam amalgamar tendências importantes do novo século que se iniciava, com suas propostas de expansão da consciência, ao incorporar na escrita e na pintura as manifestações na técnica da escritura automática por eles proposta. Tudo isso acontecendo em um mundo que começava a lidar com os ensinamentos da psicanálise.

Identificam com precisão os mitos testemunhas do surrealismo a cidade, a mulher e elaboram com eles uma nova compreensão dos seus papéis, baseando-se na palavra e no sonho a construção dessa nova possibilidade do ser.

Youki Desnos, como observadora participante de tudo isso, nos fala sobre esse novo mundo que estava sendo descoberto:

Os surrealistas queriam forçar as pessoas a revisar suas opiniões acabadas das quais estávamos cheios. Nesta tarefa eles tiveram completo sucesso. Devemos a eles o dismantelamento de certas glórias imerecidas, uma concepção mais livre das coisas sexuais, ao mesmo tempo em que um maior respeito pelo Amor e pela Mulher, uma ideia muito elevada da dignidade humana e a divulgação, para o público, de autores

só conhecidos por uma pequena elite. Claro, isso não foi só por conta deles. A imprensa toda estava contra eles em cada uma de suas manifestações.⁵⁶

A apresentação das fotografias que fizeram parte da revista *La Révolution Surréaliste* justifica-se pelo fato de que assim podemos apresentar um artigo que trata sobre a histeria feminina, a visão que Breton e Aragon, que foram médicos em algum momento da sua vida, e evidenciar que questões relacionadas à psique humana estavam dentro do escopo do interesse dos surrealistas.

⁵⁶ Les surréalistes voulaient obliger les gens à réviser les opinions toutes faites dont nous avons tous été ébourrés. Cette tâche, ils l'ont parfaitement réussie. On leur doit de déboulonnement de certaines veilles gloires imméritées, une plus libre conception des choses sexuelles, en même temps qu'un plus grand respect de l'Amour et de la Femme, une très haute idée de la dignité humaine et la découverte, pour le public, d'auteurs inconnus d'une petite élite. Bien entendu, cela n'alla pas tout seul. La presse entière était contre eux, à chacune de leurs manifestations. DESNOS, Youki, Les Confidences de Youki, 1999, pág. 121.

IV - PARIS, A ESTRELA e a SEREIA

Este capítulo irá discorrer sobre os mitos presentes na obra e na vida de Roberto Desnos – a sua cidade natal, os locais de moradia, o amor e as destinatárias desse amor, e localizá-los na sua escrita. Esses assuntos são pilares que sustentam o seu imaginário.

O poeta guardava uma particular relação com a sua cidade natal, constante presença nos seus escritos, e por ela circulou de forma simbólica nas diversas fases de sua vida. Na década de 30 e no começo dos anos 40, Desnos habitou em *Montparnasse*, onde seguia de perto a vida boêmia e artística do bairro. A Rua Blomet foi o endereço da sua juventude: um ateliê situado nos fundos de um pátio onde residira o pintor André Masson e que já operava como um polo de atração na geografia dos surrealistas. Ficava perto do café *Le Dôme* e da rua *du Château*, onde Marcel Duhamel possuía uma casa. Além dele, moravam nessa rua os irmãos Prévert, Raymond Queneau, Roland Tual e Yves Tanguy. É um dos locais essenciais do Surrealismo e da juventude de Desnos. Sobre o ateliê, David Fontaine diz

“Com o seu gosto por objetos insólitos trazidos do mercado de pulgas, os discos afro-cubanos e as noites passadas a refazer o mundo, Desnos fez da Rua Blomet um local mítico, acolhendo amigos (George Malkine morou lá), e favorável ao trabalho poético ... os caminhos do acaso deveriam lá levar Eisenstein, que ali desembarcou numa bela noite e decretou que, se ele tivesse que evocar a vida de um jovem poeta na tela, ele reconstruiria a decoração do lugar” ..⁵⁷

Youki Desnos também fala do ateliê. Diz:

Ele descobriu, por um aluguel ridículo, na rua Blomet número 43, nos fundos do prédio, um vasto ateliê no térreo dando para uma espécie de terreno vazio onde a relva crescia à maravilha. Naturalmente, fora a eletricidade, não havia nenhum conforto. Robert lá instalou um grande fogão, um sofá e móveis comprados em pequenos brechós. Não sei se era devido à acústica ou aos grandes vidros, mas o lugar era muito agradável e se prestava perfeitamente às audições de discos, às conversas amigáveis, ao trabalho poético. Lá ficávamos, sem mesmo nos apercebermos. É por isso que tantas pessoas aí vinham passar muitas horas, mesmo na ausência do dono da casa, pois a chave estava permanentemente aninhada em um buraco do muro.⁵⁸

⁵⁷avec son gout des objets insolites ramenés des Pucés, des disques afro-cubain e des nuits passés à refaire le monde, Desnos a fait de rue Blomet un lieu mythique, accueillant aux amis (George Malkine y logeait à demeure) et favorable aux travail poétique...les chemins les plus hasardeux devaient y mener Eisenstein, qui débarqua un beau soir et décréta que, si jamais il devait évoquer à l'écran la vie d'un jeune poète, il en ferait reconstituer le décor....” (FONTAINE, Rue Blomet in *Révue l'Étoile de Mer* n° 1, 1996, pág 14)

⁵⁸Il avait déniché, par un loyer ridicule, au 43 de la rue Blomet, tout au fond de l'immeuble, un vaste atelier donnant de plan-pied sur une espèce de terrain vague où l'herbe poussait à merveille. Naturellement, à part l'électricité, il n'y avait pas le confort. Robert y avait installé un grand poêle, un divan, et des meubles achetés chez des petits brocanteurs. Je ne sais pas si c'était dû à l'acoustique ou aux grandes verrières, mais l'endroit était infiniment plaisant et se prêtait d'une manière parfaite aux auditions de disques, aux conversations amicales, au travail poétique. On s'en détendait, sans même s'en apercevoir. C'est pourquoi tant de personnes y venait passer

Após uma breve passagem pela rua Lacretelle, quando começa o seu casamento com Youki Desnos, o casal instala-se na rua Mazarine. O trabalho como jornalista está firme, e é isso que essa moradia comprova. Aos sábados, eles abrem as portas da casa para os amigos – de diversas origens, destinos e nacionalidades. Em épocas diversas, por lá passaram Rafael Alberti, Nicolas Guillén, Alejo Carpentier, David Alfaro Siquiros, Hemingway, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Picasso e outros.

Desnos mostrou na sua obra as ruas, os *boulevards*, as praças e as pontes de Paris que ele amava. No romance *Liberdade ou Amor!* a cidade transforma-se em teatro em que suas ruas são tanto o cenário quanto o ritmo imposto ao romance. No primeiro capítulo, passeamos pela rua das Pirâmides, de onde os personagens caminham em direção à Praça da Estrela, lugar do encontro mítico de todas as estrelas que vão assombrar a vida e a obra de Desnos: estrela do mar “Cinco ramos! Cinco dedos em uma mão, cinco sentidos, por isso!”.⁵⁹ E daí vão se desenrolando os locais emblemáticos da cidade – igreja de Saint-Julien-le-Pauvre, Montparnasse, Monceau, Madeleine, Ponte de Passy, Porta Maillot e as Praças La Fayette, das Vitórias, Vendôme, Delfina e da Concórdia.

Atento a todo movimento a influenciar o aspecto da cidade, Desnos traz para sua obra as imagens da propaganda – Desnos trabalhou em rádios produzindo *jingles* – e também fazia parte do livro a figura publicitária do Bebê Cadum nas propagandas fixadas pela cidade como a contemplar todas as cenas e os rituais da narrativa: “Bebê Cadum, magnificamente iluminado, permanece só, testemunha atenta dos acontecimentos dos quais a rua, esperemo-lo, será o teatro”⁶⁰ “Ele está por toda parte: “ O vento soprava sobre a cidade. Cartazes do Bebê Cadum chamavam os emissários da tempestade e, sob a sua guarda, a cidade inteira tinha convulsões”.⁶¹

As duas mulheres presentes na vida e na obra de Desnos foram a cantora de *music-hall* Yvonne George e Youki Desnos – respectivamente personificadas pelos vultos da Estrela e da Sereia. Elas eram:

«Fictícias e imutáveis, ou então reais e intangíveis por detrás da janela, em uma tela de cinema ou em um palco de *music-hall*, as mulheres que agradam Desnos lhe

plusieurs heures, même en l’absence du maître de maison, la clef étant, en permanence, nichée dans un trou de mur. (DESNOS, Youki, *Les Confidences de Youki*, pág. 129).

⁵⁹Cinq branches! cinq doigts dans une main, cinq sens, voilà!” (SIMMONET, 1996, pág. 17)

⁶⁰DESNOS, Robert, *Liberdade ou Amor* pág. 32. Tradução de Éclair Antônio Almeida Filho e Odulia Capelo Barroso.

⁶¹DESNOS, Robert, *Liberdade ou Amor* pág. 28. Tradução de Éclair Antônio Almeida Filho e Odulia Capelo Barroso.

deixam sempre sua inconsistência. Fantasmas ainda, sonhadas mais do que possuídas, elas são então (por isso mesmo?) os personagens, os pontos de origem e a destinação de sua escritura » (FLIEDER, 2012, pág. 115).⁶²

O amor desesperado de Desnos pela cantora belga Yvonne George, estrela encontrada em 1925 e que foi a primeira grande paixão de Desnos, aconteceu em seu período surrealista e era dominado por imagens de um desejo ao mesmo tempo ardente e sombrio. A estrela está em inúmeros de seus trabalhos, com sua presença sempre marcada pela falta: é a fugitiva, uma mulher misteriosa, uma aparição. O romance *Liberdade ou Amor!* lhe foi dedicado nesses termos “À Liberdade, ao Amor, àquela que os encarna”. Assim Desnos fala de Yvonne, atribuindo a ela alguns de seus temas preferidos – o mar, a morte, o encantamento:

A voz de uma mulher... O oceano alastra-se sobre o palco do music-hall com todos os atores das tragédias e das suas lendas. Uma proa enorme que pega a alma dos espectadores. Eles tentam por um instante ficar na superfície entre os destroços e as grandes manchas do arco-íris de petróleo e de óleo que assinalam o lugar dos grandes naufrágios. Mais o fluxo ideal é mais forte ... a voz de uma mulher.⁶³

Entre os poemas dedicados à estrela, o famoso poema “*J’ai tant trêvé de toi*”

SONHEI TANTO CONTIGO

Sonhei tanto contigo que tu perdes tua realidade.
É ainda tempo de alcançar este corpo vivo e de beijar sobre esta
boca o nascimento da voz que me é cara?
Sonhei tanto contigo que meus braços habituados abraçando tua sombra à se
cruzar sobre meu peito não dobrariam a contorno de teu corpo,
talvez.
E que, diante da aparência real do que me ocupa e me governa
há dias e anos tornar-me-ei uma sombra sem dúvida.
Ó balanças sentimentais.
Sonhei tanto contigo que não é mais tempo sem dúvida que eu desperte.
Durmo ereto, o corpo exposto a todas as aparências da vida e
do amor e tu, a única que conta hoje para mim, eu
poderia menos tocar tua fronte e teus lábios que os primeiros
lábios e a primeira fronte que vieram.
Sonhei tanto, caminhei tanto, falei, deitei com teu fantasma que não
me resta mais talvez, e entretanto, senão ser fantasma entre os
fantasmas e mais sombra cem vezes que a sombra que passeia e
passará alegremente sobre o quadrante solar de tua vida.⁶⁴

⁶²Factices et figées, ou bien réelles ou insaisissables derrière un vitre, sur un écran de cinéma ou une scène de music-hall, les femmes qui plaisent à Desnos lui laissent souvent leur inconsistance. Fantômes encore, rêvées plutôt que possédées, elles sont alors (pour cela même ?) les personnages, les points d’origine et les dédicataires de l’écriture. (FLIEDER, Patrice, Guide du Paris Surréaliste, 2012, pág. 115).

⁶³ La voix d’une femme... et l’océan déferle sur la scène du music hall avec tous les acteurs de ses tragédies et de ses légendes. Une étrave géante que prend l’âme des spectateurs. Ils tentent un instant de se maintenir à la surface parmi le épaves et ces grands taches d’arc-en-ciel de pétrole et d’huile qui signalent le lieu des naufrages. Mais les flux idéal et plus fort ... la voix d’une femme. (DUMAS, pág. 289)

⁶⁴J’ai tant rêvé de toi que tu perds ta réalité.

Est-il encore temps d’atteindre ce corps vivant et de baiser sur cette
Bouche la naissance de la voix qui m’est chère?

O encontro com Youki aconteceu em 1928, antes mesmo da morte precoce de Yvonne. Na época, Youki estava casada com o pintor de origem japonesa Foujita. Foi o pintor que rebatizou aquela que então se chamava Lucie de Youki, que, em japonês, significa “Neve Rosa”.

Para o poeta as duas mulheres têm uma solução de continuidade, a imagem de uma se prolonga na outra. Assim fala Valéry Hugotte desse deslocamento e continuidade do amor do poeta, da renovação que para ele foi uma nova paixão:

Certamente, a vitalidade da nova inspiração do poeta ao se liberar da tensão suicida que Yvonne Georges simbolizou. Mas esse renascimento que devia marcar a vida afetiva do poeta não podia para ele acontecer sacrificando a estrela ... em Youki, vemos menos uma rival de Yvonne George do que uma duplicata dela: muitas coincidências entrelaçaram os caminhos das duas mulheres para não assinalar um parentesco profundo. O poema saberá reunir esses sinais e integrá-los ao mito pessoal do poeta para fazer dessa sucessão uma verdadeira ressurreição.⁶⁵

Youki Desnos foi uma das rainhas da noite de Montparnasse, a sua linguagem expressiva e popular encantava o poeta. Para ela escreveu, entre outros textos, *Youki 1930 Poésie*, *Le Livre Secret pour Youki* e o longo poema *Siramour*.

Do cárcere, envia a carta datada de 15 de julho de 1944, da qual reproduzimos um excerto:

Meu amor,
Nosso sofrimento seria intolerável se não pudéssemos considerá-lo como um mal passageiro e emocional. Nosso reencontro embelezará a nossa vida por pelo menos trinta anos. Da minha parte, eu tomo um bom gole de juventude: voltarei repletode

J'ai tant rêvé de toi que mes bras habitués en étreignant ton ombre à se Croiser sur ma poitrine ne se plieraient pas au contour de ton corps, Peut-être.

Et que, devant l'apparence réelle de ce qui me hante et me gouverne Depuis des jours et des années je deviendrais une ombre sans doute. Ô balances sentimentales.

J'ai tant rêvé de toi qu'il n'est plus temps sans doute que je m'éveille. Je dors debout, le corps exposé à toutes les apparences de la vie et De l'amour et toi, la seule qui compte aujourd'hui pour moi, je Pourrais moins toucher ton front et tes lèvres que les premières Lèvres et le premier front venu.

J'ai tant rêvé, tant marché, parlé, couché avec ton fantôme qu'il ne me reste plus peut-être, et pourtant, qu'à être fantôme parmi les fantômes et plus ombre cent fois que l'ombre qui se promène et se promènera allègrement sur le cadran solaire de ta vie. (Tradução de Éclair Antônio Almeida Filho)

⁶⁵Et certainement, la vitalité de la nouvelle égérie du poète l'aïda à se libérer de la tensions suicidaire qu'un Yvonne Georges avait incarnée. Masi cette renaissance qui devait marquer la vie affective du poète ne pouvait pour lui se faire au sacrifice de l'étoile.... En Youki, il voit moins qu'une rivale de Yvonne Georges qu'un double de celle-ci : trop de coïncidences on fait se croiser les chemins des deux femmes pour ne pas révéler une parenté profonde. Le poème saura rassembler ces signes et les intégrer au mythe personnel du poète pour faire de cette succession une véritable résurrection. HUGOTTE, Valérie, Robert Desnos, *La vie à venir*, 1995, pág. 32. (Tradução nossa).

amor e de força. Durante o trabalho um aniversário, meu aniversário, foi a ocasião de muito pensar em você. Esta carta chegará ao teu aniversário? Gostaria de te oferecer 100 000 cigarros da Virginia, doze vestidos dos grandes costureiros, o apartamento da rua de Seine, um automóvel, a casinha da floresta de Compiègne, a da Belle-Isle e um pequeno buquê de quatro centavos. Na minha ausência, compre sempre as flores. Eu as pagarei a você. O resto, eu te prometo para depois.
Robert⁶⁶

O desmedido apego de Desnos pela vida e por tudo aquilo que é vivo não retira do seu imaginário a paixão da morte. A poeticidade de Desnos faz aliança com seus amores em um caminho que possa levar ao conhecimento e ao brilho – seus amores são sereias e estrelas. O céu e o mar estão fiéis nessa metáfora. Os locais onde viveu são eles também os construtores – dos monstros do quartier Saint-Merri à serenidade da Rue Mazarine – onde seus delírios podem conviver tranquilamente com sua lucidez, inclusive a de saber o tempo de resistir e lutar.

⁶⁶DUMAS, Marie Claire, Œuvres, pág. 1277

Mon Amour,

Notre souffrance serait intolérable si nous ne pouvions pas la considérer comme une maladie passagère et sentimentale. Nos retrouvailles embelliront notre vie pour au moins trente ans. De mon côté, je prends une bonne gorgée de jeunesse: je reviendrai rempli d'amour et des forces. Pendant le travail un anniversaire, mon anniversaire fut l'occasion d'une grande pensée pour toi. Cette lettre parviendra-t-elle à temps pour ton anniversaire? J'aurais voulu t'offrir 100 000 mil cigarettes blondes, douze robes des grands couturiers, l'appartement de la rue de Seine, une automobile, la petite maison de la forêt de Compiègne, celle de Belle-Isle et un petit bouquet à quatre sous. En mon absence, achète toujours les fleurs, je te les rembourserai. Le reste, je te le promets pour plus tard.

Robert

V – O VINHO ESTÁ SERVIDO

Neste capítulo do nosso trabalho falaremos sobre o romance em uma análise que vai expor as questões relativas ao texto que estamos estudando, as indagações sobre o lugar que ele ocupa na obra de Desnos, os seus personagens e as mediações que o texto de Desnos traz com concepções analíticas sobre o espaço da convivência e do uso das cidades na atualidade.

A figura do *flâneur* no imaginário francês é recorrente, podemos apontar muitos escritores que usaram os ambientes da cidade de Paris em seus escritos – Victor Hugo, Baudelaire, Proust, entre muitos outros.

Benjamim fala que:

“Paris criou o tipo do flâneur. É estranho que não tenha sido Roma... Pois não foram os forasteiros, mas eles próprios parisienses que fizeram a terra prometida do flâneur, a “paisagem construída de pura vida”, como Hofmannsthal certa vez a chamou. Paisagem – é nisto que a cidade de fato se transforma para o flâneur. Ou mais precisamente: para ele, a cidade cinde-se em seus polos dialéticos. Abre-se para ele uma paisagem e fecha-se em torno dele como um quarto”.⁶⁷

Possivelmente podemos verificar nessa indagação de Benjamim – porque Paris? - situações relacionadas ao fato que foi lá que antes disso ocorreu uma revolução que estabeleceu a presença proeminente das pessoas no centro da vida em comunidade na figura emblemática do cidadão. Assim, o espaço público existe contrapondo-se ao espaço privado. Mesmo com a remodelação de Paris realizada pelo Barão Haussmann que, além de embelezar a cidade, deixou-a pronta para melhor enfrentar as revoltas dos seus habitantes – por exemplo, as largas avenidas ligando os *quartéis* e os *quartiers*.

Mas é sobre o tempo da modernidade que fala Benjamim, como essa população que faz da rua a morada do coletivo, o entrecruzamento da rua e da moradia como “aquela embriaguez anamnésica, na qual o *flâneur* vagueia pela cidade, não se nutre apenas daquilo que lhe passa sensorialmente diante dos olhos, mas apodera-se frequentemente do simples saber, de dados inertes, como de algo experienciado e vivido”⁶⁸.

Ele também flana por Paris e as suas observações refletem a fruição dessa posse, o pulsar dessa aglomeração urbana. São os trabalhadores que penduram seus paletós nas grades das ruas, as vitrines atraindo o público; as passagens e o ingresso do ferro como material da modernidade; a solidão noturna e os passos ecoando nos boulevards; o início do transporte público de massas; a indecisão, a ociosidade e as experiências do flâneur. Também percebe os próprios limites e as influências na cidade quando diz: “Em uma cervejaria nas proximidades

⁶⁷BENJAMIN, Walter, Passagens, Volume II, 2018, pág 702.

⁶⁸BENJAMIN, Walter, Passagens, Volume II, 2018, pág 703.

da Gare Saint-Lazare, Des Esseintes já se sente na Inglaterra.”⁶⁹ Nessa cidade também estão disponíveis as reminiscências de outrora:

“Ele está diante da Notre-Dame-de-Lorette, e suas solas recordam: este é o lugar onde outrora o cavalo suplementar – o cheval de renfort – se atrelava ao ônibus que subia a Rue des Martyrs até Montmartre. Ele ainda daria tudo o que sabe sobre o domicílio de Balzac ou de Gavarni, sobre o lugar de um assalto ou mesmo de uma barricada, em troca da capacidade de farejar uma soleira ou de reconhecer pelo tato um ladrilho, como o faria qualquer cão doméstico .”⁷⁰

Essa impregnação do passado também é narrada quando Columot procura um pouco de consolo na igreja Notre-Dame-des-Victoires:

A penumbra do lugar o acolheu e a sombra o envolveu na sua roupa de festa. Toda a decoração evocava as festas italianas, os encontros galantes e uma austeridade mundana. As lajes do piso pareciam roídas pelas lágrimas. Há muito tempo este local é o santuário da dor e da esperança para que o ar não esteja impregnado. É a encruzilhada das tristezas do coração. A mãe vem pedir a vida do seu filho e a prostituta a liberdade do seu cafetão. Algo pagão além dessa atmosfera católica, um sopro que vem de antes do cristianismo, além mesmo da época em que, provavelmente, um templo para Vênus estava lá, correndo pela nave deste lugar predestinado desde os tempos pré-históricos às grandes efusões do coração, aos sentidos e à imaginação.⁷¹

O romance *O vinho está servido* foi lançado em 1943, durante o curso da 2ª Guerra Mundial. O livro conta a história de várias pessoas que se frequentam assiduamente para o uso de droga. É um grupo cuja maioria é composta por jovens, exceto pelo personagem já mais idoso - e experiente - o médico Auportain.

O prefácio dessa edição explana que muito já foi escrito sobre o mundo das drogas e assinala que a questão geralmente é tratada dentro de dois campos temáticos sobre o assunto – aqueles textos que foram escritos por usuários e os que foram realizados por pessoas ignorantes sobre a questão, mesmo com bons propósitos. Distinto dessas abordagens, o livro apresentado busca apresentar a questão da droga em um plano realista. Situa esse assunto nos seguintes termos:

⁶⁹BENJAMIN, Walter, Passagens, Volume II, 2018, pág. 749.

⁷⁰BENJAMIN, Walter, Passagens, Volume II, 2018, pág. 701.

⁷¹L'ombre l'y accueillit et l'enveloppa dans son domino de bal. Tout le décor évoquait les fêtes italiennes, les entretiens galants et aussi une austérité mondaine. Les dalles sur le sol semblaient rongées par les larmes. Depuis trop longtemps ce lieu est le sanctuaire de la douleur et de l'espoir pour que l'air n'en soit pas imprégné. C'est le carrefour des chagrins du cœur. La mère vient y demander la vie de son fils et la prostituée la liberté de son souteneur. Quelque chose de païen en plus de cette atmosphère catholique, un souffle qui vient d'avant le christianisme, de plus loin même que les temps où, probablement, un temple à Vénus se dressait là, parcourt la nef de ce lieu prédestiné depuis la préhistoire aux grandes effusions du cœur, des sens et de l'imagination. (Todas as traduções assim referidas são nossas)

Mas, apesar deles, os primeiros, desde Thomas de Quincy, sempre apresentam a musa negra ou branca com aspectos sedutores. Os segundos não tentaram penetrar no drama que acontece com esses homens e mulheres fadados a um trágico destino. Especialmente nunca ninguém tentou colocar a questão da droga sobre um plano realista.⁷²

Depois o autor esclarece que pretende, sem mesmo saber se alcançou o seu propósito, demonstrar que, cada vez mais,

A questão social é responsável pela difusão cada dia maior das drogas, que os intoxicados merecem ser trazidos para a vida real, que a legislação atual é absurda, injusta, nefasta e que é relevante, com a colaboração do corpo médico, reformar um código bárbaro.⁷³

O livro está estruturado em capítulos curtos –pequenos fragmentos -, cada um deles falando sobre um dos personagens do grupo de quase amigos, ou de um acontecimento singular das praticas por eles realizadas. Essas pessoas têm origem social diversa, com atividades diferentes e sua ligação subordina-se a um só propósito – juntos fazerem uso de substâncias entorpecentes. Isso permite ao texto uma velocidade narrativa, assim como uma leitura que poderia acontecer de forma independente para cada um dos capítulos, assemelhando-se a uma crônica onde são tecidos comentários sobre os personagens e suas vidas.

Sobre essa prática grupal do uso das drogas, temos as observações de Walter Benjamim:

É comum a muitas drogas potencializarem o prazer de estar com parceiros, ao ponto de desenvolver em certas pessoas uma espécie de misantropia. O convívio com outros que não partilhem as suas práticas parece-lhes sem interesse e maçante. É evidente que nem sempre esse fascínio se explica pelo nível da conversação que se desenvolve. Mas, por outro lado, é provável que a razão pela qual muitas das pessoas que organizam regularmente essas sessões as acham especiais não esteja apenas no desaparecimento das inibições. O que parece acontecer mais é a aproximação de inferioridades, dos complexos e das perturbações que os vários parceiros partilham.⁷⁴

A narrativa do livro é conduzida por Antoine Maison, um personagem que guarda alguns contatos com o próprio autor. Para Marie-Claire Dumas: “Evidentemente Desnos se apoia em sua própria experiência com as drogas no decorrer dos anos 20 e no exemplo

⁷² Mais, malgré eux, les premiers, depuis Thomas de Quincy, ont toujours présenté la muse noire ou blanche sur des aspects séduisants. Les seconds n'ont pas tenté de pénétrer le drame qui se joue en ces hommes et ces femmes voués à un destin tragique. Surtout on n'a pas jamais tenté de poser la question de la drogue sur un plan réaliste. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1001.

⁷³ la question sociale est responsable de la diffusion chaque jour plus grande des drogues, que les intoxiqués méritent d'être rendus à la vie réelle, que les lois des représentations actuelles sont absurdes, injustes, néfastes et qu'il importe, avec la collaboration du corps médical, de reformer un code barbare. Robert, Desnos, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1001.

⁷⁴ BENJAMIM, Walter. *Imagens de pensamento, Sobre o haxixe e outras drogas*. 2013, pág. 164.)

patético de Yvonne George, que se tornou como muitos jovens ao seu redor, dependente do veneno até morrer disso.”⁷⁵

Barbara é o grande amor de Antoine. Por ela

Ele reproduziu, sem suspeitar, em seu pequeno romance, os fatos e gestos de grandes homens que passaram após a morte para a categoria de mitos. Ele aprendeu a se vestir com bom gosto. Ele se mudou e soube escolher sua casa. Sua fortuna não lhe permitia ter uma moradia suntuosa. A dele era charmosa. Sua simplicidade parecia intencional. Sua própria originalidade explicava uma escolha que era determinada apenas pelo dinheiro, mas que parecia ser o resultado de sua fantasia.

Assim como Desnos em sua juventude, Antoine Maison está prestando o serviço militar no Marrocos e, no primeiro capítulo do livro, a cena descrita é a de um cavalo desgarrado que assombra as pessoas do quartel, em um ambiente onírico no qual as sombras do luar criam significados e refletem o lugar onde estão as muralhas da cidade árabe. Era uma noite na qual:

“a angústia dos soldados negros passou aos árabes, aos Kabyles. Ela conquistou os europeus: rapazes de Paris, lavradores da Beauce, vinicultores da Borgonha. Em voz baixa, trocaram histórias de fantasmas, de mortos-vivos e casas assombradas que todo homem guarda para noites como esta.”⁷⁶

Logo depois, guardando aqui mais um contato manifesto com a experiência amorosa de Robert Desnos por Yvonne George, Antoine ama Barbara e o caminho apresentado para aproximação da mulher amada é a droga. No capítulo no qual são apresentados muitos dos personagens, em uma noite de consumo de drogas, Antoine Maison declara para o médico Auportain seu amor por Barbara e diz: Mas eu só posso me aproximar de Bárbara fumando...

⁷⁷ Esse motivo de pertencimento de Maison ao grupo manifesta-se em várias outras ocasiões. Vejamos: “... no último 14 de julho, na casa de Barbara. Foi com ela que ele conheceu a droga, é com a droga que ele tenta conhecê-la melhor.”⁷⁸; “o amor, mais do que a droga, ocupava Antoine, dirigia sua vida, justificava as suas ações”⁷⁹, Antoine não usava mais

⁷⁵Desnos s'appuie évidemment sur sa propre expérience des drogues, au cours des années 20, et sur l'exemple pathétique d'Yvonne George, devenue, comme beaucoup de jeunes gens d'autour d'elle, dépendance du poison, jusqu'à en mourir. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, Pág 980. (Todas as traduções assim referidas são nossas)

⁷⁶Mais l'angoisse des soldats nègres s'était communiquée aux Arabes, aux Kabyles. Elle gagna les Européens : gars de Paris, laboureurs de Beauce, vigneron de Bourgogne. À mi-voix ils échangèrent les histoires de fantômes, de revenants et de maisons hantées que tout homme garde en réserve pour des soirs comme celui-là. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1003.

⁷⁷ Mais je ne puis approcher Barbara qu'en fumant... DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1007.

⁷⁸le 14 juillet précédent, chez Barbara. C'est par elle qu'il a connu la drogue, c'est par la drogue, qu'il essayait de la connaître mieux. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1010.

⁷⁹l'amour, plus que la drogue, occupait Antoine, dirigeait sa vie, justifiait ses actions ». DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1089.

droga. Nós já havíamos dito que seu interesse pela droga estava ligado à presença de Barbara.

80

Barbara é a pessoa em torno da qual o grupo gravita. O seu charme atrai todos; sua riqueza facilita o consumo das drogas. É uma adicta convicta, que transita pelo mundo meramente para se permitir o prazer que acredita estar associado ao consumo de drogas. Esse prazer a distancia de uma vida de laços reais com o mundo. No texto, há uma breve menção ao abandono familiar que ela vivenciou.

As jovens mulheres do grupo são Lily, Marie-Jacqueline, Berthe, Jeanne, Simone e Noelle. Sobre essas mulheres, alguns registros. Sobre Berthe:

Era uma bela moça que levava a vida com a frieza e a imprudência de um grande aventureiro. Nada lhe surpreendia a não ser a surpresa dos outros diante dos seus atos por vezes delirantes. Quem era seu pai, sua mãe, sua família? Ninguém sabia. Diziam que era aparentada a um famoso embaixador e que era aceita em lugares muito seletos em Londres. Para o resto, procure quem quiser.⁸¹

Outra personagem, Lily, sabe-se que: “Julie Angelot, conhecida por Lily, só tinha para seduzir o frescor de seus dezoito anos. Onde Berthe a encontrara? Chegou com ela numa noite de drogas na casa de Courvoisier, lhe administrou doze cachimbos de ópio com os quais a pequena pensou que ia morrer”⁸²

Simonne era uma amiga de infância de Barbara :

Era uma mulher de quarenta anos, sempre alegre, ainda nova. Ela só aparecia raramente nos encontros para o consumo de drogas. Precisava estar sozinha ou se esquivar dos seus por algumas horas durante a tarde. Depois de vinte anos de casamento seu marido a tratava mais como uma agregada do que como esposa. A fadiga das maternidades, a monotonia das suas ocupações, a ociosidade pouco a pouco a afastaram da sua família. Para ela, o ópio era um refúgio, um prazer secreto que se concedia de tempos em tempos. Amava a companhia desses diferentes cuja fantasia lhe divertia.⁸³

As outras eram mulheres jovens, desgarradas, que perambulavam pela vida sem nenhum propósito definido. Não merecem mesmo nenhum comentário particular do autor.

⁸⁰Antoine ne prenait plus de drogue. Nous avons déjà dite que son goût pour celle-ci était lié à la présence de Barbara. » DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1124).

⁸¹C’était une belle fille qui apportait dans la vie une froideur et un insouciance de grande aventurière. Rien ne l’étonnait sauf l’étonnement des autres devant ses actes parfois délirants. Qui étaient son père, sa mère, sa famille ? Nul ne le savait. On la disait apparentée à un célèbre ambassadeur et elle était reçue dans des lieux très fermés de Londres. Pour le reste, cherchait qui voulait. (DUMAS, pág.1009).

⁸²Julie Angeot, dit Lily, n’avait pour séduire que la fraîcheur de ses dix-huit ans. Où Berthe l’avait-elle trouvée ? Elle était arrivée avec elle un soir de fumerie chez Courvoisier, lui avait administré douze pipes d’opium dont la petite avait pensé crever. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1009.

⁸³C’était une femme de quarante ans, toujours gaie, encore fraîche. Elle n’apparaissait que rarement aux fumeries. Il lui fallait d’être seule ou dérober aux siens quelques heures dans l’après midi. Après vingt ans de mariage son mari la traitait en associé plus qu’en épouse. La fatigue des maternités, la monotonie de ses occupations, l’oisiveté l’avait peu à peu éloignée de son ménage. L’opium était pour elle un refuge, un secret plaisir qu’elle s’accordait de temps à autre. Elle aimait la société de ces irréguliers dont la fantaisie l’amusait. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1110.

Somente a conduta delas é objeto de escassas observações. A presença delas se dilui no arranjo do grupo.

Os homens que pertenciam ao grupo tinham trajetórias aleatórias entre eles mesmos. Alguns deixaram algo para trás no qual poderiam ter direcionado com sucesso suas vidas. Artenac “apesar da sua elegância campesina e por causa do seu vigor, era considerado um rude.”⁸⁴

Sobre sua pessoa, o médico Auportain tece o seguinte comentário:

“Um imbecil. Você pode me dizer o que ele faz, além disso, aquele lá? Eu, com a carcaça que ele tem, na sua idade, já teria cruzado o Brasil, cuidado de rebanhos na Argentina, caçado elefantes na África e deixado um filho em todas as ilhas do Pacífico. Filho de burgueses, órfão e bastante rico para realizar as fantasias de um rapaz”⁸⁵

Courvoisier, físico, outrora fizera pesquisas científicas. Já capturado pela dependência química, ainda sonha em algum momento retomar aos estudos. Mas, detido pelo vício em seus anseios, o seu fim também está dentro do círculo que as drogas engendram – empobrecido, começa com o pequeno tráfico, é preso e suicida-se na cadeia. Pensava mesmo que poderia se recuperar: “tenho na minha casa dentro de uma gaveta, há três anos, todas as notas relativas às minhas pesquisas sobre os raios cósmicos e um manuscrito enorme quase pronto para imprimir. É um livro sobre a evolução dessa hipótese na física desde Descartes.”⁸⁶

Columot pilotava aviões de combate durante a 1ª Guerra Mundial. Como civil, herdou uma fábrica de cosméticos. Já Arichetti, segundo Barbara: “Ah! É um ser sensacional! A fantasia como homem. E tão engraçado!... Tem um talento extraordinário. Se quisesse ser decorador, ganharia uma fortuna. Todos os ricos de Paris são loucos por ele.”⁸⁷

Sobre Auportain : “Diziam que sua juventude fora brilhante e tumultuada, mas depois de duas gerações, as provas dessa nobreza mundana se perdem mais seguramente que os

⁸⁴ “malgré son élégance paysanne et à cause de sa robustesse, faisait figure de rustre” ; DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1004).

⁸⁵ “Un imbécile. Pouvez-vous me dire ce qu’il faisait aussi, celui-là ? Moi, bâti comme il est, à son âge, j’aurais traversé le Brésil, garder les troupeaux en Argentine, chassé des éléphants en Afrique et laissé un fils dans toutes les îles du Pacifique. Fils de bourgeois, orphelin et assez riche pour se passer des fantaisies de jeune homme.” DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1008.

⁸⁶ “j’ai chez moi dans un tiroir, Il y a trois ans, toutes les notes relatives à mes recherches sur les rayons cosmiques et un gros manuscrit presque prêt pour l’impression. C’est un livre sur l’évolution de l’hypothèse en physique depuis Descartes.” DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1063.

⁸⁷ “Oh! C’est un être délicieux. La fantaisie faite homme. Et tellement drôle!..Il a un talent extraordinaire. S’il voulait se mettre décorateur, il gagnerait des fortunes, Toutes les richards de Paris sont fous de lui...” DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1013).

pergaminhos da Idade Média. Esses jovens sabiam que o doutor Auportain tinha sido um rei em Paris nos anos 1890...”⁸⁸

O jovem Dondlinger, bombeiro, conhece Barbara quando vai consertar um vazamento de água no banheiro do apartamento dela, onde encontra pacotes com drogas esquecidas por lá. A partir de então, começa a frequentar os encontros para o consumo de drogas. Sua situação é assim descrita:

“No caso de Dondlinger existe, além de tudo, uma diferença enorme entre o seu nível social e o dos seus novos amigos. Não foi só perder as raízes, ele foi amputado de sua classe. Perdeu de uma vez só vez o seu bom senso, sua clara visão de mundo. A droga efetuou um desequilíbrio que só ela é capaz de provocar.”⁸⁹

Os outros personagens que compõem a narrativa de forma tangencial também pertencem ao mundo das drogas: o inspetor Estival, que, dando curso a uma investigação, apresenta-se um dia na casa de Antoine Maison. O policial é um velho amigo da juventude de Maison, com ele também teve o seu primeiro emprego na farmácia Columot; a senhorita Muche, vendedora de drogas, tão velha que participou do grande evento parisiense que foi o enterro de Victor Hugo, em 1885: “Eu sou apenas uma solteirona ... Senhorita Muche, professora de piano. Parece que já vivi cem anos...eu amo a renda. Sobretudo a bela renda preta”⁹⁰

Aos poucos, as mortes trágicas começam a acontecer. De overdose se vão Artenac, Barbara, Simonne; Arichetti passará o resto da sua vida no asilo; Courvoisier e Dondlinger se suicidam. Berthe morre de uma peritonite provocada por uma pastilha de ópio seguida alguns dias depois por Jeanne, por causa de uma febre tifoide. Com as mortes das colegas, Marie-Jacqueline vai morar com Lily. Desnos assim escreve sobre o sentimento e a reação dessas duas mulheres aos acontecimentos:

No fundo, as duas jovens não sentiram dor ou emoção. Encontraram apenas um alimento para conversas sentimentais nessas duas mortes que Noelle veio a compreender. Elas não deveriam, nunca mais, rever essa última. O que aconteceu com ela, ninguém nunca soube nada. Nós paramos de vê-la. Estes desaparecimentos são frequentes no mundo do ópio. Falamos dos ausentes um pouco mais que antes, mas esperamos encontrá-los no dia seguinte, ou anos depois, em um encontro

⁸⁸On disait que sa jeunesse avait été brillante et tumultueuse, mais, après deux générations, les preuves de cette noblesse mondaine se perdent plus sûrement que les parchemins du moyen âge. Ces jeunes gens savaient que le docteur Auportain avait été un roi de Paris dans les années 1890...(Dumas, pág. 1007) (Tradução nossa)

⁸⁹Dans le cas de Dondlinger il y avait, en outre, une différence trop grande entre son niveau social et celui de ses nouveaux amis. Il ne fut pas déraciné mais amputé de sa classe. Il perdit du même coup son bon sens, sa claire vision du monde. La drogue acheva un déséquilibre qu'elle était capable de provoquer à elle seule. DESNOS, Robert, Le vin est tiré in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1083).

⁹⁰“Je ne suis qu'une vieille fille... Mademoiselle Muche, professeur de piano. Il me semble que j' avait vécu cent ans... J'aime la dentelle. La belle dentelle noire surtout. ” DESNOS, Robert, Le vin est tiré in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1042).

casual.. Ela estava morta, viajando, presa, casada? Tinha desistido do seu vício? Ninguém nunca soube. Mas para Lily, como para Marie Jacqueline, sua memória permanecia ligada à das duas mortes. (Dumas, pág. 1116)⁹¹

Columot passa por uma desintoxicação e, depois, “ele era como um homem ao qual um cirurgião remove uma glândula indispensável ao exercício das faculdades humanas. O mundo e a vida lhe pareciam desprovidos de qualquer interesse.”⁹². Auportain continua com o ópio, única droga que utiliza.

Por fim “a morte de Barbara dispersou um pouco mais os amigos. Isso acontecia com eles como em todas as associações espontâneas provocadas por um vício ou simplesmente um gosto comum. O acaso os constitui e o acaso os dispersa. Nas sociedades de drogados a morte, o infortúnio e as mudanças desempenham um papel mais importante do que em qualquer uma outra.”⁹³

O trecho do romance que culmina com a morte de Barbara é conduzido com uma delicadeza e um lirismo significante que consiste também em uma homenagem latente do amor de Antoine conduzido pela mão do escritor. É todo um cenário de partida em que Barbara, caminhando pela cidade, despede-se intuitivamente do dia aprazível, dos amigos, da vida.

No início do fragmento, Barbara, sai para passear em um dia ensolarado. Na altura da praça da Ópera acha que viu Antoine. Não é ele, equivocou-se, mas logo depois ela encontra o verdadeiro Antoine, mais adiante na caminhada Auportain aparece.

A partir daí ela encontra com todos os amigos que ainda estão vivos – andando mais um pouco ela enxerga uma pequena senhora meio aborrecida e reconhece a mãe de Arichetti; um pouco mais e ela vê passando em um taxi alguém que identifica como sendo Lily, ou

⁹¹Les deux femmes n'en éprouvèrent au fond ni chagrin ni émotion. Elles ne trouvaient qu'un aliment à des causeries sentimentales dans ces deux morts que Noëlle était venue leur apprendre. Elles ne devaient pas, non plus, revoir cette dernière. Qu'arriva-t-il à elle, nul ne sut jamais. On cessa de la voir. Ces disparitions sont fréquentes dans le monde de l'opium. On parle des absents un peu plus longtemps qu'ailleurs, mais on s'attend à les retrouver le lendemain, ou des années plus tard, au hasard d'une rencontre Était-elle morte, partie en voyage, emprisonnée, mariée ? Avait-elle renoncé à son vice ? Nul ne le sut jamais. Mais pour Lily comme pour Marie-Jacqueline son souvenir resta lié à celui des deux mortes. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1116.

⁹²« il fut comme un homme auquel un chirurgien enlève une glande indispensable à l'exercice des facultés humaines. Le monde et la vie lui pâturent dépourvus de tout intérêt, de toute saveur. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág. 1139).

⁹³« la mort de Barbara dispersa un peu plus les amis. Il en était d'eux comme de toutes ces associations spontanées provoquées par un vice ou simplement un goût commun. Le hasard les constitue et hasard les disperse. Dans les sociétés des drogués la mort, infortune et les déménagements jouent un rôle plus grand qu'en toutes autre. Ce sont des rassemblements saisonniers si l'on donne au mot saison un sens plus large, aux dimensions de la vie. » DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, Œuvres, pág 1121).

Marie – Jacqueline usando as roupas que havia roubado de Lily. Era uma tarde propagando que:

O cortejo das horas continuou a sua rota pela cidade e pelo mundo ao som de relógios nem sempre alinhados, os motores dos carros e das fábricas, na fumaça de cigarros, ao ritmo mesmo do sangue que pulsava pelo mundo nas veias de milhões e milhões de homens. Todos os três estavam obscuramente cientes desse desgaste do universo, dessa projeção de energia através de espaços desconhecidos e, talvez, imaginassem perceber o movimento do planeta por distâncias assustadoras, nos territórios sempre novos do céu onde seu o destino o leva.

Despede-se dos amigos, pega um taxi e, num sinal fechado, cumprimenta Courvoisier que está em outro automóvel. Seguem caminhos distintos, cada qual para um lado diferente, e então Barbara resolve descer em um bar para um café. É quando Dondlinger surge em suas lembranças e:

Barbara sentiu-se imersa em uma atmosfera intangível que a separava do mundo. Este lhe parecia ilusório e distorcido como aquele que um peixe pode ver através do vidro do seu aquário. Os próprios sons chegavam até ela, lhe parecia assim, depois de sofrer uma transformação que os despojava de todos os sentidos.

Essa sucessão de encontros impulsionou as recordações e, nesse estado de ânimo, volta para o seu apartamento a pé, olhando nas vitrines uma pessoa ainda bela, mas possuída por um desespero sereno. Pensou ser a vontade da droga aquilo que a perturbava, mas já sentia a morte dentro dela.

Ao chegar em casa logo fuma um cachimbo, que não debela a sua dor:

Pelo contrário, ela parecia crescer, e também o local em que estava crescia enquanto que ela mesma minguava até ser apenas um átomo perdido na carne de um grande ser desconhecido, com vontades extraordinárias. O espelho do seu quarto estava distante dela por milhares de quilômetros e nas profundezas das suas águas se apinhavam milhares e milhares de rostos que ela fazia surgir à vontade. Ao mesmo tempo, ela percebeu com lucidez cruel os próprios movimentos do seu corpo: o burburinho do ar quando ele chegava aos seus pulmões, o circuito do sangue nas suas veias, artérias e coração, as palpitações do intestino e do estômago, o fígado funcionando. Até seus pensamentos agora pareciam concretos e a sua elaboração ela seguia desde as dobras do seu cérebro, até suas sensações que ela acompanhava nas suas transmissões ao longo dos nervos.

Por fim, ela se picou: “A partir de então, havia apenas um corpo invisível na escuridão, um corpo privado de sentimento, mas não de movimento, que esfriava pelas extremidades. Um gemido suave e regular ressonava.” A empregada encontrou Bárbara morta no dia seguinte.

Antoine Maison conseguiu manter interesses além do grupo de Barbara. Ele já exercia atividades que lhe permitiam uma ligação com a vida e foi capaz de ultrapassar os limites que não permitem sair da utilização de entorpecentes e a realização de conquistas e projetos

peçoais: “ele conhecia bem esse debate e qual energia lhe era necessária para sair de um sofá, onde ele tinha viajado através das sombras para a luz real do dia”⁹⁴

Marie-Claire Dumas emite a opinião de que este é um romance “à thèse” e, com isso, ele evidencia traços que estão presentes em outros romances desse gênero, ou seja, para ela, a simplificação dos personagens e elipses na narração dos episódios que dão a aparência de um folhetim ou de novelas.

Antes desse romance, Robert Desnos havia publicado *Nouvelles Hébrides ou les Penalités d’Enfer*”, em 1922; *DeuilpourDeuil*, em 1924; e *La liberté ou l’amour*”, em 1927. Essas obras do período no qual o poeta participava vigorosamente do coletivo surrealista são textos de uma qualidade onírica marcante. Nelas, o lirismo e a imaginação conduzem a narrativa. O lançamento deste novo romance foi a possibilidade de um novo objeto de pesquisa na obra do autor.

Desnos, no posfácio, em Notas sobre o Romance, falando sobre gênero de um romance, estabelece a pergunta:

Romance psicológico, romance de introspecção, realista, naturalista, alegórico, fantástico, noir, romântico, popular, novelas, humorístico, de circunstâncias, poético, futurista, marítimo, De aventuras, policial, científico, memórias históricas romanceadas, romances satíricos, filosóficos (obsceno, sádico, masoquista), contínuo, por letras... sim! Esqueço de todos. Que desordem, que confusão onde classificar Gide dentro disso, e Júlio Verne e Simenon e Dostoievski? Como descrever esse monstro disforme, esse gênero sem limite do qual nenhum crítico não delimitou realmente caminhos claros? Como se reconhecer nessas divisões arbitrárias que se aplicam ora ao estilo, ora ao sujeito, ora mesmo à importância da obra ou ao seu público? Mais ainda, qual romancista não pertence a vários gêneros ao mesmo tempo?⁹⁵

Entre aquilo que Desnos falou no prefácio deste livro – que se tratava de um romance realista – e o que ele indaga sobre as quase infinitas características de um romance podemos distinguir alguns rumos do trabalho de Desnos e também visualizar diversos elementos significativos que atravessam o livro e que estão presentes na sua escritura.

A atração pelas coisas mágicas e desconhecidas abre o livro – é quando um cavalo desconhecido assombra o quartel onde está Antoine, no Marrocos. Nesse mesmo quartel, a

⁹⁴« il connaissant bien ce débat et quelle énergie Il lui fallait pour passer du divan, où il avait voyagé à travers les ténèbres, dans la lumière réelle du jour. Son travail même l’avait préservé, protégé. Certains soirs de fatigue il préférait le bon sommeil naturel à l’insomnie dorée et il se couchait, sans voir personne, sans aller aux rendez-vous. » DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, 1100).

⁹⁵Roman psychologique, romans d’introspection, réaliste, naturaliste, allégorique, fantastique, noir, romantique, populaire, feuilleton, humoristique, d’atmosphère, poétique, d’anticipation, maritime, d’aventures, policier, scientifique, historique mémoires romancés, romances satirique, philosophique (gaillard, sadique, masochiste), fleuve, par lettres... oui ! et j’en oublie. Quel fatras, quelle confusion... où classer Gide là-dedans, et Jules Verne et Simenon et Dostoïevski ? Comment décrire ce monstre informe, ce genre sans limites où aucun critique n’a vraiment tracé de voies claires ? Comment se reconnaître dans ces divisions arbitraires qui s’appliquent tantôt ou style, tantôt au sujet, tantôt même aux poids de l’œuvre ou à son public ? Au surplus quel romancier n’appartient à plusieurs genres à la fois ? DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1150.

morte de um combatente estrangeiro ao corpo de soldados franceses e pertencente a uma tribo local chega já tomado pela febre que levará ao seu óbito. Sem explicação lógica, um grupo de pessoas da mesma tribo chega ao local – eles procuram por um amuleto que deveria estar com o morto. Antoine já havia encontrado esse amuleto, pois cuidara dos haveres do morto. Depois, quando volta para sua terra, cumprido o serviço militar, no navio que o conduz para casa, percebe que essa peça já não está mais com ele, ela simplesmente havia sumido. Essa lembrança do desaparecimento do talismã volta para Antoine na noite em que ele e seu grupo de amigos levam o cadáver de Artenac para escondê-lo depois da sua morte em uma overdose.

Finalizando o romance, Antoine está ao amanhecer no *Bois de Boulogne* quando um carro conduzido bem devagarzinho começa a passar bem rente a ele. No banco de trás do carro, uma belíssima mulher loura e completamente nua repousava. Depois de ignorar essa aparição insólita por várias vezes que o carro passou por ele, Antoine sobe no estribo e, sob o comando da passageira, o carro rapidamente segue o seu caminho. Antoine também segue o seu caminho, e ele vai dar em uma larga avenida de onde o aroma do café começa a se espalhar – O vinho está servido.

A presença de elementos mágicos na vida cotidiana foi um caminho que habitualmente apresenta-se na obra de Desnos desde quando ele ingressou no movimento surrealista. Essa presença está relacionada às pesquisas realizadas em relação ao acesso ao inconsciente propostas pelo grupo. A possibilidade de um contato mediúnico está presente no início da trajetória de Desnos, quando ele escreveu os aforismos de Rose Sélavy, que, ele dizia, eram comunicações telepáticas que aconteciam com Marcel Duchamp, na época residindo em Nova York. O mágico abrindo caminhos para o conhecimento de fatos futuros e cotidianos.

O espaço para falar dos que estão à margem da sociedade percorre o imaginário de Desnos, mesmo aqueles que infringiam a lei, desde quando ainda criança assistiu à prisão de Liaubeuf⁹⁶. Também escreveu sobre os crimes sádicos de Jack o Estripador e do francês Vacher⁹⁷, na época de jornalista no jornal *Paris-Matinal*.⁹⁸ No romance *O vinho está servido* as pessoas que aí são descritas consomem drogas e estão fazendo o uso de substâncias proibidas e no limite de arriscar as suas vidas.

⁹⁶Liaubeuf foi preso nos arredores de onde habitava Desnos. Ele matou por vingança um policial e feriu vários outros. No dia em que foi executado houve manifestações contrárias conduzidas por grupos anarquistas. DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1355.

⁹⁷Jack o Estripador foi um assassino em série na Inglaterra do final do século XIX e Vacher cometeu uma série de assassinatos na França, em suas andanças pelo país.

⁹⁸ DUMAS, Marie-Claire, *La guillotine sans couperet*, Poétiques de Roberto Desnos, pág.69.

A morte foi repetidamente lisonjeada e provocada na época dos *sommeils* e da paixão por Yvonne. Esse fantasma começa a ter outra consistência. É outra época que começa a ser vivida quando, nos anos 30, a morte ameaça toda a Europa pela ascensão dos totalitarismos e de uma guerra iminente. Da morte, desse desejo do naufrágio, vem a afirmação da vida. Da vida que se impõe porque não é mais uma opção, pois:

“Desafiar essa palavra exigirá fazer da sua obra a palavra mais viva – ao Viva a Morte opor um categórico Não Passarão, conjurar a morte, negá-la com toda a força de um poema. Palavra do poeta, palavra eminentemente política do mesmo modo que essas palavra contra toda opressão proclamam a esperança e a fraternidade, e contra a “morte que não existe” cantam um mundo onde “é bom viver e viver para sempre””⁹⁹

O poeta sempre teve conduzindo a sua escritura a musa inspiradora, o amor estava circulando em seus escritos constantemente. Podia ser um amor cortês, no sentido de que elegia um objeto para vislumbrar, desejar e atender aos seus mitos pessoais. É também um amor exigente, misterioso e sombrio. O abismo estava ao lado do mito construído: “o mito desnosiano do amor tem então uma dupla face: o amante perfeito é ao mesmo tempo aquele que está pronto a todas as violências e aquele que se submete aos desejos da amante.”¹⁰⁰

É o amor por Barbara que levou Antoine a viver em um cenário que não o aprisionou completamente e do qual ele se descobriu distante depois da sua morte. Essa presença do naufrágio seguido à morte ou ao abandono dessa encruzilhada também consta da trajetória do Corsário Solução que vai ao fundo do mar, volta em uma estalactite branca, atraca em um porto e volta a caminhar.¹⁰¹

Esses episódios apontam para um cenário no qual existe a possibilidade de uma ressurreição: o amor de Desnos pela *Étoile* renascia e estava presente na *Sirène*, assim como fala em seu poema “Siramour” :

Fora da garrafa derramada enquanto que, livre, a sereia estendida
no solo perto dessa catarata considera a estrela,
ora a negra, ora a azul e imagina reconhecê-la

⁹⁹ Défier cette mort exigera de faire de son œuvre la parole la plus vive – au *Vive la muerte* opposer un catégorique *No passarán*, conjurer la mort, la nier de toute la force du poème. Parole du poète, parole éminemment politique aussi bien que ces mots qui contre toute oppression proclament espoir et fraternité, et contre « la mort qui n'existe pas » chantent un monde « où fait bon vivre et vivre pour toujours » (HUGOTTE, pág. 34)

¹⁰⁰Le mythe desnosien de l'amour a donc double visage: le parfait amant est à la fois celui qui est prêt à toutes les violences et celui qui se soumet aux désirs de l'amante. DUMAS, Marie Claire in *Poétiques de Robert Desnos*, 1995, pág. 73)

¹⁰¹Corsário Solução é um personagem do romance de Desnos “Liberdade ou Amor”. É o herói da história. Evoca os folhetins da infância de Desnos, entre eles, *Fantômas*, de Pierre Souvestre e Marcel Alain, lançado entre 1911 e 1913. (DUMAS, Marie-Claire, *Poétiques de Robert Desnos*, pág. 67)

e de fato a reconhece ¹⁰²

A trajetória de Antoine após a morte de Barbara é de uma recuperação lenta, mas sólida e ancorada nas questões simples da vida. Inicialmente:

Ele se intoxicava sabiamente com uma dor mais artificial do que os paraísos que conheceu. Ele recolhia como fetiche as mínimas lembranças da morte e cantava para si mesmo, dia e noite, um hino fúnebre em sua honra. Ele pensou em se suicidar. Mas se a ideia se tornou íntima dele, ela não era sincera. Não que ele amasse a vida, mas a vida o amava. Ela o possuía. Ela o havia empurrado para o trabalho e, pelo trabalho, ela o preservou das drogas. Graças a ele, graças a ela, houve noites em que, cambaleando de fadiga, ele chegara para dormir. E esse sono era mais imperativo do que o ópio ou o amor. Ele o jogava na cama, sem jantar, por doze horas de trevas e de sonhos. E esse sono, essas trevas, esses sonhos tinham sido entreatos salutares. Graças a eles a droga não tinha autoridade sobre ele. Ela era sua serva e o mestre dessa serva ignorava sua riqueza.¹⁰³

As profundezas do abismo haviam sido deixadas para trás e Antoine seguia sua vida:

Uma manhã de sol frio e calçada deserta, Antoine acordou, lavado de seus escrúpulos e de suas velhas dores. Amor e tristeza haviam se cristalizado. Talvez tivessem marcado duas rugas na testa ou o primeiro cabelo branco nas têmporas? Mais uma vez o mundo lhe pareceu vasto, barulhento e digno de ser atravessado. Bárbara era apenas uma lembrança, mas uma lembrança inesquecível que, ao longo dos anos, provaria seu poder.¹⁰⁴

As trajetórias de Antoine e de Robert Desnos são avistadas nesse percurso no qual a voragem do abismo os fascina. O amor conduz Antoine para esse lugar, mas é o exercício de viver que o mantém afastado desse sorvedouro.

Como cenário um grupo de jovens drogados que, iludidos, procuram o maravilhoso pelas drogas e se afastam das possibilidades, cada qual deles por suas razões, de ter o seu lugar no mundo. Assim, o relato, entre tantas definições, pode também ser um testemunho.

¹⁰²hors de la bouteille renversée tandis que, libre, la sirène étendue sur le sol non loin de cette cataracte, considère l'étoile, la tantôt noire, la tantôt bleue, et s'imagine la reconnaître et la reconnaître en effet. (Extrato do poema SIRAMOUR) (Tradução nossa)

¹⁰³ Il s'intoxiquait savamment d'une douleur plus artificielle que les paradis qu'il avait connus. Il recueillait en fétichiste les moindres souvenirs de la morte et se chantait à lui-même, le jour et la nuit, un hymne funèbre en son honneur. Il pensa se suicider. Mais si l'idée lui en devint familière, elle n'était pas sincère. Non qu'il aimât la vie, mais la vie l'aimait. Elle le possédait. Elle l'avait poussé vers le travail et, par le travail, l'avait préservé de la drogue. Grâce à lui, grâce à elle, il y avait eu des soirs où, titubant de fatigue, il était rentré pour dormir. Et ce sommeil était plus impératif que l'opium ou l'amour. Il le jetait dans son lit, sans dîner, pendant douze heures de ténèbres et de rêves. Ce sommeil, ces ténèbres, ces rêves avaient été des entr'actes salutaires. Grâce à eux la drogue n'était pas autoritaire avec lui. Elle était sa servante et le maître de cette servante ignorait sa fortune. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1136

¹⁰⁴Un matin de soleil froid et de trottoir sec Antoine s'éveilla, lavé de ses vains scrupules et de ses vieilles douleurs. Amour et chagrin s'étaient cristallisés. Peut-être avaient-ils marqué deux rides sur son front ou les premiers cheveux blancs sur les tempes ? De nouveau le monde lui parut vaste et bruyant et digne d'être parcouru. Barbara n'était plus qu'un souvenir, mais un souvenir inoubliable qui devait, dans la suite des années, lui prouver sa puissance. DESNOS, Robert, *Le vin est tiré* in DUMAS, Marie-Claire, *Œuvres*, pág. 1146

VI – O POEMA EM PROSA

Dedica-se esta seção do trabalho para falar sobre o poema em prosa, um texto que encontrou na modernidade a sua feição ideal. Inicialmente, a menção ao inequívoco instituidor dessa modalidade – Baudelaire. Após, considerações teóricas sobre o tema, da lavra de Suzanne Bernard, uma referência obrigatória. Também traremos a palavra de Fernando Paixão, Octávio Paz, Jean Pierre Bertrand e Vadé sobre esse assunto. De posse dessas teorias, faremos uma análise do romance de Robert Desnos.

O poema em prosa é uma forma de escrita que se afirmou na França em meados do século XIX e traz em seu bojo as transformações literárias dos anos 1850/60. É uma forma poética que vem sendo desenvolvida na poesia francesa desde o Romantismo, quando se procurou romper com as convenções e os preceitos que sufocavam o espírito poético: a rima, a métrica e todas as regras do verso clássico. Assim como os românticos, depois esse estilo livre foi usado pelos simbolistas, sempre como ação derivada de uma revolta a todas as tiranias formais que pudessem impedir o poeta de criar uma linguagem individual, que o obrigassem a trabalhar em moldes já estabelecidos.

Antes, já havia sido publicado por Aloysius Bertrand o romance *Gaspard de lanuit*, um marco iniciante do gênero. Ele, juntamente com Alphonse Rabbe e Maurice Guérin, são conhecidos como “os três pequenos românticos” que começaram a preparar essa forma literária. Uma escrita repleta de novas possibilidades.

No entanto, o grande nome que trouxe para a primeira grandeza esse gênero foi o de Charles Baudelaire, que expõe sua intenção no prefácio de seu livro *Petits poèmes en prose*:

Qual de nós que não tem, nos seus dias de ambição, sonhado com o milagre de uma prosa poética, musical sem ritmo e sem rima, tão macia e maleável para se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência.¹⁰⁵

Escrito concomitantemente com os poemas de *Tableaux parisiens*, incluídos na 2ª edição de *Les Fleurs du mal*, o livro *Petits poèmes en prose* reelabora uma tradição francesa, formulando novamente, nos cenários da modernidade urbana, o gênero da prosa breve, do fragmento livre, divagante, satírico:

Na edição póstuma de que dispomos, “as cem bagatelas trabalhosas” previstas são apenas cinquenta. Livro desafortunado e projeto incompleto os *Petits poèmes en prose* são uma das obras-primas ou dos livros-chaves e documento de identidade da

¹⁰⁵ Quel est celui de nous qui n'a pas, dans ses jours d'ambition, rêvé le miracle d'une prose poétique, musicale sans rythme et sans rime, assez souple et assez heurtée pour s'adapter aux mouvements lyriques de l'âme, aux ondulations de la rêverie, aux soubresauts de la conscience? BAUDELAIRE, Charles, *Le spleen de Paris*, pág. 12, 2003 (Tradução nossa)

literatura moderna: diário em publico, exercício de repetição e de exorcismo, série aberta e inacabada de fragmentos em que Baudelaire expressou o seu amor e horror pelo presente, sua ideia da literatura e da poesia como evasão impossível e denúncia impotente.¹⁰⁶

Os poemas em prosa de Baudelaire, publicados em revistas e jornais diversos, foram reagrupados após sua morte, no tomo IV de suas Obras Completas., em 1869.¹⁰⁷ A coleção completa de 50 poemas, mais a introdução dirigida a Arsène Houssaye, já tinham sido publicadas anteriormente, de 1857 a 1865, em 73 periódicos diferentes quanto a seu formato assim como a sua linha política e editorial.¹⁰⁸

Jean-Pierre Bertrand aponta para as relações que Baudelaire estabeleceu com a nova forma do poema em prosa e a imprensa em sua busca, depois do romantismo, de uma expressão moderna da literatura. A publicação desses textos participa estreitamente de uma poética que retira boa parte de sua modernidade por serem inicialmente publicados nos jornais e revistas impressos. O romance, após a experiência decorrente da existência das novelas publicadas semanalmente nos folhetins, alcançou uma presença nos meios midiáticos que permitiu o lançamento de novos modelos de escrita e de recepção. A pergunta que Bertrand faz é: O que é que quer dizer afinal a poesia, um gênero aparentemente irreconciliável, por forma e significado, com a vida cotidiana?¹⁰⁹

A saída de Baudelaire a essa questão, longe de renunciar ao valor literário às exigências dos jornais, foi a de trabalhar com essa nova forma de escrever e então fez o poema em prosa sair do status da fantasia próprio do romantismo, para o gênero por excelência que se tornou com a poesia moderna, mas: A modernidade baudelairiana do poema em prosa não é abstrata ou teórica: ela é também técnica e apropriada à utilização que Baudelaire fez do gênero para uma audaciosa integração do jornal na poesia.¹¹⁰

Essa resposta de Baudelaire frente às demandas da modernidade foi uma entre tantas outras feitas por ele. A fragilidade e a vertigem do abismo e no desconhecido que está sempre presente e no horror que o cerca; a cidade moderna e a sua multidão:

De fato, o homem moderno começa a falar pela boca de Hamlet, Próspero e alguns heróis de Marlowe e Webster. Mas começa a falar como um ser sobre-humano e só depois de Baudelaire se expressa como um homem caído e uma alma dividida. O

¹⁰⁶BERRARDINELLI, Alfonso, Da poesia à prosa, 2007, pág. 17

¹⁰⁷VADÉ, Yves, Le Poème en Prose, 1994, pág 111

¹⁰⁸BERTRAND, Jean Pierre, pág. 138.

¹⁰⁹ BERTRAND, Jean-Pierre, pág. 131. qu'en est-il au juste de la poésie, genre apparemment inconciliable, et par la forme et par le sens, avec le quotidien ? (Tradução nossa)

¹¹⁰BERTRAND, Jean-Pierre, pág140 La modernité baudelairienne du poème en prose n'est pas abstraite ou théorique : elle est aussi technique, et correspond dans l'usage que Baudelaire a fait du genre à une audacieuse intégration du journal dans la poésie. pág. 140 (Tradução nossa)

que faz de Baudelaire um poeta moderno não é só a ruptura com o cristianismo, mas a consciência dessa ruptura.¹¹¹

Dessa maneira, o poema em prosa por ser dotado de uma autonomia que permite a fragmentação sem desnaturar o sentido convive com proporcionalidade com a página multifacetada de um jornal moderno. Projetado para ser um texto que transgride a fronteira entre gêneros, o poema em prosa tornar-se-ia o receptáculo ideal de toda a escrita desprovida de narração e poesia e que criaria suas próprias regras de significância para além daquelas já preestabelecidas:

Um gênero que, por suas virtudes de emancipação mas sobretudo pela sua condição contraditória, fez sonhar um bom número de poetas modernos. Podemos considerar então que foi Baudelaire quem lançou, sem disso saber ao certo, senão um modo, pelo menos esse conceito que será uma receita no discurso das vanguardas da segunda metade do século.¹¹²

A ambiguidade formal inerente ao poema em prosa – ele é prosa e poesia – essa oposição dificulta um entendimento das suas propriedades centrais – o texto busca todos os dispositivos da poesia, mas não tem a quebra de versos. O grande número de textos que podem estar incluídos no campo genérico dessa forma de escritura, de um modo ou de outro eles atendem a uma propriedade defendida pelos estudiosos da área, dificulta de modo pertinente à definição do campo de atuação. Essa questão está no centro dos estudos daqueles pesquisadores que se debruçam sobre o tema e auxiliam na compreensão daquilo que é um poema em prosa:

Sem dúvida, a dificuldade de atingir um consenso sobre o poema em prosa provavelmente está associada ao hibridismo e à diversidade de experiências que esse gênero permite. Ou seja, resulta de uma riqueza particular que merece ser conhecida e reconhecida, mesmo que não se encontre uma explicação cabal. Poética do risco.¹¹³

A progressiva pesquisa relacionada a esse tema tem em Suzanne Bernard, com o seu livro *Le Poème en Prose : De Baudelaire jusqu'à nos jours*, um marco teórico referencial. Sua

¹¹¹PAZ, Octavio, Casa de la Presencia, pág 20 Enefecto, el hombre moderno empieza a hablar por boca de Hamlet, Próspero y algunos héroes de Marlowe y Webster. Pero empieza a hablar como un ser sobrehumano y solo hasta Baudelaire se expresa como uno hombre caído y un alma dividida. Lo que hace a Baudelaire uno poeta moderno no es tanto la ruptura com el orden cristiano, cuanto la conciencia de esa ruptura (Tradução nossa)

¹¹²BERTRAND, Jean-Pierre - Un genre qui, en raison de ses virtualités émancipatrices mais surtout de son statue aporétique, a fait rêver bon nombre de poètes de la modernité. Considérons donc que c'est Baudelaire qui a lancé, sans eu être dupe, sinon un mode, du moins ce concept que aura fait recette dans le discours avant-gardiste de la seconde moitié du siècle. Pág. 132. (Tradução nossa)

¹¹³PAIXÃO, Fernando, Arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, pág. 29.

pesquisa demonstra que desde o início do desenvolvimento desse gênero¹¹⁴ esteve presente, na mente dos escritores que se comprometeram com essa nova forma, a vontade de libertação das convenções poéticas impostas à poesia pelas regras de métricas, prosódia, convenções de linguagem – o desejo desses escritores era o de separar a poesia da versificação. O caminho foi o de procurar na prosa o depositário dessa inovação pretendida.

Tentou-se então levar para a prosa algumas práticas abrigadas nos versos – a cadência em pares, as oscilações. No entanto, a prosa usufrui de suas próprias convenções e elas não aceitam as imposições vindas de fora e o poema em prosa escapa dessas estruturas oratórias, dos grandes ordenamentos lógicos para servir-se da grande plasticidade da prosa que permite uma grande variedade de formas para aí concretizar sua ideia poética. Essa junção pretendida cria um novo gênero que:

Tanto pelo vocabulário quanto pela estrutura da frase, a prosa introduz o realismo e a modernidade na literatura: a forma prosa presta-se, de fato, incomparavelmente melhor do que os versos a exprimir todos os aspectos da realidade contemporânea.¹¹⁵

Acrescenta ainda que o poema em prosa, justamente por ser escrito em prosa, acrescentou ao lirismo poético vários temas novos, que não eram aceitos na versificação clássica como a ironia, o bizarro, o confessional e o humor. Em prosa, o humor adquire um tom poético de uma maneira particular – o humor negro.¹¹⁶

Na tentativa de delimitar os atributos definidores do poema em prosa, Suzanne sugere os seguintes aspectos:

O poema em prosa supõe uma vontade consciente de organização em poema: ele deve ser um todo orgânico, autônomo, o que permite distingui-lo da prosa poética [...] isso nos permite reconhecer o critério de unidade orgânica: tão complexo que seja, e tão livre na aparência, o poema deve formar um todo, um universo fechado, sob a pena de perder a sua qualidade de poema [...] de um modo geral não se propõe ter qualquer finalidade além de si mesmo, não mais narrativo do que descritivo ... está condicionado a eles e os faz “trabalhar” num conjunto e para fins unicamente poéticos: aqui temos um critério de gratuidade [...] essas duas condições das quais acabo de mencionar, unidade e gratuidade, nos conduzem a uma terceira, mais particular para o poema em prosa que é a brevidade.¹¹⁷

¹¹⁴Fernando Paixão defende logo no prefácio do seu livro “ o poema em prosa constitui um gênero literário próprio, dotado de características que devem ser percebidas e debatidas”. , Fernando, arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, pág. 25

¹¹⁵BERNARD, , Suzanne, Le Poème en Prose. De Baudelaire jusqu’a nos jours, pág14-15, pág. 435. Tant par le vocabulaire que par la structure de la phrase, la prose fait entrer le *réalisme* et la *modernité* dans la littérature : la forme prose se prête, en effet incomparablement mieux que les vers à exprimer tous les aspects de la réalité contemporaine.

¹¹⁶André Breton lançou a *Anthologie de l’humour noir* que, segundo Suzanne Bernard, contem inúmeros textos de poemas em prosa.

¹¹⁷BERNARD, , Suzanne, Le Poème en Prose. De Baudelaire jusqu’a nos jours, pág. 435. Tant Le poème en prose suppose une volonté consciente d’organisation en poème : il doit être un tout organique, autonome, ce qui permet de le distinguer de la prose poétique [...] ceci nous admette le critère de l’unité organique : si complexe soit-il, et si libre en apparence, le poème doit former un tout, un univers fermé, sous peine de perdre sa qualité de poème [...] d’une façon générale un poème ne se proposer aucune fin en dehors de lui-même, pas plus narrative que démonstrative : s’il peut utiliser les éléments narratifs, descriptives ... c’est à condition de les et de les faire

Ao definir nessa tríade de unidade orgânica, brevidade e gratuidade o modelo para a compreensão do poema em prosa, Bernard estabeleceu os primeiros critérios para o entendimento desse novo gênero literário. Para ela esses princípios não são:

Elementos de uma beleza possível, mas realmente os elementos constitutivos sem os quais ele não existe e, além disso, existem em todo o poema em prosa ao mesmo tempo uma força de anarquia destrutiva e uma força de organização artística, e é dessa união dos contrários que vem o seu «dinamismo particular».¹¹⁸

A utilização do princípio da dualidade para explicar o mecanismo do poema em prosa também está presente em pesquisadores citados no livro de Fernando Paixão¹¹⁹ que admite esse princípio básico e pondera:

Assim, uma alternativa para sair do impasse teórico seria tomar essa característica como fator de identidade do poema em prosa – contradição expressa desde a denominação. Ao promover a convivência de duas dimensões distintas da linguagem e com infinitas possibilidades de mescla, não há como antever os caminhos do imaginário. O poema será tão mais singular quanto mais ele fugir aos padrões conhecidos – sem que se perca a unidade orgânica.

Tomando o contraditório como a essência do poema em prosa, assinala que essa ambiguidade pode ser uma força motriz da criação poética, tornando-a um tipo de escrita bem de acordo com a sensibilidade moderna. Assim, Paixão aceita essa definição primordial dessa escrita como derivada de um oxímoro e considera juntar a esse entendimento as conceituações de autores que já teorizaram sobre essa questão.¹²⁰

Em seguida, reflete sobre os princípios que ele identifica nos poemas em prosa – narrativos, descritivos e fônicos – mesmo ressaltando que esses princípios não atuam de modo independente e paralelo. Eles são estudados no sentido de facilitar a compreensão formal visto

« travailler » dans un ensemble et à des fins uniquement poétiques : nous avons là un critère de gratuité [...] Les deux conditions d'où je viens de parler, unité et gratuité, nous conduisent à une troisième, plus particulière au poème en prose, et qui est la brévité (Tradução nossa)

¹¹⁸BERNARD, Suzanne, *Le Poème en Prose. De Baudelaire jusqu'à nos jours*, pág. 763 « éléments de beauté possible, mais vraiment des éléments constitutifs sans lesquels il n'existe pas ; et d'autre part il y a dans toute poème en prose à la fois une force d'anarchie destructrice, et une force d'organisation artistique, et ce cette union des contraires que vient son « dynamisme » particulier ». (Tradução nossa)

¹¹⁹Em relação a essa questão da dualidade do poema em prosa como princípio central do gênero, Fernando Paixão analisou as proposições de Todorov e de Combe. Aquele constata como importante a recusa da representação, Combe vê nesse gênero uma recusa da narração in Fernando Paixão, *arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo*, pág. 15.

¹²⁰Sugere incorporar a brevidade, gratuidade e a unidade proposta por Suzanne Bernard; a dualidade apresentativa/representativa mencionada por Todorov; e a narrativa tensa da qual fala Combe. Diz que assim todos os contornos dessa nova poética são avaliados, in Fernando Paixão, *arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo*, pág. 8

que o que se observa na maior parte dos casos é uma fusão essencial desses elementos, que enfatiza ora um aspecto, ora outro.¹²¹

Constata-se que, mesmo nesse gênero tão impreciso e incerto para que sejam determinadas com alguma precisão as suas configurações, pode-se perceber um modelo que apresenta alguma sugestão de narratividade. A narrativa é “o domínio de uma linha de ação que é associada a um ou mais acontecimentos ou personagens que venha constituir um enredo mínimo.”¹²² Muitas vezes este princípio está associado ao transcorrer do tempo. É citado então como exemplo o ícone desse gênero, Baudelaire, que tem a narração como uma linhagem marcante de diversos textos em seu livro precursor.¹²³

Outro princípio a ser destacado por Paixão é o da descrição, que acontece no texto pela produção de significados. A descrição é uma parte importante na apresentação de detalhes significativos, aquilo que o escritor considera particular, um detalhe representativo do todo e que o configura. Nas suas palavras :

Com maior ou menor conteúdo subjacente, a descrição refere-se a uma plasticidade configurada em palavras. Em síntese, consiste na apresentação – selecionada pela ótica do narrador – de objetos, lugares, personagens e situações que mereçam atenção. Mesmo que seja fruto do devaneio. Por meio das referências e nuances apresentadas, o poema faz que o leitor estabeleça um contato imaginativo com os elementos mencionados.¹²⁴

O terceiro princípio determinado por Paixão para configurar então um campo teórico que possa identificar os poemas em prosa é o do ritmo pois “propondo-se ou não a um efeito harmônico, todo texto com ambição poética requer necessariamente uma dimensão poética”.¹²⁵ É em Ezra Pound e o seu conceito de melopeia que essa arte total consistia em reunir cerca de seis estrofes de poesia de tal forma que palavras e sons se soldassem sem deixar marcas ou falhas”¹²⁶

Após, chama a atenção para o que ocorre no poema em prosa que, seguindo a corrente simbolista no uso do ritmo, vai se consolidar e ganhar espaço ao longo do século XX. Essa proposta “assume de modo mais radical uma perspectiva comprometida com a subjetividade, o resgate da sensibilidade individual em relação ao mundo circundante. Assim, à medida que

¹²¹Como método argumentativo, enquanto desenvolve o seu pensamento, o autor utiliza de vários textos por ele selecionados de poemas em prosa para exemplificar os princípios que considera importantes na compreensão desse gênero literário.

¹²²PAIXÃO, Fernando, Arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, pág. 29.

¹²³ Fernando Paixão exemplifica com: Le gâteau, Joujou du pauvre e Le mauvais vitrier.

¹²⁴PAIXÃO, Fernando, Arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, 2014, pág. 101.

¹²⁵PAIXÃO, Fernando, Arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, 2014, pág. 117.

¹²⁶POUND, Ezra, abc da Literatura, 2006, pág. 53. Pound refere-se aos trovadores provençais quando fala sobre a melopeia neste texto.

os preceitos gerais do simbolismo passaram a ser flexíveis ou mesmo contestados, tornou-se possível despertar em cada poeta uma linguagem própria”¹²⁷.

Uma proposta que considera elementos visuais para identificar o processo interno que caracteriza o poema em prosa está em Octávio Paz sobre o poema e a prosa. Ele diz:

Enquanto o poema é apresentado como uma ordem fechada, a prosa tende a se manifestar como uma construção aberta e linear [...] Valéry comparou a prosa com a marcha e a poesia com a dança. História ou discurso, história ou demonstração, a prosa é um desfile, uma verdadeira teoria de ideias ou fatos. A figura geométrica que simboliza a prosa é a linha: reta, sinuosa, espiral, em ziguezague, mas sempre à frente e com um objetivo preciso [...] O poema, ao contrário, é oferecido como um círculo ou uma esfera: algo que se fecha sobre si mesmo, universo autossuficiente e no qual o fim também é um princípio que retorna, se repete e se recria. E essa constante repetição e recriação não passa de ritmo, maré que vem e vai, cai e sobe [...] Como distinguir, então, prosa e poema? Assim: o ritmo ocorre espontaneamente em todas as formas verbais, mas somente no poema é totalmente manifestado. Sem ritmo, não há poema; Somente com ele, não há prosa. Nelas a prosa se recusa; as frases não seguem obedecendo à ordem conceitual ou à da história, mas presididas pelas leis da imagem e do ritmo.¹²⁸

O tempo da narração no primeiro fragmento de O vinho está servido está regido pelo cavalgar de um cavalo branco, sem arreios nem cavaleiro, em uma noite de lua que ilumina e evidencia os abismos da paisagem. Nessa noite enluarada, o sobrenatural surge pelo cavalgar do cavalo encantado:

Um barulho repentino irrompeu nos ares, um galope que despertou os soldados sonolentos e, lá no alto, contra as muralhas ao redor das quais ele corria, surgiu um cavalo branco, sem sela, sem cavaleiro, sem arreios, crina ao vento em sua corrida. Era um cavalo perdido, em busca de seu dono, assustado por sua sombra e alucinando.

Alguns minutos se passaram e então o galope ressoou, o cavalo reapareceu na curva das muralhas, passou e desapareceu. E ele continuou sua corrida ao redor da cidade com uma regularidade mecânica.

Parecia absurdo ouvi-lo e vê-lo tão distintamente como se a lua amplificasse de uma só vez seu tamanho, o barulho de seus cascos e o eco desse barulho.

Logo esse cavalgar desatinado ao redor das muralhas da cidade árabe vai despertar os moradores do quartel, tanto do seu sono quanto dos seus medos. A noite de lua cheia marca

¹²⁷ PAIXÃO, Fernando, Arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, 2014, pág. 119.

¹²⁸ Paz, Octavio, Casa de la Presencia, Mientras el poema se presenta como un orden cerrado, la prosa tiende a manifestar se como una construcción abierta y lineal [...] Valéry ha comparado la prosa con la marcha y la poesía con la danza. Relato o discurso, historia o demostración, la prosa es un desfile, una verdadera teoría de ideas o hechos. La figura geométrica que simboliza la prosa es la línea: recta, sinuosa, espiral, zigzagueante, mas siempre hacia adelante y con una meta precisa [...] El poema, por el contrario, se ofrece como un círculo o una esfera: algo que se cierra sobre si mismo, universo autosuficiente y em el cual el fin es también un principio que vuelve, se repite y se recrea. Y esta constante repetición y recreación no es sino ritmo, marea que va y viene, cae y se levanta [...] Cómo distinguir, entonces, prosa y poema? De este modo: el ritmo se da espontáneamente en toda forma verbal, pero solo em el poema se manifiesta plenamente. Sin ritmo, no hay poema; solo com él, no hay prosa. En el los la prosa se niega a si misma; las frases no se suceden obedeciendo al orden conceptual o al del relato, sino presididas por las leyes de la imagen y el ritmo.

essa atmosfera ambivalente, o enigmático e do lugar e os seus aspectos desconhecidos. Esse medo se espalha pelos soldados árabes, chega aos europeus e o pânico toma conta de todos eles. Para falar de uma noite inusitada na qual o ambiente mágico, que já existe por ser uma noite de lua cheia, a aparição de um vulto branco desgovernado e desconhecido que surge de tempos em tempos, carrega de um poder simbólico que assusta e conduz a ações.

O primeiro parágrafo do texto descreve com concisão o espaço onde a narrativa acontece. Vejamos:

A lua resplandecia. Sua luz brotava dos abismos negros que ela cavava entre os barracões. O ar, a terra e a noite respiravam. Os perfumes subiam dos tufos da relva e dos torrões da terra. As sentinelas se deixavam embalar por essas exalações e pela languidez da meia-noite, pelo movimento quase perceptível do planeta e pelo luar que florescia os arames farpados, suavizava até quase o laranja o vermelho das *chechias* e das faixas e dava ao véu cáqui o brilho e os reflexos da seda.

No texto a descrição inscreve-se no desejo do autor de configurar um cenário onde o luar manifesta a beleza plástica trazida pelo efeito da luz que acentua as profundezas da noite e introduz as perspectivas transcendentais e sobrenaturais dela. É a luz resplandecente que evidencia as sombras e os abismos.

A combinação das imagens sugeridas desdobra-se em associação de ideias que permite que muitas coisas sejam ditas. Muitas outras ficam a cargo do leitor. Esse é o momento onde pode ser percebida a perspectiva do lirismo de Desnos: a imaginação não se inibe em estabelecer livres associações que a desviam da função descritiva.

A narração e a descrição estão alinhadas em um propósito manifesto – a demonstração de um clima insólito e desconhecido. A unidade do poema em prosa se dá pela articulação interna dos elementos percebidos muitas vezes de uma forma um tanto errante. Os momentos narrativos e os momentos descritivos do texto de Desnos se imbricam e servem para demonstrar um contraponto e muitas vezes também para dar um outro ritmo ao texto no sentido de oferecer um outro olhar aos acontecimentos que estão se desenrolando em torno daquela descrição, geralmente a de um aspecto bucólico da natureza que chama a atenção pela beleza plástica e pelo devaneio que proporciona.

A diversidade do poema em prosa levou muitos escritores a trabalhar nesse campo em que podem dispor no texto linear da singularidade de uma escrita circular que a poesia possibilita. O embaraço em reconhecer alguns trabalhos como vinculados a esse gênero acontece, principalmente quando: “Alguns textos ao mesmo tempo mais longos e menos

claramente fracionados são precisamente aqueles nos quais a natureza dos poemas em prosa pode causar problema, ou que os autores se declaram indiferentes. “¹²⁹

O grupo do surrealismo tinha uma perspectiva que propunha uma radical rejeição de gênero literário. Essa disposição de toda maneira favoreceu ao surgimento de inúmeras publicações de poemas em prosa, por ser um gênero no qual as experiências tinham um espaço possível de acolhimento. Temos então que: “Entre os autores mais significativos e persistentes, podemos destacar Robert Desnos, Antonin Artaud, Henri Michel, René Char e Francis Ponge – representantes do melhor que se produziu, especificamente no campo francês.”¹³⁰

Yves Vadé é mais preciso quando cita as publicações de Desnos que considera como um exemplo do poema em prosa:

A coletânea *Corps et Biens* (1930) reagrupa os poemas em verso e em prosa datados entre 1919 /29. Desnos sempre hesitará entre a escrita livre do poema em prosa e a organização que tem a ver com os poemas em versos, nota René Bartélé [...] é necessário compreender como poema em prosa os clarões verbais e trocadilhos acrobáticos de Rose Sélavy [...] O poema “*De la rose de marbre à la rose de fer*” que encerra a coletânea *Les ténèbres* (1927) se apresenta com uma grande composição, na forma enumerativa que é uma das modalidades da escritura surrealista. Outros poemas em prosa podem ser revelados entre os textos póstumos reagrupados por Marie-Claire Dumas.¹³¹

No comentário final ao livro, essa indiferença, ou mesmo uma vontade de não inserir o livro em nenhum dos estilos enumerados pelo autor ou dos gêneros nomeados em literatura, está dita por Robert Desnos. No entanto, a pesquisa que desenvolvemos em relação ao texto o associa aos princípios relatados no decorrer do nosso estudo.

Mesmo falando evidentemente sobre um grupo de jovens que faz o uso da droga, o autor também está falando sobre a contradição entre o amor e a morte. Existe uma tensão no plano narrativo e no poético que conduzem a essa questão. O que podemos perceber é que a morte é a companheira inseparável do amor, ela conduz a uma ausência de si mesmo que leva tanto para o maravilhoso quanto para a destruição, o caminho doce da vida em seus prazeres cotidianos e fugazes existe apesar desse turbilhão necessário à vida.

¹²⁹ VADÉ, Yves. *Le Poème en Prose*, 1996, pág. 180 Certains textes à la fois plus longues et moins nettement découpés sont précisément ceux dont la nature des poèmes en prose peut faire problème, ou dont les auteurs se déclarent indifférents Vadé, pág 180 (Tradução nossa)

¹³⁰ PAIXÃO, Fernando, arte da pequena reflexão, poema em prosa contemporâneo, 2014, pág. 148

¹³¹ VADÉ, Yves, 1996, pág. 108. Le recueil *Corps et Biens* (1930) regroupe des poèmes en vers et en prose datés de 1919-1929: Desnos hésitera toujours entre l’écriture libre du poème en prose et l’organisation concerne du poème en vers, note René Bartélé [...] faut-il compter parmi le poèmes en prose les éclairs verbaux et contrepèteries acrobatiques de Rose Sélavy [...]. Le poème de la rose de marbre à la rose de fer qui clôt l’ensemble intitulé les ténèbres (1927) se présente fortement composé, dans la forme énumérative qui est une des modalités de l’écriture surréaliste. D’autres poèmes en prose peuvent être relevés parmi les textes posthumes regroupés par Marie-Claire Dumas.

O tempo do livro *O vinho está servido* está inserido no tempo em que Antoine chega em Paris, apaixona-se, convive com o grupo de Barbara, vê as mortes acontecerem e finalmente encontra na vida cotidiana e normal o motivo para viver. Foi o amor que o levou a engajar-se nesse ambiente onde a morte domina tudo – os pensamentos, hábitos, decadência e morte. A morte física, social, psíquica que também foram salvas pelo amor. A associação entre amor e morte aqui sugerida pelo texto decorre de uma sequência de acontecimentos, fechados em si mesmas e acumulados ao longo da narrativa.

É construído dentro de uma narrativa fragmentada não só pela sequência de textos que vão surgindo na apresentação do enredo proposto, mas também pela narrativa que acontece dentro desses mesmos fragmentos que compõem o romance. A uma descrição de acontecimentos ligados ao consumo de drogas sucede uma descrição que traz o lirismo do autor para o texto criando um ritmo pelo uso dessas correntes narrativas.

A presença da contradição fundamental que está presente nos poemas em prosa foi desenvolvida neste capítulo dentro da constatação de que a dicotomia entre o Amor e a Morte conduz o texto.

A ambiguidade formal dos textos assim construídos permite esta conclusão.

VII – METODOLOGIA

Nesta etapa, falaremos sobre a orientação que pretendemos dar a este trabalho que é a de que a tradução poética desse texto escolhido estabelece a perspectiva de uma reflexão teórica sobre esse fazer. Pretendemos trazer para a nossa consideração reflexões de Henri Meschonnic, Octávio Paz e Laplantine.

Então, devemos ter concomitantemente a noção de que este é um trabalho no qual estão justapostas e caminham juntas duas questões: a de que existe um fazer e de que esse fazer deve refletir uma elaboração teórica, e mesmo ser por ela dirigido. Essa prática da tradução referindo-se a uma teoria que pressupõe uma prática, cada uma delas influenciando e trazendo conhecimento é abordada por Henri Meschonnic, em seu livro *Éthique et Politique du traduire*.

Ele diz:

“O papel da teoria é transformar as práticas, o papel das práticas é de fazer a descoberta das teorias. A política da teoria, ao mesmo tempo que sua necessidade antropológica e poética, é a de passar da anexação à descentralização. É também sua atualidade.”¹³²

Esses procedimentos estariam baseados na ética da tradução, apoiada em uma ética da linguagem, que se afasta do entendimento de que a tradução ocorre entre línguas, isto é, que esta é um sistema binário procurando manter o dualismo do signo. A ética da tradução estaria então na busca de um sujeito que se esforça em constituir-se como sujeito em sua atividade, mas que nela reconhece um outro que também é sujeito. Assim, no âmbito da linguagem, esse sujeito é tanto ético quanto poético.

Para tanto, propõe um programa no qual defende um método de trabalho no qual deve reconhecer que a tradução não deve utilizar somente os conceitos da língua, que são os do signo, do descontínuo, da redução ao binário. Essa proposta estabelece que não devem ser confundidas a língua e a linguagem, a língua e a cultura, a língua e a literatura, a língua e o discurso.

É a linguagem o lugar essencial para a tradução, mas aquela que não esteja inscrita do pensamento binário do signo, que chega a confundir-se com a natureza mesma da linguagem. Pois o signo é tido como uma representação da linguagem e por sua descrição. Mas, se não é no signo, que não representa forma e conteúdo, e sua significação que é ao mesmo tempo fugidia e escamoteada, como será possível o tradutor trabalhar para encontrar a sua base para trazer para sua língua um texto de outra língua qualquer? Pois é um conjunto com o qual

¹³²MESCHONNIC, A Poética do traduzir, 2007, p. 49

temos de lidar, aquilo que o autor a ser traduzido fez com a sua própria língua, de um modo pessoal e próprio.

Nesse campo ampliado, pois não tratamos mais só do signo, é necessário o uso de conceitos que possam preencher essa tarefa que devemos dar conta de fazer, que elabore esse conjunto de elementos presentes em um texto que escapam aos atributos do signo. É em um contexto valorativo da ética que pode ser entendido que a identidade não se opõe à alteridade, mas que a identidade só vem pela alteridade.

É na linguagem que podemos encontrar a força, o poema de um texto, sendo o poema a força que transforma uma forma de linguagem em uma forma de vida e ao mesmo tempo expressa uma forma de vida em linguagem. É a força que transforma e influencia a vida, a invenção da vida tanto passa pelo poema quanto está dentro dele. Ressaltamos que esse conceito de poema afasta-se da noção cultural, formal, habitual do que seja um poema, apesar de Meschonnic avaliar que na realidade esse conceito por ele proposto sempre esteve subjacente, presente naquilo que é *sugerido*.

As consequências dessa formulação são as seguintes:

- O poema é um ato ético porque faz um sujeito, te faz um sujeito. Daquele que escreve, fundamentalmente, mas também de que lê e eventualmente se transforma;
- Se o poema é um ato ético, só o será se nele houver um princípio ético que transforma, por sua vez, a vida e a linguagem e, daí, transforma também a ética;
- O poema engloba tudo o que chamamos de arte da linguagem. Nesse sentido, um romance só é um romance, se nele houver um poema. Em todas as suas frases.

Esse ouvir é saber que há um ritmo organizando o movimento da palavra no contínuo ritmo-sintaxe-prosódia, encadeando todos os ritmos: de ataque, do final, da posição, da repetição, da prosódia, sintático. Assim, saber que existe esse contínuo, que um poema tem esse movimento em si mesmo significa perceber a linguagem como uma capacidade do conjunto. Mas o ritmo não é somente o acento sucessivo das intensidades do texto, ele também organiza o movimento da palavra, é a organização do contínuo, o que também inclui a sintaxe.

Também julgamos importante acrescentar as reflexões que o poeta e ensaísta Octávio Paz fez em *O arco e a Lira* a essa questão. Falando sobre o ritmo, ele diz:

“O ritmo não apenas é o elemento mais antigo e permanente da linguagem como é bem possível que seja anterior à própria fala. Em certo sentido, pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo; ou pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura a linguagem”.¹³³

Pois a linguagem não é a palavra sozinha, não aparece isolada, ela está sempre em contexto, o fato que possibilita a constituição de uma unidade significativa. Essas unidades significativas realizam-se nas frases. Falando sobre a frase poética, Octávio Paz diz que a sua unidade no poema, aquilo que a constitui como tal e que faz a linguagem acontece por intermédio do ritmo, e não pelo sentido ou difusão significativa.

Existe um dinamismo de atração e de repulsão das palavras que é dirigido pelo ritmo. Encontrar e reproduzir esse ritmo com o uso de rimas, metros e outros procedimentos poéticos é a operação poética, o que faz com que o ritmo não seja uma medida vazia de conteúdo, mas o criador de uma direção e de um sentido.

Da mesma forma, podemos considerar as reflexões elaboradas pelo campo teórico da denominada tradução etnográfica, que é uma proposta que pretende discutir a tradução como sendo um método, um modo de traduzir, cujas questões teóricas estabelecidas se situam na proposta inicial de não haver um apagamento da alteridade na tradução realizada.

A tradução etnográfica é uma proposta que pretende discutir a tradução como sendo um método, um modo de traduzir, cujas questões teóricas estabelecidas se situam na proposta inicial de não haver um apagamento da alteridade na tradução realizada..

Essa concepção propõe métodos análogos aos desenvolvidos pelos etnólogos em seus estudos de sociedades diferentes da sua de origem, que demandam um distanciamento do olhar que é simultaneamente o olhar que se deve ter para o objeto de estudo e o olhar que é dirigido para o próprio centro daquele que descreve – a cultura de origem daquele que pretende descrever costumes diferentes também deve ser objeto de um estranhamento, tanto quanto o estrangeiro.

Além disso, ambas as práticas elaboram reflexões sobre a linguagem. Para os etnógrafos, essas questões estão bem demonstradas desde que Malinovski estabeleceu metodologias em suas pesquisas nos mares do Pacífico Sul. Além de fixar como imprescindível ao trabalho do etnólogo o conhecimento da língua da comunidade pesquisada, propôs um método de tradução em várias etapas. Primeiro, a escrita daquilo que foi ouvido para depois traduzir em sua própria língua em um método de tradução sucessivo – uma tradução literal, após uma tradução livre acompanhada de uma descrição etnográfica.

¹³³Paz, Octavio, *O arco e a lira*, 2013, pág. 89.

A relevância desse método é que, mesmo havendo dificuldades nesses traslados entre línguas, o estudioso irá refletir sobre uma escritura. Existe nesse *corpus* recolhido a fala do outro. É a partir desse *corpus* que será elaborada uma experiência de elaboração sobre essa comunidade até então desconhecida.

A tradução etnográfica está baseada na proposta de que traduzir é estabelecer uma relação com o outro, é saber que nós só temos acesso ao mundo pela linguagem e que, para tornamos esse encontro possível, para termos acesso a outras compreensões, outras línguas, devemos permitir também que esses mundos penetrem nas nossas línguas. É um encontro de diferenças e não de substituição.

Ela concentra-se mais na forma do que no sentido. É um método que encontra o seu objeto na superfície do texto, das tessituras que o autor faz com sua escritura, porque é nesse lugar que se manifesta a alteridade. Citando Laplantine: *o que é diferente só pode ser dito diferentemente*.¹³⁴

Para melhor elucidar essa operação de reconhecer o diferente, de não reduzir o incógnito ao conhecido e de uma avaliação etnocêntrica, François Laplantine identifica três questões que propõe discutir para que seja possível estabelecer vias alternativas de conhecimento, quais sejam:

1 – é necessário “pôr luz no diferente”, não somente indagar sobre o outro, mas procurar pensar nessa língua. A vista, o olfato, a audição são todos eles importantes para penetrarmos em outra cultura;

2- propõe o abandono de algumas questões epistêmicas da racionalidade científica, sair do denotativo em prol do conotativo, de um pensamento enraizado na lógica da prova que “conduz, por escorregadas progressivas, a pesquisa para o lado da explicação causal: a busca perdida do que precede, condiciona, determina.”¹³⁵ Indica uma metodologia que escape ao desencadeamento analógico: $A+B=C$;

3 - sair da profundidade e vir para a superfície, que se contrapõe a essa atitude de sempre procurar os “saberes escondidos e os pensamentos dissimulados” nas profundezas do texto, da desordem aparente à ordem escondida. O que Laplantine preconiza é pela permanência na superfície, lidar com “a linguagem da pele.”¹³⁶

A presença do outro na tradução etnográfica também leva a um movimento que conduz o fazer da esfera da língua para a do discurso. Sendo a língua o sistema que organiza a

¹³⁴LAPLANTINE, A descrição etnográfica, 1995, s/p

¹³⁵LAPLANTINE, A descrição etnográfica, 1995, s/p

¹³⁶LAPLANTINE, A descrição etnográfica, 1995, s/p.

mistura de uma cultura, um povo, uma nação, é na atividade do discurso que está presente a subjetividade, onde estão localizados o sujeito, a historicidade e a poética. Citando Meschonnic:

É então uma escrita, a organização de uma tal subjetividade no discurso que ela transforma os valores da língua em valores do discurso. Não se pode mais continuar a pensá-los nos termos costumeiros do signo. Não se traduz mais a língua. Ou, então, desconhece-se o discurso e a escritura. São o discurso e a escritura, que é preciso traduzir. “A banalidade mesmo.”¹³⁷ (MESCHONNIC,2010, pág. XX).

Esse pensamento de uma tradução que perceba a existência de uma alteridade como perspectiva de trabalho tem sido um debate promissor e que de fato não se esgota. Ele opera como um guia importante e eficaz nas nossas produções.

¹³⁷MESCHONNIC, A Poética do traduzir,2010, pág.XX.

VIII- ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Pretendemos aqui expor algumas questões que julgamos importantes no desenrolar da tradução do livro *O Vinho está servido*. Essas observações estão de toda maneira relacionadas a alguns aspectos que definem a escritura de Robert Desnos, além do próprio objeto de narração. Assim, podemos especificar alguns pontos que merecem uma atenção em relação às escolhas realizadas. Inicialmente, falaremos sobre a constante narrativa do consumo de drogas, dos apetrechos usados nessas sessões. Também nos deteremos nas incontáveis referências aos locais que são citados na narrativa e que fazem parte do seu imaginário; dos nomes dos personagens; o uso coloquial da linguagem em muitas conversações no decorrer do romance e, por fim, apresentaremos extratos escolhidos do texto para uma análise detalhada.

O uso do ópio no Brasil não apresenta uma difusão que permita a construção de um vocabulário próprio, ou uma divulgação para fora de eventuais grupos de consumidores. A bibliografia é reduzida e está mais relacionada à enumeração e descrição dos próprios instrumentos, não se relaciona ao uso. Assim, não foi possível constatar em nossa pesquisa fontes precisas que nos guiassem nessas escolhas vocabulares. O uso do ópio, e as suas rotas comerciais, estão mais presentes nas regiões que partem no Oriente Médio e suas adjacências para o Sudeste Asiático e a China, e acompanham os deslocamentos populacionais dessas regiões: “foram os imigrantes chineses que trouxeram o paraíso do cachimbo para a América”¹³⁸. Esses eflúvios também chegaram à Europa a partir do século XVIII.

A utilização dessa substância segue todo um ritual na sua preparação, pois o ópio não queima nem se converte em fumaça. O processo dessa química exige uma série de instrumentos adequados. Eles são absolutamente necessários e os consumidores devem ter os seus próprios instrumentos para usar a droga. Os instrumentos são: *lampe*, *fourneaux*, *pipe* que também está referida no texto como uma alusão para todo o processo de consumo: “*Une pipe?*” é um convite para mais uma rodada. Além desses objetos o *bambu* também é uma referência ao cachimbo.

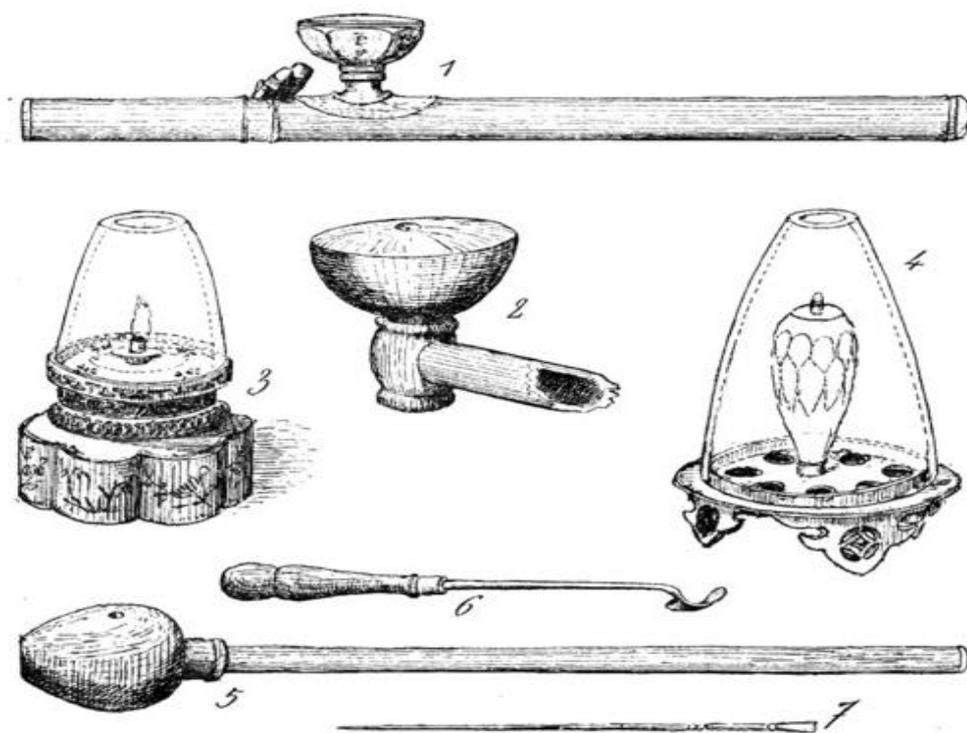
A proposta feita atendeu ao uso determinado que cada um desses objetos desempenha no processo, assim, *lampe* é a lamparina, pois daí deve sair uma chama para aquecer o ópio; *fourneaux* é o forninho, pois esse é um objeto de pequenas dimensões, que está encaixado no longo tubo que compõe o cachimbo e onde a bolinha de ópio é posta, já preparada e pronta para ser inalada; a *pipe* é o cachimbo, muitas vezes sofrendo no texto traduzido uma

¹³⁸TOSCHES, Nick, A última casas de ópio, 2006, pág. 28.

discriminação mais precisa de cachimbo de ópio. Além de cachimbo, *tuyau* ou *bambou* também são palavras referentes a cachimbo.

A seguir a figura discrimina os utensílios completos e necessários e, nessa visualização, é possível uma aproximação pertinente dos termos que propomos. Essa ilustração é uma cópia de um artigo “O material das sessões para fumar ópio e seu uso” (*Le Materiel de la Fumerie d’Opium et son Emploi*), publicado em 1911, na revista *Bulletins et Mémoires de la Société d’Anthropologie de Paris*.

Figura 11 – Instrumentos utilizados para o preparo do ópio



O item nº1 da figura é o cachimbo, cano ou o bambu; o nº 2 é o forninho; o nº3 e nº 4 são as lamparinas, que usam o óleo como combustível; e os nº 5, nº6 e nº7 são instrumentos para a limpeza, tanto do forninho quanto do cano onde ficam os resíduos do ópio, a borra. Essa borra poderá ser utilizada como um recurso extremo quando não há mais ópio. Em algumas passagens do texto os personagens recolhem no seu material esse resto: " Simonne, Berthe e Dondlinger, apertados na cozinha, olhavam para Courvoisier, que preparava a borra do ópio. Ele lixou os fornos e raspou o interior dos canos, a superfície das bandejas, o fundo dos frascos de farmácias que continham drogas”.

A perspectiva de tradução desses utensílios utilizados no preparo da droga foi alcançada pela própria materialidade que cada um deles adquire nesse processo e essa foi a

técnica por nós empregada. As gírias e as palavras conhecidas entre os usuários de narcóticos não são uma referência, a não ser quando no trecho final do romance Auportain diz a Antoine:

Si je vous rencontre de nouveau, Antoine, je ne vous proposerai plus ma <i>toufiane</i> , mais j'espère que vous me ferez ce jour-là le plaisir de dîner avec le vieux bonhomme dont la vie n'est pas gaie.	“Se eu te encontrar de novo, Antoine, não vou mais oferecer meu <i>bagulho</i> , mas espero que você me dê o prazer de jantar com esse velhote cuja vida não é alegre.”
---	---

No texto original, a palavra utilizada que traduzimos por bagulho é *toufiane*, uma gíria indo-chinesa que remete ao cachimbo de ópio.

A referência feita por um personagem a um tipo específico da substância, em que ele fala do *Yunnan* e do *bénarès*, foi deixada intacta. Provavelmente, refere-se ao local de origem, pois uma é região da China, a outra da Índia. Ambos locais produtores do ópio e de onde a droga é provavelmente originária, designando mesmo um tipo específico de qualidade.

Nos textos de Robert Desnos a utilização do espaço urbano marca o modo como circulam os personagens, o que eles têm como significado dentro daquele universo no qual vivem. Esse é bem um traço presente na escritura de Desnos que se origina da época em que foi um participante ativo do movimento surrealista. É uma prática e um legado dos surrealistas que viam na cidade a circulação das correntes que reuniam distâncias e propósitos. A cidade de Paris é percorrida pelos personagens em vários sentidos. As frequentes trajetórias dos personagens pela cidade adquirem uma significância que delimita eles próprios. Esses percursos nos instruem de uma maneira significativa na construção dos personagens e sua significância.

A dimensão que esse assunto manifesta nesse romance motiva o entendimento de que a tradução é um fato cultural, favorável a um encontro intercultural e interlinguístico. Evidência de que é necessário lidar com a questão da origem do texto, a partir da qual é organizado o ambiente social e o desenrolar da narrativa. Da mesma maneira:

É porque não traduzimos propriamente línguas, mas discursos, que o tradutor levanta questões de ética e de política acerca da subjetividade do tradutor e da relação identidade/alteridade. A tradução se apresenta então, não mais como ato de assimilação, mas como um reconhecimento das diferenças interlinguísticas e interculturais. pág. 25¹³⁹

¹³⁹ FERREIRA, Alice Maria Araújo, A tradução como prática mestiça: um modelo possível para um *ethos* contemporâneo. 2011, pág. 25.

A manutenção das referências culturais é a possibilidade de deixar o outro ser acessado sem a interferência da tradução dessas manifestações. Essas presenças nesse texto procedem das ruas, boulevards e avenidas citadas; das marcas prestigiosas com as quais os personagens habitualmente se vestem; os locais que frequentam.

Assim, Barbara Durand mora em *Auteil*, local elegante onde habitam as pessoas de sua classe social, localizado entre o rio Sena e o Bois de Boulogne, no XVI arrondissement. Antoine, ativo andarilho, percorre toda essa área entre o Sena e a floresta: “Antoine voltava ao amanhecer para Paris atravessando a pé o Bois de Boulogne. Entre Suresnes e Saint-Cloud, ele se demorava nos bailes dos marinheiros e nos cabarés onde jogavam dados”; também “da Bagatelle até o Palmarium, que ele chamava no seu sonho de Columbarium, uma imagem da morte total. Ele encontrou as pistas de corrida de Longchamp e Auteuil. O bosque estava vazio.”

Antoine mora em *Montmartre*, conhecida por acolher os boêmios e os artistas. Do apartamento para onde se mudou diz: “Bárbara, disse Antoine, segui seus conselhos. Encontrei um cantinho charmoso entre o boulevard e Montmartre. Uma rua tranquila. Uma velha casa grande com jardins sobre os quais dão as minhas janelas. Acho que Chopin e Musset moraram lá. Pelo menos foi o que me disseram...”

Frente a essa questão, a nossa opção foi pela permanência original das grafias. A *Avenue de Breteuil*, o *Boulevard Malesherbes*, o *Boulevard de Courcelles* a *Avenue Victor Emmanuel* continuam dessa maneira. Inclusive, é mais uma referência que permanece no texto que possibilitará a um possível leitor localizar-se com mais facilidade e certeza nos locais escolhidos pelo autor para nele estabelecer a sua narrativa.

Além das ruas, boulevards e avenidas, o autor também utiliza dos bares e restaurantes para ilustrar o ambiente social em que viviam os seus personagens. O caminho que empregamos foi o de manter na sua grafia original aqueles bares e restaurantes que de fato tiveram uma existência física - muitos deles até hoje estão funcionando na cidade de Paris. Um bom exemplo é o restaurante *La Pérouse*. Esse foi o lugar no qual o “tio Mazurier”, gourmand, foi refletir sobre o pedido do sobrinho Columot. Ainda de portas abertas, o restaurante é um afamado três estrelas da cidade. Mas outros exemplos podem ser citados. O famoso *New York Bar*, na Rua Damou, para onde Columot “arrastou seu companheiro a um novo universo. O lugar estava escuro, mas alegre. Acima do balcão, pendia um enorme par de luvas de boxe, que pertenceram a Caméra”.

Outra perspectiva foi adotada em relação à nomeação de lugares frequentados pela turma, inseridos na narração do romance: o bar da mãe Lampion, em Nogent, um local

construído pela imaginação do autor o “Rendez-Vous des Pêcheurs” foi apresentado no texto traduzido como o Encontro dos Pescadores”; da mesma maneira o hotel aleatório *Duc de Bourgogne* também consta da tradução como “Duque de Borgonha”.

O embaraço que se apresenta é quando nos deparamos com palavras como *Seine, Côte d’Azur, Tour Eiffel, Marseille, Méditerranée* que são palavras que já transpuseram o ambiente cultural originário e que já possuem uma referência estabelecida na língua que recebe o texto. Essas localidades são amplamente conhecidas dos usuários da língua portuguesa, essas palavras estão inseridas com eficiência na cultura e já receberam uma forma na referida língua. Reconhecer essa situação é perceber que:

A dificuldade em escolher entre literalidade e liberdade, entre sentido e letra, a predominância da língua de partida ou de chegada, não é sinônimo de desvio metodológico, mas a percepção de contradições e de dificuldades fundamentais da tradução e a intuição de que é possível e necessário fazer em um determinado momento. Pagina 26

A seguir, um dos inúmeros trechos das andanças dos personagens pela cidade que demonstra uma serenidade e alegria que vai ao encontro do local circundante, belo, acolhedor, imponente.

Pela Rua da Paix, chegaram à Praça Vendôme. As joalherias estavam fechadas. Todo o bairro respirava um sono tranquilo. O piso havia sido asfaltado recentemente e o solo estava granulado... Seguiram pelas arcadas da Rua Castiglione e depois pelas Tuileries ainda fechadas. Ao chegar à Praça Concorde e antes de entrar no *Cours de la Reine*, irradiando um presságio alegre, o sol apareceu, novinho em folha, atrás deles. A luz inflamava os *Champs-Élysées* até o *l’Arc du Triomphe* e as árvores quase a encobriam. Na altura da *Avenue Victor Emmanuel*, Lily os deixou. Eles escutarem os seus passos sonoros na calçada por um longo tempo.

Para finalizar esse assunto dos topônimos, gostaríamos de mencionar as cidadezinhas do interior da França, no vale de Yonne, onde Barbara Durand levou os amigos para uma temporada. Ellassurgemincontáveis na narrativa: Pont-sur-Yonne, Villeneuve-sur-Yonne, Saint-Julien du Sault, Villevalliers, Joigny. Perdidos entre esses vilarejos, eles procuram sem destino certo o óleo para acender as lamparinas. É também a ocasião na qual Arichetti inicia seu descontrole emocional que o valerá à loucura.

Os personagens do romance são nominados prosaicamente com os nomes correntes da sociedade francesa: Simonne, Antoine Maison, Lily, Berthe, Arichetti, Artenac. Os sobrenomes estão reservados àqueles que possuem uma importância financeira a ser destacada: Barbara Durand e Columat, cada um deles proprietários e herdeiros de grandes indústrias. Entre essas escolhas, ressaltamos que existe Courvoisier, que é o nome de um

conhecido conhaque; Estival, possível referência à estação; e a senhorita Muche, os subterrâneos cavados na Idade Média no norte da França para esconder e proteger as propriedades de constantes ataques. Todos eles permanecem com a grafia original do texto em francês.

Para desenvolver a personagem de Dondlinger, o operário do grupo, o autor procura construir essa persona, além de em outros momentos da narrativa dar mais conhecimentos sobre ele, pelos contrastes mais simples que demonstram o acesso ao consumo de bens e serviços que evidenciam a desproporção social na qual ele está vivendo e que, depois, levará mesmo ao seu suicídio. Mais uma vez nos deparamos com referências de estilo e consumo específicos da época e de uma classe social determinada. Indicam certa fineza e qualidade dos produtos que foram deixados prontos para serem agora alcançados por nossa imaginação. De fato, esse conhecimento ainda está disponível pelo acesso à rede de computadores.

Vejamos então o trecho que trata desse episódio:

Ele foi visto usando uma gravata *Charvey* com um terno de departamento, sapatos *Weston* ou uma botinha chique, calça *O’Rossen*, um agasalho da *Prisunice* meias de algodão. Essas roupas, no entanto, eram o suficiente para provocar boas risadas nos seus antigos amigos, exceto Bob, que pretendia conhecer essas coisas e invejava, secreta e confusamente, os cafetões chiques da Praça Blanche e o dos seus clientes no Hispano ou no Rolls, sem fazer direito a diferença entre eles.

É esse mesmo Dondlinger o protagonista do uso de gírias no romance, ele “pertencia a essa raça extraordinária de trabalhadores parisienses que, por instinto de defesa, sabem dissimular sua emoção com indiferença, insolência ou ousadia.” Tanto ele fala quanto conversa com amigos usando essa linguagem popular com expressões metafóricas, jocosas e mais efêmeras que as da língua tradicional. A linguagem de Dondlinger é a fala das ruas, tão amada por Desnos. Mais do que uma linguagem popular: “A “língua viva”, para o poeta Desnos significa uma língua nova, como as plantas que crescem, em oposição à “língua morta”.¹⁴⁰

A primeira presença de Dondlinger no romance ocorre quando ele é chamado na condição de encanador, para resolver um problema de água. Depois de ingerir drogas, o diálogo com Barbara:

— Et ça vous plaît d’être plombier ?	— E você gosta de ser encanador?
— Ça me plaît sans me plaire. Mais il faut bien faire quelque chose quand on ne s’en	— Eu gosto e não gosto. Mas você tem de fazer algo quando não sente vontade de ser

¹⁴⁰ CHEVRIÉR, Alain, Poèmes en argot, 2010, pág 79.

ressent pas pour être barbot ou demi-sel.	um cafetão ou um meliante.
---	----------------------------

E esse é só o início da presença de Dondlinger, pois ele fala por todo o texto com suas próprias palavras, mais do que qualquer outro personagem, em longos parágrafos, sem a intermediação do narrador. Essa foi uma distinção concedida pelo autor que, por seu intermédio, introduz uma linguagem que utilizou em vários momentos de sua escritura. E Dondlinger continua a falar.

Sobre a sua profissão:

On ne se figure pas ce que les gens peuvent coller dans leurs lavabos. Je ne parle pas des cheveux, des vraies perruques qu'on en sort. Mais des tas d'autres cochonneries. Tenez, une fois, chez une vieille rombière, un billet de mille balles, oui, un billet de mille déchiré et mis en tampon. Je l'ai recollé et porté à la banque où on me l'a remboursé. Mais c'est plutôt rare. Et puis des tas d'autres choses, des bagues, des alliances. C'est fou ce que les gens peuvent perdre leurs alliances dans les lavabos.	Não se pode nem imaginar o que as pessoas metem nas pias. Não falo nem de cabelos, mas de verdadeiras perucas que saem de lá. Mas de verdadeiras perucas que saem de lá. Mas um monte de outras porcarias. Uma vez, na casa de uma velha coroca, uma grana preta: um cheque de mil rasgado e carimbado. Eu o peguei, levei-o ao banco e fui reembolsado. Mas é incomum. E depois um monte de outras coisas, anéis, alianças. É uma loucura o que as pessoas possam perder suas alianças nas pias.
--	---

E também há um dialogo que teve com um antigo amigo de sua classe social que ele procura quando precisava resolver o problema de comprar drogas para Barbara, pois ela estava em um período de escassez:

— Te voilà, Toto, tu arrives bien. C'est le moment où je suis libre. Viens te taper un pot à côté. Ça va ? Ça boulotte ? (Puis, dans la lumière de la boutique :) Bon Dieu ! D'où sors-tu ? Tu n'as donc pas de pèze pour prendre le métro ? Moi, mon gars, quand il fait ce temps-là je prends un taxi. Faut te réchauffer. Prends un sportbeef, avec une goutte de vin blanc. Il trempa d'autorité une tartine de beurre dans	— Aqui está, Toto, chegou na hora. Estou livre agora. Venha bater um prato aqui ao lado. Tudo bem? Como vai essa força? (Depois, na claridade da loja) Meu Deus! De onde você vem? Você não tem então um troco para pegar o metrô? Eu, meu garoto, quando faz um tempo assim pego um táxi. Precisa se aquecer. Pegue um podrão, com um pouco de vinho branco. Ele mergulhou com superioridade uma fatia
--	--

<p>sa tasse, tartine qu'il prit sur une pyramide étagée dans une soucoupe sur le comptoir.</p> <p>— Mange. Il faut manger. Et puis, tiens, prends un sandwich. – Patronne, un sandwich saucisson, et puis aussi un sandwich jambon.</p> <p>– Mange, que je te dis ! – Patronne, c'est à moi tout ça. – Tu m'attends un chouïa ? Je reviens tout de suite.</p> <p>Il s'absenta puis revint.</p> <p>— Faut boire aussi. – Patronne, un verre de vin blanc. – Dis donc, ça n'a pas l'air d'aller. Tiens, prends.</p> <p>Et il lui glissa dans la main deux billets de cent francs. Dondlinger retrouvait couleur et équilibre.</p> <p>— Écoute, c'est pas tout. Il me faudrait de l'héro.</p> <p>— Ah ! merde, qu'est-ce qui te prend ? Pour quoi faire qu'il t'en faut ?</p> <p>— C'est pour ma poule. Une fille riche. Oui, je te dis. Ne rigole pas. C'est pas une grue. J'ai pas osé la taper. Tu comprends ? Et il lui en faut, sinon elle crève.</p> <p>— Mince alors, tu fais le miché. Les poules, c'est pour payer.</p> <p>— Mon vieux, je suis pincé !</p> <p>— Idiot. Raison de plus. Comment veux-tu qu'elle ait de l'estime pour toi si elle ne paye pas ? Si tu te figures qu'elle ne se rend pas compte avec ta touche que t'es raide. Enfin, c'est tes oignons.</p>	<p>de manteiga na sua xícara, que pegou numa pirâmide escalonada em um prato no balcão.— Coma. Você precisa comer. E então, olhe, pegue um sanduíche. — Dona, um sanduíche de salsicha e depois um sanduíche de presunto. — Coma, estou mandando! — Dona, é por minha conta. — Você me espera um pouquinho? Eu volto já. Ele saiu e logo depois voltou.</p> <p>— Também precisa beber algo. — Dona, um copo de vinho branco. — Fale, parece que não está tudo bem. Aqui, pegue.</p> <p>E ele deslizou na sua mão duas notas de cem francos. Dondlinger recuperou a cor e o equilíbrio.</p> <p>— Escute, não é só isso. Eu preciso de heroína.</p> <p>— Ah! Merda, que papo é esse? Porque você precisa disso?</p> <p>— É para a minha gatinha. Uma garota rica. Sim, eu te digo. Não brinque comigo. Não é uma rameira. Não ousei bater nela. Você entende? Ela precisa disso, senão ela morre.</p> <p>— Fácil então, você deve ser um gigolô. Gatinhas devem pagar.</p> <p>— Meu velho, estou enroscado!</p> <p>— Babaca. Mais uma razão. Como você quer que ela goste de você, se ela não te paga nada? Se te parece que ela não se contenta com a tua pegada você não está bem. Enfim, o abacaxi é teu.</p>
--	--

O diálogo entre jovens amigos de longa data está recheado de expressões coloquiais demonstrando também o convívio afetuoso entre eles. Quando Dondlinger chega o amigo logo o convida para “bater um prato” – assim como na língua francesa – *taper um pot* - essa expressão é usual entre os brasileiros e pode ser traduzida com literalidade. Após, os

cumprimentos “Ça va? Ça boulotte?” foi traduzido como “Tudo bem? Como vai essa força”. *Boulotte* é uma palavra que pode ser encontrada no site CNRTL (Centre National des Ressources Textuelles et Lexicales) como *gros, trapu, travail*, nas suas três primeiras entradas lexicais. Assim, conseguimos trazer essa expressão pelo seu significado semântico de um modo similar ao que é correntemente falado entre nós.

Segundo Antoine Bermann a literalidade:

A literalidade, como vimos, opera no nível do sistema da língua e do texto, a ponto de os dois sistemas se unirem... A tradução literal não produz a facticidade do original, mas a lógica que preside a organização desta facticidade. Ela reproduz essa lógica onde a língua para a qual se traduz o permite, nos seus pontos não normatizados.¹⁴¹

Dessa maneira fomos levantando cada uma das expressões utilizadas: ou pela literalidade ou pelo campo semântico e, quando isso não se mostrou evidente, utilizamos uma gíria comum: essa foi a forma de traduzir *Sport beef* por “podrão”. Ainda falando sobre campo semântico, vale ressaltar a expressão: *Enfin, c'est tes oignons* por “Enfim, o abacaxi é teu”.

Os extratos que serão apresentados para análise foram retirados do romance e escolhidos entre os assuntos que são relevantes no desenrolar da narrativa. Além de passagens sobre o consumo das drogas, Desnos descreve os personagens, suas sensações e pensamentos, assim como em muitos trechos a cidade onde se desenrola a trama é cenário da narrativa.

Para utilizar o processo de tradução etnográfica como norma para esses trechos, devemos realizar inicialmente uma análise detalhada do fragmento, que deverá abranger o aspecto textual e fraseológico, assim como o vocabular, morfológico e merismático.

O trecho a seguir descreve um encontro entre os jovens, para o consumo de drogas. Ao final do parágrafo, há a fala de um dos personagens. O discurso está na ordem direta, apresentando duas orações subordinadas no princípio, após, as orações são coordenadas. Os tempos verbais da narração estão na sua maioria no passado – são usados o *imparfait*, o *plus-que-parfait* e o *passé simple*.

No campo lexical, o uso de expressões do âmbito da utilização da droga. Observamos que nesse trecho há um uso repetido dos fonemas oclusivos /b/ ,/p/, /d/ - *préparait, dross, tuyaux, pipes, plonge*. Procuramos deixar presentes na tradução fonemas oclusivos na língua portuguesa: apertados, preparava, tubo, bandejas, prazer, boiar. Além disso, os nomes dos personagens continuaram com sua grafia original.

¹⁴¹BERMANN, Antoine, A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo, 2007, pág. 131.

<p>Dans le petit appartement de Marie-Jacqueline, Simonne, Berthe et Dondlinger serrés dans la cuisine regardaient Courvoisier qui préparait du dross. Il avait gratté les fourneaux et raclé l'intérieur des tuyaux de pipe, la surface des plateaux, le fond des pots à pharmacie qui avaient contenu de la drogue. Tous ces résidus se dissolvaient dans l'eau bouillante où il plongeait les aiguilles d'argent. Il les en sortit brillantes et chaudes. L'odeur lourde flottait dans la pièce et ils la humaient avec délice.</p> <p>— Ce ne sera jamais que du dross de dross, mais comme Auportain doit venir vers onze heures cela nous permettra d'attendre.</p>	<p>No pequeno apartamento de Marie-Jacqueline, Simonne, Berthe e Dondlinger, apertados na cozinha, olhavam para Courvoisier que preparava a borra. Ele tinha raspado os fornos e esfregado o interior do tubo do cachimbo, a superfície das bandejas, o fundo dos frascos de farmácia que contiveram a droga. Todos os resíduos se dissolviam na água fervente em que ele mergulhou as agulhas de prata. Ele as tirou de lá brilhantes e quentes. O cheiro pesado boiava na peça e eles o aspiravam com delícia.</p> <p>- Nunca será nada além da borra da borra, mas como Auportain deve vir por volta das onze horas isso aqui vai nos permitir esperar.</p>
---	--

No segmento acima, em um dos personagens presentes no texto, o médico *Auportain*, podemos observar uma prática de criação e de deslocamento de sentido que o autor aplica em seus escritos. No caso mencionado, *Auportain* se pronuncia como *opportun* (oportuno). Vemos então que foi acrescentada uma nova camada de significação ao personagem.

O extrato a seguir descreve um pequeno momento de sensações leves que conduzem a personagem para uma recordação pessoal agradável. Continua com os tempos verbais do passado. O campo lexical de contentamento – a alegria, a natureza, as boas recordações. Podemos registrar nesse trecho o uso repetido de fonemas constrictivos /f/, /s/, /v/, /m/: *souple, vol, soleil, villages, rêve*. As escolhas realizadas atenderam a essa observação: suave, volante, clara, sonho.

<p>Il faisait jour et la maison était proche. Devant elle, au tournant de la route, un marronnier rouge épanouissait ses fleurs derrière le mur d'un jardin. Un oiseau de nuit attardé passa d'un vol souple comme le velours et se réfugia dans l'ombre d'une mesure en ruine. Elle s'arrêta encore. Des cloches sonnaient à travers l'espace.</p>	<p>Já era dia e a casa estava próxima. Diante dela, na curva da estrada, uma castanheira vermelha desabrochava suas flores atrás do muro de um jardim. Um pássaro de noite atrasado passou num voo suave como veludo e refugiou-se na sombra de um casebre em ruínas. Ela parou ainda. Sinos tocavam atravessando o espaço. Os relógios</p>
---	---

<p>Les horloges se répondaient d'un village à l'autre et, même, d'une maison à l'autre où le son grave des pendules à contrepoids avait un parfum, celui du lait crémeux, du café, du pain grillé et du beurre. Des dimanches enfuis renaissaient en elle. C'étaient des brioches et des robes aux couleurs pâles, la blondeur des rêves, l'extraordinaire précision du monde aux yeux d'un enfant. Le menton sur le volant elle rêvait à tout cela. La joie, le bonheur, le rêve en ces temps pas si lointains n'avaient pas goût d'effroi. Tout était simple. Les petits camarades, filles ou garçons, étaient gentils ou méchants, rétifs ou dociles. Le soleil était d'or. Elle avait maintenant l'impression de vivre dans une moustiquaire ou un aquarium. Tout était compliqué par une ombre absurde. Et cette ombre, elle la sentait depuis des jours sur elle, même en plein midi.</p>	<p>respondiam-se de uma aldeia a outra e até mesmo de uma casa a outra, em que o som grave dos pêndulos de contrapesos tinha um perfume, o do leite cremoso, do café, das torradas e da manteiga. Domingos fugidios renasciam nela. Eram os brioches e os vestidos de cores claras, o loiro dos sonhos, a precisão extraordinária do mundo aos olhos de uma criança. O queixo no volante ela sonhava com tudo isso. A alegria, a felicidade, o sonho desses tempos não tão distantes não tinham gosto de pavor. Tudo era simples. Os coleguinhas, meninos ou meninas, eram bons ou maus, arredios ou dóceis. O sol era de ouro. Ela tinha agora a impressão de viver num mosquiteiro ou num aquário. Tudo era complicado por uma sombra absurda. E esta sombra, ela a sentia há alguns dias sobre si, até no pico do meio-dia.</p>
---	--

Nesse extrato, o autor ambienta seus personagens nas ruas da cidade. O nome da primeira rua “Prony” continua assim. No entanto, Pierre-le-Grand foi traduzido por Pedro-o-Grande pois consideramos significativo manter a relação entre o nome da rua – a de um imperador russo – com a referência à igreja russa. Também o tratamento *Monsieur* foi guardado na nossa proposta de tradução.

<p>Pourquoi ce jour là plutôt qu'un autre ? Pourquoi cette foi là ? Courvoisier se posa la question dès qu'il vit Estival sur le trottoir du boulevard des Courcelles. Il venait de la Rue de Prony avec une soixantaine de grammes d'heroïne dans ses poches. Il se tenta de fuir alors que Estival n'aurait peut être pas tenté de le poursuivre. Le policier s'approcha de lui et, sans mot dire, marcha à côté de lui vers la place de Ternes. Ils allaient traverser la rue Pierre-le-Grand, au bout</p>	<p>Porque esse dia e não outro? Porque essa vez? Courvoisier perguntou-se logo ao ver Estival na calçada do boulevard de Courcelles. Ele vinha da rua de Prony com umas sessenta grammas de heroína nos bolsos. Ele tentou fugir, mesmo se Estival talvez não tivesse tentado persegui-lo. O policial se aproximou dele e, sem maldizer, andou ao lado dele até a Praça de Ternes. Eles iam atravessar a Rua Pedro-o-Grande, no final da qual brilhava o domo da igreja russa.. Essa visão</p>
---	--

<p>de la laquelle brillait le dôme de l'église russe. Cette vision se fixa dans l'esprit de Courvoisier et servit d'illustration à la première phrase de son compagnon :</p> <p>- Monsieur Courvoisier, ne vous défendez pas. Je ne puis pas faire autrement. Je vous arrête. Venez avec moi au commissariat. Je vous plains et pourtant je vous avais prévenu.</p>	<p>fixou-se no espírito de Courvoisier e serviu de ilustração à primeira frase do seu companheiro:</p> <p>- Monsieur Courvoisier, não se defenda. Não posso fazer de outro jeito. Está preso. Queira me acompanhar até a delegacia. Lamento, mas tinha avisado.</p>
---	---

Nesse trecho acima também chama atenção o uso de *sans mot dire* cuja pronúncia leva a *sans maudire* (sem amaldiçoar). São famosos, e mesmo marca de estilo, os jogos com as palavras de Robert Desnos. Em toda sua carreira ele faz essas práticas, além de elaborar aforismos que trabalham com o deslocamento de letras e de sílabas entre duas ou mais palavras que se juntam em uma frase dotada de um sentido completo. Em seus escritos está presente a formulação dos *contrepets* que brincam com os sons das sílabas – pode se trocar letras como em *trompez sonnettes* por *sonnez trompettes*.

Percorrendo esses pontos que presumimos dignos de ressaltar no processo de nossa tradução, vimos que eles estão de toda forma intimamente relacionados com o texto objeto do nosso trabalho. Procuramos identificar os aspectos heterogêneos presentes na narrativa sem propor uma coerência que fosse além da escrita propriamente dita.

CONCLUSÃO

Depois de anos trabalhando em jornais e na rádio, e após desvincular-se do movimento surrealista, o escritor Robert Desnos publica o romance “O vinho está servido”. Esse romance apresenta-se como uma continuidade do trabalho do escritor, certamente, mas também proporciona, pela própria apresentação e o tema de que trata, uma oportunidade de pesquisa para localizá-lo na sua trajetória autoral. Com esse procedimento é possível fazer uma proposta de tradução, assim como refletir sobre ela.

A insólita trajetória de Desnos traz inúmeras abordagens possíveis, sua produção foi ampla e estendeu-se por muitos gêneros: poesia, romance, cinema, programas de rádio e musicais. Em suma, foi um homem do seu tempo e estava incorporado às suas mudanças.

Gamin de Paris, Desnos é um poeta que vivencia imensamente a sua cidade e dela colhe marcos e cenários importantes. É uma possibilidade que se apresenta fruto da especial história da cidade onde nasceu e viveu por toda a sua vida, que também é objeto de reflexões da parte de outros autores.

Entre esses autores, as anotações de Walter Benjamin sobre uma qualidade particular: a relação da população parisiense com o seu espaço público na figura emblemática do flâneur. Quase uma entidade da cidade, o flâneur faz das ruas, boulevards e praças um lugar que também é seu. Apropria-se desse espaço e molda a vida desse mesmo espaço à sua semelhança e necessidades. Dela faz uma espécie de mapa mental e identifica os seus limites e pontos cardeais.

O movimento surrealista foi um marco sensível a conduzir a sensibilidade do escritor. Ele participou desse movimento desde o seu início — seus tempos heroicos — nas experiências da escrita automática e dos sonos hipnóticos. Publicou romances, aforismos e poemas que atendiam a esses paradigmas.

Esse movimento de vanguarda associava-se a outros movimentos que então ocorriam na Europa, aqueles que então procuravam trazer para o centro do debate uma nova visão do ser humano tendo como esteio dois pilares fundamentais — a palavra e o sonho. Estamos comentando aqui dos estudos conduzidos em Viena pelo Dr. Sigmund Freud. Peter Gay, no seu livro sob o modernismo, adverte que não é possível dimensionar a real influência da psicanálise nos movimentos vanguardistas modernos mas pontua que, dentre eles, o surrealismo é o que mais se aproxima pelo método, com consequências diversas, de acessar o inconsciente do homem pela palavra.

Mencionando esses dois aspectos que verificamos importantes para conhecimento do ambiente desnosiano, examinamos então os mitos testemunhas do surrealismo e como eles estão presentes nos próprios mitos na obra de Desnos. Destacamos neste caso os papéis da mulher e o da cidade como ponto de confluência.

Concluída esta parte do nosso trabalho, consideramos que a análise do romance em pauta era possível de se orientar no sentido de se tratar esse texto como um fazer literário do gênero do romance em prosa. Esse gênero adquire grande influência no público leitor com as crônicas de Baudelaire e também conquista inúmeros escritores, pois nele podia conviver o discurso direto da prosa com os meandros da poesia.

A ambiguidade formal inerente ao poema em prosa – ele é prosa e poesia – essa oposição dificulta um entendimento das suas propriedades centrais – o texto busca todos os dispositivos da poesia, mas não tem a quebra de versos.

O poema em prosa teve como referência a tese de Suzanne Bernard que define três padrões – unidade orgânica, brevidade e gratuidade– para a compreensão do poema em prosa. Bernard estabeleceu os primeiros critérios para o entendimento desse novo gênero literário.

Outros teóricos trataram dessa questão, entre eles Fernando Paixão que identifica como princípios nos poemas em prosa os aspectos – narrativos, descritivos e fônicos – mesmo ressaltando que esses princípios não atuam de modo independente e paralelo. Ele propõe ser o contraditório a essência do poema em prosa e assinala que essa ambiguidade pode ser a força motriz da criação poética. Paixão, assim como Yves Vadé, Alfonso Berardinelli e Jean-Pierre Bertrand aceitam que a definição primordial dessa escrita é como que derivada de um oxímoro.

No romance “O Vinho está servido” a personagem Antoine Maison conta a história de um grupo de jovens que se reúnem para o consumo de drogas – basicamente o ópio e a heroína. Antoine faz parte do grupo e consome as drogas pelo amor que sente por Bárbara, diz que o consumo para ele é a oportunidade de estar perto dela. É o amor que guia todos os seus passos em direção à droga que, no entanto, logo começa a se aproximar e dar espaço para a presença da morte.

Por não conquistar o seu desejo de uma relação amorosa por Bárbara, Antoine termina em um momento por desejar a sua morte. O amor – ou a falta dele – conduz todas as ações de Antoine em um ambiente no qual as mortes são cotidianas e banais.

Observando a existência dessa oposição foi possível vermos na narrativa de um tema por vezes doloroso o equilíbrio que essa dicotomia proporciona. Mesmo os momentos mais

trágicos comportam observações de uma leveza e um lirismo que conseguem levantar a promessa de que a vida continua e é boa.

A possibilidade de que esse romance tenha um aspecto pessoal da vida de Desnos é aventada por estudiosos da sua vida, pois existem muitos pontos que se conectam entre a vida do autor e a narrativa do livro – o imenso amor sombrio que ele sentia pela cantora Yvonne Georges, que era dependente química; o serviço militar no Marrocos, o amigo Estival que na época do lançamento do romance era um inspetor de polícia, mas que fora um companheiro de trabalho (Robert Desnos teve entre seus primeiros empregos um cargo em uma farmácia); o pequeno apartamento primoroso.

Entre esses pontos citados, destaca-se o amor por Yvonne e o posterior direcionamento da vida do autor, depois da morte prematura da Estrela. Pois Robert Desnos seguiu a vida produzindo, escrevendo e amando. Ele, que tinha como apelidos conhecidos, como testemunha Henri Jéson, o de Robert *Tête-en-l’Air*; *Robert Pieds-sur-le-sol*; *Robert Le Fou*, *Robert Le Diable*, *Robert de Normandie*, foi um poeta valoroso que não se negou a responder à altura aos desafios do seu tempo. Ele era como diz Marie-Claire Dumas sobre sua poesia, também na sua vida uma pessoa delirante e lúcida.

A tradução que realizamos frente a essas informações colhidas e acima expostas, procurou reconhecer que a tradução não deve utilizar somente os conceitos da língua, que são os de signo, de descontínuo, de redução ao binário. Essa proposta de Henri Meschonnicestabelece que não devem ser confundidas a língua e a linguagem, a língua e a cultura, a língua e a literatura, a língua e o discurso. Leva-se em conta que o ritmo não é somente o acento sucessivo das intensidades do texto, ele também organiza o movimento da palavra, é a organização do contínuo, o que também inclui a sintaxe.

Em suas pesquisas Laplantine diz que a tradução, por ele denominada de tradução etnográfica, concentra-se mais na forma do que no sentido. É um método que encontra o seu objeto na superfície do texto, das tessituras que o autor faz com sua escritura, porque é nesse lugar que se manifesta a alteridade.

Concluimos o nosso trabalho com uma análise da tradução, enfatizando pontos que derivam das próprias características do texto – vocabulário em relação às drogas, o tratamento a ser dado às inúmeras referências aos boulevards, ruas de Paris, entre outras questões.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BANCQUART, Marie Claire, in revista *La Révolution Surréaliste* nº12, 1929.
- BARNET, Marie–Claire, Eric Robertson and Nigel Saint (eds.) *Robert Desnos- Surrealism in the Twenty-First Century in Modern French Identities*, Edited by Peter Collier, volume 58 , Bern, 2006
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.
- BÉHAR, Henri. **Guide du Paris surréaliste**. Éditions du Patrimoine. 2012.
- BENJAMIM, Walter **Imagens de pensamento, Sobre o haxixe e outras drogas**. (Tradução de João Barrento. Autêntica Editora, 2013.
- _____ **Magia e Técnica, Arte e Política, Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**, Tradução Sérgio Paulo Rouanet, Editora Brasiliense, 1987.
- _____ **Passagens, Volume II**. Tradução de Irene Aron – alemão; Cleonice Paes Barreto Mourão – francês; Patrícia de Freitas Camargo – revisão técnica, Editora da UFMG, 2018.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 7Letras! 2007.
- BERARDINELLI, Alfonso, **Da Poesia à Prosa** – Tradução de Maurício Santana Dias. **Prosa** – Editora CosacNaif, São Paulo, 2007.
- BERNARD, Suzanne. **Le Poème en Prose. De Baudelaire jusqu’ à nos jours**. Librairie Nizet, 1959.
- BERTRAND, Jean Pierre Bertrand. **Inventer en Littérature – Du poème en prose à l’écriture automatique** – Éditions du Seuil, France, 2015.
- BRÉE, Germaine E MOROT-SIR. **Histoire de le littérature française - du Surréalisme à l’empire de la Critique**. Editora Flammarion, 1966.
- BRECHON, Robert, **Le surréalisme**, Librairie Armand Colin, 1971.
- BRETON, Andre. Nadja. Folio Plus. 1998.
- _____ **Anthologie de l’Humeur Noir**. Biblio Livre de Poche. 2005.
- BRITTO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Civilização Brasileira. 2012.
- CARACEC, François, **Guide de Paris Mystérieux**, Editions Tchou, 1985.
- CHENIEUX GENDRON, Jacqueline. **O Surrealismo**, Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER < Bernard, **O Surrealismo**, Livraria Almedina, Coimbra, 1976.

- DESNOS, Robert. **Destinée Arbitraire**, Gallimard, 1975.
- _____. **Liberdade ou Amor!** – Tradução de Éclair Antonio Almeida Filho e Odulia Capelo, Editora Nephelibata, Florianópolis, 2014;
- _____. **Desnos** Œuvres. Édition Présentée et établie par Marie- Claire Dumas, Quarto, Gallimard, 2011
- _____. **Les Rayons et les Ombres/Cinéma**. Gallimard.1992.
- _____. **Poèmes en Argot**. Librairie Nizet. 2010.
- DESNOS, Youki. **Les Confidences de Youki**, Fayard, 1999.
- DUMAS, Marie Claire, (org) **Desnos** Œuvres. Quarto Gallimard, 2011
- DUROZOI, Gérard e LECHERBONNIER, Bernard, **O Surrealismo**, LivrariaAlmedina, Coimbra, 1976.
- CHEVRIER, Alain, Robert Desnos- **Poèmes en Argot**, Librairie Nizet, Saint-Genouph, 2010.
- FONTAINE, David **Rue Blomet in Revue L'Étoile de Mer**, nº 1, 1996.
- FLIEDER, Patrice in **Guide du Paris Surréaliste, sous la direction de Henri Béhar**, Éditions du Patrimoine/ Centre des Monuments National , 2012.
- _____. **Le Poétiques de Robert Desnos** (org) ENS éditions, 1995.
- FRANÇOIS RUBINET. **Le fort des halles**, in Revue L'Étoile de Mer, nº 1, 1996.
- FERREIRA, Alice Maria Araújo Ferreira. **A tradução como prática mestiça: um modelo possível para um ethos contemporâneo**. In: BELL-SANTOS, Cynthia (*et al*). Tradução e cultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- GUALDONI, Flaminio, **Surrealism**, SKIRA, 2008, Milano
- HUGOTTE, Valéry, **Robert Desnos, La vie à venir**, in Les Poétiques de Robert Desnos, ENS éditions, Paris, 1995.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- KRAUSS, Rosalind. **Fotografia e Surrealismo em Lo fotográfico, por una política de los desplazamientos**, Editorial Gustavo Gili, 1990.
- LAPLANTINE, François. **O etnólogo, o tradutor e o escrito**. Universidade Lumière-Lyon 2, França: 1995.
- _____. **A Descrição Etnográfica**. Terceira Margem. 2004.
- _____. **Je, nous et les autres**. Le Pommier. 2010.
- LEROY-TORQUEM, Mélanie, **Le Surrealisme**
- LUZ, Pedro. **CartaPsiconáutica**, Dantes Editora, Rio de Janeiro, 2015.
- MESCHONNIC, Henri. **A poética do traduzir**. Ed. Perspectiva, São Paulo: 2010.
- _____. **Ethique et Politique du Traduire**. Lagrassa. Verdier, Paris. 2007.

_____ **Critique du rythme. Anthropologie historique du langage.** Éditions Verdier, Paris. 1982

PAIXÃO, Fernando – **Arte da pequena reflexão Poesia em prosa contemporânea;** Editora Iluminuras, São Paulo, 2014.

PAZ, Octavio. **Casa de la Presencia: Poesia e Historia.** Editora Circuito de Leitores. 1994.

_____ **O Arco e a Lira,** CosacNaif: São Paulo. 2013

PERRONE, Leila. **A criação literária, em Flores da Escrivantina,** Companhia das Letras: São Paulo 1990

POUND, Ezra, **ABC da Literatura.** 11ª Ed. São Paulo: São Paulo. 2006

RUBINET, François. **Le fort des Halles, in Revue L'Étoile de Mer,** nº 1, 1996.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia,** Companhia das Letras: São Paulo, 2015

SULLEROT, François. **Revue L'Étoile de Mer,** nº 1, 1996.

TOSCHES, Nick, **A Última casa de Ópio,** tradução de Michelle de Aguiar Vartuli, 2006

VADÉ, Yves, **Le poème en prose;** Bélin, Sup Lettres : Paris, 1996.

,

CONSULTAS NA INTERNET

<https://www.sistemasolar.pt/pt/produto/217/pt/a-liberdade-ou-o-amor/?c>

consulta realizada em 08.06.2019 às 20h.

<https://fr.calameo.com/books/004652003a4ca7c34d7f1> <https://fr.calameo.com/read/004652003a4ca7c34d7f1>,

consulta realizada em 25.08.2019 às 20h.

<https://www.robertdesnos.com/blank-dr9xd>

consulta realizada em 28.08.2019 às 18h.

<https://fr.calameo.com/books/004652003a4ca7c34d7f1> <https://fr.calameo.com/read/004652003a4ca7c34d7f1>

consulta realizada em 08.08.2019 às 21h.

http://www.tierslivre.net/ftp/ baudelaire_spleen.pdf

Consulta realizada dia 09 de setembro às 22

https://www.persee.fr/doc/bmsap_0037-8984_1911_num_2_1_8321

Consulta realizada dia 20/09/2020 às 15h.

ANEXO I

*L*a lune resplendissait. Sa lumière rejaillissait des abîmes noirs qu'elle creusait entre les baraquements. L'air, la terre et la nuit respiraient. Des parfums montaient des touffes d'herbe et des mottes de terre. Les sentinelles se laissaient bercer par ces haleines et par la langueur de minuit, par le mouvement presque perceptible de la planète et par le clair de lune qui fleurissait les fils de fer barbelés, adoucissait jusqu'à l'orange le rouge des chéchias et des ceintures et donnait à la toile kaki l'éclat et les reflets de la soie.

À quelques centaines de mètres du camp on distinguait un bouquet d'oliviers ou plutôt « le » bouquet d'oliviers. Passé le crépuscule, passé l'heure de l'appel, il ne faisait pas bon s'y attarder. Plus d'un spahi, plus d'un zouave, plus d'un tringlot avait laissé là sa vie, un soir de saoulerie. À la tombée de la nuit l'enceinte était fermée. Plus personne ne devait être dehors... Mais de la popote des officiers au foyer du soldat on contait maintes histoires de gaillards tués par un dissident à l'affût. On ne saura jamais pourquoi ces quatre ou cinq oliviers n'avaient pas été abattus.

Aussitôt après eux commençait la colline escarpée, plantée de vignes, ceinturée de pièges invisibles : clôtures, échelas et ficelles. Au sommet la ville arabe dormait à l'abri de murailles sarrasines, flanquées de tours carrées et trapues. Sur le ciel noir la ville paraissait plus blanche encore, mais la clarté était si grande, les ombres si intenses, le relief si accentué que l'œil perdait la notion des distances.

Un bruit soudain troua l'air, un galop qui réveilla les soldats somnolents et, là-haut, contre les murailles autour desquelles il tournait, parut un cheval blanc, sans selle, sans cavalier, sans harnais, crinière au vent de sa course. Il parut, longea la ville et disparut au tournant. C'était un cheval égaré, en quête de son maître, affolé par son ombre et battant la campagne.

Quelques minutes s'écoulèrent, puis le galop retentit, le cheval reparut au tournant des remparts, passa et disparut. Et il continua ainsi sa course autour de la ville avec une régularité de mécanique.

Il semblait absurde de l'entendre et de le voir si distinctement comme si la lune amplifiait à la fois sa taille, le bruit de ses sabots et l'écho de ce bruit. Il prenait dans le paysage une importance phénoménale comme un météore ou les signes célestes des anciens âges.

Les tirailleurs sénégalais portèrent la main au gris-gris cousu au fond de leur chéchia. Puis la densité de la nuit se modifia. Une porte claqua. La culotte battant ses mollets nus, en corps de

chemise, un sous-officier s'approcha. Il bâilla, alluma une cigarette et mesura à sa montre le temps nécessaire à l'animal pour accomplir son tour. Des camarades vinrent le rejoindre. Mais l'angoisse des soldats nègres s'était communiquée aux Arabes, aux Kabyles. Elle gagna les Européens : gars de Paris, laboureurs de Beauce, vigneron de Bourgogne. À mi-voix ils échangèrent les histoires de fantômes, de revenants et de maisons hantées que tout homme garde en réserve pour des soirs comme celui-là.

Dans la campagne un oiseau de nuit hulula. On entendit glapir un chacal, puis, tout près, si brusquement que tous sursautèrent, un rôdeur invectiva les roumis aux noms d'Abd-el-Kader et d'Abd-el-Mélek, avec des ronflements de gorge et des cris aigus, pathétiques comme ceux de l'amour.

Un adjudant prit le fusil d'une sentinelle, visa attentivement, tira et manqua la bête. D'autres l'imitèrent. La fusillade retentit longuement dans les montagnes. Les officiers du camp se joignirent aux soldats. Chaque fois que le cheval paraissait au tournant de la muraille un feu de salve retentissait que les échos roulaient longuement vers le désert comme des tonneaux vides. Le cheval courait toujours. Comme des flocons, arrachés à ses naseaux, des nuages blancs passèrent dans le ciel, puis, alors que nul n'y songeait, ce fut l'aube.

Un premier rayon de soleil surgit par-dessus les montagnes, frappa les toits de la ville et passa par-dessus le camp sans l'atteindre. Au même instant le cheval, crinière flottante, fut absorbé, dissous par la lumière. Son galop s'éteignit d'un seul coup. Les oiseaux chantaient. Les insectes bruissaient, cherchaient le rythme familier avec des coupures de silence. Les hommes fatigués retournèrent à leur sommeil. Antoine resta seul. Il prit à la cuisine de la popote un quignon de pain et sortit du camp pour cueillir un pissenlit sauvage ou, à la fontaine proche, quelques branches de cresson pour manger au vent du matin. Le soleil était encore doux, la rosée presque séchée...

*L*e soir tombait sur la Marne. Une dernière barque passait, se hâtant vers Nogent. Le « Rendez-Vous des Pêcheurs », à l'écart des villas et des guinguettes, alignait six tables et trois tonnelles devant le fleuve. Derrière des murs moussus et des arbres épais on voyait une grande maison aux fenêtres closes et, séparée par une ruelle, une autre propriété dans un parc. Le soir d'avril était calme, frais et parfumé. Ils étaient une dizaine de jeunes gens bavardant à la terrasse.

— Notre ami Antoine est une belle âme, déclara Courvoisier.

— Moi, votre histoire me fait peur...

C'était Barbara Durand qui parlait. Elle et Courvoisier étaient beaux de jeunesse, de force aisée et de santé, mais déjà quelque langueur en leur regard et leur pose laissait pressentir l'âge ou la fatigue. À côté d'eux, Artenac, malgré son élégance paysanne et à cause de sa robustesse, faisait figure de rustre. C'est lui qui les avait amenés chez la mère Lampion au « Rendez—Vous des Pêcheurs ». Il habitait tout près un petit pavillon isolé entre les deux parcs et plus loin de tout bruit que s'il était à cent lieues de la ville. D'Antoine Maison ils savaient peu de choses. Ils le connaissaient depuis quelques semaines seulement. C'est lui qui venait de conter un souvenir d'Afrique.

— On rentre ? demanda Berthe.

— Rentrer ! et dîner ? Artenac montrait dans la salle une table dressée.

— Un bouillon corsé, une poule au blanc, une friture de goujons, une salade et une tarte de la mère Lampion elle-même.

— Vous avez faim ?

— Oui, Berthe, j'ai faim.

— Moi pas.

— Ne l'écoute pas, dit Courvoisier, c'est une fumeuse à la noix. Cela lui coupe l'appétit. Moi, au contraire, après six pipes je mangerais un sanglier, n'est-ce pas, Barbara ?

— À table, dit celle-ci en se levant. Ils dînèrent joyeusement. Courvoisier réclama du café, voulut le faire lui-même et le servir à ses camarades. Une fièvre les avait pris en mangeant, ils avaient hâte de finir.

— Alors, la jeunesse, on est content ? demanda la mère Lampion. Maintenant vous voilà parés pour la nuit. J'ai idée que vous n'allez pas vous coucher tout de suite.

Le bout de la ruelle était barré par la porte du pavillon, une porte à double battant. Elle donnait sur une cour moussue au fond de laquelle le petit bâtiment blanc, paré de vigne, avait

l'air d'un décor. De chaque côté un chemin étroit longeait les murs des deux grands parcs et conduisait à un jardin triangulaire qui s'étendait derrière la maison. Artenac ouvrit une porte—fenêtre et tous pénétrèrent dans un salon, attendant à une chambre, puis dans une pièce qui donnait sur le jardin. Dans un coin s'empilaient des matelas et des couvertures. En quelques minutes ils furent transformés en larges divans. Barbara pressait des citrons et des oranges dans des shakers tandis que les autres installaient les plateaux, les pipes et les lampes.

— Nous sommes nombreux, remarqua Auportain, et il n'y a que trois lampes.

— Deux lampes à trois personnes et une lampe à quatre, proposa Courvoisier.

— Non... bien plus simple. Je vais manger un peu de votre yunnam et j'attendrai mon tour.

— Mon yunnam ! protesta Artenac... du vrai bénarès.

— Du yunnam, mon cher, et tant mieux. Votre bénarès, c'est pour les dames. Je préfère quant à moi cette drogue de contrebande qui pèse son poids et garde son fruit. J'aime mieux le vin de cru que l'apéritif.

— À votre aise ! Et, vexé, Artenac sourit... Je n'ai pas la prétention de vous apprendre ce que c'est que l'opium. Vous vous y connaissez mieux que moi, homme de la brousse.

— Vous avez été aux Indes ? questionna Antoine.

— Oui.

— Et c'est là que... ?

— Que j'ai pris goût au bambou ? Pas du tout. C'est rue des Martyrs à Paris, vingt ans après mon retour. Aux Indes je buvais du whisky et cela valait mieux.

— Auportain est un original, assura Lily. Il ne cesse d'injurier l'opium, mais c'est le plus enragé fumeur de nous tous.

— Et le plus vieux... oui, je fume depuis vingt-cinq ans et j'en ai soixante-cinq, mais il n'a pas tenu à moi que je ne fume jamais. Du moins, quand j'avais votre âge j'avais mieux à faire que de m'intoxiquer.

— Oh docteur ! Vous allez attrister toute la nuit avec votre morale.

C'était Barbara déjà étendue qui faisait cuire une goutte d'opium grésillante au bout d'une aiguille au-dessus de la lampe.

Sans répondre, Auportain versa dans un verre sa dose d'opium, remplit avec de l'eau, agita avec une petite cuillère et avala cette boissonluma une cigarette et, prenant Maison par le bras, il l'entraîna dans le jardin, vers un banc. On entendait des bruits d'ailes dans les arbres, quelques pépiements vite arrêtés. Le croissant pâle de la lune envoyait un reflet sur l'herbe de la pelouse et l'eau frissonnante d'une petite fontaine.

— Qu'est-ce que vous foutez là ? demanda le vieux fumeur à son compagnon.

— Moi ?

— Oui, vous. Vous avez vingt-cinq ans et l'air d'avoir dans la cervelle d'autres désirs que de vous momifier. Ne vous imaginez surtout pas que toutes ces saloperies vous garderont centenaire.

— Centenaire ? à quoi bon ?

— Vous avez déjà souffert ?

— Non.

— Alors qu'est-ce que vous attendez pour faire l'amour avec une femme qui soit comme une jument de deux ans et qui vous livre bataille chaque nuit ?

— Je ne vous ai pas dit que je n'aimais personne.

— Et vous auriez tort. Un vieux jeton comme moi n'a pas besoin de regarder beaucoup pour comprendre que Barbara vous plaît.

— Oui, Barbara est charmante... mais...

— Mais quoi ?

— Mais que puis-je faire ? Elle est riche et je suis pauvre.

— Jeune idiot, quelle importance ?

— Ça en a.

— Eh bien, gagnez de l'argent.

— Facile à dire.

— Plus facile à faire que de payer de la drogue. Croyez-vous que cela coûte quatre sous par jour ? Pour en avoir il faut de l'argent, beaucoup d'argent et la drogue vous empêchera d'en gagner, et si vous en gagnez vous serez assez fatigué le soir pour préférer le sommeil à l'insomnie béate de l'opium. Il faut avoir dans le cœur un grand désir, mon jeune ami, un grand désir toujours présent. Il leva la main vers le ciel où venait de passer une étoile filante.

— Faites un vœu. Maison hésita et dit enfin :

— Être aimé.

— Ce n'est pas comme cela ! L'étoile filante ne doit pas être éteinte que votre vœu doit être formulé. Il faut être avide de ce qu'on désire et s'écrier « Je veux la femme que j'aime ! » ou « Je veux la gloire » ou « Je veux l'argent » ; oui, l'argent, cela vaut mieux que la pipe. Et il faut vouloir ce qu'on veut tout de suite, impatiemment.

— Mais je ne puis approcher Barbara qu'en fumant...

— Alors sauvez-la ou sauvez-vous. Il faisait maintenant nuit noire. Maison ne voyait le visage d'Auportain que lorsque celui-ci tirait sur sa cigarette. Une lueur rouge illuminait alors ce visage aux grands yeux marqués par la patte d'oie, au nez hardiment dessiné, à la bouche

mince, au teint mat relevé aux pommettes par la couperose. Courvoisier se plaisait à dire que le docteur avait de la branche. On disait que sa jeunesse avait été brillante et tumultueuse, mais, après deux générations, les preuves de cette noblesse mondaine se perdent plus sûrement que les parchemins du moyen âge. Ces jeunes gens savaient que le docteur Auportain avait été un roi de Paris dans les années 1890, que ses équipages avaient servi de modèle. Retirés au fond d'une province, ou claustrés dans un monde de vieillards, certains de ses contemporains se souvenaient encore du nom de ses maîtresses et elles avaient été fameuses. À la fin d'une thèse sur les grandes maladies épidémiques un étudiant pouvait encore citer dans sa bibliographie ses « Observations sur l'épidémie de peste de 1886 à Chandernagor, à Mahé et dans la province de Madras », observations qui lui avaient valu, en même temps que des interviews enthousiastes dans les journaux et l'estime de ses pairs, la Légion d'honneur qui avait fait de lui le plus jeune légionnaire de son temps. Encore quelques années, vingt au plus, et l'oubli total suivrait de peu sa mort. Un jour, au fond d'un grenier, en dépliant un paquet de vieilleries, son nom attirerait peut-être l'attention sur un journal jauni. Et tel serait le destin de cet homme merveilleusement doué de maintes qualités du cœur et de l'esprit et dont la clairvoyance était assez grande pour qu'il en soit le premier informé. Après un silence il reprit :

— Longtemps que vous connaissez Courvoisier ?

— Six mois, c'est Barbara qui me l'a fait connaître. Comme d'ailleurs tous ceux qui sont ici, même vous.

— Vous savez qu'il pourrait être le premier physicien de son époque ?

— Je sais qu'il s'occupe de sciences. Mais n'y a-t-il rien entre Barbara et lui ?

— Moi ? Je n'en sais rien et je m'en moque au surplus. Voilà un gaillard qui est d'une beauté à faire crever de jalousie et qui ne trouve rien de mieux que de s'abîmer et de s'abrutir. Vous le trouvez séduisant... Ce n'est rien auprès de ce qu'il pourrait être.

— Et Artenac ? qui est-ce ?

— Un imbécile. Pouvez-vous me dire ce qu'il fait aussi, celui-là ? Moi, bâti comme il l'est, à son âge, j'aurais traversé le Brésil, gardé les troupeaux en Argentine, chassé l'éléphant en Afrique et laissé un fils dans toutes les îles du Pacifique. Fils de bourgeois, orphelin et assez riche pour se passer des fantaisies de jeune homme.

— Et Barbara ?

— Je vous attendais là. Elle est bien belle, n'est-ce pas ? Pour le reste trente mille francs par mois pour sa pension de jeune fille libre... son père ? Il ne sort pas de ses affaires, et sa mère, elle, à moitié folle, fait tourner les tables à longueur de nuits... un million de bijoux, déposés

dans une banque d'ailleurs... des dizaines d'autres millions à hériter un jour et une santé tellement solide que c'est elle qui aura le dernier mot. On mettra Barbara Durand dans un cimetière et sa belle santé restera enfin seule pour ne plus être maltraitée.

— Si on rentrait fumer un peu ?

— Puisque vous y tenez. Ils pénétrèrent tous deux dans le salon. Autour d'une lampe, Courvoisier, Berthe, Lily ; autour d'une autre Barbara, Arichetti, Artenac. Une odeur lourde, inoubliable et séduisante flottait dans la pièce, ruisselait sur les murs, imprégnait les rideaux, tellement concrète que Maison eut la sensation de la percevoir par son corps tout entier. Columot et Marie-Jacqueline kieffaient déjà dans un angle obscur de la pièce sur des piles de coussins. Le troisième plateau était libre. Antoine et Auportain s'installèrent. L'habileté de ce dernier était extraordinaire. Sous ses doigts maigres l'aiguille tournait et la goutte d'opium gonflait, blondissait, mûrissait. À la fin, d'un geste sec, il la collait sur le fourneau, la transperçait et tendait à son compagnon l'extrémité du gros tuyau de bambou. Il avait, à dessein, choisi la plus simple des pipes, sans ornements, sans métaux précieux. Rien qu'un morceau de bambou et un fourneau de terre avec une armature très simple et un embout d'ambre. Il donnait ainsi une leçon d'élégance à Artenac dont la pipe d'ivoire aux ornements compliqués, au fourneau de faïence n'était qu'un objet d'exportation, et même à Barbara qui avait apporté une pipe ancienne, véritable pièce de musée.

— Regardez-moi, disait Auportain à Maison... vingt-cinq années de ma vie aboutissent à ce résultat : je suis l'un des meilleurs faiseurs de pipe d'Europe. Moquez-vous après cela des collectionneurs de timbres-poste.

Courvoisier s'adressait à Antoine :

— Prenez-en de la graine, mon vieux. Le jour où le docteur acceptera de fumer une pipe faite par vous, ce jour-là, et ce jour-là seulement, vous pourrez dire que vous savez fumer.

Berthe Cassotte ne cacha pas sa façon personnelle de penser.

— J'ai horreur de vos façons. À table le cuisinier ne vient pas vous dire comment il a vidé et préparé sa volaille ? non ? Alors faites-en autant avec votre art de faire les pipes.

C'était une belle fille qui apportait dans la vie une froideur et une insouciance de grande aventurière. Rien ne l'étonnait sauf l'étonnement des autres devant ses actes parfois délirants. Qui étaient son père, sa mère, sa famille ? Nul ne le savait. On la disait apparentée à un célèbre ambassadeur et elle était reçue dans des milieux très fermés de Londres. Pour le reste, cherchait qui voulait. Car, bien que l'opium porte aux confidences, jamais Berthe n'avait rien dit de son passé. Elle mentait d'ailleurs avec l'assurance de ceux qui trouvent dans le mensonge leur satisfaction et se soucient peu d'être ou de ne pas être crus. Ainsi, mêlant le

vrai et le faux, mais taisant les plus intimes de ses pensées, elle constituait elle-même sa légende et s'y installait avec volupté. À côté d'elle, Julie Angeot, dite Lily, n'avait pour séduire que la fraîcheur de ses dix-huit ans. Où Berthe l'avait-elle trouvée ? Elle était arrivée avec elle un soir de fumerie chez Courvoisier, lui avait administré douze pipes d'opium dont la petite avait pensé crever. Courvoisier ne pouvait se rappeler sans rire, comment, tandis qu'elle vomissait dans son lavabo, Berthe lui tenait la tête en répétant :

— Dégueule, ma chérie ; dégueule, ma petite fille ; c'est un pucelage que tu perds.

Car tous, même Auportain, avaient passé par cette terrible épreuve de la première fumerie, qui se termine par des nausées douloureuses, des haut-le-cœur, des crampes de ventre et d'estomac. Véritable mal de mer qui dépouille le fumeur néophyte de toute dignité, de toute volonté, de toute force. Ils pouvaient sourire en regardant les autres, mais dans leur souvenir ils gardaient l'image de ce qu'avait été cette première nuit et quelle déchéance finale avait préfigurée leur initiation.

Pour Antoine Maison cela s'était passé, le 14 Juillet précédent, chez Barbara. C'est par elle qu'il avait connu la drogue, c'est par la drogue qu'il essayait de la connaître mieux. Il se souvenait clairement du voyage de retour quand, vers quatre heures du matin, à l'aube blanchissante, elle l'avait emmené, inanimé, chez lui, à Montmartre, dans sa grande torpédo découverte, à travers les bals publics qui s'ouvraient devant eux et se refermaient après leur passage. Cependant Antoine plongeait avec délices dans un marécage de rêve et d'espoir. La rêverie prenait possession de lui. Il s'arrêta de fumer, alluma une cigarette, but de la citronnade et se cala entre les coussins. L'odeur de l'opium le pénétrait et le soulevait. Son avenir lui apparaissait en rose et déjà au passé. Les images de ses désirs l'assaillaient comme une marée et se précipitaient dans sa cervelle avec une étourdissante vitesse. Il triomphait des moindres obstacles, se livrait à de folles entreprises et le décor s'abolissait. Il lui sembla que des heures s'étaient écoulées. Il regarda sa montre. Il y avait à peine un quart d'heure qu'il songeait. À ses côtés Auportain fumait méthodiquement. Une puissante inspiration faisait pénétrer la fumée dans ses poumons tandis qu'il inclinait le fourneau sur la flamme. Puis il la rejetait lentement en lourdes volutes. Antoine replongea dans ses ténèbres. Quand il reprit notion de la réalité tous s'étaient isolés dans leur univers personnel. Seule Barbara fumait encore. Antoine se leva et vint s'allonger près d'elle.

— Une pipe ?

— Volontiers. Elle la prépara elle-même et la lui tendit.

— Comme on est bien ici, dit-

elle. L'été on peut ouvrir les fenêtres sans crainte et les parfums des fleurs se mêlent à celui de l'opium. On se sent libre. Plus besoin de se cacher.

— J'imagine que fumer en mer, cela ne doit pas manquer de charme.

— Oh ! j'ai remonté le Missouri sur le yacht d'un de mes amis. C'était délicieux. Mais, dites, Antoine, vous êtes intoxiqué, vous ?

— Moi ? non... du moins je ne le crois pas.

— Vous avez fumé hier ?

— Non, ni avant-hier...

— Alors vous n'êtes pas intoxiqué. Mais cela vous arrivera comme aux autres. C'est d'ailleurs peu intéressant, vous savez. Gardez votre liberté le plus longtemps possible, c'est bien meilleur. Pourtant j'ai un ami qui se promène dans l'opium comme un poisson dans l'eau. Il y entre, il y reste six mois à fumer comme une locomotive et il en sort du jour au lendemain sans le moindre malaise. Mais je ne connais que lui. Antoine tirait sur une nouvelle pipe. Elle guidait le fourneau au-dessus de la flamme et, du bout de l'aiguille, grattait en même temps des boursouflures de dross.

— C'est bien où vous habitez ?

— Oh ! une simple chambre d'hôtel à Montmartre.

— Comme cela doit être amusant ! Vous voyez tout le panorama de Paris par la fenêtre ?

— Non, rien qu'une rue banale et triste et un petit bout du Sacré-Cœur entre deux toits.

— Oh ! déménagez... il y a à Paris des appartements merveilleux pour rien... Il suffit de faire quelques frais et on a un palais...

Antoine pensait aux cinq cents francs qu'il consacrait chaque mois à son logement. Cette vie qui avait été le rêve de son adolescence se révélait déjà dérisoire. Cette chambre d'hôtel symbolisait une liberté durement conquise sur des préjugés de caste, des obstacles de famille et la difficulté de gagner sa vie. Elle lui paraissait cependant l'image même d'une médiocrité à laquelle il résolut d'échapper. L'opium lui en donnait déjà l'illusion. Par lui il pénétrait dans son château de la Belle au Bois, un château où selon son humeur il organiserait sa solitude ou donnerait rendez-vous à ses amis qui seraient tous charmants, fidèles et intelligents...

— Vous kiefiez ? demanda Barbara.

— Oui... je rêvais... je rêvais à vous.

— Et à vous aussi. C'est toujours comme cela... Mais qu'est-ce que vous faites dans la vie ? Depuis que je vous connais vous ne parlez jamais de vous... je parie que vous voudriez faire le tour du monde...

— Oh ! j'en serais enchanté, mais ce n'est pas le plus grand de mes désirs.

— Qu'est-ce que c'est ? Voyons, que souhaitez-vous le plus ?

— Découvrir un trésor caché...

— Comme cela doit être excitant ! Au fond d'une forêt, dans les ruines d'un château ou d'une abbaye... on creuse... on creuse... et on trouve un coffre où sont des bijoux vieux de trois mille années, des diamants, des turquoises, des rubis... le sceptre de Philippe le Bel, et aussi des poignards d'ivoire et d'or, des bagues et des talismans comme dans les romans de chevalerie.

— Je n'en demande pas tant... non, au coin d'une prairie ombragée par des peupliers, sous quelques centimètres de terre, trouver un cruchon plein de médailles aux effigies oubliées depuis longtemps. Il y a tout près trois gros champignons à fond rose. Un crapaud et des sauterelles sautent dans l'herbe, des grillons mènent leur train, des papillons et des oiseaux volent. On entend le cri lointain d'une locomotive. À l'horizon, au loin, une bergère garde des moutons au flanc d'une colline et, derrière la haie, c'est la galopade d'un lièvre. L'air vibre, le soleil est chaud, un gros nuage tout blanc traverse le ciel en projetant une ombre rapide et douce. Elle avait posé la pipe et reculé le plateau.

— Oui... et y aurait aussi deux bagues avec des signes gravés dans l'émeraude. Et nous en prendrions chacun une. Elle mit la main sur son épaule et l'embrassa longuement sur la bouche. Il l'étreignit de ses deux bras et ils restèrent longuement enlacés, tête contre tête, poitrine contre poitrine. Brusquement elle desserra l'étreinte, alluma une cigarette et lui tendit le paquet.

— Ce sont des Westminster's Commander... on a du mal à en trouver à Paris... à moins que vous préféreriez des Bocks, les meilleures cigarettes de La Havane. Il posa la main sur son poignet.

— Barbara, m'aimez-vous un peu ?

— Aimer ? Comment ? Oui, je vous aime bien. Mais pour l'amour essayez d'y parvenir. Moi, je n'y crois pas ou plutôt je n'y crois plus. Parlons d'autre chose... cela gâcherait la nuit.

Antoine, interdit, ne savait quoi dire. Il se raccrocha à ses compagnons.

— Qui est Arichetti ?

— Oh ! c'est un être délicieux. La fantaisie faite homme. Et tellement drôle ! C'est encore une de mes découvertes. Je l'ai rencontré à Juan-le-Pins, ou plutôt non, à La Napoule. Un jour d'été où il faisait tellement chaud... je prenais mon bain de soleil sur la plage, vous savez, entre La Bocca et La Napoule, quand tout à coup je vois sortir de l'eau un garçon tout habillé : souliers blancs, pantalon blanc, chemise bleue et cravate bleu et rouge. Je croyais rêver. Enfin je lui dis : « Est-ce que vous arrivez d'Afrique ? » Non, répond-il, je viens de Cannes en

me promenant. Il faisait si beau... mais si chaud et l'eau était si bonne ! Je suis venu en marchant dans l'eau. » Là-dessus il se déshabille, ne garde que son caleçon, et met ses vêtements à sécher. Mais ce qui a été le plus beau, c'est quand il les a repassés avec des pierres chauffées par le soleil ! Enfin nous sommes rentrés ensemble et on a dîné, puis je l'ai emmené fumer quelques pipes. Il en avait déjà l'habitude.

— Mais qu'est-ce qu'il fait ?

— Il est correspondant d'une grosse boîte américaine de je ne sais plus quoi. Ou plutôt il était. Je crois qu'il a eu des ennuis avec eux et même ils lui ont payé une grosse indemnité pour se séparer de lui. C'est avec cela qu'il a pu acheter sa belle voiture.

— Mais il a de l'argent ?

— Non. Mais il en gagnera toujours. Il a un talent extraordinaire. S'il voulait se mettre décorateur, il gagnerait des fortunes. Tous les richards de Paris sont fous de lui... Encore une pipe ?

— Moi je rentre... Arichetti nous emmènera bien...

C'était Columot debout à côté d'eux avec Marie-Jacqueline.

— Rentrer ? quelle heure est-il ?

— Il est cinq heures, ma belle Barbara.

— Déjà !

Arichetti, Columot, Marie-Jacqueline et Lily partirent et le bruit de la puissante auto retentit longuement dans la nuit. Puis Antoine entra dans un long tunnel d'imaginations dorées dont il sortit brusquement pour voir qu'il faisait plein jour. Barbara et Berthe reposaient sur un divan, enveloppées dans des peignoirs de bain et des couvertures. Courvoisier allumait une cigarette devant la porte du jardin. Auportain avait son chapeau à la main.

— Mon cher monsieur, voulez-vous rentrer avec moi ? Nous ferons un tour à pied le long de la Marne ou dans le bois de Vincennes. Barbara et Berthe restent ici encore un moment, c'est-à-dire jusqu'à cinq heures de l'après-midi et nous laisserons Courvoisier filer dans son bolide. Antoine se leva. Il avala un grand verre d'orangeade, se mouilla le visage et sortit avec son compagnon. Une légère brume flottait encore sur la Marne. Le paysage prolongeait l'atmosphère de la nuit. Sans dire mot ils allaient comme flottant dans un nuage. Un bruit de moteur les rejoignit et la voix de Courvoisier :

— Docteur, c'est très mauvais de se promener dans le brouillard. Montez dans ma bagnole. Je vous déposerai où vous voudrez... Est-ce que vous ne parliez pas du bois de Vincennes ?

Et ils repartirent tous les trois, Antoine soulagé de ne pas laisser Courvoisier derrière lui mais inquiet de laisser Barbara chez Artenac.

Quelques minutes après, Courvoisier les arrêta dans une allée du Bois. Puis il repartit, faillit accrocher un cycliste, passant solitaire, et disparut dans un tournant.

— Où va-t-il si vite ?

— Nulle part, mon cher Antoine. Il s'est levé ce matin avec un grand projet en tête. Soyez sûr qu'il prend la direction du laboratoire où il peut travailler. Mais ira-t-il jusque-là... ne sera-t-il pas découragé avant ! Je l'observais cette nuit tandis que vous rêviez à Barbara. Il était seul sur un divan. Une lampe éclairait son beau visage. Un instant il voulut noter quelque chose, il sortit son stylo. Peine perdue, il le remit dans sa poche sans avoir rien écrit. Il est parti à la recherche de son rêve. Faut-il souhaiter qu'il le retrouve ? Je ne sais. Sans doute cette lueur, cette idée se révélerait-elle médiocre.

L'allée les avait conduits à une grande pelouse. Un jardinier tondait le gazon. Un vent léger emportait quelques brins d'herbe. Ils s'assirent sur un banc. Auportain se taisait et Antoine, engourdi, n'avait nulle envie de rompre le silence. Il jouissait de la belle matinée. Il se sentait porté par des ailes invisibles. La saveur de l'air le pénétrait par toute la peau. Il avait conscience de respirer et de prendre grand plaisir à se baigner de cet air frais jusque dans les replis les plus secrets de son corps, de son cœur et de son esprit.

Barbara habitait à Auteuil un grand appartement, mais la plupart des pièces étaient fermées.

Le salon lui servait de studio et elle ne pénétrait guère ailleurs que dans la salle de bain. Les fenêtres s'ouvraient sur un panorama de maisons du tumulte desquelles jaillissait la Tour Eiffel. Au delà, c'était la ligne des collines de la proche banlieue que recouvraient des bois touffus. Dans les éclaircies on distinguait des immeubles dont les lumières perçaient l'épaisseur des nuits.

Antoine trouva Barbara seule. Elle se privait de domestiques pour être plus libre. Seule une femme de ménage venait quelques heures le matin. Elle était vêtue d'une robe d'intérieur blanche. Après avoir fait entrer le jeune homme elle revint s'asseoir dans un fauteuil, devant la fenêtre ouverte. Une bouteille de fine était posée à terre, un verre à demi plein décomposait la lumière sur le tapis gris. Antoine se trouva soudain gagné par un malaise. Il lui semblait que son crâne avait été vidé de toute substance cérébrale. Il ne lui restait rien qu'un grand creux qui lui donnait le vertige. Il ne savait quoi dire, ne trouvait pas une phrase qui valût la peine d'être prononcée. Cet instant qu'il avait désiré depuis des semaines se transformait en supplice. Depuis plusieurs jours sa pensée avait été obsédée par ce rendez-vous. Il avait retrouvé la joie de ses jeunes années quand le temps arrivait de telle fête, de telle partie de plaisir ou des vacances. Et maintenant s'il avait pu fuir il l'aurait fait. Il songeait déjà à trouver une excuse à un départ précipité. Mais cela même, il n'avait pas l'énergie de le faire. Il buvait son verre de fine en contemplant Barbara dont le visage aux yeux clos, encadré par les lourdes boucles blondes de sa chevelure, avait pris une extraordinaire expression de repos. Le cou, d'une ligne pure, s'attachait solidement aux épaules musclées. Sous l'étoffe légère on devinait la courbe de ses seins, celle du ventre et celle des hanches. Par la fente de la robe sa jambe sortait jusqu'à mi-cuisse, à la fois fragile et solide. Une mule se balançait au bout de son pied. Mais ce qui donnait à ce corps son aspect voluptueux, ce n'était ni la beauté de ses membres, du ventre et de la poitrine, ni le frais éclat du teint, ni sa pose abandonnée. C'était le souffle calme qui soulevait cette poitrine et qu'on eût cru voir passer, entre les dents éclatantes, par la bouche à peine entr'ouverte en un demi-sourire. Les bruits mêlés du monde arrivaient assourdis et la pièce n'était peuplée que par cette respiration régulière qui imposait son rythme à la marche du temps. Antoine avait l'impression d'accorder son souffle sur celui de Barbara et de pénétrer ainsi dans l'univers de sa rêverie.

— Barbara, dit-il.

Elle ne répondit pas. Elle dormait. Antoine se réjouit de ce sommeil qui lui épargnait le souci d'une conversation au cours de laquelle il savait qu'il se serait ridiculisé. Il évita alors de faire le moindre bruit et de bouger. Il remplit son verre avec précaution et, le tenant dans le creux de la main, il pénétra à son tour dans le dédale de son imagination. La minute présente avait pris l'immobilité des grands espaces vides et il flottait lui aussi entre le désir et la réalité sans avoir à se décider entre l'un et l'autre. La sirène d'un remorqueur, le chant d'un oiseau, le cri d'une locomotive, le ronflement d'une auto passaient parfois entre elle et lui. Un soupir gonflait sa gorge et elle retournait à ses domaines secrets. De longues minutes, des quarts d'heure passèrent. Le timbre de la porte déchira brusquement le décor. Barbara s'éveilla en souriant et se leva. Un instant il distingua deux cuisses fuselées et nues. Elle passa près de lui en passant sa main sur ses cheveux.

— Je crois que nous dormions, dit-elle.

Elle ouvrit. La voix de Lily retentit, puis des baisers, des mots... chérie... thé... sommeil... Elles revenaient toutes les deux dans la pièce.

— Alors, Antoine, on fait le lézard ?

L'espace se rétrécissait. Tout à l'heure la lampe à fumer s'allumerait sur le divan, le thé fumerait dans les tasses et le monotone cérémonial recommencerait. Antoine se reprochait maintenant sa lâcheté. Il aurait dû parler alors que cela lui était possible. Combien de mois lui faudrait-il attendre pour retrouver cette précieuse solitude à deux, et la haine le prenait contre Lily qui l'avait troublée.

— Antoine est tout drôle, dit celle-ci.

— C'est à cause de vous, Lily... Vous l'avez réveillé ! Vous savez qu'on était bien tous les deux à dormir au grand air. Si vous n'étiez pas venue on se serait retrouvés là demain matin.

— Je suis bien tranquille. Vous auriez eu besoin du bambou. Ils s'allongèrent tous les trois autour du plateau.

— Barbara, dit Antoine, j'ai suivi vos conseils. J'ai trouvé un petit coin charmant entre le boulevard et Montmartre. Une rue tranquille. Une grande vieille maison avec des jardins sur lesquels donnent mes fenêtres. Je crois que Chopin et Musset ont habité là. Du moins on me l'a dit...

— Oh ! Vous m'invitez ?

— Vous serez la première à y venir, Barbara, quand cela sera installé. Je crois que cela vous plaira.

— Et moi ? vous ne m'invitez pas ?

— Mais si, Lily... bien sûr. Vous y viendrez et tous nos amis. Dans le jardin il y a une grande fontaine couverte de mousse et des arbres énormes pleins d'oiseaux. On se croirait loin de Paris...

Vers le soir Barbara demanda à Antoine d'aller chercher un paquet de cigarettes dans la salle de bain. Il s'y rendit. Des serviettes humides traînaient par terre avec des bas et des chaussures. Sur la coiffeuse les fards et les parfums étaient en désordre. Un robinet mal fermé laissait tomber l'eau goutte à goutte dans le lavabo.

Il trouva les cigarettes sur une tablette de verre. Il les prit, mais, au moment de sortir, il resta un instant à considérer une boîte de suppositoires ouverte à côté du briquet.

Artenac préparait ses valises. Flanelles et lainages, vêtements de toiles, cravates joyeuses étaient posés en tas sur le lit. Le jeune homme s'affairait sans hâte. Bientôt tout fut placé dans deux bagages de cuir fauve. Il ne restait que la trousse entr'ouverte où l'on voyait un pyjama, un flacon d'eaux de Cologne, des boîtes, un nécessaire. Déjà un costume de voyage Artenac regardait l'heure. Onze heures du matin et le train ne partait qu'à huit heures le soir. Alors il sortit d'un tiroir un paquet de papier blanc. « vingt grammes d'héroïne ici et vingt grammes dans la valise. C'est plus qu'il faut pour me désintoxiquer en trois mois. Mais je n'ai pas de balance. Comment tirer un gramme de tout cela ? » il se souvint alors d'un système que Courvisier lui avait décrit.

Il répartit la poudre blanche et mate sur une feuille de papier quadrillé. « A l'aide d'un double décimètre il lui donna la forme d'un rectangle de dix centimètres de long. Il en égalisa l'épaisseur et, à l'aide d'un canif, en sépara une bande de cinq millimètres de large qu'il recueillit dans un fiole puis il fit bouillir de l'eau, la laissa refroidir et l'y versa à son tour. Il mit le bouchon émeri et plaça le tout dans la trousse, l'en ressortit et le mit dans sa poche avec une boîte plate qui contenait une seringue à injections. Alors, content de lui, il sortit pour déjeuner chez la mère Lampion.

— Ah! Vous voilà! J'espère qu'aujourd'hui vous ne chipoterez pas. J'ai des filets de brochet au beurre blanc et de la pintade ... C'est du nanan cela.

— C'est cela, soignez-moi bien car c'est la dernière fois que vous me voyez avant l'hiver.

—Tiens ? Vous partez pour la campagne ?

— Oui, je vais passer trois ou quatre mois sur la Côte d'Azur.

— Tant mieux... J'espère que cela vous retapera. Vous avez une fichue mine, vous savez, depuis plusieurs semaines. Soignez-vous et révenez-nous avec de l'appétit. Vous partez aujourd'hui ?

— Ce soir à huit heures.

—Alors vous avez le temps de bien déjeuner. C'est ne pas dans le Midi que vous mangerez comme ici, allez...

Vers trois heures Artenac pour tuer le temps partit en taxi pour Paris, «J'y prendrai mon biller et je reviendrai en auto chercher mes bagages vers six heures .»`

A quatre heures il sonnait chez Berthe. Éveillé tard, et sortait de son bain et son visage ébourriffé jaillissait plus frais du peignoir de tissu éponge.

—Artenac... quelle bonne idée ! J'allais justement prendre mon thé... mon petit déjeuner...

Elle apporta tout naturellement le plateau à opium avec celui à thé.

—Alors, qu'est-ce que vous devenez ?

—Je pars pour Marseille ce soir.

—Marseille ? vous allez au ravitaillement sur place ?

—Non. J'ai décidé de ralentir un peu. Alors je vais faire cela au soleil. J'emporte juste ma provision d'héro.

—Ah? vous en avez à la prise ?

—Non, à la piqûre. C'est moins dangereux. C'est plus efficace et puis c'est tellement plus pratique.

—Moins dangereux ? Méfiez-vous ?

—Oh, je me suis renseigné. Il faut moins de droge et n ne fait pas cela en pleine rue.

—Vous fumerez bien deux ou trois pipes avant de partir.

Ils fumerent en effet. Vers cinq heures et demie Jeanne Marjolain arriva et allongea près d'eux. À sept heures il fumait encore. Il décida alors de ne partir que le lendemain et ils dînerent de thé, de pain grillé, de confitures de fruits.

—Là-bas je vais trouver le soleil, le vrai. Je vais passer mes journées dans l'eau. Je pense aller à Porquerolles ou `Port-Cros. Je connais une petite maison où je me soignerais à mon aise. Il faut ralentir de temps à autre pour retrouver tout l'effet de l'opoum. Je reviendrai paré pour l'hiver, gonflé à bloc et noir comme de l'abène.

Il avait enfilé un pyjama et la manche, retrousée, laissait voir un bras amaigri mais bien musclé.

À cette heure le train roulait vers Laroche.

Il avait posé sur la table la diole et la seringue. Berthe et Jeanne =, malgré elles, pensaient à cette volupté. Elles attendaient qu'Artenacleur proposât une piqûre. Lui-même la désirait.

Vers minuit il ne résista plus au désir et passa dans la salle des bains. Il revint et s'enferma dans le silence d'un rêve personnel où la conversation des deux femms parvenait comme un bourdonnement lointain. Déçues et impatientes, Berthe et Jeanne le laissèrent en paix.

— C'est délicieux, leur dit-il soundains, et tellement plus puissante. Si je ne vous ennuie pas je vais aller dans la chambre à côté. Dans une heure je vous ferai une piqûre.

Et il sortit en titubant.

L'heure passa, puis une autre encore. Bertha décida d'aller le voir. Quand elle revint sa voix était blanche comme la nuit.

— Jeanne !Viens, j'ai peur. Il ne bouge pas, ne répond pas et son front est tout froid.

Jeanne approcha une lampi du visage d'Artenac. Il était jaune et des gouttes de sueur y perlaient.

—Il a l'air malade.

—Mon Dieu, s'il lui arrivait quelque chose ici! Que faut il faire ?

— Dit à Auportain de venir.

Déjà Berthe appelait au téléphone. Le docteur fit longue à répondre, enfin sa voix parvint.

— Qu'est-ce que c'est?

—Docteur, je vous réveille?

—Oui.

— Docteur, pourriez-vous venir chez moi, Berthe ... Berthe Cassote. Arenac est très malade
À sa surprise, Auportain ne se fit pas prier.

— C'est bon, j'arrive... en attendant mettez-lui des briques chaudes aux pieds... réchauffez-le.

Et il racchocha.

Les deux femmes s'affairèrent autour du malade, le couvrant de couvertures et de manteaux... peu d'instant après, Auportain arriva. Il alla droit à Arenac, prit son poignet, examina attentivement les pupilles.

— C'est maintenant que vous m'appellez ? Il est foutu. Qu'est-ce que vous avez encore à faire?

Il prit sur la chemise la seringue et le petit flacon.

—Morphine ? Héroïne ?

—Héroïne, répondit Jeanne.

—Quelle saloperie... et quelle quantité ? Elle est à combien, cette solution ?

—Je ne sais pas. Celui qui l'a apportée. Il disait qu'il l'emportait en voyage pour remplacer la drogue: que c'était moins encombrant et que cela lui faisait moins d'effet.

—En effet. Je vais lui faire une piqûre d'hulle camphrée pour la forme, mais c'est un cadavre qui est là.

Il fouilla dans sa trousse, sortit deux ampoules, se pencha sur Arenac.... se releva, l'observa encore.

—Avant cinq minutes il sera mort, rien à faire.

Et il passa dans la chambre voisine ;

— Et qu'est-ce que vous allez faire maintenant?

— On ne peut pas le faire transporter dans une clinique ?

— Les cliniques ne reçoivent pas les morts .

— Qu'est-ce que vous nous conseillez?

— Je ne vous conseille rien. Je vous ai déjà dit qu'il ne fallait pas compter sur moi dans les circonstances tragiques. Je suis un vieil égoïste. Égoïste, je le suis devenu. Je m'en suis arrangé

avec l'opium une jolie fin de vie. Je n'ai pas d'enfant, pas de femme, pas d'oeuvre à accomplir. Je me contente d'endormir avec mes vieux chagrins. Mais à votre âge il faut être deux connes sans espoir de guérison pour esquinter sa beauté, sa santé et sa vie avec toutes ces ordures. Vous êtes bien avancées ! Moi je n'y peux rien ... mais je souhaite que cela vous serve de leçon.

Et il sortit.

Ni Berthe ni Jeanne ne bougèrent. A la fin Berthe alla voir Artenac. Ses yeux vitreux semblaient la regarder. Elle lui prit la main. Elle était gluante de sueur et froide. Elle éteignit les lumières et rejoignit Jeanne qui recueillait des mégots de cigarettes dans un cendrier ...

—Oh! Jeanne...

—Je crois que le docteur a raison, hein ?

—Si on demandait à Courvoisier ?

—Demande-lui, toi, il t'aime mieux que moi.

Avant de prendre le téléphone Berthe saisit sur la coiffeuse un flacon de parfum et le renversa dans sa main.

—Jeanne, si tu savais, c'est atroce... j'ai touché sa main .. ah, c'est affreux...

Et elle manoeuvra le cadran de l'appareil.

Courvoisier avait dîné avec Antoine puis l'avait emmené chez lui. Dans un ardent désir de plaire il avait retrouvé sa séduction. Antoine l'avait longuement questionné sur ses travaux et, en lui expliquant en langage ce qu'avaient été ses recherches, il s'était soudain senti repris par l'enthousiasme. Il l'avait retrouvé dès le début quand il avait fait un exposé de l'évolution de la physique depuis la fin du XVIII siècle pour arriver au problème qui le préoccupait : l'origine des rayons cosmiques.

— Et quand je dis cosmique, mon cher Antoine, c'est pour parler comme tout le monde. Car, si on sait de quoi c'est fait, on ignore d'où ils viennent. Même le mot rayon est impropre, c'est un phénomène, le phénomène n° 1 de l'instant. Mais cette chose imperceptible à nos sens, cette force énorme – car il faut une fameuse cuirasse pour arrêter ces... ces projectiles – peut révolutionner toute la physique, toutes nos idées sur l'univers ou ne rien changer du tout. Voyez-vous, on en revient toujours à la métaphysique. Chaque découverte de la science, c'est une parcelle gagnée sur cette forêt imaginaire. Mais n'importe qui peut être métaphysicien. Vous, l'idiot du village le plus perdu ou le plus grand génie. Le physicien arrive. Il pèse un mètre cube d'air ou il fait n'importe quoi d'autre et une pile de grandes

machines métaphysiques s'écroulent et se mettent à rouiller quelque part, dans la grande remise d'hypothèses. Je suis content de parler avec vous, Antoine. Cela a l'air de vous intéresser, ce que je vous dis. Cela me donne du courage. J'ai là des notes toutes prêtes pour un bouquin. J'avais laissé tomber. J'avais l'impression de travailler dans le vide. Je crois que je vais m'y remettre.

Déjà il sortait son matériel de fumeur.

— Une pipe ou deux ? On continuera de bavarder ...

Et les heures de la nuit commencèrent leur procession. La drogue et les mots grisait Courvoisier. Antoine, voyageur couché, se laissait entraîner à sa suite dans les espaces dont l'immensité le berçait, le laissait haletant et lui communiquait portant foi et courage. Mais il n'était pas si novice ni si peu lucide qu'il ne pût prévoir la désillusion du lendemain matin. Le ton de la conversation était devenu sentimental. Courvoisier parlait maintenant de l'amitié, et cette amitié, il la proposait à son compagnon. Quelque chose de trouble et d'émouvant était en eux et autour d'eux. Antoine aurait voulu se serrer contre son cœur. La timidité seule l'en empêcha et aussi le souvenir du baiser de Barbara chez Artenac, cette étreinte où il avait cru la conquérir et dont elle s'était évadée aussi simplement qu'elle devait sortir de son bain.

Soundain le téléphone sonna. Courvoisier décrocha : « Oui... non ?...hein ?... Auportain ? J'arrive avec Maison. Le temps de descendre et prendre ma voiture... » Puis à Antoine :

—Venez.. il est arrivé un accident à Artenac chez Berthe.

Berthe, Jeanne, Courvoisier et Antoine étaient assis face à face dans la pièce doucement éclairée. Dans un coin d'ombre la lampe à huile mettait une lueur pâle et fumeuse. La porte de la chambre où reposait Artenac était ouverte. Antoine songeait même qu'elle était béante et, tandis que ses trois compagnons discutaient, son esprit s'amusait à peser ces deux termes.

En arrivant, Courvoisier avait pris Berthe dans ses bras,

— Ma pauvre Berthe !

— Raoul, Raoul, c'est affreux, ce qui arrive. Sauve-moi.

Ensemble ils s'étaient approchés du divan. Courvoisier qui avait retrouvé une énergie oubliée s'était affairé. Artenac ne bougeait plus. Ses paupières ne réagissaient pas à la lumière. Son souffle ternissait imperceptiblement le miroir. Ses pieds et ses mains étaient froids et humides de sueur.

Et maintenant ils étaient réunis les quatre sans savoir quoi faire. Berthe était pitoyable. Elle avait perdu toute morgue et tour allant. Chacun ébauchait des plans sans les terminer.

Soundain on sonna. Ils se regardèrent, terrifiés. On sonna une seconde fois, puis une troisième et une main impatiente frappa à la porte. Bertha se leva pour aller ouvrir, mais, auparavant, elle ferma la porte de la chambre, éteignit la lampe à huile et recouvrit le plateau avec une couverture. Enfin elle passa dans l'entrée et ouvrit. Ils entendirent sa voix:

—Vous, c'est vous!

Auportain entra avec une trousse et un paquet. Il passa sans dire un mot dans le studio, ouvrit la porte et fit de la lumière. Antoine et Courvoisier le rejoignirent.

—Que Berthe et Jeanne restent à côté, et vous aidez-moi. Plantez un clou à la tête du divan.

Pendant ce temps il défaisait le paquet et en sortant une grosse ampoule de sérène et déboutonna le pantalon, mettant le ventre à nu. Il n'y avait dans l'appartement ni clou, ni marteau. Alors le docteur remit l'ampoule à Antoine en lui recommandant de la tenir à bout de bras, puis d'une longue aiguille il piqua. Plusieurs minutes ils restèrent immobiles et silencieux. Puis...

— Rien à faire. La circulation ne se fait plus.

Il rétréa l'aiguille, rangea son matériel, tendit les deux mains à Raoul et Antoine.

— Adieu. Je n'ai rien vu. Je ne sais rien. Je ne peux pas faire plus et personne d'autre non plus.

Il rétraversa le studio en haussant les épaules. Berthe se leva sur le point de parler, mais elle se tut. Elle alluma elle-même la minuterie dans l'escalier et referma doucement la porte contre laquelle elle s'appuya et se prit à sangloter. Courvoisier vint la rejoindre et posa ses deux mains sur ses épaules.

—Rien ne sert de pleurer. Viens. On va te tirer de là.

Elle rentra avec lui sans prendre la peine d'essuyer son visage. Près de la cheminée, Jeanne tamponnait ses yeux à petit coup en se regardant dans la glace. Antoine, immobile, s'étonnait d'être un témoin attentif plutôt qu'un acteur du drame.

C'est qu'Artenac n'était plus en jeu. Son sort ne préoccupait ses amis que dans la mesure où il pouvait être la cause de catastrophes. Le sauver serait le mieux, bien sûr, mais s'agissait-il de le sauver ? Il s'agissait de se sauver, de sauver Berthe pour se sauver. Les narines de Courvoisier se pinçaient. Sa parole devenait hésitante. À la fin il n'y résista pas.

—Je vais fumer une pipe. J'en puis plus. Je n'ai pas eu ma dose. Tu permets, Berthe ?

Et déjà il rallumait la vieille pipe, piquait l'aiguille dans le pot à opium.

La drogue grésillait déjà sur le fourneau.

—Ah ! mon Dieu, sauvez-le !

C'était le souhait répété de Berthe. Souhait égoïste, car en réalité elle avait déjà soustrait Artenac, en tant qu'homme vivant, de ses préoccupations. Antoine se souvint qu'un crucifix était accroché au-dessus de lit où mourrait Artenac. Était-ce là une foi, que celle où le Dieu n'était imploré que pour éviter les malheurs personnels ? Il préférerait encore la foi primitive des tirailleurs du Maroc.

C'était à Fés. Il était à l'hôpital en traitement, mais surtout secrétaire du major. Une nuit on amena un tirailleur sénégalais, on le coucha et il dormit jusqu'au matin. Au réveil il présentait tous les symptômes d'une crise de paludisme. Antoine avait fait lui-même la prise de sang, quelques coups d'aiguille au bout d'un doigt, et recueilli ce sang sur des plaques de verre. L'après-midi le nègre ne bougea pas. Vers le crépuscule il commença à gratter ses draps, puis il se découvrit, s'agita, montrant un ventre musclé et un sexe érigé droit comme un point d'exclamation. L'infirmière avait appelé Antoine qui avait calmé le malade. Puis tous s'étaient endormis. Vers minuit le surveillant arabe était venu appeler Antoine.

—Tu viens. Le nègre va mal.

Il allait mal. Il était dressé et menaçait d'invisibles démons de toute sa merveilleuse musculature et de ses poings tendus et serrés. Antoine l'avait approché avec crainte, mais il s'était laissé coucher avec docilité. Antoine l'avait bordé tandis qu'on appelait au major. Puis tout simplement le nègre avait caché sa tête dans la poitrine d'Antoine. Quand le major arriva il était mort. Cette nuit,, Antoine n'était pas près de l'oublier. On avait fait un tas des vêtements du tirailleur et placé le tout, cadavre et hardes, sur un brancard que l'on porta à la morgue de l'hôpital. Mais, en prenant la chéchia, Antoine avait senti quelque chose sous ses doigts et il avait trouvé une griffe de lion fendue à l'intérieur de laquelle étaient collés des cheveux ... des cheveux de marabout sans doute. Il avait arraché le gris-gris et l'avait mi dans sa poche. À son retour de la morgue, à travers des jardins de l'hôpital, il s'était soudain heurté à quatre ombres gigantesques : des tirailleurs sénégalais. Ils expliquèrent qu'ils venaient parce que leur ami venait de mourir. Comment le savaient-ils ? Il y avait moins d'une heure qu'il avait succombé. Leur camp était à plus d'une heure de marche ! Ils demandèrent à voir ses vêtements, à reprendre ses affaires personnelles. Antoine les vit linguement chercher, retourner la chéchia en tous sens et partir à regret. Ce gris-gris, il l'avait gardé jusqu'à son départ d'Afrique. À embarquement à Casablanca, il l'avait encore : au débarquement à Bordeaux, il ne l'avait plus. Il ne put jamais s'expliquer cette disparition.

—Où en est-il ? Que signifiait cette vision ? ce souvenir ?

Il était là chez Berthe et Artenac était morte ou en train de mourir et il écoutait sans les entendre Berthe et Jeanne parler et Courvoisier lancer une phrase entre deux pipes.

Soundain un gémissent partit de la chambre obscure.

—Il vit, cria Berthe en s'élaçant .

Courvoisier finit d'aspirer sa pipe et la suivit. Antoine à son tour pénétra dans la chambre. Mais Artenac était toujours inerte.

—Il ne peut pas mourrir ici, cria Berthe ! il ne faut pas qu'il meure ici !

Antoine sortit de son rêve.

—Qui vous dit qu'il va mourrir ? Auportain n'est pas le seule médecin à Paris ? Appelons-en un autre.

—Non! Non ! Je n'aurais pas confance en lui. Si Auportain dit qu'il va mourrir, c'est qu'il va mourrir.

—Écoutez, dit Courvoisier, si on le transportait chez lui ?

— Et après ?

—Puisqu qu'il est perdu, qu'importe ? On lecroira en voyage. On ne trouvera le cadavre qu'après des semaines. Transportons-le dans ma voiture. Au petit jour, qui nous verra ?

— Je n'y vas pas, j'aurais trop peur !

— Ni moi non plus, ajouta Jeanne.

— En bien, Antoine m'aidera.

La descente dans l'ascenseur, par la suite, Antoine ne put se la reppeler sans écoeuement. Ils avaient, à grand peine, rhabillé Artenac. Il se souvenait encore du mal qu'il avait eu à lui remettre ses souliers. Et, dans l'ascenseur, ils avaient dû le souteir à eux deux, vacillant, inerte, cadavre déjà. Dans le vestibule, Berthe et Jeanne les avaient rejoints.

—On ne peut pas rester seules après cela. On va avec vous.

Ils traverserent le vestibule sans faire de bruit. Seul le déclic de la porte avait rompu le silence. Puis, dans la nuit, sans allumer les phares, ils caserent le moribond et s'installèrent. Mais alors Courvoisier s'aperçut qu'il n'avait pas presque plus d'essence. Oseraient-ils pénétrer dans un garage ?

Deux agents arrivèrent. Courvoisier expliqua sa panne.

— Il y a bien un poste d'essence à deux cents mètres d'ici, mais il n'ouvrira pas avant une heure. Le mieux est que vous attendiez et vous pourrez aller chercher un bidon.

Et ils s'éloignèrent.

L'attente, dans un auto immobile, fut interminable. Ils allumaient cigarette après cigarette et ne parlaient qu'à mi voix avec des longs silences. Ils s'engourdissaient. Vers le boulevard de Courcelles on entendait le bruit des camions puissants et de tombereaux traités par des

chevaux au pas régulier. Chacun des quatre vivants s'enfermait dans son rêve, ses souvenirs et son amoullissement. L'agitation n'avait fait que suspendre l'effet de la drogue. Elle exerçait de nouveau son action sentimentale et excitante. Sur les sièges de devant Berthe et Jeanne se serraient contre Courvosier et celui-ci guettait machinalement à travers son imagination la première lueur de l'aube et le son des horloges.

Dernière, Antoine était seule avec le corps inerte. Il lui semblait que des odeurs funèbres s'exhalèrent déjà de ce qui, quelques heures avant, était un être jeune, animé, parcouru par un sang généreux.

— Quand je pense, dit Jeanne, que s'il avait pris son train ... à cette heure-ci il roulait dans la vallée du Rhône, quelque part entre Valence et Avignon.

— Pauvre vieux ! Il ne verra plus la Méditerranée.

Enfin Courvosier ouvrit la portière.

— Ça doit être ouvert. J'y vais.

Longue aussi parut son absence à ses compagnons. Il revint enfin avec deux bidons qu'il vida dans le réservoir.

— Ouf ! Nous voilà prêts pour cent kilomètres.

Il mit le moteur en marche et démarra. Boulevard de Courcelles il tourna à gauche et joignit la place de Clichy.

— Quel chemin prends-tu ? Il aurait mieux valu descendre carrément vers la Seine par le boulevard Malesherbes, la Madeleine et la Concorde.

— C'est vraie. Mais je pensais à autre chose. Bah... par la gare Saint-Lazare....

Mais il avait dépassé la place et ne voulut pas faire demi-tour. Par la place Blanche et s'engagea dans la rue Notre-Dame-de-Lorette puis le faubourg Montmartre.

Dans sa hâte, Courvosier allait à l'aveugle. Les rues, d'abord désertes dans les quartiers de l'ouest, s'animaient bientôt. Courvosier ne sut pas éviter les Halles et bientôt ils se trouvèrent au milieu d'une cohue des porteurs, des marchands, de voitures. Le soleil joyeux éclairait des piles de carottes et de navets, de choux et des tomates. Les fleurs de la saison s'en allaient par brassées aux bras des acheteurs tandis que la rumeur de cette foule maritime composait une chanson de printemps. Antoine soutenait Artenac dont la tête ballottait maintenant sans résistance. Ses yeux clos, son teint de cire, ses narines pincées, tout annonçait en lui la présence de la mort. Parfois la voiture devait s'arrêter brusquement et le corps inerte penchait en avant. Quand elle repartait et s'aplatissait dans les bras d'Antoine qui craignait sans cesse qu'un de ces passants si proches ne s'émût de voir un cadavre dans cette voiture de jeunes gens. Mais les passants, joyeux travailleurs à la langue bien pendue, ne remarquèrent que

Jeanne et Berthe assises à côté de Raoul. C'est à elles qu'ils dédièrent leurs madrigaux, non sans vouer à toutes les catastrophes cette voiture gênant et ce chauffeur maladroit. Enfin ils échappèrent à la cohue et par la place du Châtelet gagnèrent les quais.

— Alors, seulement, Courvoisier se retourna.

— Comment va-t-il ?

— Mal ... très mal ... je crois qu'il est mort.

— Mort, dit Jeanne ? Pense-tu ?

— Tu plaisantes, ajouta Berthe.

Mais ils virent tous les trois le visage de Jean et celui livide d'Antoine et ils n'ajoutèrent. Courvoisier pressait l'allure. Il se sentait comme dédoublé ou plutôt retourné. Il était le témoin de ses propres gestes et il contemplait les mouvements de son cœur comme. Jadis, il se penchait dans son laboratoire sur ses expériences de physique et sur les équations.

- Jeanne, les yeux fixes, était loin dans ses rêves. Selon son expression, elle réactivait. L'opium lui revenait par bouffées au cerveau et, avec elles, des souvenirs lointains et absurdes. Par exemple, le jour – elle pouvait avoir cinq ans – où, passant avec sa bonne, une dame avait dit : « La belle enfant...ce sera un jolie brin de fille dans dix ans ». Et ses souvenirs se précipitaient et l'étourdissaient. Elle avait un désir fou d'être allongée et de ne plus bouger et de ne plus sentir ses cahots.

Ne plus bouger, être loin, telle était aussi la pensée de Berthe qui se chantonnait sans arrêt, dans un petit coin de cervelle : « Elle avait du tout petits petons, Valentine... » Pourquoi diable cet air lui trottait-il dans sa tête ? Elle se souvint. C'était peu d'instant auparavant, aux Halles, un livreur sur son tripoteur le sifflait en pedalant.

Des nausées venaient à Antoine. Toute cette aventure lui paraissait bête. Il devinait déjà quels enjolivements y apporteraient Courvoisier, Berthe, Jeanne. Mais lui n'arrivait pas à s'intéresser. Il contemplait la Seine sur laquelle le soleil jouait avec l'ombre des ponts et les reflets irisés du mazour. Des remorqueurs, des péniches... et, de place en place un oisif nonchalant qui regardait l'eau et profitait de la douceur du temps.

L'auto franchit la poterne de Charenton.

— Une chance qu'il n'y ait plus d'octroi, dit Jeanne.

Courvoisier par un détour rejoignit la route le Nogent. Ils reconnurent au passage le « Rendez-vous des Pêcheurs », si pimpant par cette belle matinée, puis, tournant à droite, ils atteignirent la ruelle et stoppèrent devant la porte de bois du petit pavillon. Déjà Courvoisier ouvrait, faisait entrer la voiture dans la cour et refermait les deux battants. Puis il chercha la clef du rez-de-chausée, fourgonna dans la serrure et, aidé par Antoine, porta

Artenac sur le divan du petit salon. Les yeux d'Artenac étaient ouverts et les regardaient dans regard morne, inexpressif comme ficé derrière eux-mêmes. Courvoisier passa la main devant le visage blême.

— Il ne réagit plus, je ne sens plus son spuffle et il n'a plus de pouls. Il est presque froid.

— Qu'est-ce qu'on fait ?

— Je ne sais pas.

— Couchons-le dans son lit.

— Il faudrait le déshabiller et je n'en ai pas le coeur.

— Laissons-le sur le divan.

— On le verrait de la porte.

— Alors dans sa fauteuil, dans sa chambre.

Ils l'installèrent avec quelque peine au coin de la cheminée. Il glissa à plusieurs reprises et il fallait le caler avec des cousins...

— Alors on s'en va ? dit Berthe.

— Attends.

Courvoisier fouillait les meubles et le mort. Il trouva un petit bidon d'opium et le gros paquet d'héroïne. Il les prit. Il prit aussi toutes les instruments de fumerie : pipe, plateau, aiguille, lampe. Sur un briquet l'argent il vit une traînée d'opium.

— Il fraudait le laver.

— Donne-le-moi ... en souvenir de lui.

Et Jeanne glissa le briquet dans son sac.

Courvoisier ferma la porte de la chambre, sortit le dernier du salon qu'il ferma à clef et se dirigea vers l'auto où il chaca son butin.

— Et les clefs, demanda Antoine, tu ne vas pas les emporter ?

Il fit le tour, entra dans la maison par la cuisine, regagna la chambre et mit le trosseau sur la cheminée. Puis, avant placé dans la serrure du côté intérieur la clef de la cuisine, il claqua la porte derrière lui. Ses compagnons avaient déjà repris leurs places dans la voiture. Il s'assit au volant.

— Voilà ... j'ai pris tout ce qui pouvait mettre sur la piste la drogue.

— Non, dit Antoine, et heureusement. Tu as laissé derrière la pendule une fiole d'héroïne et une seringue. Et ça va mieux. Crois-moi. Si on le trouve assez tôt pour voir de quoi il est mort, il est préférable qu'on trouve aussi le matériel.

Berthe et Jeanne ne disaient rien.

—Tu as raison, dit Courvoisier. Et maintenant écoutez-moi bien, on va passer au « Rendez-vous des Pêcheurs »....

—Ah ! non, dit Bertht.

—Il le faut ! On est venu après une nuit blanche chercher Artenac et on ne l'a pas trouvé. Alors on vient prendre le petit déjeuner en passant. Dites bien comme moi, surtout, et n'en rajoutez pas. Moins vous en direz, mieux cela vaudra.

— Quelle barbe ! conclut Antoine.

Ils sortirent, fermèrent la porte de la petite cour et quelques instants plus tard entrèrent dans le café. La mère Lampion était au comptoir et les vit entrer sans surprise.

— Le beau temps vous ramène, mauvais troupe !

—Vous n'avez pas vu Artenac ?

—Il doit être loin à cette heure-ci. Il a déjeuné ici hier et il m'a dit qu'il partait pour Cannes hier soir, et pour quatre ou cinq mois encore. Cela ne lui fera pas de mal ... qu'elle mine il avait...

— Comment hier ? déjà ... Je croyais qu'il ne devait partir que dans une huitene.

—Il m'a dit que c'était hier soir. Vous n'avez pas été chez lui ?

—On en vient. C'est fermé et cela ne répond pas.

—Alors, c'est qu'il est parti. Faut pas que cela vous empêche de prendre le petit déjeuner...

—Bien sûr.

—Ni l'apéritif et le déjeuner. J'ai une matelote d'anguille du tonnerre et, mais ne le répétez pas, un pâté de lièvre, oui, de lièvre....

Barbara avait emmené Arichetti, Columot, Marie-Jacqueline, Noëlle et Jeanne dans une maison qu'elle avait louée, près de Paris, dans la vallée de l'Yonne. Columot les avait conduits d'un train d'enfer par les routes, mais ils étaient arrivés après la chute du jour. Ils avaient dîné en préparant eux-mêmes les plats et il était tard quand ils installèrent divans et matériel. C'est alors qu'ils constatèrent qu'ils n'avaient pas d'huile pour les lampes. Barbara ne voulut pas en demander aux voisins, des paysans qu'elle ne connaissait pas et qu'elle n'osait pas réveiller. Columot proposait de se contenter d'héroïne, mais Barbara tenait à l'opium. Arichetti proposa d'aller chercher de l'huile à la ville voisine. Noëlle qui avait trouvé des bougies prétendait s'en servir. Le résultat fut déplorable. La bougie fumait et l'opium prenait un goût de graisse brûlée. Arichetti mit la voiture en marche et partit avec Barbara, Marie-Jacqueline et Jeanne. Pont-sur-Yonne, Villeneuve-sur-Yonne, Saint-Julien du Sault dormaient. Après Villevalliers ils frappèrent à une auberge. Quand le patron, qu'ils questionnaient au haut d'une fenêtre, sut qu'ils voulaient de l'huile il referma simplement sa croisée en déclarant qu'il n'était pas à la disposition des poivrots. Ils continuèrent leur route. Joigny reposait dans les ténèbres épaisses. À l'hôtel des Ducs de Bourgogne une servante ensommeillée leur répondit que les cuisines étaient fermées à clef et qu'elle ne pouvait réveiller ni le chef ni les patrons. Ils allaient repartir quand les phares de l'auto projetèrent les ombres de deux soldats.

— Attendez un instant et laissez-moi faire, dit Arichetti qui, à voix plus basse, demanda aux deux hommes l'adresse du bordel.

— Voilà, reprit-il en remontant, je sais où en trouver, mais ce n'est pas un endroit pour vous. J'irai seul.

— Que croyez-vous, Arichetti ? Je sais me tenir dans tous les endroits.

— Pour sûr, Barbara, on en a vu bien d'autres...

— Dites-nous donc où vous allez ? Votre épiciier est duc ou marquis ?

— Non... mais comprenez-moi... je vais dans une maison... quoi, une boîte... un lupanar.

— Ah ! un bordel ! fallait le dire. On ira tous ensemble et ce sera très drôle...

— Tant pis, je vous ai prévenus.

Ils entrèrent, Barbara en tête, dans une salle basse où trois sous-officiers et deux jeunes gens buvaient du vin blanc en compagnie des quatre pensionnaires de l'établissement. Leur entrée fit le silence et la patronne elle-même vint prendre la commande.

— Vous savez, je n'ai pas le droit de recevoir des dames. Enfin, ces messieurs seront discrets. J'ai du champagne à cent francs la bouteille.

— Donnez-en six bouteilles, dit Barbara. Ces messieurs et ces demoiselles accepteront de nous tenir compagnie. Puis, se penchant vers Jeanne qui avait de l'héroïne, elle lui dit quelques mots, prit son sac et sortit. Quand elle revint elle avait un peu de poudre blanche sous les narines. Elle rendit son sac à Jeanne qui sortit à son tour avec Marie-Jacqueline. Presque aussitôt Noëlle alla les rejoindre. Les quatre filles restaient silencieuses et écoutaient Arichetti faisant aux trois sergents le récit de ses années de régiment.

— Notre commandant était une espèce de fou qui mettait son cheval aux arrêts quand il l'avait fichu par terre et la punition était lue au rapport de la compagnie, et il ne fallait pas rire.

— J'en ai eu un comme cela. Il mettait aussi sa femme et ses enfants aux arrêts. C'est son ordonnance qui nous racontait ça. Pendant la guerre, il avait été extraordinaire. Il sortait de la tranchée, la montre en main, et criait aux Allemands : « Allemands ! vous avez deux minutes pour m'abattre. » Et les balles, si ça ronflait ! Eh bien, il n'a jamais rien eu !

— En tous les cas, moi, j'en ai eu de la prison et de la salle de police. J'ai fait presque deux mois de rabiote.

— Ça forme la jeunesse.

Mais une femme s'était penchée vers Barbara et lui parlait à voix basse :

— Dites, donnez-m'en un peu ?

— De quoi donc ?

— Vous savez bien. Vous êtes sortie en prendre tout à l'heure. Vous en avez encore un peu sous le nez.

Barbara saisit son poudrier et se regarda dans la glace.

— Dites, donnez-m'en un peu ? Je ne dirai rien à personne.

— Oui, tout à l'heure... je ne l'ai pas sur moi ; quand notre ami sera revenu.

Arichetti en effet s'était absenté à son tour. Quand il revint ses interlocuteurs s'essayaient maladroitement à des tours de cartes. Il prit le jeu et les éblouit. Il imitait le boniment du prestidigitateur en les fixant attentivement dans les yeux. Puis soudain il posa le paquet et s'adressant à la patronne :

— Madame, vous serez bien gentille de me vendre une petite bouteille d'huile.

— Une petite bouteille d'huile ? Quel tour allez-vous faire avec ?

— Ce n'est pas pour un tour, c'est pour ma salade... oui, je mange toujours une salade avant de me coucher... de la laitue... sans cela je ne dormirais pas... et justement je n'ai plus d'huile.

— Et cela fait vraiment de l'effet ? Il faudra que je dise cela à mon mari qui a des nuits blanches.

Quelques instants après elle lui donnait une fiole. Arichetti devenait fébrile.

— Et maintenant il est tard, nous allons partir.

— Dites, donnez-m'en un peu ?

La fille s'était approchée de Barbara et lui serrait le bras. Barbara prit le sachet dans le sac de Jeanne et le lui passa sous la table. Arichetti payait, se levait.

— Allons, allons-nous-en.

Il était déjà dans le couloir de sortie. Elles le suivirent. Dans l'impasse il courait presque et il les bouscula pour les faire monter plus vite. Il démarra brutalement et souffla à Barbara assise à côté de lui :

— La police, ils sont de la police !

Son ton de voix était si tragique qu'elle ne trouva rien à dire. L'auto filait, phares en veilleuses. Il prenait des routes au hasard, tournait raide. Deux ou trois fois elle crut qu'il allait dans le fossé. Une aile accrocha au passage le parapet d'un ponceau. Les trois autres sommeillaient derrière. Soudain une lueur vint se refléter sur le pare-brise. Il rentra dans l'ombre par un chemin de terre, éteignit tous ses feux. Sur la route une puissante auto passa. Son moteur tournait régulièrement. Elle allait vite mais sans forcer le train. Il recula, fit demi-tour difficilement et repartit dans un écheveau de routes où il n'était plus possible de s'orienter. Ils se trouvèrent soudain dans une rue large bordée de maisons ouvrières. Ils arrivèrent devant un bâtiment derrière lequel haletait une locomotive. Deux trains se croisèrent en hurlant.

— Une gare ! Mais c'est Laroche ! Vous êtes fou ! Où nous emmenez-vous ?

— Sauvés ! Je vous ai sauvés et moi avec vous. Mais ne perdons pas de temps.

Il s'orienta sur la ligne de chemin de fer, remonta vers Joigny qu'il traversa en trombe. À quelques kilomètres il fit une embardée, la voiture roula sur un sol mou.

— Ça y est ! Vous nous avez collés dans un champ... allez, donnez-moi le volant. Je vais vous ramener si la voiture n'a pas de mal.

Elle put reprendre la route sans trop de peine. À ses côtés, Arichetti tremblait, claquait des dents et répétait sans cesse :

— Ma petite Barbara... la police... ils ont tout compris. Les tours de cartes, c'est un truc classique. Ils font semblant de prendre une carte dans votre poche, dans votre sac, et ils cherchent si vous avez de la drogue. C'est pourquoi je ne les ai pas laissés faire. Heureusement, oui, heureusement, que j'ai du sang-froid. Vous avez vu le coup pour l'huile si j'ai été adroit ! Rien compris ! Ils n'ont rien compris, mais ils ont deviné ! Ils sont sur notre piste... allez vite, plus vite, pour l'amour de Dieu... ou nous serons en prison avant midi.

Barbara arrêta l'auto, alluma une cigarette et posément :

— Arichetti, vous me rendez folle, vous m'abrutissez. Ne dites plus un mot ou je vous dépose sur la route et vous vous débrouillerez. Il n'y a pas l'ombre de police. D'ailleurs, c'était pas malin, on voyait l'héro dans nos trous de nez... La petite Carmen m'en a demandé et je lui en ai donné.

— Vous lui en avez donné ! Nous sommes perdus. Pourvu qu'ils n'aient pas relevé le numéro de la voiture.

— Taisez-vous.

Il se tut, mais en arrivant à l'aube blanchissante à Pont sur-Yonne, il lui toucha l'épaule.

— Laissez-moi ici. Il y aura un train bientôt. Je le prendrai. Je retourne à Paris. J'aime mieux ça.

— Eh bien, si vous voulez. C'est infernal à la fin...

Il ouvrit la portière et descendit avant même qu'elle ait stoppé. Un instant les phares projetèrent son ombre, puis Barbara remit en marche et accéléra en haussant les épaules. En pleine campagne elle arrêta de nouveau et se retourna. Jeanne, Marie-Jacqueline et Noëlle dormaient en tas. À la lueur falote du plafonnier elles livraient des visages à bouches béantes. Le fard s'était décomposé sous leurs yeux. Des rides se marquaient. Barbara songea aux filles du bordel de Joigny. À cette heure elles devaient dormir avec les trois sous-offs ou l'un des petits civils.

— Quelle mocheté ! murmura-t-elle.

Elle prit le sac de Jeanne, chercha le sachet, pris et reprit la route à petit train dans l'air frais du matin. Les champs sentaient bon. Il y avait des lumières aux vitres de certaines fermes. Dans une cour elle vit un robuste gars ou plutôt sa silhouette. Il balançait une lanterne et se dirigeait vers des écuries. Deux ou trois chiens, déjà lâchés, poursuivirent en aboyant. Dans un village un chat blanc traversa la route. Elle ralentit pour ne pas l'écraser, éteignit les phares.

Il faisait jour et la maison était proche. Devant elle, au tournant de la route, un marronnier rouge épanouissait ses fleurs derrière le mur d'un jardin. Un oiseau de nuit attardé passa d'un

vol souple comme le velours et se réfugia dans l'ombre d'une mesure en ruine. Elle s'arrêta encore. Des cloches sonnaient à travers l'espace. Les horloges se répondaient d'un village à l'autre et, même, d'une maison à l'autre où le son grave des pendules à contrepoids avait un parfum, celui du lait crémeux, du café, du pain grillé et du beurre. Des dimanches enfuis renaissaient en elle. C'étaient des brioches et des robes aux couleurs pâles, la blondeur des rêves, l'extraordinaire précision du monde aux yeux d'un enfant. Le menton sur le volant elle rêvait à tout cela. La joie, le bonheur, le rêve en ces temps pas si lointains n'avaient pas goût d'effroi. Tout était simple. Les petits camarades, filles ou garçons, étaient gentils ou méchants, rétifs ou dociles. Le soleil était d'or. Elle avait maintenant l'impression de vivre dans une moustiquaire ou un aquarium. Tout était compliqué par une ombre absurde. Et cette ombre, elle la sentait depuis des jours sur elle, même en plein midi. Elle se retourna encore. Son troupeau de filles dormait toujours. À quoi bon les éveiller pour leur dire qu'il était matin dans la belle saison, que la vie était délicieuse et valait d'être vécue, même pieds nus et en haillons ? Elle-même, Barbara, retrouverait ce jour même, bien avant que le soleil soit couché, les chauves-souris et les hiboux de son vice.

Elle était repartie. L'auto allait doucement, très doucement. Elle pouvait voir dans l'herbe l'éveil des insectes, compter les pieds de menthe poivrée, remarquer dans la prairie les champignons à doublure rose. Elle secoua l'accablante tristesse sentimentale qui pesait sur ses épaules et partit plus vite. En arrivant à la maison elle aperçut Columot. En pantalon de flanelle et chemise bleue, il faisait un carton au revolver contre un arbre. Les détonations mates semblaient ne pouvoir percer l'épaisseur de l'air léger. Quand il vit la voiture il esquissa un pas de danse et déchargea tout un chargeur en l'air. Cela ressembla à de la soie déchirée et Barbara eut brusquement la vision d'une danseuse en robe du soir dévêtue d'un coup par un héros mythologique. Columot ouvrait déjà la portière.

— Eh bien, c'est du joli ! Elles ont l'air en bon état... et Arichetti ? Où est-il, cet idiot ?

Il prit Noëlle et Marie-Jacqueline chacune sur un de ses bras, les emporta dans la maison et revint.

— Elles dorment comme des plombs. Je les ai mises dans la chambre au papillon bleu, vous voyez ce que je veux dire... Sur le lit. On les déshabillera tout à l'heure. À l'autre... Je vais la mettre dans la chambre à l'Inconnue de la Seine.

Il la prit dans ses bras, l'emporta et revint.

— Et maintenant je vais mettre Barbara dans la chambre à la pendule dorée et nous échangerons nos gros chagrins... Barbara s'abandonna. Il la prit dans ses bras, à son tour, et l'emporta à travers le jardin. Elle devinait la rosée qui devait mouiller le bas de son pantalon

et, à travers ses paupières closes, regardait défilier les branches des arbres au-dessus de sa tête. Il l'allongea doucement sur le lit. Elle sentit qu'il délaçait ses souliers, retirait ses bas après avoir défait les jarretelles, retirait le manteau, retirait la robe et quand elle sentit ses bras solides autour du corps elle chercha son épaule de la tête et s'y endormit en pleurant.

Elle s'éveilla dans la chaleur du soleil qui baignait son lit. La voix de Columot emplissait la pièce de résonances au contact desquelles son corps frissonnait. Non qu'il parlât fort, mais la tonalité de sa voix s'accordait à celle de sa vie. Elle éprouvait le sentiment confus d'être pénétrée et imbibée par cette voix mâle, d'en goûter à la fois la saveur et le parfum par toute la surface de sa peau. Barbara ne se sentait pas petite en présence de cet homme fort, mais au contraire à sa taille, vêtue par lui à son exacte mesure. Elle l'écoutait sans pensée et sans effort. Elle était à l'origine de ses paroles, tous ses organes participaient à ses réactions, à ses gestes. Le souffle de ses poumons à elle passait par sa bouche à lui et certaines syllabes, plus sonores quand il les prononçait, lui résonnaient dans la poitrine.

Columot téléphonait des ordres à un employé. C'était un monologue abstrait, n'évoquant rien pour elle, où les chiffres succédaient aux noms inconnus, où l'argot du métier prenait l'aspect d'une langue impossible à comprendre.

Elle n'avait pas ouvert les yeux, mais elle sentait les fibres de ses membres s'étirer en dehors de sa volonté. Les gestes de Columot, gestes qu'elle ne voyait pas, elle avait l'impression de les faire, d'être lui-même, et il lui semblait qu'elle était maintenant pourvue des attributs étrangers à son sexe. Mais cela ne la pénétrait que d'un immense désir physique, d'une gourmandise de caresses et d'étreintes. Elle était comme l'être intérieur de l'homme dont elle avait envie, son double féminin, son idéale jumelle...

Elle ouvrit enfin les yeux pendant un des silences qui coupaient le discours de Columot. Elle le regarda. Il était assis près de la table et la regardait en téléphonant. Ils échangèrent un regard identique. Elle eut à ce moment la brusque révélation de sa nudité, du sein et de la cuisse sur lesquels jouaient la chaleur et la lumière du soleil, de l'ombre profonde qui soulignait la courbe d'un rein et d'une hanche à peine voilés par un pan de drap, de la ligne de son bras qui pendait jusqu'au tapis.

Columot raccrocha l'appareil se leva et la prit dans ses bras. Elle se sentit fondre dans son baiser et attendit, frémissante, sa possession. Columot la berçait dans ses bras en murmurant des mots dont le sens lui importait peu mais qui s'ajoutaient au parfum de sa chair chauffée

par le soleil comme une prune. Elle sentit son corps s'allonger près du sien, épouser sa forme et sa bouche baiser sa gorge et ses yeux. Elle percevait les moindres frémissements de la peau voisine... Mais que faisait-il donc ? L'espace autour d'elle et entre eux s'agrandissait et sifflait comme un abîme. La tête de Columot roula sur ses seins et elle comprit qu'il pleurait et qu'il ne fallait pas qu'elle ait l'air de s'en apercevoir. La belle minute était passée. Cette belle matinée prenait déjà la couleur du crépuscule. Une grande détresse la pénétrait. Elle mit la main sur les cheveux du jeune homme.

— Ce n'est rien, mon chéri, ce n'est rien.

Mais lui, l'œil déjà sec, s'était redressé et parlait.

— Ce n'est rien ? Si... c'est toute notre vie. À l'instant j'ai cru que nous pourrions nous aimer, Barbara. Quelle misère ! Il y a tout l'opium entre nous. C'est lui qui précipite en ce moment Arichetti dans on ne sait quelle fuite. C'est lui qui te rend inaccessible. C'est lui qui me rend impuissant.

— Mais non, mais non, ce n'est rien.

— Si. Ne crois pas que nous retrouvions cette minute. C'est fini. Il est déjà trop tard. Et ne crois pas que toi ou moi nous renoncions à la drogue. Si je te le disais, tu rirais et tu aurais raison. Au fond, est-ce que nous sommes capables d'aimer ? et n'est-ce pas cette incapacité qui nous pousse à fumer et à priser ? De quoi avons-nous peur ? de nous ? des autres ?... Je ne sais pas. Mais c'est foutu, bien foutu et nous ne sommes que de pauvres êtres.

Un instant ils restèrent étendus, silencieux. Barbara la première se leva et sortit. Elle revint avec un verre de whisky qu'elle tendit à Columot. Ils s'assirent sur le bord du lit et, tour à tour, burent dans le verre. Quand il fut vide elle renversa la tête sur l'épaule de son compagnon et lui, à longs traits, but un bai ser sur ces lèvres charnues. Mais ils savaient bien, elle et lui, que ce baiser ne consacrait qu'une même douleur, que la même souffrance provoquée par le vide de leur cœur, l'infirmité de leurs nerfs et de leurs muscles intoxiqués et l'excès même de sentimentalité que provoquaient en eux ce vide et cette infirmité.

Une fuite d'eau n'est pas un incident extraordinaire. Celle qui se produisit chez Barbara devait avoir cependant des conséquences inattendues. Le plombier prévenu trop tard annonça l'arrivée d'un ouvrier pour le lendemain matin seulement. Il dut sonner longtemps avant que Barbara, seule dans la maison, vînt lui ouvrir la porte. Elle arriva les cheveux ébouriffés, les yeux mouillés de sommeil et de rêve dans un négligé qui n'était pas apprêté. Son beau cou jaillissait d'un peignoir de bain sur lequel elle avait passé un peignoir. Les jambes de son pyjama dépassaient, laissant voir ses pieds nus dans des mules de soie.

Les matins de Barbara, malgré la drogue et la fatigue, étaient encore les matins de son printemps. Eût-elle été nue, il se serait encore dégagé d'elle les parfums du luxe, et trop de robes bien coupées l'avaient habillée pour que son corps n'ait pas pris la ligne du grand couturier qui les taillait. Ces nombreux détails auxquels un habitué ne se trompe pas et qu'il remarque immédiatement, des pieds soignés, des mains inhabituées aux durs travaux, une peau nette, sans scories, sans flétrissure, une haleine sinon fraîche du moins pas repoussante, des cheveux régulièrement coiffés et lavés et qui lui permettent de classer une femme dans un milieu déterminé et de déterminer son âge, sans confondre la vieille prématurée et la maladie, le luxe de la grue et celui de la femme riche, la beauté de la femme saine quelle que soit sa condition et le maquillage d'une malade, ces nombreux détails ne frappèrent le jeune ouvrier que par leur ensemble. Il en fut, à la fois, ébloui et intimidé. Mais il appartenait à cette race extraordinaire d'ouvriers parisiens qui, par instinct de défensivité, savent dissimuler leur émotion sous la nonchalance, l'insolence ou l'audace.

Barbara le conduisit dans la salle de bain, l'y laissa seul et retourna se coucher. Ses bijoux étaient épars sur une tablette, mais elle ne pouvait soupçonner un ouvrier de malhonnêteté. À juste titre, si elle en avait eu le courage, elle se serait méfiée davantage de ses amies. L'ouvrier commença à travailler. Ses coups de marteau résonnaient contre le radiateur et se répandaient d'abord dans tout l'appartement, puis dans tout l'immeuble. Barbara s'endormit à ce carillon.

Elle se réveilla. Elle resta un instant les yeux ouverts, puis, brusquement, se souvenant que le plombier était là, elle se leva et se précipita vers la salle de bain.

Quand elle arriva, le jeune homme, muni d'une lime, s'apprêtait à priser une pyramide de drogue devant la glace. Barbara, en effet, avait laissé un sachet ouvert au-dessus du lavabo. L'apprenti clignait l'œil et dirigeait avec application la poudre blanche vers sa narine.

— Mais vous allez vous tuer ! s'écria Barbara.

Du coup le plombier reposa l'héroïne dans le sachet et se retourna.

— Oh ! ça va ! La coco, on sait ce que c'est ! On en a peut-être pris plus que vous.

— La coco ! Mais ce n'est pas de la coco ! Vous n'y connaissez rien ! La coco, c'est brillant... ça, c'est mat !

— Mat ! mat ! parce qu'il y a du plâtre dedans. Les marchands sont tellement voleurs.

— Mais non... ce n'est pas de la cocaïne... c'est de l'héroïne. Vous entendez, de l'héroïne ! Mais d'abord, comment connaissez-vous la cocaïne ?

— Vous croyez peut-être que c'est réservé aux richards. D'abord faut pas m'embêter... j'allais vous en prendre, mais c'est de votre faute... Faut pas laisser traîner ces trucs-là. Et si j'étais de la police et que je vous dénonce ?

— Dénoncez si vous voulez, mon pauvre garçon. Que voulez-vous que cela me fasse ? Si je vous ai interrompu, c'est parce que vous alliez vous tuer si vous n'en avez pas l'habitude. Pas pour autre chose. Tenez, laissez-moi vous servir...

Et elle-même avec la lime lui fit aspirer une mince pincée de poudre. Elle se servit elle-même une dose à peu près trois fois plus forte.

— Ça n'a pas bon goût, votre truc, vous savez ! La coco, c'est plus agréable.

— Attendez un instant et vous verrez... Si vous avez fini votre travail venez par ici...

Déjà l'ouvrier était aux prises avec la drogue qui le terrassait. Il passa rituellement par les phases d'exaltation, d'éloquence et de rêve qu'embellissait la présence de Barbara dont le parfum même le grisait.

Il buvait à petits coups un jus de fruits dont la saveur n'évoquait pour lui l'habituel diablo que pour le lui faire paraître fade.

— La première fois que j'ai pris de la coco, c'est rue de Lappe. Un copain qui fréquente Montmartre en avait apporté. Puis j'en ai repris avec un autre qui est devenu chasseur dans un vrai dancing. Après on allait danser au Coliséum. Les filles y sont jolies. C'est pas des tapins mais des vraies jeunes filles ou des boniches. On allait aussi au Moulin de la Galette. Ou encore à Nogent.

— À Nogent ? Vous connaissez la mère Lampion ?

— Vous la connaissez aussi ? Ah ! j'y suis allé bien des fois.

Et il continuait la description de beaux dimanches avec des guinguettes, des idylles innocentes par les belles saisons parisiennes où le muguet succède au lilas.

— Et ça vous plaît d'être plombier ?

— Ça me plaît sans me plaire. Mais il faut bien faire quelque chose quand on ne s'en ressent pas pour être barbot ou demi-sel.

La conversation avait pour Barbara quelque chose d'âpre comme les prunelles pas mûres. Elle y trouvait l'attrait d'une vie saine, de plaisirs simples et d'un bonheur peut-être médiocre mais sans soucis. Elle oubliait que celui qui parlait était lui-même touché par le même démon qu'elle et que ses évocations étaient déjà des adieux à l'instant où elle venait de lui révéler une muse plus dangereuse et plus exigeante. Vers le soir elle alluma la petite lampe et disposa le matériel de fumerie. Il connut ainsi l'opium. Il ne fut plus question pour lui de partir. Il passa la nuit chez Barbara et elle se donna à lui, simplement, sans grand espoir ni curiosité. Il n'y avait en elle ni luxure ni appétit. Le désarroi de son cœur et de son esprit provoquait seul cet abandon de son corps qu'elle considérait finalement comme une chose sans importance à évaluer le peu de plaisir vrai qu'elle prenait en ces étreintes de hasard.

Dondlinger, c'était son nom, ne quitta ses baisers que pour vomir suivant la tradition et il se retrouva au petit matin dans la rue du Dimanche, la tête martelée et vibrante, le cœur à l'envers, les membres las.

Pour recevoir Barbara chez lui, Antoine devait acheter de l'opium. Il se confia à Columot.

Celui-ci sourit.

— Allez trouver Mlle Muche ! Le professeur de piano. À vrai dire il y a longtemps qu'elle ne donne plus de leçons. Une vieille toquée maligne comme un singe...

— Et puis il me faudrait une pipe.

— Ça, pour les pipes, il n'y a que Molinier, rue de Vaugirard. Vous trouverez là tout ce qu'il vous faut.

— Et Mlle Muche, où habite-t-elle ?

— Avenue de Breteuil. Mais, vraiment, vous ne connaissez pas Mlle Muche ? Vous n'avez jamais entendu parler d'elle ? Une vieille femme habillée de ruches et de volants

Columot était joyeux. Il prit une petite voix cassée et imita Mlle Muche.

— Je ne suis qu'une vieille fille... Mademoiselle Muche, professeur de piano. Il me semble que j'ai vécu cent ans. Cette terrible année verra peut-être ma mort. Je ne suis qu'une vieille fille... Mademoiselle Muche, professeur de piano. J'aime la dentelle. Ah oui, j'aime la dentelle. La belle dentelle noire surtout. Je ne suis qu'une vieille fille et respectable. Mais pourtant, je l'avoue, j'ai volé. J'ai volé de la dentelle noire, de la belle dentelle noire dans les grands magasins. Je n'aime rien tant que le noir et sans doute c'est pourquoi je suis si contente quand je vois passer un enterrement de première classe.

C'est beau, un enterrement de première classe avec ses plumets et les croque-morts tout galonnés qui entourent le corbillard, et le cheval ou plutôt les chevaux, car ils sont plusieurs, les beaux chevaux.

Moi, quand je mourrai, et ce sera peut-être cette année, je n'aurai pas un enterrement de première classe, mais ça m'est bien égal puisque je ne verrai pas les plumets noirs, le beau corbillard et les beaux chevaux. J'aime bien les chevaux de corbillard, c'est mâle. La mort doit être un grand bonheur et j'ai toujours aimé les chevaux qui se cabrent et hennissent.

Je ne suis qu'une vieille fille, Mademoiselle Muche, professeur de piano. Mes élèves étaient surtout des petites filles. Je n'ai plus guère d'élèves. On me trouve trop vieille. Pourtant j'aurais aimé avoir des petits garçons comme élèves. Ils auraient appris la musique et, plus tard, devenus des hommes avec de belles barbes noires, ils seraient venus me souhaiter ma fête.

J'en ai eu une fois. Il a mal tourné. Ce n'est pas de ma faute. Et pourtant il n'était pas beau ; j'avais toujours cru que c'étaient les beaux garçons qui tournaient mal ; mais il a mal tourné.

Je m'en souviens, c'était un soir ; je ne l'avais pas vu depuis plusieurs années quand il sonne à ma porte.

« — Mademoiselle Muche, vous ne pouvez pas me prêter cinq francs. Je passais dans le quartier et j'ai oublié mon portemonnaie. »

— Mais je ne peux pas vous prêter cinq francs, mon petit, je ne les ai pas.

Il est parti comme il était venu. Quatre jours après j'ai vu son nom et son portrait dans tous les journaux. Il avait tué une vieille femme.

Tout de même, j'aurais bien aimé avoir des petits garçons comme élèves. Je ne suis qu'une vieille fille, Mademoiselle Muche... professeur de piano. Et je n'ai que ce souvenir là et des souvenirs d'enterrement...

Vous rappelez-vous l'enterrement de Victor Hugo ? Ah ! c'était un bel enterrement. J'avais vingt ans. Que ne ferait-on pas à cet âge-là ? Avec une amie à moi, Céline, qui s'est mariée avec un percepteur de Toulouse, nous nous sommes levées à deux heures du matin et nous avons été aux Champs-Élysées. La mère de Céline nous accompagnait. On avait apporté de quoi manger : du saucisson, un poulet froid et même un pot de confitures. Ah ! c'était un bel enterrement. Je n'ai jamais vu tant de monde. Ah ! Et puis figurez-vous qu'au retour... comment vous dire cela... vous comprenez... depuis des heures et des heures, on était debout. On est rentré à deux heures de l'après-midi. Vous, les hommes, cela vous est égal, vous comprenez... enfin je veux dire, vous pouvez vous soulager, tandis que nous autres, les femmes...

Enfin nous avons toutes des mines épouvantables. Il y en avait même qui... parfaitement... dans les bosquets des Champs-Élysées... et j'ai vu des pantalons de dentelle abandonnés, de beaux pantalons de dentelle jetés au ruisseau par des femmes qui n'avaient pas pu se retenir. Mais ce qui m'a le plus étonnée, c'est la mère de Céline.

« — Regardez les oiseaux en haut de l'arbre », qu'elle nous dit ! Nous regardons et nous ne voyons rien.

« — Mais si, mais si, regardez là-haut ! »

On avait beau écarquiller les yeux, on ne voyait toujours rien. Tout à coup, j'entends un bruit de fontaine. C'était la mère de Céline qui se soulageait, debout, un pied sur le trottoir et l'autre sur la chaussée. Vous me croirez si vous voulez, mais je n'avais jamais vu cela. Oh, cela m'a étonnée, m'a étonnée... Elle n'avait certainement pas de pantalon... »

Columot riait de bon cœur. Mais Antoine voyait se dresser devant lui la vieille fille. Il évoquait cette pompe funèbre à laquelle tout un peuple participa. Le tableau se découpait sur la brume comme un panorama de bataille. À l'issue de la cérémonie, le grand homme

reposant sous trois étages de caves, le vent balayant pêle-mêle des immortelles flétries, des lauriers et des pantalons de dentelle souillés, cent mille femmes au ventre torturé, au visage défait s'accroupissaient de par la ville au même instant et une vieille dame solidement plantée sur ses pauvres jambes tentait de faire voir à deux jeunes filles des oiseaux invisibles dont le chant ressemblait à celui des fontaines...

Arichetti était resté couché deux jours et deux nuits. Il ne lui restait plus rien, ni opium, ni dross, ni héroïne, ni argent : une cinquantaine de francs tout au plus. À toute force il lui fallait quelque chose, même du laudanum à défaut de mieux. Mais son esprit avait perdu tout équilibre. Levé dès huit heures, il résolut d'envoyer des pneumatiques désespérés à tous ses amis. Il ne se sentait plus la force de téléphoner. Et puis la terreur le prenait dès qu'il décrochait le récepteur. On l'écoutait, c'était sûr. Le garçon de café ou la demoiselle de la poste notaient ses conversations. La table d'écoute de la Préfecture fonctionnait jour et nuit à sa seule intention. Aussi bien ses propos étaient-ils devenus d'une indéchiffrable obscurité à force de précautions pour les rendre secrets. Il s'assit à sa table et s'appliqua le stylo à la main. À onze heures il sortit brusquement de sa torpeur. Il avait machinalement couvert une dizaine de pages de signes mystérieux. Une succession de carrés, de ronds et d'étoiles minuscules emplissaient tout l'espace. Il regarda stupidement ce témoignage de son abrutissement, se leva, prit son chapeau et sortit. Le grand air le souffleta en plein visage d'une pluie fine et tiède et d'un vent léger qui emportait les premières feuilles mortes.

Il restait immobile au bord du trottoir, marmonnant un long discours. Les passants se retournaient sur lui. Soudain une image s'imposa à sa cervelle. Chez Artenac, Berthe le lui avait dit, il y avait une fiole d'héroïne et une seringue sur la cheminée, derrière la pendule. À partir de cet instant, ses gestes devinrent précis. Son visage larmoyant se tira comme si une volonté, étrangère s'était emparée de lui et modifiait jusqu'à son masque. Il gagna Nogent comme un somnambule. Il agissait sans s'en rendre compte. Il parvint à la maison après avoir soigneusement évité le « Rendez-Vous des Pêcheurs ». Il était une heure de l'après-midi et le mauvais temps avait fait fermer les portes. Le mur de la maison d'Artenac n'était pas très haut ; il l'escalada et se laissa tomber de l'autre côté. Il passa derrière, dans le jardin, et contempla la façade. Toutes les portes, toutes les fenêtres étaient fermées, mais l'imposte de la porte de la cuisine était entrebâillée. Il approcha une chaise de fer prise dans le jardin et regarda à l'intérieur. En refermant violemment la porte Courvoisier avait fait sortir un peu la clef. Avec sa ceinture et un bout de fil de fer Arichetti la pêcha, l'amena jusqu'à lui. Il pénétra alors dans la maison. Une odeur fade mais puissante le saisit. Des mouches nombreuses volaient. Heureusement, les volets étaient fermés et la pièce plongée dans une pénombre d'aquarium qu'augmentait encore la glace de la cheminée. C'est vers elle qu'il se dirigea en évitant de regarder le fauteuil où reposait, il le savait, le cadavre d'Artenac. Il saisit le flacon et la

seringue mais, reflété par la glace et comme dans l'eau d'un étang, il aperçut le visage affreusement décomposé du mort.

Il s'enfuit alors dans la cuisine et là, sans prendre aucune précaution, il s'enfonça dans la cuisse une seringue de solution. Puis il laissa tout en désordre sur la table de bois blanc, tira la porte derrière lui et partit. Des agents le recueillirent la nuit suivante près du marché Saint-Antoine. Le joyeux compagnon des soirs de fête, le brillant camarade jadis si léger, si fin, n'était plus qu'une épave anonyme. De son passé, de son nom, de tout ce qui avait fait sa joie de vivre, il n'avait gardé aucun souvenir. C'était désormais un animal réclamant sa pitance de stupéfiant. Il n'en fit pas mystère au commissariat où le secrétaire hésitait à le diriger vers le Dépôt ou l'Infirmierie spéciale. Il eut en deux heures trois crises dont les agents pensèrent le voir mourir. On l'emmena à l'hôpital où une piqûre lui rendit une éloquence de plaideur persécuté. Il accusa les démons de la nuit et les sociétés secrètes de le torturer avec des raffinements lyriques. Puis il tomba de nouveau dans un mutisme dont il ne sortait, à intervalle régulier, comme une mécanique remontée, que pour réclamer la piqûre qui lui ouvrait les portes du désert mental où il allait désormais vivre. Désintoxiqué et interné, il fut le jouet des décisions administratives qui l'envoyèrent d'hôpitaux en asiles comme un damné descend les cercles de l'enfer, harcelé par le retentissement des lourds verrous illusoires mais incrochetable que des puissances de ténèbres ferment sans cesse derrière lui. Mort sans autre épitaphe qu'une fiche, dans un casier, vouée elle-même à l'oubli des greniers, mais vivant par toutes les basses nécessités de la vie physique la plus élémentaire, ici sort du roman Marie-Louis Arichetti, âgé de vingt-sept ans, victime de la disproportion entre ses rêves enfantins et les réalités de la vie, victime aussi du remède hypocrite à ses souffrances morale.

L'inspecteur Estival n'était ni fier ni honteux de son métier. Il considérait que la base de toute police est un grand nombre d'indicateurs. Qu'il y en ait que l'on paie en argent et d'autres en services rendus, en ignorance volontaire, en « condé », et que ces derniers soient de beaucoup les plus utiles avec la troisième catégorie, celle des indicateurs anonymes. En se rendant chez Antoine Maison il n'espérait pas cependant faire de recrutement. Il pensait simplement faire à son ancien camarade d'école et de travail une énorme surprise qui, en définitive, ne serait pas désagréable. Il souriait même à l'entrevue qui allait se dérouler et souriait plus encore à la recommandation qui lui avait été faite : « Pas de blagues. Il peut y avoir du monde chic dans cette histoire. Faites une enquête prudente plutôt pour compléter le fichier qu'autre chose. Barbara Durand, la fille à Durand, des usines, serait vaguement dans le coup. Laissez choir plutôt que de gaffer. » En somme on serait enchanté s'il ne trouvait rien, sinon une explication sans danger. L'accueil d'Antoine fut cordial. Il y avait une dizaine d'années qu'ils ne s'étaient vus, depuis l'époque où tous deux débutaient dans la vie à la droguerie Columot, et il imagina d'abord qu'Estival venait lui demander un service.

— Par exemple ! Si je m'attendais à te voir !

— Et moi donc !

— Et toi ? Comment as-tu eu mon adresse ?

— Par la Préfecture de Police.

— La Préfecture de Police ?

— Oui... Tu ne sais pas... Je suis inspecteur.

— Mes compliments.

Et Antoine prit un petit air pincé.

— Et c'est Estival, mon vieux copain, qui vient me voir, ou M. l'inspecteur Estival ?

— Antoine, voyons, on est toujours des amis. Moi du moins. Et tu peux même te féliciter de cela car j'ai l'impression que je vais te rendre un fameux service, te retirer du pied une épine longue comme cela. Voyons, tu connais un certain Artenac ?

— Oui.

— Et puis Marie-Louis Arichetti ? Raoul Courvoisier, Berthe Cassotte, Jeanne Marjolain, Barbara Durand ? Oui, quoi, tu fumes l'opium avec eux. Je ne te demande pas de me répondre. Je te dis ce qui est. Tu sais ou tu ne sais pas qu'Artenac a été trouvé mort chez lui, et mort depuis longtemps... cadavre en état complet de putréfaction. Tu sais ou tu ne sais pas que le bruit court que sa mort n'est pas normale et que le cadavre aurait pu être apporté

d'ailleurs. Ne me regarde pas comme cela. Je ne devine pas. Je le sais. Vous avez la langue longue dans votre milieu. Vous ne savez pas la tenir... Il se pourrait que le corps ait été transporté dans la voiture de Courvoisier et que tu aies été de l'excursion ? Vrai ou pas vrai, tu vois que j'ai des renseignements précis.

— Qui t'a raconté de pareilles âneries ?

— Eh bien, je vais te le dire ou plutôt je vais te dire d'où ça vient. Ton copain Arichetti n'est pas régulier. On lui raconte des histoires et il les raconte à des gens qui savent quoi en faire. Tu penses bien qu'un petit trafiquant au détail est toujours connu de nous. S'il continue son commerce, c'est que nous le voulons bien, et nous le voulons bien parce qu'il a des complaisances pour nous en échange de la nôtre pour lui. Au fait, dis donc, tu ne pourrais pas me dire où il niche, cet Arichetti ?

— À Charenton ou à Ville-Evrard ou dans un autre asile.

— Tu ne veux pas me répondre, bon, je n'insiste pas. Tu n'as pas confiance en moi. Mon vieux, je t'estime assez pour ne pas faire de toi un indicateur.

— Naturellement, je l'espère bien. Mais je te dis la vérité. Arichetti est devenu fou. Il a même été interné après être passé par l'Infirmerie du Dépôt. On l'avait trouvé errant dans la rue.

— Eh bien, c'est épatant. Comme c'était le principal témoin, s'il est fou mon enquête aboutit à rien, néant, zéro et pour mémoire et tu y coupes... pour cette fois-ci. Car ce ne sera pas toujours moi qui m'occuperai de tes affaires. Il y a longtemps que tu en prends ?

— Mais je n'en prends pas.

— Bon. C'est une affaire entendue. Mais écoute-moi. Si j'étais un salop je prendrais ce petit sachet que je sors de ma poche. J'irais dans tes waters je le cacherais dans la boîte à papier et je viendrais perquisitionner dans une heure. Comprends tu maintenant, espèce de méfiant que tu es ? Bon, écoute. De la drogue, j'en ai et je n'en fais rien : coco, morphine, héro, opium... tout ce que tu veux. Si toi et tes petits copains vous en voulez, je vous en vendrai. Mais attention, Antoine, je ne veux connaître que toi. Je n'ai confiance qu'en toi, car cela me coûterait cher si cela se savait. Tiens, voilà cinq grammes d'héro. Case-les-moi à quinze francs. Tu me paieras quand tu les auras vendus.

— Mais mon vieux...

— Au revoir, pas un mot. Si cela ne te dégoûte pas trop, téléphone-moi et déjeunons ensemble un jour. Ah ! j'oubliais... J'irai voir ton copain Courvoisier demain vers deux heures et demie. J'aimerais qu'il soit chez lui. Je ne te demande pas le secret... Sacré Antoine, va !

Et il le quitta sans écouter un mot.

Antoine prévint et rassura Courvoisier, mais celui-ci ne put dissimuler ses craintes. La police à ses yeux ne pouvait que leur tendre un piège. Il ne croyait guère à un arrangement possible. Peut-être faudrait-il donner de l'argent à cet inspecteur pour obtenir son silence. Antoine était-il bien sûr de n'avoir rien avoué, rien dit de compromettant ? Le soir même il enleva de chez lui et confia à Columot tout son matériel, ne gardant qu'une boulette d'opium cachée dans le boîtier de sa montre. Il erra tard de cafés en cinémas, de cinémas en boîtes de nuit. Il dormit mal et seulement au petit jour. À l'heure dite Estival était là. Leur conversation fut courte. Le policier se borna à lui dire qu'en raison de ses relations avec Antoine il ne donnait pas suite à l'enquête et que la folie d'Arichetti était un heureux événement.

Après son départ, Courvoisier passa de l'angoisse à un optimisme absolu. Il choisit dans un carton une eau-forte dont il fit cadeau à Antoine le soir même, l'invita à dîner et ne le lâcha qu'à l'aube. De son côté, en fonctionnaire consciencieux, l'inspecteur Estival, rentré à la préfecture, ajouta quelques lignes aux fiches de Courvoisier, d'Arichetti, de Berthe, de Jeanne et avec un soupir en établit une nouvelle pour son vieux camarade de jeunesse Antoine Maison.

Ils s'étaient connus jadis chez Columot, droguiste dans le quartier du Marais. Antoine avait alors dix-huit ans et Estival vingt. Réformé, ce dernier exerçait, non sans turbulence, la profession de représentant tandis que son camarade voyait approcher le jour où sa classe serait appelée. L'année mil neuf cent dix-huit flambait alors de tous les feux de la guerre. Cette année-là, Antoine l'avait vécue à tout prix, n'importe comment et c'est d'elle qu'il datait le commencement des aventures. Mais ce n'était pas sans un sourire intérieur qu'il avait rencontré Jacques Columot, dans la bande à Barbara... Jacques Columot, le neveu du père Columot, l'aviateur dont les exploits et les frasques, retentissants les uns et les autres, faisaient rêver et indignaient à la fois les serviles serviteurs de la Maison Columot. Il en riait seul en rentrant chez lui au jour levé. De tout cela il n'avait rien dit à Courvoisier. Il avait expliqué en mots rapides qu'Estival était un ancien ami du temps où il n'était pas encore inspecteur de police, qu'il l'avait perdu de vue et que, seul, le hasard de l'enquête les avait remis en présence. Du paquet d'héroïne confié il n'avait rien dit non plus. Il le paierait dans quelques jours et le donnerait à l'un ou à l'autre. En le retournant sur sa table il fut tenté d'en goûter. Mais il avait envie de dormir. Ce besoin de sommeil qui devait le sauver par la suite le jeta dans son lit frais comme un baigneur dans une rivière. Il s'y allongea en étirant ses membres et s'endormit, raide comme un I.

Molinier était un gros homme qui habitait un vaste appartement rempli de chinoiserie. Les dragons et les bouddhas se bousculaient dès l'entrée dans un désordre de grenier. Des pièces étaient pleines de piles d'estampes. Des armures et des trophées encombraient les couloirs. Des tapis roulés reposaient dans les angles. Molinier vint lui-même ouvrir la porte. Rougeaud, en bras de chemise, il parlait d'une voix fluette avec des gestes arrondis. Il considéra Antoine et l'entraîna dans une pièce du fond.

— Une pipe ? Voyons, que cherchez-vous comme pipe ? J'en ai de très belles et d'autres qui le sont moins.

— Oh ! une pipe très ordinaire mais tout de même jolie... à condition qu'elle soit en bon état.

— Bon. C'est pour fumer. Je vois ce qu'il vous faut. Il déposa sur une table une douzaine de tuyaux de bambous qu'il avait pris à poignée dans un placard. C'étaient des pipes très simples à bout de corne ou d'ambre avec une monture d'argent à peine travaillée.

— Tenez, croyez-moi, prenez celle-ci. Elle ne vaut que trois cents francs et il y a au moins cinquante grammes de dross dedans. Comme fourneaux... le fourneau classique en terre, n'est-ce pas ? Deux ? trois ?

— Deux.

— Bon, vous en avez déjà avec votre autre pipe. C'est normal.

Une autre pipe ?

Antoine se tut. Il n'osait pas dire qu'il n'en avait pas. Molinier continuait :

— Un vrai fumeur a toujours plusieurs pipes et une bonne collection de fourneaux.

Il ficelait le tout dans un papier d'emballage et le tendait à son client.

— Ah ! Aussi... je voudrais des aiguilles... trois aiguilles.

— Voilà.

Il les piqua dans un bouchon et les lui tendit.

Antoine paya, puis, avant de partir, prenant de l'audace :

— Et de l'opium ? Vous n'en avez pas ?

Molinier sourit dédaigneusement.

— Ça, jamais ! Du matériel, cela n'est pas dangereux. Je suis antiquaire et je ne vends que des pièces authentiques. Mais de la drogue, c'est une autre affaire. Je ne tiens pas à aller en prison. D'ailleurs je ne suis pas en peine pour vous ; vous savez, bien sûr, où vous en procurer.

Antoine redescendit la rue de Vaugirard et s'engagea dans l'avenue de Breteuil. Mlle Muche habitait au troisième étage d'une maison de style campagnard, couverte en tuiles, qui faisait contraste avec les immeubles environnants. Son étage était le dernier. Il ne dépassait pas la cime des arbres. Le logement était composé de deux pièces. La première, à la fois salon et salle d'étude, était presque entièrement occupée par le piano. La seconde faisait cuisine, salle à manger et chambre à coucher. Mlle Muche était bien telle que l'avait décrite Columot. Un corsage noir à col baleiné montait jusqu'à son menton. Le visage petit, maigre, ridé, était troué par deux grands yeux bleus d'une étonnante naïveté. Des boucles de jais pendaient à ses oreilles sous des bandeaux de cheveux jaunes. Mais la voix était âpre et, en même temps, pleurnicharde. Cette pauvre figurait le portrait de l'Avarice. Ses lèvres rentrées, et comme ravalées, disaient les désirs insatisfaits, les vices combattus ou dissimulés. Elle dégageait un parfum périmé et vulgaire qui reporta Antoine au temps de sa toute jeunesse quand on le menait chez de vieilles dames laides dont le visage le piquait quand il devait les embrasser. Une fois de plus Antoine se sentit repris par la timidité et le dépaysement. Il songeait à l'aisance de Courvoisier, à l'inconscience d'Arichetti.

— Je viens, dit-il, de la part d'un ami que vous connaissez bien... M. Columot.

— M. Columot ? Il va bien ? Vous venez chercher quelque chose pour lui ?

— Non, pour moi.

— Ah, pour vous ? Et combien vous en faut-il ?

— Cinquante grammes.

— Du brut ou du préparé ? Du préparé, bien sûr. Le brut, je n'en vends pas moins d'une livre. Si vous étiez un vrai fumeur vous le prépareriez vous-même. C'est bien meilleur. Enfin... vous en voulez cinquante grammes ? Je n'aime pas en vendre si peu à la fois. Prenez-en donc cent grammes. Je vous le laisserai à quatre francs cinquante au lieu de cinq. Elle passa dans la seconde pièce et revint avec un pot à pommade en faïence, à couvercle de métal, tel qu'on en utilisait alors dans les pharmacies. Elle le roula dans du papier journal, le donna à Antoine et le poussa vers la porte.

— Vous direz à M. Columot...

Brusquement elle courut à son fourneau sur lequel du liquide renversé grésillait. Elle remua un couvercle. Une odeur d'oignons frits se répandit...

— Vous direz à M. Columot qu'il devrait venir me voir, j'ai quelque chose d'intéressant à lui dire.

Elle ouvrit la porte et la claqua derrière le visiteur.

Il était presque midi. Antoine se sentit soulagé d'avoir terminé ses achats. Une grande confiance le pénétrait comme s'il avait accompli des actions d'éclat. Il résolut d'aller déjeuner avec Estival, et, d'un café, l'appela au téléphone. Estival lui répondit, avec l'accent de son ancienne camaraderie, qu'il l'attendait au bureau. Antoine sauta dans un taxi, puérilement joyeux d'aller dans les locaux de la puce en portant sur lui cent grammes d'opium et un matériel de fumerie.

Le restaurant donnait sur le quai. Au bruit sonore des lourds camions se superposaient les rumeurs de la ville que le vent déposait sur l'eau du fleuve qui les mêlait à son courant. Estival était là chez lui. Il avait, en entrant, serré les mains de plusieurs camarades et s'était installé avec Antoine à une table près de la fenêtre. Il parlait du passé : La maison Columot où ils s'étaient connus tous les deux, leurs parties de plaisir, le dimanche, entre un restaurant à trois francs et le promenoir d'un music-hall...

— Te rappelles-tu

— Mais ces souvenirs écœuraient Antoine. Tout cela lui semblait provenir d'une vie qui ne pouvait avoir été la sienne. Était-il possible que ces joies vulgaires aient été pour lui un enchantement et la récompense de six jours de labeur médiocre ? Était-il possible que ce garçon ait été son meilleur ami ? Quelques années avaient tracé entre eux une invisible frontière. Antoine devait réfléchir avant de parler pour trouver un sujet de conversation commune et il avait peine à s'intéresser aux paroles de son compagnon. Avait-il tellement changé ? Il n'avait guère modifié que ses relations. Pour le reste il était encore l'esclave d'un travail sans intérêt et de la modicité de ses moyens d'existence. Et puis Estival était de la police et cela paralysait sa pensée et son langage. Par paresse il se réfugiait dans le passé lui aussi, évoquait tel comptable, tel représentant, telle dactylographe.

— Un tel ? Il a dû prendre sa retraite. Un tel ? Il a fait de la prison pourvoi. Un tel ? Il gagne beaucoup d'argent. Une telle ? Elle fait la noce... Le patron ? Il est mort...

Estival et lui avaient envie de parler d'autre chose. Ils ne l'osèrent qu'au dessert.

— Au fait, je te dois soixante-quinze francs.

— Ah ! Oui ? tu les as vendus... Tu me donneras cela en payant l'addition... Si tu en veux d'autres tu n'auras qu'à me le dire.

— D'autres ? Oh ! non, tu sais, moi, cela ne m'intéresse guère.

— Vous dites tous ça. Mais si un jour tu es embarrassé, viens me trouver. Je suis toujours un ami. Comment va ton copain Courvoisier ?

— Je pense qu'il va bien. Je ne l'ai pas vu depuis quelques jours.

— Oui. Je crois que ses affaires ne vont pas. Il ferait mieux de tout planter et de travailler. Si je savais ce qu’il sait je voudrais être millionnaire. Enfin cela le regarde. Et Barbara Durand ? Voilà une belle fille. Berthe Cassotte aussi, mais pas autant. Tout de même, elle est très bien.

Antoine répondait du bout des lèvres. Les noms de ses amis prenaient, dans la bouche de l’inspecteur, un aspect tragique de fait-divers. Cependant, à aucun moment, il ne s’inquiéta du contenu de ses paquets. Il les voyait dans le portevêtements et pas un instant il ne craignit qu’Estival en devinât le contenu. Le repas était fini. Ils se levèrent. Estival lui tendit la main.

— Au revoir, mon vieux, mais ne fais pas le con. Je te rendrai service tant que je pourrai, mais cela ne me sera pas toujours possible. D’ailleurs j’ai confiance en toi. Tu laisseras tomber un jour tout ce monde-là... quoique Barbara...

Antoine le regarda s’éloigner vers la place Saint-Michel où il se fondit dans la foule. Un instant il distingua son chapeau gris clair sur le pont, puis il le perdit de vue. La Seine coulait lentement. Sur la berge un pêcheur venait de prendre un poisson qui frétillait au bout de la ligne en lançant des éclairs argentés.

Antoine eût été riche qu'il eût considéré comme un but moins grand l'amour de Barbara.

Mais sa jeunesse, sa confiance dans la vie et dans son destin, sa solide santé rendaient plus irritants les obstacles matériels à ses désirs. Peut-être l'amour propre et la vanité n'étaient-ils pas étrangers à la passion qui le conduisait. Il était pauvre, il serait riche. Il voulait recevoir Barbara chez lui, c'est-à-dire dans son décor, construit suivant son imagination. L'amour est le dieu des entreprises hasardeuses. Il changea de métier. Il tenta ce qu'il n'aurait jamais tenté pour sa seule satisfaction. Il trouva en lui-même des ressources d'énergie et, il faut bien le dire, trouva dans son goût même pour l'économie, peut-être l'avarice, le sens de la splendeur. Il aurait pu aimer l'argent pour lui-même. Son amour lui permit de l'aimer comme un matériel de guerre et de conquête. Sa sensualité, sa gourmandise lui furent d'un grand secours et aussi un sens inemployé de la comédie. Il y a en tout homme un acteur qui se dissimule. Il se racontait, aux instants de solitude, de belles histoires comme lorsqu'il était enfant. Il revêtait alors tous les oripeaux de l'héroïsme et, s'il triomphait de Barbara, ce n'était pas en l'apitoyant mais en provoquant son admiration. Ce qui le transportait devait aussi créer son échec. Car il n'est pas un grand capitaine qui ne rêve d'être vaincu. La partie femelle de tout homme peut être réduite en servage par l'activité du mâle. Elle risque toujours de s'éveiller. César dut souhaiter son assassinat ; Napoléon, Leipzig et Waterloo. Plus il progressait sur le chemin de la victoire, plus il attendait la défaite et la construisait inconsciemment. Il reproduisait sans s'en douter, dans son petit roman, les faits et gestes des grands hommes passés après leur mort au rang des mythes. Il apprit à s'habiller avec goût. Il déménagea et sut choisir sa maison. Sa fortune ne lui permettait pas d'avoir une demeure somptueuse. La sienne fut charmante. Sa simplicité semblait voulue. Son originalité même expliquait un choix qui n'était dé-terminé que par l'argent mais qui avait l'air d'être le fait de sa fantaisie. Auportain lui fut utile en ces circonstances. Il y avait dans cet égoïste vieillard, dans cette intelligence apparemment desséchée une grande tendresse inemployée. Ce célibataire regrettait peut-être de n'avoir pas de fils, de ne laisser derrière lui ni un héritier, ni une œuvre. Il sut faire choisir à Antoine l'objet modeste du brocanteur qui devient œuvre d'art dans un cadre fait pour lui. Dans la modestie et la jeunesse de son ameublement il sut inclure un style, une manière. De cette façon, Antoine n'eut pas une maison de confection ni le chef-d'œuvre d'un grand faiseur, mais quelques pièces tendrement faites sur mesure où l'on ne pouvait imaginer que lui et lui seul, une maison où sa voix trouvait son acoustique, où ses amis prenaient le ton Antoine, où ils ne venaient pas, comme sur un théâtre, faire étalage de leur

talent mais collaborer vraiment à un moment de sa vie, à la couleur d'une fraction du temps passée en sa compagnie.

Plus vieux, Antoine aurait construit autour de sa demeure un désert qui en aurait éloigné les importuns. Ceux qui seraient parvenus jusqu'à lui auraient été vraiment dignes d'une rencontre, lui auraient apporté des parfums et des nouvelles des terres lointaines de la planète et de l'intelligence. Mais Antoine était jeune. Il ne pouvait encore songer à choisir dans la grande récolte qui s'offrait à lui de toute part. Il reçut donc tout le monde, le meilleur et le pire. Enfin un jour, celle pour laquelle il avait construit sa maison vint le voir.

Barbara arriva vers cinq heures du soir, avec Lily. On était en juin. Les fenêtres étaient ouvertes et les oiseaux chantaient. Des alcools et des liqueurs froidissaient dans des seaux à glace. Les disques choisis attendaient près du phonographe. Sur une table un repas froid était préparé. Le plateau, les pipes, la lampe, l'opium composaient leur nature morte sur un divan près du grand saladier de faïence plein de citrons, de cerises et d'abricots.

Barbara se fit plus séduisante encore, s'il était possible. Elle emprunta à Antoine un peignoir de bain et se dévêtit, car elle était dans l'éclat de sa beauté et savait quel charme lui donnait un déshabillé. Lily en fit autant bien qu'elle sentit obscurément que sa présence n'était pas souhaitée par Antoine. Elle sut du moins être discrète et, quand la nuit tiède pénétra par les fenêtres, elle fuma vite plusieurs pipes pour pouvoir kieffer à l'aise à l'écart des deux jeunes gens.

Antoine et Barbara fumaient ensemble avec la tranquillité que donne la perspective d'une nuit entière à l'écart de toute agitation, ignorés de tous, sans souci, dans la tiédeur du printemps. Ils parlaient peu car Barbara savait bien que son compagnon lui dirait son amour, parce qu'Antoine attendait le moment de le lui dire. Mais comment le dire ? Le jeune amant est sincère et sans expérience. Quoi qu'il fasse il n'échappe pas au ridicule et sa chance réside dans le charme même de sa maladresse. Antoine n'était ni beau ni laid. Il ne savait pas briller. Il lui fallait l'entraînement d'une joyeuse société pour se détendre et montrer qu'il avait autant d'esprit qu'un autre. Il était naturellement silencieux, aimant la solitude autant que la compagnie, et plus naturellement porté à la tendresse qu'à l'ironie. Peu adroit à exprimer cette tendresse, il ne savait pas non plus la laisser transparaître sous des propos légers. Sachant mal défendre ses sentiments, il les dissimulait. Mais l'opium, comme l'air du temps, baigne ceux qui le respirent. S'il est vrai qu'il est des points communs, une identité de pensée entre les habitants d'une même ville, d'une même contrée parce que le même oxygène circule dans leurs poumons, il est encore plus vrai que l'opium unit les esprits des fumeurs allongés autour d'une même lampe. C'est un bain dans une atmosphère plus épaisse, une réunion dans un lit

aux lourdes couvertures, un véritable accouplement auquel on ne résiste pas. C'est peut-être aussi la raison pour laquelle il est peu de fumeurs solitaires, pourquoi, malgré eux, ils font de la propagande pour leur poison. Il y a, certainement, en tout opiomane un amant malheureux ou insatisfait, un arrière-petit-fils d'Obermann, d'Adolphe ou de René. La conversation entre Barbara et Antoine devint donc sentimentale, comme chaque fois, mais Antoine était décidé à la poursuivre plus loin que les limites habituelles. À vrai dire ils s'enivraient de leurs propres paroles. Elles leur semblaient sublimes à eux-mêmes, plus touchantes, plus ailées que celles du partenaire. Car ces amants tourmentés sont aussi des égoïstes.

Paroles divines, langage des sphères... qu'en resterait-il à l'aube ? Ils seraient incapables de s'en souvenir et, le pourraient-ils, la déception serait plus grande encore. Barbara et Antoine conversaient moins qu'ils ne monologuaient. Chacun d'eux suivait le fil de sa pensée, l'accrochant au petit bonheur à la dernière phrase de l'autre sans se soucier de répondre à une question, d'enchaîner un raisonnement à un autre raisonnement. Ainsi grandissait entre eux l'abîme qu'ils se flattaient de supprimer. Absents l'un de l'autre, ils se croyaient unis, fondus, confondus en un seul être, alors que, moralement, ils supprimaient leur interlocuteur et projetaient à sa place une image embellie d'eux-mêmes. Ils se croyaient deux, mais ils étaient chacun seuls ou, si l'on veut, quatre : Barbara et Barbara, Antoine et Antoine.

Barbara reposa la pipe sur le plateau et se laissa aller sur le dos, les yeux grands ouverts sur le plafond. Sa gorge nue palpait. Elle resta immobile tandis qu'Antoine rêvait aux reflets de la lampe sur sa peau et à la palpitation de cette chair.

Une pendule lointaine sonna. Antoine prit le poignet de Barbara.

— Barbara. Cela ne peut durer. Tu sais que je t'aime. M'aimes-tu ? Je ne puis supporter ce jeu plus longtemps. Je ne puis supporter que tu sois avec les autres la même qu'avec moi. Je te le dis : je n'en puis plus. Il faut prendre une décision.

Barbara se souleva sur son coude.

— Que veux-tu dire ? Il n'est pas question que cela cesse. Je suis ce que je suis. Je ne t'ai jamais dit que je t'aimerais. Si cela ne peut continuer pour toi de cette façon, il faudra cesser de nous voir !

Antoine ne répondit pas. Quant à Barbara, peut-être avait elle oublié ce qu'elle venait de dire au moment où elle prononçait le dernier mot. Ils restèrent sans bouger l'un près de l'autre, puis elle demanda à boire. Il fit du thé, pressa des citrons, prit des cigarettes dans un tiroir. Lily leur adressa quelques mots du fond du divan où elle sombrait dans des ténèbres personnelles. Elle en émergea cependant, revint fumer quelques pipes auprès d'eux et regagna

son refuge. Sa voix sortit de l'ombre, pendant quelques instants, puis elle retrouva son silence et s'y enfonça.

Antoine et Barbara reprirent leur méditation. Les phrases qu'ils échangeaient étaient étrangères à leurs préoccupations ou plutôt elles les symbolisaient avec tant de précautions inconscientes que ni l'un ni l'autre ne pouvaient en soupçonner le sens secret. Mais ce sens secret, ils l'inventaient. Elle eût souhaité pouvoir répondre de nouveau à la question d'Antoine. Qu'il lui parle encore et elle accepterait de se donner à lui pour se consoler de sa propre détresse, pour tenter d'aimer enfin car elle s'attendrissait sur sa propre impuissance. Il attendait d'elle les paroles qui lui permettraient de reprendre le procès de son amour. Et elle croyait deviner chez lui les secrètes intentions qu'elle espérait. Et il croyait dans chacune de ses paroles discerner le début de la phrase qui briserait les murailles qui les séparaient. Leur colloque se poursuivait ainsi, l'un trompant l'autre et trompé lui-même, tandis qu'une grande vague de fatigue, de lassitude déferlait sur leurs esprits étrangers aux clartés du soleil, aux mouvements généreux de la vie simple. Ils se turent, se guettant et guettant le déroulement des heures, souhaitant la fin de cette nuit et son éternité, reportant tous leurs espoirs sur les événements du lendemain, mais les redoutant cependant assez pour souhaiter qu'ils soient renvoyés dans un avenir très lointain, aussi lointain que leur mort à laquelle ils ne croyaient pas, aussi lointain que la fin du monde à laquelle ils ne croyaient pas davantage. Des bruits de voitures parvinrent jusqu'à eux à travers les trois cours et les jardins. Des laitiers posaient brutalement leurs boîtes à la porte des marchands de beurre. Les rideaux pâlissaient. Barbara et Antoine décidèrent de partir. Lily vint les rejoindre. Ils ouvrirent les fenêtres. Le chant des oiseaux se mêla à celui des robinets. Ils plongèrent avec délice leur visage dans l'eau fraîche, puis, à pas de loup, ils descendirent l'escalier. Le ciel de juin resplendissait déjà sur les arbres feuillus. Il était quatre heures. La porte de la rue était ouverte et un vieux chiffonnier fouillait dans la poubelle. Des chats vinrent se frotter à leurs jambes en ronronnant. Le chiffonnier les regarda passer sans surprise en homme que le métier habitue à ces rencontres.

Ils descendirent la rue Taitbout à travers un air transparent et doré. Boulevard Haussmann, des files de taxis attendaient. Ils passèrent et gagnèrent les boulevards qu'ils suivirent vers l'Opéra. Lily et Antoine donnaient le bras à Barbara. Enivrés d'été et de beau temps, ils parlaient sans suite et leurs paroles étaient sans importance. Par la rue de la Paix ils arrivèrent place Vendôme. Les boutiques des bijoutiers étaient closes. Tout le quartier respirait dans un sommeil tranquille. On avait goudronné récemment la chaussée et le sol granulait.

— On dirait du dross, dit Barbara.

Ils longèrent les arcades de la rue de Castiglione puis les Tuileries encore fermées. En arrivant place de la Concorde et avant de s'engager dans le Cours la Reine, éclatant de joyeux présage, le soleil apparut, tout neuf, derrière eux. La lumière embrasait les Champs-Élysées jusqu'à l'Arc de triomphe et les arbres la masquèrent à demi. À hauteur de l'avenue Victor Emmanuel Lily les quitta. Ils entendirent longtemps son pas sonore sur les trottoirs.

Place de l'Alma, des voitures déchargeaient des fleurs. Le marché se préparait dans l'affairement silencieux des garçons de messagerie. Le quai de Tokio, lavé de lumière, les entraînait vers les jardins du Trocadéro et la Tour Eiffel. Ils traversèrent le fleuve. On entendait des chocs sourds dans la gare en contrebas, puis, non loin du Vélodrome d'Hiver, ils trouvèrent un bistro où des ouvriers de chez Citroën prenaient leur petit déjeuner. Ils entrèrent. Le sol lavé à grande eau reflétait la lumière du jour. Un brouillard, vite dissipé, montait des percolateurs. Les ouvriers avalaient en hâte un café crème ou plus rarement un café arrosé. Certains préféraient le vin blanc Vichy.

— Oh ! Dondlinger... mon plombier en chef, dit Barbara. Et elle s'approcha d'un jeune gars en bras de chemise fort occupé à lire le journal. Elle le présenta à Antoine et tous trois assis à une table restèrent dans le café qui ne tarda pas à se vider avec les derniers cris des sirènes d'usine. Sur le viaduc du métro les trains passaient à grand bruit.

Antoine observait le jeune homme tourmenté, semblait-il, par un désir de parler qui ne parvenait pas à se manifester. Lui même sentait la nuit précédente l'envelopper encore, l'amollir, le disposer au silence et au rêve.

— Vous ne connaissez pas Dondlinger, Antoine ? Je vous ai parlé de lui.

— Mais si, je me souviens très bien. Nous devons nous rencontrer déjà.

— Oui, dit Dondlinger, mais l'autre jour je n'ai pas pu venir. C'est un fait exprès. Toutes les fois que je veux faire quelque chose la mère est malade. On dirait qu'elle le devine et qu'elle s'arrange pour avoir quelque chose. Que feriez-vous à ma place ? Vous vous transformeriez en infirmier. C'est pas pour dire, mais je n'ai pas de veine. Enfin ce sera pour une autre fois, n'est-ce pas, madame Barbara ?

— Eh bien, si on essayait samedi, samedi soir. Comme cela vous auriez votre dimanche tranquille, sans avoir besoin d'aller à votre travail.

— Oh ! le travail, il est bien calme en ce moment... des waters qui pètent, des lavabos engorgés. On ne se figure pas ce que les gens peuvent coller dans leurs lavabos. Je ne parle pas des cheveux, des vraies perruques qu'on en sort. Mais des tas d'autres cochonneries. Tenez, une fois, chez une vieille rombière, un billet de mille balles, oui, un billet de mille déchiré et mis en tampon. Je l'ai recollé et porté à la banque où on me l'a remboursé. Mais

c'est plutôt rare. Et puis des tas d'autres choses, des bagues, des alliances. C'est fou ce que les gens peuvent perdre leurs alliances dans les lavabos. Bien sûr, il y a un bouchon qui protège le trou de vidange. Mais la chaînette se casse, alors tout tombe dedans. Heureusement qu'il y a le coude où tout s'arrête et ça se bouche. Mais, tout de même, j'ai pas encore compris comment que la vieille beauté avait pu boucher le sien avec un billet de mille. Encore une histoire d'amour, c'est sûr. On se dispute ferme dans le grand monde et alors en avant les âneries. C'est comme les baignoires. Vous vous dites : une baignoire, c'est de l'eau et du savon. Eh bien, pas du tout. J'ai vu une baignoire bouchée par de la confiture et du foie gras. Et je ne parle pas du reste. Les gens font tout dans leur baignoire et le reste. Le monde ? C'est des cochons quand on regarde les tuyaux de leurs salles de bains. Barbara riait. Il ponctua :

— Oui, madame Barbara, des cochons et les salles de bains des boîtes à ordures.

Il se leva.

— Je m'en vais. À samedi, madame Barbara. À samedi, monsieur. Moi, je vais récurer les plombs. Un sale boulot, dans une maison miteuse. Là aussi, c'est des cochons. Et il partit.

— Vous vous le figuriez comme cela mon plombier, Antoine ?

— Un peu. Mais il est drôle.

— Vous verrez samedi. Maintenant rentrons. Il est neuf heures. J'ai envie de dormir.

Il la raccompagna jusqu'à sa porte et, avant de partir, échangea avec elle un baiser sans saveur, distant, retenu. Barbara rentra vite, déçue de le voir rester dans la rue sans tenter de la suivre.

Auportain avait écouté patiemment le discours de Courvoisier assis devant lui. C'était une affaire entendue. La drogue et lui étaient brouillés et pour toujours.

— Quand je pense à mes années perdues ! Tenez, j'ai chez moi dans un tiroir, depuis trois ans, toutes les notes relatives à mes recherches sur les rayons cosmiques et un gros manuscrit presque prêt pour l'impression. C'est un livre sur l'évolution de l'hypothèse en physique depuis Descartes, un sujet passionnant, un livre qui me fortifiait, où je trouvais en moi-même des motifs d'exaltation et la clef de mes travaux futurs. Croyez-moi, mon cher Auportain, je suis un homme digne de ce nom avec un cœur bien accroché, de la volonté et de l'énergie. Je me suis fixé un délai. Avant six mois il faut que tout cela soit remis à jour, complété aussi, car il s'en est passé, tout de même, des événements en physique depuis trois ans. Dans six mois tout cela sera chez l'éditeur et moi, loin des fumeries, dans un laboratoire du matin au soir. Il faut que je me désintoxique. Je l'ai décidé. Je le veux.

— Entrez dans une maison de santé.

— Non. C'est bon pour les femmelettes. Je veux travailler, il faut que je travaille tout de suite, et puis, il me faut aussi trouver de l'argent.

— Vous ne vous désintoxiquerez pas vous-même, si fort soyez-vous. En clinique on vous désintoxiquera avec certitude. Après, ce sera votre tâche de ne pas recommencer. Si vous réussissez cela, vous pourrez être déjà fier de vous. Il y en a un sur cent qui ne retourne pas à la pipe, à la prise ou à la seringue.

— Mais je vous jure...

— Ne jurez pas. J'en ai entendu des milliers de ces serments ! Serments de drogués ! Je n'en ai jamais vu tenir un seul.

— Je vous en prie, Auportain, aidez-moi.

— Vous aider à quoi ? Je n'aurai pas plus tôt le dos tourné que vous téléphonerez à vos petits amis pour qu'ils vous apportent votre cochonnerie. Et quel pouvoir aurai-je sur vous, moi qui suis intoxiqué et qui le demeure ?

— Mais comment faites-vous, vous, pour vivre normalement ?

— J'ai un grand goût pour la vertu et beaucoup de chance. Nous sommes rares dans ma catégorie.

— Enfin, dites-moi comment faire et je m'en chargerai.

— Essayez la bouteille chinoise. Combien vous faut-il d'opium par jour ?

— Je ne fume plus. C'était trop de temps perdu et puis cela m'énervait.

Je le mange ou plutôt je le bois.

— Combien par jour ?

— J'ai beaucoup descendu. Un gramme par jour.

— Mettons cinq grammes, et je suis sans doute au-dessous de la vérité. Si j'étais un médecin de clinique, vous auriez menti dans l'autre sens et annoncé dix grammes. Vous allez prendre une carafe ou plutôt un magnum à champagne. Vous mesurerez combien de verres à porto il contient. Je ne sais pas au juste, mettons quarante. Vous ferez dissoudre dedans deux cents grammes de drogue. Tous les jours vous en boirez un verre, mais vous remplacerez chaque jour dans la bouteille ce que vous aurez bu par la même quantité d'eau pure. Votre solution sera de moins en moins forte et vous arriverez ainsi, sans vous en apercevoir, à ne boire que de l'eau pure... théoriquement.

— Mais c'est merveilleux ! C'est d'une ingéniosité bien chinoise. Merci de la recette...

— Attention... j'ai dit théoriquement. Je vous donne le système pour ce qu'il vaut. Mais je n'y crois pas.

— Et moi j'y crois. Vous verrez...

— Je ne demande qu'à voir. Courvoisier acheta immédiatement un magnum de Cliquot et invita Berthe à venir le boire. Ce fut une soirée sentimentale. Courvoisier était beau d'espoirs. Mais aussi, pour le dernier jour, il avait un peu forcé la dose. Il s'enthousiasmait de nouveau pour le monde et la vie.

— Et toi, ma petite Berthe, ne crois-tu pas que c'est une pitié de se voir comme nous nous voyons, jamais lucides, jamais sûrs les uns des autres ? À ton âge, belle comme tu l'es, c'est une escroquerie de rester prisonnière de la fumée. Nous sommes des fous de ne pas vous regarder mieux, toi, Lily et Jeanne et Noëlle et Marie-Jacqueline et Barbara.

— Il me semble pourtant que vous les regardez... Barbara, par exemple !

— Mais non, tout ça, c'est de la comédie. Seuls, nous sommes toujours seuls, et les baisers que nous échangeons n'ont jamais rien prouvé, jamais rien provoqué. De l'amour chez nous ? Non. De l'égoïsme. Sais-tu à qui nous ressemblons ? Aux pédérastes. Comme eux nous formons une société secrète et internationale. Nous nous reconnaissons à des signes sûrs et indescriptibles. Dans tous les pays du monde nous savons que nous retrouverons nos pareils, notre pègre et notre monde chic, nos héros et nos criminels ; mais, comme les pédérastes, nous traînons nos tares, nos mensonges, notre impuissance, notre lâcheté, notre crasse morale et quelquefois physique. Ah ! où es-telle, notre première pipe ou plutôt la seconde... le rêve multiplié, le génie à portée de la bouche... Et qu'a-t-il jamais produit, ce génie ? Autant se suicider d'un coup, virilement.

— Ou mourir jeune, comme Artenac.

— Artenac... Tu crois que son destin avait prévu cette mort idiote ? Non. Rien de grand, rien de tragique là dedans... Seulement de la sottise, et sans grandeur. Il faut avoir seize ans pour croire à la poésie, au romantisme de la drogue. Au moins les petites grues qui s'en mettent plein les narines ne s'avilissent pas davantage. Mais nous ! Je n'ose plus me regarder dans une glace. Il faut avoir une âme de putain pour accepter la vie que nous menons. Imbécile que je suis ! Ma petite Berthe, j'aime la gloire, j'aime le luxe, j'aime la vie. Peux-tu me dire ce que je fais dans ce fourbi arabe ? Eh bien, je me punis, je me prive de tout ce que j'aime...

— Aimer ?

— Oui, aimer. Berthe, tu es un grand garçon comme moi. Lâchons tout cela. Reprenons goût aux beaux fruits, au grand air, au travail librement choisi. Désintoxique-toi avec moi. Tu viendras chaque jour prendre ton verre dans le magnum. Ou si tu préfères je le mettrai chez toi et j'irai. Et après, Berthe, est-ce que nous ne pourrions pas trouver le bonheur tous les deux, l'un par l'autre ? Berthe se laissait prendre au jeu.

— Nous voyagerons. Tu as raison. C'est idiot de gâcher sa jeunesse. Moi aussi j'aime le luxe, les belles robes, les soirs de fête.

— Quand commençons-nous ? tout de suite ? ou plutôt non... demain. Que cette soirée soit la fin de notre folie. Le magnum était vide. Les dernières gouttes de champagne pétillaient dans leurs verres comme un message de joie. Ensemble ils mesurèrent l'eau, pesèrent l'opium, firent dissoudre l'un dans l'autre. Il restait encore de l'opium dans le pot.

— Finissons-le, proposa Berthe, puisque c'est le dernier soir. Et, de nouveau, ils installèrent sur le divan, avec des gestes habituels, le plateau de laque, les aiguilles, la pipe et la lampe qui bientôt clignota dans l'obscurité. Leur dialogue sentimental dura jusqu'au jour. Ils s'endormirent dans les bras l'un de l'autre et se réveillèrent tard. Berthe se leva et prépara du thé et des tartines grillées, puis, comme la journée était avancée, ils remirent au lendemain le début de leur cure. Ils fumèrent encore. Puis Berthe s'en alla. Il était six heures du soir. Ils avaient pris rendez-vous pour le lendemain matin chez elle. Elle emportait la grosse bouteille. Sur le palier ils échangèrent un long baiser.

Le lendemain, Courvoisier ne se leva que très tard. L'après-midi était avancé quand il arriva chez Berthe. L'odeur familière le frappa dès l'entrée. Elle fumait déjà avec Noëlle.

— Tu n'es pas venu. Et pourtant je t'ai attendu. Noëlle est arrivée. Elle n'avait plus rien. J'ai pensé que tu avais changé d'avis et qu'on commencerait demain. Alors, comme je n'en pouvais plus on a fumé.

On vient d'ailleurs de commencer.

— Non, je n'ai pas changé d'avis. Mais j'étais fatigué...

Il n'eut pas la force de lui faire de reproches et, comme tout était prêt, lui aussi il fuma.

Il resta la nuit entière chez Berthe pour commencer dès le matin la cure. Dès huit heures il se leva et remarqua que la solution d'opium était un excellent apéritif. Tous deux déjeunèrent ensemble et ils se séparèrent. Il avait envie de travailler. Il rentra chez lui et sortit d'un tiroir toutes ses notes. La première heure fut exaltante. Il retrouvait le parfum de ses années laborieuses. Il relisait certaines phrases avec un plaisir intérieur. Certaines de ses observations lui paraissaient pleines de promesses, riches d'espoir.

Puis il sortit des paquets de revues scientifiques et bientôt sa foi sombra. Pendant qu'il perdait son temps d'autres avaient travaillé. Il retrouva plusieurs fois son nom cité dans les fascicules les plus anciens. Mais, bientôt, dépassé et oublié, il ne retrouva plus l'assemblage de lettres dont l'architecture familière était la façade de son moi. Il commença un classement. Mais déjà il comprenait que tous ses travaux étaient périmés et qu'il devrait se mettre à l'école de ceux dont il aurait pu être le maître. Chaque nom inconnu qu'il trouvait au bas d'un article, dont le contenu l'avait intéressé, était une nouvelle blessure pour lui. Il abandonna ce travail pour prendre le manuscrit sur les hypothèses. Mais déjà son propre langage lui devenait inintelligible. Au surplus et sans s'en apercevoir, il souffrait physiquement. Une lourdeur d'estomac le rendait haletant. Ses yeux humides allaient bientôt larmoyer. Par-dessus tout, une appréhension, une angoisse, le pressentiment d'un malheur le hantaient. Il restait à lire et à relire machinalement une phrase tandis qu'un rêve intérieur agitait autour des draperies funèbres. Il éternua plusieurs fois de suite et pensa s'être enrhumé pendant la nuit. Le malaise cependant augmentait et il s'y abandonna. C'était l'heure où d'ordinaire il fumait quelques pipes. Il savait cette fois qu'il ne devait pas les fumer. Mais des picotements l'envahirent. Ce furent d'abord des démangeaisons dans le dos, puis au bout des doigts, dans la paume des mains. Elles gagnèrent tout son corps. Il alluma une cigarette. La saveur de la fumée lui parut amère. Une douleur à l'estomac le pliait en deux. Il larmoyait maintenant et se moucha plusieurs fois et, sentant sa main mouillée, vit qu'il bavait. Une irritation l'envahissait. Tout lui paraissait hostile : le coussin qui faisait des plis sous sa nuque, la cigarette qui se décollait, les bruits de la rue, l'air même qu'il respirait. Le soir tombait. Il se sentait perdu au fond de la ville, abandonné de tous. Les noms de ses amis l'irritaient quand il pensait à eux. Des colères intérieures le dressaient contre eux, leur image, leurs propos, le son même de leur voix et de lointains griefs remontaient en flux écœurant.

Comme le soir tombait il n'y tint plus. Il ressortit la pipe et gratta le fourneau pour recueillir le dross. Il en chercha encore sur le plateau, sur les aiguilles et même sur la lampe où il était

souillé d'huile. C'est alors que la fureur s'empara de lui. Il brisa sa pipe et sa lampe, alluma du feu et jeta les débris dedans avec le dross si difficilement recueilli. Il grelottait. Il remit du bois dans la cheminée et resta au coin, d'abord morose, puis il pleura. Les larmes lui firent du bien. Il se versa un grand verre de cognac qu'il but d'un trait, puis un autre, et s'endormit sur le divan.

Au réveil la nuit était tombée, le feu éteint. Il avait froid. Il voulut faire la lumière et eut grand mal à trouver le commutateur. Quand il vit clair il regarda son visage décomposé, avec une barbe de trois jours, et ses mains qui tremblaient.

Il but encore du cognac puis, brusquement, sortit et se rendit chez Berthe. À peine dans la rue, une colique le tordit. Il dut entrer dans un café. Il crut s'y évanouir. Quand il sortit, l'appétit de la drogue était tel qu'il eût tué pour s'en procurer. Dans le taxi sa hâte fébrile augmenta encore. En hâte il monta chez Berthe. Elle vint lui ouvrir, toute surprise, le visage reposé éclairé d'un sourire qui lui parut une insulte. Il entra dans l'appartement, se servit un grand verre de solution opiacée et s'affala, tout tremblant, sur un divan.

— Qu'est-ce qui t'arrive ? Tu es pâle comme un mort. — Mais tu n'as rien eu, toi ? Tu n'as pas souffert du manque de drogue ?

— Non.

— Allons donc ! Tu as fumé ?...

— Oh ! une ou deux petites pipes seulement. Cela n'a pas d'importance.

— Pas d'importance ! Si tu ne les avais pas eues tu aurais vu si cela n'a pas d'importance. En tous les cas, c'est pas avec une ou deux petites pipes en plus que tu te désintoxiqueras.

— Tu deviens aussi ennuyeux qu'Auportain.

— Oui. Je crois que je ferais aussi bien de me désintoxiquer seul. J'avais cru que tu supporterai.

— Parlons-en. As-tu supporté, toi ? Il faut voir dans quel état tu étais quand tu es arrivé, et quelle rasade en entrant. Tu n'as pas pris seulement la peine de me dire bonsoir.

Mais précisément la rasade faisait son effet, calmait les douleurs et Courvoisier retrouvait au sein de son vice un équilibre factice. Il était disposé à s'attendrir sur elle comme sur lui.

— Il ne faut pas prendre cela au tragique. Nous devons mutuellement nous supporter bien des accès de nervosité avant d'avoir fini. Nous devons nous aider l'un l'autre et non pas nous combattre. Quand je pense que j'avais dit à Auportain qu'un gramme chaque jour me suffirait ! Il m'a dit cinq grammes et ce n'est pas encore assez.

— Nous pourrions peut-être prendre un verre le matin et un verre le soir ?

— Oui, mais à ce train la diminution de la dose, chaque jour, sera trop grande. Songe que nous devons remettre dans la bouteille quatre verres d'eau : un dixième du total. Peut-être vaudrait-il mieux que nous ayons chacun la nôtre.

Ainsi firent-ils. Mais au bout de quelques jours ils renoncèrent à une discipline qu'ils étaient incapables d'observer. Chaque jour ils avaient enfreint leur règle. Chaque jour la drogue s'était montrée la plus forte.

Sa domination, ils le sentaient, triomphait de leur désir de santé, de leur volonté.

Berthe retourna à sa pipe et aux soirées chez des amis et aussi Courvoisier. Mais il ne remplaça pas sa pipe brisée et brûlée. L'héroïne, pour lui, supplanta l'opium et, désormais, les sachets de papier blanc prirent la place des petits bidons aux étiquettes pittoresques. Ses notes, ses manuscrits traînèrent longtemps sur un meuble avant de retrouver le tiroir d'où ils ne devaient plus sortir.

D'autre part l'argent commençait à devenir pour lui une raison d'inquiétude. Il avait dissipé un petit héritage. Il lui fallait vendre maintenant des livres aimés, des bijoux, des tableaux. Quelque temps encore il conserva son allure et son prestige. Il savait dissimuler ses angoisses. Mais chaque réveil pour lui se faisait plus douloureux. Il pouvait faire alors le bilan du temps perdu qui grossissait sans cesse. En vain se promettait-il d'agir le lendemain. Il n'osait encore s'avouer qu'il en était incapable et que seule la nécessité immédiate le gouvernait, qu'en réalité il vivait d'expédients.

Auportain ne l'avait jamais questionné sur ses efforts. Aussi bien était-il assez averti pour savoir qu'ils avaient échoué, si même ils avaient été tentés.

Un jour pourtant Courvoisier fit allusion à leur entretien. — Entre nous, mon cher Auportain, les Chinois me déçoivent. Leur fameuse bouteille est une blague.

— N'en accusez pas les Chinois. Je les crois innocents de cette astucieuse invention. Pour moi l'idée en est venue à un officier de marine.

Barbara, grâce à sa fortune, avait toujours une provision de drogue, sans cesse entretenue, qui lui aurait permis de rester plusieurs mois sans en acheter. Par cette même fortune elle se savait à l'abri des perquisitions policières. Mais si les intoxiqués se méfient les uns des autres, s'ils sont facilement perfides l'un envers l'autre, s'ils mentent d'une façon maladroite, il est bien rare qu'ils ne viennent pas en aide à celui d'entre eux qui souffre de privation. Barbara avait avancé de l'opium à Columot qui en manquait, à Courvoisier qui n'avait pas d'argent

pour en acheter, à Marie-Jacqueline dont le marchand avait été arrêté. Lily avait épuisé la réserve d'héroïne. Si bien qu'elle se trouva un jour sans avoir de quoi fumer sa dose quotidienne. Elle ignorait les petits détaillants dont elle se méfiait d'instinct, n'accordant sa confiance qu'au gros trafiquant, de même qu'elle ne consentait à s'habiller que chez les grands couturiers. Mais il en est des précautions de drogués comme de leurs serments de ne plus user de drogues. Auportain seul, grâce à un égoïsme proclamé, ne risquait pas d'être dépourvu. Mais il avait, une fois pour toutes, résolu de voiler le crépuscule de sa vie dans les fumées de l'opium. Les autres mêlaient à la méfiance et à l'avarice une insouciance et une prodigalité d'enfants pour qui le pot de confiture entamé devrait durer des mois. Au surplus ils étaient le jouet de leur humeur. Les portait-elle à la confiance et à l'optimisme, ils auraient distribué leurs derniers sous. Au contraire, subissaient-ils la crise de dépression qui précède le moment où la fumerie et la prise deviennent un impérieux besoin, ils auraient défendu au péril de leur vie la provision d'héroïne ou d'opium qui devait leur assurer une passagère euphorie. Lily qui, désormais, consacrait à son vice les vertus de séduction qu'elle possédait encore avait su mendier au bon moment auprès de Barbara. Les autres aussi ou, peut-être, leur voix était-elle arrivée par téléphone juste au moment cruel d'un silence et d'une solitude devenus intolérables. Barbara leur devait peut-être d'avoir échappé, à cette minute, à la hantise du suicide. Peut-être étaient-ils arrivés eux-mêmes pour peupler cette solitude d'une présence rassurante.

Barbara téléphona à Antoine. Il lui apporta le paquet d'héroïne acheté à Estival. Il lui permit de vivre quelques jours sans inquiétude. Puis de nouveau elle se retrouva sans provision. Elle persécuta alors Antoine qui, durant quinze jours, réussit à trouver des quantités suffisantes auprès de trafiquants suspects. Il essaya de joindre Estival, mais celui-ci était en voyage d'enquête. Il courut alors les bars et les dancings, ne trouvant parfois qu'à une heure avancée de la nuit ce qu'il recherchait.

Il le portait alors à Barbara et attendait le jour chez elle en conversations sentimentales dont il revenait plus enivré que par la drogue.

Un jour cependant il ne put rien apporter. La déception de Barbara tourna vite à la colère et Antoine revint à pied après l'avoir quittée silencieusement.

Barbara tenta de toucher Columot. Il faisait répondre qu'il n'était pas là, sachant bien ce qu'on voulait lui demander et se promettant chaque fois de payer sa dette, non pas en argent, il importait peu à Barbara, mais en nature. Courvoisier était en voyage. Lily, poussée par une mauvaise inspiration, vint la voir. Barbara lui réclama son héroïne avec tant de véhémence que la conversation tourna à la dispute. Lily était d'ailleurs venue pour emprunter, une fois de

plus, de l'argent. Elle crut éteindre la colère de Barbara en le lui demandant. Mais Barbara souffrait déjà de privation. Elle injuria Lily avec des mots d'une verve et d'une perfidie qui l'exaspérèrent. Elle ne se trouva pas en reste d'insultes. Elles se reprochèrent mutuellement les services qu'elles s'étaient rendus. Puis elles se quittèrent au moment où l'entrevue allait se transformer en bataille. Seule, Barbara se mit à la fenêtre et pleura sur elle-même en regardant le panorama de Paris. Elle rêvait d'enjamber son balcon et de se jeter et de tomber interminablement sur cette ville pour y dormir définitivement d'une mort tragique. À quelques centaines de mètres de là, Lily, accoudée au parapet du quai, pleurait sur elle-même en regardant, à travers ses larmes, couler la Seine où elle souhaitait s'endormir pour jamais si elle en trouvait le courage.

C'est là que Dondlinger la rencontra. De ses explications confuses il ne comprit qu'une chose, c'est que Barbara était malheureuse. Il n'accorda qu'une faible attention aux lamentations de Lily, étant trop amoureux pour concevoir l'existence possible d'une autre femme que Barbara. Il se rendit en hâte chez cette dernière qui l'embrassa fiévreusement, le suppliant de lui trouver de la drogue, n'importe laquelle, à tout prix. L'entrevue parut exquise à Dondlinger. Elle était dramatique pour Barbara qui se raccrochait à lui comme à une bouée de sauvetage. Dondlinger s'exalta. Sa rencontre avec elle avait d'abord été un enchantement. Puis il avait souffert des obstacles qui se dressaient entre lui et son rêve. Il avait soupçonné bientôt qu'il n'était qu'un caprice. À cette minute il comprenait que la chance le visitait. Il promit tout et plus encore et s'en alla en promettant de revenir dans la nuit. En quittant Barbara, Dondlinger était ivre d'audace et de ses propres promesses. Quand il se trouva dans la rue, Paris lui sembla brusquement plus grand qu'un sahara dans lequel il devrait trouver, enfouie dans le sable, une aiguille ou une pièce de monnaie. Il n'avait que cent sous sur lui. Il entra dans un petit bar où il se fit servir coup sur coup quatre fines à vingt-cinq sous.

L'alcool de mauvaise qualité le précipita dehors et, sans réfléchir, il prit sa course à travers les rues. Une pluie fine tombait qui lui donnait une odeur de chien crotté. Il marchait vite, en enfant des faubourgs, habitué à traverser les rues et les carrefours comme un paysan poursuivant un lièvre arpenté une plaine. Il se trouva brusquement devant le trou noir, pailleté de lumières, de la place de l'Étoile. Par le boulevard de Courcelles il alla jusqu'à la place Clichy. Il allait être neuf heures. Bob, son ancien camarade, chasseur dans une boîte de nuit, devait être arrivé. Dès le haut de la rue Fontaine il le vit, devant le porche du dancing, parlant avec des chauffeurs de taxis. Son accueil fut cordial mais, aux yeux de Dondlinger, un peu prétentieux.

— Te voilà, Toto, tu arrives bien. C'est le moment où je suis libre. Viens te taper un pot à côté. Ça va ? Ça boulotte ? (Puis, dans la lumière de la boutique :) Bon Dieu ! D'où sors-tu ? Tu n'as donc pas de pèze pour prendre le métro ? Moi, mon gars, quand il fait ce temps-là je prends un taxi. Faut te réchauffer. Prends un sportbeef, avec une goutte de vin blanc.

Il trempa d'autorité une tartine de beurre dans sa tasse, tartine qu'il prit sur une pyramide étagée dans une soucoupe sur le comptoir.

— Mange. Il faut manger. Et puis, tiens, prends un sandwich. – Patronne, un sandwich saucisson, et puis aussi un sandwich jambon. – Mange, que je te dis ! – Patronne, c'est à moi tout ça. – Tu m'attends un chouïa ? Je reviens tout de suite.

Il s'absenta puis revint.

— Faut boire aussi. – Patronne, un verre de vin blanc. – Dis donc, ça n'a pas l'air d'aller. Tiens, prends.

Et il lui glissa dans la main deux billets de cent francs. Dondlinger retrouvait couleur et équilibre.

— Écoute, c'est pas tout. Il me faudrait de l'héro.

— Ah ! merde, qu'est-ce qui te prend ? Pour quoi faire qu'il t'en faut ?

— C'est pour ma poule. Une fille riche. Oui, je te dis. Ne rigole pas. C'est pas une grue. J'ai pas osé la taper. Tu comprends ? Et il lui en faut, sinon elle crève.

— Mince alors, tu fais le miché. Les poules, c'est pour payer.

— Mon vieux, je suis pincé !

— Idiot. Raison de plus. Comment veux-tu qu'elle ait de l'estime pour toi si elle ne paye pas ? Si tu te figures qu'elle ne se rend pas compte avec ta touche que t'es raide. Enfin, c'est tes oignons.

— Oui, mais où est-ce que je pourrai en trouver ?

— Tu serais venu la semaine dernière, c'était fait en cinq minutes. Mais ils ont embarqué un tas de trafiquants ces jours ci. Tous des donneurs. Alors, moi je ne sais plus. Y a bien Marco, mais je ne veux pas me mouiller... attends.

Il sortit de nouveau et revint avec un personnage blême, bien babillé, aux yeux gris, qui commanda un quart Vittel. Bob enchaîna :

— Voilà. Le copain n'a rien. Il a tout planqué. Mais il dit que tu pourrais voir de sa part Fernand, à l'hôtel de Kharbine. Tu lui diras c'est de la part de Jean. Tu verras bien. Tu sais où c'est ? à côté, rue de Clichy. Dondlinger repartit. Il trouva l'hôtel et monta un escalier tiède au tapis usé, à la rampe poisseuse d'encaustique. Il frappa à la porte indiquée. Il y eut un grand silence, puis, au bout d'un instant, la porte s'entr'ouvrit, une tête passa. C'était celle d'un

grand gaillard en pyjama rose, aux cheveux noirs tombant en désordre sur le visage. Au nom de Jean il fit entrer le visiteur dans une chambre éclairée par une lampe de chevet. On devinait, dans le lit, un corps peletonné, une femme dont les cheveux dépassaient le drap.

Dondlinger expliqua sa visite.

— Oh ! Cela, rien à faire. J'ai plus rien. J'ai tout planqué. Ça sent mauvais en ce moment et je suis repéré. Mais attendez, vous allez aller aux Halles, rue Rambuteau. Vous irez dans un café à droite et vous demanderez Alfred. Le café s'appelle aussi Alfred, « Chez Alfred ». Vous lui direz que vous venez de ma part. Maintenant, filez, il vaut mieux ne pas vous faire remarquer ici.

Cette fois Dondlinger prit un taxi qui l'arrêta à la pointe Saint-Eustache. Il trouva le café Alfred et Alfred, un gros garçon joufflu, aux paupières tombantes, qui jouait aux cartes dans la seconde salle. Au nom de Fernand il se leva et entraîna le jeune homme sur le trottoir.

— Il vous en faut combien ?

— Ça dépend du prix.

— Trente francs.

— Alors cinq, ou plutôt six.

— C'est bon. Donnez-moi cent soixante-quinze francs. Et puis revenez à onze heures et demie au métro « Halles ». Là-bas, vous voyez ? Si vous voyez du monde ne craignez rien, c'est des clients. Il y aura deux femmes et une voiture, une grosse Talbot. À tout à l'heure !

Il était dix heures et quart. Il restait à Dondlinger une quinzaine de francs. Il s'arrêta à la grillade, au coin de la rue Montorgueil, et mangea une saucisse arrosée de vinaigre dans un quignon de pain. Il prit un café au comptoir voisin. Mais il ne tenait pas en place. Il marcha sous les pavillons et aux alentours où les pyramides de navets et de carottes composaient des harmonies rouges et vertes, blanches et vertes dans la lueur des grands lampadaires qui avivait les couleurs. Le quart sonnait à Saint-Eustache quand il commença à se diriger vers le métro avec la sourde inquiétude d'avoir été volé. Au coin de la rue Mondétour, il se heurta soudain à Alfred qui allumait une cigarette.

— Tiens, puisque vous êtes là, voilà la marchandise.

Il lui mit dans la main un paquet que Dondlinger cacha dans sa poche. À grandes enjambées Alfred se dirigea vers l'entrée du métro. Dondlinger le suivit, plus lentement pour ne pas l'importuner.

Il le vit de loin s'approcher d'un groupe d'ombres. La pluie qui n'avait pas cessé de tomber mêlait le décor et les acteurs. Soudain, d'un taxi, quatre hommes descendirent. Il y eut une mêlée confuse. Un coup de sifflet jaillit. Six agents en embuscade vinrent à la rescousse. Sans

bien comprendre, Dondlinger observait la scène. Tout se calma. Le groupe se divisa. Les uns montèrent dans la Talbot. Une partie des autres commença à monter dans le taxi quand une voix cria :

— Le petit bonhomme là sous le réverbère, arrêtez-le aussi. Il lui parlait il n'y a pas une heure.

Dondlinger comprit qu'il s'agissait de lui. Il fit demi-tour et s'enfuit. Il entendait derrière lui le galop lourd de deux agents. Il s'engagea dans un dédale de rues étroites, revenant sans cesse sur ses pas, tournant et retournant et toujours poursuivi. Soudain la trompe des pompiers retentit. Une lourde voiture rouge faillit l'écraser. Il y eut un brouhaha et soudain, hors de souffle, il se trouva seul sur la place des Victoires. Il partit alors dans les rues les plus sombres qu'il put trouver et découvrit enfin un métro. Sur le quai il se laissa tomber sur un banc, les tempes bourdonnantes et de la salive plein la bouche.

Quand il arriva chez Barbara elle était allongée, fumant l'opium avec Columot. Celui-ci était arrivé providentiellement dans la soirée. Barbara accueillit Dondlinger sans enthousiasme. Elle lui prit la drogue, la mit dans un tiroir, et l'invita à fumer sans même se préoccuper de savoir si elle lui devait de l'argent et encore moins de la peine qu'il avait pu avoir à se procurer de l'héroïne.

Dondlinger se sentait étranger à la conversation. Il avait le sentiment d'être invité en parent pauvre. Il songea à partir mais n'en trouva pas le courage. Il fuma goulûment et s'immobilisa dans une rêverie mélancolique dont il ne sortit qu'au matin quand Columot lui proposa de le déposer quelque part, en s'en retournant. Columot était naturellement séduisant, mais surtout il aimait être aimé, il aimait séduire. Il sut parler à Dondlinger, le mettre en confiance, l'écouter. Et Dondlinger raconta sa nuit.

— Je suppose que vous avez été déçu en arrivant quand vous avez vu que Barbara n'avait plus besoin de vous et que tant de risques avaient été courus pour rien.

— Pourquoi ?

— Je ne sais pas, mais il me semble. Une aventure comme celle-là est exaltante. On sent son cœur battre... et Barbara ne vous a même pas demandé ce qui vous était arrivé.

— Elle ne pouvait pas savoir.

— Elle se préoccupait peu de savoir. Pour elle la vie est toute simple. Tenez, je parie qu'elle ne vous a pas remboursé la drogue. Dites-moi combien elle vous doit, je vais vous payer. Ne craignez rien, je le lui réclamerai. Cela sera facile de ma part. Tandis que vous, vous n'oseriez jamais.

— Mais non, voyons.

— Mais si. Tenez, on va régler ça en buvant un verre.

Il arrêta son auto devant le New-York Bar, rue Daunou, et entraîna son compagnon dans un univers nouveau pour lui. L'endroit était sombre mais gai. Au-dessus du bar pendait une énorme paire de gants de boxe, ceux de Caméra. Au mur, des caricatures de Sem. Dans une vitrine, de poudreuses bouteilles de gin et de whisky. Quelques Américains jouaient aux dés sur le comptoir en riant comme des enfants.

— Nous boirons ici le meilleur whisky de Paris. Cela vaudra mieux que cette cochonnerie de drogue, comme dirait Auportain.

On leur servit l'alcool doré que le soda fit mousser.

De nouveaux compagnons venaient d'entrer. Ils échangeaient de grandes claques sur les épaules en s'offrant mutuellement le premier sourire de la journée.

— Voyez-vous, Barbara est comme toutes les femmes. Elle trouve tout naturel quand il s'agit de la satisfaction de ses désirs. Ce qui serait extraordinaire, et même injuste, pour elle, c'est un obstacle, un refus. Il ne faut pas lui demander plus qu'elle ne peut donner : sa beauté, sa fantaisie et sa gaieté ! Et surtout se méfier de souffrir pour elle. Je ne sais pas pourquoi, d'ailleurs, je vous dis cela. Nous sommes tous les mêmes. Tenez, mon vieux, voilà cinq cents francs. Prenez-les sans regrets, sans hésitations, de camarade à camarade.

Dondlinger se sentait fondre de confiance. Il ne refusa pas le gros billet. Le whisky lui tournait la tête. Il devenait bavard, raconta sa vie, s'épancha.

Columot s'attendrissait. Le compagnon du moment était toujours son meilleur ami, quitte à l'oublier à l'instant même où ils se sépareraient. Il emmena déjeuner Dondlinger au Cercle des Armateurs du Littoral, le Littoral comme disaient les habitués, un tripot installé dans les anciens appartements du duc de Brunswick. Moyennant quelques pertes au baccarat on y déjeunait et dînait gratuitement. La chère y était bonne. Columot avait déjà fait inscrire Antoine. En arrivant ils le trouvèrent à une table, installé devant une douzaine de rapiers de hors-d'œuvre.

— Antoine, mon cher, la vie est belle, la santé est bonne et Dondlinger est un chic type. À table, à table, j'ai faim et je suis content de vous voir. Columot n'était pas pervers, mais il aimait parler quand il était gai. Il ne put s'empêcher de faire allusion à l'amour de Dondlinger pour Barbara. Antoine en prit aussitôt ombrage. Il voyait en lui un rival d'autant plus à craindre qu'il semblait moins redoutable. Esprit rêveur, sans cesse perdu, quand il était seul, dans des rêves triomphaux que l'opium, s'il en prenait, exaltait à peine, il était assailli souvent par le soupçon et le découragement. La sensibilité propre aux amoureux lui faisait aussi deviner obscurément que Dondlinger avait obtenu plus que lui, que la simplicité et les

manières directes, parfois même maladroites, de celui-ci étaient cependant des avantages contre lui qui se raisonnait à propos de tous les actes de sa vie et qui, par scrupule, devenait timide. Ainsi cette faculté d'imagination qui le protégeait contre bien des dangers, et qui devait le protéger encore, était-elle aussi un frein dans sa poursuite du bonheur. Il en tirait quelque mélancolie et, alors qu'il était fait pour se baigner dans les lumières du printemps et de l'été, se complaisait dans une saison grise que sa santé, sa confiance en lui-même, si dissimulée fût-elle, et sa chance, car il en avait, éclairaient malgré lui de rayons.

Dondlinger sentit obscurément que quelque nuage avait passé sur la belle journée. Pourtant Antoine et Columot n'avaient pas modifié leur attitude. Les propos restaient joyeux, mais il sentait peser sur lui la méfiance et l'inimitié de quelqu'un.

Le repas se termina. Columot s'assit à la table de baccarat et jeta quelques louis avec cette aisance qu'enviait Antoine et qui intimidait Dondlinger. Tous deux descendirent ensemble l'escalier et se séparèrent dans la rue.

Dans le petit appartement de Marie-Jacqueline, Simonne, Berthe et Dondlinger serrés dans la cuisine regardaient Courvoisier qui préparait du dross. Il avait gratté les fourneaux et raclé l'intérieur des tuyaux de pipe, la surface des plateaux, le fond des pots à pharmacie qui avaient contenu de la drogue. Tous ces résidus se dissolvaient dans l'eau bouillante où il plongeait les aiguilles d'argent. Il les en sortit brillantes et chaudes. L'odeur lourde flottait dans la pièce et ils la humaient avec délice.

— Ce ne sera jamais que du dross de dross, mais comme Auportain doit venir vers onze heures cela nous permettra d'attendre. Personne ne répondit à Courvoisier. On entendait tomber une pluie fine derrière les persiennes et de temps à autre une goutte plus lourde qui s'écrasait sur le balcon. Le liquide s'épaississait. C'était l'instant délicat. Il ne fallait pas laisser trop cuire car la drogue serait trop épaisse, ni pas assez car elle serait trop claire. Courvoisier prenait plaisir à être observé. Il était fier de son talent de préparateur et engageait puérilement son honneur dans la réussite de cette opération. Enfin il baissa le gaz, versa dans le pot, jeta quelques résidus insolubles et finit en mettant le précieux récipient au bain-marie. Quelques minutes encore l'eau frémit, puis il éteignit. C'était prêt. Semblable à tant d'autres, la soirée commença. Ils fumaient une pâte plus lourde et amère que de coutume et qui desséchait la gorge. Enfin, vers dix heures, ils en épuisèrent les dernières gouttes.

— C'est quand même de la saleté, prononça Marie-Jacqueline, je vais nettoyer le matériel pour ne pas gâcher la bonne toufiane d'Auportain.

Elle y mit l'ardeur d'une ménagère pour l'astiquage de ses cuivres. Son activité augmentait la torpeur de ses compagnons. Enfin elle rangea le tout sur une commode et servit du thé avec des ronds de citron. Ils le burent. Courvoisier avait ouvert la fenêtre et guettait Auportain. Un taxi s'arrêta devant la maison. Le jeune homme referma la croisée.

— Enfin le voilà. On sonnait à la porte. Marie-Jacqueline alla ouvrir. Ils entendirent un brouhaha, des pas lourds, des protestations de la jeune fille. La porte de la chambre s'ouvrit et deux agents pénétrèrent avec un civil qui était un inspecteur.

— Je crois qu'il est inutile de nier, n'est-ce pas ? dit-il. Mesdames, messieurs, remettez-moi votre drogue et réglons cette affaire sans scandale.

Courvoisier avait repris son sang-froid.

— Quelle affaire ? quelle drogue ?

— Ne niez pas ! Je la respire à pleins poumons.

— Nous ne comprenons rien à ce que vous dites.

— Et ça (il désignait les pipes, les plateaux déposés sur la commode), c'est pour faire de la confiture peut-être ? — Ça, c'est des objets d'art, de la curiosité. Il ne suffit pas d'avoir une pipe chinoise pour être un fumeur d'opium.

— Vous préférez que je fouille ?

— Fouillez tout ce que vous voudrez.

— L'inspecteur commença sa perquisition. Elle était facile : une seule pièce, une petite salle de bain, une petite cuisine, une entrée composaient le logement où les meubles étaient rares. Il visita les tiroirs, vérifia les pieds de la commode et du divan, les coutures du tapis cloué. Dans un placard à vêtements il retourna les poches. Il souleva quelques tableaux, s'assura de l'authenticité des tuyaux de gaz et, monté sur un escabeau, éclaira, avec sa lampe de poche, la chasse d'eau des cabinets.

— Je suis sûr qu'il y a de la drogue ici. Voulez-vous me la remettre ou préférez-vous que je vous emmène au poste pour vous fouiller ?

— Si vous voulez.

L'assurance de Courvoisier était si grande que tous se sentirent rassurés. L'inspecteur remit tout le matériel de fumerie à un agent qui ouvrit la marche, les trois hommes et les deux femmes le suivirent, le deuxième agent prit la suite, puis l'inspecteur tira la porte derrière lui. Sur le trottoir l'air humide leur lava le visage. Leur nervosité les portait à rire, mais ils se taisaient. Les deux agents, Berthe et Dondlinger montèrent dans le taxi. L'inspecteur en arrêta un autre où il prit place avec Simonne, Marie-Jacqueline et Courvoisier. Au moment où les deux voitures démarrèrent un troisième taxi s'arrêta devant l'immeuble voisin. Son occupant se dirigea vers la porte, sembla hésiter et vint sonner à celle d'où la petite caravane venait de sortir. C'était Auportain qui arrivait en retard. Il était minuit passé. Les deux voitures tournaient déjà l'angle de la rue prochaine et, avant d'entrer, Auportain jeta un regard distrait sur la lueur de leurs feux arrière qui rougeoyaient derrière le rideau de la pluie.

Auportain monta, sonna et, comme on ne lui répondait pas, prit, en habitué, la clef sous le tapis. Il ouvrit, fit de la lumière, s'approcha du feu. L'absence de Marie-Jacqueline et de ses amis ne l'étonnait qu'à moitié. Ils avaient dû aller boire dans quelque bar et allaient revenir. La présence de la clef dans sa cachette habituelle, la porte seulement tirée, indiquaient une absence de peu de durée. Il raviva le feu de bois et se servit une tasse de thé encore tiède, très fort, dans lequel il pressa du jus de citron. En fumant une cigarette il se perdit dans les fourrés habituels de sa rêverie. Il jouissait de sa solitude et de son dépaysement dans ce lieu confortable mais si peu conforme à son goût. Ce goût n'allait pas tarder, quelques dizaines d'années tout au plus, à passer dans le domaine de l'image, du musée et de la reconstitution.

Peut-être un jour les meubles qu'il aimait et parmi lesquels il évoluait avec tant de sécurité serviraient-ils de décor à d'autres vies, d'autres amours, d'autres chagrins. Les meubles de Marie-Jacqueline, ses bibelots, ses tableaux subiraient à leur tour un identique déménagement. Auportain se sentait encore plus vieux des siècles futurs que des années passées durant lesquelles il avait vécu et même, à certains moments, cru vivre intensément. Le tic-tac de la pendule reprit un rythme identique à celui de son sang et de sa respiration. De nouveau les petits coups réguliers frappèrent à des portes invisibles. Il regarda sa montre et haussa les épaules. Il attendait depuis une heure et demie. Il eut un sourire mi-triste, mi-ironique et remit une grosse bûche sur les braises. Il but encore une tasse de thé, maintenant tout à fait froid, posa bien en évidence, sur la commode, un bidon d'opium de la Régie indochinoise, éteignit la lumière, sortit, remit la clef à sa place... Dehors la pluie avait cessé, mais les réverbères se reflétaient encore sur l'asphalte humide. Il s'éloigna vers la gauche, en direction de la plus prochaine station de taxis. Si, à quelques centaines de mètres, il s'était retourné, il eût vu des ombres descendre de deux voitures arrêtées devant la maison de Marie-Jacqueline.

L'inspecteur, têtu, ramenait toute la bande dans l'appartement. Rien ne l'avait convaincu, ni la fouille, ni l'examen du matériel bien lavé, ni les dénégations des accusés. Il était sûr qu'il y avait de l'opium quelque part et il voulait le trouver. Arrivé sur le palier, il les fit attendre un instant, visita la salle de bain et l'entrée et s'assura que la cachette ne pouvait s'y trouver. Alors il les fit entrer avec les deux agents, leur passa des chaises et, en présence de Courvoisier, commença seul un nouvel examen du studio. Il frappa méthodiquement le long des murs et sur les lames de plancher, à travers le tapis cloué. Il retourna le divan, palpa longuement matelas et coussins, fouilla le rebord des fenêtres et la gouttière, sortit les tiroirs de la commode et les vida. Dans la cuisine il inspecta de même tous les récipients. À la fin, énervé, il ouvrit la porte :

— Pour cette fois-ci vous m'avez, mais je vous garantis que j'aurai ma revanche. Au revoir, vous êtes libres.

— Et les objets que vous avez emportés ? demanda Courvoisier.

— Vous viendrez les rechercher au commissariat demain.

— Vous auriez pu les rapporter. En voilà des manières ! L'inspecteur ne répondit pas. Rageusement il appela les agents :

— Vous venez, vous autres ?

On entendit leurs pas décroître dans l'escalier et Simonne se laissa tomber sur le divan en désordre en riant aux éclats.

— Quelqu'un qui mérite son nom, c'est bien Auportain, s'exclama Courvoisier. Vous rendez-vous compte de la catastrophe s'il était arrivé pendant notre absence ?

— Oui Auportain est épatant, même quand il pose des lapins. Mais qu'est-ce qu'on va faire maintenant ? demanda Simonne. Il est deux heures !

— C'est vrai, cela. On n'a pas de drogue.

— On pourrait téléphoner à Auportain.

— Merci... vous pensez bien que le téléphone est surveillé.

— Et pas la moindre parcelle de dross... pas la moindre trace d'opium.

— De l'opium ? en voilà, s'écria Dondlinger.

Ils le regardèrent tous. De son doigt il désignait sur la commode le petit bidon déposé par Auportain. La stupeur les empêchait de comprendre. Enfin Courvoisier prit la petite boîte, la soupesa.

— Mais oui, c'est de l'opium.

— Alors Auportain est venu pendant qu'on était au commissariat !

— Et si c'était un piège de l'inspecteur ?

— Et nos pipes qui sont restées chez les flics !

Un instant ils discutèrent. Enfin Marie-Jacqueline refit du thé. Ils en burent tous une tasse assaisonnée de drogue, puis, comme la terreur de la police les hantait, qu'ils n'osaient sortir seuls ni les uns ni les autres tant ils craignaient d'être suivis, ils vidèrent le précieux poison dans les cabinets. Le bidon fut jeté dans le feu et le parfum profond de l'opium se répandit dans la pièce, doublé d'une odeur de caramel. Jusqu'au jour ils veillèrent, moitié kieffant, moitié veillant, sursautant parfois aux bruits de la rue et de l'escalier. Au jour ils s'en allèrent les uns après les autres, compliquant leur itinéraire pour rentrer chez eux. Puis, avec des ruses inutiles, ils se mirent de nouveau en quête de leur fournisseur ou de leurs amis pour se procurer la substance indispensable à leur vie.

Il est possible de mener une activité sociale en prenant des stupéfiants. Mais rares sont ceux que ce tournoi ne conduit pas à des catastrophes. Dondlinger déserta d'abord sa famille. Sa mère avait cinq enfants. L'absence d'un fils ne fut considérée que comme une fugue provoquée par les humeurs de son âge. Il reviendra, pensa-t-on... Mais s'il est facile à un rentier, à un patron, à un intellectuel de prolonger longtemps le compromis entre le rêve et la réalité, l'effort est plus grand pour un travailleur manuel. Dans le cas de Dondlinger il y avait, en outre, une différence trop grande entre son niveau social et celui de ses nouveaux amis. Il ne fut pas déraciné mais amputé de sa classe. Il perdit du même coup son bon sens, sa claire vision du monde. La drogue acheva un déséquilibre qu'elle était capable de provoquer à elle seule.

Il quitta donc la maison où il travaillait sur la promesse de Courvoisier de lui faire faire un métier plus agréable. Courvoisier l'employa quelques semaines à faire des courses. Il le payait quand il y pensait ou quand il pouvait.

Dondlinger s'habitua à vivre dans une chambre d'hôtel payée par hasard, à manger un jour dans un restaurant somptueux et à se contenter le lendemain d'un sandwich ou d'un morceau de boudin froid, arrosé d'un verre de vin rouge au plus proche comptoir. Il bénéficia aussi des cadeaux de ses amis, dans des soirs d'attendrissement. On le vit porter une cravate de Charvey avec un pauvre costume de confection, ou encore des souliers de Weston ou d'un bottier chic, un pantalon d'O'Rossen, un pull-over des Prisunic et des chaussettes de coton. Ce costume suffisait cependant à provoquer les rires d'envie de ses anciens camarades, sauf Bob qui prétendait s'y connaître et enviait, secrètement et pêle-mêle, le chic des maquereaux de la place Blanche et celui de ses clients à Hispano ou à Rolls, sans bien faire la différence entre eux.

Au reste, Dondlinger, timide avec Barbara et ses camarades, resté à leur yeux un véritable ouvrier, devenait méprisant envers ses amis d'école communale ou d'atelier. Il ne savait plus parler leur langue, se désintéressait de leurs préoccupations et s'ennuyait en leur compagnie. Enfin, Courvoisier ne le payant plus, il finit par le dire à Columot qui s'offrit à l'employer à son tour. Mais Columot se souciait peu d'introduire dans son usine un témoin de ses nuits.

Il lui créa donc des occupations dont l'utilité échappa peut-être au jeune homme mais dont il ressentit la déprimante gratuité. D'ailleurs Columot, plus énergique et par conséquent plus franc que Courvoisier, ne tarda pas à le prévenir qu'il ne pouvait continuer davantage à le faire vivre.

L'homme normal se lasse rapidement de rendre service à un de ses semblables. L'intoxiqué plus encore. C'est un velléitaire et un inconstant. Rares sont les promesses qu'il tient, mais elles sont nombreuses. Le nuage qui passe, la fumée qui s'échappe de la pipe à opium ont plus de poids que ses paroles. Il n'en peut être autrement de la part d'un être dont les passions ne sont freinées par aucune vertu. Dondlinger décida donc de ne plus toucher à la drogue qu'il achetait quelquefois mais dont, le plus souvent, il usait chez l'un ou chez l'autre toujours disposés en apparence à lui en donner.

Il souffrit horriblement de la privation. Il était intoxiqué lui aussi et il dut mendier un matin chez Antoine une boulette d'opium. Il n'est pas bon d'être misérable. La misère de Dondlinger éclata aux yeux de tous et l'on se trouva des excuses pour ne pas le voir.

Après une nuit de souffrances intolérables il se présenta à l'hôpital Henri-Rousselle.

Le matin où Dondlinger se rendit à Henri-Rousselle était voilé d'une brume qui présageait le soleil. Le métro était empli d'une foule silencieuse de travailleurs. Du haut du viaduc métallique le regard coulait sur les toits de Paris. Il vit de loin le dôme du Val-de-Grâce, le Panthéon, la Tour Eiffel.

La station « Glacière » coupa sa vision. Par une avenue rustique il monta vers le pavillon de consultation. Les arbres frémissaient aux parfums du matin. Dans un enclos, deux cerfs roulaient leur bosse sans entrain autour d'un ruisseau de ciment et d'une hutte couverte de chaume. Ils nourrissaient d'images cavalières la mélancolie des visiteurs et affectaient l'allure de gentilshommes blasés par le vin, par le jeu, par les femmes. Des tulipes fleurissaient les parterres. L'hôpital se présentait comme un beau parc, un Port-Royal où n'atteignaient pas les rumeurs de la ville.

Le soir même Dondlinger fut installé dans une chambre à deux lits dont l'un était déjà occupé par un personnage mal rasé qui le traita en intrus pendant deux heures durant lesquelles infirmiers, médecins et internes vinrent les visiter à peu près tous les quarts d'heure. Ce qui n'empêcha pas le personnage d'éclater enfin en récriminations contre le régime, de se plaindre d'être abandonné et d'être soigné quand on avait le temps. Il arrivait à la fin de sa cure et ne cachait pas son intention de recommencer à priser de l'héroïne dès qu'il serait sorti.

— Oh ! là ! là ! monsieur, quelle tôle ! On est pire que des prisonniers. D'ailleurs c'est la troisième fois que je viens ici. On me connaît bien, allez... Mais je ne viens que lorsque cela sent mauvais. Quand les bourres s'en mêlent un peu trop et qu'ils arrêtent les trafiquants. Alors je viens ici. Je suis en désintoxication et on ne peut rien contre moi. Mais quelles brutes

! Ils vous verraient crever qu'ils ne vous donneraient pas un brin de drogue. C'est un régime affreux. Désintoxiquer en huit jours, c'est de la folie.

Mais Dondlinger ne le suivait pas. Il l'écoutait à peine. Il se trouvait bien protégé par les hauts murs de Sainte-Anne. Il aurait presque souhaité n'en plus sortir, être considéré comme fou, finir sa vie dans ce calme paysage, employé à des besognes sans responsabilité. Il doit y avoir ainsi dans les asiles des aliénés volontaires comme il est des religieux dans les couvents.

La nuit fut calme. La seconde le fut moins. Il y eut une galopade dans le couloir et des conciliabules à voix basse. Dondlinger entendit distinctement un interne qui disait :

— Du chiqué pour nous attendrir. Il aurait pu rester dans cette position jusqu'à huit heures du matin sans mourir. Du chiqué. Un suicide rend toujours intéressant à leurs yeux. Ayez surtout l'air d'y croire. S'il comprenait que nous ne sommes pas dupes il serait capable de recommencer et de réussir.

Une femme, une jeune interne, répondit :

— Ils jouent tous la comédie. Je me demande même si l'intoxication ne commence pas quand ils ont décidé de dire qu'ils sont intoxiqués, quand ils acceptent de l'être et, même, le désirent. Les voix se perdirent dans le couloir.

Au matin Dondlinger se trouva seul. Son compagnon sortait, guéri. Jusqu'à quand ?

Lui supportait le traitement sans douleur. Les fréquentes piqûres de Démorphène et de remontants, les examens du cœur et de son état général remplissaient sa journée, faisaient couler les heures. Il s'y soumettait de bonne grâce, flatté qu'on s'occupât de lui, ayant l'idée confuse qu'il était un cas exceptionnel. Il mettait son orgueil à être un malade modèle comme il avait été, quelques années avant, un soldat discipliné. Sa docilité même inquiétait les infirmiers. Ils y voyaient de la dissimulation et de l'hypocrisie, tant est rare ce genre de malade décidé à guérir.

— Il guérira, celui-là, dit un interne à la salle de garde. — Il guérira, mais il recommencera parce que nous n'avons pas assez de place pour le garder trois mois, répondit un vétérinaire. Nous les désintoxiquons bien, mais, dès leur sortie, ils retombent dans leur milieu de drogués, dans leur ménage mal assorti. Ils sont remis en présence de leur névrose, de leur impuissance sexuelle. Ils ne sont pas réadaptés à la vie. Le souvenir de l'opium est présent non seulement à leur mémoire mentale mais encore à leur mémoire physique. Et comme ce sont presque tous des velléitaires ils recommencent.

Un autre interne cita comme une précieuse leçon apprise la formule du professeur Ball : « On entre dans la morphinomanie par la porte de la douleur, par celle de la volupté, et par celle du chagrin. »

— Oui, c'est vrai, profondément vrai ; mais il faudrait réviser cette phrase. Douleur, volupté, chagrin, trois formes différentes d'une névrose presque unique. Regardez, interrogez tous nos intoxiqués et vous finirez par vous apercevoir que ce sont tous des anormaux sexuels. Cela va de l'impuissance à une espèce de transposition de l'amour dans le domaine du rêve. Observez-les bien. Ils prennent tous la même drogue aux yeux du chimiste. Mais en réalité l'un la prend comme du gros rouge et l'autre comme de la fine ou du whisky... affaire de tempérament. Derrière toute toxicomanie il y a une histoire de femme ou d'absence de femme ou de répulsion pour la femme quand il s'agit d'un homme. Quand il s'agit d'une femme...

— C'est la même chose sauf que c'est tout le contraire, dit un jeune homme en se versant à boire.

— Aux uns il faudrait conseiller le divorce, aux autres il faudrait faire suivre un cours d'amour.

— Bravo pour le cours d'amour, le cours la Reine et le cours des Halles !

— En somme, dit un troisième, c'est une question de satisfaction. Ils recherchent dans la drogue non seulement la consolation du plaisir qu'ils ne peuvent éprouver normalement, mais encore le plaisir même, transposé dans la cervelle. C'est une espèce de masturbation effrénée... Passez-moi le vin rouge, ce sera ma conclusion.

— Oui, mais avant tout, tant que nous n'aurons pas la possibilité de dépayser nos malades nous travaillerons pour rien. Il faudrait les arracher à leur famille, à leurs amis, à leurs habitudes. Les internier si c'était possible. Et encore le régime de l'asile n'arrangerait pas leur état. Ils ont tous un grand désir de liberté et retournent contre nous la haine qu'à leur insu ils portent à leurs proches.

Deux jours après on donna à Dondlinger un autre compagnon. Celui-là ne se consolait pas de ne pas avoir de phonographe. Il était amoureux à la fois de trois chanteuses américaines : Vaughn de Leath, Sophie Tucker et Lee Morse. Le souvenir de leur voix le poursuivait, le hantait. Il les aimait et les haïssait à la fois pour la santé de leurs accents, la tendresse de leur expression. Il était jaloux à distance de leurs maris ou de leurs amants possibles.

— Voyez-vous, disait-il, la porte s'ouvre. Une femme entre. Elle est belle. Ses cheveux tombent sur ses épaules, ses yeux brillent. Elle entre et chante *Some of these days*. Qu'est-ce que vous feriez ? Moi, je me cacherais sous les couvertures.

Mais il sortit brusquement de son rêve pour hurler après des soins imaginaires. Lui aussi accusait les médecins de vouloir le tuer. Lui aussi harcelait les infirmiers pour qu'ils s'occupent de lui. Il aurait voulu être lié sur une table d'opération, être criblé de piqûres, ausculté, malaxé sans cesse. Dondlinger pensa devenir fou de ses discours. Mais il préférait

encore sa présence à la solitude subie pendant deux jours. Les souffrances physiques lui pesaient moins. Son irritation permanente, provoquée par la désintoxication, était dirigée contre ce malade bruyant et non contre ceux qui le soignaient.

Enfin, un jour, il sortit débarrassé de son bourreau, débarrassé de son poison...

Dès la porte franchie le souvenir de ses amis l'accueillit. Il se sentait seul dans la ville, seul dans la vie, abandonné sans défense et sans force. Irait-il revoir Barbara ? Columot ? Courvoisier ? Il n'avait pas à choisir. Eux seuls pouvaient l'arracher à l'immense chute qu'il commençait. Il les fallait présents à ses yeux, plus indispensables que la drogue, véritable contrepoids à sa famille qu'il haïssait sans le savoir.

Il allait sous le viaduc du métropolitain en revivant des fragments de ces quelques jours passés qui lui semblaient longs comme une existence, glorieux comme une bataille de légende. Il pensait aussi à cet imbécile qui l'avait assommé de discours, qui lui avait raconté qu'un jour il avait fumé l'opium avec un tuyau à gaz et un morceau de pipe en terre, qu'il avait bu le laudanum par litres et que personne, sauf lui, n'était capable de préparer l'opium comme il convenait, avec des épices et du vin de Bourgogne. Il avait mis dans la description de sa recette un tel luxe de détails que la chambre avait paru sentir le graillon comme la cuisine d'un grand hôtel et que Dondlinger avait eu dans la bouche, avec persistance, la saveur du bœuf à la mode.

Il en cracha de dégoût et entra dans un bistro pour boire le premier café de la liberté.

L'amour, plus que la drogue, occupait Antoine, dirigeait sa vie, justifiait ses actions. Mais l'une agissait sur l'autre. Elle le sublimait aux dépens du désir. Il trouvait en elle des satisfactions sentimentales qui l'éloignaient de son but, de la réalisation physique de ce désir. À Barbara il avait associé un fantôme qui avait son apparence et qu'à son insu il préférait à sa personne humaine. Il vivait dans une équivoque qu'il ne pouvait plus avoir la volonté de dissiper. C'était une magie noire dont il se croyait le sorcier et dont il n'était que l'objet et la dupe. Quand il sortait de ce rêve, le rêve ne sortait pas de lui. Il servait de décor à ses actes et tendait une brume entre le réel et lui. L'idée qu'il se faisait de Barbara collaborait ainsi avec l'opium pour le désarmer. Ce n'était qu'au prix de sa substance même, d'une dépense nerveuse constante qu'il réagissait, qu'il travaillait, qu'il continuait la route à lui destinée. Il niait même cette activité, niait qu'elle était la partie la plus précieuse de son tempérament, et ne considérait comme vie véritable que les instants passés avec Barbara, les actions faites pour satisfaire Barbara. Quand le temps fut venu où celle-ci eut besoin de lui pour trouver de la drogue il risqua sa liberté et l'avenir de sa liberté dans des aventures dangereuses qui, malgré leur médiocrité, l'exaltaient. Il connut à son tour la peur de la police, celle de ne pas trouver ce qu'il recherchait, de ne pouvoir la contenter. Peu à peu l'amour d'Antoine s'était inversé. Il croyait aimer Barbara, mais c'était lui-même qu'il aimait à travers son reflet, c'était pour lui-même et pour trouver des raisons de s'aimer qu'il courait tant de risques. À certains instants il eut l'intuition de ce qu'étaient ses véritables sentiments. Mais il écarta de sa pensée cette révélation. Il appartenait à la mort de le mettre un jour face à face avec lui-même quand il constaterait que Barbara et son fantôme ne masquaient que sa propre image dans un miroir imaginaire.

Quant à Dondlinger, sorti de l'hôpital, il se sentit brusquement seul dans le monde. Sa famille lui parut stupide, maladroite, irritante. Son métier lui répugnait. Ses anciens camarades l'avaient perdu de vue, oublié. Ils s'étaient fait de nouvelles amitiés.

Du groupe Barbara il se souvenait avec amertume. Courvoisier, Columot l'avaient déçu. Ni l'un ni l'autre n'avait tenu ses promesses. Il n'osait pas aller revoir Barbara. Il était plus pauvre que jamais et isolé au moment où il aurait eu besoin de sentir la chaleur d'une amitié.

C'est alors qu'un après-midi il rencontra Antoine. Il se raccrocha à lui, lui confia son désespoir et même les mouvements les plus secrets de son cœur. Ému, Antoine l'emmena chez lui et, tout naturellement, lui offrit de fumer pour se consoler. Peut-être Antoine pensa-t-il à son ancienne jalousie et sans le formuler était-il content de voir un rival hors de combat.

Ils bavardèrent tous les deux avec cette effusion particulière que provoque l'opium. Des événements s'étaient passés pendant l'absence de Dondlinger. En écoutant les nouvelles de la bande, Dondlinger se sentait repris par elle et le sentiment d'en être exclu lui devenait plus douloureux encore.

Quand vint le soir ils dînèrent ensemble. À la fin du repas Antoine qui devait aller chez Barbara hésitait à emmener son convive. Il ne put résister cependant à la détresse qu'il lut dans le regard de celui-ci quand il annonça qu'il devait s'en aller.

— D'ailleurs vous devriez venir avec moi. Je vais chez Barbara. Je suis sûr qu'elle sera contente de vous voir. Dondlinger était trop affaibli pour refuser. L'accueil de Barbara fut charmant. C'est qu'il apportait du nouveau. Il était le voyageur qui revient de loin. On le questionna longuement seule traitement à Henri-Rousselle et nul ne s'étonna de le voir reprendre la pipe à opium.

On le revit le lendemain et les jours suivants. Moins de huit jours après il était intoxiqué de nouveau, mais il avait perdu l'intérêt provisoire que lui avait donné sa cure. Il fut de nouveau l'intrus, le pique-assiette, l'emprunteur de drogue jamais rendue. Mais il en avait tellement besoin qu'il supportait tous les affronts. Il s'était domestiqué sans retour.

Columot raccrocha si rageusement son téléphone qu'il brisa l'écouteur. Il se leva, fit quelques pas dans son bureau et appela sa secrétaire. Il commença à lui dicter une lettre : « Mon cher ami, j'ai besoin de te voir d'urgence au sujet de Dunois, le coulissier. J'ai essayé en vain de t'atteindre par téléphone... » Il s'interrompit.

— Déchirez cela. Je sors. Je reviendrai cet après-midi. Il descendit dans la cour où des ouvriers déchargeaient un camion, monta dans son auto et démarra. À vive allure il gagna le centre de Paris, fit un beau virage sur la place des Victoires, et, par la rue Vide-Gousset, vint se ranger devant Notre-Dame des Victoires. Il entra dans l'église. L'ombre l'y accueillit et l'enveloppa dans son domino de bal. Tout le décor évoquait les fêtes italiennes, les entretiens galants et aussi une austérité mondaine. Les dalles sur le sol semblaient rongées par les larmes. Depuis trop longtemps ce lieu est le sanctuaire de la douleur et de l'espoir pour que l'air n'en soit pas imprégné. C'est le carrefour des chagrins du cœur. La mère vient y demander la vie de son fils et la prostituée la liberté de son souteneur. Quelque chose de païen en plus de cette atmosphère catholique, un souffle qui vient d'avant le christianisme, de plus loin même que les temps où, probablement, un temple à Vénus se dressait là, parcourt la nef de ce lieu prédestiné depuis la préhistoire aux grandes effusions du cœur, des sens et de l'imagination.

En habitué Columot gagna le fond de l'église, acheta un cierge à la petite guérite installée à gauche et, traversant la nef, alla l'allumer et le placer devant l'autel de la petite chapelle garnie d'ex-voto et parfumée par la cire fondante de maints cierges de toutes tailles déjà allumés.

Il se retira dans un coin et se dit à lui-même : « Tu vois, c'est moi. Je reviens encore te trouver. Je ne te promets rien. Je n'ai rien à te dire sur moi. Je suis toujours un incroyant, mais j'ai confiance en toi. Tu sais ce qui m'amène. À quoi bon te le dire ? Je suis malheureux. Je suis en danger. Aide-moi. Considère ma démarche. Je ne sais ce qui me pousse dans ton église. C'est peut-être toi. Peut-être as-tu des projets particuliers en ce qui me concerne. Je ne sais où tu me conduis. Mais tu vois, je me laisse conduire. Mais aide-moi, protège-moi. » Comme s'il avait eu peur d'être rencontré, il sortit par la petite porte qui conduit à la sacristie et qui donne sur la cour de la mairie du deuxième arrondissement. Par la rue de la Banque il revint devant Notre-Dame des Victoires reprendre sa voiture. Alors, rassuré, souriant à son avenir, il roula doucement vers les Champs-Élysées en quête d'un ami pour boire un verre en attendant l'heure du déjeuner et l'après-midi réservé aux affaires d'argent.

Le fantôme d'Arichetti tourmentait Antoine, Barbara, Columot, Courvoisier. Plus sensibles de différentes façons que leurs amis, ils voyaient en lui un sombre présage de l'avenir qu'ils se préparaient, avenir parsemé de tombeaux, en attendant que le leur vienne prendre sa place dans l'alignement d'une allée funèbre où, ils le savaient, le souvenir ramènerait peu de gens et, plus sûrement encore, peu d'imaginations futures. Ils s'empêchaient d'y penser en sombrant davantage encore dans l'ivresse quotidienne.

Aussi sensible qu'eux, mais plus délibérément pessimiste, Auportain avait, en apparence, rayé Arichetti de son souvenir. Mais alors que nul d'entre eux n'aurait supposé qu'il y songeait encore, c'est lui qui proposa à Barbara d'aller le visiter. Peut-être – mais qui aurait pu s'en douter ? – espérait-il par ce spectacle détourner la jeune femme d'une vie dont il ne cessait de dénoncer le faux tragique, la grandeur simulée, la médiocrité.

Columot les emmena dans sa puissante voiture. Il y avait chez celui-ci un goût morbide pour l'horreur. Ce grand gaillard plein de vie et qui aurait pu être un modèle d'équilibre dissimulait une inquiétude qu'il croyait éteindre par la drogue et que la drogue entretenait et fortifiait. Le spectacle fut aussi affligeant qu'Auportain pouvait le souhaiter pour les effrayer, que Columot pouvait le désirer pour assouvir son appétit de cauchemar. Quand ils quittèrent un Arichetti incapable de les reconnaître, déchu au delà de toute chute, Columot, silencieux, revivait les jours périlleux de 1917 où il avait senti toute la fortune de vivre. Il se souvenait avec précision de tel jour de soleil où la mort l'avait menacé tant de fois qu'il en avait conclu qu'elle ne pouvait rien contre lui. Il revoyait le visage halluciné d'un pilote allemand dont l'appareil abattu par lui avait frôlé le sien et même arraché un aileron. Il ressentait le poids de ses paupières sur ses yeux, quand il les avait fermées, au moment d'atterrir avec un avion désarmé. L'écho des voix de ses camarades accourus pour le dégager indemne d'un tas de ferraille et de contreplaqué résonnait à travers les années à son oreille. Il voyait le sourire tordu de son mécanicien. La saveur du whisky qu'il avait bu ensuite au bar le fit saliver.

— Comment peut-on traiter ainsi des hommes ? disait Barbara. Ces maisons de fous sont des bagnes ! Ce régime est barbare.

— Non, dit Auportain. Il y a un peu plus d'un siècle vous auriez trouvé Arichetti enchaîné. Il est vrai qu'il ne serait peut-être pas devenu fou, puisqu'on ignorait la cocaïne, l'héroïne et même, ou à peu près, l'opium. On n'estime pas assez à leur valeur les progrès réalisés par Pinel qui enseigna à traiter les fous comme des malades. On a fait des progrès énormes ces temps-ci. On en fera beaucoup plus encore. Peut-être même parviendra-t-on à guérir la folie. Mais la médecine se débat toujours contre la législation. Dans le cas d'Arichetti, c'est moins

sa folie proprement dite qui provoque la condition où nous l'avons trouvé que les conséquences de cette folie, ce gâtisme. Mais que dire des lois sur les intoxiqués ? On vous considère comme des coupables. Je ne parle pas de moi qui suis pleinement responsable, pleinement coupable et qui ne mérite pas la prison uniquement parce qu'en France le suicide n'est pas un délit. Mais vous ? des coupables ? non, des victimes. Ce n'est pas parce qu'il y a des trafiquants qu'il y a des fumeurs, des priseurs ou des piqués. Non, c'est le contraire. Je salue le Pinel futur qui bouleversera les préjugés et qui permettra de vous guérir. Ce sera quand on saura guérir les sentimentalités blessées, les intelligences heurtées, les volontés défaillantes. En réalité, c'est tout l'état social qu'il faudrait changer car c'est l'état social qui est responsable de votre existence, c'est l'aggravation de sa maladie qui provoque le recrutement de votre déplorable confrérie. Mais voilà un discours un peu long. Laissons de l'argent à l'économe pour ce misérable et replongeons chacun dans nos réflexions et dans nos chagrins. Si du moins ce spectacle pouvait vous sortir de là... de là où vous êtes... de là où vous allez.

Dehors c'était la vie, mais tous trois, de façons diverses, s'en trouvaient exclus. Ils ressentaient péniblement l'agitation de la ville. Les mêmes gestes et obligations de cette vie les irritaient et souvent leur semblaient insurmontables. Auportain les avait supprimés en organisant soigneusement son existence. La grosse fortune de Barbara l'en préservait. Columot, lui, était non seulement soumis à toutes leurs exigences mais encore à celles des affaires, forme frénétique du travail. C'est lui qui regrettait le plus sa jeunesse. C'est lui qui mesurait le plus exactement la chute et la déchéance consenties. Mais il admirait d'autant plus Auportain qu'il savait qu'il avait vécu avant de se retrancher de la vie, qu'il était discret sur ses chagrins, qu'il n'était pas l'esclave mais l'associé de l'opium. Après tout, cela était-il admirable ? Il se le demanda soudain. Le vieil oncle Columot n'avait-il pas raison lui aussi qui avait vécu pour sa maison de droguerie et pour sa famille ? Il est vrai que la fin de son expérience avait été tragique. Mais à quoi bon penser ? Trois pipes ce soir et tout cela s'évanouirait dans le délicieux parfum.

Auportain n'était pas homme à supporter longtemps une atmosphère pénible. Il laissa Barbara et Columot dès que l'auto pénétra dans Paris. Le soir était encore loin. Columot suivit les boulevards extérieurs à travers des paysages d'usines, de terrains vagues et de ponts de chemin de fer. Après avoir erré dans des quartiers dont la grandeur misérable s'accordait avec leur cauchemar intérieur, il arrêta sa voiture le long du canal Saint-Martin.

Des gosses regardaient manœuvrer l'écluse. Quelques flâneurs contemplaient l'eau brune où se reflétaient les péniches.

— Columot, dit Barbara, si nous devons en arriver au même point qu'Arichetti autant en finir tout de suite. On n'aurait qu'à mettre la voiture plein gaz et piquer droit dans le canal.

— L'eau est bien sale, soupira Columot que cette proposition arrachait à ses réflexions moroses. Et puis se noyer dans le canal, cela n'a rien d'original ni d'élégant. Moi je ne me suiciderai jamais. J'espère toujours que demain sera plus beau qu'aujourd'hui.

— Est-ce que tu crois en Dieu ?

— Moi ? pas du tout. La question ne se pose même pas pour moi. Je n'ai jamais cru et cela m'est assez égal pour ne pas dire que je ne croirai jamais. Non, vraiment, plus j'y réfléchis, moins j'ai besoin de cette présence. L'univers me paraît assez mystérieux comme cela et Dieu n'y ajouterait rien, n'expliquerait rien. Vivre ? pourquoi ? parce que c'est comme cela, tout bêtement. Puisque je suis assuré de mourir je saurai un jour ce que c'est que la vie et la mort, si elles sont quelque chose. Mais vivre ? J'en prendrai toute la dose qui m'est donnée même si elle est saumâtre. On ne sait pas. Il peut arriver des choses tellement curieuses, un jour.

— Moi, je crois en Dieu.

— Alors tu ne devrais pas songer à te suicider. La religion le défend.

— Oh ! la religion, ce n'est pas Dieu. Moi, je suis sûre qu'il me pardonnerait si je me suicidais. Il me trouverait peut-être idiote mais pas méchante. À quoi est-ce que je sers ?

— Rien ne prouve que la condition de l'homme soit d'être utile.

— Toi, Columot, tu es utile. Tu fais quelque chose. Tu vis. Je me demande même comment tu peux faire pour fumer et travailler. Mais moi... je reste quelquefois des semaines sans voir la couleur du ciel, sans savoir la saison. Le théâtre par hasard, les bars, un dîner chez des gens ennuyeux et qui s'amuse pourtant.

— Il ne tient qu'à toi de sortir de là. Désintoxique-toi. — Désintoxique-toi, toi-même.

— J'y pense, Barbara, et plus sérieusement que tu ne crois.

Des cloches lointaines sonnaient. Un vent léger frisait l'eau du canal. Des oiseaux piaillaient dans un arbre. La porte vitrée d'un café se ferma à grand fracas sur la sortie de grands gaillards, des marinières qui regagnaient leur péniche.

Lentement l'auto roulait le long du quai.

Ils retrouvèrent la foule au faubourg du Temple et place de la République. Ils évitèrent les boulevards en suivant de petites rues détournées, étonnamment grises, étonnamment mornes, derrière les façades desquelles on sentait l'application de quantité d'hommes et de femmes à un travail sans joie. Mais la plupart de ceux-là rêvaient au dimanche suivant – et ce dimanche serait couleur de fête et de printemps –, aux prochaines vacances, et ces vacances, si médiocres fussent-elles, auraient le parfum des fleurs sauvages et des rivières fraîches. Ils

parvinrent dans les quartiers de pierre neuve, tirés au cordeau, balayés, propres et sans boutiques, sans vie, sans gaieté non plus. Ils avaient traversé les chantiers, les usines et les ateliers. Ils atteignaient maintenant le faux jardin des quartiers riches, le cimetière sans âme de Paris.

Columot déposa Barbara chez elle et retourna à son bureau. Sa situation financière l'inquiétait. Quelle que fût sa vitalité, il subissait lui aussi les exigences de l'opium. Sous son pouvoir il négligeait maintes obligations et remettait sans cesse au lendemain celles qui l'excédaient d'ennui. Comme il l'avait dit, il avait dans l'avenir une confiance aveugle. Il croyait en lui comme à un talisman capable de dissiper à l'instant tous les périls, de réduire tous les obstacles.

Mais ce jour-là, plus qu'un autre, le travail lui parut d'une désespérante inutilité. Il s'en remit aux renseignements rapides d'un chef de service et d'une secrétaire et allait partir commencer une nuit semblable à tant de nuits des semaines et des années écoulées. Mais un employé l'arrêta avec deux lettres adressées personnellement.

Les enveloppes portaient le nom de deux fournisseurs. À leur vue il éprouva un malaise et s'étonna de trembler en les décachetant.

Ce trouble fut rapide. Il retrouva son calme quand le texte des lettres le mit en présence d'une catastrophe imminente, catastrophe prévue mais que la drogue avait fait reculer dans l'avenir, avec l'espoir d'un impossible miracle.

Les deux nuits et les deux journées suivantes, Columot les passa avec des comptables, avec des banquiers, des fournisseurs, des clients, c'est-à-dire avec des débiteurs et des créanciers. Il se dopa à l'héroïne, atteignant des doses presque doubles de celles qui lui suffisaient jusque-là.

Mais au bout de deux jours la situation était claire. Il avait conclu des accords qui le sauvaient s'il était capable de surveiller en même temps que son activité celle de ses alliés. Il devait craindre en effet de se voir frustré par eux, à la première défaillance, du bénéfice de ses efforts. Mais il se sentait brisé de fatigue et de drogue. Il comprit qu'il allait se perdre au port. Il appela par télégramme son oncle Mazurier, un frère de sa mère, qui vivait à Angoulême et qu'il n'avait pas vu depuis plusieurs années.

La vie est médiocre pour qui s'abandonne à l'opium. Oisif, il ne vit que par lui et pour lui et néglige peu à peu les gestes habituels par lesquels l'homme manifeste son existence.

L'oisiveté même ajoute un nouveau danger à celui de la drogue. La femme abandonne les soins élémentaires de sa beauté et même de sa décence.

L'homme perd peu à peu le souvenir de sa propre image. Ils passent du rêve au sommeil et du sommeil à l'exercice impérieux de leur manie. Fumer ou priser n'est pas alors seulement le besoin de leur esprit, c'est plus encore celui de leur corps. Ce besoin physique finit d'ailleurs par supprimer toute joie, toute exaltation.

Le fumeur veut-il au contraire continuer à exercer une activité, le conflit s'aggrave chaque jour entre le travail, l'ambition et la satisfaction illusoire que procurent les nuits de songes creux. Antoine connaissait bien ce débat et quelle énergie il lui fallait pour passer du divan, où il avait voyagé à travers les ténèbres, dans la lumière réelle du jour. Son travail même l'avait préservé, protégé. Certains soirs de fatigue il préférait le bon sommeil naturel à l'insomnie dorée et il se couchait, sans voir personne, sans aller aux rendez-vous. Ses camarades ne s'en étonnaient pas. L'intoxiqué est coutumier des rendez-vous manqués, des promesses non tenues.

Un soir Antoine reçut un coup de téléphone de Barbara. En termes fiévreux, elle lui demandait de lui trouver n'importe quoi pour la nuit, même du laudanum ou de l'élixir parégorique, suprême expédient en cas de disette. Antoine était fatigué, il n'avait que peu d'argent, il était en proie à une mélancolie provoquée par la conscience qu'il avait de l'abîme dont le vertige le menaçait.

Pourtant, dans une fièvre provoquée par sa nervosité, sa tristesse et sa lassitude, il chercha dans des endroits impossibles la drogue nécessaire à Barbara. Il essuya les refus humiliants de ses amis, la suspicion des trafiquants qui ne le connaissaient pas, l'inquiétude d'être surveillé. Enfin il trouva les quelques grammes d'opium indispensables et téléphona à Barbara qu'il arrivait. Elle lui répondit d'une voix molle mais joyeuse. Un taxi l'emmena rapidement vers elle. Mais quand il arriva elle était partie. Un mot épinglé à la porte lui disait qu'elle n'avait pu attendre et qu'elle était chez des amis. Une colère profonde s'empara d'Antoine. « Ah ! dit-il à haute voix, qu'elle meure ! »

Et ce souhait n'était pas un mot échappé à sa déception. À la minute même, de tout son corps, de toute son âme, de tout son désir sexuel, de tout son amour il souhaita la mort de Barbara. Le mot « mort » retentissait dans son cœur et sa cervelle et il n'affrontait pas seulement le mot mais la chose avec son cortège de larmes, de regrets et de pourriture. Il avait la vision totale de la mort de Barbara, celle des vers rongeur son beau corps en même temps que le passé de ce corps et l'avenir de ce corps s'il avait été dédié à des puissances de lumières. Il fut, un

instant, Barbara elle-même agonisant dans un paysage de nuages et de rochers, il fut sa douleur et ses regrets, il fut son angoisse.

Peut-être Antoine n'aima-t-il jamais tant Barbara qu'à cet instant même où il construisait son destin avec une force de persuasion qui ressemblait à l'envoûtement. Il était confondu avec elle comme dans une étreinte amoureuse, mais cet amour atteignait la haine au sens le plus pur, à sa plus grande puissance. Il n'était pas possible qu'un tel sentiment ne se traduisît pas à travers l'espace par une influence matérielle. Déjà Antoine craignait de voir se réaliser son souhait. Mais sa crainte était semblable à l'espoir. Peut-être ce soir-là était-il au bord de sa perte et celle-ci ne pouvait être évitée que par la mort de son adversaire le plus proche, le plus certain et le plus aimé.

Barbara ! Ce nom résonnait comme le son d'une cloche et, soudain, comme il se trouvait dans la rue, marchant dans la fureur et le combat de son esprit, il entendit résonner une vraie cloche. Elle venait d'un collègue. Elle résonnait grêle et suggérait la vision d'un paysage désolé, comme d'un cimetière abandonné depuis des milliers et des milliers d'années, et dont nul ne pouvait plus déchiffrer les épitaphes sur les pierres tombales éparses non dans l'herbe mais dans les profondeurs de la terre et dédiées déjà aux travaux des archéologues. Antoine n'était plus lui-même. Il était Barbara ou plutôt le cadavre de Barbara et même le fantôme de Barbara, et de grands sanglots métaphysiques étouffaient le langage qu'il se parlait à lui seul. L'heure de dormir était passée. Il marcha. L'aube le trouva au bord de la Seine, au delà de Saint-Cloud.

Des mariniers venaient de tirer de l'eau le cadavre d'un noyé. Il s'approcha, persuadé qu'il allait se trouver en présence du corps même de Barbara. Ce n'était pas elle mais une grosse femme bouffie de graisse et d'eau. De son vêtement on ne voyait qu'un tablier de grosse toile bleue et des chaussures affreusement avachies. Son visage vulgaire reflétait une telle douleur, une telle tendresse meurtrie que le jeune homme sentit les larmes lui monter aux yeux. Il imagina le labeur pénible durant des années de ce qui avait été une jeune fille, une jeune femme, une amante, une mère. De sombres tragédies mesquines et domestiques se déroulèrent dans sa pensée. L'eau coulait des vêtements de la noyée, le ventre gonflé palpitait. Antoine remonta l'escalier de pierre qui conduisait au quai.

Et sans cesse il se répétait : « Qu'elle meure ! Qu'elle meure ! »

Son souhait dépassait sa pensée et la conduisait. Il inventait l'horrible tableau de l'agonie et de la mort de celle qu'il aimait, il s'en repaissait. Comme un vautour amateur de charogne, il plongeait sa tête dans ce ventre qui lui avait été refusé, dans cette cervelle qui n'avait pas été assez préoccupée de lui. Mais les oiseaux chantaient dans les arbres, le soleil dépassait les

maisons. Et Antoine ne fut plus qu'une mécanique qui marchait au long des rues et des avenues. Il rencontra le bois et s'y réfugia comme un animal traqué qui cherche un refuge. Il marcha des pelouses de Bagatelle au Palmarium qu'il nommait dans son rêve Columbarium, image de mort totale. Il trouva les champs de course de Longchamp et d'Auteuil. Le bois était vide. Soudain, au détour d'une allée cavalière, il vit passer à cheval un bossu dans un costume de couleur claire. Le bois s'éveillait. Un taxi passait, il l'arrêta et s'endormit d'un sommeil profond dont le chauffeur dut le tirer quand ils furent arrivés. Il monta les étages en titubant. Il s'endormit comme une brute ivre de chagrin et de l'horreur d'avoir découvert sa propre pensée.

Quatre têtes projetaient leur ombre au plafond, quatre têtes groupées autour d'une petite lampe à huile. Parfois d'une aiguille de métal maniée avec agilité partait un éclair mince. Sur les fourneaux de porcelaine un peu verte l'opium résineux se fixait en grésillant. On entendait l'inspiration du fumeur, puis la fumée rejetée se dissolvait dans la pièce. On sonna. Courvoisier alla ouvrir.

— Qui est-ce ? cria Barbara restée sur le divan.

— C'est Dondlinger.

— Ah ! zut ! Encore lui, murmura-t-elle. (Puis plus fort :) Qu'il entre !

— Vous arrivez mal, continua-t-elle, nous étions en train de parler affaires et nous n'avons presque pas de drogue. Tout ce que je peux faire, c'est vous offrir un peu de dross dans une tasse de thé.

L'accueil figea Dondlinger. Courvoisier s'était allongé de nouveau. Les deux autres, Berthe et un homme inconnu, ne bougeaient ni ne parlaient. Il s'assit dans l'ombre. Un long moment passa. Barbara reprit :

— Vous trouverez le thé dans la cuisine et le dross sur la cheminée. Servez-vous, ne me dérangez pas, ne faites pas de bruit, ne me parlez pas.

Docile, il alla faire bouillir l'eau, se fabriqua un thé aussi noir que du café dans lequel il fit dissoudre l'opium. Comme il ne trouvait pas le sucre il avala la boisson telle qu'elle était. Elle emplit sa bouche d'une amertume profonde qui lui dessécha la gorge et se confondit avec l'état de son esprit. Il hésitait à revenir dans la fumerie. Il s'y décida enfin et, à pas très doux pour ne pas faire de bruit, passa dans l'entrée. Par la porte entr'ouverte il entendit Barbara.

— Je vais m'en aller deux ou trois mois. Je suis trop nerveuse. C'est irritant aussi à la longue de ne plus pouvoir rencontrer qui on veut et seulement qui on veut.

Il n'établit pas un rapport immédiat entre cette phrase et lui, mais elle le tourmenta et se grava dans sa mémoire. Le dernier métro était passé. Il n'avait plus qu'un désir, se faire oublier jusqu'au matin dans le coin où il s'était étendu sur des coussins.

Mais une découverte devait lui être plus pénible encore. L'inconnu s'étant soulevé sur un coude, la lampe éclaira son visage et il reconnut Columot. Ainsi l'homme auquel il s'était confié un matin, auquel il avait dévoilé son cœur dans sa nudité, celui qui s'était dit son ami et qu'il avait cru son ami ne lui avait pas même souhaité le bonsoir. Désormais il se savait l'intrus et l'exclu d'une communauté à laquelle il avait espéré appartenir. Les barrières d'argent qui le séparaient de ces êtres n'étaient donc pas abattues ou plutôt elles s'étaient relevées. On l'avait envoyé à l'office comme un serviteur dont il n'est pas nécessaire de faire

un témoin et ce silence qui l'abrutissait était provoqué par lui seul. Surtout il se sentait éloigné de Barbara. Ses baisers n'avaient été que passade, caprice, amusement. Tous ces hommes étaient tellement plus séduisants que lui, ce Courvoisier frivole et beau parleur, si drôle, si imprévu ; ce Columot surtout qui dégageait une telle puissance, une telle sécurité, une telle virilité d'homme plié aux aventures d'amour et aux combats de la vie. Il était vraiment de trop, mais avant tout il ne pouvait supporter ce spectacle offert à ses yeux.

— Barbara, dit-il, si vous le permettez j'irai dans la salle de bain me coucher sur les coussins pour kieffer à mon aise.

— Monsieur Dondlinger fera comme il voudra. Monsieur Dondlinger est ici chez lui, amour de mon cœur, petit singe de ma ménagerie, répondit Barbara. Dondlinger se reconforta à l'idée que ce n'était que plaisanterie.

Dans la salle de bain il s'installa commodément, décidé à oublier son énervement. Mais il voyait sur un tuyau la soudure que lui-même avait faite le premier jour où il était venu dans la maison. Et toute sa colère se répandit dans sa chair et la brûla d'un feu intérieur. Il décida de s'expliquer. Il se releva et se dirigea vers le studio. C'est alors qu'il entendit Barbara parler.

— Pourquoi, Columot, voulez-vous que je ne l'appelle pas mon singe ? C'est mon singe, après tout, et pas autre chose. Il est drôle un instant. Je me suis assez amusée avec lui. Je m'arrangerai pour qu'il ne revienne pas. Cela suffit comme cela. Il se croit des droits sur moi, ma parole. Je ne l'aurais jamais supporté de qui que ce soit. J'ai assez excusé sa mauvaise éducation. Ce n'est pas une raison pour en être dupe davantage.

Il ne pouvait s'agir que de lui. Un instant il voulut entrer et éclater de fureur. Il s'arrêta. La présence des autres l'intimidait. Il remit à un autre jour ce débat et, réfugié dans la salle de bain, guetta l'instant où les lueurs de l'aube blanchiraient la fenêtre. Quand elles parurent il se leva et partit. Avant de sortir il regarda dans le studio. Barbara dormait dans les bras de Columot. Berthe était sur un autre divan. Courvoisier allongé près d'un radiateur. Le souvenir de la matinée avec Columot lui revint comme une vieille douleur. Il sortit, mais l'agitation de la rue le frappa. Il avait dormi longtemps sans s'en rendre compte. Il était déjà presque onze heures. Il se sentait très fatigué.

*D*ondlinger compta son argent. Soixante francs. Il marcha un instant au hasard, puis, brusquement, monta dans l'autobus de la gare Saint-Lazare. Il s'assit au Critérim et but, lentement, un pichet de stout. Il rêvait à moitié. Le monde lui semblait taille dans de l'ouate. De temps à autre la phrase de Barbara émergeait de ses souvenirs.

« C'est mon singe, après tout... »

Ah ! il était son singe ! Eh bien, on verrait. Ce singe-là lui ferait verser des larmes. Il l'imaginait, des années plus tard, par un crépuscule, rêvant à lui et s'attendrissant sur son souvenir.

« Il était bien gentil. Je n'ai pas toujours été gentille avec lui. Il m'aimait et j'ai dû lui faire du chagrin, bien des fois. »

Cet attendrissement futur de Barbara, il l'éprouvait lui-même pour lui-même. Une fontaine de larmes coulait dans sa cervelle. Il se revoyait enfant quand il avait été passer une journée à Dieppe, en train de plaisir. Ils avaient joué, lui et d'autres enfants, sur la plage avec des galets. Ils les jetaient à l'eau et certains faisaient des ricochets entre les vagues. Il sentait encore dans ses narines l'odeur du sable et des cailloux mouillés. Sous son pied il faisait craquer les algues sèches. Mais non, il était là, dans son costume usé, de mauvaise coupe, à boire un verre dans un café cher, comme un gandin. Il fallait en profiter. Il commanda un whisky dont la saveur évoqua les soirées chez Barbara et chez ses amis. Qu'est-ce qu'ils diront, quand ils sauront ? Ils en auront du regret bien sûr, peut-être des remords. « C'était un brave petit gars que ce Dondlinger. Il n'était pas de notre monde. Mais ce n'est pas lui qui est venu sonner à notre porte. C'est Barbara qui l'a trouvé, l'a arraché à son travail, à sa vie, à son destin. Sans elle il aurait aimé une petite fille sérieuse. Ils auraient vécu heureux ensemble ». Les beaux dimanches à La Garenne ou au stade à voir un beau match de football, et puis les petits dîners dans un bistro tranquille, une petite voiture... Je ne suis qu'une andouille de m'en faire pour tous ces gars-là, pour cette Barbara qui se fout de moi. Quand même elle est bien jolie, Barbara, bien belle, son singe !

Il se leva, entra dans la gare et prit un billet pour Le Pecq. Comme il allait vite, ce train ! mais il était coquet. Les pays traversés étaient jolis comme des images. Le regard plongeait dans des maisons d'apparence heureuse, des jardinets calmes et parfois le regard allait loin vers un horizon plus large vite absorbé par de grands arbres.

La gare du Pecq était déserte. Il se renseigna auprès d'une employée.

Le train de Paris allait arriver. Il traversa la voie et resta sur le quai avec un bourdonnement dans les oreilles qui le saoulait et une petite douleur à la tempe. Dans les arbustes bien taillés

un oiseau sautillait. Soudain le train parut. Dondlinger cala bien son pied contre le bord du quai, mit ses mains derrière le dos comme il faisait quand, autrefois, en patinant à roulettes, il voulait imiter les grands champions. Le train était tout près. D'un élan de toutes ses forces il se précipita la tête la première contre lui. Ça craqua. De la cervelle jaillit. L'oiseau s'envola. Le mécanicien, blême, freina à fond en jurant. Des têtes parurent aux portières. Le contrôleur sur le quai faisait de grands gestes au chef de gare car il ne pouvait pas parler : il avait envie de vomir.

*E*stival rêvait devant une feuille de papier. Où irait-il passer ses vacances ? La mer ? la montagne ? La porte s'ouvrit et un camarade vint partager son désœuvrement.

— Alors Estival, ça va le business ?

— Le boulot ? de la merde en bouteille. Toujours des histoires d'intoxiqués. Pas toucher à ceux-ci, pas toucher à ceux-là. Faire des fiches. Emmerder le monde. Être reçu comme un vanu-pieds par des gens qui le prennent de haut. Arrêter ceux qui n'ont pas de relations. Et encore... la moitié est relâchée. J'ai passé huit jours au parquet pour chiper un dossier que j'avais envoyé trop tôt et qu'il fallait reprendre à tout prix.

— Qu'est-ce que tu veux ? Tout ce que tu dis ne changera rien. Il n'y a qu'à faire son service sans chercher à comprendre ni à réformer le monde. Il durera bien aussi longtemps que nous.

— N'empêche que c'est idiot. Tous ces gens-là, je les connais maintenant. Eux aussi me connaissent. C'est pas des gouapes. Ce sont des malheureux. On les fout en prison, quelques-uns, de temps à autre, quand on s'énerve chez les patrons. Ils sortent. Ils recommencent. On ferait mieux de les soigner.

— Les soigner ? Tu parles comme un enfant. Tu sais bien qu'ils sont inguérissables. Tout ça, c'est des chroniques. Il faudrait les enfermer toute leur vie comme des incurables. N'empêche qu'il n'y a pas qu'eux. Il y a aussi les trafiquants et ceux-là, c'est de la crapule.

— La crapule, bien sûr. Mais il y en aura toujours. S'ils ne font pas cela ils feront autre chose. Je ne sais pas, moi, ils dé-rouilleront les vieilles rombières ou ils attaqueront les autos sur les routes. D'ailleurs, crapule ou non, eux aussi sont protégés. C'est pas parce qu'il y a des trafiquants qu'il y a des intoxiqués. C'est le contraire. Il vaudrait mieux inscrire les drogués et leur donner leur drogue officiellement. Ce serait moins dangereux. Et puis tous les marchands de drogue on les connaît. On travaille avec eux. C'est eux qui nous renseignent. Les gros ne risquent rien. Ils gagnent des millions. Les petits, c'est ceux-là qu'on arrête quand ils se font des entourloupettes et qu'il faut qu'on prenne parti contre eux. On ne supprime rien et même on aggrave tout. Tiens, mon vieux, depuis trois ans l'héro est arrivée dans la rue de Lappe. Tous les demi-sel du coin s'en mettent plein les narines. La coco, on n'en parle plus. C'est vieux jeu. C'était bon avant 1914 ou pendant la guerre. Depuis 1920 il n'y a plus d'amateur.

— Oh là là, coco, héro, opium, c'est le même tabac.

— Oui bien sûr. Mais il y a un mois j'ai trouvé de l'héro chez des terrassiers. Tu m'entends, des vrais terrassiers, des purs. Pas des maquereaux maquillés en ouvriers. Encore vingt ans et tout le monde en prendra. Pas seulement les gens de la haute et les putains mais le peuple. Et

nous, nous continuerons notre salade. On fera des fiches avec les renseignements des indicateurs, on arrêtera les paumés et ce sera tout.

— Et on palpera notre argent à la fin du mois. Ça suffit. C'est pas toi qui as fait les lois. Tu les appliques, un point c'est tout. Viens faire une belote et pense à autre chose. Si on regardait tout au microscope dans la boîte on deviendrait gâteaux ou anarchistes.

— C'est tout de même trop con !

— Je ne vois pas pourquoi tu te tourmentes pour des gens qui n'en valent pas la peine.

— Si, ils en valent la peine. Il y a parmi eux des hommes épatants... et des femmes donc ! Tiens, je connais un savant, un physicien... il finira en tôle et ce sera tout. Ce serait idiot et cruel de les enfermer. Cela serait plus honnête que de jouer avec eux comme des chats avec des souris et de leur tendre des traquenards ! C'est pas un métier d'homme qu'on nous fait faire, non, on fait de nous des maîtres chanteurs !

Un des fumeurs souleva le rideau de la fenêtre. Il vit, vers l'orient, une lueur pâle qui annonçait le matin.

— Voici l'aube, dit-il.

— Déjà ? s'étonna Simonne. Je pars. Mon mari ramène mes filles tout à l'heure. En ce moment ils roulent quelque part du côté de Lyon. Que diraient-ils s'ils ne me trouvaient pas à la maison ? Ils ignorent mes escapades.

C'était une femme de quarante ans, toujours gaie, encore fraîche. Elle n'apparaissait que rarement aux fumeries. Il lui fallait être seule ou dérober aux siens quelques heures dans l'après-midi. Après vingt ans de mariage son mari la traitait en associée plus qu'en épouse. La fatigue des maternités, la monotonie de ses occupations, l'oisiveté même l'avaient peu à peu éloignée de son ménage. L'opium était pour elle un refuge, un secret plaisir qu'elle s'accordait de temps à autre. Elle aimait la société de ces irréguliers dont la fantaisie l'amusait.

Elle s'habilla en hâte et partit. On entendit dans la rue le coup de frein d'un taxi qu'elle avait arrêté au passage. La portière claqua et le moteur reprit son bruit.

— Où diable, Barbara, avez-vous été la chercher ?

— C'est une amie d'enfance. Elle m'a connue toute petite et m'a fait jouer quand j'étais gamine. Il y a deux ou trois ans, un jour de tristesse, elle m'a dit combien elle s'ennuyait ; alors je l'ai fait fumer... Ça lui fait du bien. Ce ne doit pas être toujours drôle, le domicile conjugal. Son mari ne fréquente que des gens ennuyeux. Et naturellement elle est gaie. Si vous l'aviez connue il y a dix ans... c'était une des plus jolies femmes de Paris.

— Elle fume chez elle ?

— Pensez-vous ? Elle a bien trop peur que l'on remarque l'odeur. Elle n'ose même pas prendre d'héro tant elle craint que son mari la surprenne.

— Mais le jour où on a tous été au commissariat avec Courvoisier elle était là.

— Son mari était absent. C'est une drôle de femme. Un mélange de prudence et d'audace.

— En attendant elle a reniflé une bonne dose de poudre avant de partir. Quand son digne époux rentrera elle sera sûrement en train de kieffer.

— Bah ! Elle dira qu'elle est malade. Simonne cependant arrivait chez elle. L'ascenseur la monta au dernier étage de l'immeuble où elle occupait un vaste appartement. Elle sortit la clef de son sac et tenta de l'introduire dans la serrure. Elle n'y parvint pas.

« J'en ai trop pris, pensa-t-elle, voilà que j'ai des étourdissements. » La minuterie s'éteignit. Elle chercha le bouton et ne put le trouver. Par la fenêtre du palier les lueurs de l'aube et de la lune pénétraient lentement.

Elle résolut de s'asseoir et d'attendre le jour. Elle ne voulait pas sonner, réveiller une bonne, la rendre témoin de sa rentrée tardive.

—Pourtant elle se releva, essaya de nouveau d'ouvrir la porte. Mais elle se sentit soudain lourde comme le plomb. Une grande lueur l'éblouit, lui brûla les paupières.

« Encore un étourdissement... dit-elle faiblement. »

Ce furent ses dernières paroles. Elle tomba comme une masse, foudroyée. Son mari et ses filles relevèrent son corps déjà froid quand ils arrivèrent de la gare.

*L*a mère d'Arichetti était une petite bonne femme, sèche, soupçonneuse et volubile. Elle arriva chez Barbara, sans prévenir, un après-midi. L'aspect de l'immeuble l'avait intimidée et elle s'attendait à être introduite par une femme de chambre, après une longue station, dans un salon plein de tentures, auprès d'une grande dame en robe d'apparat. Elle faillit perdre contenance quand Barbara, venue lui ouvrir, ébouriffée et vêtue d'un peignoir de bain, lui déclara qu'elle était Barbara Durand. Celle-ci d'ailleurs la prit pour une trafiquante de drogues et faillit lui fermer la porte au nez. Mais l'autre, précipitamment, lui dit qu'elle était la mère d'Arichetti, Mme Arichetti, et qu'elle venait la remercier de s'être occupée de son malheureux fils.

Face à face dans le studio, elles ne surent plus quoi se dire. Machinalement, Barbara se servit un grand verre de fine et en offrit un à la visiteuse. Elle refusa d'un air pincé. Car elle était venue dans un but précis. Si Barbara avait donné de l'argent à l'Asile c'est parce qu'elle était la maîtresse de son fils et celui-ci, sans doute, avait été rendu fou par elle. Il fallait qu'elle payât les dégâts.

— Mon fils, dit-elle d'un ton pointu, est un beau garçon intelligent et travailleur. Il a l'avenir devant lui. Quand il sera guéri il gagnera des mille et des cents. Ce sera un excellent parti et celle qui l'épousera sera heureuse. Sérieux comme il est... et ordonné, ajouta-t-elle en jetant un regard circulaire sur la pièce. Pas coureur, pas buveur, pas joueur... jamais d'excès. Je souhaite qu'il se marie avec celle qu'il aime et dont j'espère il est aimé.

En disant ces mots elle planta dans les yeux de Barbara stupéfaite un regard aigu. Barbara faillit s'étouffer en buvant sa fine, partagée qu'elle était entre la fureur, l'envie de rire et l'envie de pleurer. Elle se leva.

— Mais qui aime-t-il ? demanda-t-elle.

— Vous devez le savoir mieux que moi. C'est une affaire de cœur et de conscience. Marie-Louis... (et ce prénom si rarement employé par les amis d'Arichetti résonna bizarrement, détonna comme l'arrivée d'un intrus) Marie-Louis est le modèle des fils. Jusqu'à la veille de tomber malade il m'a aidée. C'est qu'il aime sa mère. Oh ! je l'ai bien élevé. Je me suis privée de tout pour en faire un jeune homme comme il faut. Et c'est dur de voir tant d'efforts perdus pour aboutir à quoi ? À l'asile des fous ! Sa voix dérailla sur les derniers mots comme sur un aveu déshonorant et elle ravala un sanglot ou une nausée.

Il était difficile de comprendre à quelle émotion elle cédait : avarice, vanité ou amour maternel en détresse. Les trois sentiments sans doute se partageaient cette petite cervelle

étrangère à toutes pensées hautes mais capable d'aimer avec acharnement et d'un égal amour son fils, une médiocre respectabilité et l'argent.

Barbara rêvait à l'étreinte qui avait pu engendrer un tel fils dans une telle mère. Cette question n'évoquait en elle que des tableaux de viol un soir de bataille ou d'orgie, dans l'obscurité d'une maison saccagée.

— Et son père ? dit-elle.

— Son père ? Il ne vous a jamais dit qu'il m'avait abandonnée avant sa naissance. Où est-il, celui-là ? À quoi bon ? À qui servirait-il ? Il ne lui ressemblait d'ailleurs pas.

Barbara se demanda alors à quel ancêtre Arichetti devait sa finesse, son élégance naturelle, son insouciance et sa fantaisie. — Alors, mademoiselle, reprit la vieille têtue, qu'allez-vous faire ? Barbara était lasse, lasse de l'entendre, lasse de penser à l'enfermé. Elle prit dans un tiroir une liasse de billets de mille francs.

— Tenez... prenez... ce sera pour améliorer sa vie... et la vôtre. Mais partez. Méthodiquement, la vieille compta la somme.

— Il y a trente-cinq mille francs. Voulez-vous un reçu ?

— Non... au revoir.

Elle la poussa vers la porte qu'elle referma sur elle. Brusquement elle la rouvrit.

— Et surtout ne revenez pas. Ne revenez jamais. D'ailleurs je quitte Paris. Je pars pour l'Amérique. Adieu.

Le dos rond, les lèvres pincées, Mme Arichetti descendait l'escalier en serrant sur son cœur le sac à main où elle avait rangé les trente-cinq mille francs.

Courvoisier arriva tard chez Lily. La chambre sentait le renfermé. Lily était encore couchée. Courvoisier l'embrassa, mais l'odeur de son corps et du lit le remplit de dégoût. Elle fit monter de l'alcool du café voisin. Elle parlait sans arrêt avec une fièvre qui mettait un rouge malsain à ses pommettes. Parfois la salive lui manquait ; alors elle buvait et reprenait le fil de son discours.

— J'ai demandé de l'argent à Barbara. Croirais-tu qu'elle a refusé de m'en prêter ? Elle m'en a assez donné, dit-elle. Je te demande un peu. Quand j'avais de l'argent je n'y regardais pas. Je ne comptais pas avec les amis. En ai-je donné des bijoux, des robes, sans compter la drogue ! Tiens, Barbara venait chez moi. Ma petite Lily par-ci, ma petite Lily par-là. Mais rira bien qui rira le dernier. Tu ne penses pas que je vais rester ici toute ma vie. Je vais laisser passer l'hiver en me reposant. Au printemps je me désintoxique et alors la drogue finie, plus pour moi. Comme je suis belle fille il ne manque pas de beaux garçons qui ne demandent qu'à m'aimer. J'ai trop vécu pour les autres. J'ai perdu mon temps à me dévouer pour celui-ci, pour celui-là, et pour servir à quoi ? Je te le demande... pour qu'une pimbêche refuse de me prêter deux mille francs, à moi. Elle me doit plus que cela de drogue ! Sans compter ce que je risquais quand j'allais l'acheter pour elle.

Elle se leva. Courvoisier remarqua qu'elle se couchait avec sa combinaison et qu'elle était sale. Ses cheveux négligés gardaient le souvenir d'une ancienne teinture Auburn et il se rappela que c'était Barbara qui la lui avait offerte pour un anniversaire. Lily mettait du vernis sur ses ongles en continuant son bavardage. Fuis elle passa à son cou un collier de corail. Encore un souvenir de Barbara. Sur la table un peigne hérissé de démêlures voisinait avec un petit-suisse et un morceau de pain rassis. Elle passa un tailleur que Courvoisier se souvint d'avoir vu sur Barbara, comme cette robe de soirée couverte de poussière suspendue à un porte-manteau.

— Si on allait boire un verre ? Emmène-moi donc au Chatham, comme dans le temps.

— Pas ce soir, je n'ai pas le temps. Au bistro du coin si tu veux. Lily sourit tristement.

— Toi aussi, tu as honte de moi.

Elle sortit de son sac le rituel petit rectangle de papier blanc et une lime à ongles. Devant sa glace elle prisait une dose d'héroïne.

— Heureusement que j'ai l'héro... sans cela je me suiciderais. (Puis brusquement :) Mon petit Courvoisier, sauve-moi. Prête-moi trente francs que j'en achète un gramme.

— Je ne peux pas. Je n'ai que cinquante francs. Vingt francs si tu veux. Je ferai de la monnaie au bistro.

— Écoute, n’y allons pas et donne-moi trente francs, je t’en supplie. Cela reviendra au même. Tu aurais bien dépensé dix francs d’apéritif. Courvoisier descendit faire de la monnaie. Il remonta et lui remit les billets,

— Merci. Tu es un chic type. Me voilà sauvée jusqu’à aprèsdemain. Une grande tristesse pénétrait Courvoisier. L’image que la glace lui renvoyait était cruelle. Il pouvait, sur son propre visage, voir les stigmates d’une déchéance qui le mettait au même point que Lily. Il descendit lentement l’escalier étroit au tapis élimé. C’était presque le crépuscule. Il partit, solitaire, dans Paris. À un carrefour il distingua Antoine Maison qui passait sans le voir ou, peut-être, en l’évitant. Il haussa les épaules sans savoir si ce signe de mépris s’adressait à son camarade ou à lui-même.

Quant à Lily, son souvenir s’estompait déjà dans le brouillard qui lui dissimulait son propre avenir. Il ne devait pas la revoir. Il n’en avait pas le désir et le destin se chargea de les mener sur des chemins qui ne se croisèrent pas. Où tomba-t-elle définitivement ? Sur quelle plage de la vie cette épave échoua-t-elle pour périr ? Il ne devait plus même s’en soucier. Un soir ou un autre son souvenir lui revint en tête. C’était parfois la brillante Lily d’une nuit de fête, le verre en main et riant clair. Ou bien, dans la pénombre tiède d’une fumerie, c’était son beau visage éclairé par la lampe à opium et dont les traits prenaient de la gravité en tirant sur la pipe. Mais, plus souvent encore, la vision d’une femme déchuée sans charme, sans grâce et sans pudeur et qui perdait jusqu’à son nom jadis prononcé tendrement par des lèvres souriantes.

Marie-Jacqueline habitait chez Lily depuis plusieurs semaines quand Berthe mourut d'une péritonite provoquée par une boulette d'opium. Quelques jours après, Jeanne, à son tour, disparut au cours d'une fièvre typhoïde.

Les deux jeunes femmes n'en éprouvèrent au fond ni chagrin ni émotion. Elles ne trouvaient qu'un aliment à des causeries sentimentales dans ces deux morts que Noëlle était venue leur apprendre. Elles ne devaient pas, non plus, revoir cette dernière. Qu'arriva-t-il à celle-ci, nul ne le sut jamais. On cessa de la voir. Ces disparitions sont fréquentes dans le monde de l'opium. On parle des absents un peu plus longtemps qu'ailleurs, mais on s'attend à les retrouver le lendemain, ou des années plus tard, au hasard d'une rencontre. Était-elle morte, partie en voyage, emprisonnée, mariée ? Avait-elle renoncé à son vice ? Nul ne le sut jamais. Mais pour Lily comme pour Marie-Jacqueline son souvenir resta lié à celui des deux mortes.

Toutes deux, en outre, étaient en proie à une destinée qui les entraînait avec une vitesse précipitée vers le dénouement de leur vie. Marie-Jacqueline était venue demander asile à Lily et celle-ci avait accepté de grand cœur. Mais ce ménage de femmes n'ignorait pas les orages. Lily considérait volontiers son amie comme une domestique. Elle la chargeait de commissions ennuyeuses, de courses, de démarches et lui faisait supporter une fréquente mauvaise humeur.

Marie-Jacqueline de son côté n'était pas un hôte discret. Elle ajoutait son désordre à celui de Lily, prenait ses vêtements, employait sa poudre et ses fards. Des querelles naissaient pour une serviette de toilette ou une brosse à dents. Mais, menaçant sans cesse de se quitter, elles n'en restaient pas moins liées l'une à l'autre par l'habitude. Ce genre de liaisons est fréquent. Elles sont d'autant plus durables que les êtres qui sont réunis semblent avoir moins de raisons pour vivre en bonne intelligence. C'est qu'en réalité les uns et les autres n'ont qu'un ennemi : la solitude. Ils la craignent, ils ont la hantise de l'ennui et de la mélancolie qu'elle fait naître et leur préfèrent les disputes et l'énervement. Il arrive pourtant un jour où la vie se charge de disperser ces associés hostiles. Chacun alors se vante d'avoir mis fin à un état de choses insupportable et charge l'autre de toute la responsabilité d'une rupture inévitable.

Ce fut Marie-Jacqueline cependant qui prit l'initiative du dénouement. Lily s'était absentée pour plusieurs jours. Quand elle revint elle trouva la maison vide, ses armoires pillées : son linge, ses fourrures, ses bijoux avaient été emportés.

Elle apprit par la concierge que Marie-Jacqueline était partie la veille avec deux lourdes malles sans dire où elle allait. Lily découvrit, par la suite, qu'elle avait laissé de nombreuses dettes chez les fournisseurs, qu'elle avait emprunté de la drogue à la plupart de ses amis. Où

était-elle, nul ne le savait, nul ne le sut. Ce cambriolage irrita moins Lily qu'il ne lui donna l'obscur satisfaction d'être intéressante auprès de ses relations. Elle se posa en victime jusqu'au jour où elle comprit que son histoire avait cessé d'être actuelle. Marie-Jacqueline passa à son tour sur le plan des souvenirs et des allusions. Elle était désormais sortie du décor. Le bruit courut qu'elle avait trouvé son dernier port, à bout de tuberculose, dans un sanatorium. Et cela était bien possible.

Il est des jours à Paris où la foule est une forêt de visages inconnus. Il en est d'autres où chaque tournant de rue est un lieu de rencontre. Il semble même qu'il suffise de penser à quelqu'un pour le voir se présenter. Place de l'Opéra, Barbara qui, baignée de soleil et de vent tiède, était sortie, vit Antoine. Elle se dirigea vers lui, mais, au moment où elle allait poser sa main sur son épaule, elle se rendit compte qu'elle se trompait, que ce n'était pas Antoine mais un inconnu qui ne lui ressemblait même pas. Elle n'était pas encore parvenue à la rue Scribe qu'Antoine vint vers elle. C'était bien lui cette fois. Du « Trou dans le Mur », l'étonnant petit bar du boulevard, ils virent sortir Auportain et tous trois marchèrent vers la Madeleine. Devant les Trois Quartiers Barbara désigna une petite femme à la mine revêche.

— La mère d'Arichetti... dit-elle.

Ces rencontres embellissaient la journée, même celle de ce fantôme femelle. Ils s'arrêtèrent à la terrasse de Weber. De longues files d'autos se succédaient, périodiquement arrêtées par les signaux de circulation. D'un taxi une femme leur fit des signes.

— C'est Marie-Jacqueline, dit Antoine. — Non... je ne crois pas... c'est plutôt Lily, répondit Barbara.

— Admettons que c'est Marie-Jacqueline dans une des robes qu'elle a volées à Lily.

Le cortège des heures continuait sa route à travers la ville et le monde au son des horloges pas toujours d'accord, des moteurs d'autos et d'usines, dans la fumée des cigarettes, au rythme même du sang qui battait de par le monde dans les veines de millions et millions d'hommes. Tous trois avaient obscurément conscience de cette usure de l'univers, de cette projection d'énergie à travers des espaces inconnus et, peut-être, imaginaient-ils percevoir le mouvement de la planète à travers des distances effroyables, dans les territoires toujours nouveaux du ciel où son destin l'entraîne.

Le bel après-midi avait la mélancolie même du soleil. Une langueur se répandait dans leurs sens. Ils se quittèrent et Barbara prit un taxi pour rentrer chez elle. Au Rond-Point des Champs-Élysées la voiture se trouva prise dans un embouteillage. Elle leva la tête et, dans un autre taxi, arrêté contre le sien, elle vit Courvoisier. Ils échangèrent quelques paroles. Mais le mouvement reprit et, tandis qu'elle était emportée par l'avenue Montaigne vers la place de l'Alma, Courvoisier roulait vers l'Étoile.

Cette succession de rencontres avait incliné son cœur et son rêve vers les souvenirs. Elle se remémorait des jours heureux, des jours de fête, ceux où elle prenait encore plaisir à porter une nouvelle robe, à paraître à Longchamp, à Deauville ou dans un théâtre dans l'éclat d'une beauté que la jeunesse paraît encore de bijoux inimitables. Son taxi longeait la Seine. Elle le

détourna de son chemin pour aller revoir le petit bistro où, un matin, elle avait échoué avec Antoine. Il était vide. Les clients, pour la plupart ouvriers, peinaient dans les usines. Le patron dormait entre la fatigue du matin et celle du soir. Seule une servante tricotait et un petit garçon faisait avec application ses devoirs sur un guéridon. Servie, Barbara se sentit plongée dans une atmosphère impalpable qui la séparait du monde. Celui-ci lui paraissait illusoire et déformé comme ce qu'un poisson en peut voir à travers le verre de son aquarium. Les sons eux-mêmes ne l'atteignaient, semblait-il, qu'après avoir subi une transformation qui les dépouillait de tout sens. Vivait-elle ? Était-elle bien Barbara ? Et cette prison dont elle avait soudain la révélation, n'y était-elle pas enfermée depuis des mois et des années ? Au cœur de Paris elle se sentait exilée et plus lointaine que perdue au fond d'un continent inexploré. Elle se souvint aussi d'avoir vu Dondlinger à ce comptoir. Lui aussi était parti, comme tant d'autres et, à cet instant, elle seule se souvenait de lui. Elle rentra chez elle à pied. La Seine coulait, sans hâte de sortir de Paris, vers des paysages bucoliques, de petites villes coquettes où s'agitaient des êtres ignorés d'eux-mêmes et des autres, vers la mer où rien ne se souviendrait de ce qui avait été une rivière réfléchissant les aspects provisoires de la terre. Là, face à face avec le ciel, l'eau anonyme et informe se perdrait en reflétant le ciel anonyme et informe perdu lui-même dans sa passivité. Chacun des pas qui la rapprochaient de son logis lui semblait retentir immédiatement dans un passé plus lointain que ses plus lointains ancêtres, hommes et femmes des cavernes et des jungles préhistoriques, aussi lointain que l'origine même de toutes les origines, au fond des gouffres de la matière.

Le sang coulait régulièrement dans ses veines. Les glaces des devantures lui montraient toujours une séduisante image. Mais un désespoir calme la possédait. Jamais encore elle n'avait connu une telle détresse dont elle ne réalisait pas le poids métaphysique. Elle attribua au besoin de drogue ce désordre moral, cette désagrégation sentimentale. Elle redressa la taille, pressa le pas, espérant, par une attitude vivante, faire reculer la mort qu'elle sentait en elle. Dès son arrivée elle alluma la lampe et prépara sa pipe. Mais les premières bouffées ne dissipèrent pas son mal. Au contraire, il semblait grandir, et grandir aussi le paysage tandis qu'elle-même rapetissait jusqu'à n'être qu'un atome perdu dans la chair d'un grand être inconnu aux activités incompréhensibles, à la volonté incroyable. La glace de sa chambre était séparée d'elle par des milliers de kilomètres et dans la profondeur de ses eaux se pressaient des milliers et des milliers de visages qu'elle faisait surgir à sa volonté. En même temps elle percevait avec une cruelle lucidité les mouvements mêmes de son corps : le froissement de l'air quand il arrivait dans ses poumons, le voyage du sang dans ses veines, ses artères et son cœur, les palpitations de son intestin et de son estomac, le travail du foie. Jusqu'à ses pensées

qui maintenant semblaient concrètes et dont elle suivait l'élaboration dans les replis de son cerveau, jusqu'à ses sensations qu'elle suivait dans leur transmission au long des nerfs. Non, l'opium ne la libérerait pas ce soir de son cauchemar éveillé qui la faisait souffrir physiquement d'une écorchure totale de son corps et de sa pensée. Elle se souvint d'un gros paquet d'héroïne oublié dans un tiroir. Elle alluma l'électricité après un effort quasi insurmontable, effort non pas physique mais effort de volonté, de décision. Elle retrouva l'héroïne dont elle se répéta comme un refrain le nom chimique : chlorhydrate de diacétylmorphine, chlorhydrate de diacétylmorphine... il y en avait près de cinq grammes qu'elle fit dissoudre dans aussi peu d'eau que possible et en emplît une seringue de dix centimètres cubes.

« Je n'en prendrai qu'un centicube et je laisserai le reste. » Elle piqua l'aiguille dans sa cuisse et, d'un seul mouvement, poussa toute la solution dans la chair où elle forma une grosse bosse, éteignit l'électricité, et s'allongea dans la nuit.

Il n'y eut plus dès lors qu'un corps invisible dans les ténèbres, un corps, privé de sentiment mais non de mouvement, qui se refroidissait par les extrémités. Un râle doux et régulier résonnait. Une haleine fétide emplissait la pièce où les rideaux laissaient filtrer les lumières de la ville et celles des autos qui passaient. Un klaxon parfois couvrait la voix moribonde et le tic-tac de la pendule. Le téléphone résonna à plusieurs reprises. Un ami inconnu attendait au bout des fils électriques qui ligotaient la cité. Mais Barbara n'entendait plus, ne devait jamais plus entendre. Une couverture glissa sur le sol. L'ascenseur s'arrêta sur le palier. On sonna à plusieurs reprises, puis des pas s'éloignèrent dans l'escalier. Barbara n'entendait plus, ne devait jamais plus entendre.

Peu à peu les mouvements devinrent rares, cessèrent. Cessèrent aussi le râle et les bruits intérieurs d'un organisme en lutte contre la décomposition. Le silence et l'obscurité restèrent seuls maîtres de la maison.

Le soleil du lendemain ne pénétra qu'à peine dans la chambre avec les bruits quotidiens. Puis la nuit revint, puis le soleil du surlendemain. La femme de ménage découvrit le cadavre vers dix heures du matin.

La mort de Barbara dispersa un peu plus les amis. Il en était d'eux comme de toutes ces associations spontanées provoquées par un vice ou simplement un goût commun. Le hasard les constitue et le hasard les disperse. Dans les sociétés de drogués la mort, l'infortune et les déménagements jouent un rôle plus grand qu'en toute autre. Ce sont des rassemblements

saisonniers si l'on donne au mot saison un sens plus large, aux dimensions de la vie. Les plus pauvres d'abord se trouvèrent isolés, puis les hommes que rassemblait seulement leur amour informulé pour Barbara. Courvoisier, Columot et Antoine auraient pu se revoir. Mais les deux premiers étaient victimes de l'argent à travers la drogue. Quant à Antoine, la mort de Barbara le frappa comme un coup personnellement dirigé contre lui. Il se reprocha, pendant des nuits d'insomnie, cette mort qu'il avait souhaitée, comme s'il en était responsable. Cette disparition, sans qu'il s'en rendît compte, l'humiliait comme un échec personnel. Il regrettait alors de n'avoir pas su la délivrer de sa prison de fumée, de s'être fait le complice de son suicide, le compagnon de sa défaite. Pour la première fois le jeune homme douta de son destin et de la moralité de sa conduite. Ce remords se mêlait au désarroi de ne savoir où passer ses soirées. Non qu'il souffrît de ne plus fumer. Mais, s'il n'était pas intoxiqué, il avait pris l'habitude de ces heures odorantes, de ces conversations sentimentales. Elles occupaient ses loisirs. Elles lui avaient fait perdre contact avec le monde réel et de nouveau il affrontait ce monde, en dehors de ses travaux, avec quelle timidité ! Tout lui semblait morne, hostile, gris. Il refit à son insu le pèlerinage des endroits où Barbara et lui avaient passé, le New-York Bar, le bistro du Vel' d'Hiv', la Seine, tel music-hall, tel restaurant. Et chaque fois résonnaient en lui les mêmes éternels reproches : « Tu aurais dû la sauver. » « Tu aurais pu la sauver. » « Tu as souhaité sa mort. » Il s'intoxiquait savamment d'une douleur plus artificielle que les paradis qu'il avait connus. Il recueillait en fétichiste les moindres souvenirs de la morte et se chantait à lui-même, le jour et la nuit, un hymne funèbre en son honneur. Il pensa se suicider. Mais si l'idée lui en devint familière, elle n'était pas sincère. Non qu'il aimât la vie, mais la vie l'aimait. Elle le possédait. Elle l'avait poussé vers le travail et, par le travail, l'avait préservé de la drogue. Grâce à lui, grâce à elle, il y avait eu des soirs où, titubant de fatigue, il était rentré pour dormir. Et ce sommeil était plus impératif que l'opium ou l'amour. Il le jetait dans son lit, sans dîner, pendant douze heures de ténèbres et de rêves. Ce sommeil, ces ténèbres, ces rêves avaient été des entr'actes salutaires. Grâce à eux la drogue n'était pas autoritaire avec lui. Elle était sa servante et le maître de cette servante ignorait sa fortune. Plus vieux, évoquant ses années de jeunesse et par là même ses années de dissipation, il pourrait parler de force de caractère, de volonté, de tempérament. Mensonges. Il n'avait été que le comparse privilégié d'une tragédie, l'acteur qui a le meilleur rôle sans le savoir et qui, au dernier acte, a pour tâche d'énumérer les noms des morts d'une action meurtrière. Il devait cependant s'en rendre compte obscurément, car il voua une haine personnelle à l'opium, à l'héroïne, à tous les stupéfiants. Non qu'il en eût peur. Il lui arriva de retoucher au bambou ou de reprendre une prise... Il se souvenait :

« Une petite ? » disait jadis Barbara en lui tendant le sachet et la lime à ongles.

Il fumait une douzaine de pipes, prenait deux ou trois prises puis refusait de continuer. Il n'avait aucun effort à faire pour refuser. La drogue l'ennuyait et cependant, hormis son désir de fortune et de gloire, bien vague pourtant, aucune œuvre ne l'occupait, aucune ambition ne le dirigeait.

Il redécouvrit peu à peu le monde extérieur, la rue, la vie. Il s'habitua à voir des hommes qu'il méprisait jusqu'alors et s'attendrit de les découvrir hommes et humains. Il s'étonna de prendre goût à des spectacles, à des jeux et à des études que la société secrète de la drogue proscrivait. Il s'étonna, plus encore, de se découvrir du désir pour des femmes qui ne ressemblaient pas à Barbara.

Peu à peu le remords envers celle-ci s'atténa, mais son souvenir dura en devenant très doux. La vieille douleur devenait agréable à réveiller. Les larmes qu'il versait en son honneur étaient chaudes mais douces. Sans que rien fût visible physiquement Antoine avait vieilli. Il avait dépassé un palier de l'escalier des âges. Le jeune homme était devenu un homme. Il se surprit à parler à ses cadets avec une autorité qu'il ignorait. Il se surprit plus encore par sa facilité de travail et de joie. Pourtant, à travers l'un et à travers l'autre, le fantôme de Barbara était là, présent, exigeant et douloureux. Des mois passèrent.

Un matin de soleil froid et de trottoir sec Antoine s'éveilla, lavé de ses vains scrupules et de ses vieilles douleurs. Amour et chagrin s'étaient cristallisés. Peut-être avaient-ils marqué deux rides sur son front ou les premiers cheveux blancs sur les tempes ? De nouveau le monde lui parut vaste et bruyant et digne d'être parcouru. Barbara n'était plus qu'un souvenir, mais un souvenir inoubliable qui devait, dans la suite des années, lui prouver sa puissance.

Ce fut sans surprise qu'Antoine reçut la visite de Courvoisier venu lui proposer de la drogue. Ce fut sans surprise que Courvoisier reçut le refus d'Antoine. Mais la distance était désormais trop grande entre eux pour qu'ils pussent se regarder sans injustice. Injuste, Antoine le fut, Courvoisier aussi, Antoine ne prenait plus de drogue. Nous avons déjà dit que son goût pour celle-ci était lié à la présence de Barbara. Il refusa. Courvoisier imagina aussitôt qu'il avait soit des réserves, soit un autre fournisseur et il se reprocha de lui avoir jadis donné des adresses de trafiquants.

À bout de ressources, il ne pouvait plus demander qu'à la drogue elle-même le moyen d'en acheter. C'est-à-dire qu'il en vendait, qu'il trafiquait lui-même. Il volait d'ailleurs plus qu'un autre car il savait combien le besoin est impérieux et combien facilement, en cas de disette, un intoxiqué peut se satisfaire d'une poudre frelatée, additionnée de bicarbonate de soude ou de bismuth. Auportain refusa aussi mais lui donna des adresses de clients possibles. Auportain avait une excuse facile. Il n'usait que d'opium et avait toujours une provision pour plusieurs années. Columot plusieurs mois après se défendit d'en reprendre. Son abrutissement était visible et Courvoisier, auprès de lui, faisait encore figure de jeune homme.

Il connut donc, à part quelques rares clients, la fréquentation des femmes de Montmartre et de Montparnasse qui lui achetaient l'héroïne gramme par gramme. Il n'ignorait pas que c'était le moyen le plus sûr de tomber aux mains de la police ou plutôt d'être sacrifié par elle. Désormais personne ne pouvait plus le sauver en cas de danger. Il n'était plus qu'une quantité négligeable, un nom à donner aux rédacteurs de faits-divers en cas de besoin. Parmi ses clients, combien refuseraient de le dénoncer au jour mathématiquement fatal où ils seraient compromis ? Combien étaient des indicateurs ? Combien le deviendraient, bénévolement, par peur ? Mais il continuait, enchaîné à son besoin physique, excité par le danger et le besoin d'argent.

Il dut avoir des relations professionnelles, connaître des confrères en drogue, leur rendre des services, leur en demander, être leur camarade et observer les règles strictes d'une profession qui a ses cours, ses spéculateurs, ses capitalistes, sa plèbe, son aristocratie et son code. Des sanctions menacent celui qui ne joue pas le jeu, sanctions qui vont de l'amende à l'exécution en passant par la dénonciation à la police. Il devint suspect moins par ses fréquentations et ses opérations que par l'allure qu'il prit. La crainte de la police était double chez lui. Il craignait moins la déchéance que la souffrance que lui imposerait la prison dont il avait peur en

trafiquant et en intoxiqué. Cette peur acheva de ravager son visage, de déformer ses gestes et sa voix, de transformer son vocabulaire.

Mais sa terreur avait pour contre-partie une témérité, un goût du pire, un obscur souhait de la catastrophe. Il tenta et réussit de folles entreprises telles que de fournir de l'héroïne à un client emprisonné. Il pensa un instant se servir d'Estival pour soudoyer un gardien. Il y renonça. Il traîna dans les bars où se réunissent les geôliers, corrompit l'un d'eux, fit remettre la drogue. Cela n'eut qu'un temps. Le gardien fut promptement arrêté. Courvoisier se cacha durant quelques jours. Peine inutile. Il n'avait pas été dénoncé. Son complice n'avait pas eu la méfiance de lui demander son nom et lui seul supporta les conséquences du délit.

Mais Courvoisier n'était pas assez naïf pour être rassuré complètement par son impunité. Son client emprisonné savait son nom. D'autres trafiquants savaient qu'il le fournissait. Il n'espéra guère avoir été oublié et soupçonna qu'on le réservait pour une meilleure occasion. Il avait d'ailleurs un autre motif d'inquiétude. Cette affaire avait fait beaucoup écrire dans les journaux et beaucoup parler dans les cercles d'opiomanes et les conciliabules de fournisseurs. Il craignait de devenir suspect à leurs yeux et qu'ils n'attribuent sa tranquillité qu'à des relations avec un policier. Soupçonné d'être un mouchard, il savait qu'à la première occasion on l'exécuterait d'une façon ou d'une autre. Il était un trop petit négociant pour se permettre de miser à la fois sur la loi et sur la fraude.

L'usine Columot surprit l'oncle Mazurier. De petite fortune, il avait toujours imaginé le théâtre de l'activité de son neveu comme une forteresse noire, fumeuse, hostile. Et voilà qu'il n'y trouvait ni cheminée de brique dressant haut son col de girafe, ni crassier, ni ouvriers prêts à le dévaliser au détour du chemin. Toutes ses idées en étaient bouleversées, idées confuses, lieux communs alimentés par une propagande réactionnaire. Des géraniums fleurissaient dans la cour. Des ouvrières et des employées coquettes et jolies passaient. Les ouvriers étaient souriants et ressemblaient à ses amis, à ses relations dans la lointaine ville de province où il habitait. Ils n'étaient ni déguenillés, ni hostiles. Il en conclut, pensant au télégramme de détresse qui l'avait fait venir, que Columot ne savait pas se défendre contre eux et que c'était à cause d'eux que sa situation était tragique. En quoi il se trompait car son neveu savait fort bien défendre son argent contre les salariés, trop bien même. N'était-il pas le neveu de Columot, le droguiste, dont la dureté de cœur était légendaire dans sa famille et dans sa corporation ? Non, l'usine était coquette parce que sa destination – Columot fabriquait des produits de beauté – le permettait et même l'exigeait. Les produits devaient être bien présentés, l'usine aussi. C'était nécessaire pour la clientèle. Le personnel était propre et gai, un peu par hasard, beaucoup par obligation professionnelle. Dès que Columot fut en présence de son oncle il plongea dans les confidences. La présence d'un membre de sa famille, du frère de sa mère, l'attendrissait soudain. Il abrutit le bonhomme en lui racontant pêle-mêle sa vie d'intoxiqué et ses inquiétudes d'homme d'affaires. Sa situation financière n'était pas désespérée. Elle était compromise. On se chargeait de la remettre en ordre, mais il fallait qu'un parent à lui garantît sa tranquillité, le représentât, d'accord avec un notaire soigneusement choisi, devant les bailleurs de fonds, pendant qu'il irait se soigner. De ce côté pas d'ennuis. Dans un sursaut de lucidité il avait parfaitement organisé un plan de redressement. Mais il se méfiait de tous, sauf de Mazurier qu'il estimait incapable de le léser et assez méfiant pour ne pas se laisser tromper. Au surplus, son directeur et le notaire conseilleraient le vieillard, qui vérifierait ces conseils auprès d'un autre homme de loi. D'ailleurs Mazurier en tirerait un profit, un petit profit qui éblouit l'oncle comme l'annonce d'un gros lot. Quant à lui, Columot, il irait se soigner à la campagne. Mazurier, pourtant, n'accepta pas immédiatement. Il demanda une journée pour réfléchir. En quittant son neveu il se fit conduire dans le restaurant dont il rêvait dans ses soirées de célibataire solitaire et gourmand, chez Lapérouse. De sa table il voyait, par la fenêtre, un paysage calme où la Seine coulait insensiblement, où le Palais de Justice lui remémorait des histoires compliquées de notaires, d'avoués, d'huissiers, d'avocats, de longues journées passées sur des banquettes

cirées. Il devinait, au delà, la place Saint-Michel et le décor de sa jeunesse banale et dorée, les petites amies, les beuveries. Il s'en remit pour le menu et le choix des vins au maître d'hôtel qui lui confectionna un déjeuner comme il les aimait, où certains plats épicés étaient équilibrés par d'autres plus subtils, plus fins, où le jerez et le meursault apportèrent un soleil potable. Au fur et à mesure qu'il mangeait et buvait, le bonhomme retrouvait l'énergie de sa trentième année, quand la mort de son beau-frère Columot le droguiste l'avait placé devant des problèmes difficiles et entraîné dans un drame criminel dont il préférait, pour sa digestion, ne pas relire les détails dans sa mémoire. Quand il eut fini son repas, bu son café, savouré sa fine, il fit demander au téléphone le docteur Despère. C'était un vieil ami des années d'études, devenu célèbre praticien et qu'il revoyait parfois, d'années en années. Despère était devenu un grand médecin, un riche guérisseur, membre de l'Académie de Médecine et fondateur, au surplus, d'une dynastie en la personne de ses quatre fils, tous quatre triomphateurs aux concours de l'internat et des hôpitaux. Il retrouva au bout du fil la voix rassurante en elle-même de son ami, cette voix dont le propriétaire disait qu'avec sa carrure d'athlète et son évidente santé elle était pour moitié, avec la science, dans les cures qu'il réalisait. La voix cordiale lui dit qu'on l'attendait, s'inquiéta quand il parla de consultation, se rassura quand il eut dit qu'il ne s'agissait pas de lui. Un quart d'heure après, Mazurier roulait en taxi vers le boulevard Malesherbes où demeurait Despère. En traversant le Pont Neuf il songea à lui-même et à sa santé. Le pont lui parut soudain le symbole de son rôle. Il y avait un danger à traverser. Lui, Mazurier, solide comme le Pont Neuf, le ferait passer sans encombre à son neveu, à son galopin de neveu dont il enviait sans se l'avouer la jeunesse, les exploits, les vices et même sa chance d'avoir un oncle tel que lui-même.

— Mon cher Mazurier, la drogue, je n'y connais rien. Je ne veux rien y connaître.

Mazurier releva la tête et fixa le docteur Despère.

— Tu n'y connais rien ? C'est bien la première fois que tu me parles comme cela.

— Écoute. Les drogués, j'ai eu affaire à eux. C'est fini. Je ne veux plus en entendre parler. Quand l'un d'eux se présente je l'envoie à une clinique. Il pourrait être sur le point de claquer que je refuserais de m'occuper de lui. Ce n'est pas méchanceté de ma part. Mais les drogués, quels qu'ils soient, sont des ingrats, des menteurs et des lâches.

— Despère ! Il s'agit de mon neveu et il a prouvé qu'il n'était pas un lâche !

— Justement. Mais tu es en consultation. Je te parle avec la franchise qu'on doit à un ami et à un client. Voici ce qui se passe. Un intoxiqué arrive. Il vous raconte ses souffrances. Il

demande de la drogue. Tu te laisses attendrir. D'ailleurs tu l'examines. Le cœur n'est pas fameux. L'état général, les nerfs, tout est en ruine. Tu lui fais une ordonnance d'héroïne ou de morphine. Il meurt. Tu es bon pour la correctionnelle. Ou bien il vit et il te fait une réputation de médecin marron... jusqu'au jour où tu refuses. Et il te dénigre partout. Ou encore il t'envoie tous les fumeurs et priseurs de Paris. Cela se termine toujours mal... le moindre ennui est qu'il ne paie pas. Tiens, un de mes camarades d'internat, un garçon épatant, Fraille... une histoire de ce genre. Il les voyait, ces malades-là. L'un d'eux, arrêté, l'a dénoncé comme fournisseur. Les journaux s'en sont mêlés, comme toujours, à tort et à travers. Résultat : six mois de prison et cinq ans d'interdiction d'exercer la médecine. Il traîne sa vie je ne sais où, dans un coin perdu, fini, vidé. Et un autre dans le cabinet duquel une demi-folle est morte... après une piqûre d'extrait d'opium.

— Mais bon Dieu ! Je ne te demande pas de t'occuper de lui. Je te consulte, je te demande un conseil, donne-le-moi. Tu me connais. Mon neveu, je le sauverai.

— Eh bien, alors essaye... je t'en promets de belles et un joli paiement en ingratitude... Va voir, de ma part, si tu veux, la clinique Thaureau à Mantes. C'est la plus sérieuse. On ne s'y occupe que de ça. Mais je ne te garantis rien. Mazurier se leva.

— Combien te dois-je ? dit-il.

— Espèce de vieil imbécile ! répondit Despère. Viens dîner ce soir... et n'amène pas ton neveu... Je ne veux pas le voir. Garde ton argent, mais à une condition... Tu me tiendras au courant de tout.

Mazurier se révolta.

— Pour un service que je te demande, une fois par hasard... Je m'attendais à plus d'empressement de ta part. Ce n'est tout de même pas un crime de priser ce sale machin.

— Non, ce n'est pas un crime, mais c'est une maladie grave, très grave. Ah ! Si ton neveu était seulement tuberculeux au lieu d'être intoxiqué !

— C'est si grave que ça ! Mais nom de Dieu, pourquoi avez vous inventé ce poison-là.

— Ceux qui l'ont inventé ne savaient pas. Mieux, ils croyaient avoir trouvé un sel de morphine qui n'intoxiquait pas, tu m'entends... et tellement plus actif. Ils se sont trompés et puis ils ne l'avaient pas inventé pour les névrosés, ils l'avaient inventé pour les vrais malades, ceux qui souffrent...

— Mais, maintenant, mon neveu souffre, il est malade...

— Il l'était sans doute avant. Seulement, son cas relève des psychiatres. Si c'était un autre homme je l'enverrais à Henri Rousselle. Mais c'est encombré, et puis il ne pourrait pas supporter le régime. Il n'a pas le genre de la maison. Crois-moi, vois Thaureau. Fais-le entrer,

au besoin par force, et, quand il sortira, ne le lâche pas tout de suite. D'ailleurs on en reparlera. En attendant, viens dîner ce soir, je veux te faire goûter un pommard de ma cave qui t'étonnera.

Mazurier arriva en retard le soir. Il était souriant. Il contempla la salle à manger douillette, la nappe blanche, la verrerie, la vaisselle et l'argenterie. Il devina le parfum des plats dans la cuisine. Il poussa un soupir de contentement. Son regard alla de Mme Despère à ses quatre fils, tous solides et gais, puis à Despère lui-même qui souriait lui aussi de satisfaction à voir son vieux camarade dont le retard l'avait inquiété, qu'il craignait d'avoir fâché.

— C'est fait, dit Mazurier, il est à Mantes. Il s'est laissé faire comme un gamin.

— C'est bien, dit Despère, en plongeant sa petite cuillère dans un oursin. Puisse-t-il continuer comme tu le désires. D'ailleurs j'y pense autant que toi.

La ruine sociale de Courvoisier suivit de peu sa déchéance morale. L'une et l'autre se conjuguèrent. L'oisiveté coûte cher à qui n'a pas le goût de la misère. Pour garder quelque apparence de luxe il dut renoncer aux vraies satisfactions de la vie, abandonner sa maison pour l'hôtel, vendre son auto. La drogue, les cigarettes américaines, quelques soins dans le costume épuisaient ses ressources. Il dut bientôt renoncer à toute coquetterie. Ses vêtements, son linge le marquèrent bientôt plus sûrement qu'une étiquette. Il était beau, il devint équivoque. On le rencontra avec des gens dont il semblait subir la présence plus qu'il ne la désirait. On devinait alors qu'il s'agissait pour lui d'être invité à des fumeries, de pouvoir taper l'un ou l'autre pour payer sa chambre. Cette déchéance ne se réalisa cependant pas du jour au lendemain. Chaque fois qu'il abandonnait quelque chose pour de l'argent Courvoisier retrouvait pour quelques jours, quelques semaines, son prestige, son aisance et sa générosité. Il revoyait alors ses amis qui ne trouvaient en lui aucun changement. Si un bijou de prix avait été remplacé par un autre bon marché celui-ci était encore une trouvaille chez un antiquaire, un objet qui revêtait, grâce à son goût, tout l'éclat d'une fantaisie à son crépuscule. Quelle avait été jusque-là la vie sentimentale de Courvoisier ? Séduisant, riche, jeune, il n'avait jamais rencontré sa vraie chance qui eût été un profond amour. Ou, du moins, il avait pu reporter ce grand désir passionnel sur Barbara dont il avait soupçonné intuitivement le destin. C'était déjà une morte qu'il avait aimée en elle. Cette présence avait apaisé en lui tout appétit, toute fureur. Elle s'était accordée avec la connaissance que tout homme a de son destin. Il l'aimait, future morte, morte prochaine parce qu'il se sentait lui-même un mort prochain. Moins de finesse aurait conféré à ce garçon, en même temps que la pesanteur indispensable

aux statues de bronze, l'équilibre et la gravité, vertus des danseuses de corde, des poètes et des philosophes. La raison lui parlait, mais s'il ne discutait pas avec elle, c'était par faiblesse, et il préférait la fuir et chercher une impossible folie, une folie qui n'était qu'un déguisement. Il méprisait Columot, Antoine, Auportain. Ils l'étonnaient, mais il se défendait de les admirer. Leur société lui devint aussi insupportable que la sienne l'était pour eux, mais il ne pouvait les effacer de sa mémoire. Ils étaient les témoins de ses actes, les conseillers dont il n'aurait pas écouté les avis mais dont la contradiction lui manquait. Il songeait souvent à eux et quelquefois se faisait violence pour les visiter. Il se persuadait alors bien vite que son langage ne parlait plus à leur cœur. Il mesurait sa déchéance à leur accueil de plus en plus froid. Il ne pouvait leur en vouloir, leur reprocher leur ingratitude. Ce n'était pas le Courvoisier qu'ils avaient connu qu'ils repoussaient, c'était un Courvoisier, méconnaissable caricature de lui-même, qu'ils chassaient du souvenir gardé des années heureuses. Leur réunion n'avait été provoquée que par une commune insouciance.

Mais Auportain n'avait jamais renoncé à sa retraite égoïste, à sa mort douce et prolongée.

Mais Antoine découvrait le monde et les saisons et les joies d'une vie débarrassée de tout brouillard.

Mais Columot assassinait chaque jour plus savamment le bel archange qu'il avait été.

Courvoisier connut les soirées d'ennuis mornes, une solitude dont ne pouvait le défendre son indigence morale. Il s'habitua aux cafés où l'on reste jusqu'à la fermeture, aux conversations imbéciles, aux fréquentations non seulement douteuses, ce qui aurait eu peu d'importance, mais stupides.

Et désormais il s'abandonna à un destin dont, s'il n'avait pas été aussi lâche, il eût pu prévoir la fin. Tandis qu'il respirait l'air de la ville, des instruments de physique jadis utilisés par lui étaient confiés à d'autres. Des jeunes gens jetaient au rebut la balance qu'il préférait. La vie du monde continuait sans lui. Il était visible mais absent.

Si Dondlinger avait trouvé à Henri-Rousselle un sentiment de repos et de salubre isolement, il n'en fut pas de même pour Columot dans la maison de santé de Mantes. Sa résistance nerveuse s'effondra et il fut d'abord une loque hargneuse, distraite et abrutie, incapable de répondre aux questions qu'on lui posait. Le pire est qu'il avait la notion de cet état. - Je deviens gâteux, répétait-il. On employa, au début, le système de la désintoxication lente. Il le supporta mal jusqu'au jour où il soudoya son infirmier qui lui vendit de l'héroïne, fort cher d'ailleurs, mais d'une qualité inespérée. Il retrouva alors son énergie et sa bonne humeur.

Mais la maison du docteur Thureau était un établissement sérieux. On eut vite fait de trouver le secret de ce redressement inaccoutumé et l'infirmier fut mis à la porte sur l'heure après une semonce qui le décida à abandonner un métier où l'on exigeait de la conscience. D'ailleurs Despère avait téléphoné pour recommander Columot. - J'ai refusé à son oncle de m'occuper de lui, par principe. Mais je tiens à ce que le traitement réussisse. Considère le comme un parent à moi. Si quelque chose ne va pas, prévien-moi. Mis au courant de la fraude, il fut d'accord avec son camarade pour appliquer la désintoxication rapide au Démorphène. La surveillance redoubla autour du malade. C'est qu'il ne s'agissait pas seulement de suivre le traitement avec exactitude mais encore de défendre un organisme contre les accidents possibles. Columot fut donc traité à peu près comme les malades de Henri Rousselle, à cela près que les piqûres, moins fortes, furent faites plus fréquemment. Nuit et jour il était visité, observé, surveillé. Son humeur, redevenue exécration, céda devant le sang-froid de son médecin. Au surplus la promesse d'en finir plus vite excita son espoir. Il n'était d'ailleurs que trop lucide pour ne pas observer lui-même le malade qui était en lui. Un jour il donna à l'infirmier quelques livres qu'il avait apportés et dont la vue seule l'irritait: *Fumeurs d'opium*, *Fumée d'opium*, dont la sottise était par trop évidente. Par contre il ne put se séparer des *Paradis artificiels* de Baudelaire, dont la morale, qui lui avait toujours échappé, qu'il n'avait pas voulu assimiler, se faisait, pour lui, de jour en jour plus évidente et plus efficace. Mais son aveuglement était excusable. Comme ses amis, il n'avait voulu lire dans ce livre que ce qui flattait son orgueil. Le nom de Baudelaire, celui de Quincey étaient prestigieux. On pouvait se vanter d'être leur frère d'opium. Tandis qu'il y avait moins de gloire à être celui de tel autre. Placé en face de lui-même, Columot ne voyait qu'un décor jonché de ruines. Les combats qu'il avait livrés étaient des défaites. Il s'étonnait, brusquement, la quarantaine proche, de compter les faillites du bel adolescent héroïque qu'il avait été.

Et cette enfance généreuse n'était pas étrangère à sa malaventure. Il n'osait s'avouer qu'il avait peur de vieillir et qu'il avait demandé à la drogue un philtre d'éternelle jeunesse.

Il regrettait le temps où les maîtresses étaient aussi des mères, où son prestige suffisait pour lui livrer de beaux corps frémissants qui cherchaient moins en lui le coeur et l'esprit que la virilité naissante et le parfum des batailles. Où était-il, le Columot de 1918, casseur d'assiettes et de verres, enfant terrible et gâté, dont la croix de guerre aux nombreuses palmes excusait les folies aux yeux des plus sévères comme on pardonne les caprices des moribonds. Il n'avait pas cru, lui, à la fin de la guerre. Il l'avait continuée sans se rendre compte que les dangers civils qu'il courait étaient plus précis, plus cruels que ceux de la chasse aérienne. Et voilà qu'à l'âge d'homme il se conduisait comme un vieux gamin, qu'on le berçait comme un nourrisson et qu'il obéissait à des ordres en apparence absurdes. Les heures étaient longues pour lui. Cette longueur retrouvée du temps le consolait. Les nuages dont il suivait la marche dans le ciel de la fenêtre de sa chambre passaient toujours trop vite.

À son tour il appréhendait la sortie de ce refuge et, seul, l'oncle Mazurier, obtus, borné, fermé à toute pensée haute, le rassurait. La tendresse qu'il trouvait en lui le rassurait comme un plat simple et savoureux offert sans cérémonies dans un intérieur modeste. Le coeur du bonhomme était naïf, mais sa solidité reconfortait les espoirs de Columot. Celui-ci rêvait maintenant d'une vie obscure dans une ville de province, de travaux sans gloire, de plaisirs médiocres. Il n'envisageait pas sans crainte le jour où il se retrouverait livré à lui-même avec la lourde tâche de se créer de nouvelles habitudes.

Il s'interrogeait sans conviction pour savoir s'il retournerait ou non vers le plateau, la pipe et la petite lampe à huile qui brillait dans son souvenir comme une veilleuse au fond d'un corridor sans issue. Il ne pouvait se dissimuler que sa vie avait été sans but, creuse, du jour où il avait cessé d'être soldat, de recevoir des ordres auxquels il avait du moins le rare plaisir de désobéir. Il s'était cru un chef. Il n'était qu'un subalterne.

Sa vie de garçon avait émoussé, faute d'une ambition impérative, tout ce qu'il y avait en lui de qualités. Il songeait à se marier avec une femme douce et soumise, mais il craignait d'apporter en dot ses inquiétudes et son instabilité. Il ne fréquentait pas les autres malades. Il les évita même dès qu'il put se promener dans le parc de la maison de santé. Il y traînait un rêve solitaire, désolé de ne pas trouver de saveur ni de parfums au paysage embelli par l'été. Le soleil lui-même était pour lui un astre sans résonance, mort, factice et destiné, lui semblait-il, à rouler d'un mur à l'autre d'un cimetière en friche où, sur des tombes dégradées, il déchiffrait des noms familiers qui n'évoquaient plus de visages chéris ni de voix connues. La

désintoxication l'avait emporté dans un monde désert, sans refuge, sans heures, sans saisons, ni jour, ni nuit. L'oncle Mazurier visita régulièrement son neveu pendant les deux mois de son séjour à la maison de santé. Il le tenait au courant des affaires en cours, affectait de lui donner un compte rendu de toutes les opérations, ne lui faisait grâce d'aucun détail. Il le forçait à donner des avis. Le brave homme espérait ainsi redonner du goût au malade pour son entreprise. Lui-même n'imaginait pas que rien d'autre dans l'existence valût la peine de préoccupation et de passion. Il y avait en Columot un mystère qui l'intriguait. Qu'avait-il bien pour aller chercher dans la drogue ? Quelle sensation éprouvait-il ? Il avait des voluptés indescriptibles et, s'il l'avait osé, il aurait demandé à goûter rien qu'une fois à la poudre magique où la résine s'illusions. Il n'en fit rien. Sa sensualité se bornait à la cuisine de qualité et aux vins de classe.

Aussi, quand Columot fut libéré par le médecin, l'emmena-t-il faire un voyage en Bourgogne de Joiny à Beaune, d'Auxerre à Dijon, d'Arnay-le-Duc à Villefranche-sur-Saône. Il comptait le réconcilier avec la vie à grands coups de pommard et de corton, à force de quenelles, d'escargots, de rôtis à la crème, de festins.

Il ne se rendait pas compte que c'était un corps vide qui l'accompagnait. Columot subissait sa présence avec passivité, aspirant à l'instant où il serait de nouveau seul, mais incapable de résister aux volontés de l'oncle.

Il gardait d'ailleurs à celui-ci une tendre reconnaissance. Mais aussi quel abîme les séparait ! Il ne pouvait pas y avoir échange réel de confidences. L'un aimait la vie sans grandeur mais avec acharnement. L'autre demandait trop, faute d'obtenir ce qu'il désirait d'une façon vague, et songeait au suicide. Mazurier pouvait se croire indulgent, l'indulgence était exercée par son neveu. Un soir, dans un hôtel où ils couchaient après avoir dîné magnifiquement, Columot, en gagnant sa chambre, remarqua des ombres mobiles sur le plafond du couloir. Une lumière douce projetait la silhouette de deux mains et il n'eut pas de peine à reconnaître la nature des gestes qu'elles accomplissaient. Il s'arrêta un instant. L'odeur inoubliable de l'opium lui parvint. Il fut sur le point de frapper, de mendier quelques pipes ou une boulette. Mais la lumière s'éteignit et, désespéré, il alla se coucher. Rentré à Paris, il lui arriva de retrouver l'odeur dans la rue. Il humait alors l'air en levant la tête et cherchant à deviner par quelle fenêtre elle s'échappait. D'ailleurs l'oncle Mazurier le quitta bientôt. Maintenant qu'il estimait sa tâche remplie, maintenant qu'un autre commandait dans l'usine, il se sentait repris par la nostalgie d'Angoulême. Il repartit, fier de lui, aimant davantage ce garçon qui lui avait donné une occasion d'agir et de s'estimer lui-même un peu plus

Courvoisier avait un sourire triste en regardant le logement d'Antoine.

— Je reconnais l'influence d'Auportain dans votre maison. C'est une idée de poète d'encadrer des premières pages des suppléments illustrés du Petit Journal. Les artistes en sont encore aux images d'Épinal... Cet assassinat du président Carnot, cette arrivée de Barnum, cette éruption du Vésuve sont de l'art populaire moderne et du vrai. Il s'arrêta brusquement devant un chromo qui avait dû être calendrier dans les années 1880.

Il représentait, sous un ciel d'orage, un cheval étique broutant l'herbe rare d'un enclos où des ossements blanchissaient sur le sol. Au fond, une maison triste portait une enseigne : Équarrisseur. Ce chromo, Van Gogh en parle dans une lettre à son frère et dit combien il fut frappé quand il le vit, pour la première fois, sur le mur d'une auberge. Courvoisier le regarda minutieusement et Antoine notait la ressemblance entre lui et le cheval. Comme lui il avait bondi au vent de la jeunesse, jeune étalon fou d'air et d'espace et d'azur. Comme lui il avait été un bel animal robuste, fier de sa force et insouciant du cortège des jours et des saisons. Comme lui, maintenant, il était marqué. On le sentait trop maigre sous ses vêtements encore élégants mais à la veille d'être usés. Un cerne profond soulignait ses yeux. Son nez aminci semblait trop grand. Son visage ne reflétait plus la jeunesse, mais il paraissait momifié, desséché et cruellement démasqué par le grand jour. Courvoisier reprit :

— Cela, c'est de l'Auportain tout pur. Voilà qui est comprendre et aimer Van Gogh ! Mais cela c'est de vous. Et il désignait sur la cheminée deux ou trois jouets nickelés, merveilles de mécanique.

— Nous ne sommes pas si loin de l'enfance, vous et moi... ni personne... ni même Auportain, et ces jouets ont sans doute été réalisés par des messieurs bedonnants, ouvriers, pères de famille ou, qui sait ? un brillant ancien élève de Polytechnique.

Antoine écoutait Courvoisier en s'habillant. Il retrouvait dans ces paroles un Courvoisier qu'il croyait aboli et il le retrouvait avec tendresse. Il avait passé une chemise empesée, noué un nœud noir, enfilé un pantalon de smoking. Il boutonnait son gilet.

— Antoine, dit Courvoisier, je vous dois beaucoup. Grâce à vos bons rapports avec la police...

Ici Antoine crut discerner dans la voix une intention méchante. Elle y était. Il le sentait. Un flot de fiel lui monta au cœur. Mais Courvoisier continuait :

— Grâce à vos bons rapports avec la police j'ai évité la prison et qui sait... pis, peut-être. Si pénible que me soit cette demande je vais encore vous demander un service. Je suis intoxiqué.

Vous le savez. Pour l'amour de tout ce que nous aimons, de tout ce que nous avons aimé... prêtez-moi deux cents francs.

— Cela me gênera, Courvoisier... mais c'est entendu.

Antoine reconnaissait avec attendrissement au col de son camarade une cravate de laine usée qu'il lui avait vue jadis, au temps de sa splendeur. Il finissait de s'habiller.

— Excusez-moi de vous importuner, mais c'est pressé. J'ai juste le temps de retrouver le marchand de drogue. Donnez-les moi tout de suite, voulez-vous ? Nous sommes d'assez vieux amis pour être francs.

— C'est que je n'ai pas de monnaie. Il me faut changer mille francs.

— Donnez-les-moi... je vais faire de la monnaie. Antoine lui tendit le billet. Courvoisier prit son chapeau. À peine arrivé à la porte il revint et prit son imperméable.

— Je crois qu'il pleut, dit-il simplement.

Antoine, prêt à sortir, sourit. Il le laissa partir sans faire un geste. La porte claqua. Antoine prit un autre billet dans un tiroir, son chapeau et son pardessus et sortit doucement. Il entendit encore dans l'escalier la dégringolade de Courvoisier puis son pas rapide dans l'entrée. Quand il parvint à son tour dans la rue il le vit au coin de la rue monter dans un taxi qui démarra.

Antoine souriait tristement.

— Mille francs de foutus. Un ami de perdu... Oh ! un ami !

Il alluma une cigarette et se dirigea vers l'arrêt d'autobus. Il prit son numéro d'ordre et, comme un taxi passait, il l'arrêta, lui donna l'adresse d'un restaurant et se cala dans un angle de la voiture.

*D*ésintoxiqué, Columot fut comme un homme auquel un chirurgien enlève une glande indispensable à l'exercice des facultés humaines. Le monde et la vie lui parurent dépourvus de tout intérêt, de toute saveur. En même temps qu'un rassasiement moral il éprouvait une transformation physique. Il engraisait. Son corps prenait une allure avachie qui faisait disparaître une élégance due tout entière à l'énergie et à la vigueur. Ses cheveux devenaient rares. Son regard perdait de l'assurance. Tout cela était encore augmenté par un dédain, un dégoût du vêtement et de la coquetterie. Il se sentait couler à fond, définitivement épave, et plus meurtri par la désintoxication que par dix ans d'opium. Ou, plutôt, cette désintoxication avait révélé brutalement les cicatrices jusqu'alors cachées. Il aurait immanquablement recommencé à fumer si une rencontre fortuite ne l'avait fait changer de milieu et de vice. Dans un restaurant il se trouva assis à côté d'un gros homme dont le visage reflétait un souvenir. L'homme, d'ailleurs, semblait aussi indécis et aussi intrigué que lui. Ils finirent par converser et se reconnaître. C'était Platard, un camarade d'escadrille, Platard qu'il avait connu dans leur vingtième année, dans l'enivrement de la guerre et d'une jeunesse qui flambait comme un puits de pétrole. Ils se remémorèrent leurs combats et leurs nuits d'ivresse, leurs maîtresses et leurs folies, la cocaïne, l'alcool, l'insomnie, les assiettes cassées, l'héroïsme. Dépouillés de leurs armures et de leur beauté ils n'étaient plus que deux hommes mûrs évoquant un passé éteint, indifférents à ceux qui vivaient autour d'eux. La guerre ne les avait pas même enrichis d'une belle histoire à transmettre en légende et en chanson. Leurs récits feraient bâiller leurs cadets, les femmes qu'ils avaient aimées étaient vieilles, engraisées et abêties. La fortune qui les avait favorisés était une fortune de papier-monnaie dont ils étaient incapables de tirer des joies durables. Ils s'attendrirent et burent jusqu'à l'ivresse comme jadis. Ils voulurent se prouver l'un à l'autre qu'ils avaient encore la résistance d'autrefois. Leur débauche qui dura huit jours les entraîna dans les lieux où, jadis, ils triomphaient, dans leurs uniformes de fantaisie, de toutes les palmes de leur croix de guerre. Telle boîte avait disparu, telle autre avait changé de style. Ils souffraient sentimentalement de ne plus entendre la musique d'antan, la chanson de 1917 ou celle de 1919. Il leur arriva de réclamer à l'orchestre : *J'ai une femme qu'adore les animaux ; Ça c'est pour vous ; Tu le reverras, Paname ; Over there ou Elle a un caractère en or, Éléonore, et Salut à la papa*. Il se trouvait toujours un musicien pour s'en souvenir. L'orchestre le suivait. Mais il ne jouait pas dans le mouvement ancien et les deux camarades restaient dans leur coin à tenter de recréer la chanson qui marquait leurs années turbulentes.

Columot sortit de là conquis par l'alcool et définitivement soumis aux exigences de sa vie. Il reprit la direction de son usine à la grande satisfaction de l'oncle qui ne dédaignait pas ces dîners lourds et ces excès de boisson. Quand Columot rencontrait tel ou tel ami des soirs de drogue il s'étonnait de ne plus parler son langage. Il s'étonnait surtout de ressentir si douloureusement l'absence de Barbara. Sa mort, il n'y pensait pas. Son absence, une absence sans motif, seule s'imposait à sa pensée. Il aimait à retrouver sur le visage d'une femme tel détail qu'il avait vu sur celui de Barbara... la couleur des cheveux, la forme des yeux, l'expression de la bouche, un geste familier de la main ou du corps. Il s'habitua aux parties de cartes dans un café, aux retours chaque soir dans un brouillard intellectuel qui lui rappelait celui de la drogue, aux réveils sans joie, au travail sans ambition. Il se trouva même qu'il eut plus d'argent qu'il n'en pouvait dépenser. Sa transformation physique s'accrut et nul n'eût deviné dans ce gros homme, qui discutait les cours de Bourse et les nouvelles d'aviation, un pilote du style Vie Parisienne. Il devait rester semblable à ce dernier aspect jusqu'à sa mort. Il était Columot, commerçant aisé, industriel solidement établi, exact dans ses échéances, ponctuel aux réunions professionnelles, partageant toutes les idées reçues de son milieu et dont son personnel disait qu'il aimait la bouteille et qu'il avait du coffre, mêlant ainsi en un même mot sa fortune financière et sa résistance physique.

Des années après le souvenir du clan Barbara se mêla dans la brume du souvenir avec les exploits de guerre et les joies de la petite enfance. Il y avait eu, autrefois, un Columot auquel le Columot survivant n'aurait pu servir de témoin et qui n'aurait pu restituer une image vraie de ce personnage disparu, imaginer ses pensées, conter ses fastes et les dangers qu'il avait courus.

*P*ourquoi ce jour-là plutôt qu'un autre ? Pourquoi cette fois-là ? Courvoisier se posa la question dès qu'il vit Estival sur le trottoir du boulevard de Courcelles. Il venait de la rue de Prony avec une soixantaine de grammes d'héroïne dans ses poches. Il ne tenta pas de fuir alors qu'Estival n'aurait peut-être pas tenté de le poursuivre. Le policier s'approcha de lui et, sans mot dire, marcha à côté de lui vers la place des Ternes. Ils allaient traverser la rue Pierre-le-Grand, au bout de laquelle brillait le dôme de l'église russe. Cette vision se fixa dans l'esprit de Courvoisier et servit d'illustration à la première phrase de son compagnon.

— Monsieur Courvoisier, ne vous défendez pas. Je ne puis pas faire autrement. Je vous arrête. Venez avec moi au commissariat. Je vous plains et pourtant je vous avais prévenu.

— Ah ! ne me plaignez pas. Faites votre métier et n'en parlons plus. Au commissariat, Estival fit mine de le fouiller. Il lui retira la plupart des paquets de drogue et, sans doute intentionnellement, lui en laissa deux grammes.

On ne l'enferma pas dans une cellule. On le laissa dans le poste, sur une banquette. À plusieurs reprises le prisonnier demanda à aller aux cabinets. On l'y conduisit sans guère le surveiller et il put priser à son aise. La journée s'acheva. Le soleil, par la porte, entraînait et déformait lentement le rectangle qu'il traçait sur le sol. Puis ce fut la nuit durant laquelle il n'y eut comme distraction que la partie de cartes des agents, les visites d'hommes et de femmes recherchant un objet perdu, l'arrestation de deux ou trois ivrognes bruyants vite sombrés dans le sommeil, au fond de leur cellule. À intervalles réguliers on entendait dans celle-ci le bruit des chasses d'eau automatiques.

Vers deux heures du matin deux agents amenèrent un homme ensanglanté. Quel était le motif de son arrestation ? Courvoisier ne put le comprendre. D'ailleurs il ne s'y intéressait pas. L'homme était silencieux et les agents parlèrent à voix basse à son sujet. Puis tous, agents et détenus, sombrèrent dans une somnolence à travers laquelle les bruits de la rue et le son des paroles résonnaient étrangement. Le passage des autos se fit rare. Courvoisier discernait à travers ce brouillard moral le déroulement de son destin et s'y abandonnait. La tête dans les mains, mi-rêvant, mi-lucide, il voyait ses souliers auxquels on avait retiré les lacets.

Seuls les agents rentrant de faction ou sortant pour aller la prendre troublaient maintenant la monotonie de la nuit. Ses souliers étaient le seul objet réel auquel se rattachait son esprit. Il en discernait les rides, les brisures. Il en comptait chaque point rattachant le cuir à la semelle. Ils bâillaient de tous leurs œilletons vides. Ils n'étaient plus que de pauvres choses colorées dans la couleur desquelles il imaginait des paysages et des visages. Le brun ici virait au rouge, là au

jaune, ailleurs au noir. Il balançait un rêve absurde entre ces trois couleurs, rêve d'évasion, rêve d'intervention, rêve d'invisibilité.

Tantôt il se sauvait d'une course légère à travers les rues, tantôt Antoine et Columot entraient dans le commissariat, le faisaient libérer, l'emmenaient finir la nuit dans une brasserie tranquille où l'on servait une bière savoureuse, une choucroute odorante, des moules grasses. Tantôt encore il disparaissait aux yeux des agents et de tous les hommes. Il allait alors se réfugier dans un palais tiède, aux moelleux tapis, où il vivait ignoré des habitants, surprenant leurs secrets, mangeant leur nourriture, buvant leur vin, dormant sur leurs divans, se chauffant à leurs feux, inconnu de tous, témoin insouciant de leur vie et de celle du monde. Il retrouvait dans cet anonymat le parfum des années de son enfance, les jeux insouciantes, la chaleur du ventre de la mère avant la naissance.

Le vent frais du matin le fit frissonner. Un agent revint avec un grand pot de café. On lui en offrit un quart. Il le but en se remémorant des réveils après des nuits de drogue, jadis, au temps où il était heureux. Soudain le soleil reparut, reflété cette fois par les vitres de la maison d'en face, un soleil pâle, qui ne pétillait pas, comme un champagne oublié dans une coupe au cours d'une fête. Il soupira. Une main se posa sur son épaule. Estival était devant lui.

— J'ai voulu vous éviter le panier à salade. J'ai une voiture. Venez. Il lui fit rendre sa ceinture, sa cravate, ses lacets et ils sortirent dans la rue. L'inspecteur affecta de lui parler comme à un camarade, mais un passant habitué aux scènes de la rue ne pouvait s'y tromper. C'était bien un prisonnier qui passait. Dans la voiture Estival lui passa le bras autour des épaules et lui murmura à l'oreille :

— Je ne pouvais pas ne pas vous arrêter. On va vous interroger. Écoutez-moi. N'avouez pas le trafic de drogue. Niez, niez ! N'avouez que l'usage. D'ailleurs on ne sera pas brutal. Et Courvoisier se reprit à espérer.

Non, l'interrogatoire n'avait pas été brutal. Il avait été rapide et les inspecteurs avaient parlé sans déférence mais assez poliment. Estival les avait sûrement prévenus. Mais Courvoisier se demandait pourquoi il n'avait pas été présent à l'interrogatoire, pourquoi il avait semblé l'abandonner. En réalité Estival était bien aise de ne plus avoir affaire à lui. Il craignait surtout qu'Antoine ne vînt lui demander d'intervenir en faveur de son ami pour lequel il ne pouvait se défendre de pitié et de sympathie. Courvoisier relevait maintenant du juge d'instruction. Il se félicita d'abord d'être seul dans une cellule, ce qui lui permit de priser le restant de drogue sans inquiétude. Mais la solitude bientôt lui pesa. Il considérait sans cesse sa vie gâchée sans espoir. Il savait bien que tout était fini, qu'il venait de changer de monde, que plus rien ne lui

restait de ce qui avait été ses amitiés, ses relations, ses habitudes, son monde intellectuel et social.

Mais surtout il se répétait les phrases de son interrogatoire à la police judiciaire et constatait avec amertume que, si les inspecteurs avaient été plus curieux, il eût livré le nom de tous ses clients, de tous ses amis et de tous les marchands de drogue qu'il connaissait. Il n'ignorait pas que la délation lui eût fait courir de graves dangers et il en avait horreur pour des raisons purement morales où la peur n'intervenait pas. Pourtant toute force de caractère l'avait abandonné au moment même où il s'était promis d'être le plus courageux. Et il savait que, placé en semblables circonstances, il serait aussi lâche, aussi dépourvu d'énergie. Il craignait donc de comparaître de nouveau devant les policiers ou le juge d'instruction. Et la solitude l'enserra de plus en plus en même temps que le besoin de drogue commençait à le faire souffrir. Il supposa que c'était par calcul qu'Estival lui en avait laissé, espérant le faire avouer et dénoncer tout ce qu'il savait quand la privation lui retirerait tout orgueil. La douleur était partout à la fois. Elle transformait en supplice la respiration, elle tenaillait l'intestin, rendait susceptibles jusqu'aux os, aux tendons, aux veines. L'exercice de ses sens était compliqué de phénomènes d'hallucination. Il crut s'entendre appeler. Il crut voir s'ouvrir la porte de la cellule. Il sentit des odeurs immondes se répandre autour de lui. Des saveurs écœurantes emplissaient sa bouche... Un gardien entra et lui demanda s'il n'était pas malade. Il eut peur d'un piège et répondit que non.

Quand il fut de nouveau seul il explora méticuleusement toutes ses poches, recueillant tout ce qu'il y trouvait de poussière. Et il pris celle-ci. Peut-être contenait-elle un peu d'héroïne, peut-être était-ce suggestion, mais il éprouva un soulagement. Soulagement de courte durée. De nouveau les angoisses de la mort prirent possession de lui. Alors il se mit à gémir sourdement. Mais il eut peur de faire revenir le gardien, peur d'être interrogé, peur d'être transporté à l'infirmerie. Il se tut. Soudain ses yeux se fixèrent sur le mur. Avec ses ongles il gratta le plâtre et le pris, trouvant quand même une satisfaction dans cet artifice.

Il transpirait maintenant et en même temps des frissons lui parcouraient tout le corps, des démangeaisons mettaient son épiderme en transe.

Il retira son veston pour se gratter plus violemment, plus rageusement. Dans cette rage sa chemise se déchira. Il l'enleva alors, la mit en lambeaux, en fit un lien court qu'il attachait au pied du lit, se passa la tête dedans et, d'une contorsion, il s'étrangla.

Un après-midi d'avril, Antoine rencontra Auportain. C'était sur les bords de la Seine à Auteuil. Auportain lui mit la main sur l'épaule et l'entraîna dans un café presque provençal. Un soleil délavé baignait le paysage. Un remorqueur passa traînant une file de péniches. Le quai était presque désert. Des autos passaient rapidement. On entendait des cris d'enfants qui jouaient sur la berge.

— Que devenez-vous ?

— Je travaille.

— Et la pipe ?

— La pipe ? fini ! Cela ne m'intéresse plus.

— Pourtant vous viendriez bien en fumer une ou deux chez moi, ce soir ?

— Ce soir ? Impossible. Je suis pris. Demain si vous voulez ?

— Impossible aussi. Je pars au train de huit heures pour Cannes.

— Alors tant pis, ce sera pour une autre fois.

— Votre rendez-vous de ce soir est-il si important ?

— Non. Ce sont des amis, de vieux amis, à qui j'ai promis de venir dîner et je ne voudrais pas les blesser.

— Et après le dîner ?

— Je les emmène au théâtre et après je me couche. J'ai un travail important demain matin. Auportain mit sa main sur celle d'Antoine. Un sourire paternel, un peu triste, éclairait son visage. — Vous êtes sauvé, Antoine. Ne rien abandonner pour la drogue, tout est là. Vous m'auriez refusé tout à fait, j'aurais pensé que vous aviez votre provision chez vous et que ma compagnie vous ennuyait. Mais aussi vous avez refusé de remettre un rendez-vous que vous reconnaissez vous-même être peu important, vous avez préféré vos vieux amis – pour lesquels je vous sens plus d'indulgence que d'intérêt – à une soirée d'opium. Et cela aussi, c'est très bien. Si je vous rencontre de nouveau, Antoine, je ne vous proposerai plus ma toufiane, mais j'espère que vous me ferez ce jour-là le plaisir de dîner avec le vieux bonhomme dont la vie n'est pas gaie.

— Auportain...

— Oui, voyez-vous, la mort de Barbara m'a fait une grande peine. J'aurais voulu la sauver... mais je vous chagrine ?

— Écoutez-moi aussi. La mort de Barbara m'a durement marqué. Mais elle m'a replié sur moi-même et maintenant je me demande si je l'aimais réellement. Si je l'aimais pour elle-

même ou pour moi-même. Je ne suis pas sûr de l'avoir bien aimée... ou alors j'aurais dû la sortir de là.

— Où avez-vous vu de l'amour sans égoïsme ? On n'aime pas pour soi, on n'aime pas pour autrui. On aime une femme pour elle-même et aussi pour soi-même. Ne vous reprochez rien. Cela n'est pas de votre faute. Ne m'imitiez surtout pas. Une aventure semblable à la vôtre m'a conduit au renoncement. J'ai renoncé. J'ai eu tort. Je suis maintenant le vieux fantôme d'un cimetière sentimental... et depuis un an j'ai enterré bien du monde...

— C'est vrai... que de morts ! Barbara, Berthe, Jeanne, Simone Remige, Dondlinger, Artenac, Courvoisier, et je ne parle pas d'Arichetti, mort vivant dans son asile...

— Tout de même je vous vois là, devant moi, et sauvé, j'en suis sûr. Je ne m'y trompe pas. Et votre présence me console un peu. D'une cour voisine arrivaient des gammes jouées au piano par des mains malhabiles. Il était quatre heures. Des enfants revenant de l'école passèrent en riant et se bousculant. Tous deux les regardèrent en silence. Puis Auportain jeta un billet sur la table.

— À un de ces jours, mon cher Antoine.

Et il s'éloigna. Antoine Maison le regarda partir. Une joie mélancolique le pénétrait. Il avait l'impression de tenir l'univers dans son cœur et jamais l'univers ne lui avait paru si grand.

Quelques mois avant les derniers événements qui viennent d'être rapportés, Antoine rentrait à l'aube vers Paris en traversant à pied le bois de Boulogne. Entre Suresnes et Saint-Cloud il s'était attardé dans des bals de mariniers et des caboulots où l'on jouait à la passe anglaise. Déjà il aimait s'évader, seul, loin d'amis dont le destin lui apparaissait de plus en plus misérable, l'amitié de plus en plus douteuse.

Il avait traversé la Seine noire, luisante et bombée. Des lumières s'agitaient à bord des péniches. Le ciel pâlisait. La bouche amère de tabac et d'alcool, il respirait le vent froid de la nuit expirante. Les lueurs de Paris se délayaient dans le crépuscule du matin. Le bois était engourdi. Annoncée de loin par le trot sonore de son cheval, une voiture de laitier passa à vive allure. Antoine marchait rapidement et joyeusement, lavé et désaltéré par l'air, heureux de se sentir vivre.

Seule la route était blanche. Dans les taillis sombres, une bête, chien égaré ou chat marron, détala. Il y eut des battements d'ailes dans un arbre. En arrivant aux lacs il entendit un lourd plongeon puis le clapotis d'un peu d'eau contre les barques dont les chaînes tintèrent. À la rencontre d'Antoine venait une automobile. Ses phares étaient puissants, l'intérieur était vivement éclairé. Un chauffeur impassible la conduisait à faible allure. Elle flottait plutôt qu'elle ne roulait. Antoine, perdu dans ses rêves, ne la regarda pas.

Un instant après il l'entendit revenir derrière lui. Les phares allongèrent l'ombre du marcheur, puis l'auto le frôla. Cette fois il regarda à l'intérieur.

Sur des coussins de satin blanc, entièrement nue, cheveux blonds dénoués, reposait une merveilleuse créature. La voiture continua son chemin, fit demi-tour à quelque distance et revint, plus lentement encore, le frôler de nouveau. Il avançait toujours et l'auto continuait la même manœuvre. À chaque passage Antoine regardait le beau corps blanc, le visage indifférent, les ombres douces qui modelaient la chair. Enfin, quand la voiture le frôla encore de plus près, il mit le pied sur le marchepied et tendit la main vers la portière. Alors, obéissant à un mot d'ordre, l'auto démarra à très vive allure, manquant même de le renverser.

Cette fois elle poursuivit son chemin. Antoine la vit décroître sous l'ombre des arbres qu'elle éclairait tour à tour comme un décor de théâtre. Puis elle vira dans une allée transversale. Sur la chaussée de celle où marchait Antoine les ombres des troncs d'arbres tournèrent comme les rayons d'une roue gigantesque. Puis la lueur n'apparut plus qu'au hasard d'éclaircies lointaines et disparut enfin complètement. Antoine arrivait à Paris dans le petit jour. Tous les oiseaux pépiaient dans les arbres. Un coq chanta près d'une maison de garde. On s'agitait

dans la gare des tramways du Val d'Or. Des files d'ouvriers franchissaient la porte Maillot. La bonne odeur du café sortait des percolateurs dans les premiers cafés ouverts avenue de la Grande-Armée. Les réverbères s'éteignaient. Le vin était tiré...

ANEXO II

A lua resplandecia. Sua luz brotava dos abismos negros que ela cavava entre os barracões. O ar, a terra e a noite respiravam. Os perfumes subiam dos tufos da relva e dos torrões da terra. As sentinelas se deixavam embalar por essas exalações e pela languidez da meia-noite, pelo movimento quase perceptível do planeta e pelo luar que embelezava os arames farpados, suavizava até quase o laranja o vermelho das chechias e das faixas, e dava ao véu caqui o brilho e os reflexos da seda.

A algumas centenas de metros do campo distinguia-se um bosque de oliveiras, ou melhor, “o” bosque de oliveiras. Passado o crepúsculo, passada a hora das orações, não era bom demorar-se por lá. Mais de um spahi, mais de um zouave, mais de um tringlot lá deixou a sua vida, em uma noite de embriaguez. Ao cair da noite o recinto era fechado. Mais ninguém deveria estar fora... Mas da cantina dos oficiais ao abrigo do soldado contavam-se inúmeras histórias de companheiros mortos por um dissidente à espreita. Nunca saberemos por que essas quatro ou cinco oliveiras não tinham sido abatidas.

Logo depois delas começava a colina escarpada, plantada de videiras, rodeada de armadilhas invisíveis: cercados, estacas e ardis. No topo, a cidade árabe dormia ao abrigo das muralhas sarracenas, ladeada por torres quadradas e atarracadas. Sob o céu negro a cidade parecia ainda mais branca, mas a claridade era tão grande, as sombras tão intensas, o relevo tão acentuado que o olhar perdia a noção de distância.

Um barulho repentino irrompeu nos ares, um galope que despertou os soldados sonolentos e, lá no alto, contra as muralhas ao redor das quais ele corria, surgiu um cavalo branco, sem cela, sem cavaleiro, sem arreios, crina ao vento em sua corrida. Era um cavalo perdido, em busca de seu dono, assustado por sua sombra e desorientado.

Alguns minutos se passaram e então o galope ressoou, o cavalo reapareceu na curva das muralhas, passou e desapareceu. E ele continuou sua corrida ao redor da cidade com uma regularidade mecânica.

Parecia absurdo ouvi-lo e vê-lo tão distintamente como se a lua amplificasse de uma só vez seu tamanho, o barulho de seus cascos e o eco desse barulho. Ele ganhava na paisagem uma importância fenomenal como um meteoro ou sinais celestes de eras passadas.

Os soldados senegaleses levavam as mãos para o talismã costurado no fundo das suas chechias.

Então a densidade da noite se modificou. Uma porta bateu. Com a calça batendo nas panturrilhas nuas, de camiseta, um suboficial se aproximou. Bocejou, acendeu

um cigarro e mediu com seu relógio o tempo necessário para o animal completar sua volta. Camaradas vieram se juntar a ele. Mas a angústia dos soldados crioulos passou aos árabes, aos Kabyles. Ela conquistou os europeus: rapazes de Paris, lavradores da Beauce, vinicultores da Borgonha. Em voz baixa, trocaram histórias de fantasmas, de mortos-vivos e de casas assombradas que todo homem guarda para noites como esta.

Nos arredores um pássaro da noite trinava. Ouvia-se um chacal ganir, depois, muito perto, tão bruscamente que todos se sobressaltaram, um vagabundo provocava os cristãos com os nomes de Abd-el-Kader e Abd-el-Melek, com rugidos e gritos agudos, patéticos como os do amor.

Um subtenente pegou o rifle de uma sentinela, mirou com cuidado, disparou e errou a fera. Outros o imitaram. O tiroteio ressoou longamente pelas montanhas. Os oficiais do acampamento juntaram-se aos soldados. Cada vez que o cavalo aparecia no canto da muralha, soava uma salva de tiros e os ecos rolavam por muito tempo para o deserto como barris vazios. O cavalo corria ainda. Como flocos arrancados da sua venta, nuvens brancas passavam pelo céu, pois, mesmo que ninguém nem pensasse nisso, era o alvorecer.

Um primeiro raio de sol apareceu por cima das montanhas, bateu nos telhados da cidade e passou sobre o acampamento sem tocá-lo. No mesmo instante o cavalo, a crina fluando, foi absorvido, dissolvido pela luz. Seu galope se extinguiu de um golpe só. Os pássaros cantavam. Os insetos ciciavam, procurando o ritmo familiar com cortes de silêncio. Os homens cansados voltaram ao seu sono. Antoine ficou só. Pegou na cozinha da cantina um naco de pão e saiu do acampamento para pegar um dente-de-leão selvagem ou, na fonte próxima, alguns ramos de agrião para comer no vento da manhã. O sol ainda estava suave, o orvalho quase seco...

A noite caía sobre o Marne. Um último barco passava acelerando em direção a Nogent. O “Encontro dos Pescadores”, afastado das mansões e dos salões de dança, alinhava seis mesas e três quiosques na frente do rio. Atrás de muros cobertos de musgo e de árvores espessas, podia-se ver uma grande casa com janelas fechadas e, separada por uma ruela, outra propriedade em um parque. A noite de abril era calma, fresca e perfumada. Havia cerca de dez jovens conversando no terraço.

— Nosso amigo Antoine tem um bom coração, disse Courvoisier.

— Para mim, essa história me dá medo...

Era Bárbara Durand que falava. Ela e Courvoisier eram belos na sua juventude, vigorosos e saudáveis, mas algum langor em seus olhares e nas suas posturas já deixava pressentir a idade ou a fadiga. Ao lado deles, Artenac, apesar da sua elegância camponesa e por causa da sua robustez, era um grosso. Foi ele quem os levou até mãe Lampion, no “Encontro dos Pescadores”. Morava bem pertinho em um pequeno pavilhão isolado entre os dois parques e mais afastado de qualquer barulho do que se estivesse a cem léguas da cidade. Pouco sabiam de Antoine Maison. Eles só o conheciam há algumas semanas. Foi ele que acabara de contar essa sua lembrança da África.

— Vamos entrar? Perguntou Berthe.

— Entrar! E jantar? Artenac mostrou dentro da sala uma mesa posta.

— Uma sopa consistente, um frangocozido no molho branco, umas manjubinhas fritas, uma salada e uma torta feita pela própria mãe Lampion.

— Você está com fome?

— Sim, Berthe, tenho fome.

— Eu não.

— Não lhe dê ouvido, disse Courvoisier, ela pega qualquer coisa. Isso acaba com seu apetite. Eu, pelo contrário, depois de seis cachimbos comeria um javali, não é mesmo, Bárbara?

— Para mesa, ela respondeu, levantando-se.

Eles jantaram alegremente. Courvoisier pediu café, queria fazê-lo ele mesmo e servi-lo para seus companheiros. Uma febre os apanhara enquanto comiam, tinham pressa em acabar.

— Então, mocidade, estão satisfeitos? Perguntou mãe Lampion. Agora vocês estão preparados para a noite. Tenho a impressão que vocês não vão dormir tão cedo.

O final da ruela estava trancado por um portão, uma porta de duas folhas. Ela dava para um pátio musguento no fundo do qual um pequeno prédio branco, adornado com uma videira, tinha a aparência de um cenário. De cada lado um caminho estreito ao longo das paredes dos dois grandes parques levava a um jardim triangular que se estendia atrás da casa. Artenac abriu uma porta francesa e todos entraram em uma sala de estar, contígua a um quarto, depois a uma sala que dava para o jardim. Em um canto estavam empilhados colchões e cobertores. Em poucos minutos eles foram transformados em grandes sofás. Bárbara espremia limões e laranjas nas xícaras, enquanto os outros estavam arrumando bandejas, cachimbos e lamparinas.

— Somos muitos, observou Auportain, e só temos três lamparinas.

— Duas lamparinas para três pessoas e uma lamparina para quatro, sugeriu Courvoisier.

— Não... Muito mais simples. Eu vou comer um pouco do seu *yunnam* e espero a minha vez.

— Meu *yunnam*! protestou Artenac ... O legítimo *bénarès*.

— O *Yunnam*, meu querido, melhor assim. Suas *bénarès* são para as senhoras. Eu prefiro essa droga contrabandeada que vale o que pesa e mantém seus frutos. Eu prefiro vinho de origem em vez de aperitivo.

— Como quiser! E, irritado, Artenac sorriu... Não tenho a pretensão de lhe ensinar o que é o ópio. Vocês o conhecem melhor do que eu, um homem do mato.

— Você já esteve na Índia? Antoine perguntou.

— Sim

— E foi lá que...?

— Que eu tomei gosto pelo bambu? De jeito nenhum. Foi na Rue de Martyrs em Paris, vinte anos depois do meu retorno. Na Índia bebia uísque e era muito melhor.

— Auportain é um excêntrico, assegurou Lily. Ele não para de difamar o ópio, mas é o fumante mais fanático de todos nós.

— E o mais velho... Sim, eu fumo há vinte e cinco anos e agora tenho sessenta e cinco anos, mas não me obrigo a parar de fumar... Pelo menos, quando eu tinha a idade de vocês, eu tinha coisas melhores para fazer do que ficar me drogando.

— Oh doutor! Você vai estragar a noite toda com sua moral.

Era Bárbara já estendida que estava fervendo uma gota de ópio crepitante na ponta de uma agulha sobre a lamparina.

Sem responder, Auportain despejou num copo sua dose de ópio, encheu-o de água, agitou com uma colherzinha e engoliu essa bebida amarga. Acendeu um cigarro e, pegando Maison pelo braço, arrastou-o para um banco no jardim.

Ouviam-se os barulhos de asas nas árvores, alguns pios logo interrompidos. O crescente claro da lua emitia reflexos sobre as relvas do gramado e a água tremulante de uma pequena fonte.

— O que você faz por aqui? Perguntou o velho fumante ao seu companheiro.

— Eu?

— Sim, você. Você tem vinte e cinco anos e parece ter na cabeça outros desejos além de se mumificar. Sobretudo não imagine que toda essa porcaria vai deixar você envelhecer.

— Envelhecer? Do que adianta?

— Você já foi magoado?

— Não.

— Então, o que você está esperando para fazer amor com uma mulher que seja como uma égua de dois anos e que lhe oferece uma batalha todas as noites?

— Eu não te disse que não gostava de ninguém.

— E você estaria errado. Uma peça velha como eu não precisa observar muito para entender que Bárbara te agrada.

— Bárbara é encantadora... Mas...

— Mas o que?

— Mas o que posso fazer? Ela é rica e eu sou pobre.

— Jovem idiota, qual a importância?

— Isso tem importância.

— Então, ganhe dinheiro.

— Fácil de dizer.

— Mais fácil de fazer do que pagar as drogas. Você acredita que isso custa quatro centavos por dia? Para ter droga é preciso de dinheiro, muito dinheiro que as drogas vão te impedir de ganhar e se você ganhar estará tão cansado à noite para preferir dormir à insônia embasbacada do ópio. É preciso ter no seu coração um grande desejo, meu jovem amigo, um grande desejo sempre presente. Ele levantou a mão para o céu onde acabara de passar uma estrela cadente.

— Faça um desejo. Maison hesitou e por fim falou:

— Ser amado.

— Não é assim que se faz! A estrela cadente não deve ter se apagado antes de o seu desejo ter sido formulado. Devemos ser ávidos naquilo que desejamos e gritar "Eu quero a mulher que amo"! ou " eu quero a glória" ou "eu quero dinheiro "; sim, o dinheiro é melhor do que um cachimbo. É preciso falar o que queremos rápido, ansiosamente.

— Mas eu só posso me aproximar de Bárbara fumando...

— Então a salve ou salve a si mesmo.

A noite agora estava escura. Maison só via o rosto de Auportain quando ele tragava o seu cigarro. Um brilho vermelho iluminava então esse rosto com grandes olhos marcados por pés de galinha, nariz audaciosamente desenhado, boca fina, tez mate condimentada nas bochechas pela rosácea. Courvoisier se divertia em dizer que o médico tinha estirpe. Diziam que sua juventude fora brilhante e tumultuada, mas depois de duas gerações, as provas dessa nobreza mundana se perderam mais seguramente que os pergaminhos da Idade Média. Esses jovens sabiam que o doutor Auportain tinha sido um rei em Paris nos anos 1890, que seus hábitos serviram de modelo. Removidos para o fundo de uma província ou enclausurados em um mundo de velhos, alguns de seus contemporâneos ainda se lembravam dos nomes das suas amantes, e elas tinham sido famosas. Na conclusão de uma tese sobre as principais doenças epidêmicas, um estudante poderia ainda citar na bibliografia suas "Observações sobre a Epidemia de Peste de 1886 em Chandernagor, Mahe e Madras", observações que lhe valeram, ao mesmo tempo em que entusiasmadas entrevistas nos jornais e a estima dos seus pares, a Legião de Honra que o tornara o mais jovem legionário da sua época. Mais alguns anos, vinte no máximo, e o total esquecimento logo seguiriam a sua morte. Um dia, no fundo de um sótão, abrindo um pacote de velharias, seu nome talvez chamasse a atenção em um jornal amarelado. E tal seria o destino desse homem maravilhosamente dotado de muitas qualidades de coração e de mente cuja clarividência era grande o suficiente para ele ser o primeiro a conhecer. Depois de um silêncio, ele continuou:

— Faz muito tempo que você conhece o Courvoisier?

— Seis meses, foi Bárbara quem me apresentou. Aliás, como todos os que estão aqui, mesmo você.

— Você sabe que ele poderia ser o principal físico da sua época?

— Eu sei que ele trabalha com a ciência. Mas não há nada entre ele e Bárbara?

— Eu? Eu não sei nada e além do mais isso não me interessa. Eis um garotão que é de uma beleza de fazer morrer de ciúmes e que não encontra nada melhor do que se destruir e se entorpecer. Você o acha sedutor... Não está nem perto do que ele poderia ser.

— E Artenac? Quem é?

— Um imbecil. Você pode me dizer o que ele faz, além disso, aquele lá? Eu, o tipão que ele é, na sua idade, já teria cruzado o Brasil, cuidado de rebanhos na Argentina, caçado elefantes na África e deixado um filho em todas as ilhas do Pacífico. Filho de burgueses, órfão e bastante rico para realizar as fantasias de um rapaz.

— E Bárbara?

— Estava esperando por isso. Ela é muito bonita, não é? Quanto ao resto, trinta mil francos por mês é a sua pensão de moça livre... Seu pai? Ele se importa com seus negócios e sua mãe, ela, meio maluca, faz as mesas rodarem a noite toda... Um milhão em jóias, depositadas em um banco qualquer... Outras dezenas de milhões para herdar um dia e uma saúde tão sólida que ela terá a última palavra. Vão colocar Bárbara Durand em um cemitério que, bela e saudável, finalmente permanecerá sozinha para não ser maltratada.

— Se entrássemos para fumar um pouco?

— Já que você quer.

Os dois entraram na sala. Ao redor de uma lamparina, Courvoisier, Berthe, Lily; em torno da outra Bárbara, Arichetti, Artenac. Um cheiro forte, inesquecível e sedutor fluía no lugar, fluindo pelas paredes, impregnando as cortinas, tão concreto que Maison teve a sensação de percebê-lo em todo seu corpo. Columot e Marie-Jacqueline viajavam em um canto escuro da sala, em pilhas de almofadas. A terceira bandeja estava livre. Antoine e Auportain se instalaram. A habilidade deste último era extraordinária. Sob os seus dedos magros, a agulha girava e a gota de ópio inchava, cozinhava, amadurecia. No final, com um gesto brusco, ele a colocou sobre o forninho, transpassou e entregou a bolinha de ópio ao companheiro na ponta do grande tubo de bambu. Ele havia escolhido, com intenção, o mais simples dos cachimbos, sem ornamentos, sem metais preciosos. Nada mais do que um pedaço de bambu e um forninho de barro com uma estrutura muito simples e uma ponteira de âmbar. Ele assim deu uma lição de elegância a Artenac, cujo cachimbo de marfim com ornamentos complicados, o forninho de faiança que era apenas um objeto de exportação e até Bárbara que havia trazido um cachimbo antigo, uma verdadeira peça de museu.

— Olhe para mim, disse Auportain para Maison... Vinte e cinco anos da minha vida me levam a esse resultado: sou um dos melhores fazedores de cachimbos da Europa. Depois dessa, deboche dos colecionadores de selos postais.

Courvoisier se dirigia a Antoine:

— Que isso te sirva de exemplo, meu querido. No dia em que o doutor concordar em fumar um cachimbo preparado por você, nesse dia, e só nesse dia, você poderá dizer que sabe fumar.

Berthe Cassotte não escondeu o que pensava disso tudo.

— Tenho horror dos seus modos. À mesa o cozinheiro vem contar como esvaziou e preparou suas aves? Pois é? Então faça o mesmo com a sua arte de preparar os cachimbos.

Era uma bela moça que levava a vida com a frieza e a imprudência de um grande aventureiro. Nada lhe surpreendia a não ser a surpresa dos outros diante dos seus atos por vezes delirantes. Quem era seu pai, sua mãe, sua família? Ninguém sabia. Diziam que era aparentada a um famoso embaixador e que era aceita em lugares muito seletos em Londres. Para o resto, procure quem quiser. Pois, apesar de o ópio levar a confidências, jamais Berthe dissera algo do seu passado. Ainda por cima ela mentia com a segurança daqueles que encontram na mentira a sua satisfação e pouco se preocupam se acreditam ou não nelas. Assim, misturando o verdadeiro e o falso, mas silenciando sobre o mais íntimo dos seus pensamentos, criou ela mesma sua lenda e ali se instalou com prazer. Ao seu lado Julie Angeot, conhecida por Lily, para seduzir tinha apenas o frescor dos seus dezoito anos. Onde Berthe a encontrara? Chegou com ela numa noite de drogas na casa de Courvoisier, preparou para ela doze cachimbos de ópio com os quais a pequena pensou que ia morrer. Courvoisier não podia se lembrar disso sem rir. Como, ao vomitar na pia, Berthe lhe segurava a cabeça repetindo:

— Vomite minha querida; vomite, minha criança ; é a virgindade que você perde.

Porque todos, mesmo Auportain, tinham passado por essa terrível prova da primeira vez com a droga, que termina com náuseas dolorosas, apertos no coração, cólicas no ventre e no estômago. Verdadeiro enjôo que despoja o fumante neófito de toda dignidade, toda vontade, toda força. Eles podiam sorrir olhando para os outros, mas em sua memória guardavam a imagem do que havia sido aquela primeira noite e qual degradação final denunciava sua iniciação.

Para Antoine Maison, isso acontecera no dia 14 de julho anterior, na casa de Bárbara. Foi com ela que conheceu as drogas, foi com as drogas que ele tentou conhecê-la melhor. Lembrou-se claramente da viagem de volta quando, por volta das quatro horas da manhã, no alvorecer iluminado, ela o levou inconsciente para sua casa em Montmartre, no seu carro esporte sem capota, através dos bailes públicos que se abriam na sua frente e se fechavam após sua passagem.

No entanto, Antoine mergulhava com deleite em um pântano de sonho e esperança. O devaneio tomou posse dele. Ele parou com o cachimbo, acendeu um cigarro, bebeu uma limonada e se escorou entre as almofadas. O cheiro de ópio nele penetrou e o apanhou. Seu futuro lhe aparecia róseo e já no passado. As imagens dos seus desejos o

assaltaram como uma maré e se precipitaram em sua mente com uma velocidade vertiginosa. Ele triunfava sobre os menores obstáculos, entregava-se a empreendimentos malucos, e o cenário foi abolido. Pareceu-lhe que horas haviam passado. Olhou para o relógio. Fazia apenas quinze minutos que ele sonhava. Ao seu lado, Auportain fumava metodicamente. Uma poderosa inspiração fazia a fumaça penetrar em seus pulmões enquanto ele inclinava o forninho sobre a chama. Então ele a expelia lentamente em volutas espessas. Antoine mergulhou de volta nas suas trevas. Quando ele retomou a noção da realidade, todos estavam isolados em seu universo pessoal. Somente Bárbara ainda fumava. Antoine levantou-se e veio se esticar perto dela.

— Um cachimbo?

— Com prazer.

Ela mesma o preparou e estendeu o cachimbo para ele.

— Como estamos bem aqui, ela disse. No verão, podemos abrir as janelas sem medo e os perfumes das flores se misturam com o do ópio. Nós nos sentimos livres. Não precisa mais se esconder.

— Imagino que fumar no mar deve ser fascinante.

— Sim! Subi o Missouri no iate de um dos meus amigos. Foi delicioso. Mas, diga-me, Antoine, você está dependente?

— Eu? Não... Pelo menos acho que não.

— Você fumou ontem?

— Não, nem anteontem...

— Então você não está viciado. Mas isso vai acontecer com você como foi com os outros. Aliás, não tem nenhuma vantagem, você sabe. Mantenha sua liberdade o maior tempo possível, é muito melhor. Ainda assim, tenho um amigo que passeia pelo ópio como um peixe na água. Ele entra nela, fica aí por seis meses a fazer fumaça como uma locomotiva e sai da noite para o dia sem o menor mal-estar. Mas eu conheço só ele assim. Antoine começou com um novo cachimbo. Ela guiava o forninho sobre a chama e, na ponta da agulha, pairavam ao mesmo tempo bolhas da borra.

— Está bom onde você mora?

— Sim! Um quarto de hotel simples em Montmartre.

— Como isso deve ser divertido! Você vê todo o panorama de Paris pela janela?

— Não, nada além de uma rua banal e triste e um pedacinho da Sacré-Coeur entre dois telhados.

— Oh! Mude-se... Existem apartamentos maravilhosos em Paris por nada... Basta fazer algumas despesas e temos um palácio...

Antoine pensou nos quinhentos francos que gastava todos os meses no seu alojamento. Essa vida que tinha sido o sonho da sua adolescência já se revelava insignificante. Esse quarto de hotel simbolizava uma liberdade conquistada com muito esforço sobre preconceitos de castas, obstáculos familiares e a dificuldade de ganhar a vida. No entanto, ela lhe parecia a própria imagem de uma mediocridade à qual resolveu escapar. O ópio já lhe dava essa ilusão. Por seu intermédio penetrava no seu castelo da Bela Adormecida, um castelo onde, de acordo com seu humor, organizava sua solidão ou marcava um encontro com seus amigos, que seriam todos encantadores, fiéis e inteligentes...

—Você está viajando? Bárbara perguntou.

— Sim... Eu sonhava... Sonhava com você.

— Com você também. É sempre assim... Mas o que você faz na vida? Desde que eu te conheço, não fala nada sobre você... Aposto que você gostaria de dar a volta ao mundo...

— Sim! Eu ficaria encantado com isso, mas não é o maior dos meus desejos.

— Qual é então?Vejam qual é o seu maior desejo?

— Descobrir um tesouro escondido...

— Isso deve ser muito excitante! No meio de uma floresta, nas ruínas de um castelo ou de uma abadia... Escavamos... Escavamos... E encontramos um baú onde estão jóias antigas de três mil anos, diamantes, turquesas, rubis.. .O cetro de Filipe, o Belo, e também adagas de marfim e ouro, anéis e talismãs, como nos romances de cavalaria.

— Não peço tanto assim... Não, no canto de uma campina sombreada por álamos, sob alguns centímetros de terra, encontrar um jarro cheio de medalhas com efígies há muito esquecidas. Bem perto há três grandes cogumelos completamente róseos. Um sapo e gafanhotos pulam na grama, grilos conduzem seu comboio, borboletas e pássaros voam. Ouvimos o grito distante de uma locomotiva. No horizonte, longe, uma pastora guarda as ovelhas na encosta de uma colina, e atrás de uma sebe, há a correria de uma lebre. O ar vibra, o sol está quente, uma grande nuvem branca atravessa o céu, projetando uma sombra rápida e suave.

Ela largou o cachimbo e afastou a bandeja.

—Sim... E lá também haveria dois anéis com sinais gravados na esmeralda. E cada um de nós pegaria um.

Ela colocou a mão no ombro dele e o beijou longamente na boca. Ele a enlaçou com os dois braços, e eles permaneceram entrelaçados por um longo tempo, cabeça sobre a cabeça, peito sobre o peito.

Bruscamente, ela desfez abraço, acendeu um cigarro e entregou-lhe a carteira.

— Estes são os Westminster's Comander... Temos dificuldade de encontrá-los em Paris... A menos que você prefira os Bocks, os melhores cigarros de Havana.

Ele colocou a mão no seu pulso.

— Bárbara, você gosta um pouco de mim?

— Gostar? Como? Sim, eu gosto muito de você Mas, o amor, tente acertar com ele. Eu não acredito nisso, ou melhor, não acredito mais nisso. Vamos falar de outra coisa... Isso estragaria a noite.

Antoine, proibido, não sabia o que dizer. Ele agarrou-se a seus companheiros.

— Quem é o Arichetti?

— Ah! É um ser sensacional! A fantasia feita homem. E tão engraçado!... É também uma das minhas descobertas. Eu o conheci em Juan-le-Pins, ou melhor, não, em La Napoule. Um dia de verão que fazia muito calor... Eu estava tomando sol na praia, entre La Bocca e La Napoule, quando, de repente, vejo sair da água um garoto todo vestido: sapatos brancos, calça branca, camisa azul e gravata azul e vermelha. Acreditei sonhar. Por fim, eu lhe perguntei: "Você vem da África? — Não, ele responde, venho de Cannes caminhando. Estava tão bonito... mas tão quente e a água estava tão boa! Eu vim caminhando dentro d'água". Nisso, ele se despiu, ficou só de cueca, e colocou as suas roupas para secar. Mas o melhor foi quando ele passou as roupas com pedras aquecidas pelo sol! Por fim voltamos juntos e jantamos. Depois eu o levei para fumar alguns cachimbos. Ele já tinha o costume.

— Mas o que ele faz?

— Ele é representante de uma grande companhia americana de não sei o quê. Ou melhor, ele era. Acho que teve problemas com eles que até pagaram uma grande indenização para se livrar dele. Foi com isso que ele pode comprar seu carro maravilhoso.

— Mas ele tem dinheiro?

— Não. Mas ele sempre ganhará. Tem um talento extraordinário. Se quisesse ser decorador, ganharia uma fortuna. Todos os ricos de Paris são loucos por ele... Mais um cachimbo?

— Eu estou voltando... Arichetti vai até nos levar...

Era Columot em pé ao lado deles, com Marie-Jacqueline.

— Voltar? Que horas são?

— São cinco horas, minha linda Bárbara.

— Já!

Arichetti, Columot, Marie-Jacqueline e Lily foram embora e o barulho do carro possante ressoou longamente na noite. Então Antoine entrou em um longo túnel de imaginações douradas, de onde saiu subitamente para ver que era dia. Bárbara e Berthe repousavam em um sofá, envoltas em roupões de banho e cobertores. Courvoisier acendeu um cigarro em frente ao portão do jardim. Auportain estava com o chapéu na mão.

— Meu caro senhor, quer voltar comigo? Faremos um passeio a pé ao longo do Marne ou no Bois de Vincennes. Bárbara e Berthe ficam aqui um pouco mais, ou seja, até as cinco da tarde, e deixaremos Courvoisier ir embora no seu meteoro.

Antoine se levantou. Engoliu um copo grande de laranja, molhou o rosto e saiu com o companheiro. Uma bruma leve ainda flutuava sobre o Marne. A paisagem prolongava a atmosfera da noite. Sem dizer uma palavra, eles iam como que flutuando em uma nuvem. Um barulho de motor os alcançou e a voz de Courvoisier:

— Doutor, não é bom andar no meio do nevoeiro. Entre na minha caranga. Eu deixo vocês onde quiserem... Vocês não falavam do Bois de Vincennes?

E os todos os três partiram, Antoine aliviado por não deixar Courvoisier para trás, mas inquieto em deixar Bárbara com Artenac.

Alguns minutos depois, Courvoisier os deixou numa alameda do bosque. Depois partiu, quase bateu num ciclista que passava sozinho, e desapareceu em uma curva.

—Aonde ele vai com tanta pressa?

— Para lugar nenhum, meu caro Antoine. Ele acordou nessa manhã com um grande projeto em mente. Esteja certo que ele pegou a direção do laboratório onde ele pode trabalhar. Mas ele irá até lá... Será desencorajado antes? Eu o observava esta noite enquanto você sonhava com Bárbara. Ele estava sozinho no sofá. Uma lamparina iluminava o seu rosto lindo. Por um momento ele quis anotar alguma coisa, pegou sua caneta. Tempo perdido, ele colocou a caneta de volta no bolso sem nada ter escrito. Ele foi em busca do seu sonho. Devemos desejar que ele o encontrasse? Eu não sei. Sem dúvida, esse lampejo, essa ideia seria medíocre.

A alameda os conduziu a um grande gramado. Um jardineiro cortava a grama. Um vento leve carregava alguns pedaços de grama. Eles se sentaram em um banco. Auportain se calou e Antoine, entorpecido, não tinha nenhuma vontade de romper o silêncio. Aproveitava a bela manhã. Ele se sentia carregado por asas invisíveis. O sabor do ar penetrava

em sua pele toda. Tinha consciência de respirar e de retirar um grande prazer por banhar-se com aquele ar fresco nos recantos mais íntimos de seu corpo, do seu coração e da sua mente.

*B*árbara morava em Auteuil em um apartamento enorme, mas a maior parte das peças estava fechada. A sala lhe servia de estúdio e ela não penetrava em nenhum outro lugar além do banheiro. As janelas se abriam para uma vista de casas no tumulto do qual surgia a Torre Eiffel. Mais além, estava a linha das colinas dos subúrbios próximos, recobertos de bosques densos. Nas clareiras se podia distinguir imóveis cujas luzes perfuravam a espessura das noites.

Antoine encontrou Bárbara sozinha. Ela se privava de empregados para estar mais à vontade. Apenas uma diarista vinha algumas horas pela manhã. Ela estava vestindo um roupão branco. Depois de ter feito o jovem entrar, voltou a se sentar em uma poltrona, em frente à janela aberta. Uma garrafa de conhaque estava no chão, um copo pela metade decompunha a luz sobre o tapete cinza. Antoine de repente se viu tomado por uma inquietude. Parecia-lhe que o seu crânio havia sido esvaziado de toda substância cerebral. Nada mais lhe restava que um grande buraco que lhe dava vertigens. Não sabia o que dizer, não encontrava uma frase que valesse a pena ser pronunciada. Este momento que ele havia desejado por semanas se transformara em um suplício. Por vários dias seu pensamento ficara obcecado por esse encontro. Ele havia redescoberto a alegria de seus anos de juventude quando chegava o momento dessa festa, de alguma diversão ou das férias. E agora, se ele pudesse fugir, teria feito isso. Ele já pensava em encontrar uma desculpa para uma partida precipitada. Mas mesmo isso, ele não tinha energia de fazer. Bebeu o seu copo de conhaque contemplando Bárbara cujo rosto com os olhos fechados, emoldurados pelos grossos cachos louros de seu cabelo, tinha tomado uma extraordinária expressão de descanso. O pescoço, de uma linha pura, prendia-se firmemente aos ombros musculosos. Sob o leve tecido, podia-se adivinhar a curva dos seus seios, a do ventre e a dos quadris. Através da fenda do vestido sua perna saía até o meio da coxa, ao mesmo tempo frágil e sólida. Uma sandália balançava na ponta do seu pé. Mas o que dava a esse corpo a aparência voluptuosa não era nem a beleza de seus membros, do ventre e do peito, nem o frescor luminoso da pele, nem sua pose largada. Era a respiração calma que levantava aquele peito e que se podia acreditar ver passar entre os dentes cintilantes, pela boca apenas entreaberta num discreto sorriso. Os barulhos confusos do mundo chegavam abafados e a sala só estava povoada por aquela respiração regular que marcava seu ritmo no caminhar do tempo. Antoine teve a impressão de ajustar sua respiração com a de Bárbara, e assim penetrar no universo de seus devaneios

— Bárbara, ele disse.

Ela não respondeu. Estava dormindo. Antoine se regozijou com esse sono que lhe poupava da preocupação com uma conversa durante a qual ele sabia que seria ridícula. Então evitou fazer o menor barulho e de se mexer. Ele encheu seu copo com cuidado e, segurando-o com a palma da mão, por sua vez penetrou no labirinto da sua imaginação. O instante atual tinha tomado a imobilidade dos grandes espaços vazios e ele também flutuava entre o desejo e a realidade sem ter que se decidir entre um e o outro. A sirene de um rebocador, o canto de um pássaro, o som de uma locomotiva, o ronco de um carro às vezes passava entre ela e ele. Um suspiro inchava na sua garganta e ela voltou para seus domínios secretos. Longos minutos, horas se passaram. A campainha na porta rompeu bruscamente a cena. Bárbara acordou sorrindo e se levantou. Por um instante ele viu duas coxas afuniladas e nuas. Passou perto dele, passando a mão nos seus cabelos.

—Acho que dormimos, ela disse.

Ela abriu a porta. A voz de Lily ressoou, depois os beijos, as palavras... Querida... Chá... Dormir... As duas voltaram para a sala.

— Então, Antoine, estavam lagarteando?

O espaço encolheu-se. Rapidamente a lamparina para fumar se acenderia no sofá, o chá fumegaria nas taças e o cerimonial monótono recomeçaria. Antoine se recriminava agora por sua covardia. Ele deveria ter falado enquanto isso lhe fora possível. Quantos meses ele teria de esperar para encontrar essa preciosa solidão a dois, e a raiva lhe jogou contra Lily, que a perturbara.

— Antoine parece um pouco estranho, ela disse.

— É por sua causa, Lily...Você o acordou ! Você sabe que nós dois estávamos dormindo à larga. Se você não tivesse vindo, teríamos ficando assim até amanhã de manhã.

— Estou bem tranquila . Vocês teriam tido necessidade do bambu.

Os três se estenderam ao redor do tabuleiro.

— Bárbara, disse Antoine, segui seus conselhos. Encontrei um cantinho charmoso entre o Boulevard e Montmartre. Uma rua tranquila. Uma velha casa grande com jardins sobre os quais dão as minhas janelas. Acho que Chopin e Musset moraram lá. Pelo menos me disseram...

— Ótimo! Você vai me convidar?

— Você será a primeira a ir, Bárbara, quando estiver tudo pronto. Acho que você vai gostar.

—E eu? Você não me convida?

— Sim, Lily... Claro. Você irá até lá e todos os nossos amigos. No jardim há uma grande fonte coberta de musgo e enormes árvores cheias de pássaros. Imagina-se estar longe de Paris...

À tardinha, Bárbara pediu a Antoine que trouxesse um maço de cigarros do banheiro. Ele foi lá. Toalhas molhadas se espalhavam no chão com meias e sapatos. Na penteadeira, a maquiagem e os perfumes estavam em desordem. Uma torneira mal fechada deixava água cair na pia gota a gota.

Ele encontrou os cigarros em uma prateleira de vidro. Ele os pegou, mas no momento de sair, ficou um instante para examinar uma caixa de supositórios aberta ao lado do isqueiro.

Artenac preparava suas malas. Flanelas e roupas de lã, roupas de linho, gravatas joviais estavam postas em pilhas sobre a cama. O jovem se ocupava sem pressa. Logo tudo foi colocado em duas bolsas de couro pardo. Só sobrava o estojo entreaberto onde se via um pijama, um frasco de água de colônia, caixas, uma nécessaire. Já vestido para viajar, Artenac olhava a hora. Onze horas da manhã e o trem só partia às oito horas da noite. Então ele tirou de uma gaveta um pacote de papel branco. "Vinte gramas de heroína aqui e vinte gramas na mala. É mais do que preciso para me desintoxicar em três meses. Mas eu não tenho balança. Como retirar um grama disso tudo?" Ele se lembrou de um sistema que Courvoisier lhe havia indicado.

Espalhou o pó branco e fosco sobre uma folha de papel quadriculado. Com a ajuda de uma régua, ele formatou um retângulo de dez centímetros de comprimento. Nivelou a sua espessura e, com a ajuda de um canivete, separou uma faixa de cinco milímetros de largura, que ele recolheu em uma ampola. Depois ferveu água, deixou-a esfriar e derramou-a em uma ampola de cada vez. Colocou uma rolha hermética e botou tudo no estojo, tirou uma de lá e colocou-a no bolso em uma caixa plana que continha uma seringa de injeção. Então, feliz com ele mesmo, saiu para almoçar na mãe Lampion.

— Ah! Você está aqui! Hoje, sem discussão. Eu tenho um filezinho de peixe na manteiga e capote... Está delicioso.

— É isso aí, cuide bem de mim porque é a última vez que você me vê antes do inverno.

—Então? Você vai viajar?

— Sim, vou passar três ou quatro meses na Riviera Francesa.

—Ainda bem... Espero que isso faça você ficar melhor. Sua aparência está péssima, você sabe, há muitas semanas. Cuide-se e volte com apetite. Você vai hoje?

— Esta noite às oito horas.

— Então você tem tempo para um bom almoço. Não é no sul que você comerá como aqui, vamos...

Por volta das três horas, para matar o tempo, Artenac pegou um táxi para Paris, "Vou apanhar meu bilhete e voltarei de carro para pegar minha bagagem por volta das seis horas."

Às quatro horas ele tocou a campainha da casa de Berthe. Tendo despertado tarde, ela saía do banho e seu rosto despenteado surgia mais disposto do roupão felpudo.

— Artenac... Que boa ideia! Eu ia justamente tomar meu chá. Meu café da manhã...

Ela trouxe com naturalidade a bandeja de ópio junto à de chá.

— Então, o que é que há?

— Parto para Marselha esta noite.

— Marselha? Você vai se reabastecer por lá?

— Não. Eu decidi desacelerar um pouco. Então eu vou fazer isso no sol. Estou apenas levando meu suprimento de heroína.

— Ah? Você vai cheirar?

— Não, a picada. É menos perigoso. É mais eficiente e depois é muito mais prático.

— Menos perigoso? Você acredita nisso?

— Sim, eu me informei. É necessário menos droga e não fazemos isso no meio da rua.

— Você vai fumar então dois ou três cachimbos antes de partir.

Eles fumaram efetivamente. Por volta das cinco e meia Jeanne Marjolin chegou e se estendeu perto deles. Às sete horas ele ainda fumava. Então, decidiu de só partir no dia seguinte e eles jantaram chá, torradas, geleias, frutas.

— Lá eu vou encontrar o sol, o verdadeiro. Vou passar meus dias dentro d'água. Eu penso em ir até Porquerolles ou PortCros. Conheço uma casinha onde vou me tratar do meu jeito. De tempos em tempos, é preciso diminuir para reencontrar todo o efeito do ópio. Voltarei pronto para o inverno, cheio de energia e negro como ébano.

Vestiu um pijama e a manga, enrolada, mostrava um braço emagrecido, mas ainda musculoso.

Nessa hora, o trem viajava para Laroche.

Ele colocou sobre a mesa a ampola e a seringa. Berthe e Jeanne, contra sua vontade, pensavam nesse prazer. Elas esperavam que Artenac lhes oferecesse uma picada. Ele mesmo queria uma.

Por volta da meia-noite, não resistiu mais ao desejo e foi ao banheiro. Ele voltou e se fechou no silêncio de um sonho pessoal em que a conversa das duas mulheres parecia um zumbido distante. Decepcionadas e impacientes, Berthe e Jeanne o deixaram em paz.

— É delicioso, falou para elas de repente, e muito mais poderoso. Se não incomodo vocês, vou para o quarto ao lado. Em uma hora darei uma picada em vocês.

E saiu cambaleando.

Passou uma hora, depois outra ainda. Berthe decidiu ir vê-lo. Quando voltou, sua voz estava por um fio.

Jeanne! Venha, estou com medo. Ele não se move, não responde e sua testa está fria. Jeanne aproximou uma luminária no rosto de Artenac. Estava amarelo e transpirava gotas de suor.

— Parece doente.

— Meu Deus! E se algo lhe acontece aqui! O que fazer?

— Peça para o Auportain vir.

Berthe já estava no telefone. O médico demorou a atender e finalmente sua voz se manifestou.

— O que é?

— Doutor, eu te acordo?

— Sim.

— Doutor, você poderia vir na minha casa, Berthe... Berthe Cassotte. Artenac está muito doente.

Para sua surpresa, Auportain não hesitou.

— Está certo, estou indo... Enquanto isso coloque tijolos quentes nos seus pés...Aqueça-o.

E ele desligou.

As duas mulheres se ocupavam em torno do doente, cobrindo-o com cobertores e casacos... Um pouco depois, Auportain chegou. Ele foi direto para Artenac, pegou o seu pulso e examinou cuidadosamente as pupilas.

— É agora que você me liga? Ele está fodido. O que vocês fizeram agora?

Ele pegou na lareira a seringa e o pequeno frasco.

— Morfina? Heroína?

— Heroína, respondeu Jeanne.

— Que porcaria... Em qual quantidade? Qual a porcentagem da solução?

— Eu não sei. Foi ele quem trouxe isso. Disse que ia levá-la na viagem para substituir o ópio; que era menos volume e que lhe fazia mais efeito.

— De fato. Mesmo inutilmente vou lhe dar uma injeção de óleo de cânfora, mas é um cadáver que está aí.

Ele vasculhou na sua valise, tirou duas ampolas, inclinou-se sobre Artenac... Levantou-se, observou ainda.

— Antes de cinco minutos ele estará morto, nada a fazer.

E foi para o quarto vizinho.

— O que vocês vão fazer agora?

— Não podemos transportá-lo para uma clínica?

— Clínicas não recebem os mortos.

— O que você nos aconselha?

— Não aconselho nada a vocês. Já disse que vocês não devem contar comigo nessas circunstâncias trágicas. Eu sou um velho egoísta. Egoísta, eu fiquei assim. Eu combinei com o ópio um belo final de vida. Eu não tenho filhos, não tenho mulher, não tenho obra para realizar. Eu me contento em embalar as minhas velhas tristezas. Mas na idade de vocês é preciso ser duas idiotas sem esperança de recuperação para gastar assim sua beleza, sua saúde e sua vida com todo esse lixo. Vocês foram longe demais! Não posso nada com isto... Mas espero que isso lhes sirva de lição.

E saiu.

Nem Berthe nem Jeanne se mexeram. Por fim, Berthe foi ver Artenac. Seus olhos vidrados pareciam lhe ver. Pegou a mão dele. Ela estava pegajosa de suor e fria. Apagou as luzes e se juntou a Jeanne que estava coletando as beatas dos cigarros em um cinzeiro...

— Pois é! Jeanne...

— Eu acho que o doutor está certo, né?

— Se chamássemos Courvoisier?

— Chame você. Ele gosta mais de você do que de mim.

Antes de pegar o telefone, Berthe agarrou um frasco de perfume da penteadeira e virou-o na mão.

— Jeanne, se você soubesse, é pavoroso ... Toquei na mão dele... Ah, é horrível... E ela telefonou.

Courvoisier jantara com Antoine e depois o levou para casa. Com um ardente desejo para agradar, ele recuperou sua sedução. Antoine o havia questionado longamente sobre seu trabalho e, ao lhe explicar em linguagem clara o que tinha sido a sua pesquisa, Courvoisier de repente se sentiu pego pelo entusiasmo. Ele retomara a explicação desde o começo quando fizera uma exposição da evolução da física a partir do final do século XVIII para chegar ao problema que o preocupava: a origem dos raios cósmicos.

— E quando digo cósmicos, meu querido Antoine, é para falar como todo mundo. Porque, se sabemos do que é feito, não sabemos de onde eles vêm. Mesmo a palavra raio é imprópria, é um fenômeno, o fenômeno n^o 1 do momento. Mas esta coisa imperceptível aos nossos sentidos, esta força enorme, - pois é preciso uma excelente armadura para deter estes... Esses projéteis - isso pode revolucionar toda a física, todas as nossas ideias sobre o universo ou nada mudar. Veja, voltamos sempre à metafísica. Cada descoberta da ciência é uma parcela ganha sobre essa floresta imaginária. Mas qualquer um pode ser um metafísico. Você, o idiota da aldeia mais perdida ou o maior gênio. O físico consegue. Ele pesa um metro cúbico de ar ou faz qualquer outra coisa que seja e uma pilha de grandes mecanismos metafísicos desaba e começa a enferrujar em algum lugar, no grande depósito das hipóteses. Estou contente em falar contigo, Antoine. Isso parece te interessar, o que estou te dizendo. Isso me dá coragem. Eu tenho o rascunho pronto de um livro. Eu deixei para lá. Tive a impressão de trabalhar no vazio.

Acho que vou retomar isso. E já pegava o seu material para fumar.

— Um cachimbo ou dois? Nós continuaremos a conversar...

E as horas da noite começaram sua procissão. As drogas e as palavras inebriavam Courvoisier. Antoine, um viajante deitado, deixou-se arrastar atrás dele por espaços cuja imensidão o embalava, deixando-o ofegante e ainda assim lhe transmitindo fé e coragem. Mas ele não era nem tão noviço nem tampouco sem lucidez que não pudesse prever a desilusão da manhã seguinte. O tom da conversa tornou-se sentimental. Courvoisier falava agora da amizade, e essa amizade ele a propunha ao seu companheiro. Qualquer coisa perturbadora e comovente estava entre eles e ao redor deles. Antoine gostaria de apertá-lo em seus braços, contra o seu coração. Só a timidez o impedia, além da lembrança do beijo de Bárbara na casa de Artenac, esse abraço quando ele acreditara tê-la conquistado e do qual ela escapara tão facilmente como deveria sair do banho.

Súbito o telefone tocou. Courvoisier atendeu: “Sim... não... o quê?... Auportain? Estou indo, sim, estou indo com Maison. O tempo de descer e pegar o meu carro... Depois para Antoine:

— Vamos... Houve um acidente com Artenac na casa de Berthe.

Berthe, Jeanne, Courvoisier e Antoine estavam sentados frente a frente na sala suavemente iluminada. Na penumbra de um canto, da lamparina saía uma luz pálida e esfumaçada. A porta do quarto onde Artenac repousava estava aberta. Antoine imaginava que ela estava escancarada e, enquanto seus três companheiros discutiam, seu pensamento se divertia ponderando sobre esses dois termos.

Ao chegar, Courvoisier pegara Berthe nos seus braços.

— Minha pobre Berthe!

— Raul, Raul, é horrível o que aconteceu. Me salva.

Juntos eles se aproximaram do sofá. Courvoisier, que recuperara uma energia esquecida, estava atarefado. Artenac não se mexia mais. Suas pálpebras não reagiam à luz. Sua respiração manchava imperceptivelmente o espelho. Seus pés e mãos estavam frios e molhados de suor.

E agora os quatro estavam reunidos sem saber o que fazer. Berthe estava lamentável. Ela tinha perdido toda arrogância e vivacidade. Cada um deles esboçava planos sem terminá-los. Súbito, tocaram a campainha. Eles se entreolharam, aterrorizados. Tocaram uma segunda vez, depois uma terceira vez, e uma mão impaciente bateu na porta. Berthe levantou-se para abrir, mas, antes disso, fechou a porta do quarto, apagou a lamparina e cobriu a bandeja com um pano. Finalmente ela foi até a entrada e abriu a porta. Eles ouviram sua voz:

— Você, é você!

Auportain entrou com uma valise e um pacote. Ele passou pelo estúdio sem dizer uma palavra, abriu a porta e acendeu a luz. Antoine e Courvoisier se juntaram a ele.

— Berthe e Jeanne ficam de fora, vocês me ajudam. Coloquem um prego na cabeceira do sofá.

— Durante esse tempo ele desfez o pacote e de lá tirou uma grande ampola com soro, desabotoou a calça de Artenac, descobrindo sua barriga. Não havia nem prego nem martelo no apartamento. Então o médico entregou a ampola para Antoine, recomendando que ele a segurasse com o braço estendido para o alto, e depois enfiou a agulha enorme. Por vários minutos eles ficaram imóveis e silenciosos. Depois...

— Nada a fazer. Não há mais circulação.

Ele retirou a agulha, guardou seu material e estendeu as duas mãos para Raul e Antoine.

— Adeus. Eu não vi nada. Eu não sei de nada. Eu não posso fazer mais nada e nem qualquer outra pessoa.

Ele atravessou o estúdio encolhendo os ombros. Berthe levantou-se e ia dizendo algo, mas se calou. Ela mesma acendeu o interruptor nas escadas e gentilmente fechou a porta contra a qual se apoiou e se pôs a soluçar. Courvoisier veio se juntar a ela e colocou as duas mãos em seus ombros.

— Não adianta chorar. Vem. Nós vamos te ajudar.

Ela entrou com ele sem se preocupar em limpar o rosto. Junto à lareira, Jeanne esfregava os olhos devagar, olhando-se no espelho. Antoine, imóvel, surpreendeu-se por ser mais uma testemunha atenta do que personagem do drama.

Pois Artenac não estava mais em cena, e o seu destino só preocupava seus amigos na medida em que ele poderia ser a causa de catástrofes. Salvá-lo teria sido melhor, certamente, mas tratava-se de salvá-lo? Tratava-se de se salvar e de salvar Berthe para se salvar. As narinas de Courvoisier se contraíam. Suas palavras ficavam hesitantes. Por fim, ele não resistiu mais.

— Eu vou fumar um cachimbo. Não consigo mais. Ainda não tomei minha dose. Pode ser Berthe?

E ele já reavivava a decadência, inserindo a agulha no pote de ópio.

A droga já estava chiando no forninho.

— Por favor! Meu Deus salve-o!

Era o pedido constante de Berthe. Pedido egoísta, pois na realidade ela já havia subtraído Artenac, enquanto um homem vivo, das suas preocupações. Antoine lembrou que um crucifixo estava pendurado na cama onde Artenac morrera. Era essa a fé, aquela em que Deus era implorado apenas para evitar adversidades pessoais? Ele ainda preferia a fé primitiva dos fuzileiros do Marrocos.

Foi em Fez. Ele estava no hospital em tratamento, mas especialmente como secretário do major. Certa noite trouxeram um fuzileiro senegalês, deitaram-no e ele dormiu até a manhã seguinte. Ao acordar, apresentou todos os sintomas de uma crise de malária. O próprio Antoine coletou sangue para o exame, algumas picadas de agulha na ponta de um dedo e recolheu o sangue nas placas de vidro. De tarde, o negro já não se mexia.

No crepúsculo, ele começou a arrancar seus cobertores, depois se descobriu, agitou-se mostrando uma barriga musculosa e um sexo ereto, reto como um ponto de

exclamação. A enfermeira chamou a Antoine, que acalmara o paciente. Pois todos estavam dormindo. Por volta da meia-noite, o supervisor árabe veio chamar Antoine.

— Venha. O negro vai mal.

Ele ia mal. Estava em pé ameaçando os demônios invisíveis com toda a sua admirável musculatura e com os punhos estendidos e cerrados. Antoine se aproximou dele com medo, mas ele deixou que fosse deitado com docilidade. Antoine o aconchegou enquanto eles chamavam o major. Depois simplesmente o negro escondeu sua cabeça no peito de Antoine. Quando o major chegou, ele estava morto. Antoine sempre se lembraria dessa noite. Fizeram um monte com as roupas do fuzileiro e colocado tudo, o cadáver e seus pertences, sobre uma maca que foi levada para o necrotério do hospital. Mas, pegando a chechia, Antoine percebeu algo sob seus dedos e encontrou dentro uma garra de leão fendida onde estavam colados cabelos... Certamente cabelos de um feiticeiro. Ele arrancou o amuleto e o colocou no seu bolso. Retornando do necrotério, pelos jardins do hospital, ele foi subitamente atingido por quatro sombras gigantescas: fuzileiros senegaleses. Eles explicaram porque vieram, pois o amigo deles acabara de morrer. Como saberiam disso? Fazia menos de uma hora desde que ele sucumbira. O acampamento deles estava a mais de uma hora de caminhada! Eles pediram para ver suas roupas, para recuperar suas coisas pessoais. Antoine os viu procurar detidamente, girar a chechia em todas as direções e sair pesarosos. Este amuleto ele o havia guardado até sua partida da África. No embarque em Casablanca, ele ainda o tinha: ao desembarcar em Bordeaux, não estava mais com ele. Não conseguiu jamais explicar esse sumiço.

— Onde estava o amuleto? O que significava essa visão? Esta recordação?

Ele estava na casa de Berthe e Artenac estava morto ou morrendo e ele escutava sem entender Berthe e Jeanne falando e Courvoisier lançando uma frase entre dois cachimbos.

Súbito um gemido veio do quarto escuro.

— Está vivo, gritou Berthe, afastando-se.

Courvoisier terminou de chupar o cachimbo e seguiu-a. Antoine, por sua vez, entrou no quarto. Mas Artenac ainda estava inerte.

—Ele não pode morrer aqui, gritou Berthe! Ele não deve morrer aqui!

Antoine saiu da sua viagem.

— Quem te disse que ele vai morrer? Auportain é o único médico em Paris? Chamamos outro.

— Não! Não! Só tenho confiança nele. Se Auportain disse que ele vai morrer, é que ele vai morrer.

— Escutem, disse Courvoisier, e se o levássemos para sua casa?

— E depois?

— Já que ele está perdido, o que isso importa? Acreditam que ele está viajando. O cadáver só será encontrado depois de semanas. Vamos transportá-lo no meu carro. Ao amanhecer, quem nos verá?

— Eu não vou, teria muito medo!

— Também não vou, acrescentou Jeanne.

— Bem, Antoine me ajudará.

A descida no elevador, em seguida, Antoine não podia se recordar dela sem repugnância. Eles tinham, com dificuldade, vestido Artenac. Ainda se lembrava do trabalho que tivera para por os seus sapatos. No elevador, os dois tinham de segurá-lo, ele vacilando, inerte e já um cadáver. No vestíbulo, Berthe e Jeanne se juntaram a eles.

— Não podemos ficar sozinhas depois disso. Nós vamos com vocês.

Eles atravessam o vestíbulo sem fazer barulho. Só o clique da porta rompeu o silêncio. Depois, na noite, sem acender os faróis, eles guardaram o moribundo e se instalaram. Mas então Courvoisier percebeu que quase não tinha mais gasolina. Eles ousariam entrar em um posto?

Dois policiais apareceram. Courvoisier explicou seu problema.

— Há um posto de gasolina a duzentos metros daqui, mas ele só abre daqui a uma hora. O melhor é que vocês esperem e possam então buscar um galão.

E se afastaram.

A espera, no carro parado, foi interminável. Eles acenderam um cigarro após o outro e só falavam à meia voz entre longos silêncios. Estavam embotados. Na direção do Boulevard de Courcelles, ouvia-se o som de poderosos caminhões e carroças carregadas por cavalos em um passo ritmado. Cada um dos quatro viventes se fechava no seus sonhos, suas recordações, memórias e fraquezas. A agitação só havia suspenso o efeito da droga. Novamente ela exercia seu efeito sentimental e emocional. Nos bancos da frente, Berthe e Jeanne se agarravam a Courvoisier e ele espreitava instintivamente através da sua imaginação a primeira luz do amanhecer e o som dos relógios.

Atrás, Antoine estava sozinho com o corpo inerte. Parecia-lhe que os odores fúnebres já se exalavam daquele que, poucas horas antes, era um ser jovem, animado, percorrido por um sangue generoso.

— Quando eu penso, disse Jeanne, que se ele tivesse pegado o trem... Nessa hora ele estava passando pelo vale do Ródano, em algum lugar entre Valence e Avignon.

— Pobrezinho! Não verá mais o Mediterrâneo.

Finalmente Courvoisier abriu a porta.

— Deve estar aberto. Eu vou lá.

A sua ausência também pareceu longa para seus companheiros.. Ele finalmente voltou com duas latas que esvaziou no tanque.

— Ufa! Estamos preparados para cem quilômetros.

Ele colocou o motor para funcionar e partiu. No Boulevard de Courcelles ele virou à esquerda e alcançou a praça de Clichy.

— Qual caminho você está pegando? Teria sido melhor descer diretamente até o Sena pelo Boulevard Malesherbes, a Madeleine e a Concorde.

— É verdade. Mas eu pensei outra coisa. Deixa pra lá... Pela estação Saint-Lazare .

Mas ele havia passado a praça e não queria dar meia volta. Pela praça Blanche ele entrou na Rue Notre-Dame-de-Lorette, em seguida, no Faubourg Montmartre.

Apressado, Courvoisier ia às cegas. As ruas, antes desertas nos bairros do oeste, logo se animaram. Courvoisier não soube evitar os Les Halles e logo eles se viram no meio de uma multidão de carregadores, mercadores e carros. O sol alegre iluminava pilhas de cenouras, nabos, repolhos e tomates. As flores da estação iam em buques nos braços dos compradores enquanto que o rebuliço dessa massa matinal produzia uma canção de primavera. Antoine sustentava Artenac, cuja cabeça agora balançava sem resistência. Seus olhos fechados, sua pele de cera, suas narinas comprimidas, tudo nele anunciava a presença da morte. Às vezes o carro precisava parar abruptamente e o corpo inerte se inclinava para frente. Quando ele saía novamente, caía nos braços de Antoine, que temia o tempo todo que um dos pedestres tão próximos não fosse impedidos de ver um cadáver naquele carro de pessoas jovens. Mas os pedestres, alegres trabalhadores com a língua solta, notavam apenas Jeanne e Berthe sentadas ao lado de Raoul. Foi para elas que dedicaram seus madrigais, não sem desejar todas as catástrofes para esse carro importuno e este motorista desajeitado. Por fim, eles escaparam da multidão e, na Praça do Châtelet, chegaram ao cais.

Só então Courvoisier se virou.

— Como ele está?

— Mal...Muito mal...Acho que está morto.

— Morto, disse Jeanne? Você acha?

— Você está brincando, acrescentou Berthe.

Mas todos os três viram o rosto de Jean, a face lívida de Antoine, e não falaram mais nada. Courvoisier apertou o passo. Ele se sentiu dividido, ou melhor, duplicado. Era a testemunha de seus próprios gestos e contemplava os movimentos de seu coração como, outrora, debruçava-se em seu laboratório nos experimentos de física e nas equações.

Jeanne, os olhos fixos, estava longe nos seus sonhos. Pela sua expressão, reativara. O ópio retornava em rajadas no seu cérebro e, com elas, recordações distantes e absurdas. Por exemplo, o dia - ela poderia ter cinco anos de idade - em que, passando por uma rua com sua empregada, uma senhora disse: "Criança linda... bela semente da moça que vai ser daqui dez anos". E essas recordações se precipitavam e a aturdiavam. Ela tinha um desejo louco de se deitar, não se mover e não sentir esses solavancos.

Não se mexer, estar longe, tal era também o pensamento de Berthe, que cantarolava sem parar, em um lugarzinho de sua cabeça: "Ela tinha os pezinhos bem pequenos, Valentine..." Por que diabos esse ar saltitava na sua cabeça? Ela se lembrou. Foi algum instante antes, no Halles, um entregador no seu triciclo assobiava a música enquanto pedalava.

Antoine tinha náuseas. Toda essa aventura parecia estúpida para ele. Ele já percebia as besteiras que Courvoisier, Berthe, Jeanne provocariam. Mas ele não conseguia se interessar. Contemplava o Sena onde o sol brincava com a sombra das pontes e os reflexos iridescentes do óleo. Rebocadores, barcaças... E, aqui e ali, um desocupado preguiçoso observava a água e apreciava a doçura do clima.

O carro cruza a porta de Charenton.

— Uma sorte que não há mais fiscalização, disse Jeanne.

Courvoisier, por um desvio, voltou à estrada para Nogent. Eles reconheceram de passagem o "Encontro dos Pescadores", tão gracioso naquela bela manhã, então, virando à direita, chegaram à ruela e pararam em frente à porta de madeira do pequeno pavilhão. Courvoisier já abria, entrava com o carro no pátio e fechava as duas portas. Depois procurou a chave do térreo, remexeu na fechadura e, ajudado por Antoine, levou Artenac para o sofá da sala. Os olhos de Artenac estavam abertos e os encaravam melancolicamente, inexpressivos como se estivessem fixos atrás deles mesmos. Courvoisier passou a mão na frente do rosto lívido.

— Ele não reage mais, não consigo sentir sua respiração e ele não têm mais pulso. Está quase frio.

— Fazemos o que?

— Eu não sei.

- Vamos deitá-lo na sua cama.
- É preciso tirar a roupa dele e eu não tenho coragem.
- Deixa no sofá dele.
- Seria visto pela porta.
- Então na cadeira dele, no quarto.

Eles o instalaram com alguma dificuldade no canto da lareira. Ele escorregou várias vezes e foi necessário calçá-lo com almofadas.

— Então vamos? disse Berthe.

— Espere. Courvoisier revistou os móveis e o morto. Ele encontrou uma pequena lata com ópio e um grande pacote de heroína. Ele os pegou. Também pegou todos os instrumentos de fumar: cachimbo, bandeja, agulha, lamparina. Em um isqueiro de prata, ele viu um traço de ópio.

— É preciso lavar.

— Dá para mim... Uma recordação.

E Jeanne deslizou o isqueiro dentro da bolsa.

Courvoisier fechou a porta do quarto, saiu por último da sala de estar, que ele fechou à chave e foi até o seu carro onde escondeu o saque.

— E as chaves, perguntou Antoine, você vai levá-las? Ele deu a volta, entrou na casa pela cozinha, voltou para a sala e pôs o molho na lareira. Depois, tendo colocado a chave na fechadura do lado de dentro da cozinha, ele bateu a porta atrás de si. Seus companheiros já haviam retornado aos seus lugares no carro. Ele sentou-se atrás do volante.

— É isso... Peguei tudo aquilo que poderia deixar rastros de drogas.

— Não, disse Antoine, ainda bem. Você deixou atrás do relógio um frasco de heroína e uma seringa. E é melhor assim. Acredite em mim. Se o encontram logo e vêem que ele está morto, melhor encontrar esse material também.

Berthe e Jeanne não disseram nada.

— Você tem razão, disse Courvoisier. E agora me escutem, nós vamos ao "Encontro dos Pescadores..."

— Ah! Não, disse Berthe.

— É necessário. Viemos depois de uma noite em claro procurar Artenac e não o encontramos. Então, nós vamos aproveitar e tomar o café da manhã. Concordem comigo, principalmente, e não acrescentem nada. Quanto menos vocês disserem, vai ser melhor.

— Que chatice! Concluiu Antoine.

Eles saíram, fecharam a porta do pátio e, alguns instantes depois, entraram no café. Mãe Lampion estava no balcão e os viu entrar sem surpresa.

— O bom tempo traz de volta, bando de bárbaros!

— Viu Artenac?

— Ele deve estar longe uma hora dessas. Almoçou aqui ontem e me disse que partiria para Cannes na noite passada, pelo menos por quatro ou cinco meses. Isso não vai lhe fazer mal... Que aparência ele tinha..

— Ontem então? Já... Eu pensei que ele só deveria ir na semana que vem.

— Ele me disse que foi ontem à noite. Vocês não estiveram na casa dele?

— Estamos chegando de lá. Tudo fechado e ninguém responde.

— Então ele já foi. Não deixem que isso atrapalhe vocês de tomar o café da manhã...

— Claro.

— Nem aperitivo nem lanche. Eu tenho uma caldeirada de enguias e, mas não digam nada, uma torta de coelho, sim, de coelho...

*B*árbara levava Arichetti, Columot, Marie-Jacqueline, Noëlle e Jeanne para uma casa que havia alugado perto de Paris, no vale de Yonne. Columot os havia conduzido com uma rapidez alucinante pelas estradas, mas eles chegaram logo depois do fim do dia. Jantaram preparando eles mesmos a comida e já era tarde quando instalaram os sofás e o material. Foi então que constataram que não tinham óleo para as lamparinas. Bárbara não queria perguntar por isso aos vizinhos, camponeses que não conhecia e que não ousava acordar. Columot propôs que se contentassem com a heroína, mas Bárbara queria o ópio. Arichetti propôs procurar óleo na vila vizinha. Noëlle, que encontrara velas, pretendia usá-las. O resultado foi deplorável. A vela esfumaçava e o ópio ficou com o gosto de uma gordura queimada. Arichetti ligou o carro e saiu com Bárbara, Marie-Jacqueline e Jeanne. Pont-sur-Yonne, Villeneuve-sur-Yonne e Saint-Julien du Sault dormiam. Depois de Villevalliers, eles bateram na porta de um albergue. Quando o dono, com quem falavam lá do alto de uma janela, soube que queriam óleo ele simplesmente fechou a ventana declarando que não estava à disposição de bêbados. Eles continuaram seu caminho. Joigny repousava em espessa escuridão. No hotel Duque de Borgonha, uma empregada sonolenta lhes respondeu que as cozinhas estavam trancadas com chave e que ela não podia acordar nem o cozinheiro nem os patrões. Eles estavam indo embora quando os faróis do carro projetaram a sombra de dois soldados.

— Esperem um instante e deixe-me ver isso aqui, disse Arichetti, que, em voz baixa, perguntou aos dois homens o endereço do bordel.

— Pronto, retornou subindo no carro, sei onde encontrar o óleo, mas não é um lugar para vocês. Eu irei só.

— O que você está pensando, Arichetti? Eu sei como me comportar em todos os lugares.

— Com certeza, Bárbara, já passamos por muitas coisas...

— Diga-nos então aonde você vai? Seu merceeiro é duque ou marquês?

— Não... Mas entenda... Vou para uma casa...Então, uma boate... Um lupanar.

— Ah! Um bordel! Precisava dizer. Vamos todos juntos e vai ser muito divertido ...

— Tanto faz, eu preveni vocês.

Eles entraram, com Bárbara à frente, em uma sala baixa onde três suboficiais e dois jovens bebiam vinho branco na companhia das quatro moradoras do estabelecimento. A entrada deles provocou um silêncio e a própria dona veio anotar o pedido.

— Vocês sabem, não posso receber senhoras. Enfim, esses senhores serão discretos. Tenho champanhe por cem francos a garrafa

— Traga seis garrafas, disse Bárbara. Esses senhores e essas senhoras aceitarão nos fazer companhia. Depois, inclinou-se para Jeanne, que estava com a heroína, disse-lhe algumas palavras, pegou sua bolsa e saiu. Quando retornou tinha um pouco de pó branco sob as narinas. Ela entregou a bolsa para Jeanne que, por sua vez, saiu com Marie-Jacqueline. Logo depois Noëlle foi encontrar com elas. As quatro garotas permaneceram silenciosas e escutavam Arichetti fazendo aos três sargentos o relato dos seus anos de regimento.

—Nosso capitão era uma espécie de louco que deteve seu cavalo quando ele o derrubou no chão e a punição foi lida na ordem do dia da companhia, e não deveríamos rir.

—Eu tive um assim. Ele também colocava sua esposa e crianças na prisão. Foi o taifeiro dele que nos disse isso. Durante a guerra, ele era incrível. Saia da trincheira, o relógio na mão e gritava para os alemães: "Alemães! vocês têm dois minutos para me matar". E as balas, como elas zuniam! Bem, ele jamais teve nada!

—De qualquer maneira, eu tive uma condenação e cadeia. Quase dois meses de detenção.

— Isso forma a juventude.

Então uma mulher se inclinou para Bárbara e lhe disse em voz baixa:

— E então, você me dá um pouco dessa coisa?

— Do que?

—Você bem sabe. Você saiu para cheirar agora mesmo. Ainda tem um pouco no seu nariz.

Bárbara pegou a caixinha de pó e se olhou no espelho.

— E então, você me dá um pouco dessa coisa? Não falarei nada para ninguém.

— Sim, agora mesmo... Não está comigo; quando nosso amigo voltar.

Arichetti, por sua vez, de fato estava ausente. Quando ele retornou, seus interlocutores estavam tentando desajeitadamente fazer truques com o baralho. Ele pegou as cartas e os fascinou. Ele falava com a lábia de um mágico fixando os seus olhos diretamente nos olhos deles. Então, súbito, ele soltou o baralho e dirigindo-se à dona do bordel:

— Madame, a senhora será muito gentil se me vender uma pequena garrafa de óleo.

— Uma pequena garrafa de óleo? Que truque você vai fazer com isso?

— Não é um truque, é para a minha salada... Sim, eu sempre como uma salada antes de me deitar... Alface... Sem ele eu não dormiria... E justamente eu não tenho mais óleo.

— E isso funciona mesmo? Preciso falar disso ao meu marido que passa noites em claro.

Momentos depois ela lhe deu uma garrafa. Arichetti ficou febril.

— E agora está tarde, vamos embora.

— E então, você me dá um pouco dessa coisa?

A garota se aproximou de Bárbara e apertava o seu braço. Bárbara pegou um saquinho dentro da bolsa de Jeanne e o passou por baixo da mesa. Arichetti pagou e se levantou.

— Vamos, vamos embora.

Ele já estava no corredor da saída. Elas o seguiram. No beco ele quase corria e empurrava-as para que elas subissem mais rápido. Ele arrancou bruscamente e sussurrou para Bárbara sentada ao seu lado:

— Polícia, eles são policiais!

Seu tom de voz era tão trágico que ela não sabia o que dizer. O carro seguia com os faróis acesos. Ele pegava as estradas ao acaso, dando curvas acentuadamente. Duas ou três vezes ela pensou que ele ia parar no acostamento. Uma asa agarrou-se no parapeito de um pontilhão. As outras três dormiam atrás. Inesperadamente, o luar se refletiu no para-brisa. Ele entrou no escuro por uma estrada de terra, apagando todos os faróis. Na estrada, um carro potente passou. Seu motor girava regularmente. Ele ia rápido, mas sem forçar a marcha. Ele retrocedeu, deu meia volta com dificuldade e partiu novamente por um labirinto de estradas, onde não era mais possível se orientar. Eles se encontraram subitamente em uma rua larga

ladeada de casas operárias. Chegaram diante de um prédio atrás do qual ofegava uma locomotiva. Dois trens se cruzaram, estridentes.

— Uma estação! Mas é Laroche! Você está louco! Onde está nos levando?

— Salvos! Salvei vocês e a mim também. Mas não percamos tempo.

Ele se orientou pela linha do trem, voltou até Joigny, que atravessou em disparada. Alguns quilômetros depois, ele deu uma guinada e o carro rolou no solo fofo.

— Pronto! Você nos enterrou nesse descampado... Venha, me dá o volante. Se o carro não quebrou, eu vou levar vocês.

Ela pode pegar a estrada sem muita dificuldade. Ao seu lado, Arichetti tremia, batia os dentes e repetia sem parar:

— Minha Bárbara querida...A polícia...Eles entenderam tudo. Jogar baralho é um truque clássico. Fingem pegar uma carta no seu bolso, na sua bolsa, e eles procuram se você tem drogas. É o porquê de eu não ter permitido que eles fizessem. Felizmente, sim, felizmente, eu tive sangue frio. Você viu a minha astúcia com o óleo, se eu não fosse habilidoso! Não entenderam nada! Eles não entenderam nada, mas adivinharam! Eles estão na nossa pista... Vá mais rápido, mais rápido, pelo amor de Deus... Ou estaremos na prisão antes do meio-dia.

Bárbara parou o carro, acendeu um cigarro e calmamente:

— Arichetti, você me enlouquece, me deixa zozza. Não diga mais uma palavra ou te deixo na estrada e você se vira. Não há sombra de polícia. Além disso, sem essa de espertinho, viram a heroína nos buracos dos nossos narizes... A Carminha me pediu e eu lhe dei.

— Você deu heroína para ela! Estamos perdidos. Contanto que eles não tenham anotado o número da placa do carro.

— Cale-se.

Ele se calou, mas chegando em Pont sur-Yonne, no amanhecer clareador, ele tocou no seu ombro.

— Deixe-me aqui. Logo haverá um trem. Eu vou pegá-lo. Volto para Paris. É melhor assim.

— Está bem, se você quiser. É insuportável isso...

Ele abriu a porta e desceu antes mesmo que ela tivesse parado. Por um instante os faróis projetaram sua sombra, e depois Bárbara deu a partida e acelerou, levantando os ombros. No meio do caminho, ela parou de novo e se virou. Jeanne, Marie-Jacqueline e Noëlle dormiam enroscadas. A luz fraca da lâmpada do teto mostrava os rostos com bocas

escancaradas. A maquiagem sob os olhos estava borrada. As rugas eram evidentes. Bárbara pensou nas garotas no bordel de Joigny. Nessa hora elas deviam estar dormindo com os três suboficiais ou um dos simples civis.

— Que feiúra! Ela murmurou.

Pegou a bolsa de Jeanne, procurou o saquinho, cheirou e retomou a estrada devagar no ar fresco da manhã. A terra cheirava bem. Havia luzes nas vidraças de algumas fazendas. Em um quintal, ela viu um rapaz robusto, ou melhor, sua silhueta. Ele balançou uma lanterna e dirigia-se para os estábulos. Dois ou três cães, já soltos, seguiam-no latindo. Em uma vila, um gato branco atravessou a estrada. Ela desacelerou para não esmagá-lo, apagando os faróis.

Já era dia e a casa estava próxima. Diante dela, na curva da estrada, uma castanheira vermelha desabrochava suas flores atrás do muro de um jardim. Um pássaro de noite atrasado passou num voo suave como veludo e refugiou-se na sombra de um casebre em ruínas. Ela parou ainda. Sinos tocavam atravessando o espaço. Os relógios respondiam-se de uma aldeia a outra e até mesmo de uma casa a outra, em que o som grave dos pêndulos de contrapesos tinha um perfume, o do leite cremoso, do café, das torradas e da manteiga. Domingos fugidios renasciam nela. Eram os brioques e os vestidos de cores claras, o loiro dos sonhos, a precisão extraordinária do mundo aos olhos de uma criança. Com o queixo no volante ela sonhava com tudo isso. A alegria, a felicidade, o sonho desses tempos não tão distantes não tinham gosto de pavor. Tudo era simples. Os coleguinhas, meninos ou meninas, eram bons ou maus, arredios ou dóceis. O sol era de ouro. Ela tinha agora a impressão de viver num mosquiteiro ou num aquário. Tudo era complicado por uma sombra absurda. E esta sombra, ela a sentia há alguns dias sobre si, até no pico do meio-dia.

Ela se virou novamente. Sua tropa de garotas dormia ainda. Não vale a pena despertá-las para lhes dizer que era manhã dessa bela estação, que a vida era deliciosa e digna de ser vivida, mesmo descalça e em farrapos? Ela mesma, Bárbara, encontraria naquele mesmo dia, bem antes de o sol se pôr, os morcegos e as corujas do seu vício.

Ela regressava. O carro estava indo devagar, bem devagarzinho. Ela podia ver na grama o despertar dos insetos, contar os pés de hortelã, notar no terreno os cogumelos de capa rosa. Ela sacudiu a tristeza sentimental que pesava sobre seus ombros e partiu mais rápido. Chegando em casa, viu Columot. Com calças de flanela e camisa azul, ele fazia marcações com um revólver contra uma árvore. As detonações abafadas pareciam não poder perfurar a espessura do ar delicado. Quando viu o carro, deu um passo de dança e descarregou uma carga no ar. Parecia uma seda rasgada e Bárbara de repente teve a visão de uma

dançarina em seu vestido de noite despida por um herói mitológico. Columot já estava abrindo a porta.

—Então, maravilha! Elas parecem estar bem... E Arichetti? Onde está esse idiota?

Ele pegou Noëlle e Marie-Jacqueline, cada uma delas em um dos seus braços, levou-as para a casa e voltou.

—Dormem como uma pedra. Eu as coloquei no quarto das borboletas azuis, você sabe o que eu quero dizer... Na cama. Nós vamos tirar as suas roupas daqui a pouco. A outra... Vou colocá-la no quarto do desconhecido do Sena.

Ele tomou-a nos braços, levou-a e voltou.

— E agora vou colocar Bárbara na sala do relógio dourado e trocaremos nossas grandes tristezas... Bárbara se rendeu. Ele tomou-a nos braços e levou-a pelo jardim. Ela adivinhou o orvalho que devia molhar a bainha da sua calça e, através de suas pálpebras fechadas, via desfilar os galhos das árvores sobre sua cabeça. Ele a estendeu gentilmente na cama. Ela sentiu que ele desamarrava os seus sapatos, retirava as suas meias depois de ter desatado a cinta-liga, retirava o casaco, retirava o vestido e quando sentiu os braços fortes em torno do corpo, ela procurou com a cabeça seu ombro e adormeceu chorando.

Ela acordou com o calor do sol que banhando sua cama. A voz de Columot encheu a sala com ressonâncias em contato com as quais seu corpo estremecia. Não que ele falasse alto, mas o tom de sua voz correspondia ao da sua vida. Ela sentiu a sensação confusa de ser penetrada e encharcada por essa voz masculina, de saborear tanto o sabor quanto o aroma através de toda a superfície da sua pele. Bárbara não se sentia pequena na presença desse homem forte, mas ao contrário do seu tamanho, vestida por ele à sua medida exata. Ela o ouviu sem pensar e sem esforço. Ela estava na origem de suas palavras, todos os seus órgãos participaram de suas reações, seus gestos. A respiração de seus pulmões passou por sua boca, e certas sílabas, mais sonoras quando ele as pronunciou, ressoaram em seu peito.

Columot telefonava dando ordens para um empregado. Era um monólogo abstrato, que não lhe evocava nada, em que quantias sucediam a nomes desconhecidos, onde a gíria do ofício assumia o aspecto de uma linguagem impossível de entender.

Ela não abria os olhos, mas sentiu as fibras de seus membros estenderem-se além do seu controle. Os gestos de Columot, gestos que ela não via, teve a impressão de fazê-los, de ser ele mesmo, e parecia-lhe que agora ela recebia atributos estranhos ao seu sexo. Mas

isso tudo só lhe deu um imenso desejo físico, uma gula por carícias e abraços. Ela era como o ser interior do homem que queria seu duplo feminino, seu gêmeo ideal...

Ela finalmente abriu os olhos durante um dos silêncios que interromperam o discurso de Columot. Olhou para ele. Ele estava sentado à mesa e olhava para ela enquanto telefonava. Eles trocaram um olhar idêntico. Ela teve naquele momento a repentina revelação da sua nudez, do seio e da coxa sobre as quais brincavam o calor e a luz do sol, a sombra profunda que enfatizava a curva de um rim e um quadril mal velado por um lençol, da linha do seu braço que ia até o tapete.

Columot desligou o aparelho, levantou-se e tomou-a nos braços. Ela se sentiu derretida em seu beijo e esperou, tremendo, sua posse. Columot a embalou em seus braços, murmurando palavras cujo significado pouco lhe importava, mas que se somava ao perfume da sua carne, aquecida pelo sol como uma ameixa. Ela sentiu seu corpo se estender perto do dele, modelar sua forma e sua boca beijar sua garganta e seus olhos. Percebeu os menores tremores da pele vizinha... Mas o que ele estava fazendo? O espaço ao redor dela e entre eles cresceu e se inseria como um abismo. A cabeça de Columot rolou sobre os seus seios e ela viu que ele estava chorando e que ele não se importava que ela parecesse notar isso. O belo minuto acabara. Esta linda manhã já estava assumindo a cor do crepúsculo. Uma grande aflição a penetrou. Ela colocou a mão no cabelo do jovem.

— Não é nada, meu querido, não é nada.

Mas ele, com os olhos já secos, endireitou-se e falou.

— Não é nada? Se... É toda a nossa vida. No momento, achei que poderíamos nos amar, Bárbara. Que desgraça! Existe todo o ópio entre nós. Neste momento, é ele que precipita Arichetti em não se sabe qual voo. É ele quem te torna inacessível. É ele quem me faz indefeso.

— Mas não, mas não, não é nada.

— Sim. Não pense que acharíamos novamente esse minuto. Acabou. Já é tarde demais. E não pense que você e eu mesmo desistiríamos das drogas. Se eu te falasse isso, você iria rir e estaria certa. No fundo, somos capazes de amar? E não é essa incapacidade que nos leva a fumar e a cheirar? Do que temos medo? De nós? Dos outros? ... Eu não sei. Mas está errado, muito errado e somos apenas pobres seres.

Por um momento ficaram calados, silenciosos. Bárbara se levantou primeiro e saiu. Voltou com um copo de uísque que passou para Columot. Eles se sentaram na beira da cama e, alternadamente, beberam no copo. Quando estava vazio, ela largou a cabeça sobre o ombro do seu companheiro e ele, longamente, deu um beijo naqueles lábios carnudos. Mas

ambos sabiam que esse beijo só consagrava a mesma dor, o mesmo sofrimento causado pelo vazio dos seus corações, a enfermidade de seus nervos e dos seus músculos intoxicados e o próprio excesso de sentimentalismo que provocavam neles esse vazio e essa enfermidade.

*U*m vazamento de água não é um incidente extraordinário. Esse que aconteceu na casa de Bárbara, no entanto, teve consequências inesperadas. O encanador foi avisado tardiamente e informou que um trabalhador chegaria apenas na manhã seguinte. Ele teve de tocar a campainha muitas vezes antes que Bárbara, sozinha em casa, viesse abrir a porta. Ela chegou com o cabelo despenteado, os olhos molhados de sono e de sonhos em um abandono de quem não estava preparada. Seu lindo pescoço surgia de uma bata sobre a qual ela colocara um roupão de banho. As pernas do pijama sobressaiam, revelando seus pés descalços em mules de seda.

As manhãs de Bárbara, apesar das drogas e do cansaço, ainda eram as manhãs da sua primavera. Se ela estivesse nua, aromas luxuosos ainda se desprenderiam, e muitos vestidos bem cortados haviam vestido o seu corpo para que ele não tivesse pegado o estilo do grande costureiro que os havia feito. Estes inúmeros detalhes com os quais um conhecedor não se engana e que nota imediatamente, os pés cuidados, mãos sem o hábito de um trabalho duro, pele limpa, sem manchas, sem envelhecimento, um hálito que não era refrescante mas pelo menos não era repulsivo, cabelo cortados e lavados com frequência, o que permite de classificar uma mulher em um ambiente específico e determinar sua idade, sem confundir a velhice prematura e a doença, o luxo da dondoca e o da mulher rica, a beleza da mulher saudável qualquer que seja a sua condição e a maquiagem de uma enferma, esses inúmeros detalhes só atingiram o jovem trabalhador pela sua harmonia. Ele estava ao mesmo tempo deslumbrado e intimidado. Mas pertencia a essa raça extraordinária de trabalhadores parisienses que, por instinto de defesa, sabem dissimular sua emoção com indiferença, insolência ou ousadia.

Bárbara levou-o ao banheiro, deixou-o sozinho e voltou a se deitar. Suas joias estavam espalhadas em uma prateleira, mas ela não podia suspender um trabalhador desonesto. Com razão, se ela tivesse coragem, teria desconfiado mais de seus amigos. O encanador começou a trabalhar. Seus golpes de martelo ressoavam no aquecedor e se espalhavam de início por todo apartamento e depois por todo o prédio. Bárbara adormeceu com essa melodia de pancadas.

Ela acordou. Ficou um instante de olhos abertos e, bruscamente, lembrou-se de que havia um encanador, levantou-se e correu para o banheiro.

Quando ela chegou, o jovem, equipado de um azulejo, preparava-se para cheirar uma pirâmide de droga na frente do espelho. Bárbara deixara um saquinho aberto sobre a pia. O aprendiz piscava os olhos e trazia diligentemente o pó branco até o seu nariz.

— Mas você vai se matar! Exclamou Bárbara.

De repente o encanador colocou a heroína de volta no saquinho e se virou.

—Sim! Tudo bem! Sei o que é coca! Talvez já usasse isso mais do que você.

—Coca! Mas não é coca! Você não sabe nada sobre isso! A coca brilha... Isso, isso aqui é fosco!

—Fosco! Fosco! Porque há gesso nela. Os comerciantes são uns ladrões.

— Mas não... Não é cocaína... É heroína. Veja bem, heroína! Antes de tudo, como você conhece a cocaína?

—Talvez você acredite que isso é só para os ricos. Primeiro não me irrite... Eu ia pegar um pouco de você, mas a culpa é sua... Não se deixa essas coisas por aí. E se eu fosse da polícia e lhe denunciasse?

—Denuncie caso queira, meu pobre garoto. O que você quer que eu faça? Se eu te interrompi, é porque se não estivesse acostumado, você ia se matar. Nada além. Pegue, deixa eu te servir...

E ela mesma pegou o azulejo e o fez aspirar uma pequena pitada de pó. Para si mesma serviu uma dose cerca de três vezes maior.

— Isso não tem gosto bom, esse negócio, você sabe! A coca é muito melhor.

—Espere um momento e você verá... Se você já terminou seu trabalho, venha por aqui...

O trabalhador se debatia com a droga que o subjugava. Ele passou ritualmente pelas fases de exaltação, eloquência e sonhos que embelezaram a presença de Bárbara, cujo perfume o embriagava.

Bebeu aos golinhos um suco de fruta, cujo sabor só evocava a habitual limonada para fazê-la parecer sem graça.

— A primeira vez que cheirei coca foi na Rue Lappe. Um amigo que frequentava Montmartre trouxera. Depois cheirei com outro que virou porteiro em um grande salão de dança. Mais tarde íamos dançar no Coliseum. Lá as garotas são lindas. Não são putas, mas garotas honestas ou criadinhas. Também íamos ao Moulin de la Galette. Ou ainda em Nogent.

—Em Nogent? Você conhece a mãe Lampion?

—Você a conhece também? Bolas! Eu já estive lá muitas vezes.

E ele continuou a descrição dos agradáveis domingos nas tavernas, idílios inocentes nas belas estações parisienses, onde o lírio do vale sucede ao lilás.

—E você gosta de ser encanador?

—Eu gosto e não gosto. Mas você tem de fazer algo quando não sente vontade de ser um cafetão ou um malfeitor.

A conversa tinha para Bárbara alguma coisa de amargo como as ameixas que não amadureceram. Encontrava nesses relatos a sedução por uma vida saudável, os prazeres simples e talvez uma felicidade medíocre, mas despreocupada. Esquecia que quem falava também fora tocado pelo mesmo demônio que ela e que as suas evocações já eram as despedidas no momento em que ela lhe revelara uma musa mais perigosa e mais exigente. Anotecendo, acendeu o pequeno forninho e arrumou o equipamento para fumar. Ele conheceu assim o ópio. Não teve mais dúvida de ir embora. Não tinha mais como fugir. Passou a noite com Bárbara e ela se entregou a ele simplesmente, sem grande esperança nem curiosidade. Nela não havia luxúria nem vontade. Só a desordem do seu coração e da sua mente provocava esse abandono do seu corpo, que ela irremediavelmente considerava como uma coisa sem importância, a julgar o pequeno prazer genuíno que ela sentia nesses abraços ao acaso.

Dondlinger, esse era seu nome, só largava as suas caricias para vomitar, seguindo a tradição, e ele se encontrou de madrugada na Rue Dimanche, a cabeça martelando e vibrando, o coração pelo avesso, exausto.

Para receber Bárbara em sua casa, Antoine devia comprar ópio. Ele contou para isso com Columot que então deu um sorriso.

— Vá procurar a senhorita Muche! A professora de piano. Para falar a verdade, faz muito tempo que ela não dá mais aulas. Uma velha maluca, maligna como um macaco...

— E então eu precisaria de um cachimbo.

— Isso, para os cachimbos, somente Molinier, na RueVaugirard. Lá você encontrará tudo o que precisa.

— E a senhorita Muche, onde ela mora?

— Avenue de Breteuil. Mas, sério, você não conhece a senhorita Muche? Nunca ouviu falar dela? Uma velha mulher vestida com enfeites e franjas?

Columot estava feliz. Com uma vozinha rachada imitou a srta. Muche.

— Sou apenas uma solteirona... Senhorita Muche, professora de piano. Parece que eu vivi cem anos. Este ano terrível talvez veja a minha morte. Eu sou apenas uma solteirona... Senhorita Muche, professora de piano. Eu gosto de renda. Ah, sim, eu gosto de renda. Especialmente a bela renda preta. Eu sou apenas uma solteirona respeitável. Mas ainda assim, eu admito, eu roubei. Eu roubei renda preta, linda renda preta nas lojas de departamento. Eu

não gosto de nada tanto como o preto e provavelmente é por isso que fico tão feliz quando vejo um funeral de primeira classe.

É bonito, um funeral de primeira classe com suas plumas e todos os agentes funerários engalanados ao redor do carro fúnebre, e o cavalo, ou melhor, os cavalos, porque eles são muitos, os lindos cavalos.

Eu, quando eu morrer, e isso talvez seja neste ano, não terei um funeral de primeira classe, mas não estou nem aí, pois não vou ver as plumas negras, o belo carro fúnebre e os lindos cavalos. Eu gosto muito dos cavalos do carro fúnebre, é varonil. A morte deve ser uma grande felicidade e eu sempre amei cavalos que se empinam e relinçam.

Eu sou apenas uma solteirona, Senhorita Muche, professora de piano. Meus alunos eram principalmente garotinhas. Eu não tenho mais muitos alunos. Acham que estou muito velha. No entanto, eu gostaria de ter garotinhos como estudantes. Eles teriam aprendido música e, mais tarde, se tornado homens com belas barbas negras, eles viriam me cumprimentar no meu aniversário.

Tive certa vez. Ele se deu mal. Não é minha culpa. E, no entanto, ele não era bonito, eu sempre acreditei que os garotos bonitos eram os que se davam mal; mas ele se deu mal.

Eu lembro, foi uma noite; eu não o via há muitos anos quando ele bateu na minha porta.

“— Senhorita Muche, você não pode me emprestar cinco francos. Eu passei pelo bairro e esqueci minha carteira.”

— Mas eu não posso te emprestar cinco francos, meu pequeno, eu não tenho cinco francos.

Ele saiu como tinha vindo. Quatro dias depois, vi seu nome e o seu retrato em todos os jornais. Ele tinha matado uma velha.

Mesmo assim, eu gostaria de ter garotinhos como estudantes. Eu sou apenas uma solteirona, Senhorita Muche...Professora de piano. E eu só tenho essa lembrança e as recordações dos enterros...

Você se lembra do enterro de Victor Hugo? Sim! Foi um belo enterro. Eu tinha vinte anos. O que não faríamos nessa idade? Com minha amiga Céline, que se casou com um cobrador de impostos de Toulouse, nos levantamos às duas da manhã e fomos para os Champs-Élysées. A mãe de Céline nos acompanhava. Nós tínhamos trazido algo para comer: salsicha, um frango frio e até mesmo um pote de geleia. Sim! Foi um belo enterro. Eu nunca vi tanta gente. Sim! E então imagine que quando você está voltando... Como você diz

que...Você sabe... Por horas e horas, nós estávamos em pé. Voltamos às duas horas da tarde. Vocês, os homens, vocês não se importam, você sabe... Bem, eu quero dizer, você pode se aliviar, enquanto nós, as mulheres... Afinal de contas tínhamos todas uma fraqueza terrível. Houve mesmo quem... Perfeitamente... Nos bosques dos Champs-Élysées...E vi calças de renda abandonadas, lindas calças de renda jogadas no córrego por mulheres que não tinham podido se conter. Mas o que mais me surpreendeu foi a mãe de Céline.

“— Olhe para os pássaros no topo da árvore”, ela nos diz! Nós olhamos e não víamos nada.

“— Tem sim, tem sim, olhem lá no alto”

Arregalamos bem os olhos, mas ainda não víamos nada. De repente, eu escuto o barulho de uma fonte. Era a mãe de Celine que se aliviava, em pé, um dos pés na calçada e o outro na avenida. Você acredita em mim se quiser, mas eu nunca tinha visto uma coisa assim. Pois é, isso me surpreendeu, me surpreendeu... Ela certamente não estava usando calçinhas ...

Columot ria com vontade. Mas Antoine via se desenhar na sua frente a solteirona. Evocou essa pompa fúnebre na qual todo um povo participou. A pintura se destacou contra a névoa como um panorama da batalha. Após a cerimônia, o grande homem repousando sob três andares no subsolo, o vento varrendo no caos os imortais rebaixados, as glórias e as calças de renda imundas, cem mil mulheres com o ventre torturado, com as faces desfeitas acoradas pela cidade ao mesmo tempo e uma velha senhora firmemente plantada nas suas pobres pernas tentava mostrar às duas garotas aves invisíveis cujo canto lembrava o das fontes...

Arichetti ficara deitado por dois dias e duas noites. Não lhe restava mais nada, nem ópio, nem a borra do ópio, nem heroína, nem dinheiro: uns cinquenta francos, no máximo. A qualquer custo precisava de algo, até láudano na falta de algo melhor. Mas sua mente tinha perdido todo o equilíbrio. Desperto desde as oito horas, resolveu enviar mensagens desesperadas para todos seus amigos. Não se sentia mais com força para telefonar. Além disso, o pavor o tomava desde que pegara o aparelho. Eles o escutavam, era certo. O garçom do café ou a moça dos correios registravam suas conversas. A escuta da polícia trabalhava dia e noite somente na sua intenção. Bem como suas afirmações se tornaram de uma obscuridade indecifrável por causa das precauções para deixá-las secretas. Sentou-se na sua mesa e pegou uma caneta. Às onze horas, ele bruscamente saiu do seu torpor. Ele mecanicamente havia coberto uma dúzia de páginas com sinais misteriosos. Uma sucessão de quadrados, círculos e estrelas minúsculos enchiam todo o espaço. Ele olhou estupidamente para este testemunho do seu entorpecimento, levantou-se, pegou o chapéu e saiu. O ar puro lhe soprou em todo rosto uma chuva fina e quente e um vento ligeiro levava as primeiras folhas mortas.

Ele ficou parado na beira da calçada, resmungando um longo discurso. Os transeuntes se voltavam para ele. Súbito, uma imagem se impôs no seu cérebro. Na casa de Artenac, Berthe lhe dissera, havia um frasco de heroína e uma seringa no console da lareira atrás do relógio. A partir desse instante, seus gestos se tornaram precisos. Seu rosto choroso estava possuído como se uma vontade estranha tivesse se apoderado dele e modificado até sua aparência. Ele alcançou Nogent como um sonâmbulo. Ele agia sem se dar conta. Ele chegou na casa depois de ter cuidadosamente evitado o "Encontro dos Pescadores". Era uma hora da tarde e o mau tempo fez com que as portas fossem fechadas. O muro da casa de Artenac não era muito alto, subiu nele e se deixou cair no outro lado. Ele passou por trás, no jardim, e contemplou a fachada. Todas as portas, todas as janelas estavam fechadas, mas o postigo da porta da cozinha estava entreaberto. Ele aproximou uma cadeira de ferro pega no jardim e olhou o interior. Ao fechar a porta com violência, Courvoisier deixara a chave sair um pouco. Com seu cinto e um pedaço de arame Arichetti pescou a chave e levou-a até ele. Penetrou então na casa. Um odor insípido, mas poderoso, o agarrou. Moscas em grande número voavam. Felizmente, as persianas estavam fechadas e a sala mergulhada em uma penumbra de aquário que ainda aumentava o espelho da lareira. Foi para ela que ele se dirigiu evitando olhar à poltrona onde repousava, ele sabia, o cadáver de Artenac. Agarrou o frasco e a

seringa, mas, refletido pelo espelho e, como na água de um lago, vislumbrou o rosto horrivelmente decomposto do morto.

Ele então fugiu para a cozinha e lá, sem tomar nenhuma precaução, afundou na coxa uma seringa com a solução. Depois ele deixou tudo em desordem na mesa de madeira branca, puxou a porta atrás dele e partiu. Os agentes o recolheram na noite seguinte perto do mercado Saint-Antoine. O companheiro feliz das noites festivas, o camarada brilhante outrora tão leve, tão fino, não passava de um destroço anônimo. Do seu passado, do seu nome, de tudo o que fizera sua alegria de viver, não tinha guardado nenhuma lembrança. Era agora um animal reclamando sua migalha de narcóticos. Ele não fez disso segredo na polícia, onde o delegado hesitava em direcioná-lo para uma cela ou para uma enfermaria apropriada. Teve em duas horas três ataques nos quais os agentes pensaram em vê-lo morrer. Ele foi levado a um hospital, onde uma picada lhe deu a eloquência de litigantes perseguidos. Acusava os demônios da noite e as sociedades secretas de torturá-lo com refinamentos líricos. Depois novamente caiu em um mutismo do qual só saía, em intervalos regulares, como um mecanismo programado, para reivindicar a picada que lhe abriria as portas do deserto mental onde ele agora iria viver.

Desintoxicado e internado, ele era o joguete de decisões administrativas que o mandavam de hospitais para asilos como um condenado descendo os círculos do inferno, perseguido pela ressonância das pesadas trancas ilusórias, mas invioláveis, que os poderes da escuridão atrás dele fechavam sem parar. Morto sem outro epitáfio que uma ficha em um armário, fadado ele mesmo ao esquecimento dos sótãos, mas vivo por todas as necessidades reduzidas da vida física mais elementar, aqui sai do romance Marie-Louis Arichetti, com vinte sete anos de idade, vítima da desproporção entre seus sonhos infantis e as realidades da vida, também vítima do remédio hipócrita aos seus sofrimentos morais.

O inspetor Estival não tinha nem orgulho nem vergonha do seu trabalho. Ele considerava que a base de toda polícia é um grande número de informantes. Existem aqueles a quem se paga em dinheiro e outros em serviços prestados, em ignorância voluntária, em "privado", e que esses são os mais úteis, junto com a terceira categoria, a dos informantes anônimos. Indo para a casa de Antoine Maison, ele não esperava fazer um recrutamento. Ele simplesmente pensava dar ao seu antigo colega de escola e de trabalho uma enorme surpresa que, definitivamente, não seria desagradável. Ele até sorriu com a entrevista que iria acontecer e sorriu ainda mais com a recomendação que lhe fora feita: "Sem brincadeiras. Pode haver pessoas de classe nessa história. Faça uma pesquisa cuidadosa, mais para completar o arquivo do que qualquer outra coisa. Bárbara Durand, a filha de Durand, das fábricas, estaria vagamente envolvida na jogada. Deixe falhar em vez de errar. Em suma, ficaríamos contentes se não encontrarmos nada, a não ser uma explicação sem perigo. A recepção de Antoine foi cordial. Fazia dez anos que eles não se viam, desde a época em que os dois começavam a vida na farmácia Columot, e ele imaginou inicialmente que Estival viera para pedir um favor.

— Digamos! Não esperava te ver!

—E eu, então!

—E você? Como tem meu endereço?

— Pela Delegacia de Polícia.

— Na Delegacia de Polícia?

— Sim... Você não sabe... Sou inspetor.

— Meus cumprimentos.

E Antoine fez um ar um pouco ansioso.

— E é o Estival, meu velho amigo, que vem me ver, ou o Senhor Inspetor Estival?

— Antoine, vejamos, seremos sempre amigos. Eu pelo menos. E você pode até se parabenizar com isso porque tenho a impressão de que vou fazer um ótimo serviço, retirar do teu pé um espinho comprido como esse. Vejamos, você conhece um certo Artenac?

— Sim

— E além de Marie-Louis Arichetti? Raoul Courvoisier, Berthe Cassotte, Jeanne Marjolain e Bárbara Durand? Sim, certo, você fuma ópio com eles. Eu não te peço para me responder. Eu te digo o que é. Você sabe ou não sabe que Artenac foi encontrado morto em sua casa, e morto, já faz tempo...Cadáver em completo estado de putrefação. Você sabe ou não sabe que corre o boato de que sua morte não é normal e que o cadáver poderia ter sido transportado de outro lugar. Não olhe para mim assim. Eu não adivinho. Eu sei disso. Vocês

têm uma língua comprida no meio de vocês. Vocês não sabem como segurá-la... Talvez o corpo tenha sido transportado no carro de Courvoisier e que você estivesse na excursão? Verdade ou não, você vê que eu tenho informações precisas.

— Quem te contou semelhante absurdo?

— Bem, eu vou te dizer, ou melhor, eu vou te dizer de onde isso está vindo. Seu amigo Arichetti não é normal. Contam histórias para ele e ele conta essas histórias para pessoas que sabem o que fazer com elas. Pense que um pequeno traficante do varejo é conhecido por nós. Se ele continua o seu negócio, é porque queremos assim e queremos assim porque existe uma conveniência entre nós. A propósito, diga-me, você não poderia me dizer onde ele se abriga, este Arichetti?

— Em Charenton ou Ville-Evrard, ou em outro asilo.

— Você não quer me responder, bom, não insisto. Você não confia em mim. Meu velho, eu te considero bastante para não fazer de você um informante.

— Naturalmente, espero que sim. Mas te digo a verdade. Arichetti ficou louco. Ele foi internado depois de passar pela enfermaria da casa de detenção. Foi encontrado vagando pelas ruas.

— Bem, isso é sensacional. Desde que ele era a principal testemunha, se ele está louco, minha investigação termina em nada, anulada, zero para o registro, e você suprime isto... Desta vez. Porque nem sempre serei eu quem vai cuidar do seu negócio. Você está tomando isso há muito tempo?

— Mas eu não tomo.

— Bom. É uma questão resolvida. Mas me escute. Se eu fosse um imbecil, eu pegaria esse pequeno saquinho que tiro do meu bolso. Eu iria ao teu banheiro e por lá esconderia esse saquinho e viria fazer uma busca daqui a uma hora. Você agora entende, tipo desconfiado como você? Bom, escute. Tenho drogas e eu não faço nada com elas: coca, morfina, heroína, ópio... Tudo o que você quiser. Se você e seus coleguinhas quiserem isso, eu vou te vender. Mas cuidado, Antoine, só quero conhecer você. Eu confio apenas em você, porque me custaria caro se alguém soubesse. Aqui estão cinco gramas de heroína. Desapareça com isso por quinze francos. Você me pagará quando tiver vendido.

— Mas meu velho...

— Adeus, nem uma palavra. Se isso não lhe desagradar, telefone para mim e vamos almoçar juntos um dia. Ah! Eu esquecia... Vou ver seu amigo Courvoisier amanhã às duas e meia. Eu queria que ele estivesse em casa. Eu não te peço segredo... Grande Antoine, até!

E ele o deixou sem ouvir uma palavra.

Antoine advertiu e tranquilizou Courvoisier, mas ele não conseguiu dissimular seus medos. A seus olhos a polícia só poderia armar uma cilada para eles. Ele não acreditava em um possível acordo. Talvez devesse dar dinheiro a esse inspetor para obter seu silêncio. Antoine tinha certeza de não ter confessado nada, de não ter dito nada de comprometedor? Na mesma noite ele retirou da sua casa e confiou a Columot todo o seu equipamento, mantendo apenas uma bolinha de ópio escondida na caixa do seu relógio. Ele errou até tarde de cafés a cinemas, de cinemas a casas noturnas. Dormiu mal e só ao amanhecer. Na hora combinada, Estival estava lá. A conversa deles foi curta. O policial limitou-se a dizer-lhe que, devido à sua relação com Antoine, não daria seguimento a investigação e que a loucura de Arichetti era um acontecimento feliz.

Após sua partida, Courvoisier passou da ansiedade para o otimismo absoluto. Escolheu numa caixa uma gravura, que ele deu a Antoine na mesma noite, convidou-o para jantar e não o largou até o amanhecer. Por sua vez, como um oficial consciencioso, o inspetor Estival voltou para a Delegacia, acrescentou algumas linhas nas fichas de Courvoisier, Arichetti, Berthe e Jeanne, com um suspiro por averiguar uma notícia para seu antigo amigo de juventude Antoine Maison.

Eles se conheceram em Columot, uma farmácia no Marais. Antoine tinha então dezoito anos e Estival vinte. Reformado, esse último exercia, não sem turbulência, a profissão de representante enquanto seu companheiro via se aproximar o dia no qual sua classe seria chamada. O ano de mil novecentos e dezoito queimava com todos os fogos da guerra. Naquele ano, Antoine viveu a todo custo, não importa como, e foi aí que ele registrou o início dessas aventuras. Mas não foi sem um sorriso interior que ele conheceu Jacques Columot no grupo de Bárbara. Jacques Columot, o sobrinho do papai Columot, aviador cujas aventuras e extravagâncias, estrondosas tanto uma como outra, faziam sonhar e indignavam ao mesmo tempo os servís servos da Casa Columot. Ria sozinho quando chegou em casa ao amanhecer. De tudo isso, ele nada dissera a Courvoisier. Ele havia explicado com rápidas palavras que Estival era um velho amigo da época em que não era um inspetor de polícia, que o perdera de vista e que apenas o acaso da investigação lhes havia ocasionado o encontro. Do maço de heroína confiado, ele também não disse nada. Ele pagaria em poucos dias e daria a droga para um ou outro. Voltando a colocá-la sobre a mesa, foi tentado a prová-la. Mas ele queria dormir. Essa necessidade de sono que acabou por salvá-lo jogou-o em sua cama fresca como um banhista em um rio. Ele ficou ali esticando seus membros e adormeceu, teso como um I.

Molinier era um homem gordo que morava em um grande apartamento cheio de enfeites chineses. Os dragões e os Budas se amontoavam desde a entrada em uma desordem de sôtão. Os quartos estavam cheios de pilhas de gravuras. Armaduras e troféus congestionavam os corredores. Tapetes enrolados repousavam nos cantos. O próprio Molinier veio abrir a porta. Corado, em mangas de camisa, falava com uma vozinha fina e com gestos arredondados. Ele olhou para Antoine e o levou para uma sala dos fundos.

—Um cachimbo de ópio? Vejamos, que tipo você está procurando? Eu tenho alguns muito bonitos e outros nem tanto.

— Bem! Um cachimbo simples, mas ainda assim bonito... Que esteja em boas condições.

—Ok. É para fumar. Vou ver o que você precisa. Ele colocou sobre uma mesa uma dúzia de canos de bambu que ele pegou aos punhados de um armário. Eram tubos muito simples, com pontas de chifre ou âmbar, com uma montagem prateada pouco trabalhada.

— Aqui, acredite em mim, pegue este. Vale apenas trezentos francos e há pelo menos cinquenta gramas da borra do ópio nele. Como forninhos... O forninho clássico de barro, não é? Dois? Três?

— Dois.

— Bem, você já tem outro cachimbo. É normal.

Outro cachimbo?

Antoine ficou calado. Ele não se atreveu a dizer que não tinha um. Molinier continuou:

— Um verdadeiro fumante sempre tem vários cachimbos e uma boa coleção de forninhos.

Ele amarrou tudo em papel de embrulho e entregou ao cliente.

— Ah! Também... Eu gostaria de agulhas... Três agulhas.

—Aqui estão.

Ele as enfiou em uma rolha e lhe entregou.

Antoine pagou, então, antes de sair, e aproveitando a audácia:

— E ópio? Você não tem?

Molinier sorriu desdenhosamente.

— Isso, nunca! O equipamento, isso não é perigoso. Sou antiquário e só vendo peças autênticas. Mas a droga é outra questão. Eu não quero ir para a cadeia. Além disso, não sinto dó por você; você sabe, é claro, onde obtê-la.

Antoine desceu a RueVaugirard e entrou na Avenue de Breteuil. A senhorita Muche morava no terceiro andar de uma casa em estilo campestre, coberta de telhas, que contrastava com os imóveis circundantes. Seu andar era o último. Ele não ultrapassava as copas das árvores. A acomodação era composta por dois quartos. O primeiro, ao mesmo tempo uma sala de estar e uma sala de estudo, era quase inteiramente ocupado pelo piano. O segundo era a cozinha, sala de jantar e quarto. Senhorita Muche era igual ao que Columot havia descrito. Uma blusa preta com a gola alta que subia até o queixo. O rosto pequeno, magro e enrugado era perfurado por dois grandes olhos azuis de uma surpreendente ingenuidade. Brincos de azeviche pendiam das suas orelhas sob tiras de cabelo amarelo. Mas a voz era áspera e, ao mesmo tempo, chorosa. Esta mulher pobre evocava o retrato da Avareza. Seus lábios chupados, como se tivessem contidos, falavam dos desejos não realizados, dos vícios combatidos ou dissimulados. Liberava um perfume obsoleto e vulgar que trouxe Antoine de volta à infância quando era levado para a casa de velhinhas horrorosas cujos rostos o ferroavam quando tinha de beijá-las. Mais uma vez, Antoine sentiu-se tomado pela timidez e estranhamento. Ele pensou na desenvoltura de Courvoisier, na inconsciência de Arichetti.

— Eu venho, ele disse, da parte de um amigo que você conhece bem... Senhor. Columot.

— Senhor Columot? Ele está bem? Você vem buscar algo para ele?

— Não, para mim.

— Sim, para você? E quanto você precisa?

— Cinquenta gramas.

— Do bruto ou do preparado? Preparado, é claro. O bruto, não vendo menos de uma libra. Se você fosse um fumante de verdade, você mesmo o prepararia. É muito melhor. Enfim... Você quer cinquenta gramas? Não gosto de vender tão pouco por vez. Pegue então cem gramas. Vou deixar para você por quatro francos e cinquenta, em vez de cinco. Ela entrou no segundo quarto e voltou com um frasco de cerâmica, com uma tampa de metal, igual ao que se usa nas farmácias. Ela enrolou aquilo em um papel de jornal, entregou para Antoine e o empurrou para a porta.

—Você dirá ao Senhor Columot ...

Bruscamente ela correu para o fogão sobre o qual um líquido derramado chiava. Ela moveu a tampa. Um cheiro de cebola frita se espalhou...

— Você diz ao Senhor. Columot que ele deveria vir me ver, tenho algo interessante para lhe dizer.

Ela abriu a porta e a fechou rudemente atrás do visitante.

Era quase meio dia. Antoine sentiu-se aliviado por ter terminado suas compras. Uma grande confiança o atingiu como se ele tivesse realizado ações brilhantes. Ele decidiu almoçar com Estival e, de um café, telefonou para ele. Estival respondeu, com o sotaque de uma antiga camaradagem, que esperava por ele no escritório. Antoine saltou em um táxi, infantilmente feliz por ir à toca do leão carregando cem gramas de ópio e equipamento para fumar.

O restaurante dava vista para o cais. Ao barulho dos pesados caminhões se sobrepunham os rumores da cidade que o vento depositava na água do rio que os misturava na sua a corrente. Estival estava lá como se estivesse em casa. Tinha, ao entrar, apertado a mão de vários colegas e instalou-se com Antoine em uma mesa perto da janela. Ele falou do passado: a casa Columot, onde os dois se conheceram, suas festas divertidas, os domingos, entre um restaurante de três francos e as idas a um cabaré...

— Você se lembra?

— Mas essas lembranças repugnavam Antoine. Tudo lhe parecia vir de uma vida que não poderia ter sido a dele. Seria possível que essas alegrias vulgares fossem para ele um encantamento e a recompensa de seis dias de trabalho medíocre? Seria possível que esse garoto fosse o seu melhor amigo? Alguns anos havia traçado entre eles uma fronteira invisível. Antoine teve de refletir antes de falar para encontrar um assunto comum de conversação e tinha dificuldade em se interessar pelas palavras do seu amigo. Ele teria mudado tanto? Ele tinha mudado pouco, só as suas relações. Quanto ao resto, ele ainda era escravo de um trabalho desinteressante e de um módico meio de subsistência. E depois, Estival era da polícia e isso paralisava os seus pensamento e a sua linguagem. Por preguiça, datilógrafa.

— Esse? Ele teve que se aposentar. Aquele? Ele fez um recurso da cadeia. E aquele? Ele ganha muito dinheiro. Aquela outra? Ela se casou... O chefe? Ele morreu...

Os dois queriam conversar sobre uma outra coisa. Eles só se atreveram a fazê-lo na sobremesa.

— A propósito, devo-lhe setenta e cinco francos.

— Ah! Sim? Você vendeu... Você ajusta comigo pagando a gorjeta... Se você quiser outra vez, terá apenas de me dizer.

— Outra vez? Bem! Não, você sabe que pouco me interessa por isso.

— Vocês todos dizem isso. Mas se um dia você estiver embaraçado, procure-me. Eu ainda sou amigo. Como está seu amigo Courvoisier?

— Penso que ele está bem. Eu não o vejo há alguns dias.

— Sim. Eu acho que o negócio dele não vai muito bem. Melhor largar tudo e trabalhar. Se eu soubesse o que ele sabe poderia ser um milionário. Mas isso é por conta dele. E Bárbara Durand? Essa é uma garota bonita. Berthe Cassotte também, mas não tanto. Mesmo assim, ela está bem.

— Antoine respondia relutantemente. Os nomes dos seus amigos ganhavam, na boca do inspetor, a aparência trágica de um noticiário. No entanto, em nenhum momento ele se preocupou com o conteúdo dos seus pacotes. Ele os viu no cabideiro e nem por um instante teve medo que Estival adivinhasse o conteúdo.

A refeição terminou. Eles se levantaram. Estival estendeu a mão.

— Adeus, meu velho, mas não seja estúpido. Estarei a sua disposição o máximo que puder, mas isso nem sempre será possível para mim. Além disso, eu confio em você. Você um dia largará todas essas pessoas... Embora Bárbara...

Antoine observou-o se afastar em direção da Praça Saint-Michel, onde se fundiu com a multidão. Por um momento, viu seu chapéu cinza claro sobre a ponte e depois o perdeu de vista. O Sena fluía lentamente. Nas suas margens um pescador havia acabado de pegar um peixe que estava se agitando final da linha lançando faíscas prateadas.

Antoine teria sido rico se considerasse o amor de Bárbara um objetivo menor. Mas sua juventude, sua confiança na vida e seu destino, sua saúde sólida tornaram mais irritantes os obstáculos materiais aos seus desejos. Talvez o amor próprio e a vaidade não fossem estranhos à paixão que o conduzia. Ele era pobre, ele seria rico. Ele queria ver Bárbara em casa, ou seja, no seu cenário, construída de acordo com sua imaginação. O amor é o deus dos negócios arriscados. Ele mudou de profissão. Ele tentou o que jamais teria tentado para sua própria satisfação.

Ele encontrou em si mesmo recursos de energia e, é bom dizer, encontrou em seu próprio gosto pela economia, talvez mesmo avareza, um significado de esplendor. Ele poderia amar o dinheiro por ele mesmo.

Seu amor lhe permitiu amá-lo como material de guerra e de conquista. Sua sensualidade, sua avidez foram para ele uma grande ajuda e também um senso inutilizado para a comédia. Existe em todo homem um ator dissimulado. Ele contava para si mesmo, nos momentos de solidão, belas histórias como quando era criança. Ele vestia então todos os frangalhos do heroísmo e, se ele triunfasse sobre Bárbara, não era lhe causando pena, mas provocando a sua admiração. Isso que o exaltava também deveria criar o seu fracasso.

Pois ele não é um grande capitão que não sonha em ser derrotado. A parte feminina de qualquer homem pode ser reduzida à servidão pela ação do homem. É sempre um risco ela despertar. César deve ter desejado seu assassinato; Napoleão, Leipzig e Waterloo. Quanto mais ele progredia no caminho da vitória, mais ele esperava a derrota e a construía inconscientemente.

Ele reproduzia sem nem duvidar, no seu romance pessoal, os fatos e os gestos dos grandes homens que passaram após a morte para a categoria de mitos. Ele aprendeu a se vestir com bom gosto. Ele se mudou e soube escolher sua casa. Sua fortuna não lhe permitia ter uma moradia suntuosa. A dele foi charmosa. Sua simplicidade parecia intencional. Sua própria originalidade explicava uma escolha que era determinada apenas pelo dinheiro, mas que parecia ser o resultado da sua fantasia.

Auportain lhe foi útil nessas circunstâncias. Havia nesse velho egoísta, nessa inteligência aparentemente consumida, uma grande ternura perdida. Talvez esse celibatário tenha se arrependido de não ter um filho, não deixando para trás nem um herdeiro, nem uma obra. Ele sabia como fazer Antoine escolher o objeto modesto do brechó que se tornaria uma obra de arte em um cenário apropriado para ele. Na modéstia e no vigor de sua decoração, ele foi capaz de incorporar um estilo, um gênero. Desse jeito, Antoine não tinha uma casa pronta ou a obra-prima de um grande decorador, mas algumas peças feitas ternamente sob medida onde não se poderia imaginar que ele e só ele, fizera uma casa onde sua voz encontrava sua acústica, onde seus amigos adotavam o tom de Antoine, onde não vinham, como em um teatro, exibir seu talento, mas realmente colaborar com um momento de sua vida a tonalidade de uma fração do tempo gasto na sua companhia.

Mais velho, Antoine construiria um deserto envolvendo sua casa que afastaria os indesejáveis. Aqueles que conseguissem chegar até ela seriam verdadeiramente dignos de um encontro, trariam perfumes e notícias das terras distantes do planeta e da inteligência. Mas Antoine era jovem. Ele ainda não podia pensar em escolher na grande colheita que a ele se oferecia por todos os lados. Ele recebeu então todo mundo, os melhores e os piores. Finalmente, um dia, aquela para a qual ele construía sua casa veio vê-lo.

Bárbara chegou com Lily por volta das cinco horas. Era junho. As janelas estavam abertas e os pássaros cantavam. Bebidas e licores esfriavam em baldes de gelo. Os discos escolhidos esperavam perto do toca discos. Em uma mesa, uma refeição fria estava pronta. A bandeja, os cachimbos, a lâmpada, o ópio compunham sua natureza morta em um divã perto da grande tigela de cerâmica cheia de limões, cerejas e damascos.

Bárbara se fez ainda mais atraente, se fosse possível. Ela pegou emprestado um roupão de banho de Antoine e tirou a roupa, pois estava com o brilho de sua beleza e sabia o charme lhe dava essa roupa. Lily fez o mesmo, embora sentisse obscuramente que sua presença não era desejada por Antoine. Ela soube pelo menos ser discreta, e quando a noite tépida entrou pelas janelas, ela fumou depressa vários cachimbos para poder viajar à vontade longe dos dois jovens.

Antoine e Bárbara fumavam juntos com a tranquilidade que a perspectiva de uma noite inteira longe de toda agitação oferece, ignorados por todos, sem preocupação, na tepidez da primavera. Falavam pouco porque Bárbara sabia muito bem que seu companheiro lhe falaria do seu amor, porque Antoine estava esperando o momento para falar dele. Mas como dizê-lo? O jovem amante é sincero e inexperiente. O que quer que faça, ele não escapa ao ridículo e sua chance reside no charme do seu sem jeito. Antoine não era bonito nem feio. Ele não sabia brilhar. Faltava-lhe a prática com uma companhia alegre para relaxar e mostrar que tinha tanto espírito quanto qualquer outro. Ele era naturalmente silencioso, amante da solidão tanto quanto de companhia, e mais naturalmente inclinado à ternura do que à ironia.

Pouco habilidoso em exprimir essa ternura, também não sabia deixá-la transparecer com expressões delicadas. Sabendo com dificuldade defender seus sentimentos, ele os dissimulava. Mas o ópio, como o ar da época, banha quem o respira. Se for verdade que existem pontos em comum, uma identidade de pensamento entre os habitantes da mesma cidade, da mesma região porque o mesmo oxigênio circula nos seus pulmões, é ainda mais verdadeiro que o ópio une os espíritos dos fumantes ao redor da mesma lamparina. É um banho em uma atmosfera mais espessa, uma reunião em uma cama com cobertores pesados, uma verdadeira união à qual não se resiste.

Talvez seja também a razão pela qual existem poucos fumantes solitários, porque, apesar deles, eles fazem propaganda do seu veneno. Existe, com certeza, em todo viciado em ópio um amante infeliz ou insatisfeito, um bisneto de Obermann, de Adolphe ou René. A conversa entre Bárbara e Antoine tornou-se sentimental, como sempre, mas Antoine estava determinado a prosseguir além dos limites habituais. Para dizer a verdade, eles se embriagavam com suas próprias palavras. Elas lhes pareciam sublimes para eles mesmos,

mais tocantes, mais encantadoras do que as do parceiro. Pois esses amantes atormentados são também egoístas.

Palavras divinas, linguagem das esferas... O que delas restaria ao amanhecer? Eles seriam incapazes de se lembrar e, se pudessem, a decepção seria ainda maior. Bárbara e Antoine mais monologavam do que conversavam. Cada um deles seguia o fio do seu pensamento, enlaçando-o ao acaso na última frase do outro, sem se preocupar em responder a uma pergunta, encadeando um argumento ao outro argumento. Assim crescia entre eles o abismo que eles tinham esperanças de suprimir. Ausentes um do outro, acreditavam estar unidos, fundidos, confundidos em um só ser, enquanto, moralmente, suprimiam seu interlocutor e projetavam no seu lugar uma imagem embelezada deles mesmos. Eles pensavam que eram dois, mas estavam sozinhos ou, se quisermos quatro: Bárbara e Bárbara, Antoine e Antoine.

Bárbara largou o cachimbo na bandeja e se apoiou nas costas, os olhos fixos no teto. Sua garganta nua estava latejando. Ela permaneceu imóvel enquanto Antoine sonhava com os reflexos da lamparina em sua pele e o pulsar dessa carne.

Um relógio distante tocou. Antoine pegou o cotovelo de Bárbara.

— Bárbara. Isso não pode durar. Você sabe que eu te amo. Você me ama? Não posso mais suportar essa brincadeira por mais tempo. Não suporto que você esteja com os outros da mesma forma que comigo. Eu lhe digo, eu não aguento mais. Você tem de tomar uma decisão.

Bárbara levantou-se sobre o seu cotovelo.

— O que você quer dizer? Não faz sentido que isso acabe. Eu sou quem sou. Nunca disse que te amaria. Se não puder continuar assim para você, teremos que parar de nos ver!

Antoine não respondeu. Quanto a Bárbara, talvez ela tivesse esquecido o que acabara de dizer no instante que pronunciou a última palavra. Eles permaneceram imóveis um ao lado do outro, então ela pediu uma bebida. Ele fez chá, prensou limões, pegou alguns cigarros em uma gaveta. Lily disse algumas palavras do fundo do sofá, onde ela penetrava na sua escuridão pessoal. Entretanto, ela emergiu de lá, veio fumar de novo alguns cachimbos e voltou ao seu refúgio. Sua voz saiu das sombras, por alguns instantes, depois ela encontrou o silêncio e afundou.

Antoine e Bárbara retomaram sua meditação. As frases que eles trocavam eram estranhas às suas preocupações ou, sobretudo eles as simbolizavam com tantas precauções inconscientes que nenhum deles poderia suspeitar do significado secreto. Mas esse significado secreto, eles o inventavam. Ela gostaria de poder responder novamente à pergunta de Antoine.

Se ele ainda lhe falasse, ela aceitaria se entregar a ele para se consolar da sua própria angústia, para tentar finalmente amar, pois sentia pena da sua própria impotência.

Ele aguardava as palavras que lhe permitiriam retomar a razão do seu amor. E ela imagina adivinhar as intenções secretas que pressentia. E ele imagina em cada uma de suas palavras discernir o início da frase que quebraria as muralhas que os separavam.

Seu dialogo continuou assim, um enganando o outro e enganando a si mesmo, enquanto uma grande onda de fadiga e desânimo jorrava nas suas mentes impenetráveis à luz do sol, aos movimentos generosos da vida simples. Eles se calaram, espreitando-se e espreitando a evolução das horas, desejando o fim da noite e sua eternidade, depositando todas as suas esperanças nos eventos do dia seguinte, mas os receando o bastante para desejar que eles fossem enviados de volta para um futuro muito distante, tão distante quanto a morte na qual não acreditavam, tão distante quanto o fim do mundo no qual também não acreditavam. Barulhos dos carros chegaram até eles através dos três pátios e dos jardins. Os leiteiros punham grosseiramente as suas caixas na porta dos comerciantes de manteiga. As cortinas embranqueciam. Bárbara e Antoine decidiram sair. Lily veio se juntar a eles. Eles abriram as janelas. O canto dos pássaros se misturava com o das torneiras. Mergulharam com prazer os rostos na água fria e depois furtivamente desceram as escadas. O céu de junho já estava brilhando nas árvores frondosas. Eram quatro horas. A porta da rua estava aberta e um velho sucateiro vasculhava o lixo. Gatos vieram se esfregar nas suas pernas enquanto ronronavam. O sucateiro os viu passar sem surpresa como um homem acostumado a esses encontros.

Desceram a Rue Taitbout através de um ar transparente e dourado. No Boulevard Haussmann, filas de táxis esperavam. Eles passaram e ganharam os boulevards que seguiam em direção à Ópera. Lily e Antoine devam o braço a Bárbara. Inebriados pelo verão e pelo bom tempo, eles falavam sem continuidade e suas palavras eram sem importância. Pela Rue de la Paix, chegaram à Praça Vendôme. As joalherias estavam fechadas. Todo o bairro respirava um sono tranquilo. O piso havia sido asfaltado recentemente e o solo estava granuloso.

— Parece borra de ópio, disse Bárbara.

Seguiram pelas arcadas da Rue Castiglione e depois pelas Tuileries ainda fechadas. Ao chegar na Praça Concorde e antes de entrar no Cours de la Reine, irradiando um presságio alegre, o sol apareceu, novinho em folha, atrás deles. A luz inflamava os Champs-Élysées até o Arco do Triunfo e as árvores quase a encobriam. Na altura da Avenue Victor

Emmanuel, Lily os deixou. Eles escutaram os seus passos sonoros na calçada por um longo tempo.

Na Praça Alma, carros descarregavam flores. O mercado estava se preparando na agitação silenciosa dos rapazes de serviços. O cais de Tokio, lavado pela luz, levou-os na direção dos jardins do Trocadero e da Torre Eiffel. Eles atravessaram o rio. Escutava-se os solavancos encobertos pela estação do piso inferior e, então, não muito longe do Velódromo d'Hiver, eles encontraram um café onde trabalhadores da Citroen estavam tomando seu café da manhã. Eles entraram. Os pisos lavados com água refletiam a luz do dia. Uma névoa, rapidamente dissipada, saía das máquinas de café. Os trabalhadores engoliam apressadamente um café cremoso ou, mais raramente, um café misturado. Alguns preferiam o vinho branco Vichy.

— Ei! Dondlinger...Meu mestre encanador, diz Bárbara. E ela se aproximou de um rapaz em mangas de camisa ocupado lendo um jornal. Ela o apresentou a Antoine, e os três sentados à mesa ficaram no café que não demorou a se esvaziar com os últimos gritos das sirenes da fábrica. No viaduto do metrô, os trens passavam com grande estrondo.

Antoine observava o jovem atormentado, ao que parecia, por um desejo de falar e que não conseguia se manifestar. Ele mesmo ainda sentia a noite anterior envolvê-lo, debilitá-lo, predispor-lo ao silêncio e ao sonho.

— Você não conhece Dondlinger, Antoine? Eu te falei dele.

— Sim, eu lembro muito bem. Nós já devíamos ter nos encontrado.

— Sim, disse Dondlinger, mas outro dia eu não pude vir. É de propósito. Todas as vezes que eu quero fazer algo a mãe está doente. Parece que ela adivinha e arranja de ter alguma coisa. O que você faria no meu lugar? Você se tornaria uma enfermeira. Não é por nada, mas eu não tenho sorte. Bem, será para outra hora, não é senhora Bárbara?

— Se tentássemos sábado, sábado à noite. Assim você teria o seu domingo tranquilo, sem precisar ir para o trabalho.

— Sim! O trabalho, ele está bem calmo esses dias... Águas que estouram, pias entupidas. Não se imagina o que as pessoas metem nas pias. Não falo nem de cabelos, mas de verdadeiras perucas que saem de lá. Mas um monte de outras porcarias. Uma vez, na casa de uma velha coroca, um título de mil dólares rasgado e carimbado. Eu o peguei, levei-o ao banco e fui reembolsado. Mas é incomum. E depois um monte de outras coisas, anéis, alianças. É uma loucura como as pessoas perdem suas alianças nas pias. Obviamente, existe uma rolha que protege o buraco de escoamento. Mas a corrente se quebra e então tudo cai nela. Felizmente, existe o sifão onde tudo para e ele fica tapado, mesmo assim, ainda não

entendi como a velha beldade poderia entupir a dela com um título de mil. Outra história de amor, com certeza. Briga-se demais na alta sociedade e depois ficamos frente a coisas sem sentido. É como banheiras. Você diz a si mesmo: uma banheira é água e sabão. Bem, de jeito nenhum. Vi uma banheira entupida com geleia e *foiegras*. E eu não falo sobre o resto. As pessoas fazem de tudo e algo mais na banheira. As pessoas? São porcos quando olhamos para os canos dos seus banheiros. Bárbara ria. Ele pontuou:

— Sim, senhora Bárbara, porcos e os banheiros latas de lixo.

Ele se levantou.

— Já estou indo. No sábado, Senhora Bárbara. Até sábado, senhor. Eu vou vasculhar os ralos. Um trabalho sujo, em uma espelunca. Lá também, são porcos. E ele foi embora.

— Você imaginava desse jeito o meu encanador, Antoine?

—Um pouco. Mas ele é engraçado.

— Você verá no sábado. Agora voltemos. São nove horas. Tenho vontade de dormir.

Ele a acompanhou até a porta e, antes de partir, trocou um beijo sem sabor, distante, contido. Bárbara entrou rapidamente, decepcionada por vê-lo ficar na rua sem tentar segui-la.

Auportain escutou pacientemente o discurso de Courvoisier sentado na sua frente. Era uma questão resolvida. As drogas e ele estavam apartados, e para sempre.

— Quando penso nos meus anos perdidos! Olhe, tenho aqui em casa numa gaveta, há três anos, todas as notas relativas à minha pesquisa sobre raios cósmicos e um grande manuscrito quase pronto para impressão. É um livro sobre a evolução da hipótese em física desde Descartes, um assunto empolgante, um livro que me fortaleceu, onde encontrei em mim mesmo as razões de exaltação e a chave dos meus trabalhos futuros. Acredite em mim, meu querido Auportain, sou um homem digno desse nome, com coragem para conseguir, vontade e energia. Defini um prazo para mim. Antes de seis meses é necessário que tudo isso seja atualizado e concluído, porque houve, de qualquer maneira, muitos acontecimentos na física nesses três anos. Em seis meses, tudo isso estará na editora e eu, longe dos encontros para fumar, em um laboratório da manhã até a noite. Eu preciso me desintoxicar. Decidi isso. Eu quero.

— Entre em uma casa de saúde.

— Não. Isso é para os mariquinhas. Quero trabalhar, tenho de trabalhar logo, e, depois, preciso de algum dinheiro.

— Você não vai se desintoxicar sozinho, tão decidido você esteja. Na clínica você vai se desintoxicar com certeza. Depois, será sua a tarefa de não recomeçar. Se você tiver sucesso, já poderá estar orgulhoso de si mesmo. Somente um em cem não retorna ao cachimbo, à coca ou à seringa.

— Mas eu juro para você...

— Não jure. Eu já ouvi milhares desses juramentos! Juramentos de viciados! Eu nunca vi um só se manter.

— Por favor, Auportain, me ajude.

— Como ajudar você? Não terei virado as costas e você telefona aos seus amiguinhos para que eles tragam sua porcaria. Qual a autoridade que teria sobre você, eu que sou viciado e assim permaneço?

— Mas como você faz para viver normalmente?

— Tenho um gosto forte pela virtude e muita sorte. Somos raros na minha categoria.

— Finalmente, diga-me o que fazer e eu cuido disso.

— Experimente a garrafa chinesa. Quanto você precisa de ópio por dia?

— Eu não fumo mais. É muito tempo desperdiçado e depois isso me enervava.

— Eu como, ou melhor, eu bebo o ópio.

— Quanto por dia?

— Decaí muito. Um grama por dia.

— Vamos dizer cinco gramas, e provavelmente estou abaixo da verdade. Se eu fosse médico de uma clínica, você teria mentido na outra direção e falado dez gramas. Você vai tomar uma garrafa, ou melhor, use uma de champanhe. Você medirá quantos copos de conhaque ela contém. Eu não sei exatamente, digamos quarenta. Você vai dissolver dentro dela duzentos gramas de drogas. Todo dia você bebe um copo, mas vai substituir todos os dias na garrafa o que você bebeu pela mesma quantidade de água pura. Sua solução será aos poucos bem mais fraca e assim você chegará, sem perceber, a beber apenas água pura... teoricamente.

— Mas é maravilhoso! É uma engenhosidade chinesa. Obrigado pelo método...

— Atenção... Eu disse teoricamente. Entrego-lhe o sistema pelo que vale. Mas eu não acredito nisso.

— Mas eu acredito nisso. Você vai ver...

— Aguardo para ver. Courvoisier comprou imediatamente uma garrafa de Cliquot e convidou Berthe para vir bebê-la. Foi uma noite sentimental. Courvoisier estava cheio esperança. Mas também, por ser o último dia, ele forçou um pouco a dose. Ele estava novamente entusiasmado com o mundo e a vida.

— E você, minha querida Berthe, você não acha uma pena de se ver como nós nos vemos, jamais lúcidos, jamais certos um do outro? Na sua idade, bonita como você é, ficar presa nas drogas é uma trapaça.. Somos insanos por não olhar mais para você, Lily, Jeanne, Noëlle, Marie-Jacqueline e Bárbara.

— Parece-me que você olha para elas... Bárbara, por exemplo!

— Não, tudo isso é enganação. Sozinhos, estamos sempre sós, e os beijos que trocamos nunca provaram nada, nunca provocaram nada. Amor entre nós? Não. Egoísmo. Sabe com quem nós somos parecidos? Com os pederastas. Como eles, formamos uma sociedade secreta e internacional. Nós nos reconhecemos com sinais seguros e indescritíveis. Em todos os países do mundo, sabemos que encontraremos nossa espécie, nossa máfia e nosso mundo chique, nossos heróis e nossos criminosos; mas, como os pederastas, continuamos com nossas falhas, nossas mentiras, nossa impotência, nossa covardia, nossa lama moral e às vezes física. Ah! Onde ele está, nosso primeiro cachimbo, ou melhor, o segundo ... O sonho multiplicado, o gênio ao alcance da boca... E o que ele já produziu esse gênio? Mais vale se suicidar de uma vez, virilmente.

— Ou morrer jovem, como Artenac.

— Artenac... Você acha que o destino dele havia previsto essa morte estúpida? Não. Nada de bom, nada de trágico nele... Apenas tolice, sem grandeza. Você precisa ter dezesseis anos para acreditar na poesia, no romantismo das drogas. Pelo menos as putinhas que enchem as narinas não se degradam mais. Mas nós! Não me atrevo a me olhar em um espelho. Você tem de ser muito fodido para aceitar a vida que levamos. Sou um imbecil! Minha querida Berthe, eu amo a glória, amo o luxo, amo a vida. Você pode me dizer o que estou fazendo nesse bazar árabe? Bem, eu me castigo me privando de tudo aquilo que gosto...

— Amar?

— Sim amar. Berthe, você é uma pessoa incrível como eu sou. Vamos deixar tudo isso. Vamos retomar o gosto pelas belas frutas, o ar puro, o trabalho escolhido livremente. Desintoxique-se comigo. Você virá todo dia para tomar seu copo da garrafa. Ou, se você preferir, eu deixo a garrafa na sua casa e irei lá todo dia beber meu copo. E depois, Berthe, não poderíamos encontrar a felicidade, um com o outro? Berthe se deixava entrar na brincadeira.

— Viajaremos. Você tem razão. É idiotice desperdiçar a juventude. Eu também adoro o luxo, os vestidos bonitos, as noites festivas.

— Quando começamos? Imediatamente? Ou melhor, não... Amanhã. Que esta noite seja o fim da nossa loucura. A garrafa estava vazia. As últimas gotas do champanhe efervesciam nos seus copos como uma mensagem de alegria. Juntos, mediram a água, pesaram o ópio, dissolveram um dentro outro. Ainda havia ópio no pote.

— Vamos acabar com ele, propôs Berthe, já que é a última noite. E, de novo, eles se instalaram no sofá, com os gestos habituais, a bandeja de laca, as agulhas, o cachimbo e a lamparina que logo piscava na escuridão. O diálogo sentimental durou até o outro dia. Adormeceram nos braços um do outro e acordaram tarde. Berthe levantou-se, preparou chá e torradas tostadas, depois, como o dia estava avançado, adiaram o início da cura para o dia seguinte. Eles fumaram novamente. Então Berthe foi embora. Eram seis horas da noite. Eles haviam marcado uma reunião para a manhã seguinte na casa dela. Ela carregava a grande garrafa. No patamar trocaram um longo beijo.

No dia seguinte, Courvoisier só se levantou muito tarde. A tarde estava avançada quando ele chegou à casa de Berthe. O cheiro familiar o atingiu assim que ele entrou. Ela já fumava com Noëlle.

— Você não veio. Ainda assim te esperei. Noëlle chegou. Ela não tinha mais nada. Pensei que você tivesse mudado de ideia e que começaríamos amanhã. Então, como eu não aguentava mais, fumamos.

Aliás, começamos agora.

— Não, eu não mudei de ideia. Mas estava cansado...

Não tinha forças para lhe fazer recriminações e, como estava tudo pronto, ele também fumou.

Ele ficou a noite toda na casa de Berthe para começar desde a manhã a sua cura. Às oito horas, levantou-se e notou que a solução de ópio era um excelente aperitivo. Os dois almoçaram juntos e se separaram. Ele tinha vontade de trabalhar. Foi para casa e tirou todas as suas anotações de uma gaveta. A primeira hora foi emocionante. Ele encontrou o perfume dos seus anos laboriosos. Releu certas frases com um prazer interior. Algumas de suas observações lhe pareciam cheias de promessas, ricas em de esperança.

Então ele pegou pacotes com revistas científicas e logo sua fé desapareceu. Enquanto ele estava desperdiçando seu tempo, outros tinham trabalhado. Ele encontrou várias vezes o seu nome citado nos fascículos mais antigos. Mas, logo, ultrapassado e esquecido, não mais encontrou o conjunto de cartas cuja arquitetura familiar era a fachada de seu ego. Ele começou um ordenamento. Mas ele já entendia que todo o seu trabalho estava obsoleto e que deveria ir estudar com aqueles de quem poderia ter sido o mestre. Cada nome desconhecido que encontrava ao final de um artigo, cujo conteúdo o interessara, era uma nova ferida para ele. Ele abandonou este trabalho para pegar o manuscrito sobre as hipóteses. Mas sua própria linguagem já havia se tornando ininteligível para ele. Além disso, e sem perceber, ele sofria fisicamente. Um peso no estômago o deixou ofegante. Seus olhos úmidos logo iriam lacrimejar. Sobre isso tudo, uma apreensão, uma angústia, o pressentimento de uma tragédia o assombravam. Ficava lendo e relendo mecanicamente uma frase enquanto um sonho interior acenava em torno de cortinas fúnebres. Ele espirrou várias vezes seguidas e pensou que tinha pegado um resfriado durante a noite. O mal-estar, no entanto, aumentava e ele se entregou. Era hora em que ele geralmente fumava alguns cachimbos. Sabia que dessa vez ele não deveria fumar. Mas um formigamento o invadiu. No começo foi uma comichão nas costas, depois na ponta dos dedos, nas palmas das mãos. Elas ganharam todo o seu corpo. Ele acendeu um cigarro. O sabor da fumaça lhe parecia amargo. Uma dor de estômago o dobrou em dois. Ele estava agora chorando e se assuou várias vezes e, sentindo a mão molhada, viu que estava babando. Uma irritação o invadiu. Tudo lhe parecia hostil: a almofada que tinha dobras debaixo do pescoço, o cigarro que se partia, o barulho da rua, o próprio ar que ele respirava. A noite caía. Ele se sentiu perdido no fundo da cidade, abandonado por todos. Os nomes dos seus amigos o irritavam quando ele pensava neles. Raivas internas o ergueram

contra eles, seus rostos, suas palavras, o próprio som das suas vozes e de censuras longínquas voltaram em um fluxo repugnante.

Como a noite caía, ele não se segurou. Pegou o cachimbo e raspou o forninho para recolher a borra. Ele ainda procurou por ela na bandeja, nas agulhas e até na lamparina onde estava sujo de óleo. Foi então que a fúria tomou conta dele. Ele quebrou o cachimbo e a lamparina, acendeu o fogo e jogou lá dentro os destroços junto com a borra com dificuldade recolhida. Ele tremia. Colocou um pouco de lenha na lareira e permaneceu no canto, inicialmente melancólico, depois chorou. As lágrimas lhe fizeram bem. Ele se serviu de um copo grande de conhaque, que bebeu de uma só vez, depois outro, e adormeceu no divã.

Ao acordar já era noite, o fogo apagado. Tinha frio. Ele queria acender a luz e teve grande dificuldade para encontrar o interruptor. Quando ficou claro, ele olhou para seu rosto decomposto, com uma barba de três dias e as mãos tremendo.

Ele bebeu conhaque de novo e, de repente, saiu e foi para a casa de Berthe. Quase na rua, uma cólica o retorceu. Teve de entrar em um café. Ele pensou que ia desmaiar. Quando saiu, a vontade por drogas era tal que ele teria matado para obtê-la. No táxi, uma urgência febril de novo aumentou. Apressado, ele subiu até a casa de Berthe. Ela veio lhe abrir a porta, toda surpresa, seu rosto descansado com um sorriso que lhe pareceu um insulto. Ele entrou no apartamento, serviu-se de um copo grande da solução com ópio e afundou, tremendo, em um sofá.

— O que está acontecendo com você? Você está pálido como um morto.

— Mas você não tem nada, não é? Não sofreu com a falta de drogas?

— Não.

— Vamos lá! Fumou? ...

— Bem! Um ou dois cachimbinhos. Coisa sem importância.

— Sem importância! Se você não os tivesse, teria visto se isso não tem importância.

De qualquer forma, não é com um ou dois cachimbinhos a mais que você irá se desintoxicar.

— Você fica tão chato quanto Auportain.

— Pois é. Acho que seria melhor me desintoxicar sozinho. Acheique você iria suportar.

— Vamos falar disso. Você aguentou, é mesmo? Precisava ver em que estado você estava quando chegou, da bebedeira. Você sequer se incomodou em dizer boa noite para mim.

Mas precisamente a bebedeira produziu seu efeito, acalmou a dor e Courvoisier encontrou no seu vício um equilíbrio fictício. Ele estava disposto a suavizar tanto com ela como com ele mesmo.

— Não devemos fazer disso uma tragédia. Teremos de suportar os nossos ataques de nervosismo antes de terminarmos com isso. Devemos ajudar um ao outro e não lutarmos entre nós. Quando penso que disse a Auportain que um grama todos os dias me bastaria! Ele me disse cinco gramas e ainda não é o bastante.

— Talvez pudéssemos tomar um copo de manhã e um copo à noite?

— Sim, mas nesse ritmo a redução da dose, todos os dias, será muito grande. Lembre-se de que teremos de colocar quatro copos de água de volta na garrafa: um décimo do total. Talvez seja melhor cada um de nós termos o nosso próprio frasco.

Assim eles fizeram. Mas, depois de alguns dias, renunciaram a uma disciplina que eram incapazes de seguir. Todos os dias eles quebravam a regra. Todos os dias a droga se mostrava mais forte.

Seu domínio, eles sentiam, triunfava sobre o desejo deles de saúde, sobre sua vontade.

Berthe retornou ao cachimbo e às noitadas assim como Courvoisier. Mas ele não substituiu o seu cachimbo quebrado e queimado. Para ele a heroína suplantava o ópio e, a partir de então, os saquinhos de papel branco tomaram o lugar das latinhas com etiquetas originais. Suas notas, seus manuscritos rolaram por muito tempo sobre um móvel antes de retornarem à gaveta de onde nunca deveriam ter saído. Por outro lado, o dinheiro começava a ser para ele uma razão de inquietação. Ele dissipara uma pequena herança. Agora precisava vender os livros tão amados, as joias, os quadros. Por algum tempo ele ainda manteve sua aparência e sua reputação. Sabia dissimular suas angustias. Mas para ele cada era ainda mais doloroso. Podia fazer o balanço do tempo perdido que aumentava a cada dia. Em vão se prometia de agir no dia seguinte. Não ousava ainda admitir que fosse incapaz disso e que somente a exigência imediata o dirigia e que na realidade vivia de expedientes.

Auportain nunca questionou os seus esforços. Ele também estava suficientemente avisado para saber que tinham fracassado, se até tinham tentado.

Um dia, contudo, Courvoisier fez alusão à conversa que tiveram.

— Entre nós, meu querido Auportain, os chineses me decepcionaram. Sua famosa garrafa é uma piada.

— Não acuse os chineses disso aí. Acho que eles são inocentes.

*B*árbara, pela sua riqueza, sempre teve uma constante provisão de drogas, o que lhe permitia ficar vários meses sem comprar nada. Por causa dessa mesma riqueza, ela sabia que estava a salvo das investigações policiais. Mas se os viciados desconfiam um do outro, se são facilmente traiçoeiros um com o outro, se mentem doentamente, raramente eles deixam de vir ajudar o outro em um momento de privação. Bárbara ofereceu ópio para Columot, que não tinha mais, para Courvoisier, que não tinha dinheiro para comprá-lo, para Marie-Jacqueline, cujo fornecedor fora preso. Lily esgotara a reserva de heroína. Então ela se encontrou um dia sem ter como fumar sua dose cotidiana. Ignorava os pequenos varejistas dos quais ela instintivamente desconfiava, concedendo sua confiança apenas ao grande traficante, assim como ela só aceitava se vestir com os melhores costureiros. Mas essas provisões dos viciados são como os juramentos que fazem de parar de usar drogas. Somente Auportain, graças a um egoísmo proclamado, não se arriscava a ficar sem provisão. Mas ele estava determinado, de uma vez por todas, a ofuscar o crepúsculo da sua vida na fumaça do ópio. Os outros misturavam a desconfiança e a avareza com uma negligência e uma prodigalidade de crianças para quem o pote de geleia já iniciado deveria durar meses. Além disso, eles eram o brinquedo dos seus humores. Se ele os conduzia para a confiança e o otimismo, distribuiriam seu último dinheiro. Por outro lado, se estivessem passando pela crise da depressão que precede o momento em que fumar e cheirar se torna uma necessidade imperiosa, eles defenderiam com risco da sua vida o suprimento de heroína ou ópio que lhes asseguraria uma euforia passageira.

Lily, que atualmente dedicava ao seu vício as qualidades da sedução que ainda possuía, soube implorar no momento certo com Bárbara. Os outros também, ou talvez a voz deles tivesse chegado em um telefonema no exato momento cruel do silêncio e da solidão que se tornaram intoleráveis. Pode ser que Bárbara tenha escapado, neste minuto, do medo do suicídio. Talvez eles chegassem preenchendo essa solidão com uma presença tranquilizadora. Bárbara telefonou para Antoine. Ele lhe trouxe o pacote de heroína que comprara de Estival. Isso permitiu que ela vivesse alguns dias sem se preocupar. Então, novamente, ela se viu sem nada. Ela então perseguiu Antoine que, por duas semanas, conseguiu encontrar quantidades suficientes em traficantes suspeitos. Ele tentou se encontrar com Estival, mas ele estava viajando para uma investigação. Ele corria pelos bares e pelos dancings, às vezes só encontrando em uma hora avançada da noite aquilo que procurava. Então levava a droga para Bárbara e com ela esperava o dia amanhecer em conversas românticas das quais ele ressurgia mais intoxicado do que pelas drogas. Um dia, no entanto, ele não conseguiu trazer nada. A

decepção de Bárbara rapidamente se transformou em raiva e Antoine voltou caminhando depois de deixá-la silenciosamente.

Bárbara tentou encontrar Columot. Ele mandava dizer que não estava lá, sabendo exatamente o que ela queria perguntar e a cada vez prometendo pagar sua dívida, não em dinheiro, isso importava pouco para Bárbara, mas em espécie. Courvoisier estava viajando. Lily, empurrada por uma má inspiração, veio vê-la. Bárbara reclamou sua heroína com tanta veemência que a conversa descambou em uma discussão. Lily viera mais uma vez pedir dinheiro emprestado. Achava que poderia moderar a raiva de Bárbara lhe pedindo isso. Mas Bárbara já estava sofrendo de privação. Ela a insultou com palavras de uma grosseria e uma perfídia que exasperaram Lily. Ela não ficou parada com os insultos. Elas se recriminaram mutuamente pelos serviços prestados. Depois se deixaram no momento que a conversa iria se transformar em uma batalha. Sozinha, Bárbara foi até a janela e chorou consigo mesma, olhando o panorama de Paris. Ela sonhava em passar por cima da varanda, jogar-se e cair interminavelmente sobre essa cidade para ali dormir definitivamente de uma morte trágica. A algumas centenas de metros de lá, Lily, encostada no parapeito do cais, chorava consigo mesma enquanto olhava, através das lágrimas, o rio Sena fluir e onde ela desejava adormecer para sempre se tivesse coragem.

Foi onde Dondlinger a encontrou. Das suas explicações confusas, ele só compreendeu uma coisa: Bárbara estava infeliz. Ele concedeu pouca atenção às lamentações de Lily, estava apaixonado demais para conceber a possível existência de uma mulher que não fosse Bárbara. Ele se apressou em ir à casa de Bárbara, que o beijou febrilmente, suplicando que ele trouxesse drogas, qualquer uma, a qualquer custo. O encontro pareceu maravilhoso para Dondlinger. Foi dramático para Bárbara que nele se agarrava como a uma boia de salva vidas. Dondlinger se inflamou. No começo, seu encontro com Bárbara fora encantador. Depois ele sofreu com os obstáculos que estavam entre ele e seu sonho. Logo suspeitou que fosse apenas um capricho. Naquele instante ele compreendeu que a sorte o visitava. Ele prometeu tudo e muito mais e foi embora garantindo que voltaria de noite. Deixando Bárbara, Dondlinger estava embriagado de audácia e com suas próprias promessas. Quando se viu na rua, bruscamente Paris lhe parecia muito maior do que um deserto onde deveria encontrar, enterrada na areia, uma agulha ou uma moeda. Não tinha mais do que cem centavos com ele. Entrou em um barzinho onde pediu para beber quatro doses que custavam vinte e cinco centavos. O álcool de má qualidade o jogou para fora do bar e sem pensar ele começou seu trajeto pelas ruas. A chuva fina que caía o fazia cheirar como um cachorro sujo. Ele andava rapidamente, como um filho dos subúrbios, acostumado a atravessar as ruas e os

cruzamentos, como um camponês perseguindo uma lebre caminha pela planície. Ele se encontrou abruptamente em frente ao buraco negro, cintilando de luzes, da Praça d'Étoile. Pelo Boulevard de Courcelles, ele foi até a Praça de Clichy. Seriam nove horas. Bob, seu antigo colega, porteiro de uma boate noturna, devia já ter chegado. Ele o viu desde o alto da Rue Fontaine, em frente à entrada do salão, conversando com os motoristas de táxi. Sua recepção foi cordial, mas, aos olhos de Dondlinger, um pouco pretensiosa.

— Aqui está, Toto, chegou na hora. Estou livre agora. Venha bater um prato aqui ao lado. Tudo bem? Como vai essa força? (Depois, na claridade da loja) Meu Deus! De onde você vem? Você não tem então um troco para pegar o metrô? Eu, meu garoto, quando faz um tempo assim pego um táxi. Precisa se aquecer. Pegue um podrão, com um pouco de vinho branco.

Ele mergulhou com superioridade uma fatia de manteiga na sua xícara, que pegou numa pirâmide escalonada em um prato no balcão. — Coma. Você precisa comer. E então, olhe, pegue um sanduíche. — Dona, um sanduíche de salsicha e depois um sanduíche de presunto. — Coma, estou mandando! — Dona, é por minha conta. — Você me espera um pouquinho? Eu volto já.

Ele saiu e logo depois voltou.

— Também precisa beber algo. — Dona, um copo de vinho branco. — Fale, parece que não está tudo bem. Aqui, pegue.

E ele deslizou na sua mão duas notas de cem francos. Dondlinger recuperou a cor e o equilíbrio.

— Escute, não é só isso. Eu preciso de heroína.

— Ah! Merda, que papo é esse? Porque você precisa disso?

— É para a minha gatinha. Uma garota rica. Sim, eu te digo. Não brinque comigo. Não é uma rameira. Não ousei bater nela. Você entende? Ela precisa disso, senão ela morre.

— Fácil então, você deve ser um gigolô. Gatinhas devem pagar.

— Meu velho, estou enroscado!

— Babaca. Mais uma razão. Como você quer que ela goste de você, se ela não te paga nada? Se te parece que ela não se contenta com a tua pegada você não está bem. Enfim, o abacaxi é teu.

— Sim, mas onde posso encontrar um pouco?

— Se você tivesse vindo na semana passada seriam apenas cinco minutos. Mas eles apanharam um monte de traficantes por esses dias. Todos os informantes. Então, não sei mais de nada. Tem o Marco, mas isso vai respingar em mim... Espera.

Saiu de novo e voltou com um homem macilento, falante, de olhos cinza que pediu um quarto de Vittel. Bob continuou:

— Pois é. O parceiro não tem nada. Ele escondeu tudo. Mas ele indica que você procure da parte dele o Fernand, no hotel Kharbine. Você dirá a ele que é da parte do Jean. Você verá. Você sabe onde fica o hotel? Aqui do lado, na Rue Clichy. Dondlinger saiu. Ele encontrou o hotel e subiu uma escada oscilante com um tapete gasto e o corrimão pegajoso de poeira.

Ele bateu na porta indicada. Houve um silêncio prolongado, depois de um instante, a porta se abriu e uma cabeça apareceu. Era a de um sujeito alto de pijama rosa, com cabelos pretos caindo em desordem no rosto. Ouvindo o nome de Jean, ele deixou o visitante entrar em uma sala iluminada por uma lâmpada de cabeceira. Podia-se adivinhar na cama um corpo enrolado, uma mulher cujos cabelos ultrapassavam o lençol.

Dondlinger explicou sua visita.

— Pois é! Isso! Não há nada a fazer. Não tenho mais nada. Escondi tudo. Está fedendo e sou visado. Mas espere, vá ao Les Halles, na Rue Rambuteau. Você irá a um café à direita e perguntará por Alfred. O café também se chama Alfred, "Chez Alfred". Você dirá a ele que você vem da minha parte. Agora, vá indo, é melhor não ser visto por aqui.

Dessa vez Dondlinger pegou um táxi que ele parou na ponte St. Eustache. Encontrou o Café Alfred e o próprio Alfred, um garoto gordinho, com pálpebras caídas, jogando cartas na sala aos fundos. Ao ouvir o nome de Fernand, levantou-se e arrastou o jovem para a calçada.

— De quanto você precisa?

— Depende do preço.

— Trinta francos.

— Então cinco, ou melhor, seis.

— Está bem. Dê-me cento e setenta e cinco francos. E depois volte às onze e meia no metrô "Halles". Bem ali, está vendo? Se você vir muita gente não se preocupe, são clientes. Haverá duas mulheres e um carro, um grande Talbot. Até mais!

Eram dez e quinze. Dondlinger ainda tinha cerca de quinze francos. Ele parou em uma churrasqueira na esquina da Rue Montorgueil e comeu uma linguiça banhada com vinagre em um pedaço de pão. Ele tomou café no bar ao lado. Mas não aguentou ficar parado. Ele andava sob os pavilhões e pelos arredores, onde pirâmides de nabos e cenouras compunham harmonias vermelhas e verdes, brancas e verdes na luz dos postes que atizavam as cores. O sino tocou em Saint-Eustache quando ele começou a ir à direção do metrô com

incomoda inquietação de ter sido roubado. Na esquina da Rue Mondétour, ele esbarrou de repente em Alfred, que acendia um cigarro.

— Bem, desde que você está aqui, eis a mercadoria.

Ele pôs na mão de Dondlinger um embrulho que ele logo escondeu no seu bolso. Com passos largos, Alfred caminhou até a entrada do metrô. Dondlinger o seguiu, mais devagar, para não incomodá-lo.

De longe ele viu se aproximar um grupo de sombras. A chuva que não tinha ainda parado de cair confundia o cenário e os atores. De repente, de um táxi, quatro homens saíram. Houve um arrastão confuso. Um apito eclodiu. Seis agentes em emboscada vieram em auxílio. Sem entender direito, Dondlinger observava a cena. Tudo ficou calmo. O grupo se dividiu. Alguns subiram a Talbot. Outra parte começava a entrar em um táxi quando uma voz gritou:

— Pegue ele também, o rapazinho ali embaixo do poste de luz. Falava com ele não faz nem uma hora.

Dondlinger sabia que era ele. Ele deu meia volta e fugiu. Ouvia atrás de si a corrida forte de dois agentes. Ele se atirou em um labirinto de ruas estreitas, refazendo seus passos incessantemente, virando e de novo virando, sempre perseguido. De repente, a corneta do carro de bombeiros ressoou. Um enorme carro vermelho quase o esmagou. Houve um tumulto e, de repente, sem fôlego, ele estava sozinho na Praça des Victoires. Ele seguiu então pelas ruas mais escuras que pôde encontrar e finalmente descobriu um metrô. Na plataforma, ele caiu em um banco, suas têmporas vibrando e a saliva enchendo a boca.

Quando ele chegou à casa de Bárbara, ela estava deitada, fumando ópio com Columot. Ele chegara providencialmente à noite. Bárbara acolheu Dondlinger sem entusiasmo. Ela pegou a droga, colocou-a em uma gaveta e o convidou a fumar sem sequer se preocupar em saber se lhe devia dinheiro e muito menos a dificuldade que ele poderia ter tido para obter a heroína.

Dondlinger sentiu-se um intruso na reunião. Teve a sensação de que fora convidado como um parente pobre. Ele pensou em sair, mas não encontrou coragem para isso. Fumou sofregamente e ficou quieto em um devaneio melancólico do qual não saiu até de manhã quando Columot lhe ofereceu para deixá-lo em algum lugar, ao sair. Columot era naturalmente sedutor, mas sobretudo ele adorava ser amado, ele adorava seduzir. Ele soube falar com Dondlinger, fazê-lo confiar nele. E Dondlinger contou sua noite.

— Suponho que você ficou desapontado quando chegou e viu que Bárbara não precisava mais de você e que tantos riscos foram corridos por nada.

— Por quê?

— Sei lá, parece-me. Uma aventura como essa é emocionante. Você sente seu coração bater... E Bárbara nem mesmo perguntou o que aconteceu com você.

— Ela não podia saber.

— Ela não se importava em saber. Para ela, a vida é muito simples. Escute, aposto que ela não te reembolsou pela droga. Diga-me quanto ela deve, eu te pago. Não tenha medo, vou cobrar dela. Fica fácil para mim. Enquanto para você, você nunca ousaria.

— Não, veremos.

— Claro. Então, vamos resolver isso bebendo algo.

Ele parou seu carro em frente ao New-York Bar, na Rue Daunou, e arrastou seu companheiro a um novo universo. O lugar estava escuro, mas alegre. Acima do balcão, pendia um enorme par de luvas de boxe que pertenceram a Caméra. Na parede, caricaturas de Sem. Em uma vitrine, garrafas de gim e uísque empoeiradas. Alguns americanos jogavam dados no balcão rindo como crianças.

— Aqui vamos beber o melhor uísque de Paris. Valerá mais do que esta porcaria de droga, como diria Auportain.

Eles lhes serviram o álcool dourado que a soda fez espumar.

Novos companheiros acabavam de entrar. Eles trocavam tapas fortes nos ombros, oferecendo um ao outro o primeiro sorriso do dia.

— Veja bem, Bárbara é como todas as mulheres. Ela acha tudo muito simples quando se trata da satisfação dos seus desejos. O que seria extraordinário, mesmo injusto, para ela é um obstáculo, uma recusa. Não se deve lhe pedir mais do que ela pode dar: sua beleza, sua imaginação e sua alegria! E, sobretudo, tome cuidado em sofrer por ela. Não sei por que, a propósito, digo isso para você. Nós somos todos iguais. Aqui, meu velho, eis quinhentos francos. Pegue-os sem arrependimentos, sem hesitação, de amigo a amigo.

Dondlinger se sentiu confiante. Ele não recusou a grande quantia. O uísque virou sua cabeça. Ele se tornou falador, contou sua vida, revelou-se.

Columot se emocionava. O companheiro do momento sempre foi seu melhor amigo, pronto para ser esquecido no mesmo instante que se separavam. Ele levou Dondlinger para almoçar no Cercle des Armateurs du Littoral, o Littoral, como diriam os habituais, um cassino instalado nos antigos apartamentos do duque de Brunswick. Mediante algumas perdas no bacará se podia almoçar e jantar gratuitamente. A comida era boa por lá. Columot já havia inscrito Antoine. Ao chegar, encontraram-no em uma mesa, sentado em frente a uma dúzia de travessas de canapés.

— Antoine, meu querido, a vida é bela, a saúde está bem e Dondlinger é um cara elegante. Para mesa, para mesa, estou com fome e feliz em te ver. Columot não era grosseiro, mas gostava muito de falar quando estava alegre. Ele não pôde deixar de fazer alusão ao amor de Dondlinger por Bárbara. Antoine logo ficou inquieto. Via nele um rival que deveria ser temido por menos perigoso que fosse. Espírito sonhador, constantemente perdido, quando estava sozinho, nos sonhos triunfais que tinha quando tomava o ópio, ele era frequentemente atormentado por suspeitas e decepções. A sensibilidade dos amantes também lhe fazia inexplicavelmente adivinhar que Dondlinger havia obtido mais do que ele, que a simplicidade e as maneiras diretas, às vezes mesmo sem educação, desse rapaz eram, no entanto, vantagens contra ele que raciocinava a propósito de todos os aspectos da sua vida e que, por escrúpulo, ficava tímido. Deste modo essa faculdade que tinha de imaginação que lhe protegia contra vários perigos e que ainda continuaria a lhe proteger também era um freio na busca pela felicidade. Ele retirava disso alguma melancolia e, mesmo que ele fosse feito para se banhar nas luzes da primavera e do verão, estava satisfeito nessa estação cinzenta na qual a sua saúde, sua confiança em si mesmo, por mais dissimulada que fosse, e sua sorte, pois ele tinha, apesar de tudo o iluminavam com feixes de luz.

Dondlinger sentia difusamente que alguma nuvem havia passado pela agradável jornada, mesmo que Antoine e Columot não tenham mudado de atitude. A conversa continuava animada, mas ele sentiu pesar sobre ele a desconfiança a inimizade de alguém.

A refeição terminou. Columot sentou-se à mesa de bacará e lançou uma ficha com a facilidade que invejava Antoine e que intimidava Dondlinger. Os dois desceram juntos a escada e se separaram na rua.

No pequeno apartamento de Marie-Jacqueline, Simonne, Berthe e Dondlinger, apertados na cozinha, olhavam para Courvoisier, que preparava a borra do ópio. Ele lixou os fornos e raspou o interior dos canos, a superfície das bandejas, o fundo dos frascos de farmácias que continham drogas. Todos esses resíduos se dissolveram na água fervente onde ele mergulhou as agulhas de prata. Ele tirou-as de lá brilhantes e quentes. O cheiro forte flutuou no quarto e eles o aspiravam com prazer.

— Isso não é mais do que a borra da borra, mas como Auportain deve chegar por volta das onze horas, isso aqui nos permitirá esperar. Ninguém respondeu Courvoisier. Escutava-se

uma chuvinha fraca cair atrás das persianas e, de tempos em tempos, uma gota mais forte se espatifava na varanda. O líquido engrossava. Era um momento delicado. Era preciso não deixar a droga cozinhar demais pois ela ficaria muito espessa, nem de menos pois ela ficaria muito clara. Courvoisier tinha prazer em ser observado. Ele era orgulhoso do seu talento como preparador e, infantilmente, empenhava a sua honra no sucesso desta operação. Por fim, ele abaixou o gás, derramou a mistura em uma vasilha, jogou fora alguns resíduos insolúveis e terminou colocando o precioso recipiente em banho-maria. Mais alguns minutos, a água borbulhando, ele apagou. Estava pronto.

Parecida com tantas outras, a noite começou. Fumavam uma massa mais irritante e amarga do que o normal que secava a garganta. Por fim, por volta das dez horas, as últimas gotas se esgotaram.

— Isso está uma sujeira, disse Marie-Jacqueline, vou limpar o material para não estragar o bagulho de qualidade de Auportain.

Ela colocou nisso o ardor de uma dona de casa em lustrar os seus bronzes. Sua atividade aumentava o torpor dos seus companheiros. Finalmente, ela arrumou tudo sobre uma cômoda e serviu chá com rodela de limão. Beberam o chá. Courvoisier abriu a janela e espreitava Auportain. Um táxi parou em frente da casa. O jovem bateu a janela.

— Finalmente. Tocaram a campainha. Marie-Jacqueline foi abrir. Eles ouviram uma algazarra, passos pesados, protestos da garota. A porta da sala se abriu e entraram dois policiais e um inspetor.

—Acho que é inútil negar, né? Ele disse. Senhoras e senhores me entreguem a droga de vocês e vamos resolver essa questão sem escândalo.

Courvoisier recuperou o sangue frio.

— Que questão? Qual droga?

— Não negue! Estou respirando seu cheiro com todos os pulmões.

Não compreendemos nada do que você diz.

— E isso (ele apontou para os cachimbos, as bandejas colocadas sobre a cômoda) talvez é para fazer geleia?

— Isso são objetos de arte, curiosidade. Não basta ter um cachimbo chinês para ser um fumante de ópio.

— Você prefere que eu procure?

— Procure onde quiser.

— O inspetor começou sua busca. Era fácil: um cômodo, um pequeno banheiro, uma pequena cozinha, uma entrada compondo a sala onde os móveis eram poucos. Ele revistou as

gavetas, verificou os pés da cômoda e do sofá, as costuras do tapete pregado. Em um armário de roupas, ele revirou os bolsos. Levantou alguns quadros, certificou-se da autenticidade dos tubos de gás e, montado em um banquinho, iluminou, com uma lanterna, as caixas d'água dos banheiros.

— Tenho certeza de que há drogas aqui. Vocês querem me entregar ou preferem ir comigo para a delegacia para eu revistar vocês?

—Se você quiser.

A segurança de Courvoisier era tão grande que todos se sentiram tranquilos. O inspetor entregou todo o equipamento de fumar a um oficial que abriu o caminho, os três homens e duas mulheres o seguiram, o segundo oficial assumiu o controle e o inspetor fechou a porta atrás de si. Na calçada, o ar úmido lavava seus rostos. Seu nervosismo os fez rir, mas eles dissimularam. Os dois agentes, Berthe e Dondlinger, entraram no táxi. O inspetor parou outro, onde ele entrou com Simonne, Marie-Jacqueline e Courvoisier. No momento que os dois carros arrancaram, um terceiro táxi parou em frente ao prédio vizinho. Seu ocupante foi até a porta, pareceu hesitar e veio tocar a porta de onde saía a pequena caravana. Era Auportain que chegava atrasado. Já passava da meia-noite. Os dois carros já estavam virando a esquina da rua seguinte e, antes de entrar, Auportain lançou um olhar distraído às luzes dos faróis traseiros que brilhavam atrás da cortina da chuva.

Auportain subiu, tocou a campainha e, como não responderam, como sempre, pegou a chave debaixo do tapete. Ele abriu a porta, ligou a luz, aproximou-se do fogo. A ausência de Marie-Jacqueline e seus amigos pouco lhe surpreendeu. Devem ter ido beber em algum bar e logo voltariam. A presença da chave em seu esconderijo habitual, a porta apenas encostada, indicava uma ausência rápida. Ele reavivou a lareira e serviu-se de uma xícara de chá ainda morno, muito forte, no qual espremeu um limão. Fumando um cigarro, ele se perdeu nas artimanhas habituais dos seus devaneios. Ele se deleitava com sua solidão e seu distanciamento nesse lugar confortável, mas tão pouco adequado ao seu estilo. Não iria demorar que esse estilo, quanto muito algumas dezenas de anos, passasse para o domínio da imagem, do museu e da reconstituição. Talvez um dia os móveis que ele amava e entre os quais ele transitava com tanta segurança serviriam de cenário para outras vidas, outros amores, outras tristezas. Os móveis de Marie-Jacqueline, suas bugigangas, suas pinturas sofreriam na sua vez uma mudança semelhante. Auportain sentiu-se ainda mais velho nos séculos futuros do que nos anos passados durante os quais ele vivera e mesmo, em alguns momentos, acreditou ter vivido intensamente. O tique-taque do relógio retomou um ritmo idêntico ao do seu sangue e da sua respiração. Novamente, as pequenas batidas regulares

bateram nos portões invisíveis. Ele olhou para o relógio e encolheu os ombros. Esperava fazia uma hora e meia. Ele deu um sorriso meio triste, meio irônico e colocou um grande tronco nas brasas. Ele ainda bebeu outra xícara de chá, agora bem frio, colocou bem evidente, sobre a cômoda, uma lata de ópio do Conselho Indochinês, apagou a luz, saiu e devolveu a chave para o seu lugar... Lá fora a chuva cessara, mas os postes ainda se refletiam no asfalto molhado. Ele se afastou pegando a sua esquerda, em direção à próxima estação de táxi. Se, a algumas centenas de metros, ele tivesse se virado, teria visto sombras descenderem de dois carros parados na frente da casa de Marie-Jacqueline.

O inspetor, teimoso, trouxe de volta toda a turma ao apartamento. Nada o convencera, nem a busca, nem o exame do material bem lavado, nem as negativas dos acusados. Ele tinha certeza de que havia ópio em algum lugar e queria encontrá-lo. Chegando ao andar do apartamento, ele os fez esperar um momento, revistou o banheiro e a entrada e garantiu que o esconderijo não podia se encontrar por lá. Então ele os fez entrar com os dois agentes, passou as cadeiras para eles e, na presença de Courvoisier, começou sozinho um novo exame do estúdio. Ele bateu metodicamente ao longo das paredes e nas tábuas do chão, através do tapete preso. Ele virou o sofá, apalpou longamente os colchões e as almofadas, vasculhou o peitoril da janela e a calha, tirou as gavetas da cômoda e as esvaziou. Na cozinha, ele inspecionou todos os recipientes. No final, zangado, ele abriu a porta:

— Desta vez você me pegaram, mas eu garanto que vai ter troco. Adeus, vocês estão liberados.

— E os objetos que você levou? Courvoisier perguntou.

— Vocês podem pegá-los amanhã na delegacia.

— Você poderia ter trazido de volta. Olhe as maneiras!

O inspetor não respondeu. Ele chamou os agentes raivosamente:

— Vocês aí, vamos pessoal?

Eles ouviram seus passos diminuir nas escadas e Simonne se jogou no sofá desarrumado rindo às gargalhadas,

— Se alguém é digno do seu nome, esse é mesmo Auportain, gritou Courvoisier. Vocês se dão conta da catástrofe se ele tivesse chegado durante a nossa ausência?

— Sim Auportain é incrível, mesmo quando deixa todo mundo plantado. Mas o que vamos fazer agora? perguntou Simonne. São duas horas!

— Isso mesmo. Nós não temos drogas.

— Poderíamos telefonar para Auportain.

— Obrigado... Pense bem que o telefone pode estar com vigia.

— E nem o menor restinho de borra... Nem o menor traço de ópio.

— Ópio? Eis aqui, berrou Dondlinger.

Todos olharam para ele. Com o dedo, indicou sobre a cômoda a pequena lata depositada por Auportain. O espanto os impedia de entender. Finalmente Courvoisier pegou a caixinha e avaliou-a.

— Sim, é ópio.

— Então Auportain esteve aqui enquanto estávamos na delegacia!

— E se fosse uma armadilha do inspetor?

— E nossos cachimbos que ficaram com a polícia!

Por um momento eles discutiram. Por fim, Marie-Jacqueline fez chá de novo. Todos beberam uma taça temperada com drogas e então, como o terror da polícia os assombrava tanto que nenhum deles ousava sair sozinho, pois temiam ser seguidos, esvaziaram o precioso veneno no lavatório. A lata foi jogada no fogo e cheiro forte do ópio se espalhou pela sala, a repetição do cheiro de caramelo.

Até o dia chegar eles velaram, meio viajando, meio acordados, às vezes sobressaltados pelos barulhos da rua e da escada. Já era dia quando saíram um após o outro, complicando o itinerário para voltar para casa. Então, com truques desnecessários, eles procuraram de novo seu fornecedor ou seus amigos para obter a substância indispensável à sua vida.

É possível ter uma vida social tomando narcóticos. Mas poucos são os que essa batalha não conduz a desastres. Primeiro Dondlinger abandonou sua família. Sua mãe teve cinco filhos. A ausência de um filho só foi considerada como uma fuga causada pelos caprichos da sua idade. Ele voltará, pensavam...

Mas se é fácil para um rentista, um patrão, um intelectual prolongar por muito tempo o compromisso entre sonho e realidade, o esforço é muito maior para um trabalhador manual. Além disso, no caso de Dondlinger, havia uma diferença muito grande entre o seu nível social e o dos seus novos amigos. Ele não foi só arrancado, mas amputado da sua classe. Ao mesmo tempo, ele perdeu seu bom senso, sua visão clara do mundo. A droga completou um desequilíbrio que era capaz de provocar por ela mesma.

Ele deixou a empresa onde trabalhava com a promessa feita por Courvoisier para fazer um trabalho mais ameno. Courvoisier o empregou algumas semanas para fazer as compras. Ele pagava quando lembrava ou quando podia.

Dondlinger se acostumou a morar em um quarto de hotel pago por acaso, comer um dia em um restaurante suntuoso e se contentar no dia seguinte com um sanduíche ou um pedaço de linguiça fria, regados com um copo de vinho no botequim mais próximo. Também ganhava presentes dos seus amigos, nas noites de compaixão. Ele foi visto usando uma gravata Charvey com um terno de departamento, sapatos Weston ou uma botinha chique, calça O'Rossen, um agasalho da Prisunic e meias de algodão. Essas roupas, no entanto, eram o suficiente para provocar boas risadas nos seus antigos amigos, exceto Bob, que pretendia conhecer essas coisas e invejava, secreta e confusamente, os cafetões chiques da Praça Blanche e o dos seus clientes no Hispano ou no Rolls, sem fazer direito a diferença entre eles.

De resto, Dondlinger, tímido com Bárbara e seus amigos, que continuava aos seus olhos um verdadeiro trabalhador, ficou arrogante com seus amigos da escola municipal e do trabalho. Ele não conseguia mais falar a mesma língua deles, perdia o interesse nas suas preocupações e se entediava na sua companhia. Por fim, Courvoisier não lhe pagando mais, ele acabou por falar com Columot que se ofereceu por sua vez a empregá-lo. Mas Columot se preocupava em inserir na sua fábrica uma testemunha das suas noitadas.

Ele então criou ocupações cuja utilidade talvez escapasse ao jovem, mas que ele sentia a deprimente gratuidade.

Além disso, Columot, mais enérgico e, portanto, mais franco que Courvoisier, foi rápido em avisá-lo de que não podia mais continuar a sustentá-lo. O homem normal se cansa rapidamente em ajudar a um de seus semelhantes. Mais ainda o viciado. É impulsivo e inconstante. Raras são as promessas que eles mantêm, mas são numerosas. A nuvem que passa, a fumaça que escapa do cachimbo de ópio tem mais peso do que as suas palavras. Não pode ser de outra maneira da parte de um ser cujas paixões não são contidas por nenhuma virtude. Dondlinger decidiu então não mais tocar nas drogas que de vez em quando ele comprava, mas que, na maioria das vezes, ele usava na casa de um ou outro, aparentemente sempre dispostos a lhe fornecer.

Ele sofreu horrivelmente com a privação. Estava intoxicado e teve de implorar numa manhã na casa de Antoine por uma bolinha de ópio. Não é bom ser pobre. A pobreza de Dondlinger saltava aos olhos de todos que encontravam desculpas para não ver isso. Depois de uma noite de sofrimento intolerável, ele se apresentou no Hospital Henri-Rousselle.

A manhã que Dondlinger se apresentou no Henri-Rousselle estava encoberta por uma bruma que anunciava o sol. O metrô cheio de uma multidão silenciosa de trabalhadores. Do alto do viaduto metálico o olhar fluía sobre os telhados de Paris. De longe enxergou a cúpula do Val-de-Grace, o Panteon, a Torre Eiffel.

A estação Glacière cortou sua visão. Por uma bucólica avenida, subiu ao pavilhão de consultas. As árvores se agitavam com os perfumes da manhã. Em um cercado, dois cervos esfregavam sem entusiasmo seus galhos ao redor de uma calha de cimento e de uma cabana de palha. Eles entretinham a melancolia dos visitantes com imagens descuidadas e afetavam o passo dos cavalheiros cansados do vinho, das cartas, das mulheres. Tulipas floresciam nos canteiros. O hospital apresentava-se como um belo parque, um Port-Royal aonde não chegava os rumores da cidade.

Na mesma noite, Dondlinger foi instalado em um quarto com dois leitos um dos quais já estava ocupado por uma pessoa mal barbeada que o tratou como intruso por duas horas, durante as quais enfermeiras, médicos e internos vinham visitá-los quase que de quinze em quinze minutos. Isso não impediu que o sujeito explodisse em recriminações contra o regime, reclamando de ser abandonado e de ser tratado só quando tinham tempo. Ele estava chegando ao fim do seu tratamento e não escondia a intenção de recomeçar a cheirar heroína depois que saísse.

— Veja só! Senhor, que prisão! Somos piores que prisioneiros. A propósito, é a terceira vez que venho aqui. Eles me conhecem bem, vamos lá... Mas só venho quando cheira mal. Quando os homens combatem um pouco mais e prendem os traficantes. Então venho para cá. Estou em desintoxicação e eles não podem fazer nada contra mim. Mas que animais! Eles veriam você morrer e não te dariam nem um pouquinho de drogas. É um regime terrível. Desintoxicar em oito dias é uma loucura.

Mas Dondlinger não o acompanhava. Ele mal lhe ouvia. Ele se encontrava bem protegido pelos muros altos de Sainte-Anne. Quase desejaria não sair mais dali, ser considerado louco, terminar sua vida nesta paisagem calma, empregada em tarefas sem responsabilidade. Deve haver pessoas assim nos asilos dos alienados, os voluntários, assim como há religiosos nos conventos.

A noite foi calma. A segunda, menos. Houve uma correria no corredor e sussurros em voz baixa. Dondlinger ouviu distintamente um interno dizer:

— Encenação para nos amolecer. Ele poderia ter ficado desse jeito, sem morrer, até as oito horas da manhã. Encenação. Um suicídio sempre os torna interessantes. Eles parecem

acreditar nisso. Se ele soubesse que não somos cegos, seria capaz de recomeçar e de ter sucesso.

Uma mulher, uma jovem interna, respondeu:

— Todos encenam um teatro. Eu me pergunto até se a intoxicação não começa quando eles decidem dizer que estão viciados, quando concordam em ser e até desejam.

As vozes se perderam no corredor.

Pela manhã, Dondlinger estava sozinho. Seu companheiro saíra, curado. Até quando?

Ele suportava o tratamento sem dor. As frequentes injeções de Demorphinus e suplementos, os exames do coração e de seu estado geral enchiam seu dia, fazia as horas correrem. Ele se submeteu a tudo isso de bom grado, lisonjeado que alguém se importasse dele, tendo a confusa ideia de que ele era um caso excepcional. Ele se orgulhava de ser um paciente modelo, exatamente como havia sido, alguns anos antes, um soldado disciplinado. Sua docilidade chegou a preocupar as enfermeiras. Eles viram nele dissimulação e hipocrisia, tão raro é esse tipo de doente decidido pela cura.

— Esse aí vai se recuperar, disse um interno na sala de plantão.

— Ele vai se recuperar, mas vai recomeçar porque não temos espaço suficiente para mantê-lo por três meses, afirmou um veterano. Nós os desintoxicamos sim, mas, logo que saem, eles voltam ao seu ambiente de drogados, na sua família sem harmonia. Eles são recolocados na presença de sua neurose, da sua impotência sexual. Eles não estão readaptados para a vida. A recordação do ópio está gravada não apenas na memória mental, mas também na memória física. E como quase todos eles são fracos, recomeçam.

Outro interno citou como uma lição preciosa aprendida a fórmula do professor Ball: "A pessoa entra na morfinomania pela porta da dor, do prazer e da angústia. "

— Sim, está certo, certíssimo; mas é preciso revisar essa frase. Dor, prazer, angústia, três formas diferentes de uma neurose quase única. Olhe, interrogue todos os nossos viciados e você descobrirá que todos são sexualmente anormais. Vai da impotência a uma espécie de transposição do amor ao reino dos sonhos. Observe-os bem. Todos eles tomam a mesma droga aos olhos do químico. Mas, na realidade, um prefere o vinho tinto, outro conhaque ou uísque... Questão de temperamento. Por trás de qualquer dependência de drogas, há a história da mulher ou a ausência da mulher ou repulsa da mulher quando se trata de um homem. Quando se trata de uma mulher...

— É a mesma coisa, salvo que é exatamente o oposto, disse um jovem que estava bebendo.

— Para alguns, você deve aconselhar o divórcio, para outros, ele deve seguir o curso do amor.

— Muito bom para um intercurso do amor é a Cours de la Reine ou o Cours des Halles!

— Em suma, disse um terceiro, é uma questão de satisfação. Eles buscam nas drogas não apenas o consolo do prazer que não podem experimentar normalmente, mas também o próprio prazer, transposto para o cérebro. É uma espécie de masturbação desmedida... Passa o vinho tinto, esta será minha conclusão.

— Sim, mas acima de tudo, desde que não tenhamos a possibilidade de separar nossos pacientes, trabalharemos para nada. Eles devem ser arrebatados da sua família, amigos, hábitos. Interná-los se for possível. E, novamente, o regime de asilo não resolveria sua condição. Todos eles têm um grande desejo de liberdade e se voltam contra nós, o ódio que inconscientemente têm dos que lhes estão próximos.

Dois dias depois, deram a Dondlinger outro acompanhante. Ele não se consolava por não ter uma vitrola. Estava apaixonado por três cantoras americanas: Vaughn de Leath, Sophie Tucker e Lee Morse. A lembrança da voz delas o perseguia, o assombrava. Ele as amava e as odiava ao mesmo tempo pela segurança dos seus sotaques, pela ternura de sua expressão. Estava de longe com ciúmes dos seus maridos ou dos seus possíveis amantes.

— Veja, ele disse, a porta se abre. Uma mulher entra. Ela é linda. O cabelo dela cai sobre os ombros, os olhos brilham. Ela entra e canta *Some of these days*. O que você faria? Eu me esconderia debaixo das cobertas.

Mas, de repente, ele saía do sonho para gritar depois de imaginar cuidados. Ele também acusava os médicos de querer matá-lo. Também atormentava as enfermeiras para cuidar dele. Ele queria ser amarrado em uma mesa de operações, ser crivado de picadas, examinado, constantemente manipulado. Dondlinger pensou que estava ficando louco com seus discursos. Mas ele ainda preferia sua presença à solidão sofrida por dois dias. O sofrimento físico pesava menos sobre ele. Sua irritação permanente, causada pela desintoxicação, era dirigida contra esse doente barulhento e não contra aqueles que cuidavam dele.

Finalmente, um dia, ele saiu liberado do seu carrasco, liberado do seu veneno...

Desde que atravessou a porta, a lembrança dos seus amigos o apanhou. Ele se sentia sozinho na cidade, sozinho na vida, abandonado sem defesa e sem força. Iria rever Bárbara? E Columot? E Courvoisier? Ele não tinha escolha. Somente eles poderiam afastá-lo da imensa queda que começava. Precisava da presença deles diante dos olhos, mais

indispensáveis do que as drogas, um verdadeiro contrapeso à sua família que ele odiava sem saber.

Ele entrou no viaduto do metropolitano revivendo fragmentos dos últimos dias que lhe pareciam uma existência, gloriosos como uma batalha lendária. Ele também pensou no idiota que o aborrecera com um falatório, que lhe dissera que um dia ele fumara ópio com uma mangueira de gás e um pedaço de cachimbo de barro, que tinha bebido litros de láudano e que ninguém, exceto ele, era capaz de preparar o ópio como deveria ser, com especiarias e vinho da Borgonha. Ele punha na descrição da sua receita tal riqueza de detalhes que o quarto parecia cheirar à gordura como um grande hotel e então Dondlinger sentira na boca, com persistência, o sabor de um bife à moda.

Ele cuspiu de nojo e entrou em um bistrô para tomar o primeiro café da liberdade.

O amor, mais do que a droga, dominava Antoine, dirigia a sua vida, justificava suas ações. Atuava um sobre o outro. Ele enobrecia a droga à custa do desejo. Nela encontrava as satisfações amorosas que o afastavam do seu propósito, da realização física desse desejo. Bárbara fora associada a um fantasma que tinha sua aparência e que à sua revelia era preferido à uma pessoa humana. Ele vivia em um equívoco que nem mesmo podia ter a vontade de dissipar. Era uma magia negra da qual ele se considerava o feiticeiro e da qual ele era apenas o objeto e o iludido. Quando saía desse sonho, o sonho não saía dele. Servia de cenário para os seus atos e estendia uma névoa entre ele e a realidade. A ideia que tinha de Bárbara trabalhava junto com ópio para dobrá-lo. Somente ao preço da sua própria essência e ao custo de uma ansiedade constante que ele reagia, trabalhava e continuava o caminho para ele destinado.

Ele até negava essa dinâmica, negava que fosse a parte mais preciosa do seu temperamento, e só considerava como vida verdadeira os momentos passados com Bárbara, as ações tomadas para satisfazer Bárbara. Quando chegou a hora que ela precisou dele para procurar por drogas, ele arriscou sua liberdade e o futuro da sua liberdade em aventuras perigosas que, apesar da mediocridade, o exaltavam. Por sua vez, ele conheceu o medo da polícia, o medo de não encontrar o que procurava e de não ser capaz de satisfazê-la.

Pouco a pouco, o amor de Antoine se inverteu. Ele pensava amar Bárbara, mas era ele mesmo que amava através do seu reflexo, era por ele mesmo e para achar as razões para se amar que ele corria tantos riscos.

Em alguns momentos, ele teve a intuição quais eram os seus verdadeiros sentimentos. Mas ele afastou de seus pensamentos essa revelação. Coube a morte um dia colocá-lo face a face com ele mesmo quando constatou que Bárbara e seu fantasma apenas mascaravam sua própria imagem em um espelho imaginário.

Ao sair do hospital, Dondlinger se sentiu bruscamente só no mundo. Sua família lhe parecia estúpida, desajeitada, irritante. Seu trabalho lhe repugnava. Seus antigos camaradas o haviam perdido de vista, esquecido. Eles tinham feito novos amigos.

Do grupo de Bárbara ele se lembrava com amargura. Courvoisier e Columot o haviam decepcionado. Nenhum dos dois cumpriu suas promessas. Ele não ousava rever Bárbara. Estava mais pobre do que nunca e isolado no momento no qual precisaria sentir o calor de uma amizade.

Foi então que em uma tarde ele reencontrou com Antoine. Agarrou-se a ele, confiou-lhe seu desespero e até os movimentos mais secretos do seu coração. Emocionado, Antoine o levou para sua casa e, naturalmente, ofereceu-lhe droga para ele se consolar. Talvez Antoine pensasse no seu antigo ciúme, e sem expressá-lo, ficou satisfeito ao ver um rival fora de combate.

Os dois conversaram com a efusão particular que o ópio provoca. O que tinha acontecido durante a ausência de Dondlinger. Ouvindo as notícias do grupo, Dondlinger se sentia reconquistado por ele e o sentimento de ser excluído dele lhe parecia ainda mais doloroso.

Quando veio a noite, eles jantaram juntos. No final da refeição, Antoine, que devia ir até a casa de Bárbara, hesitou em levar seu convidado. Ele não pôde, no entanto, resistir à angústia que leu no olhar dele quando anunciou que devia ir embora.

— Aliás, você deveria vir comigo. Estou indo para a casa de Bárbara. Tenho certeza de que ela ficará feliz em te ver. Dondlinger estava muito fragilizado para recusar. A recepção de Bárbara foi encantadora. É que ele trazia novidades. Era o viajante que retornara de longe. Perguntaram longamente sobre o tratamento em Henri Rousselle, e ninguém ficou surpreso ao vê-lo pegar de novo o cachimbo de ópio.

Eles o viram no dia seguinte e em todos os outros que se seguiram. Menos de oito dias depois, ele estava de novo intoxicado, mas perdera o interesse provisório que sua cura lhe dera. Ele foi novamente o intruso, o aproveitador, o parasita das drogas que jamais contribuía. Mas ele precisava tanto da droga que suportava todas as afrontas. Estava domado sem retorno.

Columot desligou com tanta raiva o telefone que quebrou o bocal. Ele se levantou, deu alguns passos no escritório e chamou a secretária. Começou a ditar uma carta para ela: "Meu caro amigo, preciso te ver com urgência a propósito de Dunois, o corretor. Tentei em vão entrar em contato com você por telefone..." Ele interrompeu.

— Rasgue isso. Vou sair. De tarde voltarei. Ele foi até o pátio onde os trabalhadores estavam descarregando um caminhão, entrou no carro e partiu. Rapidamente chegou ao centro de Paris, fez uma curva apertada na Praça des Victoires e, pela Rue Vide Gousset, estacionou na frente da Notre-Dame des Victoires. Entrou na igreja. A penumbra do lugar o acolheu e a sombra o envolveu na sua roupa de festa. Toda a decoração evocava as festas italianas, os encontros galantes e uma austeridade mundana. As lajes do piso pareciam roídas pelas lágrimas. Há muito tempo este local é o santuário da dor e da esperança para que o ar não esteja impregnado. É a encruzilhada das tristezas do coração. A mãe vem pedir a vida do seu filho e a prostituta a liberdade do seu cafetão. Algo pagão além dessa atmosfera católica, um sopro que vem de antes do cristianismo, além mesmo da época em que, provavelmente, um templo para Vênus estava lá, correndo pela nave deste lugar predestinado desde os tempos pré-históricos às grandes efusões do coração, aos sentidos e à imaginação.

Habitualmente Columot ia para o fundo da igreja, comprava uma vela na pequena guarita instalada à esquerda e, atravessando a nave, ia acendê-la e colocá-la diante do altar da pequena capela decorada com ex-votos e perfumada pela cera derretida de muitas velas de todos os tamanhos já acendidas.

Ele se retirou para um canto e falou para si mesmo: "Veja, sou eu. Voltei de novo a te procurar. Não te prometo nada. Não tenho nada para te falar de mim. Ainda sou um incrédulo, mas confio em ti. Sabes o que me traz aqui. Porque te falar disso? Estou infeliz. Eu estou em perigo. Ajuda-me. Considera meu pedido. Não sei o que me leva à tua igreja. Talvez seja a senhora. Talvez tenhas um projeto particular para mim. Não sei aonde me conduzes. Mas veja, eu me deixo conduzir. Mas me ajude, me proteja". Como se tivesse medo de ser encontrado saiu pela portinha que dava para a sacristia e que ia dar no pátio da prefeitura do

segundo arrondissement. Pela Rue Banque voltou para frente da Notre-Dame des Victoires para pegar seu carro. Então, aliviado, sorridente com o futuro, dirigiu suavemente para a Champs-Élysées em busca de um amigo para beber um pouco enquanto aguardava a hora do almoço e a tarde reservada aos negócios.

O fantasma de Arichetti atormentava Antoine, Bárbara, Columot e Courvoisier. Mais sensíveis de diferentes maneiras do que o seu amigo, eles viam em Arichetti um sombrio presságio do futuro que estavam preparando para eles mesmos, um futuro semeado de túmulos, esperando que o deles viesse tomar o seu lugar na fila de uma alameda fúnebre onde, eles sabiam, as recordações trariam poucas pessoas e, com certeza, poucos sonhos para o futuro. Eles se impediam de pensar nisso, afundando ainda mais na embriaguez cotidiana.

Tão sensível quanto eles, mas mais deliberadamente pessimista, aparentemente Auportain tinha riscado Arichetti da sua memória. Mesmo que nenhum deles supusesse que ele ainda pensava no amigo, foi ele quem sugeriu a Bárbara visitá-lo. Talvez – mas quem poderia suspeitar? – almejaría com esse espetáculo desviar a jovem de uma vida da qual ele nunca cessara de denunciar a falsidade trágica, a grandeza simulada, a mediocridade.

Columot os levou no seu carro potente. Nele havia um gosto mórbido pelo horror. Esse garotão cheio de vida e que poderia ter sido um modelo de equilíbrio dissimulava uma inquietude que ele acreditava ter sido atenuada pelas drogas, mas que as drogas sustentavam e fortaleciam. O espetáculo foi tão aflitivo quanto Auportain poderia ter pretendido, quanto Columot poderia desejar para saciar seu apetite pelo pesadelo. Quando deixaram um Arichetti incapaz de reconhecê-los, perdido para além de qualquer decadência, Columot, silencioso, reviveu os dias perigosos de 1917, quando sentira a toda a riqueza da existência. Ele se lembrou precisamente do dia ensolarado no qual a morte o ameaçara tantas vezes que ele concluía que ela não podia nada contra ele. Viu novamente o rosto alucinado de um piloto alemão cuja aeronave derrubada por ele havia roçado na sua e mesmo arrancado um spoiler da asa. Ele sentiu novamente o peso das suas pálpebras nos olhos, quando as fechou, ao aterrissar com o avião destruído. O eco das vozes dos seus companheiros que acorreram para tirá-lo ileso de um monte de ferro e sujeira ecoava através dos anos nos seus ouvidos. Ele via o sorriso inusitado do seu mecânico. O sabor do uísque que ele depois bebeu no bar o fez salivar.

— Como podem tratar os homens assim? disse Bárbara. Essas casas de loucos são masmorras! Esse regime é bárbaro.

— Não, disse Auportain. Há pouco mais de um século, você teria encontrado Arichetti acorrentado. É verdade que ele talvez não tivesse ficado louco, pois ignoravam a cocaína, a heroína e, mais ou menos, o ópio. Não temos o devido apreço pelo tamanho do progresso realizado por Pinel que ensinou a tratar os loucos como doentes. Temos feito progressos

enormes nos dias de hoje. Ainda faremos muito mais. Talvez até consigamos curar a loucura. Mas a medicina ainda está lutando contra a legislação. No caso de Arichetti, não é tanto a loucura propriamente dita que provoca a situação na qual o encontramos, mas as consequências dessa loucura, essa demência. Mas o que dizer das leis para os viciados? São considerados culpados. Não falo de mim mesmo, pois sou totalmente responsável, totalmente culpado e não mereço a prisão apenas porque na França o suicídio não é um crime. Mas vocês? Culpados? Não, vítimas. Não é porque existem contrabandistas que existem os fumantes, os cheiradores ou os que se picam. Não, é o contrário. Saúdo o futuro Pinel que dissipará os preconceitos e que permitirá a cura de vocês. Isso acontecerá quando soubermos curar os sentimentos feridos, a inteligência destruída, as vontades frágeis. Na realidade, é todo o sistema social que deveria mudar, pois é o sistema social o responsável pela existência de vocês e é o agravamento dessa doença que provoca o recrutamento da confraria deplorável de vocês. Mas eis um discurso um pouco longo. Deixemos dinheiro na administração para esse infeliz e voltemos a mergulhar nas nossas reflexões e tristezas. Se ao menos esse espetáculo pudesse tirar vocês desse lugar... o lugar que vocês estão ... o lugar para onde estão indo.

Lá fora estava a vida, mas todos os três, de maneiras diversas, dela se achavam excluídos. Eles sentiram dolorosamente a agitação da cidade. Os mesmos gestos e obrigações desta vida os irritavam e frequentemente lhes pareciam intransponíveis. Auportain os havia suprimido organizando cuidadosamente sua existência. A grande fortuna de Bárbara a preservava disso. Columot, por sua vez, não estava apenas sujeito a todas suas exigências, mas também àquelas dos negócios, uma forma frenética de trabalho. Era ele que mais se lamentava da sua juventude. Era ele que avaliava com maior precisão a queda e a decadência permitidas. Mas ele admirava especialmente Auportain, pois sabia que ele havia vivido antes de se retirar da vida, que era discreto em relação às suas tristezas, que não era escravo, mas associado ao ópio. Afinal de contas, isso era para se admirar? Ele se perguntou de repente. O velho tio Columot também não teria razão por ter vivido pela sua farmácia e por sua família? É verdade que o final da sua existência tinha sido trágica. Porque pensar nisso? Três cachimbos essa noite e tudo isso sumiria no delicioso perfume.

Auportain não era homem de suportar por muito tempo uma atmosfera desagradável. Deixou Bárbara e Columot assim que o carro entrou em Paris. A noite ainda estava distante. Columot seguiu as avenidas periféricas ao longo de paisagens de fábricas, terrenos baldios e pontes ferroviárias. Depois de percorrer bairros cuja miserável grandeza combinava com seu pesadelo interior, ele parou o carro ao lado do Canal Saint-Martin.

As crianças assistiam a manobra das eclusas. Alguns transeuntes olhavam para a água marrom onde se refletiam as barcaças.

— Columot, disse Bárbara, se formos chegar ao mesmo ponto que Arichetti, é melhor terminar logo com isso. Tudo o que precisamos fazer é colocar o carro em aceleração máxima e mergulhar direto no canal.

— A água está muito suja, suspirou Columot, pois essa proposta o arrancou das suas reflexões sombrias. E depois se afogar no canal não é nada original ou elegante. Eu nunca vou me suicidar. Eu sempre espero que amanhã seja melhor do que hoje.

— Você acredita em Deus?

— Eu? De maneira alguma. A questão sequer se coloca para mim. Eu nunca acreditei e para mim isso é o bastante até para não falar que nunca vou acreditar. Não, realmente, quanto mais eu penso sobre isso, menos preciso dessa presença. O universo me parece bastante misterioso e Deus não acrescentaria nada a ele, não explicaria nada. Existir? Por quê? Porque é assim que é, simplesmente. Como estou certo de que vou morrer, um dia saberei o que é a vida e a morte, se é alguma coisa. Mas existir? Pegarei da vida toda a dose que me for devida, mesmo que ela seja salobra. Nós não sabemos. Coisas muito estranhas podem acontecer, um dia.

— Eu, eu acredito em Deus.

— Então você não deveria pensar em suicídio. A religião proíbe.

— Bem! A religião não é Deus. Tenho certeza de que ele me perdoaria se eu me suicidasse. Ele talvez me achasse idiota, mas não malvada. Eu sirvo para quê?

— Nada prova que a condição humana seja a de ser útil.

— Você, Columot, você é útil. Você faz alguma coisa. Você vive! Eu até me pergunto como você faz para se drogar e trabalhar. Mas eu... Às vezes fico semanas sem ver a cor do céu, sem saber qual é a estação. Às vezes um teatro, os bares, um jantar com pessoas chatas e que, no entanto, se divertem.

— Cabe a você mesma sair disso. Desintoxique-se.

— Desintoxique-se você mesmo.

— Penso nisso Bárbara, e mais seriamente do que você imagina.

Sinos distantes tocavam. Um vento leve ondulava a água do canal. Os pássaros pipiavam em uma árvore. A porta envidraçada de um café se fechou com um estrondo na saída de uns homens fortes, marinheiros que retornaram às suas barcaças.

O carro ia lentamente pelo cais.

Eles encontraram a multidão do faubourg do Temple e da Praça da República. Evitavam os boulevards indo pelas ruazinhas afastadas, extraordinariamente cinzas, extraordinariamente monótonas, atrás das fachadas das quais se percebia o desempenho de muitos homens e mulheres em um trabalho sem alegria. Mas a maioria deles sonhava com o domingo seguinte - e este domingo teria a cor de uma festa e da primavera - nas próximas férias, e essas férias, medíocres que fossem, teriam o cheiro de flores silvestres e rios frescos. Eles chegaram aos novos bairros, de linhas retas, varridos, limpos e sem lojas, sem vida, também sem alegria. Atravessaram canteiros de obras, fábricas e oficinas. Agora chegaram ao jardim enganoso dos bairros ricos, o cemitério sem alma de Paris.

Columot deixou Bárbara em sua casa e voltou para seu escritório. Sua situação financeira o preocupava. Qualquer que fosse sua vitalidade, ele também estava sujeito às exigências do ópio. Sob sua autoridade, ele negligenciou muitas obrigações e deixava para o dia seguinte aquelas que o enchiam de tédio. Como havia dito, tinha uma fé cega no futuro. Acreditava nele como um talismã capaz de dissipar instantaneamente todos os perigos, de reduzir todos os obstáculos.

Mas naquele dia, mais do que em qualquer outro, o trabalho lhe parecia de uma esmagadora inutilidade. Ele conferiu as informações rápidas de um chefe de departamento e de uma secretária e ia a sair para começar uma noite parecida com tantas noites de semanas e anos passados. Mas um funcionário o deteve com duas cartas endereçadas a ele pessoalmente.

Os envelopes tinham o nome de dois fornecedores.

Quando viu aquilo se sentiu desconfortável e ficou surpreso de tremer ao abrir a correspondência.

Esse distúrbio foi rápido. Ele recuperou a compostura quando o texto das cartas o colocou na presença de uma catástrofe iminente, uma catástrofe prevista, mas que as drogas tinham transposto para o futuro, com a esperança de um milagre impossível.

Columot passou as duas noites e os dois dias seguintes com contadores, banqueiros, fornecedores, clientes, ou seja, devedores e credores. Ele se dopava com heroína, tomando doses quase duas vezes maiores do que havia sido até então suficiente para ele.

Mas depois de dois dias a situação estava clara. Fez acordos que o salvaram se ele se mostrasse capaz de supervisionar ao mesmo tempo sua atividade e a de seus aliados. Na realidade ele devia temer de se ver frustrado por eles, no primeiro fracasso, do lucro dos seus esforços. Mas ele se sentiu destroçado pela fadiga e as drogas. Ele entendeu que não conseguiria. Enviou um telegrama para o tio Mazurier, irmão da sua mãe, que morava em Angoulême e que não via há muitos anos.

A vida é medíocre para aqueles que se abandonam ao ópio. Preguiçoso, ele só vive por ele e para ele e negligencia aos poucos os gestos comuns com os quais o homem manifesta a sua existência. A própria preguiça acrescenta um novo perigo ao das drogas. A mulher abandona o cuidado elementar com a sua beleza e até com sua decência.

O homem perde gradualmente a memória da sua própria imagem. Eles vão do sonho ao sono e do sono ao exercício imperioso da sua mania. Fumar ou cheirar não é apenas uma necessidade do seu mente, é mais ainda do seu corpo. Essa necessidade física acaba, além disso, por suprimir toda alegria, toda exaltação.

O fumante quer continuar trabalhando, o conflito piora a cada dia entre o trabalho, a ambição e a satisfação ilusória que as noites de sonhos vazios proporcionam. Antoine conhecia bem esse debate e de quanta energia precisava para sair do sofá, onde viajara pela escuridão, para a verdadeira luz do dia. Seu próprio trabalho o havia preservado, protegido. Em algumas noites de fadiga, ele preferia o bom sono natural à insônia dourada e se deitava, sem ver ninguém, sem ir aos compromissos. Seus camaradas não se admiravam. O viciado costuma ter compromissos perdidos, promessas não cumpridas.

Uma noite, Antoine recebeu um telefonema de Bárbara. Em termos febris, ela pediu que ele encontrasse qualquer coisa para a noite, até láudano ou elixir paregórico, expediente supremo em caso de escassez. Antoine estava cansado, tinha pouco dinheiro, era vítima de uma melancolia provocada pela consciência que tinha do abismo cuja vertigem o ameaçava.

No entanto, numa febre provocada por nervosismo dela, sua tristeza e sua lassidão, ele procurou em lugares impossíveis a droga necessária para Bárbara. Ele padeceu com recusas humilhantes de seus amigos, a suspeita dos traficantes que não o conheciam, a ansiedade de ser vigiado. Por fim, encontrou as poucas gramas do ópio indispensável e telefonou para Bárbara que ele estava chegando. Ela respondeu com uma voz débil, mas alegre. Um táxi o levou rapidamente até ela. Mas quando ele chegou, ela se fora. Uma palavra pregada na porta dizia que ela não pudera esperar e que estava com amigos. Uma cólera profunda tomou conta de Antoine. "Ah! ele disse em voz alta, que ela morra! "

E esse desejo não era uma palavra que escapou por sua decepção. Nesse momento mesmo, com todo seu corpo, com toda sua alma, com todo seu desejo sexual, com todo seu amor, ele desejou a morte de Bárbara. A palavra "morte" ressoou no seu coração e seu cérebro, e ele não apenas enfrentava a palavra, mas a coisa toda com seu cortejo de lágrimas, arrependimentos e podridão. Ele tinha a visão completa da morte de Bárbara, a dos

vermes roendo seu belo corpo, simultaneamente com o passado desse corpo e o futuro desse corpo, se ele tivesse sido dedicado à força da luz. Ele foi, por um momento, a própria Bárbara agonizando em uma paisagem de nuvens e pedras, ele era sua dor e seus arrependimentos, ele era sua angústia.

Antoine talvez nunca amasse Bárbara tanto quanto naquele exato momento em que estava construindo o seu destino com uma força persuasiva que parecia um feitiço. Ele se confundia com ela como em um abraço amoroso, mas esse amor atingia o ódio no mais puro sentido, na sua maior força. Não era possível que tal sentimento não se manifestasse pelo espaço em uma influência concreta. Antoine já temia ver seu desejo se realizar. Mas seu medo era parecido com a esperança. Talvez aquela noite estivesse à beira da ruína, e isso só poderia ser evitado com a morte de seu oponente mais próximo, mais certo e mais amado.

Bárbara! O nome ressoava como o som de um sino e, de repente, enquanto ele se encontrava na rua, caminhando na fúria e na luta de sua mente, ele ouviu ressoar um sino verdadeiro. Ele veio de um colégio. Ele ressoou estridente e sugeria a visão de uma paisagem desolada, como a de um cemitério abandonado há milhares e milhares de anos, onde ninguém mais poderia decifrar os epitáfios nas lápides espalhadas não em uma grama, mas nas profundezas da terra e já dedicado ao trabalho dos arqueólogos. Antoine não era mais ele mesmo. Ele era Bárbara ou, em vez disso, o cadáver de Bárbara e mesmo o fantasma de Bárbara, e fantásticos soluços metafísicos sufocavam a linguagem que ele falava consigo mesmo. A hora de dormir havia passado. Ele caminhava. O amanhecer o encontrou nas margens do Sena, além de Saint-Cloud.

Marinheiros acabavam de tirar d'água o cadáver de uma pessoa afogada. Ele se aproximou convencido de que ele iria se encontrar na presença do próprio corpo de Bárbara. Não era ela, mas uma mulher enorme inchada de gordura e d'água. De suas roupas, via-se apenas um avental de tecido azul grosseiro e sapatos frouxos caídos horrivelmente.

Seu rosto vulgar refletia tanta dor, uma ternura tão machucada que o jovem sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Ele imaginava a dura labuta de anos daquela que fora uma menina, uma jovem mulher, uma amante, uma mãe. Pequenas tragédias sombrias e domésticas se desenrolaram na sua mente. A água escorria das roupas da mulher afogada, sua barriga inchada latejava. Antoine subiu a escada de pedra que levava ao cais.

E sem parar ele repetia: "Que ela morra! Que ela morra!"

Seu desejo atravessava seu pensamento e o conduzia. Ele imaginava um horrível quadro da agonia e da morte daquela que amava, sustentava-se disso. Como um abutre que gosta de carniça, ele mergulhava sua cabeça na barriga que lhe fora negada,

naquele cérebro que não estava nem um pouco preocupado com ele. Mas os pássaros cantavam nas árvores, o sol passava as casas. E Antoine era um autômato andando pelas ruas e avenidas. Ele encontrou o bosque e lá se refugiou como um animal perseguido em busca de refúgio. Ele caminhou pelos gramados da Bagatelle até o Palmarium, que ele chamava no seu sonho de Columbarium, uma imagem da morte total. Ele encontrou as pistas de corrida de Longchamp e Auteuil. O bosque estava vazio. De repente, no desvio de uma passagem para cavaleiros, ele viu passar à cavalo um corcunda em um terno de cor clara. O bosque estava acordando. Um táxi passou, ele o parou e dormiu um sono tão profundo que motorista teve de retirá-lo quando chegaram. Ele subiu as escadas cambaleando. Adormeceu como um rude bêbado de tristeza e de horror por ter descoberto seu próprio pensamento.

Quatro cabeças projetavam suas sombras no teto, quatro cabeças agrupadas ao redor de uma pequena lamparina de óleo. Às vezes, de uma agulha de metal manuseada com agilidade partia uma luz tênue. Nos forninhos de porcelana esverdeados o ópio resinoso se fixava crepitando. Ouvia-se a inspiração do fumante, depois a fumaça rejeitada se dissolvendo na sala. A campainha soou. Courvoisier foi abrir.

— Quem é? gritou Bárbara do sofá.

— É Dondlinger.

— Ah! Poxa! Ele ainda, ela murmurou. (Depois mais forte:) Que ele entre!

— Foi inoportuno você aparecer, continuou ela, estávamos conversando sobre negócios e não temos quase nada de drogas. Tudo o que posso fazer é te oferecer um pouco de borra em uma xícara de chá.

A recepção congelou Dondlinger. Courvoisier estava de novo estendido. Os outros dois, Berthe e um homem desconhecido, nem mexeram, nem falaram. Ele sentou-se na sombra. Um longo momento se passou. Bárbara continuou:

— Você encontrará o chá na cozinha e a borra na lareira. Sirva-se, não me incomode, não faça barulho, não fale comigo.

Dócil, ele foi ferver a água, preparou um chá tão preto como café, dentro do qual dissolveu o ópio. Como não encontrava o açúcar, ele engoliu a bebida do jeito que estava. Ela encheu sua boca de um azedume intenso que lhe secou a garganta e se confundiu com o estado de sua mente. Ele hesitou em voltar para o salão onde estavam os fumantes. Ele se decidiu por fim e, com passos muito suaves para não fazer barulho, passou pelo corredor. Pela porta entreaberta, escutou Bárbara.

— Eu vou passar por dois ou três meses. Estou muito nervosa. É irritante e mesmo cansativo não poder encontrar quem você quer e apenas quem você quer.

Ele não estabeleceu uma relação imediata entre ele e essa frase, mas ela o atormentou e se fixou na sua memória. O último metrô já passara. Ele não tinha mais que um desejo, de ser esquecido até de manhã no canto onde havia se deitado sobre almofadas.

Mas uma descoberta devia ser ainda mais dolorosa para ele. O desconhecido se levantara sobre um cotovelo, a lamparina iluminou seu rosto e ele reconheceu Columot. Desse modo, o homem a quem ele confiara um dia, a quem revelara seu coração em toda sua nudez, aquele que dissera ser seu amigo e que ele acreditara ser seu amigo nem mesmo lhe desejara boa noite. Daqui em diante, ele sabia ser o intruso e o excluído de uma comunidade à qual esperava pertencer. As barreiras de dinheiro que o separavam desses seres foram então

reveladas. Ele havia sido enviado para a copa como um servo a quem não é necessário ser espectador e esse silêncio que o entorpeceu foi causado só por ele. Sobretudo ele se sentia distante de Bárbara. Seus beijos só tinham sido um interesse passageiro, capricho, diversão. Todos esses homens eram muito mais atraentes do que ele, esse Courvoisier frívolo e falante, tão engraçado, tão inesperado; mais ainda esse Columot, que demonstrava tanto poder, tanta segurança, tanta virilidade como um homem que se dedica às aventuras do amor e às lutas da vida. Ele era realmente demais, mas, acima de tudo, ele não suportava esse show oferecido a seus olhos.

—Bárbara, ele disse, se você me permitir, eu vou para o banheiro me deitar nas almofadas para viajar à vontade.

— O Sr. Dondlinger fará como quiser. O Sr. Dondlinger aqui está em casa, amor do meu coração, macaquinho do meu zoológico, respondeu Bárbara. Dondlinger se consolou com a ideia que só era uma brincadeira. Ele se instalou confortavelmente no banheiro, decidido a esquecer seu aborrecimento. Mas ele via em um cano a solda que ele mesmo havia feito no primeiro dia em que entrou na casa. E toda a cólera se espalhou pela sua carne e a queimou com um fogo interior. Ele decidiu se explicar. Ele se levantou e se dirigiu ao estúdio. Foi então que escutou Bárbara falar.

— Por que, Columot, você não quer que eu o chame de meu macaco? Afinal, é o meu macaco e nada mais. Ele é engraçado por um instante. Eu me diverti bastante com ele. Vou resolver para que ele não volte. Isso é o suficiente. Ele acredita ter direitos sobre mim, minha palavra. Eu não suporto isso de quem quer que seja. Já desculpei bastante sua má educação. Esta não é uma razão para ser mais ingênua.

Só poderia ser sobre ele. Por um instante ele quis entrar e explodir de fúria. Ele parou. A presença dos outros o intimidou. Ele adiou esse debate e, refugiado no banheiro, esperou o instante no qual as luzes do amanhecer embranqueceriam a janela. Quando elas apareceram, ele se levantou e partiu. Antes de sair, olhou no estúdio. Bárbara dormia nos braços de Columot. Berthe estava em outro sofá. Courvoisier deitado perto de um aquecedor. A lembrança das farras com Columot retornaram como uma dor antiga. Ele saiu, mas a agitação da rua o atingiu. Ele tinha dormido por muito tempo sem se dar conta. Já era quase onze horas. Ele se sentia muito cansado.

Dondlinger contou seu dinheiro. Sessenta francos. Caminhou um pouco ao acaso, e depois, de supetão, subiu em um ônibus para a Estação Saint-Lazare. Sentou no Critérion e bebeu, lentamente, uma caneca de cerveja escura. Ele sonhava acordado. O mundo lhe parecia desmoronar. De tempos em tempos, a frase de Bárbara emergia nas suas lembranças,

“No fundo, é o meu macaco...”

Ah! Ele era o seu macaco! Bem, veríamos. Esse macaco faria que ela derramasse lágrimas. Ele imaginava Bárbara, anos mais tarde, em um entardecer, sonhando com ele e enternecida com sua lembrança.

"Ele era muito simpático. Nem sempre eu fui gentil com ele. Ele me amava e eu devo ter lhe magoado muitas vezes.”

Esse enternecimento futuro de Bárbara, ele experimentava por sua pessoa. Um chafariz de lágrimas corria na sua cabeça. Ele se revia criança quando passara um dia em Dieppe, divertindo-se. Tinham brincado, ele e as outras crianças, com pedras da praia. Eles as jogavam na água e algumas ricocheteavam entre as ondas. Ainda sentia nas narinas o cheiro da areia e dos seixos molhados. Sob seus pés, ele fazia as algas secas estalarem. Mas não, ele estava aqui, de terno gasto, mal cortado, bebendo em um café caro, como um dândi. Precisava tirar proveito disso. Pediu um uísque cujo gosto evocava as noites na casa de Bárbara e de seus amigos. O que eles dirão quando souberem? Eles vão se arrepender é claro, talvez até ter remorsos. "Ele era um bom rapaz, esse Dondlinger. Ele não era do nosso mundo. Mas não foi ele quem veio à nossa porta. Foi Bárbara quem o encontrou, arrancou-o de seu trabalho, sua vida, seu destino. Sem ela, ele teria gostado de uma garotinha séria. Eles teriam vivido felizes juntos”. Os domingos perfeitos em La Garenne ou no estádio para assistir a um bom jogo de futebol e depois os jantares simples em um restaurante tranquilo, um carro popular... Eu sou apenas um idiota para me preocupar com todo esse pessoal, por essa Bárbara que não se importa comigo. Mesmo assim ela é muito bonita, Bárbara, muito bonita, seu macaco!

Ele se levantou, entrou na estação e pegou uma passagem para Le Pecq. Como ia rápido esse trem! Mas ele era confortável. Essa região percorrida era bonita como uma foto. O olhar mergulhou em casas com a aparência de felizes, jardins calmos e, às vezes, o olhar ia longe à direção de um horizonte mais amplo, rapidamente absorvido por árvores altas.

A estação de Pecq estava deserta. Ele se informou com um funcionário.

O trem de Paris ia chegar. Ele atravessou a via e permaneceu na plataforma com um zumbido nos ouvidos e uma pequena dor nas têmporas. Nos arbustos bem cortados,

um pássaro saltitava. De repente o trem apareceu. Dondlinger apoiou o pé na beira da plataforma, colocou as mãos atrás das costas como, outrora, andando de patins, queria imitar os grandes campeões. O trem estava próximo. Deu um impulso com toda sua força e foi de cabeça contra o trem. A cabeça rebentou. O cérebro apareceu. O pássaro voou. O maquinista, pálido, freou no máximo, praguejando. Cabeças apareceram nas portas. O fiscal na plataforma fazia gestos enormes para o chefe da estação, pois ele não podia falar: tinha vontade de vomitar.

Estival sonhava em frente a uma folha de papel. Onde ele passaria as férias? O mar? A montanha? A porta se abriu e um colega veio compartilhar da sua ociosidade.

— Estival, como vão os negócios?

—O trabalho? Uma porcaria. Sempre histórias de viciados. Não toque nesses, não toque naqueles. Faça cartões. Que se danem as pessoas. Para ser recebido como um pé-rapado por pessoas que te olham de cima. Prenda aqueles que não têm relações. E ainda... Metade é liberada. Passei oito dias no escritório do promotor para surruper um arquivo que havia enviado muito cedo e que era preciso pegar de novo a qualquer preço.

—O que você quer? O que você disser não mudará nada. Só tem de fazer teu serviço sem procurar entender ou reformar o mundo. Vai durar tanto quanto nós.

— Ainda assim, é bobagem. Todo esse pessoal, eu agora os conheço. Eles também me conhecem. Não são bandidos. São pessoas infelizes. Nós os metemos na prisão, alguns, de tempos em tempos, quando ficamos bravos com os chefes. Eles saem. Eles começam de novo. Seria melhor tratá-los.

— Trata-los? Você fala como uma criança. Você bem sabe que eles são incuráveis. Todos eles são doentes crônicos. Eles deveriam ser trancados a vida inteira como incuráveis. Não é para deter somente eles. Há também os traficantes e esses, é a canalha.

— A canalha, certamente. Mas sempre haverá alguns. Se não fizerem isso, farão outra coisa. Não sei, eles vão brigar com velhas borocoxôs ou atacarão os carros nas estradas. Além disso, canalhas ou não, eles também têm proteção. Não é porque existem traficantes que existem viciados. É o contrário. Seria melhor registrar os viciados em drogas e dar-lhes oficialmente suas drogas. Seria menos perigoso. E depois conhecemos todos os traficantes de drogas. Trabalhamos com eles. São eles que nos informam. Os grandes não estão arriscando nada. Eles ganham milhões. Os pequenos, esses são os que são presos quando fazem uma sujeira e devemos assumir uma posição contra eles. Não erradicamos nada e até agravamos tudo. Veja, velho, há três anos a heroína chegou na Rue Lappe. Todo delinquente da esquina está com o nariz cheio. Coca, não se fala mais nisso. É antiquado. Era bom antes de 1914 ou durante a guerra. Desde 1920 não há mais amador.

— Ah, coca, heroína, ópio, é a mesma coisa.

—Sim, claro. Mas há um mês eu encontrei heroína com trabalhadores. Entende, trabalhadores de verdade, honestos. Nenhuma cafetão disfarçado de trabalhador. Mais vinte anos e todos vão consumir. Não apenas as pessoas da alta e as prostitutas, mas o povo. E nós,

nós continuaremos nossa história. Faremos uma ficha de informação, vamos parar com os perdidos e isso será tudo.

— E pegaremos o nosso dinheiro no final do mês. Já chega. Não é você quem faz as leis. Você as aplica, um ponto é tudo. Venha jogar um baralho e pense noutra coisa. Se olhássemos tudo sob o microscópio na caixa, nos tornaríamos senis ou anarquistas.

— Ainda é muito estúpido!

— Não vejo por que você se atormenta com pessoas que não valem a pena.

— Sim, eles valem a pena. Entre eles existem alguns homens surpreendentes... E mulheres também! Bem, eu conheço um cientista, um físico... Ele vai acabar sendo preso e será o fim. Talvez seja estúpido e cruel prendê-los. Isso seria mais honesto do que brincar com eles como gato e rato e de lhes montar armadilhas! Não é o trabalho de um homem que somos obrigados a fazer, não, fizeram de nós uns chantagistas!

Um dos fumantes levantou a cortina da janela. Ele viu, em direção do oriente, uma luz pálida que anunciava a manhã.

— Amanhece, disse.

— Já? Surpreende-se Simonne. Vou indo. Meu marido logo está voltando com as minhas filhas. Neste momento eles estão viajando por algum lugar perto de Lyon. O que diriam se não me encontrasse em casa? Ignoram minhas aventuras.

Era uma mulher de quarenta anos, sempre alegre, ainda nova. Ela só raramente aparecia nos encontros para o consumo de drogas. Precisava estar sozinha ou se esquivar dos seus por algumas horas durante a tarde. Depois de vinte anos de casamento seu marido a tratava mais como uma agregada do que como esposa. A fadiga das maternidades, a monotonia das suas ocupações, a ociosidade pouco a pouco a afastaram da sua família. Para ela, o ópio era um refúgio, um prazer secreto que se concedia de tempos em tempos. Amava a companhia desses diferentes cuja fantasia lhe divertia.

Vestiu-se apressadamente e saiu. Ouvimos na rua o barulho do freio de um táxi que ela parou no caminho. A porta bateu e o motor retomou o seu barulho.

— Em qual confim dos infernos você foi pegá-la, Bárbara?

— É uma amiga de infância. Ela me conheceu garotinha e brincava comigo quando eu era criança. Há dois ou três anos, num dia de tristeza, ela me disse o quanto se entediada; então eu a fiz fumar... O que lhe faz bem. Não deve ser sempre engraçado, o lar conjugal. Seu marido só frequenta pessoas chatas. Ela é alegre por natureza. Se você a tivesse conhecido há dez anos... Era uma das mulheres mais bonitas de Paris.

— Ela fuma na casa dela?

— O que você acha? Ela tem muito medo que alguém perceba o cheiro. Nem mesmo usa heroína do tanto que tem medo que o seu marido a surpreenda.

Mas o dia no qual todos nós estávamos na delegacia de polícia com Courvoisier ela estava lá.

— O marido dela estava ausente. Ela é uma mulher divertida. Uma mistura de prudência e ousadia.

— Enquanto isso, ela cheirou uma boa dose de pó antes de sair. Quando seu digno esposo retornar, ela certamente estará viajando.

—Bobagem! Ela dirá que está doente. Simonne, no entanto, chegou à sua casa. O elevador a levou até o último andar do prédio onde ela ocupava um vasto apartamento. Tirou a chave da bolsa e tentou introduzi-la na fechadura. Não conseguiu.

“Cheirei muito , pensou, estou tonta”. O timer se apagou. Ela procurou pelo botão e não conseguiu encontrá-lo. Pela janela do andar, os clarões do alvorecer e da lua penetraram lentamente.

Ela resolveu sentar e esperar o dia. Ela não queria tocar a campainha, acordar uma empregada, fazê-la testemunha do seu retorno tardio.

— No entanto ela se levantou, tentou abrir a porta novamente. Mas de repente ela se sentiu pesada como chumbo. Uma grande luz a ofuscou, queimou suas pálpebras.

“Ainda uma tontura... ela disse debilmente.”

Essas foram suas últimas palavras. Ela caiu como uma massa, atingida por um raio. Seu marido e suas filhas levantaram seu corpo já frio quando chegaram da estação.

A mãe de Arichetti era uma mulherzinha pequena, seca, desconfiada e falante.

Ela chegou à casa de Bárbara em uma tarde, sem aviso prévio. A aparência do prédio a intimidara e ela esperava ser apresentada por uma empregada, depois de uma longa espera, em uma sala cheia de cortinas, para uma senhora importante com um vestido pomposo. Ela quase perdeu a compostura quando Bárbara veio abrir a porta despenteada, vestindo um roupão de banho, e afirmou que era Bárbara Durand. Essa, aliás, também a tomou por uma traficante de drogas e quase fechou a porta na sua cara. Mas a outra, precipitadamente, disse-lhe que era a mãe de Arichetti, a senhora Arichetti, e que viera para lhe agradecer por cuidar do seu infeliz filho.

Frente a frente no estúdio, elas não sabiam mais o que dizer. Mecanicamente, Bárbara serviu-se de um copo grande de conhaque e ofereceu um à visita. Ela recusou contrariada. Porque ela viera com um propósito definido. Se Bárbara dera dinheiro ao asilo, foi porque ela era a amante do seu filho e esse, sem dúvida, tinha enlouquecido por sua causa. Era necessário que ela pagasse pelo estrago.

— Meu filho, ela disse com uma voz cortante, é um menino bonito, inteligente e trabalhador. Ele tem o futuro pela frente. Quando ele estiver curado, ganhará muito dinheiro. Será um grande partido e aquela com quem ele se casar será feliz. Sério como ele é... e organizado, acrescentou, dirigindo um olhar ao redor da sala. Não é libertino, não bebe, não joga... nada de excessos. Desejo que se case com quem ele ama e espero que ele seja amado.

Dizendo essas palavras, ela fincou nos olhos estupefatos de Bárbara um olhar afiado. Bárbara quase engasgou com sua bebida, dividida como estava entre a fúria, a vontade de rir e a vontade de chorar. Ela se levantou.

— Mas quem ele ama? Ela perguntou.

— Você deve saber melhor do que eu. É uma questão de coração e de consciência. Marie-Louis... (e esse nome tão raramente usado pelos amigos de Arichetti ressoou bizarramente, estrondou como a chegada de um intruso) Marie-Louis é um modelo de filho. Até a véspera de adoecer, ele me ajudou. É que ele ama a mãe dele. Sim! Ele foi bem criado. Eu me privava de tudo para fazer dele um jovem como deve ser. E é duro de ver tanto esforço perdido para conseguir o que? No asilo de loucos! Sua voz divagou nas últimas palavras como uma confissão desonrosa e ela engoliu um soluço ou uma náusea.

Era difícil entender que emoção ela confessava: avareza, vaidade ou amor maternal magoado. Os três sentimentos, sem dúvida, dividiam esse pequeno cérebro estranho

a todos os pensamentos elevados, mas capaz de amar com ardor e igual amor o seu filho, uma respeitabilidade medíocre e o dinheiro.

Bárbara imaginava o encontro que deveria ter gerado tal filho assim em tal mãe. Essa pergunta só lhe evocava pinturas de estupros em uma noite de batalha ou orgia, na escuridão de uma casa saqueada.

—E o pai dele? Ela disse.

—O pai dele? Nunca te disse que ele me abandonara antes do seu nascimento. De que adianta? Para que serviria? Ele não parecia em nada com ele.

Bárbara se perguntou a qual ancestral Arichetti devia a sua delicadeza, elegância natural, imprudência e fantasia.

— Então, senhorita, retomou a velha obstinada, o que você vai fazer? Bárbara estava farta, farta de ouvi-la, farta de pensar no doente. Ela tirou de uma gaveta um maço de notas de mil francos.

— Pare... Pegue... Isso será para melhorar a vida dele... E a sua. Mas vá embora. Metodicamente, a velha contou a quantia.

— São trinta e cinco mil francos. Você quer um recibo?

— Não... Tchau.

Ela a empurrou para a porta que fechou atrás dela. De repente, ela abriu a porta de novo.

— E sobretudo não volte. Nunca mais volte. Além disso, eu deixo Paris. Estou partindo para a América. Adeus.

Com as costas arqueadas e os lábios franzidos, madame Arichetti desceu as escadas, agarrando a bolsa sobre o coração, onde guardara os trinta e cinco mil francos.

Courvoisier chegou tarde à casa de Lily. O quarto cheirava mal. Lily ainda estava na cama. Courvoisier a beijou, mas o cheiro do corpo e da cama lhe repugnava. Ela pediu para subirem bebidas de um café próximo. Falava sem parar com uma febre que deixava um vermelho doentio nas maçãs do seu rosto. Às vezes a saliva faltava, ela então bebia e retomava o fio de seu discurso.

— Pedi dinheiro para Bárbara. Você acreditaria que ela se recusou a me emprestar? Já tinha me dado bastante, ela disse. Eu peço um pouco para você agora. Quando tinha dinheiro, não ligava para ele. Eu não precisava dos amigos. Eu lhes dei joias, vestidos, sem falar das

drogas! Veja, Bárbara vinha na minha casa. Querida Lily aqui, querida ali. Mas ri melhor quem ri por último. Não pense que eu vou ficar assim toda minha vida. Vou passar o inverno descansando. Na primavera, eu me desintoxico e então acabo com a droga, nada mais para mim. Como sou uma garota bonita, não faltam belos rapazes que querem ficar comigo. Eu vivi muito para os outros. Perdi meu tempo dedicando-me a este aqui, àquele lá, e isso serviu a que? Eu te pergunto... Para uma sirigaita se recusar a me emprestar dois mil francos, para mim. Ela me deve mais que isso de drogas! Sem falar o que eu me arriscava quando ia comprar droga para ela.

Ela se levantou. Courvoisier reparou que ela tinha dormido de roupa e que ela estava suja. Seus cabelos negligenciados guardavam só a lembrança de uma pintura do tipo Auburn e ele se lembrou que fora Bárbara quem havia dado de presente para Lily em um aniversário. Lily pintava as suas unhas enquanto continuava seu falatório. Depois ela colocou um colar de coral em volta do seu pescoço. Outro presente de Bárbara. Na mesa, uma escova espetada de restos de cabelos estava ao lado de um queijo e um pedaço de pão duro. Ela colocou um casaco que Courvoisier se lembrava de ter visto em Bárbara, como aquele vestido de noite coberto de pó pendurado em um cabide.

— Se fôssemos beber algo? Leve-me ao Chatham, como antigamente.

— Essa noite não, estou sem tempo. No bistrô da esquina, se você quiser. Lily sorriu tristemente.

— Você também tem vergonha de mim.

Ela tirou da bolsa o rotineiro papelzinho branco e uma lixa de unha. Na frente do espelho, ela cheirou uma dose de heroína.

— Pelo menos eu tenho heroína... Caso contrário, eu me suicidava. (Então bruscamente) Meu querido Courvoisier, me salve. Empréstimo-me trinta francos para que eu compre um grama.

— Não posso. Só tenho cinquenta francos. Vinte francos, se você quiser. Vou trocar o dinheiro no bistrô.

— Escute, não vamos ao café e me dê trinta francos, eu suplico. Isso vai dar no mesmo. Você gastaria pelo menos dez francos com o aperitivo. Courvoisier desceu para trocar o dinheiro. Subiu e entregou as cédulas para Lily.

— Obrigado. Você é um cara bacana. Agora estou salva até depois de amanhã. Uma grande tristeza invadiu Courvoisier. A imagem que o espelho lhe enviava era cruel. Ele podia, no seu próprio rosto, ver os estigmas de uma decadência que o colocava no mesmo nível que o de Lily. Desceu lentamente a escada estreita com o tapete gasto. Era quase crepúsculo. Ele

saiu solitário por Paris. Numa esquina, identificou Antoine Maison que passava sem vê-lo ou, talvez, evitando-o. Ele encolheu os ombros sem saber se esse sinal de desprezo era dirigido ao seu amigo ou para ele mesmo.

Quanto a Lily, a sua lembrança já desaparecia na neblina que encobria o seu próprio futuro. Não deveria vê-la novamente. Ele não tinha vontade e o destino se encarregou de levá-los por caminhos que não se cruzariam mais. Onde ela finalmente terminou? Em qual praia da vida esse destroço naufragou para perecer? Ele nem mesmo deveria se preocupar com isso. Uma noite ou outra, sua lembrança voltava na sua mente. Às vezes era a Lily brilhante de uma noite festiva, o copo na mão e um riso luminoso. Ou, na penumbra tépida de um salão de fumantes, era o seu belo rosto iluminado pelo lampejo da luz do ópio, cujas feições tomavam gravidade ao sugar o cachimbo. Mas, quase sempre, a visão de uma mulher decaída sem charme, sem graça e sem vergonha que perdeu até o seu nome outrora pronunciado com ternura por lábios sorridentes.

*M*arie-Jacqueline estava morando com Lily há várias semanas quando Berthe morreu de peritonite causada por uma ampola de ópio. Alguns dias depois, Jeanne, por sua vez, sumiu durante uma febre tifóide.

As duas jovens não sentiram de fato nem tristeza nem emoção. Encontraram apenas um motivo para conversas sentimentais nessas duas mortes que Noëlle viria a aprender algo. Elas dão deveriam, nunca mais, rever essa última. O que aconteceu com ela, ninguém nunca soube nada. Nós paramos de vê-la. Estes sumiços são frequentes no mundo do ópio. Falamos dos ausentes um pouco mais que antes, mas esperamos encontrá-los no dia seguinte, ou anos depois, ao acaso de um encontro. Ela estava morta, viajando, presa, casada? Tinha desistido do seu vício? Ninguém nunca soube. Mas tanto para Lily, como para Marie Jacqueline, a sua lembrança permanecera ligada a das duas mortes.

Ambas, além disso, estavam presas a um destino que lhes arrastava com uma velocidade acelerada em direção ao desenlace da sua vida. Marie-Jacqueline tinha procurado abrigo em Lily e ela tinha aceitado com um coração magnânimo. Mas esta casa de mulheres não ignorava as trovoadas. Normalmente Lily considerava sua amiga como uma criada. Ela a

encarregava de tarefas enfadonhas, das compras, de providências, e lhe fazia suportar um mau humor frequente.

Marie-Jacqueline, por sua vez, não era uma hóspede discreta. Acrescentava sua desordem à de Lily, pegava as roupas dela, usava o seu blush e sua maquiagem. Discussões se originavam por uma toalha de banho ou uma escova de dente. Mas, sempre ameaçando se separar, elas permaneciam ligadas uma a outra pelo hábito. Esse tipo de relação é comum. São mais duráveis, pois os seres que estão assim unidos parecem ter menos razões para viver em boa harmonia. É que na realidade todos eles têm apenas um inimigo: a solidão. Eles a temem e têm horror ao tédio e à melancolia que dela se originam, preferem as brigas e a irritação. No entanto, chega o dia em que a vida se encarrega de dispersar esses associados hostis. Cada um então, se vangloria de ter por fim acabado com uma situação insuportável e atribui ao outro toda a responsabilidade por uma ruptura inevitável.

Foi Marie-Jacqueline, no entanto, quem tomou a iniciativa do desfecho. Lily esteve ausente por vários dias. Quando voltou, encontrou a casa vazia, seus armários pilhados: sua roupa de cama, suas peles, suas joias foram levadas.

Ela soube pela porteira que Marie-Jacqueline havia saído na véspera com duas malas pesadas sem dizer para onde estava indo. Lily descobriu em seguida que ela havia deixado inúmeras dívidas com os fornecedores, que havia tomado emprestadas drogas da maioria dos seus amigos. Ninguém sabia onde ela estava, ninguém nunca soube. Esse assalto não irritou tanto Lily, pois ele lhe deu a dúbia satisfação de ser interessante para suas relações. Ela posou como uma vítima até o dia que percebeu que sua história havia deixado de ser atual. Por sua vez, Marie-Jacqueline passou para o plano das lembranças e alusões. Ela já estava fora de cena. Correram rumores de que ela encontrara seu último porto, tuberculosa, em um sanatório. E isso era bem possível.

*H*á dias em Paris que a multidão é uma floresta de rostos desconhecidos. Há outros nos quais cada esquina da rua é um ponto de encontro. Parece até que basta pensar em alguém para vê-lo aparecer. Na Praça da Ópera, Bárbara, que, banhada pelo sol e pelo vento quente, havia saído, viu Antoine. Ela se dirigiu até ele, mas quando estava prestes a colocar a mão no ombro dele, percebeu que estava errada, que não era Antoine, mas um estranho que nem com ele se parecia. Ela ainda não havia alcançado a Rue Scribe quando Antoine veio em sua direção. Era ele mesmo dessa vez. Do Troudans le Mur, o incrível barzinho da avenida, eles viram Auportain sair e os três caminharam em direção à Madeleine. Em frente ao Trois Quartiers, Bárbara apontou para uma pequena mulher mal-humorada.

— A mãe de Arichetti... Ela disse.

Essas reuniões embelezam o dia, mesmo com esse fantasma feminino. Eles pararam na varanda do Weber. Longas filas de carros se sucediam, periodicamente paradas por sinais de trânsito. Uma mulher fez sinal para eles de um táxi.

— É Marie-Jacqueline, disse Antoine. - Não... Acho que não... Deve ser a Lily, respondeu Bárbara.

— Vamos admitir que seja Marie-Jacqueline em um dos vestidos que ela roubou de Lily.

O cortejo das horas continuou a sua rota pela cidade e pelo mundo ao som de relógios nem sempre alinhados, os motores de carros e das fábricas, na fumaça de cigarros, ao ritmo mesmo do sangue que pulsava pelo mundo nas veias de milhões e milhões de homens. Todos os três estavam obscuramente cientes desse desgaste do universo, dessa projeção de energia através de espaços desconhecidos e, talvez, imaginassem perceber o movimento do planeta por distâncias assustadoras, nos territórios sempre novos do céu onde seu o destino o leva.

A linda tarde tinha uma melancolia similar a do sol. Uma languidez se espalhava nos seus sentidos. Eles se separaram e Bárbara pegou um táxi de volta para sua casa. No Rond-Point des Champs-Élysées, o carro ficou preso em um engarrafamento. Ela levantou a cabeça e, em outro táxi parado ao lado do seu, viu Courvoisier. Eles trocaram algumas palavras. Mas o movimento recomeçou e, enquanto ela ia pela Avenue Montaigne em direção à Praça de Alma, Courvoisier ia em direção à l'Étoile.

Essa sucessão de encontros impulsionou o seu coração e o seu sonho para as recordações. Lembrou-se dos dias felizes, dias festivos, aqueles em que ainda sentia prazer em usar um vestido novo, aparecer em Longchamp, em Deauville ou em um teatro no

esplendor de uma beleza que a juventude ainda demonstra ser uma joia inimitável. Seu taxi margeava o Sena. Ela o desviou de seu caminho para ir rever o pequeno bistrô onde, uma manhã, ela fracassara com Antoine. Estava vazio. Os clientes, a maior parte trabalhadores, labutavam nas fábricas. O dono dormia entre o cansaço da manhã e o da noite. Apenas uma criada tricotava e um garotinho fazia aplicadamente seus deveres em uma mesinha de pedestal. Servida, Bárbara sentiu-se imersa em uma atmosfera intangível que a separava do mundo. Este lhe parecia ilusório e distorcido como aquele que um peixe pode ver através do vidro do seu aquário. Os próprios sons chegavam até ela, lhe parecia assim, depois de sofrer uma transformação que os despojava de todos os sentidos. Ela estava viva? Era mesmo Bárbara? E essa prisão da qual teve repentinamente a revelação, não era a prisão onde estivera trancada há meses e anos? No coração de Paris, ela se sentia exilada e mais distante do que se estivesse perdida no fundo de um continente inexplorado. Ela também se lembrava de ter visto Dondlinger naquele lugar.

Ele também partira, como tantos outros, e naquele momento, só ela se lembrava dele. Ela voltou para casa a pé. O Sena fluía, sem pressa em deixar Paris, na direção de paisagens bucólicas, pequenas cidades graciosas onde fervilhavam pessoas ignoradas por si mesmas e pelos outros, em direção ao mar onde nada se lembraria de que fora um rio refletindo os aspectos provisórios da terra. Ali, face a face com o céu, a água anônima e disforme se perderia refletindo o céu anônimo e disforme, ele mesmo perdido em sua passividade. Cada um dos passos que a aproximava da sua casa parecia ressoar imediatamente em um passado mais longe do que seus ancestrais mais distantes, homens e mulheres das cavernas e florestas pré-históricas, tão distantes quanto a própria origem de todas as origens, nas profundezas do abismo da matéria.

O sangue corria regularmente por suas veias. Os espelhos das vitrines ainda lhe mostravam uma imagem sedutora. Mas um desespero calmo a possuía. Nunca antes ela conhecera tamanha angústia, da qual não percebeu o peso metafísico. Ela atribuiu à vontade de se drogar essa desordem mental, essa desintegração sentimental. Ela se recompôs, apressou o passo, esperando, com uma atitude enérgica, fazer recuar a morte que sentia dentro dela. Assim que chegou, acendeu a lamparina e preparou o cachimbo. Mas as primeiras baforadas não dissiparam sua dor. Pelo contrário, ela parecia crescer, e também o local em que estava crescia enquanto que ela mesma minguava até ser apenas um átomo perdido na carne de um grande ser desconhecido, com vontades extraordinárias. O espelho do seu quarto estava distante dela por milhares de quilômetros e nas profundezas das suas águas se apinhavam milhares e milhares de rostos que ela fazia surgir à vontade. Ao mesmo tempo, ela percebeu

com lucidez cruel os próprios movimentos do seu corpo: o burburinho do ar quando ele chegava nos seus pulmões, o circuito do sangue nas suas veias, artérias e coração, as palpitações do intestino e do estômago, o fígado funcionando. Até seus pensamentos agora pareciam concretos e a sua elaboração ela seguia desde as dobras do seu cérebro, até suas sensações que ela acompanhava nas suas transmissões ao longo dos nervos. Não, o ópio não a libertaria esta noite do seu pesadelo vivo que a fazia sofrer fisicamente de uma ferida absoluta em todo o seu corpo e na sua mente. Lembrou-se de um grande pacote de heroína deixado em uma gaveta. Ela ligou a luz depois de um esforço quase insuperável, não um esforço físico, mas de vontade, de decisão. Ela encontrou a heroína, cujo nome químico repetiu para si mesma como um refrão: cloridrato de diacetilmorfina, cloridrato de diacetilmorfina ... Havia quase cinco gramas que ela dissolveu no mínimo de água possível e encheu uma seringa de dez centímetros cúbicos.

"Vou pegar apenas um pouco e deixar o resto. Ela espetou a agulha na coxa e, de uma só vez, empurrou toda a solução na carne, que formou uma grande protuberância, desligou a luz e estendeu-se dentro da noite."

A partir de então, havia apenas um corpo invisível na escuridão, um corpo privado de sentimento, mas não de movimento, que esfriava pelas extremidades. Um gemido suave e regular ressonava. Um ar fétido enchia a sala onde as cortinas deixavam as luzes da cidade e as dos carros que passavam se infiltrarem. Uma buzina às vezes cobria a voz moribunda e o tique-taque do relógio. O telefone tocou várias vezes. Um amigo desconhecido esperava no final dos fios elétricos que amarravam a cidade. Mas Bárbara não podia mais ouvir, nunca deveria ouvir mais nada. Um cobertor deslizou pelo chão. O elevador parou no andar. A campainha tocou várias vezes, depois passos se afastaram nas escadas. Bárbara não podia mais ouvir, nunca deveria ouvir mais nada.

Pouco a pouco, os movimentos se tornaram raros e cessaram. Também cessaram os gemidos e os barulhos internos de um organismo em luta contra a decomposição. O silêncio e a escuridão continuaram sendo os únicos donos da casa.

No dia seguinte, o sol mal penetrou no quarto junto dos barulhos cotidianos. Então a noite regressou e depois o sol do outro dia. A faxineira descobriu o corpo por volta das dez horas da manhã.

A morte de Bárbara dispersou um pouco mais os amigos. Aconteceu com eles como em todas as associações espontâneas provocadas por um vício ou simplesmente um

gosto comum. O acaso os constitui e o acaso os dispersa. Nas sociedades de drogados a morte, o infortúnio e as mudanças desempenham um papel mais importante do que em qualquer outra. São agrupamentos sazonais se dermos à palavra estação um significado mais amplo, nas dimensões da vida. Os mais pobres logo se encontraram isolados, depois os homens que se reuniam apenas pelo seu amor tácito por Bárbara. Courvoisier, Columot e Antoine poderiam ter se encontrado. Mas os dois primeiros tiveram problemas de dinheiro por causa das drogas. Quanto a Antoine, a morte de Bárbara o atingiu como um golpe pessoal dirigido a ele. Ele se repreendeu, durante noites de insônia, com a morte que desejara, como se tivesse sido o responsável por isso. Essa ausência, sem que ele percebesse, o humilhava como se fosse um fracasso pessoal. Ele lamentava então de não ter sabido livrá-la da sua prisão de drogada, por ter sido cúmplice do seu suicídio, o companheiro da sua derrota. Pela primeira vez, o jovem duvidou do seu destino e da moralidade da sua conduta. Esse remorso se misturava com a desordem por não saber onde passar as suas noites. Não que ele estivesse sofrendo por não mais se drogar. Mas, mesmo se não estava intoxicado, ele se acostumara àquelas horas perfumadas, com essas conversas sentimentais. Elas ocupavam seu tempo livre. Elas o fizeram perder contato com o mundo real, e novamente ele estava enfrentando este mundo, fora do seu trabalho, com tanta timidez! Tudo parecia monótono, hostil, cinza. Ele refez a sua maneira a peregrinação pelos lugares por onde ele e Bárbara haviam passado, o New-York Bar, o bistrô de Vel 'd'Hiv, o Sena, tal teatro de revista, tal restaurante. E a cada vez nele ressoavam as mesmas eternas repreensões: “Você deveria tê-la salvado”, “Você poderia tê-la salvado”, “Você desejou sua morte”. Ele se intoxicava sabiamente com uma dor mais artificial do que os paraísos que conhecera.

Ele recolhia como fetiche as mínimas lembranças da morte e cantava para si mesmo, dia e noite, um hino fúnebre em sua honra. Ele pensou em se suicidar. Mas se a ideia se tornou íntima dele, ela não era sincera. Não que ele amasse a vida, mas a vida o amava. Ela o possuía. Ela o havia empurrado para o trabalho e, pelo trabalho, ela o preservou das drogas. Graças a ele, graças a ela, houve noites em que, cambaleando de fadiga, ele chegara para dormir. E esse sono era mais imperativo do que o ópio ou o amor. Ele o jogou na cama, sem jantar, por doze horas de trevas e de sonhos. E esse sono, essas trevas, esses sonhos eram pausas salutares. Graças a eles a droga não tinha autoridade sobre ele. Ela era sua serva e o mestre dessa serva ignorava sua riqueza. Mais velho, evocando seus anos de juventude e por isso mesmo os seus anos de dissipação, ele poderia falar de força de caráter, vontade, temperamento. Mentiras. Ele fora apenas o comparsa privilegiado de uma tragédia, o ator que

sem saber tem o melhor papel e que, na última cena, tem a tarefa de enumerar os nomes dos mortos de uma atividade assassina.

No entanto, ele deveria se aperceber disso obscuramente, pois ele devotava um ódio pessoal ao ópio, à heroína e a todos os narcóticos. Não que ele tivesse medo deles. Acontecia de ele às vezes retomar ao bambu ou cheirar... Ele se lembrava:

“Um pouquinho?” Bárbara outrora dizia, entregando-lhe o saquinho e a lixa de unhas.

Fumava uma dúzia de cachimbos, cheirava duas ou três vezes e depois se recusava a continuar. Não fazia nenhum esforço para recusar. As drogas o entediavam e, no entanto, além do seu desejo de riqueza e de glória, bem vagos, portanto, nenhuma obra o ocupava, nenhuma ambição o dirigia.

Ele redescobriu pouco a pouco o mundo exterior, a rua, a vida. Ele se habituou a ver os homens que ele desprezara até então e se enterneceu por descobri-los homens e humanos. Ele se admirou por tomar gosto pelos shows, pelas diversões e os estudos que a sociedade secreta das drogas proscovia. E ficou mais admirado ainda ao descobrir o desejo por mulheres que não se pareciam com Bárbara.

Pouco a pouco, o remorso em relação à Bárbara se atenuou, a memória disso tudo continuava, mas tornava-se muito amena. A velha dor tornou-se agradável de recordar. As lágrimas que derramou em sua honra eram quentes, mas doces. Sem que nada fosse visível fisicamente, Antoine envelhecera. Ele havia ultrapassado um degrau na escada da vida. O jovem tornara-se um homem. Ele se surpreendeu por falar aos moços com uma autoridade que ele ignorava. Ele ficou ainda mais surpreso pela facilidade que tinha com o trabalho e com a felicidade. No entanto, através de uma coisa ou outra, o fantasma de Bárbara estava presente, exigente e doloroso. Meses se passaram.

Uma manhã de sol frio e calçadas desertas, Antoine acordou, lavado de seus escrúpulos e de suas velhas dores. Amor e tristeza haviam se cristalizado. Talvez duas rugas tivessem marcado sua testa ou o primeiro cabelo branco nas têmporas? Mais uma vez o mundo lhe pareceu vasto e barulhento e digno de ser atravessado. Bárbara era apenas uma lembrança, mas uma lembrança inesquecível que, ao longo dos anos, provaria seu poder.

*F*oi sem surpresa que Antoine recebeu uma visita de Courvoisier, que veio lhe oferecer drogas. Foi sem surpresa que Courvoisier recebeu a recusa de Antoine. Mas a distância entre eles passou a ser muito grande para que eles pudessem se olhar sem parcialidade. Parcial, ambos foram e Antoine não usava mais drogas. Já dissemos que o gosto dele pelas drogas estava relacionado à presença de Bárbara. Ele recusou. Courvoisier logo imaginou que ele tinha seja reservas, ou outro fornecedor, e ele se recriminou por outrora ter lhe dado endereços de traficantes.

No final dos seus recursos, ele só poderia pedir à droga mesmo uma forma de comprar mais droga. Isso quer dizer que ele vendia drogas, que ele mesmo traficava. Além do mais, ele roubava mais do que qualquer um, pois sabia o quanto a necessidade é urgente e como é fácil, em caso de escassez, para um viciado se satisfazer com um pó adulterado, adicionado de bicarbonato de sódio ou de bismuto. Auportain também se recusou, mas lhe deu endereços de possíveis clientes. Auportain tinha uma desculpa fácil. Ele só usava o ópio e sempre tinha um suprimento para vários anos. Columot vários meses atrás se negou a vê-lo novamente. Sua degradação era visível e Courvoisier, perto dele, ainda tinha a aparência de um jovem senhor.

Ele então experimentou, além de alguns raros clientes, atender às mulheres de Montmartre e Montparnasse que lhe compravam heroína grama por grama. Ele não ignorava que este era o jeito mais seguro de cair nas mãos da polícia ou de ser sacrificado por ela. Agora ninguém poderia mais salvá-lo em caso de perigo. Não era mais do que uma peça irrelevante, um nome a ser oferecido aos editores das notícias em caso de necessidade. Entre seus clientes, quantos se recusariam a denunciá-lo no dia matematicamente fatal que seriam expostos? Quantos eram informantes? Quantos se tornariam, voluntariamente, por medo? Mas ele continuava, escravizado à sua necessidade física, excitado pelo perigo e pela necessidade de dinheiro.

Ele tinha de ter relações profissionais, o conhecimento dos confrades das drogas, prestar-lhes favores, também lhes pedir, ser seu amigo e observar as regras estritas de uma profissão que tem seu preço, seus especuladores, seus capitalistas, sua ralé, sua aristocracia e seu código. Sanções ameaçam a pessoa que não joga o jogo, sanções que vão desde a multa até a execução, passando pela denúncia à polícia. Ele se tornou suspeito menos pelas suas companhias e suas operações do que pelo estilo que assumiu. O medo da polícia era duplo nele. Ele temia menos a decadência do que do sofrimento que a prisão lhe infligia

da qual ele tinha medo por ser traficante e dependente. Esse medo acabou devastando seu rosto, distorcendo seus gestos e sua voz, transformando seu vocabulário.

Mas seu terror tinha por contrapartida tal imprudência, um gosto pelo perigo, um obscuro desejo pela catástrofe. Ele tentou e teve sucesso em negócios malucos tal como fornecer heroína a um cliente preso. Pensou por um momento em usar Estival para subornar um guarda. Desistiu. Ele se arrastou pelos bares onde os carcereiros se encontram, corrompeu um deles, fez entregar a droga.

Levou apenas um tempo. O carcereiro foi prontamente preso. Courvoisier se escondeu por alguns dias. Punição inútil. Ele não fora denunciado. Seu cúmplice não teve a desconfiança de perguntar seu nome e ele suportou sozinho as consequências do crime.

Mas Courvoisier não era tão ingênuo para estar completamente tranquilo da sua impunidade. Seu cliente preso sabia seu nome. Outros traficantes sabiam que fornecia para ele. Sabia que era difícil de ter sido esquecido, e suspeitava que estava sendo reservado para uma ocasião melhor. Ele tinha outro motivo de preocupação. Escreveram muito sobre este caso nos jornais e falaram muito nos círculos de viciados em ópio e nos conciliábulos dos fornecedores. Ele temia se tornar suspeito aos seus olhos e que eles atribuíssem sua tranquilidade apenas às relações com um policial. Suspeito de ser um informante, ele sabia que na primeira oportunidade ele seria executado de uma forma ou de outra. Ele era um comerciante pequeno demais para se arriscar com a lei e com a traição.

A fábrica de Columot surpreendeu o tio Mazurier. Com uma riqueza moderada, ele sempre imaginara o teatro da atividade do seu sobrinho como uma fortaleza negra, esfumaçada e hostil. Eis que ele não encontrou nem uma chaminé de tijolos desenhando o comprido pescoço da girafa, nem entulhos, nem trabalhadores prontos para assaltá-lo na curva da estrada. Todas as suas ideias estavam perturbadas, ideias confusas, lugares-comuns alimentados pela propaganda reacionária. Gerânios floresciam no pátio. Operárias e empregados elegantes e bonitos passavam. Os trabalhadores sorriam e pareciam amigos, como suas relações na distante cidade da província onde morava. Eles não estavam nem esfarrapados nem hostis. Concluiu, pensando no telegrama de aflição que o fizera vir, que Columot não sabia como se defender e que era por causa deles que sua situação era trágica. Como ele estava errado porque seu sobrinho sabia muito bem defender seu dinheiro contra os empregados, muito bem mesmo. Não era ele sobrinho de Columot, o farmacêutico, cuja dureza de coração era lendária na sua família e na sua empresa? Não, a fábrica estava bem cuidada porque sua finalidade - a Columot fabricava cosméticos - permitia e até exigia. Os produtos deviam ser bem apresentados, a fábrica também. Pela clientela, era necessário. O pessoal era asseado e alegre, um pouco por acaso, muito por obrigação profissional. Assim que Columot ficou na presença de seu tio, mergulhou em confidências. A presença de um membro de sua família, o irmão da sua mãe, subitamente o enterneceu. Ele atordoou o homem, contando-lhe desordenadamente da sua vida de dependente e suas preocupações como homem de negócios. Sua situação financeira não era desesperadora. Ela estava comprometida. Ele se encarregaria de colocá-la em ordem, mas precisava de um parente que lhe garantisse a sua tranquilidade, lhe representasse, de acordo com um notário cuidadosamente escolhido, frente aos investidores, enquanto ele iria se tratar. Desse lado nenhum problema. Em uma explosão de lucidez, ele organizou perfeitamente um plano de recuperação. Mas ele desconfiava de todos, exceto Mazurier, a quem considerava incapaz de lesá-lo e desconfiado o suficiente para não se deixar enganar. Além do mais, seu diretor e o notário aconselhariam o velho, que verificaria esses conselhos com outro advogado. Por outro lado, Mazurier teria lucro, um pequeno lucro que impressionou o tio como o anúncio de uma loteria. Quanto a ele, Columot, ele iria se cuidar no interior. Mazurier, no entanto, não aceitou imediatamente. Pediu um dia para refletir. Deixando o sobrinho, foi levado ao restaurante que sonhava nas suas noites de celibatário solitário e gourmet, o La Pérouse. De sua mesa, ele viu através da janela uma paisagem calma, onde o Sena corria imperceptivelmente, onde o Tribunal de Justiça lhe rememorava histórias complicadas de notários, procuradores, oficiais

de justiça, advogados, longas jornadas nos bancos encerados. Ele imaginou, mais além, a Praça Saint-Michel, o cenário da sua juventude banal e dourada, as namoradas, as bebedeiras. Ele entregou o cardápio e a escolha dos vinhos para o *maître*, que elaborou para ele um almoço como gostava, onde alguns pratos condimentados eram equilibrados com outros mais sutis, mais finos, em que um sol potável estava presente no *jerez* e no *meursault*. À medida que comia e bebia, o homem reencontrou a energia dos seus trinta anos, quando a morte do seu cunhado Columot, o farmacêutico, colocara-o frente a problemas difíceis e resultou em um drama criminal que ele preferia, pela sua digestão, não revisar os detalhes na sua memória. Quando terminou a refeição, tomou seu café, saboreou seu conhaque, fez chamar o doutor *Despère* ao telefone. Ele era um velho amigo dos anos de estudo, tornou-se um famoso profissional que às vezes revia de novo, ano após ano. *Despère* havia se tornado um grande médico, um curandeiro rico, membro da Academia de Medicina e fundador, além disso, de uma dinastia na pessoa de seus quatro filhos, todos os quatro vencedores do concurso de residência e nos hospitais. Encontrou no final da linha a voz em si mesma reconfortante do seu amigo, a voz cujo dono dizia que, com seu físico atlético e saúde evidente, ela representava a metade, junto com ciência, das curas que ele realizava. A voz cordial disse-lhe que ele o esperava, preocupado quando ele falou de consulta, se tranquilizou quando ele disse que não se tratava dele. Um quarto de hora depois, Mazurier estava em um taxi para o Boulevard Malesherbes, onde *Despères* morava. Atravessando a Pont Neuf ele pensou em si mesmo e na sua saúde. A ponte lhe pareceu o símbolo do seu papel. Havia um perigo a cruzar. Ele, Mazurier, tão sólido quanto a Pont Neuf, ajudaria o seu sobrinho atravessar sem embarço, seu sobrinho maroto que ele invejava sem se confessar a juventude, as façanhas e até mesmo a sorte de ter um tio como ele.

— Meu caro Mazurier, drogas, eu não sei nada sobre isso. Não quero nem saber.

Mazurier levantou a cabeça e encarou o Dr. *Despère*.

— Não sabe de nada? Esta é a primeira vez que você fala comigo assim.

— Escute. Já lidei com eles, os drogados. Acabou. Eu não quero nem ouvir falar disso. Quando um deles se apresenta, eu o mando para uma clínica. Ele pode estar prestes a morrer que eu me recusaria a cuidar dele. Não é maldade da minha parte. Mas viciados em drogas, quem quer que sejam, são ingratos, mentirosos e covardes.

— *Despère*! Trata-se do meu sobrinho e ele provou que não é um covarde!

— Exatamente. Mas você está se consultando. Falo com você com a franqueza que devemos a um amigo e a um cliente. Eis o que acontece. Um viciado chega. Ele te conta o sofrimento dele. Ele pede a droga. Você se deixa levar. Além disso, você o examina. O coração não é grande coisa. A condição geral, os nervos, tudo está em ruínas. Você faz uma prescrição de heroína ou morfina. Ele morre. Você está pronto para a penitenciária. Ou então ele vive e te dá uma reputação de médico suspeito... Até o dia que você recusar. Então ele denigre você em todos os lugares. Ou ele envia todos os fumantes e cheiradores de Paris. Sempre acaba mal... O menor problema é que ele não paga. Veja um dos meus colegas de residência, um garoto maravilhoso, Fraille... Uma história desse gênero. Ele os examinava, esse tipo de doentes. Um deles, preso, denunciou-o como fornecedor. Os jornais se envolveram, como sempre, a torto e a direito. Resultado: seis meses de prisão e cinco anos de proibição de exercer a medicina. Ele arrasta sua vida não sei onde, em um canto perdido, acabado, esgotado. E outro em cujo gabinete uma mulher meio louca morreu... Depois de uma injeção de ópio.

— Mas bom Deus! Eu não peço para você cuidar dele. Eu te consulto, peço conselhos, me dê. Você me conhece, e, meu sobrinho, eu vou salvá-lo.

— Bem, então tente... Eu prometo a você uma linda e uma agradável ingratidão de pagamento... Vá ver, em meu nome, se você quiser a clínica Thaureau em Mantes. É a mais séria. Eles só tratam isso. Mas eu não garanto nada a você. Mazurier levantou-se.

— Quanto eu te devo? Disse ele.

— Seu velho tolo! respondeu Despère. Venha jantar hoje à noite... E não traga seu sobrinho... Eu não quero vê-lo. Guarde seu dinheiro, mas com uma condição... Você me manterá informado de tudo.

Mazurier se revoltou.

— Por um serviço que lhe peço, uma vez por acaso... Esperava mais solicitude de você. Ainda não é crime cheirar essa coisa suja.

— Não, não é crime, mas é uma doença muito séria. Ah! Se seu sobrinho fosse apenas tuberculoso em vez de estar intoxicado!

— É tão grave assim? Mas, em Nome de Deus, por que inventaram esse veneno?

— Quem inventou não sabia disso. Melhor, eles pensaram que haviam encontrado um sal de morfina que não envenenava você me entende... E muito mais ativo. Eles se enganaram e depois eles não inventaram isso para os neuróticos, eles inventaram para os doentes reais, aqueles que sofrem...

— Mas agora meu sobrinho está sofrendo, ele está doente...

— Ele provavelmente estava antes. Só que o caso dele é de psiquiatras. Se fosse outra pessoa, eu o mandaria para Henri Rousselle. Mas está lotado, e depois ele não suportaria o regime. Não existe outro tipo de lugar. Acredite em mim, veja Thureau. Leve-o, se necessário pela força, e quando ele sair, não o solte imediatamente. Além disso, falaremos sobre isso novamente. Enquanto isso venha jantar hoje à noite, quero que prove um vinho do meu porão que o surpreenderá.

Mazurier chegou tarde da noite. Ele estava sorrindo. Ele olhou para a acolhedora sala de jantar, a toalha de mesa branca, os copos, os pratos e os talheres. Ele adivinhou o cheiro dos pratos na cozinha. Ele suspirou contente. Seus olhos foram de madame Despère para seus quatro filhos, todos sólidos e alegres, depois para o próprio Despère, que também ficou satisfeito ao ver seu velho camarada, cuja demora o preocupara, pois temia de tê-lo magoado.

— Está feito, disse Mazurier, ele está em Mantes. Ele se comportou como uma criança.

— Isso é bom, disse Despère, mergulhando a colher de chá em um ouriço do mar. Que ele continue como você deseja. Além disso, penso nisso tanto quanto você.

A ruína social de Courvoisier se seguiu logo após seu declínio moral. Um e outro foram combinados. A ociosidade é cara para quem não gosta de miséria. Para manter uma aparência de luxo, ele teve que desistir das satisfações reais da vida, abandonar sua casa para o hotel, vender seu carro. As drogas, os cigarros americanos, alguns cuidados com o traje esgotaram seus recursos. Ele logo teve que desistir de todo o coquetel. Suas roupas e suas roupas logo o marcaram com mais certeza do que uma etiqueta. Ele era bonito, tornou-se ambíguo. Ele era encontrado com pessoas em cuja presença ele parecia ser mais do que queria. Imaginamos então que era para ele ser convidado para os quartos de fumantes, para poder impulsionar um ou outro a pagar o seu quarto. Esse lapso não aconteceu da noite para o dia, no entanto. Toda vez que ele desistia do dinheiro, Courvoisier encontrava por alguns dias, algumas semanas, seu prestígio, sua facilidade e sua generosidade. Ele então via seus amigos que não encontravam nenhuma mudança nele. Se uma joia de preço tivesse sido substituída por outra barata, ainda era um achado em um antiquário, um objeto que, graças ao seu gosto, assumia todo o esplendor de uma fantasia no crepúsculo. Qual era, até então, a vida

sentimental de Courvoisier? Sedutor, rico, jovem, ele nunca havia encontrado sua verdadeira chance, que teria sido um amor profundo.

Ou, pelo menos, ele conseguiu adiar esse grande desejo apaixonado por Bárbara, cujo destino ele suspeitava intuitivamente. Já era uma pessoa morta que ele amava. Essa presença o apaziguara com todo apetite, toda fúria. Ela chegara a um acordo com o conhecimento de que todo homem tem seu destino. Ele a amava, futuro morto, morto depois, porque se sentia uma morte próxima. Menos delicadeza teria conferido a esse garoto, juntamente com a seriedade indispensável às estátuas de bronze, o equilíbrio e a gravidade, virtudes de dançarinos de corda, poetas e filósofos. Razão falou com ele, mas se ele não conversava com ela, foi por causa da fraqueza, e ele preferiu dela fugir e procurar uma loucura impossível, uma loucura que era apenas um disfarce. Ele desprezava Columot, Antoine, Auportain. Eles o surpreenderam, mas ele se recusou a admirá-los. A sociedade deles se tornou tão insuportável para ele quanto a dele, mas ele não podia apagá-los de sua memória. Eles eram as testemunhas de seus atos, conselheiros de quem não tinha ouvido as opiniões, mas cuja contradição ele não possuía. Sempre pensava neles e às vezes usava violência para visitá-los. Ele rapidamente se convenceu de que sua linguagem não falava mais para seus corações. Ele mediu sua decadência com sua recepção cada vez mais fria. Ele não podia culpá-los, culpá-los por sua ingratidão. Não era o Courvoisier que eles conheciam que rejeitavam; era um Courvoisier, uma caricatura irreconhecível de si mesmo, que eles afugentavam da memória mantida por anos felizes. Sua reunião foi provocada apenas por uma indiferença comum.

E Auportain nunca desistiu de seu retiro egoísta, de sua doce e demorada morte.

E Antoine descobriu o mundo, as estações e as alegrias de uma vida livre de todo nevoeiro.

E Columot matava, todos os dias com mais habilidade, o belo arcanjo que ele fora.

Courvoisier conhecia as noites de problemas sombrios, cuja solidão sua indigência moral não o defendia. Ele se acostumou aos cafés onde se fica até o fechamento, as conversas idiotas, as reuniões não apenas duvidosas, que seriam de pouca importância, mas estúpidas.

E daí em diante ele se abandonou a um destino do qual, se não tivesse sido tão covarde, poderia ter previsto o fim. Enquanto ele respirava o ar da cidade, os instrumentos de física anteriormente utilizados por ele eram confiados a outros. Os jovens desfizeram a

balança que preferiam. A vida do mundo continuou sem ele. Ele estava presente e, ao mesmo tempo, ausente.

Se Dondlinger encontrara no Henri-Rousselle um sentimento de repouso e saudável isolamento, não foi de modo algum o mesmo que ocorrera com Columot no asilo de Mantes. Sua resistência nervosa foi destruída e ele era no início um bagaço grosseiro, distraído e estúpido, incapaz de responder às perguntas que lhe eram feitas. O pior é que ele tinha uma exata noção dessa situação. “Estou ficando um banana”, repetia. Aplicava-se no início do tratamento o sistema de desintoxicação lenta. Ele suportava muito mal o tratamento até o dia em que subornou seu enfermeiro que lhe vendeu heroína, aliás muito cara, mas de uma qualidade inesperada. Ele então recuperou sua energia e o bom humor.

Mas a clínica do Dr. Thureau era um estabelecimento sério. Logo encontraram o segredo desta recuperação incomum e o enfermeiro colocado para fora após uma advertência que lhe fez desistir de uma profissão que exigia consciência. Além disso, Despère havia telefonado para recomendar Columot. Recusei tratar dele para o seu tio, por princípio. Mas quero que o tratamento tenha sucesso. Considere o rapaz como meu parente. Se algo não vai bem, me avise. Informado da fraude, ele concordou com seu amigo de aplicar a desintoxicação rápida com Demorfome. A vigilância redobrou em torno do paciente. Não era apenas uma questão de acompanhar o tratamento com precisão, mas também de defender um organismo contra possíveis acidentes. Columot foi então tratado basicamente como os pacientes do Henri Rousselle, exceto que as picadas, menos fortes, eram feitas com mais frequência. Dia e noite ele era visitado, observado, monitorado. Seu humor voltou a ser execrável, rendeu-se diante do sangue-frio de seu médico. Além do mais, a promessa de acabar com isso mais cedo lhe deu esperança. Ele ainda estava lúcido o suficiente para deixar de observar em si mesmo a doença que estava nele. Um dia ele deu à enfermeira alguns livros que trouxera e que só de vê-los se irritava. *Fumantes do ópio. Fumaça do ópio*, cuja tolice era muito evidente. Por outro lado, ele não conseguia se separar do *Paraísos Artificiais*, de Baudelaire, cuja ética, que havia sempre lhe escapado e que ele não queria assimilar, dia a dia ficava para ele mais evidente e eficaz. Mas sua cegueira era desculpável. Como seus amigos, ele só quis ler neste livro apenas o que lisonjeava o seu orgulho. O nome de Baudelaire e o de Quincey eram prestigiados. Pode-se vangloriar de serem irmãos do ópio. Enquanto havia menos glória de ser semelhante a outro qualquer. Posto em frente dele mesmo, Columot só via um cenário repleto de ruínas. Os combates que travara foram somente derrotas. Ele se surpreendia, de repente, com quase quarenta anos, em avaliar as falências do belo e heroico adolescente que ele fora.

E essa juventude generosa não era estranha à sua desventura. Ele não ousava confessar que tinha medo de envelhecer e que havia pedido às drogas uma poção de eterna juventude. Ele lamentava a época na qual as amantes também eram mães, quando seu prestígio bastava para receber belos corpos trêmulos, que nele buscavam menos o coração e o espírito do que a virilidade nascente e o perfume das batalhas. Onde estava o Columot de 1918, quebrador de pratos e copos, criança terrível e mimada, cuja medalha de guerra graduada desculpava as loucuras aos olhos dos mais severos, assim como se perdoa os caprichos dos moribundos. Não tinha acreditado, ele mesmo, no final da guerra. Ele continuara sem perceber que os perigos civis que enfrentava eram mais precisos, mais cruéis do que os da luta nos ares. E agora, com a idade do homem maduro, ele se comportava como um garotinho que embalamos como um bebê e obedecia a ordens aparentemente absurdas. As horas eram longas para ele. Essa dimensão do tempo redescoberta o consolou. As nuvens que ele seguia a trajetória no céu da janela do seu quarto sempre passavam rapidamente.

Em contrapartida, temia a saída deste refúgio e, só o tio Mazurier, obtuso, tacanho, inacessível a qualquer pensamento elevado, tranquilizava-o. A ternura que encontrava nele lhe sossegava como um prato simples e saboroso oferecido sem cerimônias em um lugar modesto. O coração do homem era ingênuo, mas sua solidez reconfortava as esperanças de Columot. Ele agora sonhava com uma vida obscura em uma cidade no interior, com trabalhos sem glória, de prazeres medíocres. Não era sem medo que ele imaginava o dia em que se encontraria entregue a ele mesmo com a difícil tarefa de criar novos hábitos.

Ele se interrogava sem a certeza de saber se ele voltaria ou não para a bandeja, o cachimbo e a pequena lamparina de óleo que brilhava na sua memória como uma luz noturna na extremidade de um corredor sem saída. Ele não podia dissimular que sua vida tinha sido sem propósito, vazia, desde o dia em que deixara de ser um soldado, de receber ordens às quais ele tinha pelo menos o raro prazer em desobedecer. Ele pensara que era um líder. Ele era apenas um subordinado.

Sua vida de rapaz havia embotado, por falta de uma ambição precisa, tudo o que nele havia de qualidade. Ele pensava em se casar com uma mulher doce e submissa, mas temia levar como dote suas preocupações e instabilidade. Não convivia com os outros doentes. Ele até os evitava assim que pode passear pelo parque da casa de saúde. Lá ele vagueava em um sonho solitário, desolado por não encontrar aromas ou perfumes na paisagem embelezada pelo verão. Mesmo o sol era para ele uma estrela sem ressonância, morta, artificial e destinada, assim lhe parecia, a rolar de uma parede para outra de um cemitério gasto onde, em sepulturas degradadas, ele decifrava nomes familiares que já não

evocavam rostos queridos, nem vozes conhecidas. A desintoxicação o levava a um mundo deserto, sem refúgio, sem horas, sem estações, dia ou noite.

Courvoisier tinha um sorriso triste olhando para o apartamento de Antoine.

— Reconheço a influência de Auportain na sua casa. É uma ideia de poeta enquadrar as primeiras páginas dos suplementos ilustrados do *Petit Journal*. Os artistas ainda estão na imagem de Epinal ... O assassinato do presidente Carnot, a chegada de Barnum, a erupção do Vesúvio são arte popular moderna e verdadeira. Ele parou bruscamente diante um cromo que deveria ser um calendário dos anos de 1880.

Representava, sob um céu tempestuoso, um cavalo esquelético pastando na grama rara de um recinto onde os ossos estavam embranquecendo no chão. Nos fundos, uma casa triste exibia uma placa: Abatedouro. Van Gogh fala sobre esse cromo em uma carta ao irmão e diz como ficou impressionado ao vê-lo, pela primeira vez, na parede de uma estalagem. Courvoisier olhou-o minuciosamente e Antoine notou a semelhança entre ele e o cavalo. Como ele, lançou ao vento a juventude, um jovem garanhão louco por ar, por espaço e pelo paraíso. Como ele, fora um belo e robusto animal, orgulhoso de sua força e despreocupado com a procissão dos dias e das estações. Como ele, agora, ele estava marcado. Podíamos senti-lo magro demais por baixo das roupas, que ainda eram elegantes, mas na véspera de ficarem usadas demais. Uma olheira profunda realçava os seus olhos. Seu nariz emagrecido parecia muito grande. Seu rosto não refletia mais a juventude, parecia mumificado, ressecado e um disfarce cruel de grandes dias. Courvoisier continuou:

— Isso é puro Auportain. Eis o que é entender e amar Van Gogh! Mas isso aqui é seu. E apontou para a chaminé dois ou três brinquedos niquelados, maravilhas da mecânica.

— Não estamos tão longe da infância, você e eu... Nem ninguém... Nem mesmo Auportain, e esses brinquedos sem dúvida foram feitos por cavalheiros pançudos, trabalhadores, pais de família ou, quem sabe, um ex-aluno brilhante da Politécnica.

Antoine escutava Courvoisier enquanto se vestia. Reencontrava nessas palavras um Courvoisier que ele acreditava abolido e o reencontrou com ternura. Ele vestiu uma camisa engomada, amarrou um laço preto, vestiu uma calça de smoking. Ele abotoava seu colete.

— Antoine, disse Courvoisier, devo muito a você. Graças ao seu bom relacionamento com a polícia...

Agora Antoine pensou discernir na sua voz uma intenção maliciosa. Ela estava lá. Ele sentiu. Uma corrente de veneno subiu ao seu coração. Mas Courvoisier continuou:

— Graças às suas boas relações com a polícia, evitei a prisão e quem sabe... Pior, talvez. Por mais difícil que seja para mim ainda vou te fazer um pedido. Eu sou viciado. Você

sabe disso. Pelo amor de tudo o que amamos, de tudo o que nós já amamos... Empresta-me duzentos francos.

— Isso vai me atrapalhar, Courvoisier... Mas está combinado.

Antoine reconheceu enternecido no pescoço do amigo uma gravata de lã gasta que ele vira no passado, na época do seu esplendor. Ele terminava de se vestir.

— Desculpe-me por importunar você, mas tenho pressa. Tenho pouco tempo para encontrar o traficante. Entregue-os para mim depressa, pode ser? Nós somos amigos há muito tempo e podemos ser francos.

— É que não tenho dinheiro. Teria de trocar mil francos.

— Dê para mim... Eu vou trocar. Antoine entregou-lhe a nota. Courvoisier pegou o chapéu. Mal chegou à porta, ele voltou e pegou sua capa de chuva.

— Acho que está chovendo, ele disse simplesmente.

Antoine, pronto para sair, sorriu. Ele o deixou ir sem fazer um gesto. A porta bateu. Antoine pegou outra nota de uma gaveta, seu chapéu, seu sobretudo e saiu devagar. Ele ainda ouviu o tombo de Courvoisier na escada, depois seu rápido passo na portaria. Quando por sua vez ele chegou à rua, viu-o na esquina entrando em um táxi que partia.

Antoine sorriu tristemente.

— Mil francos se vão. Um amigo perdido... Sim! Um amigo!

Acendeu um cigarro e foi até o ponto de ônibus. Ele pegou o seu cartão e, como um táxi estava passando, ele o parou, deu o endereço de um restaurante e se largou em um canto do carro.

*D*esintoxicado, Columot era como um homem de quem um cirurgião remove uma glândula essencial para o exercício das faculdades humanas. O mundo e a vida lhe pareciam desprovidos de qualquer interesse, qualquer sabor. Assim como uma saciedade moral, ele experimentou uma transformação física. Ele engordou. Seu corpo ganhou um estilo indolente que fez desaparecer uma elegância devida inteiramente à energia e ao vigor. Seu cabelo era ralo. Seu olhar perdeu confiança. Tudo isso aumentado ainda mais por um desdém, um desprezo pelo vestuário e pela elegância. Ele se sentia afundando, um completo desastre e mais machucado pela desintoxicação do que por dez anos de ópio. Ou melhor, essa desintoxicação expôs brutalmente as cicatrizes até então escondidas. Ele teria inevitavelmente recommençado a fumar se um encontro casual não tivesse mudado seu ambiente e vício. Em um restaurante, ele se viu sentado ao lado de um homem gordo, cujo rosto refletia uma lembrança. Além disso, o homem parecia tão indeciso e tão intrigado quanto ele. Eles acabaram conversando e se reconhecendo. Era Platard, um camarada do esquadrão, Platard que ele conhecera nos seus vinte anos, na embriaguez da guerra e de um jovem que ardia como um poço de petróleo. Eles rememoram suas lutas e noites de bebedeira, suas amantes e suas loucuras, cocaína, álcool, insônia, louça quebrada, heroísmo. Sem a farda e a beleza, eram apenas dois homens maduros que evocavam um passado extinto, indiferentes aos que viviam ao seu redor. A guerra nem mesmo os enriquecera com uma bela história para ser transmitida em lendas e canções. Suas histórias fariam seus cadetes bocejarem, as mulheres que eles amaram estavam velhas, gordas e abestalhadas. A riqueza que os tinha favorecido era uma riqueza de papel da qual eram incapazes de obter alegrias duradouras. Eles se comoveram e beberam até ficarem embriagados como outrora. Queriam provar um ao outro que ainda tinham a resistência do passado. Sua festança durou oito dias e levou-os aos lugares onde, outrora, eles triunfavam com seus uniformes extravagantes, com todas as suas medalhas. Uma boate havia desaparecido, outra havia mudado de estilo. Sofreram emocionalmente por não ouvirem a música do passado, a música de 1917 ou a de 1919. Às vezes, acontecia de pedirem à orquestra: *J'ai une femme qu'adore les animaux ; Ça c'est pour vous ; Tu le reverras, Paname ; Over there ou Elle a un caractère en or ; Éléonore e Salut à la papa*. Sempre achavam um músico que se lembrava. A orquestra o seguia. Mas ele não tocava no mesmo antigo ritmo e os dois amigos permaneciam no seu lugar tentando recriar a música que marcou seus anos turbulentos.

Columot saiu dali conquistado pelo álcool e finalmente sujeito às exigências da sua vida. Ele assumiu a administração da sua fábrica para grande satisfação do tio, que não

desprezava esses jantares pesados e excesso de bebidas. Quando Columot reencontrava algum amigo das noites de drogas, ele estranhava por não mais falar sua linguagem. Estranhava acima de tudo de sentir tão dolorosamente a falta de Bárbara. Sua morte, não pensava nela. Sua ausência, uma ausência sem motivo, só ela se impunha ao seu pensamento. Gostava de encontrar no rosto de uma mulher um detalhe que ele vira no de Bárbara... A cor dos cabelos, a forma dos olhos, a expressão da boca, um gesto familiar da mão ou do corpo. Ele se acostumou às partidas de baralho em um café, voltando todas as noites em uma bruma intelectual que lembrava o das drogas, acordar sem alegria, trabalhar sem ambição. Achava mesmo que tinha mais dinheiro do que podia gastar. Sua transformação física se intensificou e ninguém teria adivinhado nesse homem gordo, que discutia os preços na Bolsa e as notícias da aviação, um piloto do estilo da revista *Vie Parisienne*. Ficou com esse último aspecto até sua morte. Ele era Columot, um comerciante abastado, um industrial firmemente estabelecido, exato em seus prazos, pontual nas reuniões profissionais, compartilhando todas as ideias recebidas de sua comunidade e das quais sua equipe dizia que ele gostava de um copo e tinha um grande armário, misturando assim em uma palavra, sua fortuna financeira e sua força física.

Anos depois, as lembranças do clã da Bárbara se confundiam na névoa das lembranças das façanhas da guerra e das alegrias da meninice. Houve, antigamente, um Columot que o Columot sobrevivente não poderia ser testemunha e que não poderia reproduzir uma imagem verdadeira desse personagem desaparecido, imaginar seus pensamentos, contar seu esplendor e os perigos que correria.

*P*orque esse dia e não outro? Porque essa vez? Courvoisier perguntou-se logo ao ver Estival na calçada do Boulevard de Courcelles. Ele vinha da Rue de Prony com umas sessenta gramas de heroína nos bolsos. Ele nem tentou fugir, mesmo se Estival talvez não tivesse tentado persegui-lo. O policial se aproximou dele e, sem maldizer, andou ao lado dele até a Praça de Ternes. Eles iam atravessar a Rue Pierre-le-Grand, no final da qual brilhava o domo da igreja russa.. Essa visão fixou-se no espírito de Courvoisier e serviu de ilustração à primeira frase do seu companheiro:

— Monsieur Courvoisier, não se defenda. Não posso fazer de outro jeito. Está preso. Queira me acompanhar até a delegacia. Lamento, mas tinha avisado.

— Ok! Mas não se compadeça de mim. Faça o seu trabalho e não falamos mais disso. Na delegacia, Estival fingiu revistá-lo. Ele retirou a maioria dos pacotes de drogas e, sem dúvida intencionalmente, deixou dois gramas para ele.

Não o aprisionaram em uma cela. Deixaram-no na sala, em um banquinho. Várias vezes o prisioneiro pediu para ir ao banheiro. Ele era conduzido para lá quase sem vigilância e pode cheirar à vontade. O dia terminou. O sol entrava lentamente pela porta e deformava o retângulo que traçava no chão. Depois foi a noite durante a qual só havia como distração o baralho, agentes, as visitas de homens e mulheres procurando um objeto perdido, a prisão de dois ou três bêbados barulhentos que adormeceram rapidamente, no fundo das suas celas. A intervalos regulares se escutava o barulho das descarga automáticas.

Por volta das duas da manhã, dois agentes trouxeram um homem ensanguentado. Qual foi o motivo da sua prisão? Courvoisier não conseguiu entender. Além disso, não estava nem interessado. O homem estava em silêncio e os policiais falaram baixinho sobre ele. Então todos, agentes e detidos, afundaram em uma sonolência através da qual os ruídos da rua e o som das palavras ressoavam estranhamente. A passagem de carros se fez rara. Courvoisier discernia através dessa névoa moral o desenrolar do seu destino e se entregou. Com a cabeça nas mãos, meio sonhando, meio lúcido, ele olhava os seus sapatos, de onde removeram os cadarços.

Só os agentes que retornavam do turno ou que estavam saindo para iniciar um perturbavam agora a monotonia da noite. Seus sapatos eram o único objeto real ao qual sua mente estava ligada. Ele distinguia as ranhuras, os sulcos. Ele contava cada ponto que juntava o couro à sola. Eles brilhavam com todos os seus ilhoses vazios. Não eram mais do que pobres coisas coloridas, nas cores que ele imaginava paisagens e rostos. Aqui o castanho

virava vermelho, ali amarelo, mais adiante o preto. Ele oscilava um sonho absurdo entre essas três cores, um sonho de fuga, um sonho de interferência, um sonho de invisibilidade.

Às vezes ele se salvava com uma corrida ligeira pelas ruas, às vezes Antoine e Columot entravam na delegacia, libertavam-no, levavam-no para terminar a noite em uma cervejaria tranquila, onde serviam uma cerveja saborosa, um chucrute perfumado, mexilhões gordurosos. Às vezes ainda desaparecia dos olhos dos policiais e de todos os homens. Ele ia então se refugiar em um palácio quente, com tapetes macios, onde vivia ignorado pelos habitantes, surpreendendo seus segredos, comendo sua comida, bebendo seu vinho, dormindo nos seus sofás, aquecendo-se nas suas fogueiras, desconhecido por todos, testemunha despreocupada das suas vidas e do mundo. Ele reencontrava nesse anonimato o perfume dos anos da sua infância, os jogos despreocupados, o calor do útero da mãe antes do nascimento.

O vento fresco da manhã o fez estremecer. Um guarda veio com um grande jarro de café. Ofereceram a ele uma xícara. Ele bebeu lembrando os despertares após noites de drogas, outrora, quando era feliz. De repente, o sol voltou a aparecer, refletido desta vez nos vidros da casa em frente, um sol pálido que não crepitava, como um champanhe esquecido em um copo durante uma festa. Ele suspirou. Uma mão pousou no seu ombro. Estival estava diante dele.

— Queria evitar o camburão. Eu tenho carro. Venha. Fez que devolvessem para ele o cinto, a gravata, os cadarços e eles saíram para a rua. O inspetor simulava falar com ele como com um colega, mas um transeunte acostumado a cenas da rua não poderia se enganar. Era um prisioneiro que ia ali. No carro, Estival passou braço em volta dos seus ombros e sussurrou no seu ouvido:

— Não pude deixar de prender você. Vai ser interrogado. Escute-me. Não confesse tráfico de drogas. Negue, negue! Admita apenas o uso. Além disso, não serão violentos. E Courvoisier recomeçou a ter esperança.

Não, o interrogatório não foi violento. Ele foi rápido e os detetives falaram sem deferência, mas com muita polidez. Certamente Estival deve ter prevenido. Mas Courvoisier se perguntava por que ele não estava presente no interrogatório, por que ele parecia abandoná-lo. Na realidade, Estival estava muito confortável por não precisar mais lidar com ele. Ele temia acima de tudo que Antoine viesse lhe pedir para ele intervir em nome do seu amigo, que ele não podia proteger por pena e por simpatia. Courvoisier agora dependia do magistrado. Ele celebrou no início por estar sozinho em uma cela, o que lhe permitia cheirar o resto da droga sem inquietação. Mas a solidão logo pesou sobre ele. Ele considerava sem parar a sua vida perdida sem esperança. Ele bem sabia que tudo terminara, que seu

mundo acabara de mudar, que não restava mais nada do que havia sido suas amizades, relacionamentos, hábitos, seu mundo intelectual e social.

Mas, especialmente, ele se repetia as frases do seu interrogatório na polícia judiciária e constatava com amargura que, se os detetives tivessem sido mais curiosos, ele teria entregado os nomes de todos os seus clientes, todos os seus amigos e de todos os traficantes de drogas que ele conhecia. Ele não ignorava que a delação o faria correr sérios perigos, e ele tinha horror disso por razões puramente morais onde o medo não interferia. Parece que toda força de caráter o abandonara justamente quando ele se prometera ser mais corajoso. E ele sabia que, colocado em circunstâncias parecidas, também seria covarde, também desprovido de energia. Ele temia comparecer de novo frente aos policiais ou ao magistrado. E a solidão o envolvia mais e mais ao mesmo tempo em que a necessidade de drogas começava a fazê-lo sofrer. Ele supôs que foi por cálculo que Estival o deixara, esperando fazê-lo confessar e denunciar tudo aquilo que sabia quando a privação lhe retirasse todo o orgulho. A dor estava em toda parte ao mesmo tempo. Transformava em suplicio a respiração, torturava o intestino, deixava vulnerável até os ossos, aos tendões, às veias. O exercício dos seus sentidos estava alterado pelo fenômeno da alucinação. Pensou escutar ser chamado. Pensou ver a porta da cela se abrir. Sentiu odores nojentos se espalharem ao seu redor. Sabores repugnantes encheram sua boca... Um guarda entrou e perguntou se ele não estava doente. Ele teve medo de uma armadilha e respondeu que não.

Quando ficou sozinho de novo, examinou meticulosamente todos os bolsos, recolhendo tudo o que encontrava de poeira. E ele cheirou tudo. Talvez contivesse um pouco de heroína, talvez fosse uma sugestão, mas ele experimentou um alívio. Alívio de curta duração. Novamente a angústia da morte tomou posse dele. Então ele começou a gemer baixinho. Mas ele teve medo de com isso fazer voltar o guarda, medo de ser interrogado, medo de ser levado para a enfermaria. Ele se calou. De repente, seus olhos se fixaram na parede. Com as unhas, ele raspou o gesso e o cheirou, encontrando satisfação nesse artifício.

Ele agora transpirava e ao mesmo tempo calafrios percorriam todo o seu corpo, comichões deixavam sua epiderme formigando.

Ele tirou a jaqueta para se coçar mais violentamente, com mais raiva. Nessa raiva, sua camisa rasgou. Então ele a cortou em pedaços, fez um laço pequeno que amarrou no pé da cama, passou sua cabeça por dentro e, com uma contorção, ele se estrangulou.

Uma tarde de abril, Antoine encontrou Auportain. Estavam nas margens do Sena, em Auteuil. Auportain colocou a mão no seu ombro e o levou a um café quase provençal. Um sol desbotado banhava a paisagem. Um rebocador passou puxando uma fileira de barcaças. O cais estava quase deserto. Os carros passavam rapidamente. Escutávamos os gritos das crianças brincando na margem do rio.

— O que você anda fazendo?

— Trabalho.

— E o cachimbo?

— O cachimbo de ópio? Acabou. Isso não me interessa mais.

— Mas bem que você viria fumar um ou dois na minha casa hoje à noite?

— Esta noite? Impossível. Estou ocupado.

— Se você quiser, pode ser amanhã?

— Também não dá. Pego o trem das oito para Cannes.

— Tudo bem, outra hora então.

— O seu encontro desta noite é tão importante?

— Não. São amigos, velhos amigos, a quem prometi vir jantar e não quero magoá-los.

— E depois do jantar?

— Eu os levo ao teatro e depois vou dormir. Tenho um trabalho importante amanhã de manhã. Auportain colocou a mão na de Antoine. Um sorriso paternal, um pouco triste, iluminou seu rosto.

— Você está salvo, Antoine. Não deixa de fazer nada pelas drogas, é isso aí. Se você me tivesse recusado completamente, eu pensaria que você tinha sua provisão em casa e que minha companhia o aborrecia. Mas você também se recusou de adiar um compromisso que você mesmo admite não ter importância; preferiu seus velhos amigos — pelos quais sinto em você mais indulgência do que interesse — do que uma noite de ópio. E isso também é muito bom. Se eu te encontrar de novo, Antoine, não vou mais oferecer meu bagulho, mas espero que você me dê o prazer de jantar com esse velhote cuja vida não é alegre.

— Auportain...

— Pois é, a morte de Bárbara me deu uma grande dor. Eu queria salvá-la... Mas incomodo você?

— Também me escute. A morte de Bárbara me marcou profundamente. Mas eu me curvei sobre mim mesmo e agora me pergunto se realmente gostei dela. Se eu a amava por ela

mesma ou por mim. Não tenho certeza se a amei mesmo... Ou então deveria ter tirado ela de lá.

— Onde você viu amor sem egoísmo? Não amamos por nós mesmos, não amamos pelos outros. Nós amamos uma mulher por ela mesma e também por si mesmo. Não se recrimine. A culpa não é sua. Acima de tudo, não me imite. Uma aventura semelhante à sua me levou à renúncia. Eu desisti. Eu estava errado. Agora sou o velho fantasma de um cemitério sentimental... E nesse ano enterrei muita gente...

— É verdade... Quantos mortos! Bárbara, Berthe, Jeanne, Simmone Remige, Dondlinger, Artenac, Courvoisier, e não estou falando de Arichetti, morto-vivo no seu asilo...

— De qualquer maneira eu vejo você aqui, na minha frente, e salvo, tenho certeza. Não me engano. E sua presença me consola um pouco. De um pátio vizinho chegam escalas tocadas ao piano por mãos pouco hábeis. Eram quatro horas. As crianças retornavam da escola rindo e se empurrando. Ambos olharam para elas em silêncio. Então Auportain jogou uma nota sobre a mesa.

— Até qualquer dia, meu querido Antoine.

E ele foi embora. Antoine Maison olhou ele partir. Uma alegria melancólica o invadiu. Ele tinha a impressão de ter o universo em seu coração e nunca o universo nunca fora tão grande para ele.

Alguns meses antes dos últimos eventos que acabaram de ser relatados, Antoine voltava ao amanhecer para Paris atravessando a pé o Bois de Boulogne. Entre Suresnes e Saint-Cloud, ele se demorara nos bailes dos marinheiros e nos cabarés onde jogavam dados. Ainda gostava de escapar, sozinho, longe dos amigos cujo destino lhe parecia cada vez mais miserável, a amizade cada vez mais duvidosa.

Ele atravessou o Sena escuro, reluzente e cheio. Luzes se agitavam a bordo das barcaças. O céu empalidecia. Com a boca amarga de tabaco e álcool, ele respirava o vento frio da noite que findava. As luzes de Paris diminuía no crepúsculo da manhã. O bosque estava sonolento. Anunciado à distância pelo som do trotar sonoro do seu cavalo, um carro leiteiro passou a um ritmo acelerado. Antoine andava rapidamente e feliz, lavado e refrescado pelo ar, feliz por se sentir vivo.

Somente a estrada estava branca. No bosque escuro, um bicho, um cachorro perdido ou um gato vadio, escapou. Houve um bater de asas em uma árvore. Chegando aos lagos, escutou um forte mergulho e depois salpicos de água contra os barcos cujas correntes retiniam. Ao encontro de Antoine vinha um automóvel. Seus faróis eram potentes, o interior estava bem iluminado. Um motorista impassível dirigia o carro lentamente. Ele flutuava mais do que andava. Antoine, perdido nos seus sonhos, não olhava para ele.

Logo depois ouviu o carro voltar atrás dele. As luzes alongavam a sombra do andarilho, daí o carro passou muito perto. Desta vez ele olhou o interior.

Sobre almofadas de cetim branco, inteiramente nua, cabelos loiros desfeitos, repousava uma maravilhosa criatura. O carro continuou o seu caminho, deu meia volta logo adiante e voltou, ainda mais devagar, para passar bem perto novamente. Ele continuava a caminhar e o carro continuava com a mesma manobra. A cada passagem, Antoine olhava o belo corpo branco, o rosto indiferente, as sombras suaves que modelavam a carne. Finalmente, quando o carro se aproximou ainda mais, ele colocou o pé no estribo e estendeu a mão em direção à porta. Então, obedecendo a uma ordem, o carro deu partida velozmente, faltando lhe derrubar.

Desta vez, o carro seguiu seu caminho. Antoine o viu diminuir sobre a sombra das árvores, que ele iluminava uma a uma como em um cenário de teatro. Então ele virou por uma aléia transversal. Sobre a calçada onde Antoine caminhava, as sombras dos troncos das árvores passavam como os raios de uma roda gigantesca. Então a luz não aparecia mais do que ao acaso de clarões distantes e por fim desapareceu completamente. Antoine chegou a Paris no começo da manhã. Todos os pássaros gorjeavam nas árvores. Um galo cantou perto

de uma casa de guarda. Houve uma agitação na estação de bonde Val d'Or. Filas de trabalhadores passavam pela Porta Maillot. O cheiro bom de café saía das cafeteiras dos primeiros cafés abertos na Avenue de la Grande-Armée. Os postes de luz se apagaram. O vinho estava servido...

ANEXO III

LE CINQUANTENAIRE DE L'HYSTÉRIE

(1878-1928)

NOUS, SURRÉALISTES, TENONS A CÉLÉBRER ICI LE CINQUANTENAIRE DE L'HYSTÉRIE, LA PLUS GRANDE DÉCOUVERTE POÉTIQUE DE LA FIN DU XIX^e SIÈCLE, ET CELA AU MOMENT MÊME OU LE DÉMEMBREMENT DU CONCEPT DE L'HYSTÉRIE PARAÎT CHOSE CONSOMMÉE. NOUS QUI N'AIMONS RIEN TANT QUE CES JEUNES HYSTÉRIQUES, DONT LE TYPE PARFAIT NOUS EST FOURNI PAR L'OBSERVATION RELATIVE A LA DÉLICIEUSE X. L.

(AUGUSTINE) ENTREE A LA SALPETRIERE DANS LE SERVICE DU D^r CHARCOT LE 21 OCTOBRE 1875, A L'AGE DE 15 ANS 1/2, COMMENT SERIONS-NOUS TOUCHES PAR LA LABORIEUSE RÉFUTATION DE TROUBLES ORGANIQUES, DONT LE PROCÈS NE SERA JAMAIS QU'AUX YEUX DES SEULS MÉDECINS CELUI DE L'HYSTÉRIE ? QUELLE PITIE ! M. BABINSKI, L'HOMME LE PLUS INTELLIGENT QUI SE SOIT ATTAQUE A CETTE QUESTION, OSAIT PUBLIER EN 1913 : « QUAND UNE ÉMOTION EST SINCÈRE, PROFONDE, SECOUE L'ÂME HUMAINE, IL N'Y A PLUS DE PLACE POUR L'HYSTÉRIE ». ET VOILA ENCORE CE QU'ON NOUS A DONNÉ A APPRENDRE DE MIEUX. FREUD, QUI DOIT TANT A CHARCOT, SE SOUVIENT-IL DU TEMPS OÙ, AU TÉMOIGNAGE DES SURVIVANTS, LES INTERNES DE LA SALPÊTRIÈRE CONFONDAIENT LEUR DEVOIR PROFESSIONNEL ET LEUR GOUT DE L'AMOUR, OÙ, A LA NUIT TOMBANTE, LES MALADES LES REJOIGNAIENT AU DEHORS OU LES RECEVAIENT DANS LEUR LIT ? ILS ÉNUMÉRAIENT ENSUITE PATIEMMENT, POUR LES BESOINS DE LA CAUSE MÉDICALE QUI NE SE DÉFEND PAS, LES ATTITUDES PASSIONNELLES SOI-DISANT PATHOLOGIQUES QUI LEUR ÉTAIENT, ET NOUS SONT ENCORE HUMAINEMENT, si PRÉCIEUSES. APRÈS CINQUANTE ANS, L'ÉCOLE DE NANCY EST-ELLE MORTE ? S'IL VIT TOUJOURS, LE DOCTEUR LEURS A-T-IL OUBLIÉ ?

MAIS OÙ SONT LES OBSERVATIONS DE NERI SUR

LE TREMBLEMENT DE TERRE DE MESSINE ? OÙ

SONT LES ZOUAVES TORPILLES PAR LE RAYMOND ROUSSEL DE LA SCIENCE, CLOVIS VINCENT ?

AUX DIVERSES DÉFINITIONS DE L'HYSTÉRIE QUI ONT ÉTÉ DONNÉES JUSQU'A CE JOUR, DE

L'HYSTÉRIE, DIVINE DANS L'ANTIQUITÉ, INFERNALE AU MOYEN-AGE, DES POSSÉDÉS DE

LOUDUN AUX FLAGELLANTS

DE N.-D. DES PLEURS (VIVE MADAME CHANTELOU- VE!), DÉFINITIONS MYTHIQUES, ÉROTIQUES OU SIMPLEMENT LYRIQUES, DÉFINITIONS SOCIALES, DÉFINITIONS SAVANTES, IL EST TROP FACILE D'OPPOSER CETTE « MALADIE COMPLEXE ET PROTÉIFORME APPELÉE HYSTÉRIE QUI ÉCHAPPE A TOUTE DÉFINITION »

(Bernheim). LES SPECTATEURS DU TRÈS BEAU FILM « LA SORCELLERIE A TRAVERS LES ÂGES » SE RAPPELLENT CERTAINEMENT AVOIR TROUVÉ SUR L'ÉCRAN

OU DANS LA SALLE DES ENSEIGNEMENTS PLUS VIFS QUE CEUX DES LIVRES D'HIPPOCRATE, DE PLATON OÙ L'UTÉRUS BONDIT COMME UNE "PETITE CHÈVRE,

DE GALIEN QUI IMMOBILISE LA CHEVRE, DE FERNEL
QUI LA REMET EN MARCHÉ AU XVI^e SIÈCLE ET LA SENT SOUS SA MAIN REMONTER JUSQU'À
L'ESTOMAC; ILS ONT VU GRANDIR, GRANDIR LES CORNES DE LA
BÊTE JUSQU'À DEVENIR CELLES DU DIABLE, À SON
TOUR LE DIABLE FAIT DÉFAUT. LES HYPOTHÈSES POSITIVISTES SE PARTAGENT SA
SUCCESSION. LA CRISE D'HYSTÉRIE PREND FORME AUX DÉPENS DE L'HYSTÉRIE
MÊME, AVEC SON AURA SUPERBE, SES QUATRE PÉRIODES DONT LA TROISIÈME NOUS
RETIENT À L'ÉGAL DES TABLEAUX VIVANTS LES PLUS EXPRESSIFS ET LES PLUS
PURS, SA RÉOLUTION TOUTE SIMPLE DANS LA VIE NORMALE.

L'HYSTÉRIE CLASSIQUE EN 1926 PERD SES TRAITS : « L'HYSTÉRIE EST UN ÉTAT PATHOLOGIQUE
SE MANIFESTANT PAR DES TROUBLES QU'IL EST POSSIBLE DE REPRODUIRE PAR
SUGGESTION, CHEZ CERTAINS SUJETS, AVEC UNE EXACTITUDE PARFAITE ET QUI
SONT SUSCEPTIBLES DE DISPARAITRE SOUS L'INFLUENCE DE LA PERSUASION
(CONTRE-SUGGESTION) SEULE. » (*Babinski*).

Nous NE VOYONS DANS CETTE DÉFINITION QU'UN MOMENT DU DEVENIR DE
L'HYSTÉRIE. LE MOUVEMENT DIALECTIQUE QUI L'A FAIT NAÎTRE SUIT SON COURS. **Dix**
ANS PLUS TARD, SOUS LE DÉGUISEMENT DÉPLORABLE DU PITHIATISME, L'HYSTÉRIE TEND À
REPRENDRE SES DROITS. LE MÉDECIN S'ÉTONNE. IL VEUT NIER CE QUI NE LUI
APPARTIENT PAS.

NOUS PROPOSONS DONC, EN 1928, UNE DÉFINITION NOUVELLE DE L'HYSTÉRIE :
L'HYSTÉRIE EST UN ÉTAT MENTAL PLUS OU MOINS IRRÉDUCTIBLE SE
CARACTÉRISANT PAR LA SUBVERSION DES RAPPORTS QUI S'ÉTABLISSENT ENTRE LE
SUJET ET LE MONDE MORAL DUQUEL IL CROIT PRATIQUÉMENT RELEVER, EN
DEHORS DE TOUT SYSTÈME

DELIRANT. CET ÉTAT MENTAL EST FONDÉ SUR LE BESOIN D'UNE SÉDUCTION RÉCIPROQUE, QUI
EXPLIQUE LES MIRACLES HATIVEMENT ACCEPTÉS DE LA SUGGESTION (OU CONTRE-
SUGGESTION) MÉDICALE. L'HYSTÉRIE N'EST PAS UN PHÉNOMÈNE PATHOLOGIQUE ET
PEUT, À TOUTS ÉGARDS, ÊTRE CONSIDÉRÉE COMME UN MOYEN SUPRÊME
D'EXPRESSION.

ARAGON, BRETON

O CINQUENTENÁRIO DA HISTERIA

(1878-1928)

NÓS, SURREALISTAS, TEMOS DE COMEMORAR AQUI O CINQUENTENÁRIO DA HISTERIA, A MAIOR DESCOBERTA POÉTICA DO FINAL DO SÉC. XIX, E ISSO NO PRECISO MOMENTO EM QUE O DESMANTELAMENTO DO CONCEITO DE HISTERIA PARECE COISA CONSUMADA. NÓS QUE TANTO AMAMOS ESSAS JOVENS HISTÉRICAS, CUJO TIPO PERFEITO NOS É DADO NA OBSERVAÇÃO DA DELICIOSA X.L. (AUGUSTINE) QUE ENTROU NA SALPETRIÈRE, NO SERVIÇO DO DR. CHARCOT, NO DIA 21 DE OUTUBRO DE 1875, COM A IDADE DE 15 ANOS ½, COMO NÓS SERIAMOS TOCADOS PELA LABORIOSA REFUTAÇÃO DOS TRANSTORNOS ORGÂNICOS, CUJO PROCESSO SOMENTE ESTARÁ NOS OLHOS DOS MÉDICOS DA HISTERIA? QUANTA PIEDADE! O SENHOR BABINSKI, HOMEM TÃO INTELIGENTE QUE É, OUSOU PUBLICAR EM 1913: « QUANDO UMA EMOÇÃO É SINCERA, PROFUNDA, SACODE A ALMA HUMANA, NÃO HÁ MAIS LUGAR PARA A HISTERIA”. E AINDA AQUI ESTÁ O QUE NOS ENSINOU DE MELHOR FREUD, QUE TANTO DEVE A CHARCOT, LEMBRE-SE DO TEMPO, PELOS TESTEMUNHOS DAS SOBREVIVENTES, EM QUE OS INTERNOS NA SALPETRIÈRE CONFUNDIAM O SEU DEVER PROFISSIONAL E SEU GOSTO PELO AMOR, QUANDO, A NOITE CAINDO, AS DOENTES OS DIVERTIAM LÁ FORA OU OS RECEBIAM NO SEU LEITO? A SEGUIR, ELES ENUMERAVAM, PARA AS NECESSIDADES DA CAUSA MÉDICA, QUE NÃO SE DEFENDE, AS ATITUDES PASSIONAIS ALEGADAS PATOLÓGICAS QUE SERIAM, E AINDA NOS SÃO HUMANAMENTE, TÃO PRECIOSAS. DEPOIS DE CINQUENTA ANOS, A ESCOLA DE NANCY ACABOU? O DR. LUIS ESQUECEU?

MAS ONDE ESTÃO AS OBSERVAÇÕES DE NERI SOBRE O TREMOR DE TERRA EM MESSINA? ONDE ESTÁ O TORPE PALHAÇO QUE É O RAYMOND ROUSSEL DAS CIÊNCIAS, CLOVIS VINCENT?

AS DIVERSAS DEFINIÇÕES DE HISTERIA QUE FORAM PRODUZIDAS ATÉ OS NOSSOS DIAS, HISTERIA DIVINA NA ANTIGUIDADE, INFERNAL NA IDADE MÉDIA, DAS POSSUÍDAS DE LOUDUN AOS FLAGELADOS DE N. D. DES PLEURS (VIVA A SENHORA CHANTELOUVE!) DEFINIÇÕES MÍSTICAS, ERÓTICAS OU SIMPLEMENTE LÍRICAS, DEFINIÇÕES SOCIAIS, DEFINIÇÕES SÁBIAS, É MUITO FÁCIL DEFINIR ESSE “MAL COMPLEXO E PERFORMÁTICO CHAMADO HISTÉRIA QUE ESCAPA A TODA DEFINIÇÃO”. (*Bernheim*).

OS ESPECTADORES DO BELÍSSIMO FILME « A BRUXARIA ATRAVÉS DO TEMPO” CERTAMENTE SE RECORDAM DE TER ENCONTRADO NA TELA OU NO SALÃO CONHECIMENTO MAIS AGUDOS DO QUE OS DOS LIVROS DE HIPOCRÁTES, PLATÃO ONDE O UTERO PULA COMO UMA “CABRITINHA” DE GALENO QUE IMOBILIZA A CABRA

DE FERNEL QUE A MANDA DE VOLTA AO SÉC. XVI SUBIR ATÉ O ESTÔMAGO ; ELES VIRAM CRESCER OS CHIFRES DA BESTA ATÉ SE TORNAREM OS DO DIABO, QUE FRACASSOU. AS HIPÓTESES POSITIVISTAS DIVIDEM SUA SUCESSÃO. A CRISE HISTÉRICA TOMA SUA FORMA À CUSTA DA HISTERIA EM SI. COM SUA AURA SOBERBA, EM SUAS QUATRO ETAPAS, QUE NA TERCEIRA NOS RETEM IGUAL A UM QUATRO VIVO DOS MAIS EXPRESSIVOS E MAIS PUROS, SUA RESOLUÇÃO SIMPLEMENTE NA VIDA COTIDIANA.

A HISTERIA CLÁSSICA, EM 1926, PERDE SEUS TRAÇOS : “ A HISTERIA É UM ESTADO PATÓLOGICO QUE SE MANIFESTA EM TRANSTORNOS QUE SÃO POSSÍVEIS DE SE REPRODUZIREM POR SUGESTÃO EM ALGUNS INDIVÍDUOS, COM UMA EXATIDÃO PERFEITA E QUE SÃO SUSCETÍVEIS DE DESAPARECER SOMENTE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PERSUASÃO (CONTRA SUGESTÃO) » *(Babinski)*.

VEMOS NESSA DEFINIÇÃO SOMENTE UM MOMENTO NO FUTURO DA HISTERIA. O MOVIMENTO DIALÉTICO QUE A FEZ NASCER SEGUE SEU CURSO. APÓS 10 ANOS, SOBRE O DISFARCE DEPLORÁVEL DO PITIATISMO, A HISTERIA TENDE A RECUPERAR OS SEUS DIREITOS. A MEDICINA SE ESPANTA. QUER NEGAR AQUILO QUE NÃO LHE PERTENCE. PROPOMOS ENTÃO, EM 1928, UMA NOVA DEFINIÇÃO DE HISTERIA:

A HISTERIA É UM ESTADO MENTAL MAIS OU MENOS IRREDUTÍVEL QUE SE CARACTERIZA PELA SUBVERÇÃO DAS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM ENTRE O SUJEITO E O MUNDO MORAL DO QUAL ACREDITA PRATICAMENTE SE RESTABELECEM, FORA DE TODO SISTEMA DE DELÍRIO. ESSE ESTADO MENTAL BASEIA-SE NA NECESSIDADE DE UMA SEDUÇÃO RECÍPROCA, QUE EXPLICA OS MILAGRES PRECIPITADAMENTE ACEITOS DA SUGESTÃO (OU CONTRA SUGESTÃO) MÉDICA. A HISTERIA NÃO É UM FENÔMENO PATOLÓGICO E PODE, EM TODOS OS ASPECTOS, SER CONSIDERADA COMO

